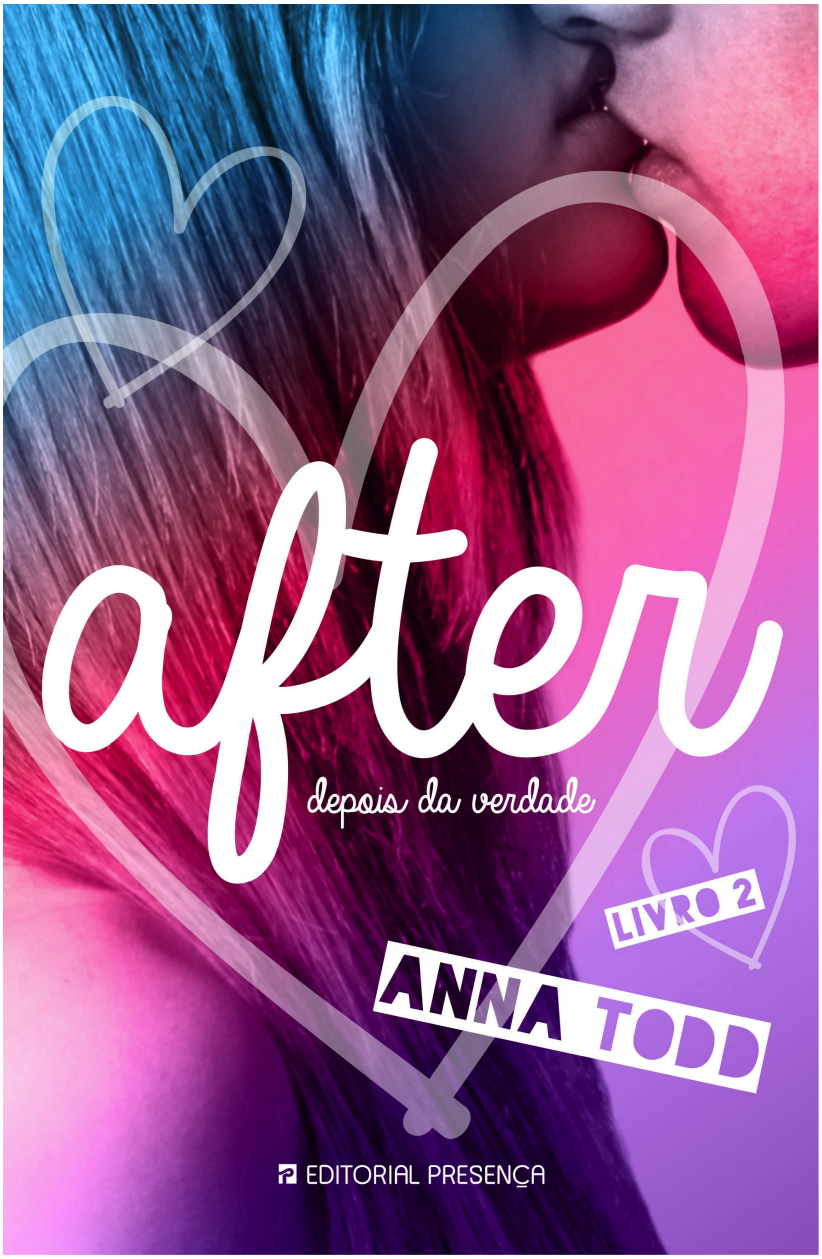
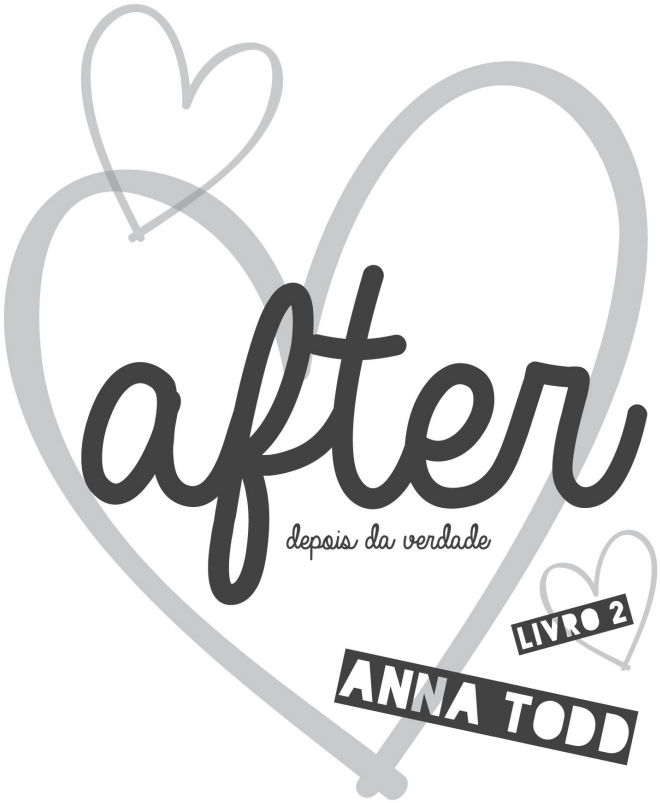

after
depois da verdade
LIVRO 2
ANNA TODD
EDITORIAL PRESENÇA


after
depois da verdade
LIVRO 2
ANNA TODD
EDITORIAL PRESENÇA



TRADUÇÃO DE
TERESA REBELO DA SILVA

EDITORIAL PRESENÇA

FICHA TÉCNICA

Título original: *After We Collided*
Autora: *Anna Todd*
Copyright © Anna Todd, 2014
A autora é representada por Wattpad
Edição portuguesa publicada por acordo com Gallery Books, uma divisão de Simon & Schuster, Inc.
Todos os direitos reservados
Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2015
Tradução: *Teresa Rebelo da Silva*
Imagem da capa: *Shutterstock*
Capa: *Sofia Ramos/Editorial Presença*
Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*
1.ª edição em papel, Lisboa, agosto, 2015

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à Portugal à
EDITORIAL PRESENÇA
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 BARCARENA
info@presenca.pt
www.presenca.pt

A todas as pessoas que leiam este livro, com muito, muito amor e gratidão.

PRÓLOGO

HARDIN

Não sinto o chão de cimento gelado debaixo de mim nem a neve que vai caindo sobre o meu corpo. Tudo o que sinto é o enorme vazio que se instalou no meu peito. Estou de joelhos a observar impotente enquanto o Zed arranca com o carro para fora do parque de estacionamento, com a Tessa sentada a seu lado.

Não imaginava que isto fosse possível — nunca, nem durante os meus piores pesadelos, poderia prever que iria sentir uma dor tão intensa. O desgosto da perda, é como lhe chamam. Nunca tinha tido algo ou alguém de quem realmente gostasse, nunca tinha sentido a necessidade de ter alguém, de a ter só para mim e de me agarrar a ela com tanta força. O pânico — o pânico insuportável e total de perdê-la — não estava nos planos. Nada disto estava. Era suposto ser fácil: dormir com ela, receber o meu dinheiro e gabar-me disso ao Zed. Nada mais simples. Mas não foi assim que aconteceu. Em vez disso, a loura de saias compridas e com a obsessão por longas listas de coisas a fazer conseguiu entranhar-se lentamente dentro de mim, de tal modo que acabei por apaixonar-me por ela com uma intensidade inimaginável. Foi só quando dei por mim a vomitar no lavatório, depois de ter mostrado a prova da perda da sua virgindade aos meus pouco recomendáveis amigos, que me apercebi do quanto gostava dela.

Detestei o que se passou, detestei cada momento... mas não lhe pus fim.

Ganhei a aposta, mas perdi a única coisa que alguma vez me fez feliz. E, ao mesmo tempo, perdi todo e qualquer vestígio de bondade que ela conseguiu que eu encontrasse dentro de mim. À medida que a neve vai encharcando a minha roupa, culpo o meu pai pelo vício do álcool que herdei; culpo a minha mãe por ter vivido tanto tempo com ele, provocando-me traumas profundos; culpo a Tessa por se ter cruzado no meu caminho. Quero culpar toda a gente.

Mas não posso. Sou o único responsável. Estraguei a vida da Tessa e

tudo o que tínhamos.

Mas farei o que for necessário para corrigir os meus erros.

Para onde estará a ir? Será que a voltarei a encontrar?

1

TESSA

— Demorou mais de um mês — digo, num pranto, depois de o Zed me contar os detalhes da aposta. Sinto um nó no estômago e fecho os olhos, em busca de algum alívio.

— Eu sei. Ele vinha sempre com desculpas, pedia mais tempo e tentava baixar o montante da aposta. Foi estranho. Pensávamos que ele estava apenas obcecado em ganhar, talvez para provar que era bom, mas agora estou a perceber. — O Zed para de falar por uns instantes e observa-me. — Ele só falava nisso. No dia em que te convidei para irmos ao cinema, ele passou-se. Depois de te ter deixado em casa, veio com merdas, a exigir que me mantivesse afastado de ti. Mas eu ri-me na cara dele, porque pensei que ele estava com os copos.

— Ele contou-vos... contou-vos a história do riacho? E as... as outras coisas? — pergunto, contendo a respiração. A sua expressão consternada responde por si. — Ah, meu Deus. — Tapo a cara com as mãos.

— Ele contou-nos tudo... *tudo* mesmo... — murmura.

Fico calada e desligo o telemóvel. Desde que saí do bar que não para de vibrar. Ele não tem nada que me ligar.

— Onde é que fica a tua nova residência? — pergunta o Zed e reparo que estamos perto do *campus*.

— Já não vivo numa residência. O Hardin e eu... — É-me difícil terminar a frase. — Há uma semana, ele convenceu-me a ir viver com ele.

— Não acredito — exclama o Zed.

— É verdade. Ele é abaixo... ele é... — balbucio, incapaz de encontrar a palavra indicada para definir a sua crueldade.

— Nunca pensei que ele fosse tão longe. Achava que no dia em que nós víssemos a... hum, a prova... ele retomaria o seu comportamento habitual, voltando a passar todas as noites com uma rapariga diferente. Mas, depois disso, ele desapareceu. Raramente estava connosco,

exceto naquela noite em que apareceu nas docas e nos tentou convencer, a mim e ao Jace, a não te contarmos nada. Ofereceu imenso dinheiro ao Jace, em troca do seu silêncio.

— Dinheiro? — digo. O Hardin não podia ser mais vil. A cada revelação doentia parece que o espaço dentro da carrinha do Zed se vai tornando mais sufocante.

— Pois. O Jace limitou-se a rir, claro, e disse ao Hardin que não ia abrir a boca.

— E tu, não? — pergunto, lembrando-me dos dedos feridos do Hardin e da cara magoada do Zed.

— Não exatamente... disse-lhe que, se ele não te contasse tudo rapidamente, eu mesmo te contava. Ele não gostou da ideia, como é óbvio — diz e aponta para a cara. — Se isso te fizer sentir melhor, acho que não lhe és indiferente.

— Isso não é verdade. E mesmo que seja, é irrelevante — digo e encosto a cabeça à janela.

Todos os nossos beijos, todas as nossas carícias, foram partilhados pelos amigos do Hardin. Todos os nossos momentos tornados públicos, os nossos momentos mais íntimos. Os meus únicos momentos íntimos não me pertencem.

— Queres vir para minha casa? Não estou a perguntar com segundas intenções. Mas tenho um sofá onde podes ficar até... decidires o que vais fazer — oferece.

— Não. Não, obrigada. Mas posso usar o teu telemóvel? Preciso de ligar ao Landon.

O Zed aponta com a cabeça para o telemóvel que está no tabliê e, por uns momentos, penso em como tudo teria sido diferente se eu não tivesse rejeitado o Zed e optado pelo Hardin, depois da festa da fogueira. Estes incidentes nunca teriam acontecido.

O Landon atende ao segundo toque e, como era expectável, convida-me para ir a sua casa. Claro que não lhe conto o sucedido, mas ele mostra-se tão disponível que indico a morada ao Zed. Ele permanece em silêncio durante quase toda a viagem pela cidade.

— Ele vai-se chatear comigo por não te levar para junto dele — diz, por fim.

— Podia pedir desculpa por este contratempo... mas foram vocês que

provocaram tudo — digo, com sinceridade. Tenho uma certa pena do Zed porque acho que as suas intenções eram melhores do que as do Hardin, mas ainda está tudo muito fresco para eu, neste momento, sequer pensar nisso.

— Eu sei. Se precisares de alguma coisa, liga-me — oferece e eu aceno com a cabeça, antes de sair do carro.

O ar quente que expiro torna-se visível em contacto com o ar frio da rua. No entanto, não sinto o frio, não sinto nada.

O Landon é o meu único amigo, mas ele vive em casa do pai do Hardin. Tenho consciência da ironia da situação.

— Está a nevar a sério — diz o Landon, apressando-se a levar-me para dentro de casa. — Onde é que está o teu casaco? — repreende-me na brincadeira. Quando entro na casa iluminada, pergunta-me, com perplexidade. — O que é que aconteceu? O que é que ele fez?

Olho em redor, esperando que o Ken e a Karen não estejam no andar de baixo. — É assim tão óbvio? — Enxugo as lágrimas.

O Landon abraça-me e eu volto a limpar os olhos. Já não tenho mais forças, nem físicas, nem emocionais, para chorar. Estou muito para além disso.

O Landon vai-me buscar um copo de água e diz: — Vai lá para cima, para o teu quarto.

Tento sorrir, mas, ao chegar ao andar de cima, um instinto perverso conduz-me à porta do quarto do Hardin. Quando me apercebo, a dor que quase me desfaz torna-se mais acutilante e, por isso, no mesmo instante, dou meia-volta e encaminho-me para o quarto que fica do outro lado do corredor. Ao abrir a porta, a recordação de atravessar apressadamente o corredor até ao quarto do Hardin, naquela noite em que o ouvi gritar enquanto dormia, trespassa-me. Incomodada, sento-me em cima da cama do «meu quarto», sem saber o que fazer a seguir.

Uns minutos depois, o Landon vem ter comigo. Senta-se ao meu lado, suficientemente perto para demonstrar preocupação, mas suficientemente longe para manter o respeito, como é seu costume.

— Queres falar sobre o que aconteceu? — pergunta, com simpatia.

Digo que sim. Embora saiba que repetir toda esta saga me magoe mais do que quando a descobri pela primeira vez, contá-la ao Landon

funciona como uma espécie de libertação; e é reconfortante saber que, durante todo este tempo, havia pelo menos uma pessoa que não estava a par da minha humilhação.

O Landon ouve-me, impávido e sereno, e eu não consigo perceber o que ele está a pensar. Quero saber com que opinião é que ele fica do filho do seu padrasto, depois de saber toda esta história. E com que opinião ficará de mim. Mas, quando termino, ele está furioso.

— Não posso acreditar que ele tenha feito isto! O que é que se passa com ele? Eu estava aqui a pensar que ele se estava a tornar numa pessoa quase... decente! Ele destruiu tudo! Não posso acreditar que ele te tenha feito isto, logo a ti. O que é que o levou a destruir a única coisa que tinha?

Ao acabar de falar, o Landon olha para o lado.

E, então, também eu ouço: passos a avançarem escadas acima. Não apenas passos, mas passadas estrondosas, com uma cadência rápida, de botas pesadas a baterem contra a madeira.

— Ele está aqui — dizemos os dois e, por um ínfimo instante, ainda penso em esconder-me no armário.

O Landon olha para mim com um ar adulto e sério. — Queres vê-lo?

Abano freneticamente a cabeça e o Landon aproxima-se da porta no momento em que a voz do Hardin me trespassa.

— *Tessa!*

O Landon estende o braço, mas o Hardin irrompe pela porta e passa por ele, afastando-o. Para no meio do quarto e eu levanto-me da cama. Surpreendido com esta situação a que não está habituado, o Landon fica por uns instantes paralisado, perplexo.

— Tessa, graças a Deus. Graças a Deus, estás aqui — suspira e passa as mãos pelo cabelo.

Ao vê-lo, sinto um aperto no peito e afasto o olhar, fitando a parede.

— Tessa, querida. Preciso que me ouças. Por favor, só...

Mantenho-me em silêncio e avanço na sua direção. Os seus olhos brilham de esperança e estende o braço para mim, mas eu passo por ele, sem me deter, reparando que a sua esperança se extingue.

Boa.

— Fala comigo — suplica.

Mas eu abano a cabeça, recusando-me, e ponho-me ao lado do

Landon. — Não. Nunca mais volto a falar contigo! — grito.

— Não estás a falar a sério... — O Hardin aproxima-se.

— Afasta-te de mim! — berro, quando ele agarra o meu braço.

O Landon interpõe-se entre nós os dois e pousa o braço no ombro do seu «meio-irmão». — Hardin, é melhor ires-te embora.

O Hardin cerra os dentes e olha para nós. — Landon, não te intrometas nos nossos assuntos — avisa.

Mas o Landon mantém-se firme e eu conheço suficientemente bem o Hardin para saber que ele está a pesar as suas opções, a pensar se, neste momento, à minha frente, haverá alguma vantagem em dar um murro ao Landon.

Parece desistir desta opção e respira fundo. — Por favor... deixa-nos um pouco a sós — diz, tentando manter-se calmo.

O Landon olha para mim e os meus olhos suplicam-lhe. Volta-se de novo para o Hardin. — Ela não quer falar contigo.

— Não me venhas dizer o que é que ela quer, porra! — grita o Hardin e começa a dar murros na parede, estalando e amassando o estuque.

Recuo imediatamente e recomeço a chorar. *Agora não, agora não*, repito intimamente, tentando controlar as minhas emoções.

— Vai-te embora, Hardin! — grita o Landon no momento em que o Ken e a Karen aparecem à entrada.

Oh, não. Não devia ter cá vindo.

— Mas o que é que se está a passar aqui? — pergunta o Ken.

Ninguém responde. A Karen olha para mim, de um modo empático, e o Ken repete a pergunta.

O Hardin fita o pai. — Estou a tentar falar com a Tessa, e o Landon está a meter-se onde não é chamado!

O Ken olha para o Landon e depois para mim. — O que é que fizeste, Hardin? — O seu tom de voz altera-se de preocupado para... *zangado*? Será isso?

— Nada! Foda-se! — O Hardin esbraceja.

— Ele só fez asneiras e estragou tudo, foi o que ele fez, e agora a Tessa não tem para onde ir — afirma o Landon.

Quero falar; mas não sei o que dizer.

— Ela tem para onde ir, ela pode vir para casa. Para onde ela vive... comigo — afirma o Hardin.

— O Hardin andou o tempo todo a brincar com a Tessa; fez-lhe coisas inacreditáveis! — acusa o Landon, e a Karen dá um gritinho de perplexidade e aproxima-se de mim.

Sinto-me completamente envergonhada. Nunca me senti tão exposta nem tão insignificante. Não queria que o Ken e a Karen soubessem... mas talvez não faça grande diferença, já que a partir desta noite eles não devem querer voltar a ver-me.

— Queres ir com ele? — pergunta o Ken, interrompendo a minha descida aos infernos.

Abano a cabeça, devagar.

— Bem, eu não saio daqui sem ti — afirma o Hardin. Avança para mim, mas eu estremeço e afasto-me.

— É melhor ires-te embora, Hardin — diz o Ken, para minha surpresa.

— Desculpe? — O Hardin está com o rosto vermelho, um tom intenso que me parece reflexo da sua *raiva*. — Já tem sorte por eu até vir a sua casa; como se atreve a pôr-me na rua?

— Tenho gostado muito de ver o nosso relacionamento evoluir, filho, mas hoje tens de te ir embora.

O Hardin ergue as mãos para o ar. — Mas que merda é esta, o que é que o pai tem a ver com *ela*?

O Ken olha para mim e depois para o filho. — O que quer que lhe tenhas feito, espero que tenha valido a pena perderes a única coisa boa que estavas a viver — diz e depois deixa tombar a cabeça.

Talvez chocado com as palavras do Ken ou talvez por a sua raiva ter atingido o seu ponto máximo e se ter dissipado, o Hardin fica estático, olha para mim rapidamente e depois sai do quarto. Permanecemos em silêncio, a ouvi-lo descer as escadas numa passada cadenciada.

Quando o som da porta da frente a bater ressoa pela casa silenciosa, volto-me para o Ken, num pranto. — Desculpe. Eu vou-me já embora. Não queria que isto tivesse acontecido.

— Não, fica o tempo que precisares. És sempre bem-vinda cá em casa — diz o Ken e ele e a Karen abraçam-me.

— Não tinha intenção de perturbar a vossa relação — digo, sentindo-me pessimamente por o Ken ter posto o seu próprio filho no olho da rua.

A Karen pega na minha mão e aperta-a. O Ken olha para mim, com um ar zangado e arrasado. — Tessa, eu amo o Hardin, mas sabemos

bem que foi graças a ti que foi possível estabelecer uma relação entre nós — diz.

2

TESSA

Prolongo o meu duche o máximo de tempo possível, deixando a água correr pelo meu corpo. Quero limpar-me e, de certo modo, acalmar-me. Mas, contrariamente aos meus desejos, a água quente não me relaxa. Por mais que me esforce, não me lembro de nada que possa atenuar a minha dor interior. É um sofrimento sem limites. Permanente. Como um organismo que se instalou dentro de mim, mas também como um buraco a aumentar incessantemente.

— Sinto-me pessimamente por causa dos danos na parede. Ofereci-me para pagar, mas o Ken recusou — digo ao Landon, enquanto penteio o cabelo molhado.

— Não te preocupes com isso. Já tens problemas que cheguem — responde com uma expressão preocupada e faz-me uma festa nas costas.

— Não consigo compreender como é que a minha vida se tornou nisto, como é que eu cheguei a este ponto. — Olho para a frente, para que o meu olhar não se cruze com o do meu melhor amigo. — Há três meses, tudo fazia sentido. Tinha o Noah, que nunca me teria feito nada de semelhante. Tinha uma relação próxima com a minha mãe e sabia como a minha vida ia decorrer. E agora não tenho nada. Literalmente nada. Nem sequer sei se devo continuar com o meu estágio, porque o Hardin vai aparecer ou vai convencer o Christian Vance a despedir-me só para mostrar que pode. — Torço com toda a força a fronha da almofada da cama. — Ele não tinha nada a perder, mas eu tinha. Deixei que ele se apoderasse de tudo em mim. Antes dele, a minha vida era tão simples e definida. Agora... depois dele... é apenas... depois.

O Landon fita-me com os olhos muito abertos. — Tessa, não vais desistir do teu estágio; ele já te desapossou de muita coisa. Não deixes que ele te tire isso, por favor — suplica. — O aspeto positivo da tua vida depois dele é que tu podes fazer dela o que te agradar, podes começar tudo de novo.

Eu sei que ele tem razão, mas não é assim tão simples. Tudo na minha vida está ligado ao Hardin, até a pintura do raio do meu carro. Ele tornou-se o elo que sustinha e dava sentido à minha existência e a sua ausência lança-me para as ruínas da minha vida anterior.

Acabo por ceder e aceno com a cabeça com pouca convicção; ele sorri ligeiramente e declara: — Vou-te deixar descansar. — Abraça-me e dirige-se para a porta.

— Achas que isto acaba por se desvanecer? — pergunto e ele vira-se para mim.

— O quê?

A minha voz surge quase num murmúrio: — A dor?

— Não sei... Mas gostava de pensar que sim. O tempo sara... a maior parte das feridas — responde e fita-me com uma expressão reconfortante, entre o sorriso e a mágoa.

Não sei se o tempo vai sarar as minhas feridas. Mas sei que, se o não fizer, eu não vou sobreviver.

Na manhã seguinte, o Landon, firme mas delicadamente, obriga-me a sair da cama, assegurando-se assim de que eu não falto ao estágio. Gasto uns minutos a escrever um bilhete para o Ken e para a Karen, a agradecer e a pedir novamente desculpa pelos estragos que o Hardin fez na parede. O Landon conduz em silêncio e olha constantemente para mim, tentando encorajar-me com sorrisos e pequenas frases de incentivo. Mas eu continuo a sentir-me pessimamente mal.

Ao chegarmos ao parque de estacionamento, as recordações voltam a insinuar-se no meu espírito. O Hardin de joelhos na neve. A explicação do Zed sobre os detalhes da aposta. Abro rapidamente a porta do carro e entro, para me proteger do frio. Já dentro do carro, estremeço ao ver a minha imagem no espelho retrovisor. Os meus olhos continuam vermelhos, com grandes olheiras e papos. Pareço uma personagem saída de um filme de terror. Vou ter de colocar mais maquilhagem do que estava à espera.

Vou à Walmart, a única loja da zona aberta a esta hora, e compro todos os produtos de beleza necessários para mascarar os meus sentimentos. Mas não tenho força ou energia suficientes para me esmerar a cuidar da minha aparência e duvido que o meu aspeto tenha

melhorado.

E, de facto, quando chego à Vance, a Kimberly fica atónita ao ver-me. Tento sorrir-lhe, mas ela levanta-se imediatamente da secretária.

— Tessa, querida, estás bem? — pergunta, aflita.

— Estou assim com tão mau aspeto? — Encolho ligeiramente os ombros.

— Não, claro que não — mente. — Estás apenas...

— Exausta. Porque é como me sinto. Os exames deixaram-me esgotada — digo-lhe.

Ela acena com a cabeça e sorri carinhosamente, mas eu reparo que o seu olhar segue os meus movimentos enquanto me dirijo para o meu gabinete. Em seguida, o meu dia arrasta-se, sem fim à vista, até que, ao fim da manhã, o Sr. Vance bate à porta do meu gabinete.

— Bom dia, Tessa — saúda-me, com um sorriso.

— Bom dia — respondo a custo.

— Venho dizer-te que estou muito impressionado com o trabalho que realizaste até agora. — Sorri. — O teu trabalho chega a ter mais qualidade do que o de muitos funcionários da empresa.

— Obrigada, as suas palavras são muito importantes para mim — agradeço e de imediato me lembro que foi graças ao Hardin que consegui este estágio.

— E por isso gostava de te convidar para estares presente na conferência de Seattle que vai decorrer no próximo fim de semana. Geralmente, estas reuniões são muito aborrecidas, mas, desta vez, vão falar sobre as edições digitais, a «onda do futuro» e outros assuntos relacionados. Vais conhecer imensa gente e aprender coisas novas. Dentro de poucos meses vou abrir uma filial em Seattle e eu próprio preciso de me encontrar com algumas pessoas. — Ri-se. — Então, o que é que me dizes? As despesas são por nossa conta e partimos na sexta-feira à tarde. Podes levar o Hardin. Não à conferência, mas a Seattle — clarifica, com o sorriso cúmplice.

Se ao menos ele *soubesse* o que se está a passar.

— Claro que adorava ir. Muito obrigada pelo convite! — digo-lhe, incapaz de conter o entusiasmo e o alívio que sinto por, finalmente, me estar a acontecer alguma coisa positiva.

— Estupendo! A Kimberly vai-te pôr a par dos detalhes e explica-te os

procedimentos em relação aos gastos.

A ideia de ir à conferência abranda ligeiramente a minha dor. Vou estar longe do Hardin, mas, por outro lado, Seattle relembra-me o momento em que o Hardin propôs levar-me lá. Ele imiscuiu-se em todos os aspetos da minha vida, impondo a sua presença a um espaço que se estende a todo o estado de Washington. O gabinete parece estar a tornar-se mais pequeno, com o ar da sala a escassear.

— Estás-te a sentir bem? — pergunta o Sr. Vance, franzindo as sobrancelhas em sinal de preocupação.

— Ah, sim, é só que... hoje ainda não comi nada e esta noite não dormi muito — digo-lhe.

— Vá lá, sai mais cedo; podes acabar o que estás a fazer em casa — diz.

— Está tudo bem...

— Não, vai para casa. Nas editoras não há ambulâncias. Podemos tratar dos assuntos sem a tua presença — assegura-me, com um aceno de mão, e vai-se embora.

Pego nas minhas coisas, vejo-me ao espelho para saber como estou — sim, continuo horrível. Quando estou a entrar no elevador, a Kimberly chama-me.

— Vais para casa? — pergunta-me e eu assinto com a cabeça. — Bom, o Hardin está chateado, por isso, prepara-te.

— O quê? Como é que sabes?

— Porque ele insultou-me por não te passar as chamadas. — Ela sorri. — Nem mesmo a sua décima chamada. Achei que, se quisesses falar com ele, já lhe terias ligado do teu telemóvel.

— Obrigada — digo, grata por ela ser tão observadora. Ouvir a voz do Hardin teria feito com que o buraco de dor que trago dentro de mim tivesse imediatamente aumentado.

Consigo chegar ao carro antes de me ir de novo abaixo. A dor piora quando não estou distraída, quando fico sozinha com os meus pensamentos e recordações. E, claro, quando vejo que tenho quinze chamadas não atendidas do Hardin e dez novas mensagens, que não vou ler.

Recomponho-me o suficiente para conduzir e depois decido enfrentar os meus medos e telefonar à minha mãe.

Ela atende ao primeiro toque. — Está?

— Mãe — digo entre soluços. Profiro esta palavra com um sentimento de estranheza, mas, neste momento, preciso de todo o seu apoio.

— O que é que ele te fez?

A sua reação é igual à de todas as outras pessoas, o que revela como era óbvio o perigo que o Hardin representava e como eu tinha agido de um modo tão desatento.

— Eu... ele... — Não consigo construir uma frase. — Posso ir aí a casa, só hoje? — pergunto.

— Claro, Tessa. Vemo-nos daqui a duas horas — diz e desliga.

Melhor do que eu esperava, mas menos carinhoso do que eu ansiava. Quem me dera que ela fosse como a Karen, que demonstrasse o seu amor e aceitasse os meus erros. Quem me dera que ela se mostrasse mais flexível, bastava um pouco mais, para eu poder ter o carinho de uma mãe, de uma mãe afetuosa e reconfortante.

Entro na autoestrada e desligo o telemóvel, para impedir um eventual impulso idiota, como ler uma das mensagens do Hardin.

3

TESSA

A viagem de regresso à casa da minha infância é-me familiar e simples, não me exigindo grande concentração. Obrigo-me a libertar todos os gritos — literalmente, a gritar o mais alto que consigo e até me doer a garganta — antes de chegar à minha cidade natal. Mas é mais difícil do que pensava, em grande medida porque não me apetece gritar. Apetece-me chorar e desaparecer. Dava tudo para retroceder no tempo e regressar ao primeiro dia da faculdade; teria aceitado o conselho da minha mãe e teria mudado de quarto. A minha mãe achava que a Steph era uma má influência. Se ao menos tivéssemos percebido que o rapaz malcriado e de cabelo encaracolado é que era o problema; que ele ia dominar-me por completo, virar-me do avesso e partir-me o coração aos olhos de todos.

Durante todo este tempo, vivi apenas a duas horas de distância da minha casa, mas depois do que aconteceu, a distância parece-me muito maior. Não voltei a casa desde o início das aulas. Se a minha relação com o Noah não tivesse terminado, teria cá vindo várias vezes. Não desvio os olhos do caminho ao passar pela casa dele.

Estaciono à entrada da minha casa e saio do carro num ápice. Mas, ao chegar à porta, interrogo-me se devo bater. Parece estranho fazê-lo, mas também não me sinto à vontade para entrar sem mais nem menos. Como é que tanta coisa mudou desde que eu parti para a faculdade?

Decido entrar sem bater; vejo a minha mãe em pé, perto do sofá de couro castanho, perfeitamente maquilhada, bem vestida e de sapatos altos. Parece que está tudo na mesma: limpo e perfeitamente organizado. A única diferença é que tenho a sensação de que está tudo mais pequeno, talvez em resultado do tempo que passei em casa do Ken. Bem, a casa da minha mãe é realmente pequena e vista de fora é um pouco feia, mas interiormente está muito bem decorada e ela sempre se esforçou por dissimular o fracasso do seu casamento, mantendo as divisões bem pintadas, flores bonitas e colocando um cuidado extremo

na limpeza. Decorar a casa começou como uma estratégia para enfrentar a partida do meu pai e acabou por se tornar um hábito. O espaço é acolhedor e o meu olfato reconhece o cheiro familiar a canela. A minha mãe foi sempre obcecada por velas aromáticas e há uma em cada divisão. Descalço os sapatos à porta, porque sei que ela não quer neve no soalho de madeira envernizada.

— Queres um café, Theresa? — pergunta-me, antes de me abraçar.

Foi graças à minha mãe que ganhei o vício do café, um elo que me faz sorrir ligeiramente. — Sim, por favor.

Sigo-a até à cozinha e sento-me em frente à pequena mesa, sem saber como iniciar a conversa.

— Então, não me vais contar o que aconteceu? — pergunta, sem rodeios.

Respiro fundo e bebo um pouco de café antes de responder. — Eu e o Hardin acabámos tudo.

Mantém uma expressão neutra. — Porquê?

— Bom, afinal ele não é o que eu pensava — digo. Ponho as mãos em volta da caneca de café a ferver, para tentar abstrair-me da dor e para me preparar para a resposta da minha mãe.

— E quem é que tu pensaste que ele era?

— Alguém que me amava. — Para além deste aspeto, não sei bem o que é que eu pensava do Hardin, como ele era intimamente, como pessoa.

— E agora deixaste de achar que ele te ama?

— Sim, sei que ele não me ama.

— O que é que te faz estar tão segura disso? — pergunta objetivamente.

— Porque confiei nele e ele traiu-me da pior forma possível. — Sei que estou a omitir os pormenores, mas ainda sinto uma incompreensível necessidade de proteger o Hardin do julgamento crítico da minha mãe. Repreendo-me por ser tão estúpida, por ainda ter consideração por ele, quando sei bem que ele não faria o mesmo por mim.

— Não achas que devias ter pensado nesta possibilidade antes de decidires ir viver com ele?

— Sim, eu sei. Vá lá, diga-me como eu sou estúpida, diga-me que já me tinha avisado — respondo.

— Eu disse-te, eu avisei-te acerca de tipos como ele. É melhor afastarmo-nos de homens como ele e como o teu pai. Ainda bem que acabou antes de ter verdadeiramente começado. As pessoas cometem erros, Tessa. — Bebe um pouco de café, deixando meio círculo de batom cor-de-rosa na borda da caneca. — Tenho a certeza de que ele te perdoa.

— Quem?

— O Noah, claro.

Como é que ela não entende isto? Só preciso de falar com ela, de sentir o seu apoio — e não de ser empurrada novamente para o Noah. Levanto-me, fito-a e, em seguida, olho em redor. *Será que ela está a falar a sério? Não pode estar*. — Lá porque as coisas não resultaram com o Hardin, isso não significa que eu volte a namorar com o Noah! — contraponho.

— E porque não? Tessa, devias estar grata por ele estar disposto a dar-te outra oportunidade.

— O quê? Porque é que não para com isso? Neste momento não estou com disponibilidade para andar com ninguém, muito menos com o Noah. — Tenho vontade de arrancar os meus cabelos. Ou os dela.

— O que é que queres dizer com «muito menos com o Noah»? Como é que te podes referir a ele dessa maneira? Ele foi sempre fantástico contigo, desde pequenos.

Suspiro e volto a sentar-me. — Eu sei, mãe, eu gosto muito do Noah. Mas não dessa maneira.

— Não sabes do que é que estás a falar. — Ela levanta-se e deita o resto do café no lava-loiça. — Não é só o amor que importa, Theresa; há também a estabilidade e a segurança.

— Só tenho dezoito anos — afirmo. Não pretendo ficar com alguém que não ame apenas por estabilidade. Quero criar a minha própria estabilidade e segurança. Quero encontrar alguém que eu ame e que me ame.

— Quase dezanove. E se agora não tiveres cuidado, ninguém te vai querer. Vai retocar a maquilhagem porque o Noah está a chegar a qualquer momento — diz-me e sai da cozinha.

Já devia saber que não era aqui que eu ia encontrar conforto. Teria sido melhor ter ficado o dia todo a dormir no meu carro.

Tal como a minha mãe tinha dito, o Noah chega cinco minutos depois, sem que eu me tivesse dado ao trabalho de me arranjar minimamente. Ao vê-lo entrar na pequena cozinha, sinto-me ainda mais deprimida, o que eu pensava ser impossível.

Saúda-me com um sorriso radioso, cheio de carinho. — Olá.

— Olá, Noah — respondo.

Aproxima-se e eu levanto-me para o abraçar. É um abraço caloroso e a sua *sweatshirt* tem um cheiro muito agradável, um odor que eu reconheço. — A tua mãe telefonou-me — diz.

— Eu sei. — Tento sorrir. — Desculpa por ela te querer envolver nisto. Não sei o que se passa com ela.

— Eu sei. Ela quer que tu sejas feliz — diz, defendendo-a.

— Noah... — aviso-o.

— Só que ela não sabe o que é que te pode fazer feliz. Ela gostava que fosse eu, mas não é isso que se passa. — Encolhe ligeiramente os ombros.

— Desculpa.

— Tess, deixa de pedir desculpa. Eu só quero ter a certeza de que estás bem — assegura-me e abraça-me de novo.

— Não estou — admito.

— Vê-se. Queres falar nisso?

— Não sei... tens a certeza de que não te importas? — Não suporto voltar a magoá-lo falando naquele por quem eu o troquei.

— Sim, tenho — diz e vai buscar um copo com água antes de se sentar à minha frente, à mesa.

— OK... — respondo e conto-lhe basicamente tudo.

Omito os pormenores sexuais, que considero do foro privado. Bom, na verdade não são. Mas para mim são. Ainda não consigo acreditar que o Hardin contou tudo o que nós fizemos aos amigos... essa é a pior parte. Ainda pior do que ter mostrado os lençóis é o facto de, depois de dizer que me amava e de fazer amor comigo, ter sido capaz de mudar de atitude e ter troçado publicamente de tudo o que aconteceu entre nós.

— Eu sabia que ele te ia magoar, só não sabia que ia chegar a esse ponto — diz o Noah. A sua expressão do rosto revela que está muito zangado; é estranho vê-lo exprimir estas emoções, uma vez que ele é

geralmente calmo e contido. — És boa de mais para ele; ele é um canalha.

— Nem posso acreditar como pude ser tão estúpida... larguei *tudo* por ele. Mas não há nada pior do que um amor não correspondido.

O Noah pega no seu copo e roda-o entre as mãos. — Eu que o diga — diz baixinho.

Apetece-me bater-me pelo que acabei de dizer. Abro a boca, mas ele interrompe-me antes de eu ter tempo de pedir desculpa.

— Tudo bem — diz e acaricia a minha mão com o polegar.

Meu Deus, *quem me dera* amar o Noah. Teria sido muito mais feliz com ele e ele nunca me teria feito nada semelhante ao que o Hardin me fez.

O Noah põe-me a par de tudo o que eu perdi desde que o deixei, o que não é muita coisa. Ele vai para uma universidade em São Francisco, em lugar de ir para a WCU, o que me agrada. Pelo menos, há uma consequência positiva no facto de eu o ter magoado. Dei-lhe o empurrão de que ele precisava para sair de Washington. Conta-me o que já pesquisou acerca da Califórnia e faz-me companhia até ao fim da tarde. Durante todo o tempo em que esteve comigo, a minha mãe permaneceu no seu quarto.

Saio para o jardim das traseiras e vou até à estufa onde passei grande parte da minha infância. Vejo a minha imagem no vidro e olho para dentro da pequena estrutura, notando que todas as plantas e flores estão mortas e que está tudo num enorme caos. Um ambiente que se ajusta bem ao momento que vivo.

Tenho tanta coisa para fazer, para decidir. Tenho de encontrar um lugar para viver e de arranjar uma maneira de tirar todas as minhas coisas do apartamento do Hardin. Ainda ponderei seriamente em deixar lá tudo, mas não posso. Só tenho as roupas que tenho vestidas e, mais importante ainda, preciso dos meus livros de estudo.

Tiro o telemóvel do bolso e ligo-o. A minha caixa de correio está cheia e há a indicação de que tenho mensagens de voz. Ignoro estas últimas mas quero saber quem me enviou as mensagens escritas. São todas do Hardin, exceto uma.

A Kimberly escreveu-me: «O Christian pediu-me para te dizer para amanhã ficares em casa. Ao meio-dia, o primeiro andar vai ser pintado e

vão ter todos que sair; por isso, fica em casa. Se precisares de alguma coisa, diz. Bjs.»

Fico aliviada ao saber que tenho o dia de amanhã livre. Gosto imenso do meu estágio, mas começo a ponderar pedir transferência da WCU, talvez mesmo sair de Washington. O *campus* não é suficientemente grande para que eu possa evitar encontrar-me com o Hardin e com todos os seus amigos, e não quero estar constantemente a confrontar-me com o relacionamento que tive com ele. Ou, mais exatamente, o relacionamento que eu pensava ter tido com ele.

Quando volto para casa, tenho as mãos e a cara dormentes com o frio. A minha mãe está sentada numa cadeira, a ler uma revista.

— Posso ficar cá a dormir? — pergunto-lhe.

Levanta os olhos por uns instantes. — Sim. E amanhã decidimos os passos a dar para arranjares um lugar numa residência universitária — diz e regressa à sua leitura.

Como percebo que esta noite a minha mãe não quer continuar a conversar, subo para o meu antigo quarto, que em nada mudou desde que me fui embora. A minha mãe não alterou nada. Não me dou ao trabalho de retirar a maquilhagem antes de ir para a cama. Com dificuldade, acabo por adormecer e sonho com os tempos em que a minha vida era muito melhor. Antes de conhecer o Hardin.

Acordo a meio da noite com o telemóvel a tocar. Mas ignoro-o, pensando por uns instantes se o Hardin estará a conseguir dormir.

Na manhã seguinte, antes de sair para o trabalho, a minha mãe limita-se a dizer-me que vai telefonar para a universidade para me arranjar um lugar num dos dormitórios, mas num edifício distante da minha anterior residência. Inicio a minha viagem de regresso, com intenção de ir para o *campus*, mas, a meio caminho, decido ir ao apartamento. Deixo a autoestrada na saída que me leva ao apartamento e guio rapidamente, antes que me arrependa desta decisão.

Quando chego ao empreendimento de edifícios, examino, por duas vezes, o parque de estacionamento, para ver se o carro do Hardin lá está. Asseguro-me da sua ausência, estaciono e, em passo rápido, atravesso o parque de estacionamento coberto de neve. Quando entro no edifício, a base das minhas calças de ganga está encharcada e eu

estou gelada. Tento pensar em qualquer coisa para me abstrair do Hardin, mas é impossível.

O Hardin devia mesmo odiar-me para chegar a este extremo, convencer-me a mudar para um apartamento longe de toda a gente que eu conheço ao mesmo tempo que arruinava a minha vida. Neste momento, deve estar muito orgulhoso de si próprio por me ter causado tanto sofrimento.

Enquanto procuro as minhas chaves para abrir a porta da nossa casa, uma onda de pânico desaba sobre mim e sinto-me à beira de desfalecer.

Quando é que isto vai parar? Ou, pelo menos, abrandar?

Vou diretamente para o quarto e tiro as minhas malas do armário, onde enfio, à bruta e sem cuidado, todas as minhas roupas. Olho de relance para a mesa de cabeceira e vejo uma pequena moldura com um retrato, onde estou eu e o Hardin, a rirmos, antes do casamento do Ken.

Infelizmente, era tudo mentira. Inclino-me sobre a cama para chegar à moldura e atiro-a para o chão de cimento. Desfaz-se em pedaços. Saio da cama, pego na fotografia e rasgo-a em pedacinhos, o mais pequenos possível. Só me dou conta de que estou a soluçar quando sinto dificuldade em respirar.

Pego nos meus livros, empilhando-os numa caixa vazia, e, instintivamente, incluo o exemplar de *O Monte dos Vendavais* do Hardin. Ele não vai dar pela falta e, para ser sincera, eu mereço ficar com o livro, depois de tudo o que ele me tirou.

Sinto a garganta a arder e vou à cozinha buscar um copo de água. Sento-me na mesa e permito-me, durante alguns minutos, fantasiar que nada aconteceu. Fantasiar que, em vez de ter de enfrentar sozinha os dias que estão para vir, o Hardin deve estar a chegar a casa, vindo das aulas, e vai-me sorrir e dizer que me ama e que passou o dia com saudades minhas. Que me vai sentar em cima do balcão e beijar, com desejo e amor...

O ruído da porta a abrir-se arranca-me do meu patético devaneio. Ponho-me imediatamente em pé, ao mesmo tempo que o Hardin entra em casa. Ele não me vê, já que está a olhar para trás.

Para uma morena com um vestido de lã preto.

— Então, é isto... — começa a dizer e cala-se quando repara nas minhas malas no chão.

Paralisada, observo os seus olhos a percorrerem o apartamento e, em seguida, a dirigirem-se para a cozinha, arregalando-se, sobressaltados com a minha presença.

— Tess? — diz, como se não tivesse a certeza de que, na verdade, eu existisse.

4

TESSA

Estou um caco. Estou com umas calças de ganga largueironas e uma *sweatshirt*, a maquilhagem da véspera toda borrada e o cabelo despenteado. Olho para a rapariga que está atrás dele. O seu cabelo castanho encaracolado e sedoso cai-lhe pelas costas em cascatas de ondas soltas. Está ligeira e perfeitamente maquilhada, mas, na verdade, é uma daquelas mulheres que não precisam de recorrer a isso. Tinha de ser.

Que humilhação; quem me dera poder desaparecer pelo chão abaixo, desaparecer da vista desta rapariga tão bonita.

Baixo-me para pegar numa das minhas malas que estão no chão, no mesmo momento em que o Hardin parece lembrar-se da presença da rapariga e se vira para trás, para ela.

— Tessa, o que é que estás a fazer aqui? — pergunta. Limpo a maquilhagem borrada em redor dos meus olhos e ele pede à sua nova amiga: — Dás-nos um minuto?

Ela olha para mim, depois acena com a cabeça e volta para o corredor do prédio.

— Não posso acreditar que estejas aqui — diz e entra na cozinha. Ao tirar o casaco, a *T-shirt* branca sobe ligeiramente e revela a pele tatuada do seu tronco. A imagem desenhada no estômago, ramos entrelaçados de uma árvore morta, provoca-me. Incita-me a tocar-lhe. Adoro essa tatuagem, é a minha favorita. Mas só agora é que entendo o paralelo que existe entre ele e a árvore. Ambos insensíveis. Ambos sós. A árvore, pelo menos, tem esperança de voltar a florescer. O Hardin não.

— Eu... estava de saída — consigo dizer. Ele está com um aspeto tão perfeito, tão belo. Um belo desastre.

— Por favor, deixa-me explicar — suplica e eu constato que as olheiras escuras em redor dos seus olhos são ainda maiores do que as minhas.

— Não. — Pego de novo nas minhas malas, mas ele tira-mas das

mãos e volta a pousá-las no chão.

— Dois minutos, é tudo o que eu te peço, Tess.

Dois minutos é tempo de mais para estar aqui com o Hardin, mas eu preciso de um ponto final para continuar com a minha vida. Suspiro e sento-me, tentando conter qualquer som que desmascare a minha expressão neutra. É evidente que o Hardin fica surpreendido, mas senta-se imediatamente à minha frente.

— Vejo que não perdeste tempo — digo calmamente, apontando com o queixo na direção da porta.

— O quê? — exclama o Hardin e depois parece que se lembra da rapariga morena. — Ela trabalha comigo; o marido dela ficou lá em baixo, com a filha recém-nascida. Estão a pensar mudar de casa e por isso ela quis vir ver a nossa... ver como é por dentro.

— Vais-te embora? — pergunto.

— Não. No caso de tu ficares, não. Mas acho que não faz sentido ficar aqui sem ti. Ainda estou a decidir o que fazer.

Fico ligeiramente aliviada, mas em seguida a minha faceta mais defensiva reconhece que, lá por ele não andar a dormir com a morena, isso não quer dizer que não vá rapidamente para a cama com outra qualquer. Tento não valorizar uma certa tristeza que me invade quando o Hardin afirma que vai deixar o apartamento, apesar de eu já cá não estar quando isso acontecer.

— Achas que eu trazia alguém para o nosso apartamento? Passaram apenas dois dias; é isso que pensas de mim?

Ele tem uma lata! — Sim! É claro que penso isso de ti!

Acompanho esta minha afirmação com vigorosos acenos de cabeça, provocando-lhe uma expressão de dor. Mas, passados uns momentos, ele limita-se a suspirar, derrotado. — Onde é que ficaste ontem à noite? Fui a casa do meu pai e tu não estavas lá.

— Em casa da minha mãe.

— Ah. — Baixa a cabeça, contemplando as mãos. — Fizeram as pazes?

Olho-o nos olhos. Como é possível que ele tenha a lata de me fazer perguntas sobre a minha família? — É um assunto que já não te diz respeito.

Faz menção de estender os braços na minha direção, mas suspende

este gesto. — Tive saudades tuas, Tessa.

Fico de novo sem fôlego, mas lembro-me de que ele é um impostor nato. Recuso deixar-me levar pela sua conversa. — De certeza que sim.

Apesar do turbilhão das minhas emoções, não me posso mostrar abatida à sua frente.

— Tive mesmo, Tessa. Sei que a maior parte do tempo só fiz asneiras, mas eu amo-te. Eu preciso de ti.

— Deixa-te disso, Hardin. Não percas tempo, nem energia. Já não me consegues enganar mais. Já conseguiste o que querias, porque é que não paras com isso?

— Porque não consigo. — Ele tenta pegar-me na mão, mas eu afasto-o. — Eu amo-te. Dá-me a oportunidade de eu te compensar. Eu preciso de ti, Tessa. Preciso de ti. E tu também precisas de mim...

— Não, na verdade não preciso. Eu estava bem antes de tu entrares na minha vida.

— Estar bem não é estar *feliz* — declara.

— *Feliz?* — troço. — Ah, então eu agora estou feliz? — Como é que ele se atreve a afirmar que me faz feliz?

Mas ele fez-me mesmo ser feliz. Muito feliz, mesmo, noutros tempos.

— Não podes estar aqui sentada e dizer-me que não acreditas que eu te amo.

— Eu sei que não me amas, para ti foi tudo um jogo. Enquanto eu estava a apaixonar-me por ti, tu estavas a usar-me.

Os seus olhos estão marejados de lágrimas. — Deixa-me provar que te amo, por favor. Eu faço o que for preciso, Tessa. O que for preciso.

— Já me deste provas suficientes, Hardin. A única razão pela qual eu ainda estou aqui sentada é porque eu devo isso a mim própria, ouvir o que tens a dizer para poder seguir com a minha vida.

— Eu não quero que sigas com a tua vida — afirma.

Suspiro fundo. — Não se trata do que *tu* queres! Trata-se do quanto tu me *magoaste*.

O seu tom de voz é débil e trémulo. — Disseste que nunca me ias deixar.

Não confio em mim quando ele se expõe assim. Odeio que o seu sofrimento me perturbe, me torne irracional. — Eu disse que não te deixaria se não me desses um motivo para o fazer. Mas tu *deste*.

Agora já entendo porque é que ele estava sempre preocupado com a hipótese de eu o deixar. Eu pensava que ele vivia com a paranoia de não ser suficientemente bom para mim, mas estava enganada. Muito enganada. Ele sabia que no dia em que descobrisse tudo eu me iria embora a correr. Neste momento, eu devia ir-me embora a correr. Desculpava-lhe o comportamento por causa dos traumas por que passou durante a infância, mas agora começo a ponderar se ele não mentiu acerca disso. Acerca de tudo.

— Não posso continuar com isto. Eu confiei em ti, Hardin, confiei profundamente em ti; vivia para ti, amava-te, e tu passaste o tempo todo a usar-me. Fazes alguma ideia de como eu me sinto? Sabendo que toda a gente à minha volta troçava de mim e se ria nas minhas costas, incluindo tu, a pessoa em quem eu mais confiava.

— Eu sei, Tessa, eu sei. Nem sei como te fazer entender o quanto lamento o que aconteceu. Não sei que raio se estava a passar comigo quando sugeri aquela aposta. Pensei que ia ser fácil... — As mãos tremem-lhe enquanto se justifica. — Achei que ias para a cama comigo e que tudo ia acabar aí. Mas tu mostraste-te tão difícil e tão... fascinante que acabei por estar a pensar em ti constantemente. Sentava-me no meu quarto a tentar arquitetar planos para te ver, mesmo que fosse apenas para discutir contigo. Percebi que já não se tratava apenas de uma aposta no dia do riacho, mas recusei-me a admiti-lo. Isso provocou-me um conflito interno e eu estava preocupado com a minha reputação. Sei que o que estou a dizer é horrível, mas estou a tentar ser honesto contigo. E ao contar a toda a gente as coisas que fizemos, não lhes revelei o que verdadeiramente fazíamos... não fui capaz de te fazer isso, mesmo no princípio. Inventei merdas que na verdade não aconteceram e eles engoliram tudo.

Rolam-me umas lágrimas dos olhos e ele estende a mão para as enxugar. Não me afasto o suficiente e, quando me toca, sinto um ardor na pele. Reúno todas as minhas forças para não deixar cair a cabeça na palma da sua mão.

— Odeio ver-te deste modo — murmura. Fecho os olhos e volto a abri-los, tentando desesperadamente conter as lágrimas. Permaneço em silêncio, enquanto ele continua: — Juro que é verdade, eu estava a contar ao Nate e ao Logan o episódio do riacho, mas comecei a sentir-

me irritado, ciumento mesmo, com a ideia de eles saberem o que eu fiz contigo... as sensações que te provoquei... e então disse-lhes que tu me fizeste... bom, inventei.

Eu sei que mentir acerca do que se passou não é melhor do que contar a verdade, nem por sombras. Mas, inexplicavelmente, sinto algum alívio por o Hardin e eu sermos as únicas pessoas que verdadeiramente sabem o que aconteceu entre nós, que conhecem os verdadeiros detalhes dos nossos momentos íntimos.

O que não é suficiente. E, mais uma vez, provavelmente ele está a mentir — nunca o poderei saber —, e aqui estou eu, de novo a acreditar piamente nele. *O que é que se passa comigo*?

— Mesmo que seja verdade, eu não posso perdoar-te — digo. Pestanejo, para conter as lágrimas, e ele tapa a cara com as mãos.

— Não me amas? — pergunta, olhando para mim por entre os dedos.

— Sim. Amo — admito. A minha confissão impõe-se pesadamente entre nós. Ele baixa as mãos, com uma expressão que me faz arrepender-me do que acabei de dizer. No entanto, é a verdade. Eu amo-o. Eu amo-o muito.

— Então porque é que não me podes perdoar?

— Porque é imperdoável, não te limitaste a mentir. Tiraste-me a virgindade para ganhar uma aposta... e depois mostraste a toda a gente o sangue nos lençóis. Achas que é possível perdoar?

Ele deixa cair as mãos, com desespero nos seus olhos verdes brilhantes. — Tirei-te a virgindade porque te amo! — diz e eu abano vigorosamente a cabeça. Então ele acrescenta: — Não sei mais o que sou sem ti.

Desvio o olhar. — De qualquer modo, isto não ia resultar, ambos o sabíamos — digo-lhe para melhorar o meu estado de espírito. É difícil estar sentada à sua frente e vê-lo sofrer, mas ao mesmo tempo o meu desejo de justiça faz com que o seu sofrimento aligeire o meu... até certo ponto.

— Porque é que não ia resultar? Estava tudo a correr tão bem...

— Tudo o que construímos assentava numa mentira, Hardin. — E porque o sofrimento dele aumenta a minha autoconfiança, acrescento: — Além disso, olha para ti e olha para mim. — Não foi intencional, mas a expressão do seu rosto quando uso a sua maior insegurança em relação

a nós contra ele lembra-me que ele merece, embora também me entristeça. Sempre se sentiu inseguro em relação à opinião dos outros quando nos viam juntos, já que achava que eu era boa de mais para ele. E agora atirei-lhe isso à cara.

— É tudo por causa do Noah? Estiveste com ele, não foi? — pergunta o Hardin e eu fico boquiaberta com a sua ousadia. Os seus olhos brilham, lacrimejantes, e tenho que ter bem presente que foi ele que provocou tudo isto. Ele arruinou tudo.

— Sim, estive, mas isso não interferiu em nada. É esse o teu problema: andas por aí a fazer o que te apetece às pessoas, estando-te nas tintas para as consequências, e esperas que as pessoas aceitem tudo! — grito e levanto-me da mesa.

— Não, isso não é verdade, Tessa! — grita e eu reviro os olhos. Então, faz uma pausa, levanta-se e olha primeiro pela janela e depois de novo para mim. — Está bem, sim, talvez tenhas razão. Mas eu gosto mesmo de ti.

— Olha, devias ter pensado nisso quando te andavas a gabar da tua conquista — digo, com firmeza.

— A minha conquista? Deves estar a *brincar* comigo, não estás? Tu não és uma simples conquista minha; tu és tudo para mim. Tu és o ar que eu respiro, a dor que eu sinto, o meu coração, a minha vida! — Dá um passo na minha direção. O que mais me entristece é que estas são as palavras mais comoventes que o Hardin alguma vez me disse, só que está a gritá-las.

— Bem, tudo isso já vem tarde de mais! — riposto, também aos gritos. — Tu achas que podes...

Ele apanha-me de surpresa, agarrando-me pelo pescoço e puxando-me para ele, juntando os seus lábios aos meus. O calor familiar da sua boca quase me faz perder as forças nas pernas. A minha língua retribui o movimento da dele antes de me dar conta do que está a acontecer. Ele geme de alívio e eu tento afastá-lo. Agarra os meus pulsos com uma mão, segura-os junto ao seu peito e continua a beijar-me. Continuo a lutar para me libertar, mas a minha boca continua a acompanhar a dele. Ele dá uns passos atrás levando-me com ele até embatermos na bancada da cozinha, com a outra mão a segurar-me o pescoço, mantendo-me presa. Toda a minha angústia e dor no coração começam

a dissolver-se e eu relaxo as mãos. Isto é errado mas faz-me sentir bem.

Mas é errado.

Afasto-me e ele tenta juntar de novo os nossos lábios, mas eu viro a cabeça. — Não — determino.

Olha-me docemente. — Por favor — suplica.

— Não, Hardin. Eu tenho de me ir embora.

Larga os meus pulsos. — Ir para onde?

— Eu... ainda não sei. A minha mãe está a tentar encontrar-me uma residência.

— Não... não... — Ele abana a cabeça e acrescenta num tom cada vez mais agitado: — Tu vives aqui, não voltes para uma residência. — Passa as mãos pelo cabelo. — Se alguém deve sair, sou eu. Por favor, fica aqui para eu saber onde é que estás.

— Não precisas de saber onde é que eu estou.

— Fica — repete.

Para ser completamente honesta, eu quero ficar. Quero dizer-lhe que o amo mais do que tudo, mas não posso. Recuso-me a voltar atrás com a minha decisão e a tornar-me o tipo de rapariga que permite que os rapazes abusem dela.

Pego nas minhas coisas e digo-lhe a única coisa que sei que o impedirá de me seguir. — Tenho de ir, o Noah e a minha mãe estão à minha espera — minto e vou-me embora.

Ele não me segue e eu domino o meu desejo de olhar para trás para ver a sua mágoa.

5

TESSA

Entro no meu carro e, contrariamente ao que esperava, não desato a chorar. Deixo-me ficar sentada a olhar pela janela. A neve pega-se ao limpa-para-brisas, enclausurando-me no interior. O vento em redor do carro é caótico, levantando a neve do chão, fazendo-a rodopiar e lançando-a contra o vidro, como se fosse um escudo. Os flocos de neve que revestem o vidro formam uma barreira entre a dura realidade e o espaço em que me encontro.

Não posso acreditar que o Hardin veio ao apartamento enquanto eu lá estava. Tive esperança de não o ver. No entanto, foi benéfico, não o sofrimento mas a oportunidade criada. Pelo menos, agora posso deixar para trás este tempo desastroso da minha vida. Desejo acreditar que ele me ama, mas foi por acreditar nele que cheguei a esta situação. A sua atitude pode dever-se ao facto de ter consciência de que não tem mais controlo sobre mim. E mesmo que me ame, o que é que isso iria alterar? Isso não anularia tudo o que ele me fez, não anularia todos os enganos, nem a sua fanfarronice acerca das coisas que fizemos, nem as mentiras.

Quem me dera ter a possibilidade de arrendar o apartamento sozinha; ficava lá a viver e mandava o Hardin sair. Não quero morar numa residência e arranjar uma nova companheira de quarto; não quero um balneário coletivo. Porque é que tudo tinha de começar com uma mentira? Se nos tivéssemos conhecido noutras circunstâncias, podíamos estar agora a partilhar o apartamento, a rir no sofá ou a beijarmo-nos na cama. Em vez disso, estou sozinha no meu carro, sem ter para onde ir.

Quando, por fim, ligo o carro, as minhas mãos estão geladas. Teria sido melhor ter esperado pelo verão para ser uma sem-abrigo.

Sinto-me de novo como a Catherine, mas não a habitual personagem de *O Monte dos Vendavais.* Desta vez, identifico-me com a Catherine de *A Abadia de Northanger*: ofendida e obrigada a fazer uma longa viagem a sós. É certo que eu não vou fazer uma viagem de mais de cem

quilómetros depois de ter sido humilhada e despedida de Northanger, mas, todavia, sinto uma dor semelhante. Não consigo decidir com que personagem deste romance é que o Hardin se parece. Por um lado, assemelha-se a Henry, inteligente e divertido, com um conhecimento de literatura tão profundo como o meu. No entanto, Henry é mais simpático do que o Hardin e, neste aspeto, o Hardin é mais parecido com John, arrogante e mal-educado.

Ao conduzir pela cidade sem destino, chego à conclusão de que as palavras do Hardin tiveram um impacto maior em mim do que eu gostaria de admitir. As suas súplicas para eu ficar quase recompuseram as coisas, para depois as destruir outra vez. Tenho a certeza de que ele só queria que eu ficasse para provar o seu poder. Na verdade, desde que me vim embora, ele ainda não telefonou, nem mandou mensagens.

Forço-me a ir ao *campus*, para realizar o último exame antes das férias de Natal. Sinto-me tão distante, durante o exame, e parece-me impossível que haja alguém no *campus* que não saiba o que eu estou a passar. Mas suponho que um sorriso forçado e uma conversa fútil podem disfarçar uma dor lancinante.

Telefono à minha mãe para saber como estão a correr as suas diligências para me arranjar uma nova residência, mas ela apenas murmura «até agora nada» e desliga imediatamente o telefone. Guio sem destino, durante algum tempo, e quando noto que já são cinco da tarde, percebo que estou a um quarteirão da Vance. Não quero abusar do Landon e pedir-lhe para ficar outra vez em sua casa. Sei que ele não se ia importar, mas não é correto da minha parte meter a família do Hardin ao barulho, e, sinceramente, aquela casa carrega demasiadas memórias. Eu não ia aguentar. Passo por uma rua onde se alinham vários motéis e estaciono no parque de um dos que me parece terem um aspeto decente. Nunca fiquei hospedada num motel, mas, na verdade, não tenho outro sítio para onde ir.

Atrás do balcão, um homem baixinho sorri-me e pede-me, com amabilidade, a minha carta de condução. Uns minutos depois, entrega-me o cartão da porta e um pedaço de papel com a *password* para poder aceder ao *wi-fi*. Arranjar um quarto é mais fácil do que eu imaginava — é um pouco caro, mas não quero ficar hospedada num sítio barato e pôr em risco a minha segurança.

— Siga pelo passeio e vire à esquerda — informa-me com um sorriso.

Agradeço-lhe e saio para o frio intenso do exterior; entro no carro e estaciono-o ao lado do quarto que me foi destinado, para não ter de carregar com as minhas malas.

Cheguei a esta situação por causa daquele rapaz sem tino e egoísta: vou ficar sozinha num motel, com todos os meus pertences amontoados dentro de malas. Aquela rapariga que sempre planeou tão bem a sua vida não tem agora ninguém em quem se apoiar.

Pego em algumas das malas e fecho o carro, que parece insignificante, comparado com o *BMW* que está estacionado ao lado. Quando imagino que o dia não pode correr pior, uma das minhas malas escorrega-me da mão para o passeio coberto de neve e as minhas roupas e alguns dos meus livros caem na neve molhada. Tento apanhá-los com a minha mão livre, sem coragem para averiguar quais os livros que caíram — não aguentaria ver os meus bens favoritos a destruírem-se comigo, hoje não.

— Deixe-me ajudá-la — diz uma voz masculina, ao mesmo tempo que uma mão tenta apanhar as coisas do chão. — *Tessa?*

Surpreendida, ergo o olhar e vejo uns olhos azuis e um rosto com uma expressão apreensiva. — Trevor? — pergunto, embora seja evidente que se trata dele. Levanto-me e olho em redor. — O que é que estás aqui a fazer?

— Também te perguntava a mesma coisa. — Sorri.

— Bem... Eu... — Mordo o lábio.

Mas ele dispensa a minha explicação. — Tive um problema com a canalização e vim para aqui. — Dobra-se, começa a apanhar as minhas coisas e, erguendo as sobrancelhas, entrega-me um exemplar encharcado de *O Monte dos Vendavais*. Em seguida, entrega-me umas *sweaters* molhadas e o livro *Orgulho e Preconceito*, dizendo num tom pesaroso: — Toma... este está mesmo em mau estado.

O universo está perversamente a brincar comigo!

— Eu já imaginava que gostavas dos clássicos — diz-me com um sorriso amistoso. Tira-me as malas da mão e eu agradeço-lhe com vários acenos com a cabeça, antes de introduzir o cartão na porta e a abrir. O apartamento está gelado e rodo o botão do aquecimento para o máximo.

— Pelo preço que nos cobram, não se deviam incomodar com a conta da eletricidade — diz o Trevor e pousa as minhas malas no chão.

Sorrio e assinto com a cabeça. Pego nas roupas que caíram na neve e ponho-as a secar no varão das cortinas do duche. Quando regresso ao quarto, instala-se um silêncio incómodo com esta pessoa que eu mal conheço, que está no meu quarto, quarto este que, na verdade, não é meu. — O teu apartamento fica perto daqui? — pergunto para quebrar o silêncio.

— Casa. Mas sim, fica a cerca de quilómetro e meio. Gosto de viver perto do trabalho, para não chegar atrasado.

— É uma boa ideia... — É uma preocupação que eu também poderia ter.

O Trevor fica tão diferente em roupas informais. Sempre o vi com um fato, mas neste momento ele está com umas calças de ganga confortáveis e uma *sweatshirt* vermelha. Tem o cabelo despenteado, quando, habitualmente, se apresenta perfeitamente penteado e com gel.

— Também acho. Então, estás aqui sozinha? — pergunta e olha para o chão, obviamente atrapalhado com a sua curiosidade.

— Pois. Estou sozinha. — As minhas palavras têm um significado mais profundo do que ele imagina.

— Não quero ser intrometido, só perguntei porque o teu namorado não parece gostar muito de mim. — Dá um risinho e afasta o seu cabelo preto da testa.

— Ah, o Hardin não gosta de ninguém; não tomes isso como uma questão pessoal. — Roo as unhas. — E ele não é o meu namorado.

— Ah, desculpa, pensei que era.

— E era... de certo modo.

Era? O Hardin disse que era. Mas, na verdade, ele disse muitas coisas.

— Ah, desculpa outra vez. Não paro de dizer as coisas erradas. — Ri-se.

— Não faz mal, não me importo — respondo e acabo de desfazer as minhas malas.

— Queres que me vá embora? Não quero estar a intrometer-me. — Dá meia-volta em direção à porta como que a mostrar que está a ser sincero.

— Não, não, podes ficar. Se quiseres, claro. Não és obrigado — digo muito depressa.

O que é que se passa comigo?

— De acordo, então eu fico — diz e senta-se na cadeira que está perto da secretária. Procuro um sítio para me sentar e acabo por escolher a borda da cama. Estou suficientemente afastada dele, notando como o quarto é realmente espaçoso.

— Então, o que é que estás a achar de trabalhar na Vance? — pergunta, fazendo desenhos com os dedos no tampo de madeira da secretária.

— Gosto imenso. É ainda melhor do que eu estava à espera. É literalmente o trabalho com que sonhei. Espero que me contratem, depois de me licenciar.

— Ah, acho que te vão fazer uma proposta muito antes disso. O Christian gosta muito de ti; há uns dias, o tema de conversa do almoço foi um parecer que entregaste na semana passada. Ele acha que és perspicaz e, vindo dele, é um enorme elogio.

— A sério? Ele disse isso? — Não consigo deixar de sorrir. Sinto-me envergonhada e incomodada ao fazê-lo, mas, ao mesmo tempo, é reconfortante.

— Pois, então porque é que te ia convidar para ires à conferência? Só vamos nós os quatro.

— Nós os quatro? — pergunto.

— Pois. Eu, tu, o Christian e a Kim.

— Ah, não sabia que a Kim também ia. — Espero desesperadamente que o Sr. Vance não me tenha convidado apenas por obrigação, dada a minha relação com o Hardin, o filho do seu melhor amigo.

— Ele não era capaz de passar o fim de semana sem ela — brinca o Trevor. — Por causa da sua competência profissional, claro.

Sorrio ligeiramente. — Pois, é evidente. E tu, porque é que vais? — pergunto e logo em seguida apetece-me esbofetear-me. — Quero dizer, porque é que vais se trabalhas no setor financeiro, não é? — tento clarificar.

— Sim, eu percebi, vocês os ratos de biblioteca não precisam de uma calculadora humana por perto. — Revira os olhos e ri-se, dá uma verdadeira gargalhada. — Muito em breve, ele vai abrir um segundo

escritório em Seattle e, nesse sentido, vamos ter uma reunião com um potencial investidor. Além disso, vamos procurar locais para o escritório, e ele precisa de mim para ter a certeza de que vai fazer um bom negócio, e da Kimberly para se certificar de que o edifício que escolhermos se adapta ao nosso trabalho.

— Também estás por dentro dos negócios imobiliários? — O quarto está finalmente aquecido; tiro os sapatos e sento-me sobre os pés.

— Não, nada disso, mas sou bom em números — gaba-se. — E vão ser uns dias bem passados. Seattle é uma cidade bonita. Já lá estiveste?

— Sim, é a minha cidade favorita. Não que eu conheça muitas para ter termo de comparação...

— Eu também não. Sou do Ohio e por isso não conheço muitas cidades. Comparada com o Ohio, Seattle parece Nova Iorque.

Começo a estar genuinamente interessada em conhecer melhor o Trevor. — O que é que te fez vir para Washington?

— Bem, a minha mãe morreu quando eu estava no último ano do secundário e eu tive de me ir embora. Há muito mais para ver, não é? Antes de ela morrer, prometi-lhe que não passaria o resto da minha vida naquela cidade horrível onde vivíamos. O dia em que fui aceite na WCU foi o melhor e o pior dia da minha vida.

— Pior? — pergunto.

— A minha mãe morreu nesse mesmo dia. É irónico, não é? — Faz um sorriso amarelo. Move apenas metade da sua boca, o que é adorável.

— Que triste...

— Não fiques com pena. Ela era uma daquelas pessoas que não pertenciam a este mundo e destoava de todos nós. Era boa de mais, sabes? Conseguimos conviver com ela mais tempo do que merecíamos e eu acho que valeu mesmo a pena — diz. Faz um sorriso franco e gesticula na minha direção. — E então tu? Ficas cá para sempre?

— Não, sempre quis ir para Seattle. Mas ultimamente tenho estado a pensar mudar-me ainda para mais longe — admito.

— E deves. Devias viajar e conhecer tudo o que te for possível. Uma mulher como tu não deve ficar fechada numa masmorra. — Ele deve ter reparado na minha expressão de estranheza porque acrescenta

rapidamente: — Desculpa... Só queria dizer que podes fazer muita coisa. Acho que tens muitas capacidades.

Mas eu não fiquei chateada com o que ele disse. O facto de ele ter falado de mim como uma «mulher» fez-me ficar feliz; durante toda a minha vida, senti-me sempre uma criança, porque todos me trataram como tal. O Trevor é apenas um amigo, um novo amigo, mas estou mesmo contente por ter a sua companhia neste dia terrível.

— Já jantaste? — pergunto.

— Ainda não. Estava hesitante entre pedir ou não uma piza, para não ter de voltar para esta tempestade de neve. — Ri-se.

— Podemos comer uma a meias? — proponho.

— De acordo — responde, com a expressão mais simpática que eu vi em muito tempo.

6

HARDIN

O meu pai está com uma expressão completamente idiota; é o que acontece sempre que tenta ser autoritário, como agora, de braços cruzados, plantado à entrada da porta de casa.

— Ela não vem para cá, Hardin; sabe que a irias encontrar aqui.

Contenho o desejo de lhe partir os dentes. Em lugar disso, passo as mãos pelo cabelo, estremecendo ligeiramente com a dor que sinto nos nós dos dedos. Desta vez, os golpes são mais profundos do que o costume. Esmurrar a parede fez-me mais danos nas mãos do que eu pensava. Não é nada em comparação com o que sinto interiormente. Nunca pensei que esta dor existisse; é muito pior do que qualquer dor física que eu possa provocar a mim mesmo.

— Filho, acho mesmo que lhe devias dar algum espaço.

Mas quem é que ele pensa que é?

— Espaço? Ela não precisa de espaço! Ela precisa de vir para casa! — grito. A velhinha da casa do lado volta-se para nós e eu ergo os meus braços para ela.

— Por favor, não sejas malcriado com os meus vizinhos — avisa-me o meu pai.

— Então, diga aos seus vizinhos que se metam na vida deles! — Tenho a certeza de que a senhora de cabelo grisalho ouviu *isto*.

— Adeus, Hardin — diz o meu pai com um suspiro e fecha a porta.

— *Merda!* — grito. Volto para trás e fico a dar voltas no jardim até, por fim, regressar ao meu carro.

Onde é que ela se meteu? Estou furioso e loucamente preocupado com ela. Estará sozinha ou com medo? Claro que, conhecendo a Tessa, sei que ela não tem medo de nada; deve estar a avaliar as razões por que me odeia. Na verdade, o mais provável é estar a escrevê-las. A sua necessidade de controlar tudo e as suas estúpidas listas costumavam pôr-me fora de mim, mas agora tudo o que eu queria era vê-la a rabiscar as coisas mais irrelevantes. Dava tudo para a ver a morder o lábio

inferior quando se concentra, ou para ver aquela expressão carrancuda a tomar conta do seu rosto doce, mesmo que fosse por uma só vez. Agora que ela foi ter com o Noah e com a mãe, já não há a mínima chance. Quando ela voltar a constatar que ele é melhor do que eu, será de novo dele.

Telefono-lhe outra vez, mas, pela vigésima vez, a chamada vai direta para o atendedor. Que merda, sou mesmo um idiota. Depois de a procurar em todas as bibliotecas, todas as livrarias, decido voltar para o apartamento. Pode ser que ela apareça, pode ser que ela apareça... sei que não o vai fazer.

Mas e se aparece mesmo? Tenho de limpar toda a enorme porcaria que fiz e comprar pratos novos para substituírem os que eu despedacei contra as paredes... para o caso de ela voltar a casa.

Uma voz masculina ecoa pelo ar, fazendo os meus ossos vibrar: — Onde é que tu estás, Scott?

— Eu vi-o sair do bar. Sei que ele está por aqui — diz outro homem.

O chão está frio quando eu salto da cama. Ao princípio, pensei que era o meu pai e os seus amigos, mas agora já não me parece.

— Anda cá, anda cá, onde quer que estejas! — grita a voz mais grave e ouço um enorme estrondo.

— Ele não está cá — diz a minha mãe quando desço as escadas e os vejo a todos. A minha mãe e quatro homens.

— Ena, olha o que temos aqui — diz o homem mais alto. — Quem ia dizer que o Scott tinha uma mulher tão boa. — Agarra a minha mãe pelo braço e arranca-a do sofá.

Ela torce a própria blusa, desesperada. — Por favor... ele não está cá. Se ele vos deve dinheiro, eu dou-lhes todo o que eu tenho. Podem levar qualquer coisa cá de casa... a televisão...

Mas o homem limita-se a troçar dela. — Uma televisão? Não quero a merda de uma televisão.

Vejo-a a debater-se para se libertar dele, tal como um peixe que um dia pesquei. — Tenho algumas joias... não são muitas, mas, por favor...

— Cala a boca! — diz outro homem e dá-lhe uma bofetada.

— Mãe! — grito e corro para a sala.

— Hardin... vai lá para cima! — grita ela, mas eu não vou deixar a

minha mãe com estes homens maus.

— Põe-te daqui para fora, puto de merda — diz-me um deles, empurrando-me, e eu caio de rabo. — Estás a ver, minha cabra, o problema é que o teu marido fez isto — rosna, apontando para a própria cabeça, onde vejo um enorme golpe. — E como ele não está cá, a única coisa que queremos és tu. — Ele sorri e ela dá-lhe um pontapé.

— Hardin, querido, vai lá para cima... Já! — grita-me ela.

Porque é que ela está zangada comigo?

— Acho que ele quer ver — diz o homem magoado e empurra-a para o sofá.

Acordo sobressaltado e sento-me.

Merda.

Isto tornou-se recorrente, cada noite é pior do que a última. Habituei-me ao facto de os pesadelos terem desaparecido e de conseguir dormir. Graças a ela, tudo graças a ela.

Mas aqui estou eu às quatro da manhã, com os lençóis ensanguentados devido às minhas feridas nos nós dos dedos e uma dor de cabeça de morrer por causa dos meus pesadelos.

Fecho os olhos e tento fingir que ela está cá, com esperança de que o sono apareça.

7

TESSA

— Tess, querida, acorda — sussurra-me o Hardin, tocando com os seus lábios na pele sensível por baixo da minha orelha. — És tão bonita ao acordar.

Sorrio, agarrando-o pelo cabelo para o olhar nos olhos. Esfrego o meu nariz no dele e ele ri-se.

— Amo-te — diz e junta os seus lábios aos meus.

Mas eu não consigo senti-los. — Hardin? — chamo-o. — Hardin?

Mas ele desvanece-se...

Abro rapidamente os olhos e devolvo-me à realidade. O quarto desconhecido está completamente às escuras e por momentos esqueço-me de onde estou. Mas logo me lembro: um quarto de um motel. Sozinha. Tiro o meu telemóvel da mesa de cabeceira e vejo que são apenas quatro da manhã. Enxugo as lágrimas acumuladas no canto dos meus olhos e fecho-os, tentando regressar para junto do Hardin, mesmo que seja apenas em sonho.

Quando volto finalmente a acordar, são sete da manhã. Vou tomar um duche e tento apreciar a água quente que me relaxa. Seco o cabelo e maquilho-me; hoje é o primeiro dia em que me sinto apresentável. Tenho de me livrar deste... caos interior. Sem saber que mais fazer, sigo o exemplo da minha mãe e apresento-me com um rosto perfeito, de modo a soterrar o sofrimento que trago dentro de mim.

Quando termino, estou com um ar descansado e na verdade com muito bom aspeto. Depois de enrolar o cabelo, retiro o meu vestido branco de dentro da mala de viagem e estremeço. Ainda bem que este quarto tem um ferro. Está frio, demasiado frio para este vestido, que mal me chega aos joelhos, mas eu não vou estar muito tempo na rua. Escolho uns sapatos rasos pretos e disponho-os em cima da cama, junto ao vestido.

Antes de me vestir, volto a fazer as malas, arrumando o seu conteúdo.

Espero que a minha mãe telefone, com boas novidades sobre as residências. Caso contrário, tenho de ficar aqui hospedada até que ela o faça, e o pouco dinheiro que tenho vai-se esgotar rapidamente. Talvez devesse procurar um apartamento para mim. Talvez tenha capacidade de pagar a renda de um apartamento pequeno, perto da Vance.

Abro a porta e vejo que a neve derreteu quase toda sob o sol da manhã. Ainda bem. Quando estou a abrir a porta do carro, o Trevor sai do seu quarto, que fica a duas portas do meu. Está vestido com um fato preto e uma gravata verde; está com um ar muito composto.

— Bom dia! Eu podia ter-te ajudado a levá-las — diz quando me vê a carregar as malas.

Na noite anterior, depois de comermos piza, vimos um pouco de televisão e partilhámos histórias da faculdade. Ele tinha muito mais histórias do que eu para contar, uma vez que já se licenciou, e embora eu tenha gostado de ouvir o que a minha experiência universitária podia — ou devia — ser, senti também alguma tristeza. Eu não devia ter ido a festas com pessoas como o Hardin. Devia ter encontrado um pequeno mas verdadeiro grupo de amigos. Teria sido tão diferente, tão preferível.

— Dormiste bem? — pergunta-me e retira um porta-chaves do bolso. Com um clique, o motor do *BMW* começa a trabalhar. Claro que o *BMW* é dele.

— O teu carro começa a trabalhar sozinho? — Rio-me.

Ele ergue a chave. — Bom, esta coisa liga o motor.

— Espantoso. — Sorrio com um pouco de sarcasmo.

— Conveniente — replica.

— Extravagante?

— Um pouco. — Ri-se. — Mas mesmo assim muito conveniente. Estás linda hoje, como de costume.

Arrumo as minhas malas na bagageira do meu carro. — Obrigada. Está um gelo cá fora — digo e sento-me ao volante.

— Vemo-nos no trabalho, Tessa — diz e entra no seu *BMW*.

Embora esteja sol, ainda está frio, e por isso meto rapidamente a chave na ignição e rodo-a para o aquecimento começar a funcionar.

Clique... clique... clique... é a única resposta do meu carro.

Com uma expressão aborrecida, tento de novo e o resultado é o mesmo.

— Será que alguma coisa pode correr bem? — grito e bato com as palmas das mãos no volante.

Pela terceira vez, tento que o meu carro comece a trabalhar, mas claro que nada acontece, desta vez nem sequer se ouvem os «cliques». Olho para fora, feliz por o Trevor ainda ali estar. Ele abre a janela do carro e eu não posso deixar de rir perante o meu próprio infortúnio.

— Será que me podes dar uma boleia? — pergunto e ele assente com a cabeça.

— Claro que sim. Acho que sei para onde vais... — Ri-se e eu saio do meu carro.

Durante a curta viagem até à Vance, não resisto a ligar o telemóvel. Surpreendentemente, não tenho novas mensagens de texto do Hardin. Há algumas mensagens de voz, mas não sei se são dele ou da minha mãe. Pelo sim, pelo não, decido não as ouvir e mando uma mensagem à minha mãe a perguntar se tem novidades em relação às residências. O Trevor deixa-me à porta para eu não ter de caminhar ao frio, o que é uma atitude muito atenciosa da parte dele.

— Estás com um ar recomposto — diz a Kimberly, sorrindo, quando eu entro e pego num *donut*.

— Sinto-me um pouco melhor. Um pouco — respondo e sirvo-me de uma caneca com café.

— Estás preparada para o dia de amanhã? Estou cheia de vontade de ir passar o fim de semana fora. Seattle tem umas lojas fantásticas, e enquanto o senhor Vance e o Trevor estiverem nas reuniões, nós podemos arranjar coisas divertidas para fazer. Está... hum... falaste com o Hardin?

Hesito uns instantes, mas decido contar-lhe tudo. De qualquer modo, ela vai acabar por saber. — Não. Na verdade, ontem fui buscar as minhas coisas — respondo e ela faz uma expressão pesarosa.

— Tenho pena, miúda. Com o tempo, vai ser mais fácil para ti.

Meu Deus, espero que ela tenha razão.

O meu dia de trabalho decorre mais depressa do que eu esperava e termino o manuscrito da semana mais cedo do que o costume. Estou entusiasmada por ir a Seattle e espero afastar o Hardin dos meus pensamentos, mesmo que seja apenas por uns tempos. Faço anos na

segunda-feira, embora não esteja nada ansiosa com a chegada desse dia. Se tudo não se tivesse desmoronado tão rapidamente, na terça-feira estaria a caminho de Inglaterra, na companhia do Hardin. Também não me apetece nada ir passar o Natal com a minha mãe. Tenho esperança de, nessa altura, já ter arranjado uma vaga num dormitório de uma residência — mesmo que neste momento elas estejam praticamente vazias — e então talvez invente uma boa desculpa para não ter de ir a casa da minha mãe. Sei que é Natal e que é horrível da minha parte, mas não estou propriamente com espírito festivo.

A minha mãe manda-me uma mensagem ao fim do dia a dizer que ainda não teve nenhuma resposta sobre as residências. *Fantástico*. Pelo menos, só falta uma noite para a nossa ida a Seattle. Andar a arrastar-me de um lado para o outro não tem graça nenhuma.

No momento em que me preparo para me ir embora, lembro-me de que não vim de carro para o emprego. Espero que o Trevor ainda não tenha saído.

— Até amanhã. Encontramo-nos aqui e o motorista do Christian leva-nos a Seattle — explica-me a Kimberly.

O Sr. Vance tem um motorista?

Claro que sim.

Quando saio do elevador, deparo-me com o Trevor sentado num dos sofás pretos da entrada. O contraste entre o sofá e o seu fato preto e os seus olhos azuis é muito atraente.

— Não sabia bem se precisavas de uma boleia ou não e não quis ir incomodar-te ao teu gabinete — diz-me.

— Obrigada, agradeço mesmo muito. Quando chegar ao motel, vou chamar alguém para resolver o problema do meu carro. — Na rua, está um pouco mais calor do que de manhã, mas, mesmo assim, está muito frio.

— Posso fazer-te companhia enquanto tratas disso. A canalização da minha casa já está arranjada, por isso já não vou ficar hospedado no motel, mas posso fazer-te companhia se tu... — Cala-se subitamente e arregala os olhos.

— O que foi? — pergunto e sigo o seu olhar, descobrindo o Hardin sentado no seu carro, no estacionamento, a olhar furioso para o Trevor e para mim.

Fico de novo sem fôlego. Como é que isto está cada vez pior?

— Hardin, o que é que estás aqui a fazer? — pergunto, avançando irritada na sua direção.

— Bem, tu não respondes às minhas chamadas, por isso não me restou outra alternativa, não é? — replica.

— Não respondi propositadamente e não podes aparecer assim no meu emprego! — grito-lhe.

O Trevor parece incomodado e intimidado com a presença do Hardin, mas deixa-se ficar ao meu lado. — Estás bem? Diz-me quando quiseres ir.

— Ir aonde? — O Hardin está com uma expressão transtornada.

— Ele vai-me levar de volta ao motel, já que o meu carro não funciona.

— Motel? — O Hardin eleva a voz.

Antes de conseguir impedi-lo, o Hardin atira-se ao Trevor, agarrando-o pelo colarinho do fato e atirando-o contra um camião vermelho.

— Hardin! Para! Larga-o! Nós não ficámos juntos! — explico-lhe. Não sei porque é que me estou a justificar, mas não quero que ele magoe o Trevor.

O Hardin larga o fato do Trevor mas mantém-se à frente dele.

— Deixa-o em paz, já. — Agarro no ombro do Hardin e ele acalma-se ligeiramente.

— Não te aproximes dela — berra, com a cara a centímetros da do Trevor.

O Trevor está pálido; mais uma vez, arrasto para esta confusão outra pessoa que não merece ser maltratada.

— Desculpa — digo ao Trevor.

— Deixa lá. Ainda precisas de uma boleia? — pergunta-me.

— Não, não precisa — responde o Hardin por mim.

— Sim, por favor — digo ao Trevor. — Só preciso de um momento.

Cavalheiro como ele é, assente e afasta-se em direção ao seu carro para nos deixar a sós.

8

TESSA

— Não acredito que estejas hospedada num motel. — Passa a mão pelo cabelo.

— Pois... nem eu.

— Podes ficar no apartamento, eu posso voltar para a república ou para outro sítio.

— Não. — Isto não está a acontecer.

— Por favor, não sejas complicada. — Ele esfrega a mão na testa.

— Complicada? Deves estar a brincar! Nem sequer devia estar a falar contigo agora!

— Podes-te acalmar? E o que é que aconteceu ao teu carro? E porque é que este gajo está hospedado no motel?

— Não sei o que se passa com o meu carro — lamento-me. Não lhe vou responder acerca do Trevor, não tem nada a ver com isso.

— Eu vou dar uma olhadela.

— Não. Eu chamo alguém. Vai-te embora.

— Vou atrás de ti até ao motel. — Ele aponta com a cabeça para a estrada.

— Podes parar com isso? — rosno e o Hardin revira os olhos. — Isto para ti é uma espécie de jogo, ver até onde podes chegar?

Ele dá um passo para trás, como se eu o tivesse empurrado. O carro do Trevor ainda aqui está, à minha espera.

— Não, não é isso que eu estou a fazer. Como é que podes pensar isso, depois de tudo o que eu fiz?

— Exatamente, eu penso isto por causa de *tudo o que tu fizeste* — digo, quase a rir com a escolha das suas palavras.

— Só quero conversar contigo. Sei que podemos resolver tudo — afirma. Desde o início, ele brincou tantas vezes comigo que eu não

sei dizer o que é real. — Eu sei que também sentes a minha falta — diz o Hardin, encostando-se ao seu carro. As suas palavras deixam-me fora de mim. Tão arrogante.

— É isso que queres ouvir? Que eu sinto a tua falta? Claro que sinto a tua falta, mas sabes uma coisa? Não é de ti que eu sinto a falta, mas sim da pessoa que pensei que tu eras, e agora que sei quem tu és realmente, não quero ter nada a ver contigo! — grito.

— Sempre soubeste quem eu realmente era! Eu fui autêntico durante todo o tempo, sabes bem! — responde-me aos gritos. Porque é que não conseguimos conversar sem ser aos gritos? Ele põe-me fora de mim, é isso que se passa.

— Não, não sei. Se eu soubesse que eu... — Paro de falar antes de admitir que quero perdoar-lhe. Há uma grande distância entre o que quero fazer e o que devo fazer.

— Tu o quê? — pergunta. Claro que ele iria pressionar-me para eu continuar.

— Nada, é melhor ires-te embora.

— Tess, não sabes como têm sido para mim estes últimos dias. Não consigo dormir, não sou capaz de funcionar sem ti. Preciso de saber que há uma hipótese, que podíamos...

Interrompo-o antes de ele terminar.

— Como têm sido para *ti*? — Como é que ele pode ser tão egoísta? — Como é que pensas que têm sido para mim, Hardin? Imagina o que se sente ao veres, numa questão de horas, toda a tua vida a desmoronar-se! Imagina o que se sente quando estás muito apaixonada por alguém a quem te entregas completamente e descobre que afinal era tudo um jogo, uma aposta! O que é que achas que se sente? — Dou um passo na sua direção, gesticulando freneticamente. — Como é que achas que me sinto ao destruir a relação com a minha mãe por alguém para quem eu significo zero? O que é que achas que se sente quando se tem que ficar hospedado na merda de um quarto de motel? O que é que achas que se sente quando se quer superar tudo isto e tu não deixas de aparecer por todo o lado? Tu não tens a noção dos limites!

Ele não diz nada e eu continuo com as minhas queixas. Por um lado sei que estou a ser demasiado dura com ele, mas ele traiu-me de uma maneira vil e merece isto.

— Por isso, não apareças aqui a dizer que tem sido muito difícil para ti, porque a responsabilidade foi tua! Tu destruíste tudo! Tal como fazes sempre, por isso, sabes que mais? Não tenho pena nenhuma de ti... Na

verdade, até tenho. Tenho pena de ti porque nunca vais ser feliz. Vais ficar sozinho durante toda a tua vida e é por isso que eu tenho pena de ti. A minha vida vai avançar, vou encontrar um homem bom que me vai tratar do modo como tu me devias ter tratado, vou-me casar e ter filhos. E vou ser feliz.

Estou sem fôlego depois deste longo discurso. O Hardin está a olhar para mim com os olhos vermelhos e boquiaberto.

— Sabes o que é o pior disto tudo? É que tu me avisaste, disseste-me que me ias destruir e eu não te dei ouvidos. — Tento a todo o custo conter as minhas lágrimas, mas não sou capaz. Elas rolam impiedosamente pela minha cara abaixo e o rímel dissolve-se e esborrata, fazendo-me arder os olhos.

— Eu... desculpa. Vou-me embora — diz em voz baixa. Está com um ar profundamente destroçado, tal como eu quero que ele esteja, mas isso não me dá a satisfação que eu pensava que daria.

Talvez lhe tivesse perdoado se no princípio, ou mesmo depois de termos ido para a cama, me tivesse contado a verdade. Mas, em lugar disso, ele escondeu-ma, ofereceu dinheiro a várias pessoas em troca de silêncio e tentou aprisionar-me, levando-me a assinar o contrato de arrendamento da casa com ele. A minha primeira experiência íntima com alguém é um marco para toda a vida e ele arruinou-a.

Vou rapidamente para o carro do Trevor e entro. O aquecimento está ligado e o ar quente misturado com as minhas lágrimas causa-me ardor na cara. O Trevor mantém-se calado e, mais uma vez, fico agradecida pelo seu silêncio, enquanto me leva ao motel.

Ao anoitecer, forço-me a tomar um duche quente, muito quente. A expressão do Hardin no momento em que se foi embora e entrou no carro ficou gravada no fundo da minha mente. Revejo a sua cara cada vez que fecho os olhos.

O meu telemóvel não toca desde que ele me deixou. Tenho esta ilusão absurda e ingénua de que poderia tocar. Que, apesar das nossas diferenças e do seu temperamento... bom, dos nossos temperamentos... podíamos fazer com que tudo resultasse. Não sei o que fazer para adormecer, mas adormeço.

Na manhã seguinte, estou um pouco ansiosa com a minha primeira

viagem de trabalho e começo a entrar em pânico. Além disso, esqueci-me de arranjar alguém para reparar o meu carro. Procuro os dados do mecânico mais próximo e telefono-lhe. Possivelmente vou ter de lhe pagar mais para guardar o meu carro durante o fim de semana, mas neste momento é o menor dos meus problemas. Não menciono este aspeto ao homem amável que me responde, na esperança de que ele decida não me cobrar uma taxa extra.

Arranjo-me, enrolando o cabelo e maquilhando-me mais do que o costume. Decido usar um vestido azul-escuro que ainda não estreei, um vestido que comprei por saber que o Hardin iria gostar do modo como o tecido fino se molda às minhas curvas. O vestido em si não é provocante; é de meia manga e chega abaixo dos joelhos. Mas assenta-me bem e sinto-me bonita.

É terrível o facto de estar recorrentemente a lembrar-me dele. Quando estou em frente ao espelho, imagino-o a admirar-me com este vestido, imagino-o com as suas pupilas a dilatarem-se e a passar a língua pelos lábios antes de colocar o *piercing* do lábio entre os dentes, enquanto me observa a pentear-me uma última vez.

Batem à minha porta, fazendo-me regressar à realidade.

— É a menina Young? — pergunta um homem com um fato-macaco azul quando abro a porta.

— Sim, sou eu — respondo e abro a carteira para tirar as chaves. — Estas são as chaves, é o *Corolla* branco — digo e entrego-lhas.

Ele olha para trás. — *Corolla* branco? — pergunta, confuso.

Saio para a rua. O meu carro... desapareceu.

— Mas o que é... Bem, deixe-me ligar para a receção para saber se rebocaram o meu carro, por o ter deixado aqui ontem. — Que maneira fantástica de começar o dia!

— Está, fala Tessa Young, do quarto trinta e seis — digo quando o rececionista atende. — Será que rebocaram o meu carro? — Tento ser simpática, mas isto é verdadeiramente frustrante.

— Não, não rebocámos — responde.

Estou completamente baralhada. — Bem, então, se calhar, o carro foi roubado... — Se alguém levou o meu carro, estou feita. Está quase na hora de ter de me ir embora.

— Não, esta manhã o seu amigo veio cá e levou-o.

— O meu amigo?

— Sim, aquele com... cheio de tatuagens e *piercings* — diz em voz baixa, como se o Hardin o pudesse ouvir.

— O quê? — Percebi o que ele disse, mas fico sem saber o que responder.

— Sim, ele veio com um reboque, há umas duas horas — explica. — Desculpe, pensei que sabia...

— Obrigada — respondo num lamento e desligo. Volto-me para o homem que está à minha frente e digo: — Peço desculpa. Parece que alguém já levou o meu carro a outro mecânico. Eu não sabia. Desculpe por tê-lo feito perder tempo.

Ele sorri e garante-me que não há problema.

Depois da minha discussão com o Hardin, nem me lembrei que hoje ia precisar de uma boleia para o emprego. Ligo ao Trevor para o informar e ele responde-me que já tinha pedido ao Sr. Vance e à Kimberly para, no caminho, passarem a buscar-me. Depois de lhe agradecer, desligo e corro as cortinas da janela. Um carro preto aproxima-se e estaciona em frente ao meu quarto. A janela do carro desce e vejo o cabelo louro da Kimberly.

— Bom dia! Chegámos para te salvar! — afirma, com uma gargalhada, quando eu abro a porta. O amável e inteligente Trevor, sempre previdente.

O motorista sai do carro e depois de me saudar com o boné pega nas minhas malas e guarda-as na bagageira. Quando abre a porta traseira, deparo-me com dois assentos dispostos frente a frente. Num deles, a Kimberly dá uma palmada no couro, convidando-me a sentar-me ao seu lado. No outro, estão o Sr. Vance e o Trevor, que olham para mim com uma expressão divertida.

— Preparada para esta escapadela de fim de semana? — pergunta o Trevor com um sorriso aberto.

— Mais do que possas imaginar — respondo e entro no carro.

9

TESSA

Quando entramos na autoestrada, o Trevor e o Sr. Vance regressam ao que parece ser uma conversa profunda sobre o preço do metro quadrado de um novo edifício em Seattle, a Kimberly dá-me uma pequena cotovelada e começa a imitar a conversa deles, fazendo mímica com a mão.

— Estes tipos são tão sérios — diz. — Olha, o Trevor contou-nos que aconteceu qualquer coisa ao teu carro?

— Sim. Não sei o que foi — digo, tentando manter um tom despreocupado, o que é fácil, perante o sorriso amistoso da Kimberly. — Ontem não funcionou, por isso chamei alguém para o arranjar. Mas o Hardin já tinha chamado uma pessoa para o ir buscar.

Ela sorri. — É persistente, não é?

Suspiro. — Acho que sim. Só queria que ele me desse algum tempo para processar tudo isto.

— Processar o quê? — pergunta. Esqueci-me que ela não sabe nada acerca da aposta e da minha humilhação e claro que eu não lhe quero contar. Ela só sabe que eu e o Hardin acabámos tudo.

— Não sei, tudo... Está tanta coisa a acontecer neste momento e ainda não tenho nenhum sítio onde viver. Acho que ele não está a levar isto de um modo tão sério como devia. Ele acha que pode brincar comigo e com a minha vida como se eu fosse uma marioneta. Acha que basta aparecer e pedir desculpa e que eu o vou desculpar, mas as coisas não funcionam assim. Pelo menos já não funcionam mais assim. — Respiro fundo.

— Ainda bem para ti. Fico contente por estares a ter uma atitude firme — afirma.

Ainda bem que ela não me pergunta os detalhes. — Obrigada. Eu também fico.

Na verdade, estou orgulhosa por estar a ser firme com o Hardin e não recuar, mas, ao mesmo tempo, sinto-me pessimamente pelo que lhe

disse ontem. Sei que ele mereceu, mas não consigo deixar de pensar: *E se ele gosta mesmo de mim, como costuma afirmar?* Mas mesmo que lá muito no fundo goste, acho que não é o suficiente para me assegurar de que não vai voltar a magoar-me.

Porque é isso que ele faz: magoar as pessoas.

Mudando de assunto, a Kimberly declara, entusiasmada: — Devíamos ir sair, hoje à noite, depois da última palestra. No domingo, estes dois vão estar toda a manhã em reuniões, uma boa altura para nós aproveitarmos para ir às compras. Vamos sair hoje à noite e talvez também no sábado. O que é que achas?

— Sair aonde? — Rio-me. — Só tenho dezoito anos.

— Oh, por favor. O Christian conhece imensa gente em Seattle. Se estiveres com ele, entras em todo o lado. — Adoro ver como os seus olhos brilham quando fala do Sr. Vance, mesmo quando ele está mesmo ao seu lado.

— Está bem — concordo. Nunca fui a nenhum local público noturno. Já fui a algumas festas na república, mas nunca estive numa discoteca, nem em nada de semelhante.

— Vais-te divertir, não te preocupes — assegura-me ela. — E deves mesmo usar esse vestido — acrescenta com uma gargalhada.

10

HARDIN

Vais ficar sozinho durante toda a tua vida e é por isso que eu tenho pena de ti. A minha vida vai avançar, vou encontrar um homem bom que me vai tratar do modo como tu me devias ter tratado, vou-me casar e ter filhos. E vou ser feliz.

As palavras da Tessa continuam a ressoar incessantemente na minha cabeça. Eu sei que ela tem razão, mas eu quero desesperadamente que ela esteja errada. Nunca me preocupou a perspetiva de ficar sozinho... até agora — agora que sei o que estou a perder.

— Alinhas connosco? — A voz do Jace corta os meus pensamentos sombrios.

— Hum, o quê? — pergunto. Quase me esqueci de que estou a guiar.

Ele revira os olhos e dá uma passa no charro.

— Perguntei se alinhavas. Vamos a casa do Zed.

Resmungo: — Não sei...

— E porque não? Vê se paras com tanta lamechice. Andas para aí a chorar como um bebé.

Lanço-lhe um olhar furioso. Se não tivesse passado a noite anterior sem dormir, atirava-me a ele e estrangulava-o. — Não ando nada — respondo calmamente.

— Andas *sim*, puto. Hoje à noite, do que tu precisas é de ficar pedrado e de curtir com umas miúdas. De certeza que vão lá estar algumas raparigas disponíveis.

— Não preciso de curtir com ninguém. — Não quero ninguém, a não ser ela.

— Bom, anda lá, vamos até casa do Zed. Se não te apetece curtir, pelo menos bebe umas cervejas — diz.

— Nunca desejaste um pouco mais da vida? — pergunto e ele olha para mim como se eu fosse um *zombie*.

— O quê?

— Olha, não achas que já chateia passar a vida em festas e a curtir

com raparigas diferentes a toda a hora?

— Ena, ena! Isto está pior do que eu pensava. Deu-te forte, puto!

— Não, não é isso. Estou só a falar. Fazer sempre a mesma merda acaba por chatear.

Ele não sabe como é agradável estar na cama com a Tessa e fazê-la rir, ele não sabe como é divertido ouvi-la a divagar sobre os seus romances favoritos, vê-la dar-me uma sapatada quando a quero apalpar. É bem melhor do que qualquer festa a que eu já fui ou a que um dia irei.

— Ela deu-te mesmo a volta. Que grande merda, não é? — Ri-se.

— Não, não deu — minto.

— Pois... — Ele atira o resto do charro pela janela do carro. — Ela agora está livre, não é? — pergunta e quando eu aperto o volante ele ri-se ainda mais. — Estou só a brincar, Scott. Era só mesmo para te chatear.

— Vai-te lixar — resmungo e, para não me dar por vencido, viro na rua que vai dar a casa do Zed.

11

TESSA

O Four Seasons de Seattle é o hotel mais bonito que eu alguma vez vi. Tento caminhar devagar, para me deliciar com todos os lindíssimos pormenores. Mas a Kimberly arrasta-me praticamente para o elevador e pelo corredor fora, deixando o Trevor e o Sr. Vance para trás.

Ao chegar a uma porta, diz: — Este é o teu quarto. Depois de arrumares as tuas coisas, vem ter connosco à nossa suíte para vermos o programa do fim de semana, embora eu tenha a certeza de que já o fizeste. É melhor mudares de roupa e guardares esse vestido para a nossa saída hoje à noite. — Pisca-me um olho e avança pelo corredor fora.

As diferenças entre o meu hotel das duas noites anteriores e este são abismais. Cada um dos quadros da entrada deste hotel deve ter custado mais do que a decoração inteira dos quartos do motel. A vista é incrível. Seattle é uma cidade encantadora. É fácil imaginar-me a viver aqui, num apartamento num arranha-céus, com um emprego na Seattle Publishing ou mesmo na Vance Publishing, agora que estão para abrir uma dependência aqui. Seria fantástico.

Depois de pendurar as roupas que trouxe para o fim de semana, visto uma saia preta justa e uma blusa lilás. Estou entusiasmada com a conferência, mas nervosa com a perspetiva de sair à noite. Sei que tenho de me divertir, mas é tudo novo para mim e ainda me sinto vazia com os danos que o Hardin me causou.

Às duas e meia vou ter à suíte da Kimberly e do Sr. Vance. Estou ansiosa, porque sei que às três horas vamos descer para a sala de congressos.

Ao abrir a porta, a Kimberly saúda-me calorosamente e diz-me para entrar. A suíte tem um salão e uma antecâmara. Parece maior do que a casa inteira da minha mãe.

— Isto é... uau! — exclamo.

O Sr. Vance ri-se e enche um copo com um líquido semelhante a

água. — É agradável.

— Pedi para trazerem umas coisas para comermos antes de irmos para baixo. Devem estar a chegar — diz a Kimberly e eu sorrio e agradeço-lhe. Não tinha noção de como estou esfomeada até ela mencionar a comida. Hoje ainda não comi nada.

— Preparada para apanhar a maior seca? — pergunta o Trevor, vindo do salão.

— Para mim não vai ser uma chatice. — Sorrio e ele ri-se. — Acho que se calhar até vou querer ficar aqui para sempre! — acrescento.

— Eu também — admite ele.

— E eu também — diz a Kim.

O Sr. Vance abana a cabeça. — Isso é fácil de resolver, querida. — Ele acaricia-lhe as costas e eu desvio o olhar perante este gesto íntimo.

— Devíamos transferir a sede da editora para cá e mudarmo-nos todos! — brinca a Kimberly. Pelo menos, penso que está a brincar.

— O Smith ia gostar de Seattle — diz o Sr. Vance.

— O Smith? — pergunto e depois lembro-me do filho dele, que esteve presente no casamento, e coro. — Desculpe, o seu filho, claro.

— Não há problema. Sei que é um nome invulgar — ri-se e encosta-se à Kimberly. Deve ser tão bom ter uma relação de amor e de confiança. Invejo a Kimberly por isso, uma inveja de que me envergonho mas que mesmo assim não deixo de sentir. Ela tem um homem na sua vida que gosta mesmo dela e que fará tudo para a fazer feliz. É uma mulher com sorte.

Sorrio. — É um nome amoroso.

Depois de comermos, descemos e aterro numa enorme sala de conferências repleta de pessoas que gostam de livros. Estou no paraíso.

— Contactos. Contactos. Contactos — diz o Sr. Vance. — Trata-se tudo de estabelecer contactos. — E durante as três horas seguintes ele apresenta-me a quase todas as pessoas da sala. Fico feliz por ele não me apresentar como sua estagiária e por me tratar como adulta. Todos o fazem.

12

HARDIN

— Ena, ena! Mas quem temos nós aqui — diz a Molly e revira os olhos quando eu e o Jace entramos no apartamento do Zed.

— Já com os copos? — pergunto.

— E então? Já passa das cinco — diz com um sorriso malicioso. Abano a cabeça quando ela me diz: — Bebe um *shot* comigo, Hardin — e pega numa garrafa com uma bebida alcoólica castanha e em dois copos de *shot* do armário.

— Tudo bem. Um — digo e ela sorri antes de encher os pequenos copos.

Dez minutos depois, dou por mim a olhar para a galeria de fotografias do meu telemóvel. Se eu tivesse deixado a Tessa tirar mais fotografias dos dois juntos, agora teria mais para ver. Meu Deus, isto deu-me com força, como disse o Jace. Sinto-me como se estivesse lentamente a perder o juízo e a parte mais lixada disto tudo é que me borrifo para o facto de estar a enlouquecer, desde que isso me permita aproximar-me dela outra vez.

E vou ser feliz, disse ela. Sei que não a fiz feliz, mas podia. Mas também não é justo eu continuar a incomodá-la. Mandei arranjar o carro dela porque não queria que ela tivesse de se incomodar com isso. Ainda bem que o fiz; não teria sabido que a Tessa ia a Seattle se não tivesse telefonado para a Vance para me assegurar de que ela arranjara uma boleia para o trabalho.

Porque é que a Tessa não me contou? Neste momento, o parvalhão do Trevor está com ela, quando deveria ser eu a estar no seu lugar. Já percebi que ele gosta dela e não acharia estranho que ela se apaixonasse por ele. Ele é exatamente o que ela precisa. São verdadeiras almas gémeas. Ao contrário de nós os dois. Ele podia fazê-la feliz. Este pensamento deixa-me na merda e faz com que eu deseje esmagar a cabeça do Trevor contra uma janela...

Mas talvez lhe deva dar espaço e uma oportunidade para ser feliz.

Ontem ela afirmou de modo claro que é impossível perdoar-me.

— Molly! — chamo do sofá.

— O que é?

— Traz-me outro *shot*. — E mesmo sem sequer olhar para ela, sinto o seu sorriso vitorioso a encher a sala.

13

TESSA

— Foi extraordinário! Obrigada por me ter trazido, senhor Vance — exclamo efusivamente logo que entramos no elevador.

— Tive muito prazer nisso, na verdade; és uma das minhas melhores funcionárias. Estagiária ou não, és brilhante. E, por favor, por amor de Deus, trata-me por Christian, como eu já te tinha dito — diz, falsamente indignado.

— Sim, está bem. Não tenho palavras, senhor... *Christian*. Foi fantástico ouvir as opiniões das pessoas sobre edição digital, especialmente porque é uma ferramenta nova que está a evoluir e é tão conveniente e fácil para os leitores. Tem uma enorme importância e o mercado não para de se expandir... — divago.

— É verdade, é verdade. E no dia de hoje ajudámos a Vance Publishing a crescer um pouco mais. Imagina o número de clientes que vamos conseguir quando otimizarmos completamente as nossas ofertas — concorda ele.

— Bom, vocês os dois, já acabaram? — troça a Kimberly e dá o braço ao Christian. — Vamos mudar de roupa e atacar a cidade! Há muitos meses que não tínhamos um fim de semana com o apoio de uma *baby-sitter*. — Faz um beicinho na brincadeira.

Ele sorri-lhe. — Sim, chefe.

Fico contente por depois da morte da sua mulher o Sr. Vance — isto é, o *Christian* — ter tido uma segunda oportunidade para ser feliz. Olho para o Trevor e ele faz-me um pequeno sorriso.

— Preciso de uma bebida — diz a Kimberly.

— Eu também — diz o Christian. — Então, dentro de trinta minutos, encontramo-nos todos na entrada do hotel e o motorista apanha-nos à porta. São meus convidados para o jantar!

Quando volto ao meu quarto, ligo o aparelho de ondular o cabelo, para retocar o meu penteado. Aplico uma sombra escura nas pálpebras e olho-me ao espelho. A sombra parece muito pesada em relação ao

que costumo usar, mas não excessivamente. Delineio os olhos com lápis preto e acrescento um pouco de *blush* às minhas bochechas, antes de arranjar o cabelo. O vestido azul-escuro que usei esta manhã assenta-me muito melhor agora, com esta maquilhagem mais carregada e o cabelo com mais volume. Gostava que o Hardin...

Não, não gostava. Não gostava, repito intimamente e enfio os meus pés nos sapatos pretos de salto alto. Antes de sair do quarto, pego no meu telemóvel e na carteira e vou ter com os meus amigos... *será* que são meus amigos?

Não sei, mas sinto que a Kimberly é minha amiga e o Trevor é muito atencioso comigo. O Christian é o meu chefe, por isso é uma relação diferente.

No elevador, mando uma mensagem ao Landon para lhe dizer que me estou a divertir muito em Seattle. Tenho saudades dele e espero que a nossa amizade se mantenha mesmo depois de eu e o Hardin termos acabado.

Quando saio do elevador, vislumbro o cabelo preto do Trevor perto da entrada. Com umas calças pretas formais e um casaco de malha bege, relembra-me um pouco o Noah. Fico uns momentos a admirar o seu bonito aspeto antes de revelar a minha presença. Quando me vê, abre muito os olhos e faz um ruído entre uma tossidela e um gritinho. Não consigo reprimir um risinho quando ele cora.

— Estás... estás linda — afirma.

Sorrio e respondo: — Obrigada. Tu também não estás nada mal.

As suas bochechas enrubescem ainda mais. — Obrigado — murmura. É estranho vê-lo assim tão atrapalhado. É geralmente tão calmo e contido.

— Aqui estão eles! — ouço a Kimberly chamar.

— Uau, Kim! — exclamo e agito a mão em frente à minha cara, como que a dissipar uma ilusão. Ela está deslumbrante com um vestido vermelho de ombros descobertos e preso ao pescoço e que apenas chega a meio das coxas. Tem o cabelo louro preso, dando-lhe um ar *sexy* mas simultaneamente elegante.

— Está-me a parecer que vamos passar a noite a pôr os homens na ordem — diz o Christian ao Trevor e ambos se riem enquanto nos acompanham até à saída do hotel.

Seguindo as instruções do Christian, o motorista leva-nos a um restaurante muito agradável, especializado em peixe, onde como um salmão delicioso e pastéis de caranguejo, enquanto o Christian nos conta inúmeras histórias hilariantes dos tempos em que trabalhava como editor em Nova Iorque. Divertimo-nos imenso, e o Trevor e a Kimberly provocam-no um pouco, aproveitando o seu extraordinário sentido de humor.

Depois do jantar, o carro leva-nos a um edifício de três andares todo envidraçado, que fica a pouca distância do restaurante. Através dos vidros, vislumbro centenas de *flashes* a iluminarem pessoas a dançarem, criando uma mistura fascinante de luzes e sombras entre braços, pernas e corpos. Não se afasta muito da ideia que eu tinha do que seria uma discoteca, embora muito maior e com muito mais gente.

Ao sairmos do carro, a Kimberly agarra no meu braço. — Amanhã vamos a um sítio mais tranquilo; há umas pessoas da conferência que queriam cá vir, por isso, aqui estamos nós! — Ri-se.

O homem enorme que está à porta tem uma lista de convidados na mão e está evidentemente a controlar o acesso ao interior. Uma fila de notívagos, que esperam a sua vez para se irem divertir, enche completamente o passeio e alonga-se até à esquina da rua.

— Vamos ter de esperar muito? — pergunto ao Trevor.

— Claro que não. — Dá uma pequena gargalhada. — O senhor Vance não espera.

Percebo rapidamente o significado das suas palavras quando o Christian sussurra qualquer coisa ao segurança e o homem enorme afasta imediatamente o cordão para que entremos. Sinto-me ligeiramente aturdida, com a música a bombar e as luzes a dançarem pelo espaço repleto de fumos.

Seguramente, nunca irei entender porque é que as pessoas pagam para arranjar uma dor de cabeça e inalar fumo sintético enquanto se roçam com desconhecidos.

Uma mulher com um vestido curto guia-nos pelas escadas acima até um pequeno compartimento com cortinas finas a fazer de paredes. No interior, existem dois sofás e uma mesa.

— Esta é uma área VIP, Tessa — diz-me a Kimberly quando eu olho em redor com curiosidade.

— Ah — respondo simplesmente e sigo-a quando ela se vai sentar num dos sofás.

— O que é que costumas beber? — pergunta-me o Trevor.

— Ah, eu não costumo beber — respondo.

— Eu também não. Bom, eu gosto de vinho, mas não tenho o hábito de beber.

— Ah, nem pensar, hoje tu vais beber, Tessa. Estás a precisar de uma bebida! — declara a Kimberly em voz bem alta.

— Eu... — começo a dizer.

— Para ela, um *Sex on the Beach,* e outro para mim — diz ela à mulher.

A empregada acena com a cabeça e o Christian pede uma bebida que desconheço e o Trevor opta por um copo de vinho tinto. Ainda ninguém me perguntou se eu já tenho idade legal para beber. Talvez pareça mais velha do que sou ou talvez o Christian seja suficientemente conhecido aqui para que ninguém queira incomodar os seus acompanhantes colocando essa questão.

Não faço a mínima ideia do que é um *Sex on the Beach*, mas prefiro não revelar a minha ignorância. A empregada regressa e entrega-me um copo alto com um pedaço de ananás no rebordo e um chapéu de chuva cor-de-rosa espetado no topo. Agradeço-lhe e sorvo imediatamente pela palhinha. É mesmo muito bom, inicialmente doce, mas, quando engulo, tem um ligeiro toque amargo.

— É bom? — pergunta-me a Kim; eu assinto com a cabeça e volto a beber, agora com sofreguidão.

14

HARDIN

— Anda lá, Hardin. Mais um — diz a Molly ao meu ouvido.

Ainda não decidi se me quero embebedar. Já bebi três *shots* e sei que se beber mais um *vou ficar* bêbedo. Por um lado, atrai-me a ideia de apanhar uma grande piela e esquecer tudo; mas, por outro lado, preciso de manter a clareza de pensamentos.

— Queres ir-te embora daqui? — pergunta-me a Molly, enrolando as palavras.

A Molly cheira a erva e a uísque. Uma parte de mim deseja levá-la para a casa de banho e comê-la, só porque posso. Só porque a Tessa está em Seattle com o filho da mãe do Trevor e eu estou a três horas de distância, sentado num sofá, meio embriagado.

— Vá lá, Hardin, sabes bem que eu posso fazer-te esquecê-la — diz e senta-se ao meu colo com uma perna para cada lado.

— O quê? — pergunto quando ela põe os braços em redor do meu pescoço.

— A Tessa. Deixa-me fazer com que te esqueças dela. Podes foder-me até já não seres capaz de te lembrar do *nome* dela. — Sinto o seu hálito quente no meu pescoço e afasto-me.

— Sai daqui — digo.

— Que merda, Hardin... — resmunga, obviamente com o *ego* ferido.

— Não te desejo — digo com aspereza.

— Desde quando? *De todas as outras vezes*, não tiveste nenhum problema em foder comigo.

— Desde que... — começo a dizer.

— Sim, desde *o quê*? — Ela salta do sofá, agitando violentamente os braços. — Desde que conheceste aquela *cabra presumida*?

Tenho de ter bem presente que a Molly é uma mulher — e não aquele ser demoníaco que parece ser — antes de fazer alguma asneira. — Não fales dela assim. — Levanto-me.

— É a verdade, e agora olha para ti. Pareces um cão escorraçado à

procura do dono, à procura de uma qualquer Virgem Maria transformada em pega que obviamente não quer nada de ti! — grita, a rir ou a chorar. Com a Molly, é impossível distinguirmos o que é rir e o que é chorar.

Cerro os punhos quando o Jace e o Zed se aproximam dela. A Molly põe uma mão no ombro do Jace. — Digam-lhe! Digam-lhe que ele está insuportável desde que nós o desmascarámos à frente dela.

— Nós não. *Tu* — corrige-a o Zed.

Ela fita-o. — É a mesma coisa — responde e ele revira os olhos.

— O que é que se passa? — pergunta o Jace.

— Nada — respondo por ela. — Está lixada por eu não a querer comer.

— Não é nada disso. Estou é fula porque tu és um cretino. Ninguém te quer por perto. Foi por isso que o Jace me disse para lhe contar tudo.

De repente, fica tudo negro à minha volta. — Ele o quê? — resmungo entre dentes. Sabia que o Jace era um crápula, mas estava completamente convencido de que foram os ciúmes da Molly que a levaram a revelar tudo à Tessa naqueles termos.

— Pois, ele disse-me para lhe contar. Ele planeou tudo: eu contava-lhe à tua frente quando ela tivesse bebido uns copos e depois ele ia atrás dela e reconfortava-a, enquanto tu estivesses a chorar como um bebé. — Ela ri-se. — O que é que tu disseste, Jace? Que ias «dar-lhe uma grande foda»? — diz a Molly, imitando umas aspas com as suas garras.

Dou um passo na direção do Jace.

— Ei, foi na brincadeira, puto — começa a dizer.

Se não me engano, um sorriso malicioso aflora os lábios do Zed no momento em que o meu punho embate no queixo do Jace.

Não sinto nada nos nós dos dedos enquanto esmurro repetidamente a cara do Jace; a raiva apoderou-se de mim quando salto para cima dele para prosseguir com o meu ataque. Surgem na minha mente imagens do Jace a tocar na Tessa, a beijá-la, a despi-la, impelindo-me a bater-lhe ainda com mais força. O sangue na sua cara incita-me a continuar, faz-me ter vontade de o magoar até ao fim das minhas forças.

Os óculos de aros pretos do Jace estão partidos, no chão, junto à sua cara ensanguentada, quando umas mãos possantes me afastam dele.

— Vá lá, puto! Vais matá-lo se não paras com isso! — grita o Logan

junto à minha cara, trazendo-me de volta à realidade.

— Se algum de vocês tem alguma coisa para me dizer, que diga já! — grito às pessoas daquele grupo que outrora considerei meus amigos, ou o mais próximo que tive de tal.

Todos se mantêm em silêncio, mesmo a Molly.

— Estou a falar a sério! Se alguém disser uma só palavra sobre ela, não hesito em acabar com cada um ou com vocês todos! — Olho uma vez mais para o Jace, que se tenta levantar, e saio do apartamento do Zed para a noite fria da rua.

15

TESSA

— Isto sabe mesmo bem! — quase grito para a Kimberly quando sorvo o pouco que resta do meu *cocktail* de frutas. Avidamente, movo a palhinha por entre o gelo, para conseguir chegar ao que resta da bebida.

Ela faz um sorriso radioso. — Queres mais uma? — Tem os olhos um pouco vermelhos, mas mantém a compostura, enquanto eu me sinto alegre e solta.

Bêbeda. É a palavra que me define.

Assinto com a cabeça, desejosa, e dou por mim a matraquear com a ponta dos dedos nos meus joelhos, a acompanhar a música.

— Estás bem? — pergunta o Trevor a rir, quando repara no meu comportamento.

— Sim. Na verdade, estou mesmo muito bem — grito mais alto do que a música.

— Devíamos ir dançar — diz a Kimberly.

— Eu não danço! Bom, não é «não danço», mas sim «não sei dançar» este género de música! — Nunca dancei da maneira como as pessoas o estão a fazer nesta discoteca e, numa situação normal, sentir-me-ia aterrorizada com a perspetiva de me juntar a eles. Mas o álcool a percorrer as minhas veias dá-me uma coragem como nunca antes senti. — Que se lixe! Vamos lá dançar! — exclamo.

A Kimberly sorri e dá um beijo na boca ao Christian, mais prolongado do que o habitual. Depois levanta-se num abrir e fechar de olhos e tira-me do sofá, arrastando-me até à pista de dança a abarrotar de gente. Ao passar pelo gradeamento do corredor, olho para baixo e vejo dois andares inferiores repletos de pessoas a dançar. Parecem todos perdidos no seu próprio mundo, o que me faz sentir simultaneamente intimidada e intrigada.

Claro que a Kimberly dança com perícia e eu fecho os olhos e tento que a música tome conta do meu corpo. Sinto-me desajeitada, mas quero entrar no ritmo; não tenho outra alternativa.

Depois de dançar inúmeras músicas e de mais duas bebidas, a sala começa a andar à roda. Pedindo desculpa, vou à casa de banho, pegando, pelo caminho, na minha carteira e furando por entre uma imensidão de corpos suados. Sinto o meu telemóvel a vibrar dento da minha carteira e pego nele. É a minha mãe; nem pensar em atender — neste momento estou demasiado embriagada para poder falar com ela. Enquanto estou na fila para a casa de banho, pesquiso, sem pensar, a caixa de mensagens e franzo o sobrolho ao constatar que o Hardin não me mandou nenhuma mensagem.

E se eu lhe telefonasse para saber o que está a fazer?

Não. Não posso fazer isso. Seria uma irresponsabilidade de que eu amanhã me arrependeria.

As luzes a tremelicarem nas paredes começam a pôr-me tonta enquanto espero na fila. Tento concentrar-me no ecrã do meu telemóvel, à espera que aquela sensação se desvaneça. Quando, por fim, a porta de um dos compartimentos se abre, entro rapidamente e inclino-me sobre a retrete, à espera que o meu organismo decida se vou vomitar ou não. Odeio esta sensação. Se o Hardin estivesse aqui, trar-me-ia água e oferecer-se-ia para me agarrar e afastar o cabelo.

Não. Não, ele não o faria.

É melhor telefonar-lhe.

Concluo que não vou vomitar, saio do pequeno compartimento e vou para a área dos lavatórios. Pressiono vários botões do meu telemóvel, seguro-o entre o ombro e a bochecha e retiro uma toalha de papel do dispensador. Ponho-a debaixo da torneira para a molhar, mas, como a água não corre, agito a toalha em redor do sensor. Odeio estes lavatórios automáticos. O risco dos meus olhos borrou ligeiramente e eu estou irreconhecível. O meu cabelo está despenteado e os meus olhos injetados de sangue. Ao terceiro toque, desligo e pouso o meu telemóvel na borda do lavatório.

Mas por que raio é que ele não atende?, pergunto a mim própria e nesse momento o meu telemóvel começa a vibrar, quase caindo para dentro da água do lavatório, o que me dá vontade de rir. Inexplicavelmente, tudo isto tem muita graça.

O nome do Hardin surge no telemóvel e eu deslizo o meu dedo molhado pelo ecrã, para atender a chamada. — Harold? — digo ao

telemóvel.

Harold? Oh, meu Deus, bebi de mais.

O Hardin está com uma voz engraçada e parece estar sem fôlego. — Tessa? Está tudo bem? Ligaste-me?

Meu Deus, a sua voz é celestial.

— Não sei. Tens aí registada alguma chamada feita por mim? Porque, se está, é muito provável que tenha sido eu. — Rio-me com o que acabei de dizer.

O seu tom de voz altera-se. — Estiveste a beber?

— Se calhar — guincho e atiro a toalha de papel para o caixote do lixo.

Entram duas raparigas bêbedas e uma delas tropeça nos seus próprios pés, fazendo com que toda a gente se desate a rir. Entram a cambalear no compartimento maior e eu volto a concentrar-me no meu telemóvel.

— Onde é que estás? — pergunta o Hardin, num tom severo.

— Ei, tem calma, OK? — Ele está sempre a dizer para eu me acalmar, por isso agora é a minha vez.

Ele suspira. — Tessa...

Percebo que ele está zangado, mas a minha cabeça está demasiado enevoada para dar importância a esse facto.

— Quanto é que bebeste? — pergunta.

— Não sei... uns cinco. Ou seis. Acho — respondo e encosto-me à parede. É agradável sentir, através do tecido fino do meu vestido, os azulejos frios na minha pele suada.

— Cinco ou seis quê?

— *Sexes on the Beaches*... *nós* nunca fizemos sexo na praia... Devia ter sido divertido — digo com um sorriso cínico. Quem me dera poder ver neste momento a sua cara estúpida. Estúpida não... *bonita*. Mas, neste momento, acho que lhe assenta melhor o qualificativo de estúpida.

— Oh, meu Deus, estás completamente *com os copos* — diz. Imagino-o já a passar os dedos pelo cabelo. — Onde é que estás? — pergunta outra vez.

Sei que é infantil, mas respondo: — Num sítio onde tu não estás.

— É evidente. Agora diz-me. Estás numa discoteca? — pergunta, num tom zangado.

— Aaah... alguém está muito rabugento — rio-me.

É evidente que ele está a ouvir a música em fundo e quando ele ameaça: — Posso saber muito facilmente onde tu estás — até acredito nele. Mas estou-me borrifando para isso.

As palavras saem descontroladamente da minha boca: — Porque é que não me telefonaste hoje?

— O quê?

— Nem te deste ao trabalho de me telefonar hoje. — Estou a ser patética.

— Achei que não querias que eu telefonasse.

— E não quero, mas mesmo assim...

— Bom, telefono-te amanhã — diz calmamente.

— Não desligues ainda.

— Não vou desligar... Só estava a dizer que te vou telefonar amanhã, mesmo que não atendas — explica e o meu coração fica aos saltos.

Tento mostrar-me indiferente. — Está bem. — *O que é que eu estou a fazer?*

— E então, podes-me dizer onde é que estás?

— Não.

— O Trevor está aí? — pergunta num tom sério.

— Sim, mas a Kim também está... e o Christian — defendo-me, sem saber porquê.

— Então, era esse o plano? Levar-te à conferência e embebedar-te na merda de uma discoteca? — Ele ergue a voz. — Tens de voltar para o teu hotel. Não estás acostumada a beber e agora não estás em ti e o Trevor...

Desligo antes de ele acabar de falar. Quem é que ele pensa que é? Já tem muita sorte por eu lhe ter telefonado, bêbeda ou não. Que desmancha-prazeres!

Preciso de outra bebida.

O meu telemóvel vibra sem cessar, mas, de todas as vezes, pressiono o botão «ignorar». *É para aprenderes, Hardin.*

Encontro o caminho que me leva à nossa zona VIP e peço outra bebida à empregada.

— Estás bem? — pergunta a Kimberly. — Estás com um ar chateado.

— Sim, estou bem! — minto e emborco a minha bebida mal a

empregada ma entrega. O Hardin é um estúpido, é por culpa dele que não estamos juntos e ainda tem a lata de me gritar quando eu lhe telefono? Ele bem que podia estar aqui agora, se não tivesse agido daquela maneira. Mas, em contrapartida, o Trevor está. O Trevor é muito querido e muito giro.

— O que foi? — O Trevor sorri-me quando me apanha a observá-lo.

Rio-me e desvio o olhar. — Nada.

Depois de outra bebida, que consumo enquanto falamos sobre o dia fantástico que nos espera amanhã, volto a levantar-me. — Vou dançar outra vez! — informo-os.

O Trevor prepara-se para dizer qualquer coisa, talvez queira oferecer-se para me acompanhar, mas cora e não diz nada. A Kimberly está com ar cansado e acena-me para eu ir sozinha, mas eu não me importo nada. Consigo chegar ao meio da pista e começo a dançar. Talvez esteja a ser ridícula, mas estou a gostar da música e de esquecer tudo o resto, tal como ter telefonado alcoolizada ao Hardin.

A meio da primeira música, sinto uma figura alta atrás de mim, perto de mim. Viro-me e deparo-me com um rapaz bem giro, com calças de ganga escuras e uma camisa branca. Tem o cabelo castanho quase rapado e um sorriso maravilhoso. Não é o Hardin, mas ninguém é comparável ao Hardin.

Para de pensar nele, ordeno intimamente, quando o rapaz põe as mãos nas minhas ancas e pergunta ao meu ouvido: — Posso dançar contigo?

— Hum... claro — respondo. Mas na verdade é o álcool a falar por mim.

— És muito gira — afirma e roda o meu corpo, de modo a eu ficar de costas para ele. Começa a dançar encostado a mim, roçando-se nas minhas costas e eu fecho os olhos, imaginando-me ser outra pessoa. Uma mulher que dança com desconhecidos numa discoteca.

A segunda música tem um ritmo mais pausado, mais sensual, e as minhas ancas movem-se mais lentamente. Colocamo-nos frente a frente e ele leva a minha mão à sua boca e toca com os lábios na minha pele. Os seus olhos encontram os meus e a seguir só sei que ele tem a língua na minha boca. O meu coração ordena-me que o afaste, quase com vómitos ao sentir o seu sabor desconhecido. Mas o meu cérebro, o meu

cérebro discorda: *Beija-o para esqueceres o Hardin. Beija-o*.

Assim, ignoro a sensação de enjoo. Fecho os olhos e movo a minha língua com a dele. Beijei mais rapazes nos últimos três meses, desde que sou aluna universitária, do que em toda a minha vida. As mãos desconhecidas movem-se para as minhas costas e começam a descer por elas.

— Queres vir até minha casa? — pergunta, quando separamos as nossas bocas.

— O quê? — Ouvi o que disse, mas há algo em mim que acredita que a minha pergunta pode anular a sua proposta.

— A minha casa, vamos lá — murmura.

— Oh... Não acho que seja boa ideia.

— Oh, é uma boa ideia, sim. — Ri-se. As luzes multicolores ondulam pela sua cara, dando-lhe um ar estranho e muito mais intimidante do que antes.

— O que é que te fez pensar que eu ia para tua casa? Nem sequer te conheço! — grito mais alto do que a música.

— Porque te estás a fazer a mim e eu estou a gostar, miúda depravada — diz, como se as suas palavras fossem óbvias e não ofensivas.

Tenho vontade de lhe gritar ou de lhe dar uma joelhada entre as pernas, mas tento acalmar-me por uns momentos e pensar lucidamente. Acabei de me roçar neste tipo e de o beijar. *É evidente* que ele vai querer mais. O que é que se está a passar comigo? Estive a curtir com um desconhecido, numa discoteca — esta não sou eu.

— Desculpa, mas não — digo e vou-me embora.

Quando regresso para junto do meu grupo, o Trevor está com ar de quem vai adormecer a qualquer instante no sofá. Não posso deixar de sorrir perante a sua «adorabilidade».

Esta palavra existe? Meu Deus, bebi de mais.

Sento-me e tiro uma garrafa de água do balde de gelo que está em cima da mesa.

— Divertiste-te? — pergunta-me a Kimberly e eu assinto com a cabeça.

— Sim, gostei imenso — respondo, apesar do que acabou de acontecer.

— Achas que já podemos ir embora, querida? Temos de nos levantar

cedo — diz o Christian à Kim.

— Sim. Vou quando tu quiseres. — Ela faz-lhe uma carícia na perna. Desvio o olhar e sinto o meu rosto a corar.

Dou um pequeno safanão ao Trevor. — Vens connosco ou ficas aqui a dormir? — pergunto para o provocar.

Ele ri-se e endireita-se. — Ainda não decidi. Este sofá é confortável. A música é tão apaziguante...

O Christian liga ao motorista, que responde que estará à porta dentro de poucos minutos. Levantamo-nos e decidimos descer a escadaria em espiral num dos cantos da discoteca. No bar do primeiro andar, a Kimberly pede uma última bebida e eu pondero se devo beber enquanto esperamos, mas admito que já bebi o suficiente. Se beber mais, posso ficar inconsciente ou vomitar. Não quero que nenhuma destas hipóteses aconteça.

O Christian recebe uma mensagem e saímos. Agrada-me o ar frio na minha pele suada e felizmente só corre uma ligeira brisa.

Chegamos ao hotel quase às três da manhã. Estou embriagada e esfomeada. Depois de atacar o minifrigorífico e de comer quase todo o seu conteúdo, cambaleio até à cama e deixo-me tombar nela sem sequer descalçar os sapatos.

16

TESSA

— Pouco barulho! — reclamo quando um ruído detestável me retira da minha letargia alcoólica. Demoro uns segundos a perceber que não é a minha mãe a gritar-me por uma razão qualquer, mas antes alguém a bater com toda a força à minha porta.

— Calma, estou a ir! — grito e arrasto-me até à porta.

Repentinamente paro e olho para o relógio da secretária: são quase quatro da manhã. *Mas que diabo, quem será?*

Mesmo no meu estado embriagado, sou assaltada por pensamentos aterrorizadores. E se é o Hardin? Já passaram mais de três horas desde que, completamente com os copos, lhe liguei. Mas como é que ele me encontraria? O que é que lhe vou dizer? Não estou preparada para isto.

Quando as pancadas recomeçam, afasto todos estes pensamentos e abro a porta, preparada para o pior.

Mas é apenas o Trevor. O desapontamento provoca-me um aperto no coração e esfrego os olhos: sinto-me tão bêbeda como me sentia quando me estendi na cama.

— Desculpa por te acordar, mas será que tens o meu telemóvel? — pergunta.

— Hã? — digo e recuo, afastando-me para o deixar entrar no quarto. Quando a porta se fecha, mergulhamos numa relativa escuridão, apenas iluminados pelas luzes da cidade que entram pela janela. Mas eu estou demasiado embriagada para encontrar o interruptor da luz.

— Acho que trocámos os telemóveis. Tenho o teu e acho que, por engano, ficaste com o meu. — Estende a mão aberta, mostrando-me o telemóvel. — Ia esperar pela manhã, mas o teu não para de tocar e tocar.

— Ah! — É tudo o que eu digo; vou buscar a minha carteira e abro-a. É mesmo, o telemóvel do Trevor está em cima do meu porta-moedas.

— Desculpa... devo ter pegado no teu no carro — justifico-me e entrego-lho.

— Tudo bem. Não te queria acordar. És a única rapariga que é tão bonita ao acordar como...

Um ruidoso bater na porta interrompe-o e fico furiosa com este barulho repentino.

— *Mas que diabo se passa aqui?* Há uma festa no quarto da Tessa? — grito e caminho determinada até à porta, preparada para reclamar com um qualquer empregado do hotel que tenha aparecido para me repreender pelo barulho, fazendo, ironicamente, ainda mais barulho.

Quando estou a chegar, o barulho aumenta de intensidade e fico petrificada. E então ouço: — Tessa! Abre a porra da porta! — A voz do Hardin estrondeia pelo ar como se não houvesse nenhuma barreira entre nós. Uma luz acende-se atrás de mim e eu noto que a cara do Trevor está lívida de terror.

A reação do Hardin ao encontrá-lo no meu quarto não vai ser nada boa, mesmo tendo em conta que não aconteceu nada.

— Esconde-te na casa de banho — digo e o Trevor arregala os olhos.

— O quê? Não me vou esconder na casa de banho! — exclama e eu tomo consciência do absurdo da minha proposta.

— *Abre a merda da porta!* — volta a gritar o Hardin e começa a pontapeá-la. Repetidamente.

Olho de novo para o Trevor, tentando guardar na memória a sua cara bonita antes de ser mutilada pelo Hardin.

— Estou a ir! — grito e entreabro a porta deparando-me com um Hardin a esfumar de raiva, todo vestido de preto. Os meus olhos alcoolizados vagueiam e reparo que, em lugar das suas pesadas botas, está com uns ténis pretos *Converse*. É a primeira vez que o vejo com outro calçado que não as suas botas. Gosto destes novos sapatos...

Mas estou a abstrair-me do essencial.

O Hardin abre a porta com um empurrão, entra de rompante e passa por mim, avançando na direção do Trevor. Felizmente, agarro-o pela *T-shirt* e consigo detê-lo.

— Achas que a podes embebedar e vir comê-la ao quarto do hotel? — grita-lhe o Hardin e tenta avançar. Sei que ele não está a esforçar-se ao máximo porque se assim fosse eu já estaria de certeza no chão e não a segurá-lo pela *T-shirt* fina. — Do lado de fora, vi uma luz a acender-se. O que é que vocês os dois estavam a fazer aqui às escuras?

— Eu não estava... eu — começa a dizer o Trevor.

— Hardin, para com isso! Não podes andar por aí a bater nas pessoas! — grito e puxo-o pela *T-shirt*.

— Posso... claro que posso! — rosna.

— Trevor — digo. — Volta para o teu quarto para eu tentar conversar com ele e chamá-lo à razão. Desculpa o comportamento tresloucado dele.

O Trevor fica com vontade de rir com as minhas palavras, mas basta um olhar do Hardin para o silenciar.

Quando o Trevor sai do quarto, o Hardin vira-se para mim: — «Comportamento tresloucado»?

— Sim, tresloucado! Não podes aparecer aqui sem mais nem menos e invadires o meu quarto e tentares bater no meu amigo.

— Ele não devia estar aqui. Porque é que ele estava aqui? Porque é que ainda estás vestida? E, porra, onde é que arranjaste esse vestido? — pergunta, contemplando o meu corpo.

Ignoro o calor que sinto na barriga e foco-me na minha indignação.

— Ele veio buscar o telemóvel dele, que eu trouxe por engano. E... não me consigo lembrar de mais nenhuma das perguntas que acabaste de me fazer — admito.

— Bom, se calhar não devias ter bebido tanto.

— Eu bebo o que quiser, quanto, como e quando quiser. Obrigada.

Ele revira os olhos. — Quando estás bêbeda, és irritante. — Deixa-se tombar no cadeirão de orelhas.

— E tu és irritante quando estás... *de qualquer maneira*. Quem te deu autorização para te sentares? — reclamo, cruzando os braços.

O Hardin fita-me com aqueles seus olhos verdes brilhantes. Meu Deus, como ele, neste momento, está tão apetecível. — Não posso acreditar que o Trevor estava no teu quarto.

— Não posso acreditar que *tu estás* no meu quarto — replico.

— Ele comeu-te?

— *O quê?* Como te *atreves* a perguntar-me isso? — grito.

— Responde à minha pergunta.

— Não, meu parvalhão. Claro que não.

— Mas iam fazê-lo?... Tu queres?

— Ah, meu Deus, Hardin! Tu és doentio! — Abano a cabeça e coloco-

me entre a janela e a cama.

— OK, então porque é que ainda estás vestida?

— Isto não faz sentido nenhum! — Reviro os olhos. — Além disso, não tens nada a ver com quem eu levo para a cama. Será que eu fui para a cama com ele; será que fui com outra pessoa qualquer? — Os cantos da minha boca ameaçam sorrir, mas esforço-me por manter uma expressão séria e digo calmamente: — Nunca o saberás.

As minhas palavras têm o efeito pretendido e a expressão do Hardin torna-se diabólica, animalesca. — O que é que acabaste de dizer? — rosna.

Ah, isto é muito mais divertido do que eu pensava. Gosto de estar bêbeda perto do Hardin porque digo coisas sem pensar — coisas verdadeiras — e parece que tem tudo muita graça.

— Ouviste o que eu disse... — digo e ponho-me em frente a ele. — Talvez eu tenha deixado o tipo da discoteca levar-me para a casa de banho. Talvez o Trevor me tenha levado para a cama dele — digo e olho com um ar despreocupado para trás, para a cama.

— Cala-te. Cala-te já, Tessa — avisa-me o Hardin.

Mas eu rio-me. Sinto-me poderosa, forte — e tenho vontade de lhe arrancar a *T-shirt*. — Qual é o problema, Hardin? Não gostas da ideia das mãos do Trevor a percorrerem o meu corpo? — Não sei se é pela raiva que sinto contra o Hardin, pelo álcool ou pelo facto de eu sentir falta dele, mas, irrefletidamente, sento-me ao seu colo, prendendo-o entre as minhas pernas. Possivelmente por ter sido apanhado completamente de surpresa, começa a tremer.

— O q-que é que... estás a fazer, Tessa?

— Diz lá, Hardin, gostas da ideia do Trev...

— Para com isso. Para de dizer isso — suplica e eu obedeço.

— Oh, anima-te, Hardin, sabes que eu não faria isso.

Ponho os meus braços à volta do seu pescoço. A nostalgia que me invade ao sentir-me nos seus braços quase que me corta a respiração.

— Estás bêbeda, Tessa — diz e tenta retirar os meus braços de cima dele.

— Então... eu desejo-te — digo, para surpresa de ambos.

Decido deixar de pensar, pelo menos lucidamente, e agarro duas madeixas do seu cabelo. Ah, como eu tinha saudades de o sentir entre

os meus dedos.

— Tessa... Não sabes o que estás a fazer. Estás bêbeda — diz.

Mas di-lo sem nenhuma convicção.

— Hardin... para de pensar tanto nisto. Não tens saudades minhas? — pergunto junto ao seu pescoço, chupando levemente a sua pele. As minhas hormonas dominam-me completamente e acho que nunca o desejei com tanta intensidade.

— Siiim... — sibila, quando eu chupo com mais força, estando ciente de que vou deixar uma marca no seu pescoço. — Não posso, Tess... por favor.

Mas eu recuso-me a parar e em vez disso balanço as ancas ao seu colo, fazendo-o gemer.

— Não... — sussurra e agarra as minhas ancas com as suas mãos enormes, sustendo os meus movimentos.

Fito-o, contrariada. — Tens duas opções: ou me fodes ou vais-te embora. Agora decide.

Mas que raio é que eu acabei de dizer?

— Se eu fizer isso contigo nesse... estado, amanhã vais-me odiar — diz e olha-me fixamente.

— Eu já te odeio — replico e ele estremece com as minhas palavras. — Um pouco — acrescento, com mais ternura do que eu queria.

Afrouxa a pressão nas minhas ancas, permitindo que eu me mexa. — Pelo menos, podemos primeiro falar sobre tudo isto?

— Não, para com essa tua atitude depressiva — resmungo e roço-me na perna dele.

— Não podemos fazer isto... não desta maneira.

Desde quando é que ele tem princípios morais? — Eu sei que tu me desejas, Hardin, eu estou a sentir o teu tesão — digo-lhe ao ouvido.

Não posso acreditar que estas palavras obscenas estão a sair dos meus lábios alcoolizados, mas a boca do Hardin está rosada e tem as pupilas dilatadas, escurecendo a cor dos seus olhos.

— Anda lá, Hardin... não me queres comer em cima desta mesa? Ou na cama? No lavatório? Há tantas possibilidades... — sussurro, mordiscando-lhe o lóbulo da orelha.

— Foda-se... OK — diz e agarra-me pelos cabelos, puxando a minha boca para junto da dele.

No momento em que os lábios do Hardin se juntam aos meus, o meu corpo começa a responder. Gemo na boca dele e ele deleita-me com um som igualmente ardente. Os meus dedos enfiam-se no seu cabelo, agarrando-o com firmeza, incapaz de me controlar ou de controlar o meu desejo por ele. Sei que se está a conter e isso põe-me louca. As minhas mãos descem do seu cabelo para a gola da sua *T-shirt*, agarrando o tecido e despindo-lha pela cabeça. No momento em que afastamos as bocas, o Hardin inclina-se ligeiramente para trás.

— Tessa... — suplica.

— Hardin — replico e passo a ponta dos dedos pelas tatuagens. Tinha saudades dos seus músculos a contraírem-se debaixo da pele, dos intricados remoinhos das suas tatuagens pretas que decoram o seu corpo perfeito.

— Não me posso aproveitar de ti — diz, mas em seguida geme quando eu percorro o seu lábio inferior com a minha língua.

— Cala-te — ordeno, com ironia.

Quando as minhas mãos se introduzem por dentro das suas calças e o afagam, sei que ele não consegue resistir, o que me agrada mais do que devia. Nunca pensei ter todo este controlo sobre o Hardin; é muito divertido termos trocado de papéis.

Está tão duro e excitado. Retiro a mão e procuro o fecho de correr.

17

HARDIN

Os meus pensamentos correm descontroladamente e eu sei que tudo isto é errado, mas não consigo evitar, eu quero-a, preciso dela. Anseio por ela. Quero possuí-la — e ela fez-me um ultimato, ou ir-me embora ou fodê-la, e se são essas as minhas opções, não me é possível ir-me embora. As palavras que profere não parecem dela, são tão estranhas...

Mas está tão apetecível.

As suas pequenas mãos descem para desabotoar e desapertar as minhas calças. Quando o cinto bate nos meus tornozelos, abano a cabeça. Falta-me lucidez. Não estou a pensar racionalmente. Estou como que embriagado, completamente perdido por esta mulher, habitualmente doce e agora selvagem, que eu amo mais do que tudo.

— Espera... — digo novamente, embora não queira que ela pare, mas a minha faceta mais correta obriga-me a lutar contra a tentação, para me poder desculpabilizar.

— Não... não espero! Já esperei tempo de mais. — A sua voz é suave e provocadora. Puxa-me os *boxers* para baixo e toma-me na sua mão.

— Foda-se, Tessa...

— É essa a ideia. Foder. Tessa.

Sou incapaz de a refrear. Nem que quisesse. Ela precisa disto, precisa de mim. E bêbeda ou não, sou suficientemente egoísta para continuar, se é a única coisa que ela quer de mim.

Ajoelha-se à minha frente, com a boca no meu membro. Olhamos um para o outro. Ela assemelha-se simultaneamente a um anjo e a um diabo, tão doce e tão depravada, a movimentar a língua em redor do meu membro.

Descansa um pouco, mantendo a minha pila ao lado da sua cara, e pergunta com um sorriso maroto. — Gostas assim?

Quase que me venho com as suas palavras. Assinto com a cabeça, incapaz de pronunciar o que quer que seja, e ela engole-me outra vez, esvazia as bochechas e chupa com mais força, introduzindo o meu

membro mais profundamente na sua doce boca. Eu não quero que ela pare, mas preciso de lhe tocar. De a sentir. — Para — suplico e, com suavidade, empurro o seu ombro, tentando afastá-la. Ela abana a cabeça e tortura-me, movendo a cabeça para cima e para baixo, a uma velocidade perigosa. — Tessa... por favor — gemo, mas sinto que ela se ri, uma profunda vibração que trepida por mim; felizmente, ela detém-se no momento em que eu estava quase a vir-me na sua garganta.

Ela sorri e limpa os lábios inchados com a palma da mão. — Sabes tão bem.

— De onde é que veio essa tua boca obscena? — pergunto-lhe ao mesmo tempo que ela se levanta.

— Não sei... sempre pensei nestas coisas. Só que nunca tive tomates para as dizer — diz e vai para junto da cama.

Dá-me vontade de rir ouvi-la dizer «tomates». Não é uma palavra que a Tessa use, mas esta noite ela é que controla e ela sabe-o bem. Noto como ela está a gostar de me ter nas suas mãos.

O vestido que está a usar é o suficiente para derrotar qualquer homem. Molda-se, com uma sensualidade única, a cada uma das suas curvas, às formas do seu corpo perfeito. Mas ela despe-o pela cabeça e atira-mo, de forma brincalhona. Quando a tomo nos meus braços, as veias dos meus olhos ficam literalmente prestes a rebentar. A renda branca do sutiã mal cobre todo o seu peito e as cuecas a combinar estão apanhadas de lado, revelando a pele macia entre a anca e os ossos púbicos. Ela adora que eu a beije nessa parte do corpo, embora eu saiba que se envergonha das linhas finas e quase transparentes da sua pele. Não percebo a razão; ela é perfeita para mim, com marcas e tudo.

— É a tua vez. — Ela sorri e bate com os sapatos na cama, antes de se deitar de costas, em cima do colchão.

Sonho com isto desde que ela me deixou. Pensei que este dia nunca iria chegar mas agora está a acontecer. Sei que devo aproveitar cada detalhe porque provavelmente este momento nunca mais se vai repetir.

Devo ter feito uma pausa demasiado longa, porque ela levanta a cabeça e olha para mim, erguendo as sobrancelhas. — Tenho de ser eu a começar? — provoca-me.

Meu Deus, ela está insaciável.

Em lugar de responder, junto-me a ela na cama. Sento-me ao lado

das suas pernas e ela tenta, com impaciência, despir as cuecas. Afasto as suas mãos e puxo-as para baixo.

— Tive tantas saudades tuas — digo, mas ela limita-se a agarrar no meu cabelo e empurra-me a cabeça para baixo, para onde está à espera que eu vá. Abano a cabeça mas desisto, pressionando os meus lábios contra ela. Ela geme e contorce-se com os movimentos da minha língua quando me concentro no seu botão mais sensível. Sei o prazer que isso lhe provoca. Lembro-me da primeira vez que lhe comecei a fazer isto e ela me perguntou: — O que estás a fazer?

A sua inocência excitava-me e continua a excitar-me.

— Oh, meu Deus, Hardin — geme.

Tinha saudades dos seus gemidos. Dantes comentava o quanto ela estava molhada, o quanto estava estimulada, mas hoje não consigo encontrar palavras. Estou demasiado inflamado com os seus ruídos e com as suas mãos a torcerem os lençóis, com o prazer que lhe proporciono. Enfio um dedo dentro dela e movo-o para dentro e para fora e ela geme de novo.

— Mais, Hardin, mais, por favor — suplica, e eu dou-lhe o que ela quer. Introduzo e movo dois dedos dentro dela, depois tiro-os e ofereço-lhe a minha língua. Sinto as suas pernas a ficarem tensas, como sempre acontece quando está quase a vir-se. Afasto a cabeça e introduzo de novo os meus dedos, movimentando-os rapidamente. Ela grita — grita literalmente o meu nome — quando se vem nos meus dedos. Observo-a com atenção, retendo todos os detalhes: os seus olhos a cerrarem-se, a sua boca a formar um «O» quase perfeito, o tom da pele do seu peito e do rosto a adquirirem uma tonalidade cor-de-rosa-clara quando atinge o orgasmo. Amo-a; porra, como eu a amo. Levo os dedos à boca depois de ela acabar. Sabe tão bem e é algo que eu espero guardar na minha memória quando ela me deixar outra vez.

Distraio-me com os movimentos ascendentes e descendentes do seu peito arquejante e os seus olhos abrem-se. Tem um sorriso estampado no seu belo rosto e eu também sorrio quando ela levanta e dobra um dedo em gancho para me mandar aproximar.

— Tens um preservativo? — pergunta, com malícia, quando me inclino sobre ela.

— Sim... — respondo. Uma expressão carrancuda ocupa agora o

lugar do seu anterior sorriso e eu espero que ela não comece a tirar ilações da minha resposta. — É só um hábito — admito, com sinceridade.

— É-me indiferente — murmura e procura as minhas calças no chão. Senta-se e pega nelas, remexendo nos bolsos até encontrar o que queria.

Agarro relutantemente no pacote prateado e fito-a. — Tens a certeza? — pergunto pela vigésima vez.

— Sim. E se voltas a perguntar, vou para o quarto do *Trevor* com o *teu* preservativo — rosna.

Olho para ela. Ela está impiedosa esta noite, mas não consigo aceitar vê-la com outra pessoa que não eu. Talvez porque isso me mataria. O meu coração começa a acelerar ao imaginá-la com aquele sósia do Noah, o meu sangue começa a ferver e o meu estado de espírito a alterar-se.

— Faz como quiseres, então. Ele vai ficar... — começa ela a dizer, mas eu interrompo-a tapando-lhe a boca com a mão.

— Não te atrevas a terminar o que ias dizer — rosno-lhe e sinto os seus lábios a esboçarem um sorriso debaixo da minha mão. Eu sei que isto não é saudável, a Tessa a atacar-me e eu a fodê-la estando ela embriagada, mas parece que nenhum de nós o pode evitar. Eu não consigo rejeitá-la quando sei que ela me quer e há uma hipótese... uma hipótese mínima, se ela valorizar o que criámos juntos, de me dar uma outra oportunidade. Tiro a mão da sua boca e abro a embalagem do preservativo. Mal acabo de o colocar, salta para cima do meu colo.

— Quero primeiro assim — insiste, agarrando no meu membro antes de baixar o corpo e o enfiar dentro de si. Dou um suspiro, um misto de derrota e de prazer, enquanto ela meneia as ancas contra as minhas. Ela move-se sozinha em círculos, num ritmo suave, e eu perco-me no fascínio e sensualidade da forma do seu corpo e na perfeição das curvas das suas ancas. Sei que não vou aguentar muito, estive privado deste prazer por demasiado tempo. Nos últimos tempos, tenho-me reconfortado a sós, fantasiando que estou na sua companhia.

— Fala comigo, Hardin, fala comigo como costumavas fazer — murmura e enrola os braços à volta do meu pescoço, puxando-me para mais perto dela. Detesto que ela diga «como costumavas fazer», como se

tivesse sido há muito tempo.

Ergo ligeiramente o corpo para corresponder aos seus movimentos e levar a minha boca à sua orelha. — Gostas que eu diga coisas obscenas, não gostas? — Suspiro e ela geme. — Responde-me — ordeno e ela acena a cabeça, concordando. — Eu sabia que gostavas. Finges ser inocente, mas eu já te conheço. — Mordisco-lhe o pescoço. Perdi o autocontrolo e chupo-lhe a pele com mais força, para lhe deixar uma marca. Para o maldito do Trevor ver. Para toda a gente ver.

— Sabes que eu sou o único que te consegue fazer sentir assim... sabes que ninguém te consegue fazer gritar da forma como eu consigo... mais ninguém conhece exatamente os pontos onde te tocar — digo-lhe e acaricio-a no ponto onde os nossos corpos se juntam. Ela está muito molhada, e os meus olhos deslizam facilmente por aquela humidade.

— Oh, meu Deus... — ronrona.

— Diz, Tessa, diz que eu sou o único. — Acaricio o seu clítoris em círculos cada vez mais pequenos, movo as minhas ancas para me introduzir mais profundamente nela, enquanto ela se continua a mover.

— Tu és... — Revira os olhos. Está tão perdida na sua paixão por mim e eu estou a acompanhá-la.

— Eu o *quê*?

Eu preciso de a ouvir a dizer, mesmo que esteja a mentir. O meu desespero assusta-me. Agarro nas suas ancas e mudo de posição, pondo-me em cima dela, e ela grita quando eu a penetro com mais força. Os meus dedos cravam-se nas suas ancas. Eu preciso que ela me sinta, me sinta todo, preciso que ela ame a maneira como eu a possuo. Ela é minha e eu sou dela. A sua pele suave reluz com suor e ela está absolutamente apetecível. O seu peito move-se ritmicamente com os meus impulsos e revira os olhos.

— Tu és o único... Hardin... o único — afirma e eu contemplo-a a mordiscar o lábio. Observo-a a vir-se completamente perdida debaixo de mim... e é lindo. É fantástico ver a forma como se deixa ir quando se vem. As suas palavras são tudo o que eu preciso para encontrar o meu próprio conforto e ela arranha-me as costas com as unhas. Agrada-me a dor que sinto e a paixão que se estabeleceu entre nós. Ergo o corpo, trazendo-a comigo, pousando-a no meu colo para que possa voltar à anterior posição. Abraço-a e a sua cabeça cai sobre o meu ombro

quando eu ergo ligeiramente as ancas. A minha pila move-se para dentro e para fora dela num ritmo constante e eu derramo-me para dentro do preservativo, gemendo o seu nome.

Encosto-me para trás, mantendo-me abraçado a ela; suspira quando eu passo os meus dedos pela sua testa, afastando para o lado o seu suave cabelo molhado. Está a arfar e eu sinto-me reconfortado.

— Amo-te — digo-lhe e tento olhar para ela, mas ela vira a cabeça e, com firmeza, põe um dedo junto aos meus lábios.

— Shhh...

— Eu não posso shhh... — digo suavemente, tirando-a de cima de mim. — Precisamos de falar sobre isto.

— Dorme... daqui a três horas... dorme... — murmura e põe um braço em redor da minha cintura.

O seu abraço é ainda melhor do que o sexo que acabámos de fazer e estou emocionado com a ideia de dormirmos na mesma cama; já passou demasiado tempo. — Está bem — aceito e beijo-lhe a testa.

Ela retrai-se ligeiramente, mas eu sei que está demasiado exausta para entrar em confronto comigo.

— Eu amo-te — digo-lhe novamente, mas quando ela não responde tranquilizo-me, acreditando que ela já adormeceu.

Em apenas uma noite, a nossa relação, ou o que quer que isto seja, sofreu uma completa reviravolta. Tornei-me, de súbito, tudo o que temia ser, e ela domina-me completamente. Ela tem o poder de fazer de mim o homem mais feliz da Terra, mas também de me esmagar com uma simples palavra.

18

TESSA

A música do alarme do meu telemóvel interrompe-me o sono e quando acordo parece que vejo um pinguim a dançar.

Mas esta fantasia agradável não dura muito. Desperto um pouco e a minha cabeça começa imediatamente a latejar. Tento sentar-me, mas sou puxada para baixo por algo... por alguém.

Oh, não. As memórias de ter estado a dançar com um tipo assustador inundam-me a mente. Em pânico, abro os olhos num repente... para me deparar, em vez disso, com a familiar pele tatuada do Hardin esparramada em cima de mim. Com a sua cabeça na minha barriga e abraçado a mim.

Oh, meu Deus, que diabo?

Tento afastar o Hardin, sem o acordar, mas ele resmunga e abre lentamente os olhos. Volta a fechá-los e sai de cima de mim, desenlaçando as nossas pernas. Salto da cama e ele abre novamente os olhos, mas permanece calado, observando-me como se eu fosse um qualquer animal predador. A imagem do Hardin a penetrar-me incansavelmente e eu a chamar o seu nome atravessa-me os meus pensamentos. *O que é que me deu na cabeça?*

Quero falar, mas, com toda a franqueza, não sei o que dizer. Estou aterrorizada e em completa derrocada. Como se estivesse a perceber o meu conflito pessoal, ele sai da cama, com o lençol enrolado em torno do corpo nu. Oh, meu Deus. Senta-se na cadeira e olha para mim, e eu reparo que estou vestida apenas com o sutiã. Fecho instintivamente as pernas e volto a sentar-me na cama.

— Diz qualquer coisa — pede.

— Eu... eu não sei o que dizer — admito. Não acredito que isto me esteja a acontecer. Não acredito que o Hardin esteja aqui, na minha cama, nu.

— Desculpa — diz e deixa tombar a cabeça nas mãos.

A minha cabeça parece que vai estourar com o excesso de álcool que

consumi apenas há algumas horas e com o facto de ter passado a noite com o Hardin.

— Espero bem que estejas arrependido — murmuro.

Ele puxa os cabelos. — Ligaste-me.

— Não te disse para vires cá — retruco. Ainda não sei como lidar com isto. Não sei se me apetece discutir com ele, expulsá-lo daqui ou tentar resolver isto de um modo adulto.

Levanto-me e vou à casa de banho, com a sua voz a acompanhar-me no caminho. — Estavas bêbeda e eu pensei que podias estar com problemas ou isso, e o Trevor estava aqui.

Abro a água do duche e olho-me ao espelho. Tenho um intenso chupão vermelho no pescoço. Que merda. Ao passar os dedos na marca sensível, relembro a língua do Hardin na minha pele. Ainda devo estar um pouco embriagada, porque não estou a pensar com lucidez. Pensei que tinha seguido em frente, mas aqui está o meu quebra-corações no meu quarto e aqui estou eu com um chupão enorme no pescoço, como se fosse uma adolescente.

— Tessa? — diz e entra na casa de banho enquanto eu estou a ir para debaixo da água quente. Permaneço em silêncio enquanto a água escaldante limpa os meus pecados. — Tu estás... — A sua voz falha. — Estás chateada com o que aconteceu esta noite?

Porque é que ele está tão estranho? Estava à espera de um sorriso irónico e arrogante e de pelo menos cinco «não precisas de agradecer» no segundo em que os seus olhos se abrissem.

— Eu... eu não sei. Não, não me sinto bem com tudo isto — digo-lhe.

— Odeias-me... hum, ainda mais do que antes?

A vulnerabilidade da sua voz enternece-me, mas eu preciso de manter a minha posição. É uma situação muito confusa; eu tinha começado a esquecê-lo. *Não, não começaste*, relembra-me o meu íntimo, troçando de mim, mas eu finjo que não o ouço.

— Não. Sinto o mesmo que antes — digo-lhe.

— Ah.

Enxaguo o cabelo uma última vez e rezo para que a água do duche tenha contribuído para recuperar da ressaca.

— Eu não me quis aproveitar de ti, juro — diz, quando eu desligo o chuveiro. Tiro uma toalha da pequena prateleira e enrolo-a em volta do

corpo. Ele está encostado à porta, apenas de *boxers*, com o peito e o pescoço repletos de marcas vermelhas.

Não volto a beber.

— Tessa, sei que se calhar estás zangada, mas nós temos muito que falar.

— Não, não temos. Eu estava bêbeda quando te liguei. Tu vieste cá ter e fomos para a cama. O que há mais para falar? — Tento manter-me o mais calma possível. Não quero que ele perceba o efeito que teve em mim. Que a noite passada teve em mim.

Então, reparo nos seus nós dos dedos em carne viva. — O que aconteceu às tuas mãos? — pergunto. — Oh, meu Deus, Hardin. Bateste no Trevor, não foi? — grito e estremeço com a minha dor de cabeça lancinante.

— O quê? Não bati nada. — Ergue as mãos em sua defesa.

— Então em quem?

Ele abana a cabeça. — Não interessa. Temos coisas mais importantes para falar.

— Não, não temos nada. Nada mudou. — Abro a bolsa da maquilhagem e tiro a base. Espalho-a generosamente pelo pescoço, enquanto o Hardin permanece atrás de mim, em silêncio.

— Isto foi um erro, nem te devia ter ligado — digo finalmente, irritada por a terceira camada de base não encobrir o chupão.

— Não foi um erro, é claro que tu tens saudades minhas. Foi por isso que me ligaste.

— O quê? Não, eu liguei-te porque... foi por acidente. Não tinha intenção de te ligar.

— Estás a mentir.

Ele conhece-me bem. — Sabes que mais? Não interessa para nada a razão por que te liguei — digo, de modo cortante. — Não tinhas nada que cá vir. — Pego no lápis dos olhos e carrego na pintura.

— Tinha, sim. Estavas bêbeda e sabe-se lá o que podia acontecer.

— Ah, como o quê? Eu podia ter ido para a cama com alguém com quem não devia ir? — Ele cora intensamente. Sei que estou a ser dura, mas ele não devia ter vindo para a cama comigo, estando eu tão bêbeda. Penteio o cabelo molhado.

— Não sei se te lembras, mas não me deste grande possibilidade de

recusar — responde, com severidade.

Eu lembro-me. Lembro-me de subir para o seu colo e colar-me a ele. Lembro-me de lhe exigir que tivesse relações comigo ou então que se fosse embora. Lembro-me que ele recusou os meus avanços e me disse para parar. Sinto-me humilhada e horrorizada com o meu comportamento, mas, talvez o pior de tudo, lembro-me da primeira vez que o beijei e ele afirmou que eu me estava a atirar a ele.

Estou a ferver de raiva e atiro a escova contra o armário, provocando um enorme estrondo. — Tu não te atrevas a culpar-me por isto tudo, tu podias ter recusado! — grito.

— E recusei! Repetidamente — grita-me em resposta.

— Eu não estava em mim, e tu sabia-lo! — digo meio a mentir. Eu sabia que eu queria; só que não estou disposta a admiti-lo.

Mas ele começa a repetir as palavras obscenas que eu proferi na noite de ontem — «Sabes tão bem!», «Fala comigo como costumavas fazer», «Tu és o único, Hardin» — e fico fora de mim.

— Vai-te embora! Vai-te embora daqui! — grito e vou buscar o telemóvel para ver as horas.

— Mas ontem à noite não me puseste na rua — diz cruelmente.

Viro-me para ele, encarando-o. — Estava tudo a correr tão bem antes de tu apareceres. O Trevor estava aqui — afirmo, porque sei o quanto isso o vai chatear.

Mas ele surpreende-me com uma gargalhada. — Oh, *por favor*, ambos sabemos que o Trevor não está à tua altura. Tu queres-me, só a mim. Tu ainda me queres — diz, troçando de mim.

— Eu estava bêbeda, Hardin! Porque é que eu havia de te querer se o posso ter a *ele*? — Arrependo-me imediatamente das minhas palavras.

Os olhos do Hardin alternam entre a dor e o ciúme e eu aproximo-me dele.

— Não — diz, erguendo o braço. — Sabes que mais? Tudo bem. Ele pode ficar contigo, porra! Eu nem sei porque é que cá vim. Eu já devia saber como é que tu ias agir!

Tento manter a voz baixa antes que alguém bata à porta a reclamar, mas não estou segura de conseguir manter-me calma. — Estás a brincar comigo? Vieste cá, aproveitaste-te de mim e ainda tens a lata de me insultar?

— Aproveitar-me de ti? Tu é que te aproveitaste de mim, Tessa! Tu sabes que eu não te consigo dizer não, e continuaste a insistir e a insistir!

Sei que ele tem razão, mas estou muito chateada e humilhada com o meu comportamento provocador da noite passada. — Não interessa quem se aproveitou de quem. Tudo o que interessa é que tu te vais embora e não vais voltar a aparecer à minha frente — afirmo categoricamente e em seguida ligo o secador do cabelo para abafar a sua resposta. Em segundos, arranca o cabo do secador, e quase a ficha, da parede.

— Qual é o teu problema? — grito e volto a ligá-lo. — Quase que partiste isto!

O Hardin é tão enervante. *O que é que me deu para lhe ligar?*

— Não me vou embora até falares comigo sobre tudo o que há a falar. — Sopra.

Ignorando o aperto que sinto no peito, respondo: — Eu já te disse, não há nada para falarmos. Magoaste-me e eu não te consigo perdoar. Fim da história. — Por mais que eu tente lutar contra isto, no fundo adoro tê-lo aqui. Mesmo que seja para discutirmos ou gritarmos um com o outro, eu sentia muito a falta dele.

— Nem fizeste um esforço para me perdoar — diz, com uma voz muito mais suave.

— Sim, *fiz um esforço.* Esforcei-me para ultrapassar tudo, mas não consigo. E nem sei se isto é uma parte do teu jogo. Não sei se me vais voltar a magoar.

Ligo o aparelho de ondular o cabelo e suspiro: — Tenho de acabar de me arranjar.

Quando volto a ligar o secador, ele desaparece da casa de banho e espero que ele se vá embora. A pequena parte de mim que espera que ele esteja sentado na cama quando eu voltar ao quarto é uma idiota. Não é a minha faceta racional. É uma rapariga ingénua e ridícula que se apaixonou por um rapaz que é a última coisa de que ela precisa. A minha relação com o Hardin nunca vai resultar, eu sei isso. Gostava que aquela minha faceta irracional também o percebesse.

Enrolo o cabelo e acabo de o arranjar, certificando-me de que cobre a marca que o Hardin deixou no meu pescoço. Quando saio da casa de

banho para ir buscar a minha roupa, o Hardin *está* sentado na cama, e aquela rapariga estúpida rejubila um pouco. Tiro o sutiã e as cuecas vermelhas da mala e visto-os por baixo da toalha. Quando deixo cair a toalha, o Hardin suspira, mas tenta disfarçar com uma tossidela.

Ao enfiar o vestido pela cabeça, sinto como se houvesse um fio invisível que me está a puxar para ele, mas luto contra isto e vou buscar o vestido branco ao armário. Neste momento, sinto-me muito confortável na sua companhia, o que é estranho, tendo em conta a nossa situação. Porque é que tudo isto é tão confuso e me consome tanto? Porque é que ele tem de ser tão complicado? E, o mais importante, porque é que eu não consigo simplesmente esquecê-lo e seguir em frente?

— Devias ir-te embora — digo calmamente.

— Precisas de ajuda? — pergunta-me, quando eu me debato para apertar o vestido.

— Não... tudo bem. Eu consigo.

— Eu ajudo-te. — Levanta-se e vem ter comigo. Andamos a caminhar numa ténue fronteira entre o amor e o ódio, a raiva e a tranquilidade. É estranho e seguramente lesivo para mim.

Levanto o cabelo e ele aperta-me o vestido, demorando mais do que devia. Sinto a minha pulsação a acelerar e repreendo-me por permitir que isto aconteça.

— Como é que me encontraste? — pergunto-lhe, logo que recupero a lucidez.

Ele encolhe os ombros como se não tivesse acabado de atravessar um estado para me encontrar. — Liguei ao Vance, claro.

— Ele indicou-te o número do meu quarto? — A ideia não me agrada.

— Não, foi o empregado da receção. — Faz-me um pequeno sorriso afetado. — Tenho grandes capacidades de persuasão.

Não fico menos desagradada ao saber ser responsabilidade do hotel. — Não podemos andar nisto... quero dizer, agir de modo divertido e amigável — digo e calço os meus saltos altos pretos.

Pega nas calças e começa a vesti-las. — Porque não?

— Porque não nos faz bem estarmos juntos.

Ele sorri, revelando as suas covinhas malandras. — Tu sabes que isso não é verdade — diz e veste a *T-shirt* como se nada se estivesse a passar.

— Claro que é.

— Não.

— Podes fazer o favor de te ires embora? — suplico.

— Tu não queres dizer isso, eu sei que não. Tu sabias o que estavas a fazer quando me deixaste ficar.

— Não sabia nada — lamento-me. — Eu estava embriagada. Eu não estive em mim durante toda a noite de ontem, desde o momento em que beijei aquele tipo até à altura em que te deixei entrar.

Calo-me imediatamente. Eu não disse aquilo em voz alta. Mas pelos vistos, se os olhos do Hardin estão arregalados e ele está a cerrar os dentes, é porque disse. A minha dor de cabeça torna-se insuportável e apetece-me esbofetear-me.

— O q-q-quê? O que é que tu... o que é que acabaste de dizer? — rosna.

— Nada... eu...

— Tu *beijaste* uma pessoa? Quem? — pergunta, num tom tão tenso como se tivesse acabado de correr uma maratona.

— Um tipo na discoteca — admito.

— Estás a falar a sério? — arqueja. E quando eu aceno, ele explode. — Mas... que *merda*, Tessa? Tu beijaste um gajo na porra da discoteca e depois vieste para a cama comigo? Quem é que tu *és*? — Ele passa as mãos pela cara. Conhecendo-o tão bem como o conheço, imagino que se está a preparar para partir alguma coisa.

— Sei lá, aconteceu, e nós nem andamos um com o outro. — Eu tento defender-me, mas ainda pioro as coisas.

— Uau... tu és inacreditável. A minha Tessa nunca beijaria a porra de um desconhecido numa discoteca — rosna.

— A «tua» Tessa não existe — esclareço.

Ele limita-se a abanar a cabeça repetidamente. Por fim, fita-me e afirma: — Sabes que mais? Tens *razão.* E só para saberes, enquanto estavas a beijar aquele tipo, eu estava a foder a Molly.

19

TESSA

Eu estava a foder a Molly. Eu estava a foder a Molly. Eu estava a foder a Molly. Eu estava a foder a Molly. Eu estava a foder a Molly. Eu estava a foder a Molly. Eu estava a foder a Molly. Eu estava a foder a Molly. Eu estava a foder a Molly. Eu estava a foder a Molly. Eu estava a foder a Molly. Eu estava a foder a Molly.

Depois de o Hardin ter atirado com a porta e saído da minha vida para sempre, as suas palavras ficaram a ecoar na minha cabeça, vezes e vezes sem conta. Tento acalmar-me, antes de descer e ir ter com todos os outros.

Eu devia saber que o Hardin andava a brincar comigo, devia saber que ele continuava a curtir com aquela galdéria. Que diabo, se calhar ele ia para a cama com ela durante todo o tempo em que «andou» comigo. Como é que eu posso ser tão estúpida? Ontem à noite, quase que acreditei nele, quando ele me disse que me amava — pensei que não havia outra razão para ele ter feito toda aquela viagem até Seattle. Mas a verdadeira razão é: porque ele é o Hardin e faz coisas destas apenas para me perturbar. Sempre o fez e sempre o fará. O que me confunde é este sentimento de culpa que sinto por lhe ter atirado à cara que beijei aquele tipo e por o ter basicamente culpado pelo que sucedeu na noite de ontem, quando eu sei que queria tanto como ele. Só que não o quero admitir perante ele, nem, na verdade, perante mim própria.

Sinto o estômago às voltas ao imaginá-lo com a Molly. Se não comer rapidamente qualquer coisa, vomito. Não apenas pela ressaca mas também pela confissão do Hardin. Tinha logo que ser com a Molly, entre tantas raparigas... Odeio-a. Consigo imaginá-la, com aquele sorrisinho idiota, sabendo que voltar a ir para a cama com o Hardin me iria torturar.

Estes pensamentos giram à minha volta como abutres, até que, finalmente, puxo-me para trás do abismo de um esgotamento nervoso, limpo o canto dos olhos com um lenço de papel e pego na minha carteira. No elevador, quase me deixo ir de novo abaixo, mas quando

chego ao rés do chão, já recuperei o controlo.

— Tessa! — chama-me o Trevor do outro canto da entrada. — Bom dia — diz e estende-me uma caneca com café.

— Obrigada. Trevor, desculpa-me pelo comportamento do Hardin, ontem à noite... — começo a dizer.

— Não há problema, a sério. Ele é um pouco... intenso?

Tenho vontade de rir, mas pensar nisso faz-me voltar a ter náuseas. — Hum, pois... *intenso* — balbucio e bebo um pouco do meu café.

Ele olha para o telemóvel e em seguida volta a enfiá-lo no bolso. — A Kimberly e o Christian vão descer dentro de alguns minutos. — Sorri. — E então, o Hardin ainda cá está?

— Não. E não vai voltar. — Tento parecer indiferente. — Dormiste bem? — pergunto, para mudar de assunto.

— Sim, mas fiquei preocupado contigo. — Os olhos do Trevor deslocam-se para o meu pescoço e eu tapo com o cabelo o sítio onde possivelmente o meu chupão é visível.

— Preocupado? Porquê?

— Posso-te fazer uma pergunta? Não quero que te chateies comigo... — O seu tom é cauteloso, o que me deixa um pouco nervosa.

— Sim... faz.

— O Hardin alguma vez... hum... ele nunca te agrediu, pois não? — O Trevor baixa o olhar.

— O quê? Nós discutimos muito, por isso, sim, ele é muito agressivo comigo — respondo e bebo mais um trago daquele café delicioso.

Ele olha para mim com um ar envergonhado. — Eu queria dizer *fisicamente* — murmura.

Inclino a cabeça e olho para ele. Será que ele me está a perguntar se o Hardin me bate? Estremeço só de pensar nisso. — Não! Claro que não! Ele nunca o faria.

Percebo, pela expressão do Trevor, que não tem a intenção de me ofender. — Desculpa... é que ele parece tão violento e colérico.

— O Hardin é uma pessoa colérica e por vezes violenta, mas ele nunca me magoaria fisicamente. — Sinto um estranho sentimento de raiva contra o Trevor, por acusar o Hardin de ser capaz de um ato desses. Ele não conhece o Hardin... mas, na verdade, acho que eu também não.

Permanecemos em silêncio durante alguns minutos e eu fico a ponderar no assunto até ver o cabelo louro da Kimberly a aproximar-se de nós.

— Desculpa. É que eu penso que mereces ser tratada melhor — diz o Trevor, em voz baixa, antes de os outros se juntarem a nós.

— Estou de rastos. Completamente de rastos — resmunga a Kimberly.

— Eu também. Estou com uma dor de cabeça lancinante — concordo, enquanto caminhamos por um longo corredor em direção à sala de conferências.

— Mas estás com um ótimo aspeto. Eu estou com ar de quem acabou de rastejar para fora da cama — diz.

— Não estás nada — afirma o Christian e dá-lhe um beijo na testa.

— Obrigada, querido, mas a tua opinião é pouco imparcial. — Ri-se e esfrega as têmporas.

O Trevor sorri e diz: — Parece que hoje à noite não vamos sair. — Todos concordam com ele.

Quando chegamos à conferência, vou imediatamente à mesa de pequeno-almoço buscar uma taça com cereais. Como mais depressa do que devia e não consigo afastar da minha cabeça as palavras do Hardin.

Queria tê-lo beijado mais uma vez, pelo menos... Não, *não queria*. Ainda devo estar bêbeda.

As conferências decorrem rapidamente e, embora a Kimberly se queixe por o microfone do conferencista estar com o volume demasiado alto, à hora do almoço a minha dor de cabeça já desapareceu quase por completo.

Meio-dia. O Hardin já deve ter chegado a casa e é provável que esteja com a Molly. Se calhar, foi diretamente para casa dela, só para me irritar. Será que eles já dormiram juntos no nosso quarto? Quero dizer, no nosso *antigo* quarto? Na cama que era nossa? Quando o relembro a tocar-me e a gemer o meu nome, na noite de ontem, o corpo dela toma o lugar do meu. Só consigo visualizar o Hardin com a Molly. A Molly com o Hardin.

— Ouviste o que eu disse? — pergunta-me o Trevor, ao sentar-se ao meu lado.

Sorrio apologeticamente. — Desculpa, estava com a cabeça longe

daqui.

— Já que ninguém quer sair, estava a pensar se querias vir jantar comigo, hoje à noite. — Observo os seus olhos azuis brilhantes e, como eu não respondo imediatamente, ele balbucia: — S-se não... quiseres, não há problema.

— Na verdade, gostava imenso — respondo.

— A sério? — exclama e respira fundo. Percebo que ele achava que eu ia recusar, especialmente depois do comportamento do Hardin para com ele.

Assisto às quatro horas seguintes de conferências, reconfortada com o facto de o Trevor ainda querer ir sair comigo, mesmo depois de ter sido ameaçado pelo louco do meu ex.

— Graças a Deus, acabou. Preciso de ir *dormir* — resmunga a Kimberly quando entramos no elevador.

— Parece que já não és tão nova como pensas — brinca o Christian e ela revira os olhos e encosta-se ao seu ombro.

— Tessa, amanhã de manhã vamos às compras, enquanto estes dois estiverem nas reuniões — diz e fecha os olhos.

É uma proposta que me agrada bastante. Tal como a ideia de um jantar calmo em Seattle com o Trevor — na verdade, parece-me extraordinária, depois da minha noite tumultuosa com o Hardin. Também estou um pouco incomodada com o meu comportamento durante este fim de semana: beijar um desconhecido, forçar, na prática, o Hardin a ter relações comigo e, agora, ir jantar com um terceiro homem. Mas o último destes é o mais benigno e, pelo menos, sei que não vai envolver nada de físico.

Para ti não, claro, mas para o Hardin e a Molly..., provoca-me a minha mente.

Que chatice, ela está a pôr-me louca.

À minha porta, o Trevor para e diz: — Venho-te buscar às seis e meia, está bem para ti?

Respondo-lhe com um sorriso e um aceno da cabeça e entro na cena do crime.

Ainda pensei em dormir uma pequena sesta antes de ir jantar com o Trevor, mas acabo a tomar outro duche. Sinto-me suja com os

acontecimentos da noite passada e preciso de retirar o odor do Hardin do meu corpo. Há duas semanas, imaginava que neste momento tudo seria diferente e que eu e o Hardin estaríamos a organizar a nossa viagem a Londres, a casa da sua mãe, para passarmos o Natal. Agora, nem sequer tenho um lugar onde viver, o que me lembra imediatamente que preciso de responder às chamadas da minha mãe. Ontem à noite ela ligou-me inúmeras vezes.

Depois de sair do duche, começo a retocar a maquilhagem e marco o seu número de telefone.

— Olá, Theresa — diz num tom seco.

— Olá, desculpe por não lhe ter retribuído as chamadas ontem à noite. Estou em Seattle, naquele congresso sobre edição, e depois do jantar ficámos a falar até tarde, com clientes.

— Ah, está bem. Ele está aí? — inquire e eu sinto-me perturbada com isso.

— Não... Porque é que pergunta? — digo, mostrando-me o mais indiferente possível.

— Porque ontem à noite ele telefonou para aqui, a tentar saber onde é que estavas. Não achei piada ao facto de lhe teres dado este número de telefone, sabes bem o que eu sinto por ele, Theresa.

— Eu não lhe dei o número...

— Pensei que vocês os dois tinham acabado tudo? — interrompe-me.

— E acabámos. O mais provável é que ele precise de saber alguma coisa acerca do apartamento ou algo do género — minto. Ele devia estar mesmo muito desesperado por saber o meu paradeiro, se telefonou para casa da minha mãe. Este pensamento magoa-me a agrada-me ao mesmo tempo.

— Já que falas nisso, não há vagas em nenhum dormitório até ao fim das férias do Natal, mas como, durante esta semana, vais estar de férias do emprego e da escola, podes vir para cá.

— Ah... está bem — concordo. Não me apetece passar as férias com a minha mãe, mas estou a ver que não tenho outra opção.

— Então até segunda. E, Tessa, se queres o melhor para ti, é melhor afastares-te daquele rapaz — diz e desliga.

Passar uma semana na casa da minha mãe vai ser um inferno. Não sei como consegui viver lá durante dezoito anos. Sinceramente, só per-

cebi como ela era horrível quando experimentei o sabor da liberdade. Mas, como o Hardin vai sair do país na terça-feira, talvez eu possa ficar mais duas noites no motel e ir para o apartamento enquanto ele estiver fora. Por muito que eu não queira voltar lá, o contrato de arrendamento continua no meu nome e, de qualquer modo, ele não vai saber.

Olho para o telemóvel e vejo que não tenho novas mensagens, nem chamadas dele, embora eu soubesse que não ia ter. Não posso acreditar que ele tenha ido para a cama com a Molly e tenha vindo atirar-me isso à cara. O pior de tudo é que, se eu não tivesse confessado que beijei uma pessoa, ele nunca me teria contado a verdade. Tal como com a aposta que deu início à nossa «relação». E isso significa que eu simplesmente não posso confiar nele.

Acabo de me arranjar, optando por usar um vestido preto liso. Os meus dias das saias plissadas de fazenda parecem muito longínquos. Aplico um pouco mais de base no pescoço e espero pela chegada do Trevor. Como era de calcular, ele bate à minha porta às seis e meia em ponto.

20

HARDIN

Fico parado em frente à enorme casa do meu pai, incapaz de decidir se entro ou não.

A Karen decorou o exterior com inúmeras luzes, minúsculas árvores de Natal e o que parece ser uma rena a dançar. O Pai Natal insuflável agita-se ao vento no jardim, parecendo estar a troçar de mim, quando saio do carro. Antes de fechar a porta, voam, rodopiando em cima do assento, pedaços rasgados de bilhetes de avião.

Vou ter de assegurar que me devolvem o dinheiro da viagem, caso contrário, acabei de esbanjar dois mil dólares. Se calhar, era melhor ir sozinho e escapar por uns tempos a esta situação horrível, mas, inexplicavelmente, sem a companhia da Tessa não me apetece voltar a Londres. Ainda bem que a minha mãe aceitou vir cá em vez de ser eu a ir a Inglaterra. Ela parece bastante entusiasmada com a perspetiva de vir à América.

No momento em que toco à campainha, tento arranjar uma desculpa para justificar a minha presença. Antes de me lembrar de alguma coisa, o Landon aparece.

— Olá — saúdo-o quando ele abre a porta para eu entrar.

— Olá? — pergunta.

Enfio as mãos nos bolsos, sem saber o que dizer ou fazer.

— A Tessa não está cá — diz e caminha na direção da sala, indiferente à minha presença.

— Pois... eu sei. Ela está em Seattle — digo, seguindo-o, a alguma distância.

— Então...

— Eu... hum... bom, vim cá para falar contigo... ou com o meu pai, isto é, com o Ken. Ou com a tua mãe — divago.

— Falar? Acerca de quê? — Abre o livro que tem na mão, retira o marcador e começa a ler. Apetece-me arrancar-lhe o livro das mãos e atirá-lo para a lareira, mas isso seria contraproducente.

— Sobre a Tessa — digo calmamente. Remexo no *piercing* do lábio, enquanto fico à espera de o ver desatar às gargalhadas.

Ele olha para mim e fecha o livro. — Deixa-me ser direto... A Tessa não quer nada contigo e por isso não entendo porque vieste falar comigo. Ou com o teu pai ou mesmo com a minha mãe.

— Pois... Bem... — Meu Deus, como ele é irritante. Que situação embaraçante.

— Está bem... e em que é que achas que eu te posso ajudar? Pessoalmente, não acredito que a Tessa volte a falar contigo e, para ser sincero, pensei que já nem pensavas nisso.

— Para de ser um idiota. Eu sei que só fiz merda, mas eu amo-a, Landon. E sei que ela me ama. Ela só está magoada comigo neste momento.

O Landon respira fundo e coça o queixo.

— Não sei, Hardin. O que tu fizeste é imperdoável. Humilhaste-a e ela confiou em ti.

— Eu sei... eu sei. Porra, achas que não sei isso?

Ele suspira. — Bom, ao ver-te aparecer aqui a pedir ajuda, eu diria que percebeste o caos de toda esta situação.

— Então, o que achas que devo fazer? Peço a tua opinião não como meu amigo, mas como meu... hum, enteado do meu pai?

— Estás a dizer como teu meio-irmão? O teu meio-irmão. — Reviro os olhos e ele ri-se. — Ela chegou a falar contigo? — pergunta.

— Sim... Na verdade, ontem à noite fui a Seattle e ela deixou-me ficar lá — conto-lhe.

— Ela o quê? — Está obviamente surpreendido.

— Sim, ela estava bêbeda. Isto é, estava mesmo bêbeda, quase que me obrigou a foder com ela. — Reparo na sua expressão de desagrado com as palavras que escolhi. — Desculpa... ela obrigou-me a dormir com ela. Bom, obrigou não, porque eu quis, isto é, como é que eu podia recusar... ela é tão...

Porque é que eu lhe estou a contar isto?

Ele agita as mãos no ar. — OK! OK! Já percebi...

— Mas então esta manhã eu disse uma merda que não devia ter dito porque ela me contou que beijou outra pessoa.

— A Tessa andou a curtir com alguém? — pergunta, num tom de voz

de descrença.

— Pois... um gajo qualquer na merda de uma discoteca — resmungo. Não quero voltar a pensar nisso.

— Ena. Ela estava mesmo chateada contigo — diz.

— Eu sei.

— O que é que lhe disseste esta manhã?

— Disse-lhe que ontem fodi com a Molly — admito.

— E fizeste isso? Isto é... foste para a cama com a Molly?

— Não, nem pensar. — Abano a cabeça.

Mas que raio é que se está a passar, como é que eu estou a abrir o meu coração ao Landon, logo a ele?

— Então porque é que disseste isso?

— Porque estava furioso com ela. — Encolho os ombros. — Ela beijou outra pessoa.

— OK... então disseste que foste para a cama com a Molly, uma pessoa que tu sabes que a Tess despreza, apenas para a magoar?

— Sim.

— Que ideia brilhante — afirma.

Aceno com a mão, como que para afastar o seu cinismo, e pergunto: — Achas que ela me ama? — Eu preciso de saber.

O Landon levanta a cabeça, subitamente sério. — Não sei...

Ele é um péssimo mentiroso.

— Diz-me. Conhece-la melhor do que ninguém, com exceção de mim.

— Ela ama-te. Mas devido à forma como a traíste, ela está convencida de que tu nunca a amaste — explica o Landon.

Volto a sentir o meu coração despedaçar-se. Não posso crer que lhe estou a pedir ajuda, mas preciso dela. — O que é que eu posso fazer? Ajudas-me?

— Não sei... — Olha para mim, duvidoso, mas o meu desespero deve ser evidente. — Acho que posso tentar falar com ela. Ela faz anos amanhã, sabes isso, não sabes?

— Sim, claro que sei. Estão a pensar fazer alguma coisa? — pergunto. Espero bem que não.

— Não, ela disse que ia para casa da mãe.

— Para casa da mãe? Porquê? Quando é que falaste com ela?

— Ela mandou-me uma mensagem há umas duas horas. E que outra

coisa é que ela pode fazer? Passar o dia de anos sozinha num motel?

Finjo não ter ouvido a última pergunta. Se, esta manhã, não tivesse perdido a calma, talvez a Tessa me tivesse deixado ficar mais uma noite com ela. Mas, em vez disso, ela continua em Seattle com o filho da mãe do Trevor.

Ouço uns passos a aproximarem-se vindos do fundo das escadas, e uns momentos depois vejo surgir o meu pai. — Achei que tinha ouvido a tua voz...

— Pois... vim falar com o Landon — minto. Bom, é uma meia-verdade; eu vim falar com quem quer que eu visse primeiro.

Sou patético.

Ele parece surpreendido. — A sério?

— Sim. Hum... e também para dizer que a mãe chega na terça de manhã — digo-lhe. — Vem cá passar o Natal.

— Que bom! Eu sei que ela tem saudades tuas — diz-me.

O meu primeiro instinto é pensar numa resposta torta, uma qualquer observação sobre a merda de pai que ele é, mas não me está a apetecer.

— Bom, deixo os dois rapazes a sós, para conversarem — diz e começa a subir as escadas. — Ah e... Hardin? — diz já a meio das escadas.

— Sim?

— Estou contente por estares aqui.

— OK — afirmo. Não sei o que dizer mais. O meu pai faz-me um sorriso ternurento e continua a subir as escadas.

Foi uma porra de um dia para esquecer. Dói-me a cabeça. — Bom... acho que tenho de ir — digo ao Landon e ele acena com a cabeça.

— Vou fazer o que puder — promete quando eu me dirijo para a saída.

— Obrigado. — E quando estamos os dois meio aparvalhados à porta, murmuro: — Sabes bem que eu não te vou dar um abraço ou uma merda no género, não é?

Ao sair, ouço-o rir e fechar a porta.

21

TESSA

— Grandes projetos para o Natal? — pergunta o Trevor.

Levanto um dedo, pedindo-lhe para esperar um pouco enquanto saboreio a garfada de *ravioli*. A comida aqui é excelente e, embora eu não seja uma *gourmet*, imagino que este deve ser um restaurante de cinco estrelas.

— Nem por isso. Vou só passar uma semana a casa da minha mãe. E tu?

— Na verdade, vou fazer voluntariado neste abrigo. Não gosto muito de regressar ao Ohio. Tenho alguns primos e tias, mas desde que a minha mãe morreu, não há muita coisa que me prenda lá — explica.

— Oh, Trevor, tenho pena do que aconteceu à tua mãe. Mas é muito generoso da tua parte seres voluntário — sorrio empaticamente e levo à boca o último pedaço de *ravioli*. Sabe tão bem como a primeira garfada, mas esta revelação acerca do Trevor faz-me apreciar um pouco menos a comida e apreciar o jantar ainda mais. Será estranho?

Falamos um pouco mais e, à sobremesa, deliciamo-nos com um espetacular bolo de chocolate sem farinha e com cobertura de caramelo. No fim, quando a empregada traz a conta, o Trevor tira a carteira.

— Tu não és uma daquelas mulheres que exigem pagar a meias, pois não? — provoca-me ele.

— Ah! — Rio-me. — Se estivéssemos no McDonald’s, talvez.

Ri-se mas não diz nada. O Hardin teria feito uma observação sarcástica, sobre como o meu comentário correspondia a um recuo de cinquenta anos nos ideais feministas.

Ao ver que recomeçou ligeiramente a nevar, o Trevor diz-me para esperar no interior, enquanto ele chama um táxi, uma atitude muito atenciosa da sua parte. Um pouco depois, acena-me através do vidro e eu apresso-me a entrar no táxi aquecido.

— Então o que te fez optar pelo mundo da edição? — pergunta-me, na viagem de regresso para o hotel.

— Bem, eu adoro ler, é tudo o que faço. É a única coisa que me interessa, por isso é a carreira apropriada para mim. Um dia, mais tarde, espero vir a ser escritora, mas por agora adoro o que faço na Vance — respondo.

Ele sorri. — Passa-se o mesmo comigo em relação à contabilidade. Também é a única coisa que me interessa. Desde criança que sabia que iria estar ligado aos números.

Detesto matemática, mas sorrio enquanto ele continua a falar no assunto. — E também gostas de ler? — pergunto-lhe quando ele termina a sua explicação e chegamos ao hotel.

— Sim, de certa forma. Principalmente não-ficção.

— Ah... porquê? — tenho curiosidade em saber.

Encolhe os ombros. — Não gosto de ficção, basicamente. — Sai do carro e estende a mão para me ajudar a sair.

— Como é que isso é possível? — pergunto-lhe e dou-lhe a mão para sair do carro. — A melhor coisa na leitura é a possibilidade de te evadires do teu próprio mundo, de viveres centenas ou até milhares de vidas diferentes. A não-ficção não tem esse poder... não transforma em nada a tua vida.

— Transformar? — Ergue as sobrancelhas.

— Sim, transformar a vida. Se não te afeta em nada, nem um bocado, então não andas a ler o livro certo. — Ao passarmos pela entrada, olho para um quadro enorme que está pendurado na parede. — Gosto de acreditar que cada um dos romances que leio se tornou parte de mim e de certa maneira contribuiu para criar quem eu sou.

— És muito emocional! — Ri-se.

— Sim... acho que sou — respondo. O Hardin iria concordar comigo, iríamos continuar com esta conversa durante horas a fio, possivelmente durante dias.

Subimos no elevador em silêncio e, ao chegarmos ao nosso andar, o Trevor segue-me pelo corredor, ligeiramente atrás de mim. Estou exausta e com vontade de ir dormir embora só sejam nove da noite.

O Trevor sorri quando chegamos à porta do meu quarto. — Foi uma noite fantástica. Obrigado por teres vindo jantar comigo.

— Obrigada *eu* pelo convite. — Devolvo-lhe o sorriso.

— Gostei mesmo de estar contigo, temos muito em comum. Adorava

voltar a sair contigo. — Fica à espera da minha resposta, mas clarifica: — Fora do ambiente de trabalho.

— Sim, acho boa ideia — respondo.

Aproxima-se um pouco mais de mim e eu fico paralisada. Pousa a mão na minha anca e inclina-se para mim.

— Hum... Acho que não é o momento certo — digo, num guinchinho.

O Trevor fica muito corado de atrapalhação e eu sinto-me terrivelmente culpada por recusar os seus avanços.

— Ah, eu percebo. Desculpa. Eu nã... não devia... — gagueja.

— Não, tudo bem. É só que eu ainda não estou preparada para... — explico e ele sorri.

— Eu percebo. Bom, vou-te deixar ir. Boa noite, Tessa — diz e vai-se embora.

Mal entro no meu quarto, dou um grande suspiro, como que expirando com ele todas as preocupações que carregava comigo. Descalço os sapatos e pondero se me devo despir ou simplesmente deitar. Estou cansada, tão cansada. Estendo-me em cima da cama para decidir o que fazer e, em poucos minutos, adormeço profundamente.

Passo o dia seguinte com a Kimberly. Gastamos mais tempo a fofocar do que, verdadeiramente, a fazer compras, e as horas voam num ápice.

— Como é que correu a noite de ontem? — pergunta-me.

A mulher que me está a pintar as unhas levanta a cabeça com curiosidade e eu sorrio-lhe. — Foi bom, fui jantar com o Hardin — digo-lhe e a Kimberly dá um gritinho de espanto.

— Com o Hardin?

— Com o Trevor. Queria dizer com o Trevor. — Esbofeteava a minha própria testa se não me estivessem a pintar as unhas.

— Hum... — A Kimberly goza comigo e eu suspiro impacientemente.

Já com as unhas arranjadas, vamos a um grande armazém. Começamos por ver os sapatos e eu encontro algumas coisas de que gosto, mas nada que me apeteça comprar. A Kimberly compra diversos *tops* com um entusiasmo que revela o *quanto* ela gosta de ir às compras.

Quando passamos pela secção de homem, ela escolhe uma camisa azul-escura que está pendurada num cabide e diz: — Acho que também vou comprar uma camisa para o Christian. É engraçado, porque ele

odeia que eu gaste dinheiro com ele.

— Ele já não... hum... tem muitas? — pergunto-lhe, esperando não parecer muito intrometida.

— Ah, sim, toneladas. Mas eu gosto de lhe oferecer qualquer coisa quando viajamos. Não estou com ele pelo seu dinheiro — diz, com orgulho.

É muito bom ter conhecido a Kimberly. Para além do Landon, neste momento ela é a minha única amiga. Eu nunca tive muitas amigas, por isso é uma situação nova para mim.

Fico satisfeita quando o Christian telefona e manda o motorista ir buscar-nos. Foi muito agradável este fim de semana em Seattle, muito embora tenha estado um tempo horrível. Durmo durante toda a viagem de regresso e eles deixam-me no motel. Para minha surpresa, encontro o meu carro estacionado no mesmo lugar.

Pago mais duas noites, e mando uma mensagem à minha mãe a dizer que estou doente e que suspeito que é por intoxicação alimentar. Ela não me responde e eu visto o pijama e ligo a televisão. Não está nada, literalmente nada, de interessante a passar e prefiro ler um livro. Pego nas chaves e vou ao carro para ir buscar a mala.

Quando abro a porta, deparo-me com um objeto preto no interior do carro. Um *e-reader*?

Pego nele e tiro o *post-it* que se encontra colado. «Feliz Aniversário — Hardin», diz a nota. Depois de um primeiro momento de alegria, sinto uma certa desilusão. Nunca fui grande adepta de dispositivos portáteis para ler. Prefiro segurar um livro nas mãos. Mas depois da conferência deste fim de semana, mudei um pouco de opinião. Além disso, é mais prático entregar trabalhos sem ter de desperdiçar imenso papel.

Ainda assim, apanho do chão o exemplar do Hardin de *O Monte dos Vendavais* e volto para o quarto do motel. Ligo o dispositivo e sorrio, mas em seguida começo a chorar. Em «Iniciar», encontro uma pasta denominada «Tess», e, quando lhe toco com o dedo, surge uma longa lista de romances, todos aqueles sobre os quais eu e o Hardin falámos, discutimos e até rimos.

22

TESSA

Quando finalmente acordo, são duas da tarde. Não me consigo lembrar da última vez que acordei depois das onze da manhã, para não falar em acordar depois da hora do almoço, mas acho que tenho desculpa, tendo em conta que fiquei acordada até às quatro da manhã, a ler e a pesquisar no ótimo presente que o Hardin me ofereceu. Foi tão, mas tão atencioso, deu-me o melhor presente que eu podia receber.

Pego no telemóvel que está na mesa de cabeceira e verifico as chamadas perdidas. Duas da minha mãe e uma do Landon. Alguns «Feliz aniversário» ocupam a caixa de mensagens, incluindo uma do Noah. Nunca dei muita importância ao dia de anos, mas a ideia de o passar sozinha também não me agrada particularmente.

Bem, não vou estar sozinha. A Catherine Earnshaw e a Elizabeth Bennet são muito melhores companhias do que a minha mãe.

Encomendo montes de comida chinesa e deixo-me estar em pijama o dia todo. A minha mãe fica furiosa quando eu lhe ligo a dizer que estou «doente». É evidente que não acredita, mas na verdade é-me indiferente. É o meu dia de anos e, se aquilo que eu preferir for ficar o dia todo na cama com o meu novo brinquedo, então é isso que vou fazer.

Os meus dedos querem teclar o número de telefone do Hardin, mas eu impeço-os. Por mais maravilhoso que o seu presente seja, ele não deixa de ter ido para a cama com a Molly. Sempre que penso que é impossível ele magoar-me mais do que já me magoou, a realidade mostra-me que estou errada. Relembro o meu jantar com o Trevor no sábado. O Trevor, que é tão simpático e charmoso. Ele é sincero e elogia-me. Não me grita nem me aborrece. Nunca me mentiu. Não tenho de adivinhar o que é que ele está a pensar ou a sentir. É inteligente, bem-educado, bem-sucedido e faz voluntariado aos fins de semana. Ele é tão perfeito comparativamente ao Hardin.

O problema é que eu não o devia comparar ao Hardin. O Trevor é um

bocado chato, tenho de admitir, e não partilhamos a mesma paixão por literatura, tal como acontece comigo e com o Hardin, mas também não partilhamos um passado repleto de mágoas.

A coisa que mais me enfurece em relação ao Hardin é que eu gosto mesmo da sua personalidade, gosto mesmo do seu temperamento desagradável. Ele é engraçado, espirituoso e, quando quer, é muito terno. Este presente está a perturbar-me. Não me posso esquecer do que ele me fez. De todas as mentiras, dos segredos e, acima de tudo, de todas as vezes que foi para a cama com a Molly.

Envio uma mensagem ao Landon para lhe agradecer e, poucos segundos depois, ele responde e pergunta-me a morada do meu hotel. Devia dizer-lhe para não se incomodar a vir até aqui, mas também não quero passar o resto do dia completamente sozinha. Não mudo de roupa, mas visto o sutiã por baixo da *T-shirt* e continuo a ler mais um bocado, à espera que o Landon chegue.

Uma hora mais tarde, ele bate à porta e, quando a abro, abraça-me com um familiar e caloroso sorriso que eu retribuo.

— Feliz aniversário, Tessa — diz.

— Obrigada — respondo e abraço-o com mais força.

Ele solta-me e senta-se na cadeira da secretária. — Sentes-te mais velha?

— Não... bem, sim. Sinto-me como se na última semana tivesse envelhecido dez anos.

Ele faz-me um pequeno sorriso mas não diz nada.

— Encomendei comida. Sobrou imenso, se quiseres um bocado... — ofereço.

Vira-se para agarrar na embalagem de esferovite branca e no garfo de plástico da mesa.

— Obrigado. Então é isto que estiveste a fazer o dia todo? — provoca-me.

— Claro. — Rio-me e sento-me na cama, de pernas cruzadas.

Enquanto come, o Landon ergue o olhar. — Arranjaste um *e-reader*? Pensei que os odiavas.

— Bem... odiava, mas agora até os adoro. — Pego no dispositivo e admiro-o. — Centenas de livros na palma da minha mão! Podia haver melhor? — Sorrio e inclino a cabeça.

— Bem, no dia de anos, não há nada mais significativo do que o presente que oferecemos a nós próprios — afirma, com a boca cheia de arroz.

— Na verdade, foi um presente do Hardin. Deixou-o no meu carro.

— Ah. Que simpático da parte dele — declara, num tom estranho.

— Sim, muito. E deu-se ao trabalho de inserir todos estes romances maravilhosos e... — Calo-me antes de terminar o que estava a dizer.

— Então o que é que pensas disso? — pergunta ele.

— Confunde-me ainda mais. Por vezes, tem estas atitudes incrivelmente simpáticas, mas, ao mesmo tempo, também faz coisas que me magoam imenso.

Ele sorri e agita o garfo. — Bem, ele ama-te. Infelizmente, o amor não anda de mãos dadas com o bom senso.

Suspiro. — O Hardin não sabe o que é o amor. — Começo a examinar a lista de romances e noto que bom senso é uma característica praticamente ausente em todas estas histórias.

— Ele veio falar comigo ontem — diz e eu deixo cair o presente em cima do colchão.

— *O quê?*

— Sim, eu sei. Também me surpreendeu. Foi tentar falar comigo, ou com o pai, ou com a minha mãe — clarifica e eu abano a cabeça.

— Para quê?

— Para pedir ajuda.

Começo a sentir-me preocupada. — Ajuda? Para quê? Ele está bem?

— Sim... bem, não. Pediu ajuda em relação a *ti*, Tessa. Estava completamente perturbado. Quero dizer, escolher ir a casa do pai, antes de tudo.

— O que é que ele disse? — Não consigo imaginar o Hardin a bater à porta do Ken para pedir conselhos sobre relacionamentos amorosos.

— Que te amava. Que quer que eu o ajude a convencer-te a dar-lhe outra oportunidade. Quero que fiques ao corrente. Não te quero esconder nada.

— Eu... bem... eu não sei o que dizer. Nem posso acreditar que foi ter contigo. Na verdade, que foi ter com alguém para pedir ajuda.

— Por mais que me custe admitir, ele não é o mesmo Hardin Scott que eu conhecia. Até brincou com a possibilidade de me dar um abraço.

— Ri-se.

Rio-me com ele. — Ele *não* fez isso! — Não sei o que pensar sobre o assunto, mas essa possibilidade é definitivamente engraçada. Quando paro de me rir, olho para o Landon e ouso perguntar: — Acreditas mesmo que ele me ama?

— Acredito. Não sei se lhe devias perdoar, mas de uma coisa estou certo: ele ama-te.

— Mas ele mentiu-me, andou a *brincar* comigo. Mesmo depois de afirmar que me amava, ainda teve coragem de ir ter com os amigos e de lhes contar o que aconteceu entre nós. E agora, estava eu a ponderar esquecer todos os problemas, e ele foi para a cama com a Molly. — Sinto os olhos a arder, cheios de lágrimas. Pego numa garrafa de água da mesa de cabeceira e bebo um trago, tentando abstrair-me do meu sofrimento.

— Ele não foi para a cama com ela.

Fito-o. — Foi, sim. Ele disse que foi.

O Landon pousa a embalagem de comida que tinha nas mãos e abana a cabeça. — Só disse isso para te magoar. Eu sei que isto não ajuda em nada, mas vocês os dois não param de lançar achas para a fogueira onde ambos se andam a queimar.

Olho para o Landon e a primeira coisa que penso é como o Hardin é *bom*. Ele conseguiu que o meio-irmão acreditasse nas suas mentiras. A segunda coisa que penso é: *Mas e se o Hardin não dormiu mesmo com a Molly?* E se isto for mentira, será que eu lhe conseguia perdoar? Eu já tinha decidido que nunca lhe perdoaria, mas não vejo maneira de me livrar dele.

Como se o universo estivesse a zombar de mim, o telemóvel ilumina-se com uma mensagem do Trevor que diz «Feliz aniversário, linda».

Envio uma mensagem curta a agradecer e digo ao Landon: — Preciso de mais tempo. Não sei o que pensar.

Ele concorda. — É justo. Então, o que vais fazer no Natal?

— Isto. — Aponto para uma embalagem vazia de comida e para o *e-reader*.

Ele pega no comando remoto. — Não vais para casa?

— Isto aqui é mais a minha casa do que a casa da minha mãe — digo e tento não pensar no quão patética sou.

— Tessa, não podes passar o Natal sozinha num hotel. Devias ir a nossa casa. Acho que a minha mãe te comprou uns presentes antes de... tu sabes.

— De a minha vida ter ido pelo cano abaixo? — concluo, meio a rir, e ele acena na brincadeira. — Na verdade, estive a pensar que, uma vez que o Hardin se vai embora amanhã, eu podia ficar no apartamento... só até arranjar vaga numa residência. Espero que consiga antes de ele voltar. Caso contrário, posso sempre regressar a esta casa adorável. — Não me resta outra saída senão brincar com a situação ridícula em que me encontro.

— Pois... acho uma boa ideia — afirma o Landon, sem desviar os olhos da televisão.

— Achas? E se por acaso ele aparece?

Continua sem tirar os olhos do ecrã, mas concorda. — Ele vai estar em Londres, não é?

— Sim. E, no fim de contas, o meu nome está no contrato.

Vemos televisão e falamos sobre a ida da Dakota para Nova Iorque. O Landon está a ponderar pedir transferência para a NYU no próximo ano, se ela decidir ficar lá. Fico feliz por ele, mas não quero que ele deixe Washington. Mas não lhe digo isto, claro. O Landon fica até às nove da noite e depois de ele sair enrosco-me na cama e leio até adormecer.

Na manhã seguinte, preparo-me para regressar ao apartamento. Não acredito que vou mesmo voltar para lá, mas não tenho muitas opções. Não me quero aproveitar do Landon, não quero mesmo ir para casa da minha mãe, e, se fico aqui muito tempo, o meu dinheiro acaba. Sinto uma certa culpa por não ir para casa da minha mãe, mas não consigo passar uma semana inteira a ouvir os seus comentários maldosos. No dia de Natal, pode ser que vá, mas hoje não. Tenho cinco dias para decidir.

Enrolo o cabelo, maquilho-me, visto uma *sweatshirt* branca e umas calças de ganga pretas. Não me apetece despir o pijama, mas tenho de ir comprar comida para os próximos dias. Se comer o que o Hardin tem no apartamento, ele vai perceber que eu lá estive. Arrumo os poucos pertences que tenho nas malas e apresso-me a ir para o carro, que, para minha surpresa, foi aspirado e cheira levemente a menta. Hardin.

No caminho para a mercearia, começa a nevar. Compro bastante comida porque ainda não decidi o que quero fazer no Natal. Enquanto espero na fila para pagar, imagino o que é que o Hardin me vai oferecer no Natal. O presente de anos foi tão atencioso que nunca se sabe o que é que lhe pode passar pela cabeça. Espero que seja um presente simples e não muito caro.

— Ainda vai demorar muito? — resmunga uma voz feminina atrás de mim.

Ergo o olhar e vejo que a empregada da caixa está à minha espera, impaciente e com um ar trocista. Não me apercebi da fila a mover-se à minha frente.

— Desculpe — murmuro, pondo as compras no tapete rolante.

O meu coração começa a acelerar quando paro no parque de estacionamento do apartamento. E se ele ainda não se foi embora? Ainda é só meio-dia. Olho freneticamente em redor do parque e o carro foi-se. Provavelmente foi a guiar até ao aeroporto e deixou lá o carro.

Ou a Molly levou-o.

A minha cabeça não percebe quando se deve calar. Assim que concluo que ele já partiu, estaciono e pego nas compras. A neve está a cair com mais intensidade e os carros já estão cobertos com uma fina camada branca. Felizmente, em breve, vou estar num apartamento aquecido. À porta, respiro fundo uma última vez antes de entrar. Gosto mesmo desta casa — é tão perfeita para nós... para ele... ou para mim, separadamente.

Abro os armários e o frigorífico e surpreendo-me por estarem cheios de comida. O Hardin deve ter ido às compras antes de partir. Arrumo a comida nos espaços disponíveis e volto ao carro para buscar o que ainda lá deixei.

Não consigo deixar de pensar nas palavras do Landon. Estou espantada por o Hardin pedir conselhos a outras pessoas e por o Landon afirmar que acha que o Hardin me ama — uma verdade que eu já sabia mas que enterrei e afastei para bem longe, com medo de voltar a ter esperanças. Se eu me permitir admitir que ele me ama, isso só vai piorar a situação.

Mal entro no apartamento, tranco a porta e ponho as malas no quarto. Tiro a maior parte das roupas das malas e penduro-as para que não

fiquem demasiado amarrotadas. Sinto como que uma faca a torcer-se dentro de mim quando uso o nosso antigo armário. Ele tem apenas alguns pares de calças de ganga pretas penduradas do lado esquerdo. Tenho de me esforçar por não ceder à vontade de lhe pendurar as *T-shirts*; estão sempre ligeiramente amarrotadas, ainda que, inexplicavelmente, ele consiga parecer sempre bem arranjado. Descubro uma peça de roupa preta pendurada descuidadamente a um canto, a camisa que ele usou no casamento. Termino rapidamente a minha tarefa e afasto-me do armário.

Decido cozinhar macarrão e ligo a televisão. Aumento o volume para, da cozinha, poder ouvir um episódio antigo do *Friends* que eu já vi pelo menos umas vinte vezes. Acompanho os diálogos das personagens enquanto encho a máquina de lavar loiça. Espero que o Hardin não se aperceba, mas não aguento ver loiça suja no lava-loiça. Acendo uma vela e limpo as bancadas. Sem dar por isso, varro o chão, aspiro o sofá e faço a cama. Depois de o apartamento estar limpo, ponho roupa a lavar e dobro as peças que o Hardin deixou a secar. Hoje é mesmo o dia mais pacífico e calmo que eu tive durante a última semana. Até ouvir umas vozes e assistir em câmara lenta à porta a abrir-se.

Merda. Ele está aqui, outra vez. Porque é que ele aparece no apartamento sempre que estou aqui! Tenho esperança de que ele apenas tenha dado uma chave extra a um dos amigos, pedindo-lhe para tomar conta da casa... Talvez seja o Zed com uma amiga? *Qualquer pessoa menos o Hardin — por favor, deixa que seja qualquer pessoa menos o Hardin.*

Uma mulher que nunca vi passa pela porta, mas percebi logo de quem se tratava. As semelhanças são evidentes e ela é linda.

— Uau, Hardin, este apartamento é espetacular — diz ela, com um sotaque tão carregado como o do filho.

Isto. Não. Está. A. Acontecer. Vou parecer uma verdadeira psicopata em frente à *mãe* do Hardin — com a comida nos armários, as roupas na máquina de lavar e o apartamento limpo de cima a baixo. Permaneço em pé, completamente paralisada pelo pânico, e ela vê-me.

— Oh, meu Deus! Deves ser a Tessa! — Ela sorri e avança rapidamente para mim.

O Hardin entra, inclina a cabeça e deixa cair as malas decoradas com

flores das mãos. A sua expressão de surpresa não passa despercebida. Desvio o olhar e foco-me na mulher que se encaminha para mim, de braços abertos.

— Fiquei tão desapontada quando o Hardin me disse que esta semana não ias cá estar! — diz emocionada e abraça-me. — Mas que maroto que ele é, a tentar enganar-me para me fazer uma surpresa!

O quê?

Põe as mãos nos meus ombros e faz-me olhar para ela. — Oh, és tão amorosa, olhem só para ti! — guincha e volta a abraçar-me.

Permaneço calada e também a abraço. O Hardin parece horrorizado e apanhado completamente desprevenido.

Junta-te ao clube.

23

TESSA

Depois de a mãe do Hardin me abraçar pela quarta vez, ele balbucia finalmente: — Mãe, dê-lhe um bocadinho de espaço. Ela é um bocado tímida.

— Tens razão, desculpa, Tessa. É que estou tão contente por te ter finalmente conhecido. O Hardin falou-me tanto de ti — diz, num tom caloroso. Sinto as minhas bochechas em chamas e ela recua e acena compreensivamente. Estou surpreendida por ela saber que eu existo; imaginava que ele tinha omitido a minha existência, como era habitual.

— Não faz mal — consigo dizer no meio da minha estupefação.

A Sra. Daniels faz um sorriso radioso e olha para o filho, que diz: — Mãe, será que pode ir à cozinha beber um copo de água durante uns momentos? — Quando ela sai, o Hardin aproxima-se delicadamente. — Podemos... eu, hum... ir para o quarto conversar um bo-bocado? — balbucia.

Aceno com a cabeça e olho de relance para a cozinha, antes de segui-lo até ao quarto que um dia partilhámos.

— Mas que raio é que se passa aqui? — pergunto calmamente quando fechamos a porta.

O Hardin retrai-se e senta-se na cama. — Eu sei... desculpa. Não lhe podia contar o que aconteceu. Não lhe podia contar o que fiz. — E, num tom de voz que contém mais esperança do que posso suportar, acrescenta: — Vieste cá... sabes, para ficar?

— Não...

— Ah...

Suspiro e passo os dedos pelo cabelo, um hábito que, suspeito, apanhei do Hardin. — Bom, o que é que eu devia fazer? — pergunto-lhe.

— Não sei... — diz e dá um longo suspiro. — Não estou à espera que aceites isto ou outra coisa... Só preciso de um pouco de tempo para lhe contar.

— Eu também não sabia que estavas cá, pensei que ias a Londres.

— Mudei de ideias, não me apeteceu ir sem... — Cala-se, com uma evidente tristeza no olhar.

— Há alguma razão para não lhe teres contado que já não estamos juntos? — Não sei se quero ouvir a resposta.

— Ela estava tão feliz por eu ter encontrado alguém... Não quis desiludi-la.

Relembro-me do Ken a dizer-me que nunca pensou que o Hardin fosse capaz de ter uma relação, e ele tinha razão. No entanto, não quero estragar a estada da mãe dele. Por isso não é certamente por ele que digo: — Está bem. Podes esperar pelo momento que achares mais oportuno para contar à tua mãe. Mas não lhe fales na aposta. — Baixo o olhar e pergunto-me se a sua mãe ficará muito magoada ao saber como foi que ele destruiu o seu primeiro e único amor.

— A sério? Não te importas que ela pense que andamos juntos? — Ele mostra-se mais surpreendido do que devia. Quando assinto, ele suspira fundo. — Obrigado. Estava convencido de que me ias desmascarar à frente dela.

— Eu não faria isso — digo com sinceridade. Por mais furiosa que eu esteja com o Hardin, nunca prejudicaria a sua relação com a mãe. — Vou acabar de tratar da roupa e depois vou-me embora. Achava que vocês não estavam e por isso pensei em cá ficar, em lugar de ficar hospedada naquele motel. — Encolho os ombros, incomodada. Já estivemos tempo de mais no quarto.

— Não tens outro sítio para onde ir?

— Podia ir para casa da minha mãe. Mas, na verdade, não me apetece — admito. — O motel não é mau, apenas um pouco caro. — Esta é a conversa mais civilizada que eu e o Hardin tivemos na última semana.

— Sei que não aceitas ficar aqui, mas será que te posso dar algum dinheiro? — Percebo que ele está com medo da minha reação à sua oferta.

— Não preciso do teu dinheiro.

— Eu sei, mas achei que podia oferecer. — Olha para o chão.

— É melhor voltares para a sala. — Suspiro e abro a porta.

— Vou já, dentro de uns segundos — diz suavemente.

Não me agrada a ideia de sair daqui e ter de estar a sós com a mãe dele, mas não posso permanecer neste pequeno espaço com o Hardin.

Respiro fundo e saio do quarto.

Quando entro na cozinha, a mãe do Hardin está ao lado do lava-loiça e olha para mim: — Ele não está aborrecido comigo, pois não? Eu não queria pressionar-te. — A sua voz é tão doce. Contrasta completamente com a do seu filho.

— Oh, não, claro que não. Ele só estava... a referir-se a uns assuntos acerca desta semana — minto. Nunca tive jeito para mentir e tento evitar fazê-lo a todo o custo.

— Ah, ainda bem. Eu sei como ele é temperamental. — Sorri tão calorosamente que eu não posso deixar de lhe sorrir também.

Sirvo-me de um copo de água, para ver se me acalmo, e ela continua a falar enquanto eu bebo um trago. — Ainda estou surpreendida com a tua beleza. Ele disse-me que tu eras a rapariga mais bonita que ele alguma vez conheceu, mas eu pensei que estava a exagerar.

Sem a elegância da rapariga mais bonita que um rapaz alguma vez viu, cuspo a água de volta para o copo. *O Hardin disse isso?* Tenho vontade de lhe pedir para repetir, mas, em vez disso, bebo mais um pouco de água, tentando disfarçar a minha reação embaraçante.

Ela ri-se. — Sinceramente, pensei que estavas coberta de tatuagens e tinhas o cabelo verde ou algo do género.

— Não, tatuagens não é comigo. Nem cabelo verde. — Rio-me e sinto os ombros mais descontraídos.

— Também estás em Estudos Ingleses, como o Hardin, não é?

— Sim, senhora...

— Senhora? Trata-me por Trish.

— Na verdade, eu agora estou a estagiar na Vance Publishing, por isso o meu horário é muito esquisito. E agora estamos de férias.

— Vance? Do Christian Vance? — pergunta e eu assinto com a cabeça. — Oh, já não vejo o Christian há pelo menos... uns dez anos. — Baixa o olhar para o copo de água que tenho nas mãos. — Na verdade, eu e o Hardin vivemos em casa dele durante um ano, depois de o Ken... Bom, não interessa, o Hardin não gosta que eu me ponha a contar as nossas histórias. — Dá uma risadinha nervosa.

Eu não sabia que o Hardin e a mãe tinham vivido em casa do Sr. Vance, mas tinha percebido que tinham uma relação muito próxima, mais próxima do que teriam se o Christian fosse apenas um amigo do

pai.

— Eu sei o que se passou com o Ken — digo à Trish numa tentativa de aliviar o mal-estar, mas fico imediatamente com medo de se poder deduzir que eu sei o que se passou com ela e com receio de a ter aborrecido.

Por isso, quando ela responde: — Sabes? —, tento aligeirar o que disse, acrescentando: — Sim, o Hardin contou-me...

Mas paro de falar quando o Hardin aparece na cozinha e tenho de admitir que fiquei contente com a sua intrusão.

Ele ergue as sobrancelhas. — O Hardin contou-te o quê?

Fico numa enorme tensão, mas, para minha surpresa, a mãe dele disfarça, dizendo: — Nada, filho, é só conversa de mulheres —, e vai ter com ele, pondo um braço à volta da sua cintura. Ele afasta-se ligeiramente, como que por instinto. Ela franze o sobrolho, mas fico com a sensação de que esta é a interação normal deles.

O secador de roupa apita e eu aproveito a deixa para sair da cozinha, acabar de tratar da roupa e assim afastar-me depressa dali.

Tiro as roupas ainda mornas do secador e sento-me no chão do compartimento das máquinas, para as dobrar. A mãe do Hardin é tão meiga e dou por mim a ter pena de não a ter conhecido em circunstâncias diferentes. Já não sinto ódio pelo Hardin; já estive zangada o tempo suficiente. Sinto tristeza e nostalgia pelo que podíamos ter tido.

Depois de ter todas as roupas prontas, vou ao quarto para voltar a fazer as malas. Quem me dera não ter pendurado as roupas no armário ou guardado a comida na cozinha.

— Precisas de ajuda, querida? — pergunta-me a Trish.

— Hum, estava só a arrumar as coisas para ir passar uma semana a casa da minha mãe — respondo, decidindo que é melhor ir já para lá, uma vez que o motel é caro.

— Vais-te embora hoje? Agora mesmo? — Franze o sobrolho.

— Pois... disse à minha mãe que ia passar o Natal com ela. — Por uma vez, gostava que o Hardin aparecesse na cozinha para me ajudar a sair desta situação.

— Ah, estava com esperança de que ficasses pelo menos uma noite. Sabe-se lá quando nos podemos voltar a ver; e eu adoraria conhecer

melhor a jovem por quem o meu filho se apaixonou.

Subitamente, há qualquer coisa em mim que quer fazer esta mulher feliz. Não sei se foi por causa da minha gafe ao dizer que sabia o que acontecera com ela e com o Ken ou se por ela me ter dado cobertura em frente ao Hardin. Não quero aprofundar esta questão e por isso silencio a minha voz interior e limito-me a acenar com a cabeça, dizendo: — Está bem.

— *A sério*? Ficas? Só uma noite e depois podes ir para casa da tua mãe. De qualquer modo, não deves querer guiar com esta neve toda. — Ela abraça-me pela quinta vez no dia.

Pelo menos ela vai ser uma barreira entre mim e o Hardin. Não podemos discutir na sua presença. Bem, eu, pelo menos, não quero discutir. Sei que esta é provavelmente... seguramente a pior ideia, mas é difícil dizer não à Trish. Tal como ao seu filho.

— Bom, vou tomar um duche rápido. Foi uma longa viagem! — Faz um sorriso amplo e sai do quarto.

Deixo-me cair em cima da cama e fecho os olhos. Estas vão ser as vinte e quatro horas mais desagradáveis e dolorosas da minha vida. Faça o que fizer, parece que acabo sempre a voltar ao princípio, para junto dele.

Ao fim de alguns minutos, abro os olhos e deparo-me com o Hardin em frente ao armário, de costas para mim. — Desculpa, não te queria incomodar — diz ao virar-se. Sento-me. Ele está a comportar-se de um modo tão estranho, a pedir desculpa por tudo e por nada. — Reparei que limpaste o apartamento — diz docemente.

— Sim... é mais forte do que eu — sorrio e ele também sorri. — Hardin, eu disse à tua mãe que ia ficar cá esta noite. Só esta noite, mas, se não achares bem, vou-me embora. A tua mãe é tão simpática que me custou recusar o seu pedido, mas se te sentires desconfor...

— Tessa, acho bem — diz muito depressa, mas em seguida acrescenta, com a voz trémula: — Eu quero que fiques.

Não sei o que dizer e não percebo esta estranha alteração de acontecimentos. Gostava de lhe agradecer o presente, mas a minha cabeça está atafulhada de mais para eu poder pensar com lucidez.

— O teu dia de anos correu bem, ontem? — pergunta.

— Ah, sim. O Landon apareceu.

— Ah... — Mas então ouvimos a mãe dele na sala e ele vai-se embora. Para à porta do quarto e vira-se para mim. — Não sei como devo agir.

Suspiro. — Eu também não.

Com isto, ele acena com a cabeça e eu levanto-me para irmos ter com a mãe dele à sala.

24

TESSA

Quando eu e o Hardin entramos na sala, a mãe dele está sentada no sofá com o cabelo molhado apanhado num coque. Ela parece muito nova e, para a idade que tem, é deslumbrante. — Devíamos alugar uns filmes e eu faço o jantar para todos! — exclama. — Não tiveste saudades dos meus cozinhados, meu bolinho de mel?

O Hardin revira os olhos e encolhe os ombros. — Claro. A melhor cozinheira de sempre.

Isto não podia ser mais embaraçoso.

— Então? Não sou assim tão má. — Ela ri-se. — E acho que com isso *tu* acabaste de ser nomeado o chefe de cozinha desta noite.

Agito-me com desconforto, sem saber como me comportar com o Hardin. Esta é uma situação incómoda para nós, embora eu repentinamente perceba que é um padrão muito nosso: a Karen e o Ken achavam que nós andávamos um com o outro antes mesmo de andarmos.

— Sabes cozinhar, Tessa? — pergunta a Trish, interrompendo-me os pensamentos. — Ou é o Hardin que costuma cozinhar?

— Hum... cozinhamos os dois. Na verdade, talvez seja mais «preparar» do que «cozinhar» — respondo.

— Fico contente por saber que tomas conta do meu rapaz e que este apartamento está tão bonito também. Suspeito que a limpeza está por conta da Tessa — brinca.

Eu não «tomo conta do seu rapaz» uma vez que ele perdeu isso por me ter magoado do modo como o fez. — Pois... ele é um porcalhão — respondo.

O Hardin olha para mim com um sorrisinho nos lábios. — Não sou nada um porcalhão, ela é que tem a mania das limpezas.

Suspiro. — Ele é um porcalhão — dizemos as duas em uníssono.

— Vocês as duas vão ver um filme ou implicar comigo a noite toda? — pergunta o Hardin, amuado.

Sento-me antes do Hardin, para não ter de tomar a desagradável decisão de escolher onde me sentar. Vejo-o a olhar para o sofá e para mim, decidindo o que fazer. Após uns momentos, senta-se exatamente ao meu lado e eu sinto o calor familiar da sua proximidade.

— O que é que querem ver? — pergunta-nos a mãe dele.

— Tanto faz — responde o Hardin.

— Escolha ao seu gosto. — Tento suavizar a resposta dele.

Ela sorri-me e escolhe *A Minha Namorada Tem Amnésia*, um filme que o Hardin vai seguramente detestar.

E, tal como eu esperava, o Hardin resmunga mal ele começa: — Que merda de filme tão antigo.

— Shhh — digo e ele sopra mas fica calado.

Apanho-o várias vezes a olhar para mim, enquanto a Trish e eu nos rimos e suspiramos ao longo do filme. Estou mesmo divertida e durante alguns momentos quase esqueço tudo o que aconteceu entre mim e o Hardin. Custa-me não me encostar a ele, não lhe acariciar as mãos, não afastar os cabelos que lhe caem para a testa.

— Estou com fome — murmura quando o filme acaba.

— Tu e a Tessa podiam ir cozinhar, já que a minha viagem foi cansativa... — sugere a Trish a sorrir.

— A mãe está mesmo a tirar partido dessa história do voo cansativo, não está? — pergunta-lhe ele.

Ela assente com um sorriso malandro, igual ao que eu vi algumas vezes no rosto do Hardin.

— Posso ser eu a cozinhar — ofereço e levanto-me. Entro na cozinha e encosto-me à mesa. Agarro a esquina de mármore da bancada com mais força do que a necessária, tentando controlar a respiração. Não sei por quanto tempo consigo representar este papel, fingindo que o Hardin não destruiu tudo, fingindo que o amo. *E eu amo-o muito, estou desgraçadamente apaixonada por ele.* O problema não é eu não sentir nada por este rapaz temperamental e egoísta. O problema é que eu lhe dei tantas oportunidades, desvalorizando sempre as coisas horríveis que ele diz e faz. Mas desta vez é de mais.

— Hardin, sê um cavalheiro e ajuda-a — ouço a Trish dizer e abro rapidamente o congelador, para não mostrar que acabei de passar por uns momentos angustiantes.

— Hum... posso ajudar? — A sua voz ressoa pela pequena cozinha.

— Podes... — respondo.

— Gelados? — pergunta-me e eu olho para o objeto que tenho nas mãos. Queria tirar um frango, mas estava distraída.

— Sim, quem é que não gosta de gelados? — respondo e ele sorri, revelando aquelas suas covinhas provocadoras.

Eu consigo. Consigo estar ao pé do Hardin. Consigo ser simpática com ele e isto pode correr bem.

— Podias fazer aquela massa de frango que fizeste para mim — sugiro.

Fita-me com os seus olhos verdes. — É o que te apetece comer?

— Sim. Se não te der muito trabalho.

— Claro que não.

— Estás tão estranho hoje — sussurro para que a nossa visita não ouça.

— Não estou nada. — Encolhe os ombros e avança na minha direção.

O meu coração começa a acelerar. Afasto-me um pouco e ele abre a porta do congelador.

Pensei que ele me ia beijar. O que é que se está a passar comigo?

Preparamos o jantar num silêncio quase completo, sem nenhum de nós saber o que dizer. Observo-o durante todo o tempo, vendo os seus longos dedos a dobrarem-se em redor do cabo da faca para cortarem o frango e os legumes, os seus olhos a fecharem-se quando o vapor da água a ferver colide com a sua cara, a sua língua a lamber os cantos da boca quando prova o molho. Sei que, quando o observo assim, deixo de ser imparcial ou saudável, mas é superior às minhas forças.

— Vou pôr a mesa e tu podes ir dizer à tua mãe que já está tudo pronto — digo quando terminamos tudo.

— O quê? Eu chamo-a daqui.

— Não, isso não é simpático. Vai lá buscá-la — digo.

Ele suspira, mas obedece, voltando sozinho uns segundos depois. — Ela está a dormir — diz-me.

Eu ouço, mas mesmo assim pergunto: — O quê?

— Pois, adormeceu no sofá. Achas que a acorde?

— Não... Ela teve um dia muito cansativo. Eu guardo alguma comida para ela, para poder comer quando acordar. De qualquer modo, já é

tarde.

— São oito da noite.

— Pois... é tarde.

— Pois... — diz, sem qualquer emoção.

— O que é que se passa contigo? Sei que isto é muito desagradável, mas estás tão *esquisito* — digo sem pensar e encho dois pratos com comida.

— Obrigado — diz e pega num deles antes de se sentar à mesa.

Vou buscar um garfo à gaveta e decido comer de pé, na bancada da cozinha. — Vais-me contar?

— Contar o quê? — Enche o garfo com frango e começa a comer.

— Tens estado tão... calado e... simpático. Estás diferente.

Termina de mastigar e engolir antes de responder. — Não quero dizer nada de errado.

— Ah — limito-me a exclamar. Bom, não era *isso* que eu estava à espera de ouvir.

Ele inverte a questão: — E tu, porque é que estás a ser tão simpática e tão diferente?

— Porque a tua mãe está cá e o que aconteceu, aconteceu, não posso fazer nada para alterar isso. Também não posso ficar irritada para sempre. — Apoio-me no cotovelo, inclinando-me sobre a bancada.

— Então, o que é que isso quer dizer?

— Nada. Só estou a dizer que quero ter um relacionamento civilizado, sem discussões. Nada mudou entre nós. — Pressiono a bochecha para tentar não chorar.

Em vez de dizer qualquer coisa, o Hardin levanta-se e atira o prato para o lava-loiça. O prato parte-se ao meio, com um enorme estrondo, que me faz saltar. O Hardin não se perturba e nem sequer se vira para trás quando sai para ir para o quarto.

Vou espreitar à sala, para me assegurar de que o gesto impulsivo não acordou a mãe. Felizmente, ela continua a dormir, com a boca ligeiramente aberta, de um modo que salienta as suas parecenças com o filho.

Como de costume, vou limpar a porcaria que o Hardin fez. Ponho a loiça na máquina e guardo o que sobrou antes de limpar a mesa da cozinha. Estou exausta, um cansaço mais mental do que físico, mas

preciso de tomar um duche e de ir dormir. Mas onde é que eu vou dormir? O Hardin está no quarto e a Trish no sofá. Se calhar, é melhor voltar para o motel.

Aumento ligeiramente o termóstato do aquecedor e apago a luz da sala. Quando entro no quarto para ir buscar o pijama, o Hardin está sentado à beira da cama, com os cotovelos nos joelhos e as mãos na cabeça. Não levanta a cabeça e eu vou buscar uns calções, uma *T-shirt* e umas cuecas à minha mala antes de sair do quarto. Quando chego à porta, ouço um som que parece ser um soluço abafado.

O Hardin está a chorar?

Não está. Não pode estar.

Se, por uma hipótese remota, estiver a chorar, não posso sair do quarto. Volto de mansinho até à cama e ponho-me à sua frente. — Hardin? — chamo baixinho e tento afastar-lhe as mãos da cara. Ele resiste, mas eu puxo com mais força. — Olha para mim — peço.

Fico sem respiração quando ele o faz. Tem os olhos vermelhos e o rosto está inundado em lágrimas. Tento pegar-lhe nas mãos, mas ele afasta-me. — Vai-te embora, Tessa — diz.

Ouvi-o dizer isto tantas vezes. — Não — respondo e ajoelho-me entre as suas pernas abertas.

Ele limpa os olhos com as costas das mãos. — Não foi uma boa ideia. Amanhã de manhã, conto tudo à minha mãe.

— Não é preciso. — Já vi algumas lágrimas a rolarem pelo seu rosto, mas nunca o tinha visto a chorar desalmadamente, inundado em lágrimas e com o corpo a tremer.

— Vou, sim. É uma tortura para mim ter-te tão perto e, no entanto, tão longe. É a pior punição possível. Não que eu não a mereça, sei que a mereço, mas é de mais. — Soluça. — Mesmo que eu pensasse que talvez... talvez ainda gostasses de mim como eu gosto de ti. Mas eu percebo, Tess, eu vejo o modo como agora tu olhas para mim. Vejo o sofrimento que te causei. Vejo que mudaste por minha culpa. Sei que sou responsável por isto, mas sinto-me destroçado ao ver-te escapar por entre os dedos. — As lágrimas correm com mais intensidade, caindo na sua *T-shirt* preta.

Gostava de dizer alguma coisa — qualquer coisa — que o fizesse parar. Que terminasse com o seu sofrimento.

Mas onde é que ele estava quando eu passei as noites a chorar?

— Queres que me vá embora? — pergunto e ele acena com a cabeça.

A sua rejeição magoa-me ainda agora. Sei que não devia estar aqui, que não devíamos estar a fazer isto, mas eu preciso de mais. Preciso de mais tempo com ele, mesmo sendo perigoso, é melhor do que tempo nenhum. Quem me dera não o ter amado, nunca o ter conhecido.

Mas isso aconteceu. E eu amo-o.

— Está bem. — Engulo em seco e levanto-me.

Agarra no meu pulso para me deter. — Desculpa. Por tudo, por te magoar, por tudo — diz, num tom de despedida.

Por mais que queira resistir a isto, no fundo sei que não estou preparada para que ele desista de mim. Por outro lado, também não estou preparada para lhe perdoar facilmente. Estou desde há dias num constante estado de confusão, mas hoje ultrapassa tudo.

— Eu... — Interrompo-me.

— O quê?

— Eu não quero ir — digo, tão baixo que nem tenho a certeza de que ele tenha ouvido.

— O quê? — pergunta de novo.

— Eu não quero ir. Sei que devia ir, mas não quero. Hoje, pelo menos, não quero. — Posso jurar que estou a ver os pedaços do homem desfeito que está à minha frente a juntarem-se lentamente de novo, um a um. É uma imagem linda, mas que também aterroriza o fundo da minha alma.

— O que é que isso quer dizer?

— Não sei o que significa, mas também não estou preparada para descobrir — digo, esperando ser capaz de lidar com este sentimento falando nele.

O Hardin olha para mim, perplexo, como se o seu anterior choro nunca tivesse acontecido. Num gesto automático, enxuga a cara com a *T-shirt* e diz: — Está bem. Podes dormir na cama. Eu fico no chão.

Quando ele tira duas almofadas e uma manta da cama, sou invadida pelo pensamento de que talvez todas aquelas lágrimas tenham sido lágrimas de crocodilo. No entanto, inexplicavelmente, sei que elas foram sinceras.

25

TESSA

Enfiada debaixo do edredão, não consigo deixar de pensar na reação inesperada do Hardin. Ele estava tão frágil e tão vulnerável que o seu corpo não parava de estremecer. Sinto que a relação de forças entre mim e o Hardin está constantemente a alterar-se e há sempre um dos dois que domina o outro. Neste momento, o controlo está nas minhas mãos.

Mas eu não quero controlar. Nem esta relação de forças me agrada. O amor não devia ser uma batalha. Além disso, eu não confio na minha capacidade de comandar o que acontece entre nós. Até há algumas horas, estava tudo bem claro para mim, mas agora, depois de o ver tão abalado, a minha mente está confusa e os meus pensamentos enevoados.

Mesmo na escuridão, sinto o olhar do Hardin fixo em mim. Quando suspiro perante toda esta situação, ele pergunta imediatamente: — Queres que ligue a televisão?

— Por mim, não. Mas, se te apetecer, tudo bem — respondo.

Tenho pena de não ter comigo o *e-reader* para poder ler até adormecer. Se calhar, se observasse os destroços das vidas de Catherine e de Heathcliff, talvez a minha se revelasse mais simples, menos traumática. Catherine passou toda a vida a tentar lutar incessantemente contra o seu amor por aquele homem, até ao dia em que ela suplicou o seu perdão, afirmando que não podia viver sem ele — morrendo poucas horas depois. Eu conseguia viver sem o Hardin, não conseguia? Eu não vou passar a vida inteira nesta luta. É apenas uma situação temporária... Não é? Não vamos viver infelizes e fazer os outros infelizes só por sermos obstinados e casmurros, pois não? Sinto-me incomodada com este paralelismo, especialmente porque isso significa que começo a comparar o Trevor ao Edgar. Não sei como lidar com tudo isto. É estranho.

— Tess? — chama-me o meu Heathcliff, arrancando-me dos meus

pensamentos.

— Sim? — respondo com uma voz rouca.

— Eu não comi... *dormi com* a Molly — diz, como se, corrigindo a sua linguagem obscena, a sua afirmação se tornasse menos chocante.

Mantenho-me calada, em parte perplexa por ele estar a falar nisto, em parte por querer acreditar nele. Mas não posso permitir-me esquecer que ele é um mestre do engano.

— Juro — acrescenta.

Ah, bem, se ele o jura... — Então, porque é que disseste isso? — pergunto, com severidade.

— Para te magoar. Estava tão furioso por me teres dito que beijaste uma pessoa, que respondi com aquilo que sabia que te magoaria mais.

Não consigo ver o Hardin, mas, mesmo assim, sei que ele está deitado de costas, com os braços cruzados e as mãos debaixo da cabeça, a contemplar o teto. — Beijaste mesmo alguém? — pergunta antes de eu ter tempo de responder.

— Sim — admito. Mas quando o ouço respirar fundo, tento amenizar o choque, acrescentando: — Foi só uma vez.

— Porquê? — A sua voz, embora calma, revela inquietação. Um som estranho.

— Na verdade, nem sei... Fiquei zangada com o que me disseste ao telemóvel e tinha bebido muito. E então dancei com um rapaz e beijei-o.

— Dançaste com ele? Dançaste como? — pergunta-me.

Fico impaciente perante a necessidade de o Hardin saber todos os pormenores do que eu faço, mesmo quando não estamos juntos. — Não queres que eu responda a isso.

As suas palavras adensam o ar que nos envolve. — Sim, quero.

— Hardin, nós dançámos como toda a gente dança numa discoteca. E depois ele beijou-me e convidou-me para ir a casa dele. — Olho para as lâminas do ventilador do teto. Sei que, se continuamos a falar nisto, elas serão obrigadas a parar, incapazes de funcionar neste ambiente tenso.

Tento mudar de assunto. — Obrigada pelo *e-reader*. Foi uma boa ideia.

— Ele convidou-te para ir para casa dele? E foste? — Ouço-o a mexer-se, dando-me a indicação de que agora está sentado.

Permaneço deitada em cima do colchão. — Achas que precisas de

me perguntar isso? Sabes bem que eu nunca o faria — respondo, num tom cortante.

— Bom, eu também nunca te imaginaria a dar beijos e a dançar numa discoteca — rosna.

Fico calada por uns instantes e depois digo: — Acho que não deves querer falar em comportamentos inesperados.

Os cobertores voltam a revolver-se e eu sinto-o mesmo a meu lado. Aquela voz está mesmo junto a mim. — Diz-me, por favor, diz-me que não o fizeste.

Ele senta-se ao meu lado, na cama, e eu afasto-me. — Sabes bem que não. Nessa noite, eu estive *contigo* mais tarde.

— Preciso de te ouvir a dizer isso. — A sua voz é severa, mas suplicante. — Diz que só o beijaste uma vez e que depois disso não voltaste a falar com ele.

— Só o beijei uma vez e desde aí nunca mais voltei a falar com ele — repito, porque sei que ele precisa desesperadamente de ouvir estas palavras.

Mantenho o olhar focado no remoinho de tinta que aflora do decote cavado da sua *T-shirt*. Tê-lo na cama acalma-me e incendeia-me ao mesmo tempo. Não aguento esta batalha interna a que estou condenada.

— Há mais alguma coisa que eu deva saber? — pergunta docemente.

— Não — minto. Não lhe vou falar no meu encontro com o Trevor. Não aconteceu nada e ele não tem nada a ver com isso. Eu gosto do Trevor e quero mantê-lo a salvo da bomba-relógio que o Hardin é.

— Tens a certeza?

— Hardin... Não acho que estejas em posição de me quereres controlar — digo e olho fixamente para ele. Não consigo deixar de o fazer.

— Eu sei. — Ele surpreende-me ao dizer isto.

Quando sai da cama, tento ignorar a sensação de vazio que me invade.

26

HARDIN

Hoje foi um dia horrível. Um inferno que chegou de braços abertos, mas, mesmo assim, um inferno. Nunca esperei ver a Tessa quando cheguei do aeroporto. Tinha arranjado uma mentira simples: a minha namorada não ia estar presente porque ia estar fora durante toda a semana do Natal. A minha mãe tinha-se lamuriado um pouco mas não tinha feito muitas perguntas, nem puxado o assunto. Ela tinha ficado tão feliz — e, na verdade, surpreendida — por haver uma mulher na minha vida. Acho que tanto ela como o meu pai esperavam que eu ficasse sozinho para sempre. E eu também.

De certo modo, acho espantoso o facto de não conseguir estar um segundo sem pensar nesta rapariga, quando até há três meses eu só queria estar sozinho. Nunca soube o que andava a perder e, agora que o descobri, não prescindo mais dessa sensação. No entanto, para mim só ela existe; não arranjo maneira de a varrer da minha cabeça.

Tentei deixá-la, tentei esquecê-la, tentei seguir o meu caminho... e foi um desastre. A loura espantosa com quem saí na noite de sábado não era a Tessa. Nunca ninguém será como ela. Ambas são muito parecidas, fisicamente e na maneira de vestir. A rapariga corou com os meus palavrões e pareceu-me um bocado receosa durante todo o jantar. Era bastante simpática, sim, mas era chata.

Faltava-lhe aquele fogo que a Tess tem: ela não repreendeu a minha linguagem obscena nem se manifestou quando lhe pus as mãos nas coxas a meio do jantar. Sei que ela apenas aceitou sair comigo para satisfazer a fantasia de ser comida por um «mau rapaz» antes da missa da manhã seguinte. Mas, tudo bem, porque eu também a usei. Usei-a para preencher o vazio que sinto pela falta da Tessa. Para me alhear do facto de a Tessa estar em Seattle com aquele idiota do Trevor. A culpa que senti quando beijei a tal rapariga foi devastadora. Quando me afastei, a sua cara inocente revelava um embaraço evidente. Saí praticamente a correr para o carro, abandonando-a no restaurante.

Sento-me e olho para a rapariga adormecida por quem estou desesperadamente apaixonado. Vê-la aqui, no nosso apartamento, com as suas roupas na máquina de lavar, a casa arrumada e a escova de dentes na casa de banho... deu-me um pouco de esperança. Mas, mais uma vez, foi a dura realidade que venceu.

Ainda espero que exista alguma hipótese, por pequena que seja, de ela me perdoar. Se ela acordasse agora, iria certamente gritar ao ver-me a observá-la enquanto dorme.

Sei que não posso ser tão exigente. Que preciso de lhe dar um pouco de espaço. Este comportamento e estes sentimentos são tão cansativos, tão esmagadores, e eu não faço a mínima ideia de como lidar com eles. Mas vou ter de saber o que fazer — tenho de reparar tudo isto. Afasto uma madeixa de cabelo caída na sua cara e obrigo-me a voltar para a cama, para o monte de cobertores disposto no chão de cimento, o lugar aonde eu pertenço.

Talvez consiga dormir amanhã.

27

TESSA

Quando acordo, fico por momentos confusa ao ver o teto de tijolo em cima de mim. É estranho acordar aqui depois de ter estado hospedada em hotéis durante a última semana. Quando saio da cama, o chão está desimpedido, com o cobertor e as almofadas empilhados junto ao armário. Pego na bolsa de *toilette* e vou para a casa de banho.

Ouço a voz do Hardin na sala: — Ela não pode ficar hoje, mãe. A mãe está à espera dela.

— Não podíamos dizer-lhe para ela vir cá? Adorava conhecê-la — responde a Trish.

Oh, não.

— Não, a mãe dela... não gosta muito de mim — diz ele.

— Porque não?

— Acho que ela pensa que eu não sou suficientemente bom para a Tessa. Talvez por causa do meu aspeto.

— Do teu aspeto? Hardin, nunca deixes que alguém te faça sentir inseguro. Pensei que gostavas do teu... estilo?

— E gosto. Na verdade, estou-me a cagar para o que os outros possam pensar. Exceto a Tessa.

Fico de boca aberta, enquanto a Trish se ri. — Quem és tu e onde está o meu menino? — Em seguida, com uma sincera alegria na voz, acrescenta: — Já nem me lembro da última vez que conversámos sem tu me insultares; já foi há anos. Que bom que isto é.

— Está bem... está bem — resmunga o Hardin e eu dou uma risadinha ao imaginar a Trish a tentar abraçá-lo.

Depois de tomar duche, decido arranjar-me antes de sair da casa de banho. Sei que sou uma cobarde, mas preciso de um pouco mais de tempo antes de estampar um sorriso falso no rosto para a mãe do Hardin. Não é exatamente um sorriso falso... *E isso é uma parte do problema*, penso. Gostei muito do dia de ontem e há uma semana que

não dormia tão bem.

Depois de enrolar muito bem o cabelo, guardo os objetos de *toilette* na bolsa. Batem à porta. — Tess? — pergunta o Hardin.

— Já estou a sair — respondo e abro a porta. Ele está encostado à ombreira, com uns calções compridos cinzentos e uma *T-shirt* branca.

— Não era para te apressar, mas preciso de fazer chichi.

Sorrio e assinto com a cabeça. Tento não dar atenção ao facto de os seus calções estarem descaídos na cintura, fazendo com que a escrita cursiva tatuada nos lados seja ainda mais visível por baixo da *T-shirt* branca.

— Vou-me vestir e depois vou-me embora — digo-lhe.

Ele desvia o olhar, focando-se na parede. — Está bem.

Vou para o quarto, sentindo-me horrivelmente culpada por mentir à mãe dele e deixá-la tão cedo. Sei que ela estava entusiasmada por me conhecer e agora eu vou-me embora no seu segundo dia de visita. Escolho o vestido branco e visto os velhinhos *collants* pretos, já que, sem eles, vou ter muito frio. Se calhar, devia-me ter cingido a umas calças de ganga e a uma *sweatshirt*, mas adoro a estranha sensação de confiança que este vestido me dá, e eu hoje preciso dela. Arrumo as minhas roupas nas malas e volto a colocar os cabides no armário.

— Precisas de ajuda? — pergunta a Trish atrás de mim. Dou um salto, deixando cair o vestido azul-escuro que usei em Seattle.

— Estava só... — digo, atrapalhada.

O seu olhar examina o armário meio vazio. — Há quanto tempo é que planeaste ir para casa da tua mãe?

— Hum... eu... — Sou péssima a mentir.

— Dá ideia de que vais estar fora muito tempo.

— Sim... é que tenho pouca roupa — guincho.

— Vinha ver se querias ir comigo às compras, enquanto cá estou; se voltares antes de me ir embora, talvez possamos ir?

Não percebo se ela acredita em mim ou se suspeita que eu nunca planeei regressar. — Sim... claro — volto a mentir.

— Mãe... — diz o Hardin em voz baixa, ao entrar no quarto. Vejo a sua expressão ao olhar para o armário vazio e desejo que a Trish não esteja tão atenta ao filho como eu estou.

— Estou só a acabar de fazer as malas — explico. Corro o fecho da

última mala e olho para ele sem saber o que dizer.

— Vou ajudar-te a levar as malas para baixo — diz, tirando as chaves da cómoda e desaparecendo com as minhas coisas.

Quando ele sai do quarto, a Trish põe os braços à volta dos meus ombros. — Estou tão contente por te ter conhecido. Nem imaginas o que isso significa para mim; como mãe, ver o meu único filho assim.

— Assim como? — pergunto.

— Feliz — responde e os meus olhos começam a arder.

Se para ela este é o Hardin feliz, não quero conhecer o seu habitual Hardin.

Despeço-me da Trish e preparo-me para sair do apartamento para sempre.

— Tessa? — diz a mãe do Hardin num tom natural. Viro-me e encaro-a uma vez mais. — Voltas para ele, não voltas? — pergunta e sinto um aperto no coração. Fico com a sensação de que ela não está apenas a referir-se ao meu regresso depois das férias do Natal.

Não confio na minha voz. Por isso, limito-me a acenar com a cabeça e saio rapidamente.

Ao chegar ao elevador, dou meia-volta e decido descer pelas escadas para evitar encontrar-me com o Hardin. Limpo o canto dos olhos e respiro fundo antes de sair para a rua coberta de neve. Quando chego ao meu carro, noto que foi retirada a neve do limpa-para-brisas e que o motor está a trabalhar.

Decido não avisar a minha mãe de que estou a caminho. Neste momento, não me apetece falar com ela. Quero aproveitar as duas horas de viagem de carro para arejar a cabeça. Tenho de fazer uma lista mental dos prós e contras de voltar a andar com o Hardin. Sei que sou muito estúpida por me dar ao trabalho de pensar no assunto — ele fez-me coisas horríveis. Mentiu-me, traiu-me e humilhou-me. Até agora, na lista dos contras tenho as mentiras, os lençóis, a aposta, o seu temperamento, os seus amigos, a Molly, o seu *ego*, a sua atitude e o facto de ter destruído a confiança que tinha nele.

Na lista dos prós, tenho... bom... tenho o facto de o amar. De ele me fazer feliz, me fazer sentir mais forte, mais confiante. De, em geral, ele querer o melhor para mim, muito embora seja ele quem causa a maior

parte dos danos, com o seu modo imprudente... As suas gargalhadas e sorrisos, o modo como me dá a mão, os seus beijos e abraços, o esforço que faz para mudar por minha causa.

Sei que a lista dos prós está cheia de pequenas coisas, em especial quando comparada com os imensos factos negativos que apontei, mas as pequenas coisas são as mais importantes, não são? Não consigo decidir se estou completamente louca por ainda pensar em perdoar-lhe ou se estou a fazer o que o amor determina. O que é que deve vencer no amor: os sentimentos ou a razão?

Por mais que tente lutar contra isso, não consigo ficar longe dele. Nunca me foi possível.

Seria bom ter uma amiga com quem falar, uma amiga que também já tivesse passado por uma situação semelhante. Quem me dera poder ligar à Steph, mas ela também me mentiu o tempo todo. Podia falar com o Landon, mas ele já me deu a sua opinião e, por vezes, gostava de ouvir o ponto de vista feminino por haver possibilidade de comparação.

A neve está espessa e o vento forte, fustigando o meu carro pelas estradas desertas. Devia ter ficado num hotel — não percebo o que me deu para me pôr a caminho. No entanto, muito embora passe por alguns momentos mais assustadores, a viagem decorre mais rapidamente do que eu pensava e, antes de me dar conta, a casa da minha mãe surge à minha frente.

Estaciono na entrada sem neve e, ao fim de bater três vezes à porta, a minha mãe abre-a, vestida com um roupão e com o cabelo molhado. Podem-se contar pelos dedos de uma mão as vezes em que a vi sem o cabelo arranjado e sem maquilhagem.

— O que é que estás aqui a fazer? Porque é que não telefonaste? — diz-me de um modo tão desagradável como sempre.

Entro. — Não sei. Vim a guiar com esta neve toda e não me quis distrair.

— Mesmo assim, devias ter telefonado para eu poder estar arranjada.

— Não precisa de estar arranjada; sou só eu.

Ela sopra. — Nunca há desculpa para se estar com um ar descuidado, Tessa — diz, num tom que parece estar a criticar-*me* pelo *meu* estado atual. O seu comentário ridículo faz-me ter vontade de rir, mas contenho o riso.

— Onde é que estão as tuas malas? — pergunta.

— No carro, vou buscá-las mais tarde.

— O que é isso... esse vestido que estás a usar? — Observa o meu corpo e eu sorrio.

— É para trabalhar. Gosto muito dele.

— É um bocado provocante... mas gosto da cor.

— Obrigada. Então, como é que estão os Porters? — pergunto. Sei que referir-me à família do Noah é uma boa maneira de mudar de assunto.

— Estão ótimos. Têm saudades tuas. — A caminho da cozinha, olha para trás e acrescenta com naturalidade: — Talvez devêssemos convidá-los para virem cá jantar hoje.

Estremeço e apresso-me a segui-la. — Hum, não acho boa ideia.

Ela olha para mim e em seguida serve-se de uma caneca de café. — Porque não?

— Não sei... não ia ficar muito à vontade.

— Theresa, conheces os Porters há imensos anos. Eu gostava que eles te vissem, agora que tens um estágio, para além de andares na faculdade.

— Ah, então, basicamente, o que quer é exibir-me? — Esta ideia irrita-me. A minha mãe quer convidá-los apenas para poder ter outra coisa de que se gabar.

— Não, quero mostrar-lhes as coisas que tu conseguiste. Não é para te exibir — responde secamente.

— Preferia que não os convidasse.

— Bom, Theresa, esta é a minha casa e, se eu quiser convidá-los, convido. Vou acabar de me arranjar e já volto. — Dá meia-volta, num gesto teatral, e deixa-me sozinha na cozinha.

Reviro os olhos e volto para o meu antigo quarto. Cansada, deito-me em cima da cama e fico à espera que a minha mãe termine os seus amplos rituais de embelezamento.

— Theresa? — A voz da minha mãe acorda-me. Não dei conta de ter adormecido.

Levanto a cara de cima do *Buda*, o meu antigo elefante de peluche, e respondo um desorientado: — Estou a ir!

Levanto-me, ensonada, e arrasto-me até ao andar de baixo. Ao chegar à sala, vejo o Noah sentado no sofá. Não veio todo o clã Porter, como a minha mãe tinha ameaçado, mas isto faz-me acordar.

— Olha quem passou por aqui quando estavas a dormir a sesta — diz a minha mãe com um sorriso forçado.

— Olá — respondo, mas, na verdade, a pensar: *Sabia que não devia ter vindo para cá*.

O Noah saúda-me com um aceno de mão. — Olá, Tessa, estás muito bonita.

Claro que não tenho nada contra o Noah — gosto profundamente dele, como se fosse da minha família. Mas eu preciso de um pouco de descanso em relação a tudo o que está a acontecer na minha vida e a sua presença só vai fazer aumentar a minha culpabilidade e o meu sofrimento. Sei que ele não tem culpa e não é justo que eu seja indelicada, especialmente porque ele foi sempre muito amável comigo depois de terminarmos a nossa relação.

A minha mãe sai da sala e eu tiro os sapatos e sento-me no sofá no canto oposto ao Noah. — Como é que estão a correr as tuas férias? — pergunta.

— Bem. E as tuas?

— Também. A tua mãe disse-me que estiveste em Seattle?

— Sim, foi fantástico. Fui com o meu patrão e alguns colegas.

Ele acena com a cabeça, entusiasmado. — Que incrível, Tessa. Fico feliz por ti. Essa história da editora está mesmo a correr bem!

— Obrigada. — Sorrio. Não está a ser tão constrangedor como pensava que ia ser.

Após uns momentos, ele olha para o corredor por onde a minha mãe desapareceu e em seguida inclina-se na minha direção. — Ei, a tua mãe tem estado tão nervosa desde sábado. Isto é, mais do que o costume. Como é que estás a lidar com tudo isto?

Semicerro os olhos. — O que é que queres dizer com isso?

— Com toda esta história do teu pai? — diz lentamente, como se eu soubesse do que ele está a falar.

O quê? — Do meu pai?

— Ela não te contou? — Olha para o corredor vazio. — Ah, não lhe digas que eu te contei...

Antes de ele acabar de falar, ponho-me em pé e avanço pelo corredor até ao quarto dela. — Mãe!

O que é que se passa com o meu pai? Há oito anos que não o vejo nem ouço falar nele. A atitude solene do Noah... *Será que morreu?* Não sei o que iria sentir em relação a isso.

— O que é que se passa com o pai? — Levanto a voz ao irromper pelo seu quarto. Ela abre os olhos de espanto mas recompõe-se rapidamente. — *Então?* — grito.

Ela suspira. — Tessa, fala mais baixo. Não se passa nada, nada com que tenhas de te preocupar.

— Não é a mãe que decide. Diga-me o que é que aconteceu! O pai morreu?

— Morreu? Ah, não. Eu dir-te-ia se ele tivesse morrido — afirma e deixa cair a mão num gesto de desdém.

— Então o que é que se passa?

Ela suspira e olha para mim por uns instantes. — Ele voltou para cá. Não para muito longe de onde tu estás agora. Mas ele não te vai contactar, por isso não te preocupes com isso. Eu trato disso.

— O que é que isso *significa*? — Não tenho espaço suficiente na minha cabeça para toda esta merda com o Hardin e agora com o meu pai ausente de regresso a Washington. Agora que penso nisso, nunca soube que ele se tinha ido embora daqui. Só sabia que não se dava *comigo*.

— Não significa nada. Eu ia contar-te quando te liguei na sexta à noite, mas como não te deste ao trabalho de atender, lidei com o assunto sozinha.

Naquela noite, eu estava demasiado embriagada para atender — ainda bem que não o fiz. Não estava em condições de encarar o assunto. Ainda agora me é difícil.

— Ele não te vai incomodar, por isso varre essa expressão triste do teu rosto e vai-te arranjar para irmos fazer umas compras — diz, com demasiada indiferença.

— Não me está a apetecer ir às compras, mãe. Isto é uma questão importante para mim, como sabe.

— Não, não é — diz, com imenso despeito e rancor. — Ele nunca apareceu ao longo de todos estes anos. Vai continuar sem aparecer,

nada mudou. — Ela desaparece no seu armário e eu percebo que não vale a pena discutir com ela.

Volto à sala, pego no meu telemóvel e calço os sapatos.

— Onde é que vocês vão? — pergunta o Noah.

— Sabe-se lá — digo e saio para o ar gelado da rua.

Perdi todo este tempo para cá chegar, duas horas de viagem por estradas cheias de neve, só para ela se comportar comigo como uma perfeita bruxa... ou *cabra*, para ser mais correta. Ela é uma verdadeira *cabra*. Afasto a neve do limpa-para-brisas com o braço, uma ideia infeliz, porque ainda fiquei mais gelada. Ao entrar no carro, estou a tiritar de frio e ligo o motor para que o aquecimento comece a funcionar.

Durante a viagem de regresso, grito repetidamente, insultando a minha mãe com todos os palavrões de que me lembro. Quando a minha voz está exausta, penso no que devo fazer em seguida, mas não deixo de pensar no meu pai e não consigo concentrar-me o suficiente para decidir o que quer que seja. As lágrimas inundam-me a cara. Pego no telemóvel que está pousado no banco ao meu lado.

Uns segundos depois, a voz do Hardin ecoa pelo carro. — *Tess?* Estás bem?

— Sim... — começo a dizer, mas sou traída pela minha voz e começo a chorar desalmadamente.

— O que é que aconteceu? O que é que ela fez?

— Ela... posso voltar? — pergunto e ele suspira fundo.

— Claro que podes, querida... Tessa — corrige-se, mas eu preferiria que ele o não tivesse feito. — A que distância é que estás?

— A vinte minutos — digo a chorar.

— Está bem, queres que fique ao telemóvel?

— Não... está a nevar — explico e desligo.

Não me devia ter ido embora dali. É irónico, eu estar a correr para junto do Hardin apesar de tudo o que ele fez.

Algum tempo depois, quando estaciono o carro, ainda estou a chorar. Limpo a cara o melhor que consigo, mas a maquilhagem espalha-se pelo meu rosto, sujando-o. Quando saio do carro para a rua, vejo o Hardin à porta, coberto de neve. Sem pensar, corro para ele e abraço-o. Ele dá um passo atrás, obviamente perplexo com a minha atitude afetuosa, mas em seguida abraça-me e deixa-me chorar na sua *sweatshirt*.

28

HARDIN

É impossível descrever o prazer que sinto ao tê-la junto a mim, ao fim de um tempo que me parece uma vida. Sinto-me fisicamente reconfortado quando ela corre para os meus braços — nunca esperei que isto voltasse a acontecer. Ultimamente, ela tem-se mostrado tão distante, tão fria. Eu não a culpo, mas, porra, dói tanto.

— Estás bem? — pergunto junto ao seu cabelo.

Ela acena com a cabeça para cima e para baixo junto ao meu peito, mas continua a chorar. Eu sei que ela não está bem. O mais provável é que a mãe tenha sido inconveniente e lhe tenha dito uma merda qualquer. Eu sabia que isto ia acontecer e para dizer a verdade a minha faceta gananciosa ficou contente pelo que quer que ela tenha feito. Não por ter magoado a Tessa, mas por ter feito com que a minha miúda viesse a correr em busca do meu apoio.

— Vamos para dentro — digo.

Ela assente com a cabeça mas não me larga e eu afasto-lhe relutantemente os braços e caminhamos lado a lado. Tem a maquilhagem borrada, caindo pela sua linda cara abaixo, formando listras pretas, e os lábios inchados... Espero que ela não tenha passado a viagem toda a chorar.

Mal entramos no prédio, tiro o cachecol que trouxe comigo e enrolo-o em torno da sua cabeça, criando um invólucro roxo em redor da sua bela cara. Ela deve ter frio, só com este vestido. Este vestido... Normalmente deixar-me-ia levar em pensamentos fantasiosos, imaginando-me a tirar aquele tecido fino de cima dela. Mas hoje não, não enquanto ela estiver assim.

Ela deixa escapar um soluço e tira o cachecol da cabeça. O seu cabelo louro está preso num grande nó de lado, fazendo-a parecer ainda mais nova do que é habitual.

— Queres falar do que aconteceu? — arrisco perguntar quando saímos do elevador e caminhamos para o nosso... apartamento.

Ela diz que sim e eu abro a porta. A minha mãe está sentada no sofá e fica com uma expressão de preocupação estampada no rosto quando repara na aparência da Tessa. Eu lanço-lhe um olhar de aviso, esperando que ela se lembre da promessa que fez de não bombardear a Tessa com questões acerca do seu regresso. A minha mãe desvia o olhar da Tessa e olha para a televisão, fingindo-se indiferente.

— Vamos um bocado para o quarto — anuncio e a minha mãe acena. Eu sei que está a enlouquecer por não poder perguntar nada, mas não quero que a sua intromissão faça a Tessa sentir-se pior.

A caminho do quarto, paro no corredor e aumento a intensidade do aquecimento, já que sei que está gelada. Quando entro no quarto, a Tessa já está sentada à beira da cama. Sem saber a que distância me é permitido ficar, espero que ela diga alguma coisa.

— Hardin? — diz numa voz fraca. O tom rouco da sua voz informa-me que ela *esteve* a chorar a viagem toda e constatar isso faz-me sentir ainda pior.

Permaneço de pé à sua frente e fico surpreendido quando ela agarra na minha *T-shirt* e me puxa para mais perto, entre as suas pernas. Isto perturba-me mais do que o facto de a mãe dela lhe ter dito merdas mal-educadas.

— Tess... o que é que ela te fez? — pergunto-lhe e ela recomeça a chorar, borrando a minha *T-shirt* branca com a maquilhagem. Estou a borrifar-me para isso; pelo menos, fico como uma recordação quando ela voltar a ir-se embora.

— O meu pai... — diz com uma voz rouca e eu fico rígido.

— O teu pai? — Se ele estivesse cá... — Tessa, ele esteve cá? Ele fez-te alguma coisa? — pergunto-lhe entre dentes.

Ela abana a cabeça negativamente e eu levanto-lhe o queixo, forçando-a a olhar para mim. — Ele mudou-se para cá, mas eu nem sabia que ele se tinha ido embora. Quero dizer, acho que sabia, mas nunca pensei nisso. Eu nunca pensei nele.

Não consigo fingir-me calmo quando pergunto: — Falaste com ele hoje?

— Não, mas ela falou. Disse-me que ele não se vai aproximar de mim, mas eu não quero que ela decida isso por mim.

— Queres vê-lo? — Todas as coisas que ela me contou sobre este

homem foram depreciativas. Ele era violento, batia com frequência na mãe à sua frente. Porque é que ela *o* quereria ver?

— Não... olha, não sei. Mas queria ser *eu* a decidir. — Esfrega os olhos com as costas da mão. — Se calhar ele nem me quer ver...

Sou tomado pelo impulso de procurar este homem e certificar-me de que ele não se aproxima dela e tenho de me controlar antes que faça algo estúpido e impetuoso.

— Não consigo deixar de imaginar se ele é como o *teu* pai...

— O que é que queres dizer com isso?

— E se ele tiver mudado? E se tiver deixado de beber? — O tom esperançoso com que fala parte-me o coração... bem, o que resta dele.

— Não sei... não é isso que costuma acontecer — digo, honestamente. Vejo a sua boca a descair, numa expressão de tristeza, por isso continuo: — Mas é possível. Talvez ele esteja diferente agora... — Não acredito, mas quem sou eu para lhe dar cabo da esperança? — Eu não sabia que ele não te era indiferente.

— Era... bem... era até agora. Só estou zangada porque a minha mãe não me devia ter omitido isto... — diz e então, entre o intervalo de limpar o nariz e a cara na minha camisola, conta-me o sucedido. A mãe da Tessa é a única mulher que, depois de divulgar o regresso do seu ex-marido alcoólico, poderia em seguida propor uma ida às compras. Não faço nenhum comentário acerca de o Noah lá ter estado, ainda que isso me irrite. Aquele miúdo parece que simplesmente não a consegue largar.

Por fim, ela olha para mim um pouco mais calma. Acho que se sente melhor do que no momento em que correu para mim no parque de estacionamento e eu gostaria de acreditar que isso se deve ao facto de estar aqui comigo. — Não há problema em estar aqui, pois não? — pergunta ela.

— Não... claro que não. Podes ficar o tempo que precisares. É o teu apartamento, afinal de contas.

Eu tento sorrir e surpreendentemente ela também me sorri, antes de limpar outra vez o nariz na minha *T-shirt*. — Eu devia arranjar um quarto num dormitório, na semana que vem.

Eu assinto com a cabeça; se digo alguma coisa, vou acabar por implorar pateticamente para ela não me deixar outra vez.

29

TESSA

Vou à casa de banho, removo a maquilhagem e recomponho-me. A água quente leva consigo todas as provas da minha agitada manhã e estou de facto contente por estar de volta. Apesar de tudo o que eu e o Hardin passámos, estou satisfeita por saber que ainda tenho um sítio seguro onde me agarrar. Ele é a única coisa consistente na minha vida; lembro-me de ele uma vez me dizer isso. Interrogo-me se sentia o que disse.

Mesmo que não sentisse, acredito que o sinta agora. Só desejava que ele fosse mais extrovertido e me falasse dos seus sentimentos. Ontem, quando ele se foi completamente abaixo, foi o momento em que revelou as suas emoções como até aí nunca tinha revelado. Eu só quero ouvir as palavras por detrás das lágrimas.

Volto para o quarto e encontro o Hardin a pôr as minhas malas no chão. — Fui lá abaixo buscar as tuas coisas — informa-me.

— Obrigada, espero não estar mesmo a intrometer-me — digo-lhe e dobro-me para apanhar algumas camisolas e uma *T-shirt*. Tenho de tirar este vestido.

— Eu quero-te aqui, sabes isso, não sabes? — diz calmamente. Encolho os ombros e ele franze o sobrolho. — Já devias saber isso, Tess.

— Eu sei... é só que a tua mãe está aqui, e aqui estou eu a trazer todo este drama e choradeira — explico.

— A minha mãe está feliz por cá estares e eu também.

Fico inchada de alegria, mas mudo de assunto. — Vocês planearam alguma coisa para hoje?

— Eu acho que a minha mãe queria ir ao centro comercial, mas podemos ir amanhã.

— Podem ir, eu posso arranjar alguma coisa para fazer. — Não quero que ele cancele os planos com a mãe quando há um ano que não a vê.

— Não, tudo bem, a sério. Tu não precisas de estar sozinha.

— Eu estou bem.

— Tessa, o que é que acabei de dizer? — rosna e eu olho para ele. Parece que se esqueceu de que já não decide coisas por mim. Já ninguém o faz.

Ele abranda a sua atitude e corrige-se. — Desculpa... tu ficas aqui. Eu vou às compras com a minha mãe.

— Muito melhor — digo-lhe e tento evitar um sorriso.

O Hardin tem sido tão gentil, tão... *receoso* nos últimos dias. Ainda que tenha agido mal por me querer pressionar, foi de certa forma bom ver que ele ainda é ele próprio.

Vou ao armário para mudar de roupa e, mal tiro o vestido pela cabeça, ele bate à porta. — Tess?

— Sim?

Após uns instantes, pergunta: — Estás cá quando voltarmos?

Sopro. — Sim. Até parece que tenho outro sítio para onde ir.

— Está bem. Se precisares de alguma coisa, liga-me — diz. É evidente a tristeza na sua voz.

Uns minutos mais tarde ouço a porta da frente a fechar e saio da casa de banho. Talvez tivesse sido melhor ter ido com eles, para não ficar aqui, a sós com os meus pensamentos. Já me sinto sozinha. Vejo televisão durante uma hora e, ao fim deste tempo, sinto-me muito entediada. O meu telemóvel toca recorrentemente e o nome da minha mãe aparece no ecrã. Ignoro a chamada e espero que o Hardin chegue depressa. Pego no meu *e-reader* e leio para passar o tempo, mas estou sempre a olhar para o relógio.

Apetece-me enviar uma mensagem ao Hardin para ver quanto tempo é que ainda vão demorar, mas em lugar disso vou fazer o jantar. Vou para a cozinha e penso no que fazer. Algo simples, mas que demore a preparar. Será lasanha, então.

O tempo passa. São oito horas e depois oito e trinta; por volta das nove horas volto a pensar em enviar-lhe uma mensagem.

Mas que diabo, o que é que se passa comigo? Uma discussão com a minha mãe e, de súbito, cá estou de novo agarrada ao Hardin? Para ser honesta, tenho de reconhecer que nunca deixarei de viver agarrada a ele. Mesmo que não queira admitir, sei que não estou preparada para uma vida sem o Hardin. Não me vou oferecer de bandeja, mas estou

cansada de combater permanentemente este meu desejo de ficar com ele. Por muito horrível que ele tenha sido para mim, sinto-me ainda mais infeliz do que no momento em que descobri a história da aposta. Uma parte de mim despreza esta minha falta de coragem, mas a outra parte não pode negar a atitude determinada que tive, hoje, quando regressei. Ainda preciso de algum tempo para pensar, para ver como tudo corre ao voltarmos a estar juntos. Ainda estou tão confusa.

Nove e quinze. São apenas nove e quinze e já pus a mesa e limpei toda a desarrumação que fiz na cozinha. Vou mandar-lhe uma mensagem, apenas uma, um simples «Olá, como é que está tudo a correr?», só para ficar a saber. Está a nevar, por isso só estou a enviar a mensagem para saber se está tudo bem, por razões de segurança.

No momento em que pego no telemóvel, a porta da frente abre-se. Ao ver que o Hardin e a mãe chegaram, volto a pousá-lo e disfarço.

— Então, como correram as compras? — pergunto-lhe ao mesmo tempo que ele me questiona: — Fizeste o jantar?

— Primeiro tu — dizemos os dois e rimos.

Levanto a mão e informo-os: — Fiz o jantar. Mas, se já comeram, não há problema.

— Hum, cheira tão bem! — exclama a mãe dele e inspeciona a mesa cheia de comida. Pousa imediatamente os sacos e deixa-se cair num dos lugares à mesa. — Obrigada, Tessa querida. O centro comercial estava horrível, cheio de pessoas que deixam as compras de Natal para o último minuto. Quem é que espera pela antevéspera do Natal para comprar os presentes?

— Hum, *tu* — responde o Hardin e serve-se de um copo de água.

— Vê se te calas — ralha-lhe a mãe e corta com a mão um pedaço de pão, levando-o à boca.

O Hardin senta-se ao lado da mãe e sento-me na cadeira à frente dela. A Trish passa o jantar a falar do horror que foi ir ao centro comercial e de um homem que foi detido pelos seguranças por tentar roubar um vestido no Macy's. O Hardin jura que o vestido era para o próprio homem, mas a Trish repreende-o e continua com a sua peculiar narrativa. Comprovo que a refeição que preparei está excelente — melhor do que o costume — e, no fim do jantar, a travessa de lasanha está praticamente vazia. Servi-me duas vezes — nunca mais passo um

dia inteiro sem comer nada.

— Olha, comprámos uma árvore — diz a mãe dele de repente. — É pequena, mas vocês têm que ter uma árvore em casa, particularmente sendo o vosso primeiro Natal juntos! — Bate palmas e eu rio-me.

Antes de tudo se desmoronar, eu e o Hardin nunca falámos em ter uma árvore de Natal. Estive tão ocupada a mudar de casa, e com o Hardin em geral, que nem dei importância aos períodos festivos que íamos passar juntos. Nenhum de nós demonstrou interesse pelo dia de Ação de Graças — ele por razões óbvias e eu porque não queria passá-lo na igreja da minha mãe —, por isso mandamos vir piza e passámos esse dia no meu quarto na residência.

— Está tudo bem? — pergunta a Trish quando eu não lhe respondo.

— Ah, sim, claro que sim — afirmo e olho para o Hardin, que está a contemplar o seu prato vazio.

A Trish volta a tomar conta da conversa, o que é bom. Ao fim de uns minutos, anuncia: — Bem, por muito que eu adorasse ficar acordada com estes notívagos, tenho de dormir o meu sono reparador. — Agradece-me outra vez, põe o prato no lava-loiça e deseja-nos boa noite antes de se inclinar para dar um beijinho na cara do Hardin. Ele rosna e afasta a cara, pelo que os lábios mal lhe tocam, mas ela parece ficar feliz com este leve contacto. A mim abraça-me e dá-me um beijo na testa. O Hardin revira os olhos, e eu dou-lhe um pontapé debaixo da mesa. Depois de ela desaparecer, levanto-me e guardo o pouco que sobrou.

— Obrigado por teres feito o jantar. Foi simpático da tua parte — diz-me o Hardin e eu aceno com a cabeça antes de irmos para o quarto.

— Esta noite posso dormir no chão, já que tu dormiste a noite passada — ofereço, ainda que saiba que ele não me vai deixar dormir no chão.

— Não, não há problema. Não é assim tão mau — diz.

Sento-me na cama e o Hardin tira os cobertores do armário e estende-os no chão. Atiro-lhe duas almofadas, e ele faz-me um pequeno sorriso antes de desabotoar as calças. *Oh, devia olhar para o lado.* Não é propriamente o que me apetece fazer, mas sei que devo. Ele puxa as calças pretas para baixo e tira-as. Quando se dobra, é-me impossível deixar de contemplar os seus músculos a moverem-se no estômago tatuado e isso faz-me ter consciência do quanto me sinto atraída por ele,

não obstante a minha raiva. Os seus *boxers* pretos colam-se-lhe à pele e ergue a cabeça para olhar para mim. O seu rosto, intenso e concentrado em mim, alimenta ainda mais o meu delírio. Tem a linha do maxilar muito bem definida e fascinante. Continua a fitar-me.

— Desculpa — digo e viro a cabeça para o lado, com as bochechas vermelhas, a arderem de humilhação.

— Não, desculpa. É do hábito, acho. — Encolhe os ombros e tira umas calças de fato de treino da cómoda.

Fico a olhar para a parede até que ele diz: — Boa noite, Tess — e desliga a luz. Consigo praticamente ouvir um sorriso convencido no seu tom de voz.

Um som intenso acorda-me e olho para o teto, observando com dificuldade as lâminas da ventoinha que se movem na escuridão.

Depois, ouço de novo a voz do Hardin. — Não! Por favor! — suplica.

Merda, deve estar a ter um dos seus pesadelos. Salto da cama e ajoelho-me junto ao seu corpo em convulsão.

— Não! — repete, desta vez muito mais alto.

— Hardin! Hardin, acorda! — digo-lhe ao ouvido e abano-lhe os ombros.

Tem a *T-shirt* alagada em suor e o rosto transtornado; abre os olhos, sentando-se de imediato. — Tess... — Suspira e puxa-me para os seus braços.

Acaricio-lhe o cabelo e depois afago-lhe suavemente as costas, para baixo e para cima, com as unhas a tocarem muito ao de leve a sua pele.

— Está tudo bem — digo-lhe uma e outra vez e ele aperta-me com mais força. — Vá, vamos para a cama — digo-lhe e levanto-me. Agarrado à minha *T-shirt*, ele vem para a cama comigo.

— Estás bem? — pergunto-lhe quando ele se deita.

Ele anui com a cabeça e eu puxo-o para mais perto de mim.

— Achas que me podes ir buscar um copo de água? — pede.

— Claro. Volto já.

Acendo a luz antes de sair da cama e tento fazê-lo o mais silenciosamente possível, para não acordar a Trish. Mas, quando chego à cozinha, ela já lá está.

— Ele está bem? — pergunta-me.

— Sim, agora está. Vim buscar-lhe um copo de água — respondo e encho um copo no lava-loiça. Ao voltar-me, ela dá-me um abraço e beija-me a cara.

— Amanhã podemos falar? — pergunta-me.

De repente, sinto-me demasiado nervosa para falar e por isso limito-me a acenar com a cabeça, o que a faz sorrir, embora, ao ir-me embora, a ouça fungar.

No quarto, encontro o Hardin já um pouco mais tranquilo; agradece-me e pega no copo de água. Bebe de uma vez e eu observo-o e junto-me a ele na cama. Percebo que está muito incomodado, em grande medida por causa do pesadelo, mas sei que em parte por minha causa.

— Vem cá — digo-lhe e noto consolo nos seus olhos quando aproxima o corpo do meu e me abraça, pondo a minha cabeça no seu peito. Sinto-me muito reconfortada, tanto como ele provavelmente se sente. Apesar de tudo o que fez, sinto-me em casa nos braços deste rapaz cheio de defeitos.

— Não me largues, Tess — sussurra-me e fecha os olhos.

30

TESSA

Acordo toda suada. A cabeça do Hardin está em cima da minha barriga e está a abraçar-me com força. Os seus braços devem estar dormentes com o peso do meu corpo. As nossas pernas estão entrelaçadas e ele está a ressonar ligeiramente.

Respiro fundo e cuidadosamente levanto a mão para afastar o voluptuoso cabelo da sua testa. Parece-me que há muito tempo não lhe toco no cabelo, mas na realidade é apenas desde sábado. A minha mente repete os eventos de Seattle como se fossem imagens de um filme, enquanto passo os dedos pelo seu cabelo macio e despenteado.

Ele acorda e eu retiro rapidamente a mão. — Desculpa — digo-lhe, embaraçada por ter sido apanhada com a boca na botija.

— É bom — responde, com uma voz ensonada.

Depois de despertar um pouco mais e de respirar em cima da minha pele por uns instantes, sai de cima de mim — demasiado cedo —, quem me dera não lhe ter tocado no cabelo e que continuasse a dormir abraçado a mim.

— Tenho um trabalho para fazer hoje, por isso vou ter de passar umas horas na cidade — informa-me e tira um par de calças pretas do armário. Pega nas botas e calça-as rapidamente. Fico com a sensação de que ele está a querer sair daqui o mais depressa possível.

— Está bem... — *O quê?* Pensei que ele ia ficar feliz por dormirmos juntos e por estarmos nos braços um do outro pela primeira vez numa semana. Pensei que algo podia ter mudado... não completamente, mas achei que ele ia perceber que estou a vacilar, que estou uns passos mais perto de me reconciliar com ele.

— Sim... — diz e torce o *piercing* da sobrancelha entre dois dedos, antes de despir a *T-shirt* branca pela cabeça e tirar uma preta da cómoda. Sai do quarto sem dizer nada e eu volto a ficar confusa. Entre todas as coisas que eu esperava que acontecessem, não estava a contar que ele se fosse embora a correr. Que trabalho é que ele vai ter

de fazer neste momento? Ele faz pareceres sobre originais a publicar, tal como eu — a diferença é que ele tem a possibilidade de trabalhar em casa, por isso, porque é que ele tem de o fazer hoje? A recordação do que o Hardin foi fazer a última vez que teve de ir «trabalhar» dá-me voltas ao estômago.

Ouço-o a dizer umas palavras breves à mãe, antes de a porta da frente se abrir e fechar. Tombo sobre as almofadas e pontapeio o ar de uma maneira infantil. O silvo da cafeteira faz-me saltar da cama e ir à cozinha servir-me de café.

— Bom dia, querida — chilreia a Trish quando passo pela mesa da cozinha onde ela está sentada.

— Bom dia. Obrigada por ter feito café. — Pego na cafeteira.

— O Hardin disse que tinha um trabalho para fazer — diz, embora pareça mais uma pergunta do que uma afirmação.

— Sim... ele falou nisso — respondo, sem saber o que dizer.

Mas ela não dá importância ao assunto e continua: — Fico contente por ele ter recuperado da noite passada. — A sua voz está cheia de preocupação.

— Sim, eu também. — Penso um pouco e acrescento: — Não devia ter aceitado que ele dormisse no chão.

Junta interrogativamente as sobrancelhas. — Ele não tem pesadelos quando não dorme no chão? — pergunta cuidadosamente.

— Não, ele não os tem se nós... — Paro de falar e deito açúcar no meu café, enquanto penso no que devo dizer.

— Se tu *estiveres* lá — termina ela por mim.

— Sim... se eu estiver lá.

Ela lança-me um olhar esperançoso, um olhar que — dizem — só uma mãe pode ter quando está a falar dos seus filhos. — Queres saber porque é que ele os tem? Sei que ele me vai odiar por te contar, mas penso que tu deves saber.

— Oh, por favor, senhora Daniels. — Engulo em seco. Não quero que ela me conte a história. — Ele contou-me... falou-me daquela noite. — Engulo em seco quando ela arregala os olhos de surpresa.

— Ele *contou*-te? — Suspira.

— Desculpe, não queria falar nisso nestes termos. E, na noite passada, pensei que soubesse... — Peço desculpa e bebo mais um

pouco de café.

— Não... não... Não peças desculpa. Só fico admirada por ele te ter contado. É claro que sabias dos pesadelos, mas isso... isso é espantoso. — Ela esfrega os olhos e faz um sorriso sinceramente afetuoso.

— Espero que ele esteja bem. Foi horrível o que aconteceu. — Não quero intrometer-me nos segredos familiares deles e nunca tive de lidar com algo semelhante.

— Não há nenhum problema, Tessa querida — diz ela e começa a soluçar. — Eu estou muito feliz por ele te ter... Eles eram horríveis... e ele gritava e gritava. Tentei que fizesse terapia, mas conheces o Hardin. Não falava com os psicólogos. De todo. Nem uma única palavra, ficava apenas sentado a olhar para a parede.

Pouso a caneca em cima da bancada e abraço-a.

— Não sei o que é que te fez voltar ontem, mas estou feliz por teres vindo — diz junto ao meu ombro.

— O quê?

Ela afasta-se e lança-me uma expressão sarcástica. — Oh, querida, já sou velha, mas não sou assim tão velha. Sabia que se passava alguma coisa entre vocês os dois. Vi o quão surpreso ficou quando te viu no dia em que cheguei, apercebi-me de que algo não estava bem quando ele disse que não iam a Inglaterra.

Eu tinha a sensação de que ela percebia que havia algum problema, mas não sabia como nós éramos transparentes. Bebo um grande trago de café já morno e penso nisso.

A Trish agarra o meu braço com ternura. — Ele estava tão entusiasmado... tão entusiasmado quanto é possível ao Hardin... por te levar a Inglaterra, e, uns dias depois, disse-me que tu ias viajar, mas eu desconfiei. O que é que aconteceu?

Bebo um pouco mais e fito-a. — Bem... — Não sei o que lhe contar, porque *Ah, nada, o seu filho apenas apostou que me tirava a virgindade* não parece acertado.

— Ele... ele mentiu-me — é tudo o que digo. Não quero que ela se chateie com o Hardin, e não quero entrar em confidências, mas também não quero mentir completamente.

— Uma grande mentira?

— Uma enorme mentira.

Ela olha para mim como se eu fosse muito frágil. — Ele está arrependido?

É complicado falar neste assunto com a Trish. Conheço-a mal e é mãe dele, por isso vai ter vontade de tomar o partido do filho, não importa o que aconteça. Assim, respondo delicadamente: — Sim... Acho que está — e bebo o resto do café.

— Ele disse que estava?

— Sim... algumas vezes.

— E demonstrou-o?

— Mais ou menos. — *Demostrou?* Eu sei que no outro dia ele se foi muito abaixo e que está mais calmo do que o normal, mas não disse o que eu queria mesmo ouvir.

Ela olha para mim e por um momento fico verdadeiramente com medo da sua reação. Mas ela surpreende-me ao afirmar: — Bem, como mãe, tenho de lhe aturar as asneiras. Mas tu não. Se ele quer que lhe perdoes, então tem de se esforçar para isso. Ele tem de demonstrar que nunca mais repete o que quer que seja que tenha feito... e penso que deve ter sido uma grande mentira para te teres ido embora. Tenta ter em mente que a emoção não é um lugar que ele visite regularmente. Ele é um rapaz muito zangado... um *homem* agora.

Eu sei que a pergunta parece ridícula — as pessoas estão sempre a mentir —, mas as palavras escapam-se antes de o meu cérebro as conseguir processar: — Perdoava a alguém que lhe mentisse?

— Bom, isso dependia da mentira e do posterior arrependimento. Eu acho que quando se aceita muitas mentiras é difícil encontrar o caminho da verdade.

Ela está a dizer que eu não lhe devia perdoar?

Ela bate ao de leve com os dedos na bancada da mesa. — No entanto, conheço o meu filho, sei que mudou desde a última vez que o vi. Ele mudou tanto nos últimos meses, Tessa. Nem é possível dizer-te o quanto. Ele agora ri e sorri. Ontem, até entabulou uma conversa comigo... — O seu sorriso é radioso, não obstante a seriedade do assunto. — Sei que se ele te perdesse ia voltar ao seu comportamento anterior, mas não quero que te sintas obrigada a ficar com ele por causa disso.

— Eu não me... sinto obrigada. Só não sei o que pensar. — Quem me

dera poder explicar-lhe toda a história, para que ela me desse a sua opinião sincera. Quem me dera que a minha mãe fosse tão compreensiva como a Trish parece ser.

— Bom, esta é a parte difícil, és tu quem tem de decidir. Mas demora o tempo que for preciso e faz com que ele se esforce por merecer-te, as coisas vêm facilmente parar às mãos do meu filho, sempre vieram. Talvez isso seja parte do seu problema, ele consegue sempre o que quer.

Eu rio-me porque essa afirmação não podia ser mais verdade. — Pois consegue.

Suspiro e vou à despensa buscar uma embalagem de cereais. Mas a Trish interrompe o meu plano ao dizer: — E que tal irmo-nos vestir e tomar o pequeno-almoço fora e em seguida fazermos coisas de mulheres? Eu podia ir cortar o cabelo. — Ela ri-se e abana o cabelo castanho para a frente e para trás.

É espirituosa, tal como o Hardin, quando se permite revelá-lo. Ele é mais atrevido, sim, mas sei de onde lhe vem o sentido de humor.

— Ótimo. Deixe-me só ir tomar um duche — digo-lhe e guardo a embalagem no sítio.

— Duche? Está a nevar lá fora e mesmo assim vais lavar o cabelo! Eu estava a pensar sair assim vestida. — Aponta para o fato de treino preto. — Veste umas calças de ganga ou uma coisa do género e vamos embora!

É tudo tão diferente do que acontece quando vou sair com a minha mãe. Tenho de ter a roupa passada a ferro, o cabelo enrolado, estar bem maquilhada — mesmo que seja só para ir à mercearia.

Sorrio e aceito. — Está bem.

No quarto, tiro um par de calças e uma *T-shirt* do armário, depois apanho o cabelo num coque. Calço os sapatos e vou à casa de banho escovar rapidamente os dentes e lavar a cara com água fria. Quando vou ter com a Trish, ela já está à minha espera à porta.

— Devia deixar um bilhete ao Hardin ou enviar-lhe uma mensagem — digo.

Mas ela sorri e puxa-me porta fora. — O rapaz fica bem.

Passo o resto da manhã e a maior parte da tarde com a Trish e sinto-

me muito mais tranquila. Ela é gentil, engraçada e é bom falar com ela. Ela mantém uma conversa leve e faz-me rir a maior parte do tempo. Vamos ambas ao cabeleireiro. A Trish escolhe um novo penteado, com franja, desafiando-me a fazer o mesmo, mas recuso com um sorriso. Por outro lado, deixo-a convencer-me a comprar um vestido preto para o Natal. Ainda não sei o que vou fazer no Natal. Não quero intrometer-me entre o Hardin e a mãe e ainda não comprei nenhuma prenda, nada. Acho que vou aceitar o convite do Landon para passar o Natal em casa dele. Parece-me que é excessivo passar o Natal com o Hardin quando já não andamos um com o outro. Estamos nesta corda bamba: não estamos juntos, mas sinto como se estivéssemos cada vez mais próximos, até ele se ter ido embora esta manhã.

Quando voltamos ao apartamento, o carro do Hardin já está no estacionamento e começo a ficar nervosa. Ao entrarmos em casa, encontramo-lo sentado no sofá com papéis espalhados pelo colo e pela mesa de centro. Tem uma caneta entre os dentes e olha profundamente para o que quer que seja que está a fazer. A trabalhar, suspeito, mas, desde que o conheço, foram poucas as vezes que o vi a trabalhar.

— Olá, filho! — diz a Trish numa voz afetuosa.

— Olá — responde o Hardin com indiferença.

— Sentiste a nossa falta? — provoca e ele revira os olhos antes de juntar as páginas soltas e de as enfiar na pasta.

— Vou para o quarto — resmunga e levanta-se do sofá.

Encolho os ombros para a Trish e sigo o Hardin até ao nosso quarto.

— Onde é que vocês foram? — pergunta e arruma a pasta na cómoda. Uma página escapa-se e ele volta a enfiá-la rapidamente lá dentro, fechando a gaveta com um estalido.

Sento-me na cama, de pernas cruzadas. — Tomar o pequeno-almoço, depois fomos cortar o cabelo e fizemos algumas compras.

— Ah...

— Onde é que foste? — pergunto-lhe. Ele olha para o chão antes de responder.

— Trabalhar.

— Amanhã é véspera de Natal. Não acredito nisso — digo-lhe num tom que me relembra os avisos da Trish.

Os seus olhos verdes incendeiam-me. — Bem, é-me indiferente que

tu não acredites nisso — diz, num tom de gozo, e senta-se no lado oposto da cama.

— O que é que se passa contigo? — pergunto, zangada.

— Nada. Não se passa nada. — Está de pé atrás, percebo bem.

— Claro que sim. Porque é que te foste embora esta manhã?

Ele passa a mão pelo cabelo. — Já te disse...

— Mentir-me não vai ajudar nada, foi em grande medida isso que te... nos pôs nesta confusão — lembro-lhe.

— Está bem! Queres saber onde estive? Estive em casa do meu pai! — grita e levanta-se.

— Do teu pai? Porquê?

— Fui falar com o Landon. — Senta-se na cadeira.

Suspiro. — Acredito mais na história do trabalho do que nisso.

— Fui, sim. Va lá, liga-lhe, se não acreditas em mim.

— OK. E sobre o que é que estiveste a falar com o Landon?

— Sobre ti, claro.

— Sobre mim? — Ergo as mãos.

— Basicamente sobre tudo. Sei que não queres estar aqui. — Olha para mim.

— Se não quisesse estar aqui, não estava.

— Não tens mais nenhum sítio para onde ir, sei que não estarias aqui se tivesses.

— O que é que te faz ter tanta certeza? Dormimos na mesma cama a noite passada.

— Sim e sei a razão... se eu não tivesse tido um pesadelo, tu nunca terias concordado com isso. Essa foi a única razão que te levou a concordar e o único motivo que te leva a falar comigo agora. Porque tens pena de mim. — As suas mãos tremem e o seu olhar está vazio. O verde dos seus olhos revela vergonha.

— Não importa a razão. — Abano a cabeça. Não sei porque é que ele tira sempre estas conclusões. Porque é que lhe custa tanto aceitar que é amado?

— Tu tens pena do pobre Hardin que tem pesadelos e não consegue dormir sozinho na merda da cama! — Fala alto de mais e estamos acompanhados.

— Para de gritar! A tua mãe está no quarto ao lado! — digo.

— Foi isso que vocês fizeram o dia todo, falar de mim? Não preciso da merda da tua pena, Tess.

— Oh, meu Deus! Tu és insuportável! Nós não falámos de ti, não dessa maneira. E, para que fique registado, não tenho pena de ti, quero-te naquela cama comigo, independentemente dos teus sonhos. — Cruzo os braços.

— *Claro* — rosna ele.

— Não está em causa como me sinto, está em causa como tu te sentes contigo mesmo. Antes de mais, precisas de deixar de ter pena de ti mesmo — digo, igualmente bruta.

— Não tenho.

— Parece que sim. Acabaste de começar uma discussão comigo sem razão nenhuma. Devíamos andar para a frente, não para trás.

— Andar para a frente? — O seu olhar encontra o meu.

— Sim... quero dizer, tal-talvez — gaguejo.

— Talvez? — Ele sorri.

Fica repentinamente tão feliz — está a sorrir como uma criança pequena no dia de Natal. Há segundos, estava a discutir comigo, com o rosto corado de raiva. E, estranhamente, sinto grande parte da minha raiva a desvanecer-se também. Assusta-me a influência que ele tem sobre as minhas emoções. — Tu és louco, literalmente — digo-lhe.

Ele faz-me um sorriso que me arrasa. — O teu cabelo está giro.

— Tu precisas de ser medicado — provoco-o e ele ri-se.

— Não discuto isso — responde.

Não posso deixar de rir... Talvez eu seja tão louca como ele.

31

TESSA

O nosso momento a dois é interrompido quando o meu telemóvel vibra e dança em cima da cómoda. O Hardin pega nele, olha para o ecrã e diz: — Landon.

Tiro-lhe o telemóvel da mão e respondo: — Está?

— Olá, Tessa — diz o Landon. — A minha mãe pediu-me para te telefonar para saber se queres cá vir almoçar no dia de Natal.

A mãe dele é muito querida. Aposto que prepara um almoço de Natal extraordinário. — Ah... Sim, adorava ir. A que horas é que devo chegar? — respondo.

— Meio-dia. — Ri-se. — A minha mãe já começou a cozinhar, por isso no teu lugar não comia nada até lá.

— Vou começar o jejum agora — brinco. — O que é que eu devo levar? Sei que a Karen é muito melhor cozinheira do que eu, mas posso fazer qualquer coisa, uma sobremesa, talvez?

— Sim, podes trazer uma sobremesa... e também... eu sei que o que vou dizer parece estranho e, se não te sentires bem com isto, nós percebemos. — Baixa a voz. — Mas eles querem convidar o Hardin e a mãe dele. Mas se tu e o Hardin já não andam juntos...

— Andamos. Mais ou menos — interrompo-o. O Hardin ergue as sobrancelhas ao ouvir a minha resposta e faz-me um sorriso nervoso.

O Landon suspira. — Fantástico. Será que lhes podes transmitir o convite?

— Sim, transmito — asseguro-lhe e então ocorre-me uma coisa. — Que presente é que achas que lhes devo comprar?

— Não, não compres nada! Não é preciso trazeres presentes.

Desvio o olhar para a parede para fingir não reparar que o Hardin está a fitar-me fixamente. — Está bem, claro. Mas eu vou mesmo levar presentes, por isso, o que é que achas que compre?

O Landon suspira amigavelmente. — Teimosa como sempre. Bem, a minha mãe gosta de qualquer coisa para a cozinha e para o Ken talvez

um pisa-papéis... ou uma coisa do género.

— Um pisa-papéis? — Sopro. — É um presente horrível.

Ele ri-se. — Vê lá, não lhe compres uma gravata, porque foi isso que eu comprei. — Depois resmunga: — Olha, avisa-me se precisares de alguma coisa até lá. Tenho de ir ajudar a limpar a casa — diz e desliga.

Ao desligar o telemóvel, o Hardin pergunta-me imediatamente: — Vais lá no Natal?

— Sim... não quero ir a casa da minha mãe — respondo e sento-me na cama.

— Não te censuro. — Coça o queixo com o dedo indicador. — Podias ficar cá...

Começo a mexer nas unhas da mão. — Tu podias... vir comigo.

— E deixar a minha mãe aqui sozinha? — pergunta, num tom depreciativo.

— Não! Claro que não. A Karen e o teu pai querem convidá-la... aos dois.

O Hardin olha para mim como se eu estivesse louca. — Ah, claro. Achas que a minha mãe queria ir a casa do meu pai e da sua nova mulher?

— Eu... não sei, mas seria agradável estarem todos juntos.

Mas, na verdade, eu não sei como é que as coisas vão correr, em grande parte porque não sei que tipo de relacionamento a Trish e o Ken atualmente têm, se é que têm algum. E juntá-los a todos não é um assunto que me diga respeito — não faço parte da família. Nem sequer sou a namorada do Hardin.

— Não me parece — resmunga.

Apesar de tudo o que está a acontecer entre mim e o Hardin, gostaria de passar o Natal com ele. Mas percebo. Já seria suficientemente difícil convencer o Hardin a ir passar este dia festivo a casa do pai, quanto mais levar a mãe.

Como o meu cérebro gosta de solucionar problemas, começo a pensar que preciso de comprar presentes para o Landon, para a Karen e para o Ken e, se calhar, também um presente para a Trish. Mas o quê? Devia ir tratar disso agora; como já são cinco da tarde, só tenho um pouco de tempo hoje à noite e amanhã, que é véspera de Natal. Não sei se devia comprar alguma coisa para o Hardin. Na verdade, sei bem que

não devia. Seria estranho oferecer-lhe um presente, agora que estamos nesta fase imprecisa.

— O que é que se passa? — pergunta o Hardin, perante o meu silêncio.

Gemo. — Tenho de ir ao centro comercial. É o que acontece a quem passa o Natal como uma sem-abrigo — respondo.

— Acho que planear mal as tarefas não tem nada a ver com ser-se uma sem-abrigo — graceja. Faz um pequeno sorriso mas com um brilhozinho nos olhos...

Estará a fazer charme comigo? Rio-me a pensar nisto e reviro os olhos. — Planear mal as tarefas não é uma característica minha. Nem pensar.

— Claro... — troça e eu começo a dar-lhe palmadas.

Agarra-me o pulso e prende-o com os dedos para deter o meu ataque brincalhão. Um calor familiar percorre o meu corpo e os nossos olhares encontram-se e fixam-se. Ele solta-me rapidamente e ambos desviamos o olhar. Há uma enorme tensão no ar. Eu levanto-me e calço-me.

— Vais agora? — pergunta.

— Sim... o centro comercial fecha às nove — relembro.

— Vais sozinha? — Cruza as pernas, com embaraço.

— Queres vir comigo? — Sei que talvez não seja a melhor ideia, mas se eu quero pelo menos tentar ultrapassar as coisas, parece-me bem irmos juntos ao centro comercial. Não é?

— Ir às compras contigo?

— Sim... mas, se não quiseres, tudo bem — respondo, com atrapalhação.

— Sim, claro que quero. É que... não estava à espera que perguntasses.

Assinto com a cabeça e pego no telemóvel e na carteira. O Hardin segue-me, quase colado a mim, até à sala.

— Vamos ao centro comercial — diz o Hardin à mãe.

— Os dois? — pergunta com cumplicidade, e ele suspira. Quando chegamos à porta, ela olha para trás e diz bem alto: — Tessa, querida, se te apetecer deixá-lo lá, eu até percebo.

Dou uma risadinha. — Vou ter isso em consideração — digo e sigo-o.

Quando o Hardin liga o carro, uma melodia familiar de um piano enche o espaço. Ele apressa-se a baixar o volume do som, mas não vai a tempo. Faço-lhe um sorriso condescendente.

— Cresci a ouvi-los, OK? — diz.

— Claro — brinco e volto a aumentar o volume do som.

Se ao menos as coisas pudessem manter-se assim para sempre. Se ao menos este ambiente de *flirt* pudesse manter-se para sempre. Mas isso não vai acontecer. Não pode acontecer. Temos de encarar o que ocorreu e o que vai acontecer a partir daqui. Sei que há muitas coisas que temos de discutir, mas não vamos resolver estes problemas de uma só vez, mesmo que eu insista nesta questão. Tenho de descobrir o momento certo e até lá levar tudo com calma.

Permanecemos quase todo o caminho em silêncio, com a música a dizer aquilo que eu gostaria que pudéssemos dizer um ao outro. Quando estamos a chegar à entrada do Macy's, o Hardin diz: — Deixo-te à porta — e eu assinto com a cabeça. Coloco-me debaixo do aparelho de ventilação, para ficar mais quentinha, enquanto ele estaciona e vem rapidamente pela rua fria ter comigo.

Ao fim de cerca de uma hora à procura de tigelas para bolos de todos os formatos e tamanhos, decido comprar um conjunto de formas para queques. Sei que ela já deve ter uma quantidade mais do que suficiente, mas parece-me que a culinária e a jardinagem são os seus únicos passatempos e eu não tenho tempo para pensar num presente melhor.

— Será que podemos ir guardar isto ao carro e depois voltamos para acabar de fazer compras? — pergunto ao Hardin, enquanto luto para conseguir abarcar nas mãos a enorme caixa.

— Dá cá. Fica aqui à espera, enquanto eu levo isto para o carro — diz e tira-me a caixa das mãos.

Logo que ele se afasta, vou à secção de roupa para homem, onde centenas de gravatas em grandes caixas me lembram ironicamente a afirmação do Landon acerca de elas serem um presente óbvio. Dou uma volta pela loja, mas nunca comprei um «presente para o pai» e por isso não sei o que escolher.

— Está um gelo lá fora — diz o Hardin quando regressa, a tremer e a esfregar as mãos uma na outra.

— Olha, se calhar usar uma *T-shirt* quando está a nevar não seja uma

boa ideia.

Ele revira os olhos. — Tenho fome. E tu?

Vamos para a área dos restaurantes, onde o Hardin me arranja um lugar e depois vai buscar piza na única pizaria decente deste centro comercial. Uns minutos depois, reúne-se a mim, à mesa, com dois pratos cheios de comida. Tiro uma fatia de piza com um guardanapo e dou uma pequena dentada.

— Mas que lindos modos — troça, quando eu limpo a boca depois de mastigar.

— Está calado — respondo e como mais uma.

— Isto é... bom. Não é? — pergunta.

— O quê? A piza? — Tento que clarifique, num tom inocente, embora sabendo que ele não está a falar da comida.

— Nós. A sairmos juntos. Há tanto tempo que não o fazíamos.

Não me parece que tenha sido há tanto tempo assim... — Nem passaram duas semanas — relembro-o.

— É muito tempo... para nós.

— Pois... — Dou uma dentada maior, para poder manter-me em silêncio mais tempo.

— Há quanto tempo é que começaste a pensar em ultrapassar tudo?

Acabo lentamente de mastigar e bebo um grande trago de água. — Há alguns dias, acho. — Quero manter esta conversa o mais ligeira possível, para evitar causar uma cena. Mas acrescento: — Ainda há tanta coisa para falarmos.

— Sei que há, mas eu estou tão... — Fica subitamente com os seus olhos verdes arregalados, ao reparar em qualquer coisa atrás de mim. Viro a cabeça e sinto o estômago às voltas ao ver um cabelo vermelho. A Steph. E, ao seu lado, o Tristan, o namorado.

— Quero ir-me embora — digo-lhe e levanto-me, deixando o tabuleiro da comida em cima da mesa.

— Tessa, ainda não comprámos os outros presentes. Além disso, acho que eles não nos viram.

Quando me volto de novo, o olhar da Steph cruza-se com o meu e ela faz uma clara expressão de surpresa. Não percebo se está mais surpreendida por me ver ou por eu estar com o Hardin. Provavelmente pelas duas razões.

— Sim, ela viu-nos.

Os dois caminham na nossa direção e sinto como se os meus pés estivessem aparafusados ao chão.

— Olá — diz o Tristan, atrapalhado, quando chega ao pé de nós.

— Olá — responde o Hardin, esfregando a nuca.

Eu não digo nada. Olho para a Steph e depois pego na minha carteira, que está em cima da mesa, e vou-me embora.

— Tessa, espera — chama-me. Os seus tacões grossos batem no chão de ladrilho quando ela se apressa para me apanhar. — Podemos falar?

— Falar acerca de quê, Steph? — digo de um modo cortante. — Como a minha primeira e única amiga da faculdade deixou que eu fosse humilhada perante todos?

O Hardin e o Tristan olham um para o outro, sem saberem se devem ou não intervir.

A Steph estende as mãos. — Desculpa, está bem! Eu sei que te devia ter contado. Mas pensei que ele te ia contar!

— Então achas que isso serve de desculpa?

— Não, sei que não serve, mas estou mesmo arrependida, Tessa. Sei que te devia ter contado.

— Mas não o fizeste. — Cruzo os braços.

— Tenho tido saudades tuas, tenho tido saudades do tempo em que estávamos juntas — diz.

— Tenho a certeza de que tens saudades de me ter como o bobo da corte.

— Não era nada disso, Tessa. Somos... éramos amigas. Sei que estraguei tudo, mas estou mesmo arrependida.

O seu pedido de desculpas apanha-me desprevenida. Mas recupero e afirmo: — Olha, não consigo perdoar-te.

Franze o sobrolho. E em seguida mostra-se zangada. — Mas a *ele* consegues? Foi tudo ideia dele... e a *ele* perdoas. Mas que merda é esta?

Tenho vontade de lhe responder torto, de a insultar, mas sei que ela tem razão. — Não lhe perdoei, só estou... sei lá o que estou a fazer — lamento-me e tapo a cara com as mãos.

A Steph suspira. — Tessa, sei que não podes fingir que nada se

passou, mas, pelo menos, dá-me uma oportunidade. Podíamos continuar a dar-nos, só nós os quatro. De qualquer modo, no nosso grupo, andamos todos às avessas.

Olho para ela. — O que é que queres dizer com isso?

— Bem, o Jace está ainda mais parvo desde que o Hardin lhe deu uma sova. Por isso, eu e o Tristan andamos afastados de todos.

Olho para o Hardin e para o Tristan e volto a focar-me na Steph. — O Hardin deu uma sova ao Jace?

— Sim... no sábado passado. — Franze o sobrolho. — Ele não te contou nada?

— Não... — Quero ouvir todos os pormenores antes que o Hardin intervenha e a mande calar, mas ela está ansiosa por ficar nas minhas boas graças e por isso começa a contar tudo sem que seja preciso eu pedir-lhe.

— Sim. Foi porque a Molly lhe disse que o Jace planeou tudo... estás a perceber — acrescenta calmamente —, de modo a tu ficares a saber a história na presença de todos... — Mas, em seguida, dá uma risadinha. — Na verdade, ele bem merecia. E o melhor foi a cara da Molly quando o Hardin a empurrou de cima dele. A sério, pena não ter tirado uma fotografia!

Começo a meditar no facto de o Hardin ter rejeitado a Molly e ter batido no Jace, naquele sábado, antes de ir a Seattle, quando ouço o Tristan a dizer: — Meninas — como que a avisar-nos de que o Hardin está perto de nós.

O Hardin vem para junto de mim e dá-me a mão e o Tristan começa a afastar a Steph. Ela fita-me por uns momentos e diz, com os olhos bem abertos: — Tessa, pensa nisso, está bem? Tenho saudades tuas.

32

TESSA

— Estás bem? — pergunta-me o Hardin quando eles desaparecem da nossa vista.

— Sim... estou.

— O que é que ela disse?

— Nada... pediu apenas para eu lhe perdoar. — Encolho os ombros e seguimos pelo corredor principal. Preciso de processar tudo o que a Steph me disse antes de abordar o assunto com o Hardin. Antes de ir a Seattle, ele deve ter encontrado a Molly numa daquelas festas que costumam organizar. Não posso negar que a versão da Steph me alivia. E, de certo modo, acho irónico o facto de ele ter afirmado que, naquela noite, foi para a cama com a Molly quando, na realidade, a rejeitou. De certo modo. A culpa por ter beijado um estranho numa discoteca, quando, por seu lado, o Hardin recusou a Molly, suplanta o alívio e a ironia.

— Tess? — O Hardin para e agita a mão à frente da minha cara. — O que é que se passa?

— Nada. Estava só a pensar num presente para o teu pai. — Sou péssima a mentir e a minha voz está mais acelerada do que o normal. — Ele gosta de desporto, não é? Vi-os aos dois a assistirem a um jogo de futebol, lembras-te?

O Hardin fita-me por um momento e depois responde: — Os Packers, ele gosta dos Packers. — Tenho a certeza de que ele quer saber mais sobre a minha conversa com a Steph, mas não pergunta nada.

Entramos numa loja de desporto e eu permaneço silenciosa enquanto o Hardin escolhe uns presentes para o pai. Como ele se recusa a deixar-me pagar, pego num porta-chaves do mostruário que se encontra perto da caixa registadora e pago-o, só para o irritar. Faz uma expressão aborrecida e eu deito-lhe a língua de fora.

— Sabes que compraste o da equipa errada, não sabes? — diz ao sairmos da loja.

— O quê? — Tiro o pequeno objeto do saco.

— São dos Giants e não dos Packers. — Faz um sorriso trocista e eu volto a guardar o porta-chaves no saco.

— Bem... felizmente ninguém vai saber que os presentes bons foram escolhidos por ti.

— Já está tudo? — pergunta, num lamento.

— Não, não te esqueças de que ainda falta o do Landon.

— Ah, sim. Ele falou em experimentar uma nova cor de batom. Talvez coral?

Ponho as mãos nas ancas e enfrento-o. — Deixa-o em paz! Ainda compro mas é o batom para ti, já que sabes a cor exata — troço. Gosto de implicar com o Hardin deste modo inédito; é divertido e bem melhor do que as nossas anteriores discussões, sérias e arrasadoras.

Faz uma careta zangada que se desvanece num pequeno sorriso e sugere: — Devias oferecer-lhe uns bilhetes para o hóquei. É simples e não é muito caro.

— É uma boa ideia.

— Eu sei — concorda. — Pena que ele não tenha amigos para o acompanharem.

— Hum, eu até ia com ele.

Sorrio com o modo como o Hardin troça do Landon. Ao contrário do que sempre acontecia, agora já não há malícia na sua voz.

— Também quero comprar uma coisa para a tua mãe — digo-lhe.

Ele lança-me um olhar divertido e amistoso. — Porquê?

— Porque é Natal.

— Talvez uma camisola... — propõe e aponta para uma loja de moda para mulheres mais velhas.

Fito-o e confesso: — Não tenho jeito nenhum para escolher presentes para os outros. O que é que lhe compraste?

O presente que me ofereceu no dia de anos foi tão perfeito que imagino que também escolheu o da mãe com todo o cuidado.

Encolhe os ombros. — Uma pulseira e um cachecol.

— Uma pulseira!? — pergunto admirada e puxo-o pelo centro comercial.

— Não, queria dizer um colar. É um colar liso onde está gravado «Mãe» ou uma merda no género.

— Mas que simpático — afirmo ao voltarmos ao Macy's. Olho em volta, sentindo-me confiante. — Acho que aqui vou encontrar um presente para a Trish... ela gosta daqueles fatos de treino.

— Oh, por favor, mais fatos de treino não! Ela usa-os *todos* os dias.

Sorrio ao ver a sua expressão cáustica. — Então... mais uma razão para lhe oferecer um.

Observamos os vários fatos de treino expostos nos cabides e o Hardin apalpa um deles, para sentir o tecido. Reparo nas cicatrizes nos dedos e lembro-me da história que a Steph me contou.

Encontro um fato de treino verde intenso que me parece ser o género da Trish e procuramos uma caixa registadora. No caminho, de novo inquietada com pensamentos sobre o Hardin, decido resolver a situação, em parte porque sei que, quando estive em Seattle, ele não foi para a cama com a Molly.

Na caixa, pomos o fato de treino em cima do balcão e, virando-me para o Hardin, afirmo: — Hoje à noite temos de conversar.

A funcionária olha para a esquerda e para direita, para o Hardin e para mim, revelando curiosidade. Apetece-me dizer-lhe que é má educação ficar a olhar, mas o Hardin fala antes de eu ter coragem para o fazer.

— Conversar?

— Sim... — digo e vejo a funcionária a retirar o alarme. — Depois de montarmos a árvore que ontem a tua mãe trouxe, quando vocês os dois foram sair.

— Conversar sobre o quê, já agora?

Olho para ele. — Sobre tudo — digo.

O Hardin parece aterrorizado e as minhas palavras ficam a pairar pesadamente sobre nós. Quando a funcionária passa o *scan* na etiqueta, um bipe quebra o silêncio e o Hardin murmura: — Ah... Vou buscar o carro.

Observo a empregada a embrulhar o presente da Trish e penso: *No próximo ano tenho que me certificar de que ofereço a todos presentes ótimos, para compensar os presentes péssimos deste ano.* Mas depois pondero. *No próximo ano? Quem me diz que vou estar com ele no próximo ano?*

Fazemos a viagem de regresso em silêncio, comigo a tentar organizar

os pensamentos sobre tudo o que devo dizer, e com ele... bem, tenho a sensação de que ele está a fazer o mesmo. Ao chegarmos, pego nos sacos e apresso-me a atravessar o caminho até à entrada do prédio, sob a chuva gélida. Prefiro a neve a isto.

Quando entramos no elevador, o meu estômago manifesta-se. — Estou cheia de fome — digo ao Hardin. Olhamos um para o outro.

— Ah! — Está com ar de quem se prepara para fazer uma observação sarcástica mas decide ficar calado.

Já no apartamento, o cheiro a alho invade os meus sentidos, provocando-me instantaneamente água na boca e intensificando a sensação de fome.

— Fiz o jantar! — anuncia a Trish. — Como é que estava o centro comercial?

O Hardin tira-me os sacos das mãos e desaparece no quarto.

— Não estava muito mau, não estava tão cheio como eu estava à espera — explico.

— Ainda bem. E que tal montarmos a árvore de Natal? O Hardin não deve querer ajudar. — Sorri. — Ele detesta divertir-se. Mas nós as duas podíamos fazê-lo, se não te importares.

Rio-me. — Sim, claro.

— Devias comer primeiro — ordena o Hardin ao entrar na cozinha.

Fito-o carrancuda e volto a concentrar-me na Trish. Uma vez que a minha temível conversa com o Hardin está programada para depois de montarmos a pequena árvore de Natal, não me apresso a terminar esta tarefa. Além disso, preciso de pelo menos uma hora para reunir forças suficientes para ser capaz de dizer tudo o que quero dizer. Talvez não seja uma grande ideia ter uma conversa tão importante com a Trish presente, mas não posso adiar mais. Tudo o que vai ser dito tem de ser dito... agora. A minha paciência está a esgotar-se; não podemos permanecer neste meio-termo por muito mais tempo.

— Estás com fome, minha querida Tessa? — pergunta-me a Trish.

— Sim, está — responde o Hardin, olhando para trás.

— Sim, estou mesmo — respondo, ignorando o seu filho detestável.

Sento-me à mesa, deleitando-me com o aroma delicioso, enquanto a Trish me serve um prato de frango guisado com espinafres e alho. Pousa-o à minha frente e ao vê-lo constato que o cozinhado supera o

que o olfato prometia.

— Hardin, podias tirar as peças da árvore da caixa, para nos ajudares? — pede-lhe a mãe.

— Claro.

Ela sorri, olhando para mim. — Também comprei uns enfeites.

Quando acabo de jantar, o Hardin já encaixou os ramos e montou a árvore.

— Não custou muito, pois não? — pergunta-lhe a mãe e aproxima-se quando ele pega na caixa dos enfeites. — Deixa-me ajudar-te a fazer isso.

Empanturrada, levanto-me da mesa e penso que nunca iria imaginar que um dia estaria a montar uma árvore de Natal com o Hardin e a mãe, num apartamento de nós os dois. Nunca. Foram muito agradáveis os momentos passados a decorar a árvore, e no final, apesar de os enfeites parecerem estar dispostos ao acaso naquela miniatura de árvore, a Trish parece bastante satisfeita.

— Devíamos tirar uma fotografia à frente da árvore — sugere.

— Não gosto de fotografias — resmunga o Hardin.

— Ah, vá lá, Hardin, são as nossas férias. — Ela pestaneja e o filho faz-lhe uma careta, pela centésima vez desde a sua chegada.

— Hoje não — responde o Hardin.

Sei que não me devia meter, mas estou com pena da Trish e por isso peço-lhe, com os olhos bem abertos: — Só uma?

— Está bem, porra. Só uma. — Põe-se ao lado da Trish, à frente da árvore, e eu tiro uma fotografia com o telemóvel. O Hardin mal sorri, mas o entusiamo da Trish compensa a sua atitude. Ainda assim, sinto-me aliviada quando ela não sugere que eu e o Hardin fiquemos numa fotografia; precisamos de definir a nossa relação antes de começarmos a tirar fotografias românticas em frente a árvores de Natal.

Peço o número de telemóvel à Trish e envio-lhe a fotografia; envio também ao Hardin, quando este vai à cozinha servir-se de um prato de frango.

— Vou embrulhar uns presentes para não deixar para muito tarde — informo.

— Está bem, até amanhã, querida — diz a Trish e abraça-me.

Ao entrar no quarto vejo que o Hardin já reuniu papel, laços, fita-cola e

tudo o que eu poderia precisar. Embrulho rapidamente os presentes, para podermos ter «a Conversa» o mais cedo possível. Quero muito resolver este assunto, mas ao mesmo tempo tenho medo do que vai acontecer. Já tomei uma decisão, mas não tenho a certeza de estar preparada para a admitir. Sei que é uma loucura, mas estou louca desde o dia em que conheci o Hardin, o que nem sempre foi mau.

Estou a acabar de escrever o nome do Ken na etiqueta do presente quando o Hardin regressa ao quarto.

— Já está? — pergunta-me.

— Sim... Só preciso de imprimir os bilhetes para o Landon antes de falarmos.

Inclina a cabeça. — Porquê?

— Porque preciso da tua ajuda e tu não me ajudas quando estamos a discutir.

— Como é que sabes que vamos discutir? — pergunta.

— Porque somos nós. — Dou uma risadinha e ele acena com a cabeça, concordando.

— Vou buscar a impressora ao armário.

Enquanto se afasta, ligo o portátil. Vinte minutos depois, os dois bilhetes para os Seattle Thunderbirds estão embrulhados numa pequena caixa destinada ao Landon.

— OK... mais alguma coisa, antes de... falarmos? — pergunta o Hardin.

— Não, acho que não — respondo.

Sentamo-nos em cima da cama, ele encostado à cabeceira com as suas longas pernas esticadas, eu no outro canto, sentada em cima das pernas dobradas. Não sei por onde começar ou o que dizer.

— Então... — começa o Hardin.

Isto é constrangedor. — Então... — Roo as unhas — O que é que se passou com o Jace? — pergunto.

— A Steph contou-te — limita-se a afirmar.

— Pois.

— Ele disse o que não devia.

— Hardin, tens de falar comigo ou isto não vai resultar.

Arregala os olhos, indignado. — Eu *estou* a falar.

— Hardin...

— Está bem. Está bem. — Suspira chateado. — Ele estava a planear engatar-te.

Sinto o estômago às voltas com essa ideia. Mas, no centro comercial, a Steph referiu outro motivo para justificar a luta. *Será que o Hardin está outra vez a mentir?* — E então? Sabes que isso nunca iria acontecer.

— Isso é indiferente, só de pensar nele a tocar-te... — Estremece e continua: — E, além disso, foi ele que... bom. A Molly também; ambos planearam falar-te na aposta em frente a toda a gente. Ele não tinha o direito de te humilhar assim. Ele destruiu tudo.

O alívio momentâneo que sinto ao perceber que a versão do Hardin concorda com a da Steph é rapidamente substituído por raiva, por ele achar que bastava eu não saber da aposta para tudo continuar bem. — Hardin, *tu* destruíste tudo. Eles limitaram-se a contar — relembro-o.

— Eu sei, Tessa — diz, concordando.

— Sabes? Mas sabes mesmo? Porque tu nunca falaste nisso.

O Hardin encolhe as pernas, num movimento súbito. — Sim, eu sei... No outro dia, viste-me a chorar, porra.

Faço uma expressão carrancuda. — Primeiro, tens de deixar de praguejar a toda a hora. E, depois, isso só aconteceu uma vez. Foi a única vez que disseste alguma coisa. E não disseste muita coisa.

— Eu tentei, em Seattle, mas tu não falavas comigo. E tens andado a ignorar-me, por isso, quando é que tive oportunidade de falar nisso?

— Hardin, o problema é que, se nós quisermos mesmo ultrapassar tudo, preciso que te abras comigo, preciso de saber o que sentes exatamente — digo-lhe.

Os seus olhos verdes perscrutam-me. — E quando é que eu te ouvi dizer o que sentes, Tessa? Tu és tão reservada como eu.

— O quê? Não... não, não sou nada.

— És, sim! Tu não revelas o que sentes em relação a nós. Apenas te limitas a repetir que estás farta de mim. — Estende a mão na minha direção. — Mas estás aqui. O que torna tudo muito confuso.

Preciso de um momento para refletir sobre as palavras do Hardin. Os pensamentos amontoaram-se de tal maneira na minha cabeça que me esqueci de os partilhar com ele. — Tenho andado confusa — digo.

— Eu não leio mentes, Tessa. Confusa em relação a quê?

Sinto um nó na garganta. — A isto. A nós dois. Não sei o que fazer.

Em relação a nós. Em relação à tua traição. — A conversa ainda mal começou e já estou quase a chorar.

— O que é que *queres* fazer? — pergunta, de um modo abrupto.

— Não sei.

Chama-me à razão: — Sabes, sim.

Ainda há muito por esclarecer, antes de poder estar segura da minha decisão. — O que *queres* que eu faça?

— Quero que fiques comigo. Quero que me perdoes e me dês outra oportunidade. Sei que já te pedi demasiadas vezes, mas, por favor, dá-me só mais uma oportunidade. Não consigo viver sem ti. Já tentei e sei que tu também. Não existe mais ninguém para cada um de nós. Se não há nós, não há nada... e sei que também tens consciência disso. — Os seus olhos estão brilhantes e eu limpo as lágrimas do canto dos meus.

— Magoaste-me. Tanto, Hardin.

— Eu sei, querida, eu sei que sim. Daria tudo para voltar atrás — diz e baixa o olhar com uma expressão estranha. — Na verdade não, não mudaria nada. Bem, ter-te-ia contado mais cedo, é óbvio — diz. Levanto a cabeça. Ele faz o mesmo e fita-me. — Eu não voltava atrás, porque nós não estaríamos juntos se eu não tivesse feito uma coisa tão estúpida. Os nossos caminhos nunca se teriam cruzado, pelo menos nunca teríamos tido esta ligação tão estreita. Ainda que isso esteja a destruir a minha vida, sem essa estúpida e maldosa aposta eu nem sequer teria uma vida. Sei que o que acabei de dizer te faz odiar-me ainda mais, mas querias a verdade. E esta é a verdade.

Fito os olhos verdes do Hardin sem saber o que responder.

Porque quando penso nisso — quando penso com sinceridade — sei que também não mudaria nada.

33

HARDIN

Nunca fui tão sincero com alguém. Mas quero pôr as cartas na mesa.

Ela começa a chorar e pergunta suavemente: — Como é que eu vou saber que não me vais voltar a magoar?

Percebo que esteve todo este tempo a tentar conter as lágrimas, mas fico satisfeito por ver que não aguenta mais. Precisava que ela manifestasse alguma emoção... ela tem-se mostrado tão fria nos últimos tempos. Tão pouco próprio dela. Bastava-me observar os seus olhos para saber no que ela estava a pensar. Agora, ergueu-se um muro que me impede de lhe ler as emoções como só eu era capaz. Peço a Deus que o tempo que hoje passámos juntos jogue a meu favor.

Isso e a minha honestidade. — Não vais poder saber, Tessa, posso-te assegurar de que te vou voltar a magoar. E tu também me vais magoar, mas também te posso assegurar de que nunca mais te escondo nada, nem vou voltar a trair-te. Podes dizer algo que não queiras e Deus sabe que eu também o vou fazer, mas podemos resolver os nossos problemas porque é isso que as pessoas fazem. Dá-me só esta última oportunidade para te provar que posso ser o homem que mereces. Por favor, Tessa. Por favor... — imploro.

Fita-me com os olhos vermelhos, a morder o interior da bochecha. Odeio vê-la assim e odeio-me por provocar esta situação.

— Amas-me, não amas? — pergunto, receoso da resposta.

— Sim. Mais do que tudo — admite com um suspiro.

Não consigo esconder um sorriso de alegria. Ouvi-la a dizer que me ama traz-me a minha vida de volta. Estava com tanto medo que ela desistisse de mim, que deixasse de me amar e se fosse embora. Eu não a mereço e sei que ela está ciente disso.

Mas a minha mente está a vacilar e ela está demasiado calada. Não consigo lidar com a indiferença. — O que é que eu posso fazer? O que é que devo fazer para ultrapassarmos isto? — pergunto, desesperado. Coloquei demasiada ênfase nas minhas súplicas. Percebo isso pelo

modo como olha para mim, como se, de súbito, estivesse com medo, ou incomodada, ou... não sei o quê. — Disse o que não devia, não foi? — Levo as mãos à cara e limpo os olhos húmidos. — Sei que sim, sabes que não sou bom com as palavras.

Nunca fui tão emotivo em toda a minha vida e não é uma sensação agradável. Nunca precisei nem nunca me preocupei em expressar as minhas emoções, mas faço o que quer que seja por esta rapariga. Eu lixo sempre as coisas, mas tenho de remediar tudo, ou esforçar-me por isso, com todas as minhas forças.

— Não... — soluça ela. — Eu só... não sei. Quero ficar contigo. Quero esquecer tudo, mas não me quero arrepender. Não quero ser aquele tipo de rapariga que é enxovalhada e tratada como lixo e aguenta.

Inclino-me e pergunto: — Quem? Quem é que te preocupa que pense isso?

— Toda a gente, a minha mãe, os teus amigos... tu.

Eu sabia que era isso. Eu sabia que ela estava mais preocupada com o que *deve* fazer do que com o que *quer* fazer. — Não penses nos outros. Que interessa o que os outros pensam? Por uma vez pensa no que tu queres. O que é que te faz feliz?

Com uns grandes, redondos, belos, avermelhados e chorosos olhos, responde: — Tu — e o meu coração para. — Estou tão cansada de guardar tudo para mim. Estou *exausta* por todas as coisas que não disse e quis dizer — acrescenta.

— Então não guardes mais para ti — declaro.

— Tu fazes-me feliz, Hardin. Mas também me fazes sentir triste e zangada e, mais do que tudo, enlouqueces-me.

— É esse o objetivo, não é? Por isso é que somos feitos um para o outro, Tess, porque somos terríveis um para o outro. — Ela também me enlouquece e faz-me sentir zangado, mas feliz. Tão feliz.

— Somos terríveis um para o outro — diz com um pequeno sorriso.

— Sim, somos — repito e devolvo o sorriso. — Eu amo-te, apesar disso. Mais do que alguém alguma vez poderia, e juro que, se me deres esta oportunidade, vou compensar-te pelo que aconteceu durante o resto da minha vida.

Espero que ela reconheça a franqueza da minha voz, o quanto eu desejo o seu perdão. Preciso disso e preciso *dela* como nunca necessitei

de nada antes e sei que ela me ama. Ela não estaria aqui se não me amasse, mas ainda assim não acredito que acabei de dizer «o resto da minha vida». Estas palavras podem assustá-la.

Fica calada e o meu coração parte-se. E antes de sentir as lágrimas a aflorar, sussurro-lhe: — Peço tanta desculpa, Tessa... amo-te tanto...

Ela apanha-me completamente desprevenido quando se aproxima e se senta ao meu colo. Toco no seu lindo rosto com as minhas mãos e ela respira fundo, encostando a face à palma da minha mão.

Olha para mim. — Tem de ser tudo de acordo com as minhas condições. Não aguento um sofrimento semelhante.

— Tudo o que for preciso. Só quero ficar contigo — digo-lhe.

— Temos de ir devagar, eu nem devia aceitar isto... se me voltas a magoar, nunca mais te perdoo, nunca mais — ameaça.

— Não volto. Juro. — Prefiro morrer a magoá-la outra vez. Ainda não acredito que ela me esteja a dar outra oportunidade.

— Tive muitas saudades tuas, Hardin.

Fecha os olhos e eu quero beijá-la, quero sentir os seus lábios quentes junto aos meus, mas ela acabou de me dizer para irmos devagar. — Também tive muitas saudades.

Encosta a testa à minha e solto um suspiro que não sabia estar a conter. — Vamos mesmo fazer isto? — pergunto, tentando não revelar que estou desesperadamente aliviado.

Endireita-se e fito os seus olhos. Os olhos que, durante toda a última semana, me têm assaltado sempre que fecho os meus. Sorri e assente com a cabeça. — Sim... acho que sim.

Rodeio-lhe a cintura com os braços e ela inclina-se novamente para mim. — Beijas-me? — praticamente imploro.

Não tenta dissimular o quanto está radiante quando me toca na testa, penteando o meu cabelo para trás. Meu Deus, como eu gosto que ela faça isso.

— Por favor? — insisto.

E ela silencia-me, juntando os seus lábios aos meus.

34

TESSA

A minha boca abre-se e ele não perde a oportunidade de introduzir a sua língua. Sinto o frio do *piercing* nos meus lábios e passo a minha língua pela sua superfície lisa. O seu sabor familiar excita-me como sempre. Por mais que resista, preciso dele. Preciso de estar junto dele, preciso que ele me reconforte, me desafie, me aborreça, me beije e me ame. Entrelaço os dedos no seu cabelo e agarro umas madeixas com força, quando ele me aperta nos seus braços. Ele disse tudo o que eu queria e precisava de ouvir para me sentir melhor com a minha imprudente decisão de o aceitar de volta... embora ele nunca tenha partido. Sei que não devia ter cedido tão depressa, que o devia ter torturado, adiando a decisão, tal como ele me torturou com as suas mentiras, mas não consegui. Não se trata de um filme. Trata-se da vida real — da minha vida — e, sem ele, a minha vida fica incompleta ou mesmo intolerável. Este rapaz tatuado, desagradável, com mau feitio, entranhou-se na minha pele e no meu coração e, por mais que eu tente, não consigo expulsá-lo.

A sua língua acaricia o meu lábio inferior e sinto-me ligeiramente atrapalhada quando um gemido me escapa da garganta. Afasto-me. Estamos ambos sem fôlego e a minha pele está quente e o rosto corado.

— Obrigado por me dares outra oportunidade — diz, sem fôlego, e encosta-se a mim.

— Até parece que tinha escolha.

Franze o sobrolho. — Até tens.

— Eu sei — minto. Mas eu sei que nunca tive escolha desde que o conheci. Estou completamente perdida por ele desde o nosso primeiro beijo.

— O que é que fazemos agora? — pergunto-lhe.

— Depende de ti. Sabes o que eu quero.

— Gostava que tudo fosse como dantes... bom, como tudo era sem todas aquelas confusões — digo ao Hardin e ele concorda.

— Também é o que eu quero, querida. Vou-me esforçar, por ti. Prometo.

Sempre que o Hardin me chama querida, sinto borboletas na barriga. A sua voz rouca, o seu sotaque britânico e o tom carinhoso com que fala formam uma combinação perfeita.

— Por favor, faz com que não me arrependa disto — suplico-lhe e ele volta a agarrar a minha cara com as duas mãos.

— Vais ver que sim — promete e beija-me de novo.

Sei que eu e o Hardin ainda temos muitos assuntos a resolver, mas, neste momento, sinto-me tão decidida, calma e certa. Estou preocupada com a reação de toda a gente, em especial com a da minha mãe, mas lidarei com isso quando chegar a altura. As coisas vão piorar por, pela primeira vez em dezoito anos, não passar o Natal com ela e preferir passá-lo com o Hardin. O facto de ter voltado a andar com o Hardin também agrava a situação; mas, francamente, não me importo. Bom, *importo-me*, mas não posso continuar a entrar em conflito com ela sobre as minhas escolhas e é impossível agradar-lhe, por isso não vale a pena o esforço.

Encosto a cabeça ao peito do Hardin e ele agarra na ponta do meu rabo de cavalo e torce-o entre os dedos. Ainda bem que já embrulhei os presentes; já foi suficientemente angustiante comprá-los à última hora.

Merda. Não comprei um presente para o Hardin! Será que ele comprou um para mim? Talvez não, mas agora que voltámos a andar — ou mais ou menos isso —, pela primeira vez... estou com medo que o tenha feito e que eu me vá sentir mal por não ter nada para ele. E, na verdade, o que é que eu lhe iria comprar?

— O que é que se passa? — pergunta e agarra o meu queixo, inclinando-me para ele.

— Nada...

— Não estás... — começa a dizer, de forma lenta e hesitante. — Não estás... hum... a mudar de ideias?

— Não... não. É que... não te comprei um presente — confesso.

Sorri para mim e o nosso olhar encontra-se. — Queres comprar-me um presente de Natal? — Ri-se. — Tessa, sinceramente, tu já me deste *tudo*. A ideia de um presente de Natal é ridícula.

Ainda me sinto culpada, mas agrada-me a segurança com que fala. —

Tens a certeza? — pergunto.

— Claro. — Ri-se de novo.

— Vou-te oferecer uma prenda de anos fantástica — digo e ele volta a pôr a mão na minha cara. O seu polegar desliza pelo meu lábio inferior, fazendo com que a minha boca se entreabra e fico à espera de um novo beijo. Em vez disso, toca-me com os lábios no nariz e depois na testa, num gesto surpreendentemente carinhoso.

— Não festejo o meu dia de anos — diz-me.

— Eu sei... eu também não. — Esta é uma das poucas coisas que temos em comum.

— Hardin? — chama a Trish, ao mesmo tempo que bate levemente à porta.

Ele resmunga e revira os olhos enquanto eu saio do seu colo.

Olho-o com severidade. — Não te custava nada seres mais simpático com a tua mãe; esteve um ano sem te ver.

— Não a trato mal — diz. E, sinceramente, acho que ele está convencido disso.

— Ao menos tenta ser um bocadinho mais simpático, fazes isso por mim? — Pestanejo, teatralmente, fazendo-o sorrir e abanar a cabeça.

— És um diabinho — brinca.

A sua mãe volta a bater à porta. — Hardin?

— Estou a ir — responde e sai da cama. A porta abre-se e reparo que ela está com um ar completamente aborrecido.

— E que tal vermos um filme? — pergunta.

Ele volta-se para mim e ergue as sobrancelhas quando eu digo: — Boa! Sim, claro — e saio da cama.

— Fantástico! — Sorri e despenteia o cabelo do seu filho.

— Vou primeiro mudar de roupa — diz o Hardin e faz um gesto para sairmos.

A Trish estende-me a mão. — Anda, Tessa, vamos preparar qualquer coisa para comermos.

Sigo-a até à cozinha, pensando que se calhar não é uma boa ideia ver o Hardin a mudar de roupa. Quero avançar devagar. Devagarinho. Com o Hardin, não sei se isso é possível. Não sei se devo contar à Trish que decidi perdoar-lhe ou, pelo menos, tentar.

— Biscoitos? — pergunta e eu assinto e abro os armários.

— Manteiga de amendoim? — pergunto-lhe e pego na farinha.

Ela ergue as sobrancelhas, impressionada. — Vais fazê-los tu mesma? Estava a pensar em pacotes de biscoitos pré-preparados, que basta levar ao forno, mas se forem caseiros ainda melhor!

— Não sou uma excelente cozinheira, mas a Karen ensinou-me uma receita de biscoitos muito simples, com manteiga de amendoim.

— A Karen? — pergunta e sinto um nó no estômago. Não queria falar na Karen. A última coisa que desejava era incomodar a Trish. Viro-me para acender o forno, escondendo assim a minha expressão de embaraço. — Conhece-la?

Não percebo o que está a sentir e por isso prossigo com cautela. — Sim... o Landon, o filho dela, é meu amigo... na verdade, é o meu melhor amigo.

A Trish entrega-me umas tigelas e uma colher, perguntando-me, de um modo propositadamente neutro: — Ah... como é que ela é?

Deito uma caneca bem cheia de farinha na tigela misturadora, ao mesmo tempo que tento evitar olhar para ela. Não sei como responder. Não quero mentir, mas não sei quais os seus sentimentos em relação ao Ken ou em relação à sua nova mulher.

— Podes dizer — incita-me.

— Ela é amorosa — admito.

A Trish anui incisivamente com a cabeça. — Tinha a certeza de que era.

— Não queria falar nela, foi sem pensar — desculpo-me.

Entrega-me um pacote de manteiga. — Não, querida, não te preocupes. Não tenho nenhum ressentimento em relação a ela. É óbvio que gostava de saber que ela é monstruosa. — Ri-se e eu sinto-me mais aliviada. — Mas fico contente por o pai do Hardin estar feliz. Quem me dera que o Hardin superasse toda a raiva que sente por ele.

— Ele superou... — começo a dizer, mas calo-me subitamente ao ver o Hardin entrar na cozinha.

— Ele superou o quê? — pergunta ela.

Olho para o Hardin e de novo para a Trish. Não me cabe a mim contar-lhe o que se tem passado se o Hardin não o fez.

— De que é que estão a falar? — intromete-se ele.

— Do teu pai — responde-lhe a mãe e ele empalidece. Percebo, pela

sua expressão, que não estava a pensar contar à mãe este seu novo relacionamento com o pai.

— Eu não sabia... — tento explicar-lhe, mas ele levanta a mão para me mandar calar.

Não gosto desta sua atitude reservada e que faça segredo de tudo; acho que é um problema que vamos ter sempre.

— Não há problema, Tess. Eu tenho... de vez em quando tenho estado com o pai. — Cora.

Sem pensar, aproximo-me dele. Pensava que se ia zangar e mentir à mãe, mas fico feliz por me provar que eu estava errada.

— Tens estado? — A Trish fica pasmada.

— Pois... Desculpe, mãe. Foi só há poucos meses que me comecei a dar com ele. Da primeira vez, embebedei-me e destruí-lhe a sala... mas depois comecei a ficar algumas noites lá em casa e fomos ao casamento dele.

— Voltaste a embebedar-te? — Fica com os olhos marejados de lágrimas. — Hardin, por favor, diz-me que não andas outra vez a beber...

— Não, mãe, foi só uma ou outra vez. Nada como antes — promete.

Nada como antes? Sabia que o Hardin costumava beber muito, mas a reação da Trish faz-me perceber que era pior do que eu fui levada a acreditar.

— Fica chateada por eu ter começado a estar com ele? — pergunta e eu ponho-lhe a mão nas costas, tentando reconfortá-lo.

— Oh, Hardin, nunca me chatearia contigo por te relacionares com o teu pai. Estou só surpreendida, é tudo. Podias-me ter contado. — Pestaneja rapidamente para evitar as lágrimas. — Há muito tempo que eu desejava que superasses essa tua raiva. Foi um período negro da nossa vida, mas já o ultrapassámos e pertence ao passado. O teu pai já não é o mesmo homem que era e eu também mudei.

— Mas isso não reabilita o passado — diz calmamente.

— Não, não reabilita. Mas, por vezes, temos de aceitar o que aconteceu para podermos avançar. Estou radiante por teres passado a estar com ele. Faz-te bem. A razão por que te enviei para cá... bem, uma das razões, foi para que tu lhe perdoasses.

— Eu não lhe perdoei.

— Mas devias — afirma ela, com sinceridade. — Eu perdoei.

O Hardin apoia-se nos cotovelos em cima da bancada da cozinha e deixa a cabeça tombar enquanto lhe acaricio as costas. A Trish repara no meu gesto e sorri-me com cumplicidade. Cada vez a admiro mais. Ela é muito forte e afetuosa, apesar do défice emocional do filho. Que bom seria se ela tivesse alguém na sua vida, tal como o Ken tem a Karen.

O Hardin devia estar a pensar exatamente o mesmo, porque deixa cair a cabeça e diz: — Mas ele vive num casarão enorme e tem carros caros. Tem uma nova mulher... e a mãe está sozinha.

— Não me interessa a casa dele ou o dinheiro — assegura-lhe ela. Depois sorri. — E o que é que te leva a pensar que eu estou sozinha?

— O quê? — Ele levanta a cabeça.

— Não fiques tão espantado! Sou um bom partido, filho.

— Anda com alguém? Quem?

— O Mike. — Ela cora e eu fico enternecida.

O Hardin exclama, embasbacado: — O *Mike*? O seu vizinho?

— Sim, o meu vizinho. Ele é muito boa pessoa, Hardin. — Ri-se e olha para mim com cumplicidade. — E é muito conveniente tê-lo a viver mesmo ao lado.

O Hardin tenta mostrar indiferença. — Há quanto tempo? Porque é que não me contou?

— Há alguns meses, não é uma relação a sério... ainda. Além disso, acho que *tu* não és a pessoa certa para pedir conselhos sobre o assunto — graceja.

— Mas o Mike? Ele é uma espécie de...

— Não digas mal dele. Ainda tens idade para levar uma sova — ralha, fazendo uma careta.

Ele levanta os braços de forma brincalhona. — Está bem... está bem...

Está muito mais tranquilo do que de manhã. A tensão entre nós desapareceu quase por completo e fico feliz ao vê-lo a gracejar com a mãe.

A Trish anuncia alegremente: — Excelente! Vou buscar o filme. Não venham sem trazer biscoitos. — Sorri, deixando-nos sozinhos na cozinha.

Volto para a tigela onde estão os ingredientes e acabo de preparar a massa. Lambo um bocadinho do dedo e o Hardin, sempre pronto a ajudar, comenta: — Não me parece que isso seja muito higiénico.

Volto a mergulhar o dedo na tigela, tirando um pouco mais desta massa pegajosa, e aproximo-me dele dizendo: — Prova também. — Levanto a mão e tento transferir a massa para os seus dedos, mas ele abre a boca e envolve o meu dedo entre os lábios. Estremeço com o contacto e tento convencer-me de que este é apenas o método dele para remover a massa de biscoito... independentemente do modo como olha para mim com os olhos escurecidos. Independentemente do modo como está a passar a sua língua morna pelo meu dedo. Independentemente de parecer que a temperatura da cozinha subiu vários graus. Independentemente do facto de o meu coração ter começado a bater desordenadamente e de sentir o corpo em brasa.

— Acho que já chega — digo com uma voz rouca, e tiro o dedo da sua boca.

Sorri de forma perversa. — Está bem, mais tarde.

Os biscoitos são devorados nos primeiros dez minutos do filme. Tenho de admitir que me sinto orgulhosa da minha recente queda para fazer bolos. A Trish gaba os meus dotes e o Hardin come mais de metade do prato, o que por si só é também um elogio.

— É mau que, até agora, estes biscoitos sejam aquilo que eu mais gosto da América? — A Trish ri, dando a última dentada.

— Sim, muito triste — troça o Hardin, e eu dou uma risadinha.

— Podes ter de fazê-los todos os dias até eu me ir embora, Tessa.

— Boa ideia. — Sorrio e encosto-me ao Hardin. Ele põe um dos seus braços atrás da minha cintura e eu dobro as pernas para poder ficar ainda mais junto dele.

A Trish adormece perto do fim do filme e o Hardin baixa um pouco o volume para que ela não acorde enquanto acabamos de o ver. Quando termina, estou a chorar descontrolada e o Hardin diverte-se explicitamente com o meu desespero. Foi um dos filmes mais comoventes que vi na minha vida; não percebo como é que a Trish adormeceu.

— Foi fantástico, mas horrivelmente triste — soluço.

— A culpa é da minha mãe. Sugiro uma comédia e, não sei como, acabamos a ver o *À Espera de Um Milagre*. Eu avisei-te. — Põe o braço no meu ombro, puxando-me para si, e dá-me um beijinho carinhoso na

testa. — Quando formos para a cama, podemos ver o *Friends* para esqueceres a mor...

— Hardin! Não me lembres! — gemo.

Mas ele dá uma pequena gargalhada antes de se levantar do sofá e de me puxar pelo braço para junto dele. Ao chegarmos ao quarto, o Hardin acende a luz e depois a televisão.

Tranca a porta e vira-se para mim com os seus olhos verdes brilhantes e as suas provocantes covinhas da cara... e eu estremeço interiormente.

35

HARDIN

— Vou mudar de roupa — diz-me a Tessa e desaparece dentro do *closet*, com o lenço de se assoar ainda na mão.

Tem os olhos vermelhos por causa das emoções fortes que o filme lhe provocou. Eu sabia que a ia afetar, mas admito que ansiava ver a sua reação. Não por ter prazer em vê-la comovida, mas porque adoro a facilidade com que se deixa envolver emocionalmente. É uma pessoa empática e sensível a todas estas emoções fictícias, sejam de um filme ou de um romance, e deixa-se envolver completamente nelas. É uma imagem apaixonante.

Sai do *closet* apenas em cuecas e com o seu sutiã branco de renda.

Caramba. Olho sem tentar sequer ser discreto.

— Achas que podias vestir... bom, a minha *T-shirt*? — pergunto-lhe. Não sei o que vai sentir, mas tenho saudades de a ver dormir com a minha roupa.

— Adorava. — Sorri e tira a minha *T-shirt* usada do topo do monte de roupas que está no cesto da roupa suja.

— Boa — exclamo, tentando não parecer demasiado entusiasmado. Mas observo a forma como o seu peito assoma por cima das rendas quando ela levanta os braços.

Para de a observar. Devagar, ela quer ir devagar. Eu posso ir devagar... devagarinho... entrando e saindo de dentro dela. Bolas, que merda é esta, o que é que se está a passar comigo? No momento em que ia deixar de a observar, ela enfia a mão por baixo da *T-shirt* e tira o sutiã pela manga... *Meu Deus*.

— Passa-se alguma coisa? — pergunta e sobe para a cama.

— Não. — Engulo em seco e fico fascinado a vê-la desfazer o rabo de cavalo e a libertar o cabelo. O cabelo espalha-se pelos seus ombros em maravilhosas ondas louras, enquanto ela abana a cabeça devagar. Deve ser intencional.

— Já está... — diz e deita-se em cima do edredão. Era bom que se

enfiasse debaixo dele para não me parecer tão... exposta.

Fita-me com uma expressão interrogativa. — Não vens para a cama?

Não tinha reparado que ainda estava em pé, junto à porta.

— Sim...

— Eu sei que neste momento não é muito simples habituarmo-nos a ficar outra vez juntos, mas não tens de estar tão... distante — diz ela nervosamente.

— Eu sei — respondo e junto-me a ela na cama, com as mãos à frente, em baixo, para esconder.

— Não é tão estranho como eu esperava — diz, quase num sussurro.

— Pois... — Fico aliviado com as suas palavras. Estava com medo de que não voltasse a ser como antes. Que ela ficasse de pé atrás e não voltasse a ser a Tess de quem eu tanto gosto. Ainda não passaram muitas horas, mas eu tenho esperança de que as coisas continuem assim. É tudo tão fácil com ela, incrivelmente fácil, e, ao mesmo tempo, tão difícil.

Pousa a sua mão pequena sobre a minha e encosta-se ao meu peito. — Estás tão estranho. Conta-me em que é que estás a pensar — pede-me.

— Nada, estou apenas contente por estares aqui. — *E só penso em ter relações contigo*, acrescento intimamente. Não se trata apenas de sexo tal como acontecia no princípio, é muito mais. Muitíssimo mais. Trata-se de estabelecer uma relação e criar um elo o mais intenso possível com ela. Trata-se de conseguir que ela volte a confiar plenamente em mim. Sofro por ter destruído por completo a confiança que ela tinha em mim.

— Não é só isso — diz, retirando-me dos meus pensamentos.

Assinto com a cabeça e, com o dedo, ela traça uma linha ao longo da minha testa, até ao *piercing* da minha sobrancelha.

— É terrível o que estou a pensar — admito. Não quero que ela julgue que a vejo como um objeto e que apenas a quero usar. Não pretendo confessar-lhe o que me passa pela cabeça, mas não posso continuar a esconder-lhe coisas, tenho de ser honesto com ela, agora e sempre.

Fita-me com uma expressão preocupada, o que me faz sentir mal. — Conta-me.

— É que... bem, estava a pensar em... sexo... Quero dizer, em termos

relações.

— Ah — diz baixinho, com os olhos arregalados.

— Eu sei, sou um animal — gemo, a pensar que devia ter ficado calado.

— Não... Não és nada — diz, corando. — Também estava mais ou menos a pensar no mesmo.

Mordisca o lábio inferior, o que ainda me excita mais.

— Estavas?

— Pois... quero dizer, já passou algum tempo... bom, se não contarmos com o episódio de Seattle, em que eu estava provocadora devido ao álcool.

Observo-a com curiosidade, tentando desvendar os seus sentimentos em relação à minha falta de controlo no fim de semana passado, quando ela se atirou a mim. Percebo que fica atrapalhada ao relembrar o sucedido. Os meus *boxers* ficam cada vez mais apertados e desconfortáveis quando me lembro também.

— Não quero que penses que te estou a usar... depois de tudo o que aconteceu — explico.

— Hardin, de todas as coisas em que estou a pensar, essa não é uma delas. Talvez devesse ser, sim, mas não é.

Receava que o meu comportamento pouco decente tivesse arruinado os nossos momentos íntimos. — Tens a certeza? É que eu não quero voltar a estragar tudo — digo.

Em resposta, pega na minha mão e leva-a para entre as suas pernas.

Porra. A minha outra mão agarra-a pela cintura e puxo-a para mim. Num instante, estou sobre ela com um joelho entre as suas pernas. Beijo-lhe primeiro o pescoço e, em seguida, a minha boca ardente percorre rapidamente a sua pele suave. Ela puxa a minha *T-shirt* para cima e levanta as costas o suficiente para eu ser capaz de lha tirar. A minha língua deixa um trilho molhado enquanto a beijo na clavícula e no peito. As suas mãos esforçam-se por tirar, de uma só vez, a minha *T-shirt* e as calças de fato de treino, e eu ajudo-a, deixando-me ficar apenas com os *boxers*.

Quero tocar em todas as partes do seu corpo, explorar toda a sua pele, todas as suas curvas e ângulos. Meu Deus, como é bonita. Baixo-me para lhe dar um beijo na barriga e os seus dedos desaparecem no

meu cabelo, puxando as raízes. Mordisco-lhe a pele. As suas cuecas e os seus calções foram atirados para o chão. A minha língua acaricia a pele das suas ancas.

Exploro o seu corpo como se fosse a primeira ou a última vez, mas ela apressa-me com um — Hardin... por favor...

A minha boca acerca-se da sua zona mais sensível e percorro-a lentamente com a língua. Saboreio-a e vou perdendo a noção da realidade.

— Meu Deus — geme, puxando-me o cabelo com mais força.

Eleva as ancas da cama e pressiona o corpo contra a minha língua. Afasto-me e ela geme. Gosto de sentir que o seu desejo por mim é tão intenso como o meu por ela. Ergo rapidamente o corpo e abro a gaveta da mesa de cabeceira, tirando um invólucro e rasgando-o com os dentes.

Observamo-nos mutuamente. Reparo que o seu peito sobe e desce em antecipação. Puxo os *boxers* para baixo, inclino-me sobre ela e dou-lhe um beijinho na cara, com a minha pila assente na sua coxa por uns momentos.

Ergo-me e ponho o preservativo. — Deixa-te estar assim — digo-lhe.

Ela obedece e eu volto a colocar-me entre as suas pernas. A antecipação é excitante. Tenho uma ereção tão intensa que até dói.

— Estás sempre tão preparada para mim, querida — afirmo, impregnando os meus dedos com os seus fluidos e levando-os à sua boca para que ela os prove. Ela sente-se pouco à vontade mas não reclama enquanto lambe o meu dedo. Excitado, penetro-a. É uma sensação única de que eu já tinha tantas, tantas saudades. — Porra — praguejo e ela geme de prazer.

Todos os meus anteriores desgostos se desvanecem à medida que vou entrando nela e a preencho completamente. Suspira e eu rodo devagar a anca, antes de sair e voltar a entrar repetidamente.

— Não pares... por favor, Hardin.

Como gosto de a ouvir suplicar. — Não, querida... desta vez quero ir devagar. — Volto a rodar a anca. Quero saborear cada momento. Quero avançar lentamente e quero que ela sinta o quanto eu a amo, o quanto lamento tê-la magoado e como estou disposto a fazer tudo por ela. Junto a minha boca à dela e acaricio-a com a língua. Gemo quando as suas

unhas se cravam nos meus bíceps, com tanta força que, certamente, provocarão marcas em forma de meia-lua.

— Amo-te... amo-te muito — digo-lhe e aumento ligeiramente o ritmo. Sei que a estou a torturar, com os meus movimentos deliberadamente lentos.

— Eu... amo-te — sussurra e as suas pernas começam a estremecer, indicando-me que está quase a vir-se.

Gostava de nos poder ver neste momento, com os corpos perfeitamente moldados e, contudo, tão separados. O contraste entre a sua pele clara e macia e as tatuagens pretas que me cobrem à medida que ela me acaricia os braços deve produzir um efeito surpreendente. O encontro entre a luz e as trevas. É a perfeição caótica. É tudo o que temo, quero e preciso.

Os seus gemidos tornam-se mais audíveis e eu ponho a minha mão na sua boca para que ela a possa morder. — Shhh... vem-te, querida.

Aumento o ritmo, enquanto o seu corpo se torna rígido debaixo do meu e ela grita o meu nome na minha mão. Junto-me a ela e deixo-me ir. Ela é a droga perfeita. — Olha para mim — sussurro. O nosso olhar encontra-se e eu venho-me. Ejaculo intensamente e o seu corpo relaxa, deixando-nos, a ambos, ofegantes, de forma descontrolada. Tiro o preservativo e atiro-o para o caixote do lixo que está ao lado da cama.

Quando me preparo para sair de cima dela, ela agarra os meus braços para me deter. Sorrio-lhe e deixo-me estar. Ergo o corpo, apoiando-me no cotovelo, retirando boa parte do meu peso de cima dela. Ela acaricia-me a cara e com a ponta do polegar traça pequenos círculos na minha pele suada.

— Amo-te, Hardin — diz baixinho.

— Amo-te, Tess — respondo e encosto a cabeça no seu peito.

Sinto os olhos pesados e sinto-a a respirar lentamente. Adormeço a ouvir o bater repetitivo do seu coração.

36

TESSA

Acordo com o telemóvel a vibrar e sinto o peso da cabeça do Hardin no estômago. Levanto-a um pouco, com o maior cuidado possível, para procurar aquele irritante aparelho. Antes de atender, resmungo ao ver o nome da minha mãe no ecrã.

— Theresa?

— Olá.

— Onde é que estás e a que horas é que chegas? — pergunta.

— Eu não vou aí — informo-a.

— É consoada, Tessa. Sei que ficaste aborrecida com a história do teu pai, mas tens de vir passar o Natal comigo. Não vais passá-lo sozinha num hotel.

Sinto-me um pouco culpada por não comemorar o Natal com a minha mãe. Ela não é propriamente amável, mas eu sou a única pessoa que ela tem. Mesmo assim, respondo-lhe: — Não vou guiar a viagem toda até aí, mãe. Está a nevar e não quero conduzir com este temporal.

O Hardin agita-se e ergue a cabeça. Não vou a tempo de o avisar para ficar calado. — O que é que se passa? — pergunta e a minha mãe faz um ruído de surpresa.

— Theresa Young! O que é que te *deu*? — grita.

— Mãe, agora não!

— É ele, não é? Estou a reconhecer essa voz!

Que maneira mais detestável de acordar. Afasto o Hardin e sento-me, cobrindo a minha nudez com um lençol. — Mãe, vou desligar.

— Não te atrevas a...

Mas desligo mesmo. E em seguida silencio o telemóvel. Sabia que ela ia acabar por descobrir; mas esperava que não fosse tão cedo. — Bom, ela ficou a saber que voltámos a... ficar juntos. Ouviu-te e agora passou-se — digo e mostro-lhe o telemóvel, onde já estão assinaladas duas novas chamadas da minha mãe.

Ele aninha-se atrás de mim. — Já sabias que ela ia descobrir, assim

foi melhor.

— Não acho. Preferia ter-lhe contado em vez de ela ficar a saber desta maneira.

Ele encolhe os ombros. — Tanto faz. Fosse como fosse, ficaria sempre furiosa.

— Ainda assim. — A reação do Hardin chateia-me um bocado. Sei que ele não gosta dela, mas ela é minha mãe e esta não foi a maneira ideal de ficar a par das novidades. — Podias tentar ser um pouco mais condescendente.

Acena com a cabeça. — Desculpa.

Fico agradavelmente surpreendida com esta sua resposta amável.

O Hardin sorri e puxa-me para junto dele. — Queres que te prepare o pequeno-almoço, Daisy?

— Daisy? — Ergo as sobrancelhas.

— É muito cedo, ainda não estou no meu melhor para citar literatura, mas como estás com mau feitio... chamei-te Daisy.

— A Daisy Buchanan não tinha mau feitio. Nem eu — resmungo, sem disfarçar um sorriso.

Ele ri-se. — Tens, sim. E como é que sabes a que Daisy me estou a referir?

— Não há muitas e conheço-te o suficiente para saber.

— Ah, sim?

— Sim, e o teu objetivo de me insultar falhou redondamente — troço.

— Pois... pois... senhora Bennet — contra-ataca.

— Presumo que, ao me tratares por «senhora», te estejas a referir à mãe e não a Elizabeth, o que significa que estás a tentar insinuar que eu sou odiosa. Mas, no entanto, como esta manhã o teu cérebro ainda *não está* a carburar, será que pretendes afirmar que eu sou encantadora? Não te percebo. — Sorrio.

— OK... OK... Meu Deus! — Ri-se. — Um homem já não pode dizer uma graça que é logo condenado.

Com estes momentos de provocação mútua, a minha anterior irritação esmorece. Saímos da cama. Como não vamos sair, o Hardin propõe ficarmos em pijama, algo a que não estou habituada. Se estivesse em casa da minha mãe, seria expectável vestir-me convenientemente, mesmo se passasse o domingo em casa.

— Podias vestir a minha *T-shirt*. — Aponta para a que está caída no chão.

Sorrio, pego nela e visto a *T-shirt* e umas calças de fato de treino. Acho que nunca me apresentei ao Noah nestes trajes. Maquilhava-me pouco, mas estava sempre bem arranjada. O que é que o Noah pensaria se eu decidisse passar o dia com ele em fato de treino? É engraçado, nunca me senti intimidada ao lado do Noah e achava que, como tínhamos crescido juntos, ele conhecia a verdadeira Tessa, quando, na verdade, isso não correspondia à verdade. Ele não conhece a autêntica Tess, aquela que, ao lado do Hardin, sente que tem espaço para se revelar.

— Já estás pronta? — pergunta-me.

Assinto com a cabeça e apanho o cabelo num coque descuidado. Desligo o telemóvel e pouso-o em cima da cómoda antes de o seguir até à sala. Um delicioso aroma a café inunda o apartamento e encontramos a Trish em frente ao fogão, a fazer panquecas.

Ela sorri e vira-se para nós. — Feliz Natal!

— Não é Natal — diz o Hardin e lanço-lhe um olhar zangado. Ele faz uma careta e depois sorri para a mãe. Encho uma caneca com café e agradeço à Trish por nos ter preparado o pequeno-almoço. Sentamo-nos à mesa, enquanto ela nos conta como aprendeu a fazer estas panquecas com a avó. O Hardin escuta-a atentamente, chegando mesmo a sorrir.

Enquanto comemos as *deliciosas* panquecas de framboesa, a Trish pergunta-me: — Vais abrir os presentes hoje? Imagino que amanhã vais a casa da tua mãe?

Não sei bem o que responder e balbucio algumas palavras: — Eu... na verdade, eu... disse-lhe...

— Amanhã a Tessa vai a casa do meu pai. Prometeu ao Landon que ia e, como ele não tem mais amigas, não pode cancelar — interrompe-me o Hardin.

Ainda bem que ele me salvou desta situação embaraçosa, mas afirmar que sou a única amiga do Landon é um pouco maldoso... Bom, se calhar até sou. Mas ele é também o meu único amigo.

— Ah... está bem. Amor, não precisas de ter medo de me falar nisso. Não me importo nada que estejas com o Ken — diz a Trish, mas não

percebo bem a qual dos dois se está a dirigir.

O Hardin abana a cabeça. — Eu não vou. Pedi à Tessa para lhes dizer que nós não vamos.

A Trish suspende o gesto a meio de uma garfada. — «Nós»? Eles convidaram-me? — pergunta, num tom surpreendido.

— Sim... eles gostavam que fossem os dois — explico.

— Porquê?

— Eu... não sei... — respondo. Sinceramente, não sei. A Karen é tão simpática e sei que deseja que a relação entre o Ken e o filho se recomponha, é a única explicação que encontro.

— Já disse que não íamos. Não se preocupe, mãe.

A Trish leva o garfo à boca e mastiga pensativamente. — Se calhar devíamos ir — diz, por fim, para nossa surpresa.

— Porque é que a mãe havia de querer lá ir? — pergunta o Hardin, com uma expressão desconfiada.

— Não sei... já não vejo o teu pai há uns dez anos. Acho que ambos merecemos que eu comprove as suas mudanças. E além disso sei que não queres passar o Natal longe da Tessa.

— Posso cá ficar — digo. Não me apetece cancelar o almoço, mas não quero que a Trish se sinta constrangida a ir.

— Não. Na verdade acho uma boa ideia. Acho que devemos ir... os três.

— Tem a certeza? — O tom de voz do Hardin revela óbvia preocupação.

— Sim... não deve ser assim tão mau. — Sorri. — Além disso, se foi a Kathy que ensinou a Tessa a fazer aqueles biscoitos, imagina como o almoço deve ser bom.

— Karen, mãe. O nome dela é Karen.

— E então? Aceitei passar o Natal com a nova mulher do meu ex-marido. Posso chamar-lhe o que quiser. — Dá uma gargalhada e eu acompanho-a.

— Vou dizer ao Landon que vocês também vão — afirmo e vou buscar o telemóvel. Nunca imaginaria passar o Natal com o Hardin e a sua família... do lado paterno e materno. Os últimos meses têm sido inesperados.

Ligo o telemóvel e vejo que tenho três mensagens, seguramente da

minha mãe. Ignoro-as e telefono ao Landon.

— Olá, Tessa, feliz consoada! — saúda-me, animado como sempre. Sou capaz de visualizar o seu sorriso amistoso.

— Feliz consoada, Landon.

— Obrigado! Mas antes de tudo: não me estás a ligar para te «cortares», pois não?

— Não, nem pensar. Pelo contrário. Estou a ligar para saber se ainda está de pé o convite para a Trish e para o Hardin?

— A sério? Eles querem vir?

— Sim...

— Isso quer dizer que tu e o Hardin...

— Sim... sei que sou uma idiota...

— Não disse isso — interrompe-me.

— Eu sei, mas pensaste...

— Não. Não pensei. Podemos falar nisso amanhã, mas não és nenhuma idiota, Tessa.

— Obrigada — digo-lhe, com sinceridade. Ele deve ser a única pessoa que não tem uma opinião negativa preconcebida em relação a este assunto.

— Vou avisar a minha mãe. Ela vai ficar feliz — diz, antes de desligar.

Quando regresso à sala, a Trish e o Hardin já distribuíram os presentes. Em cima do sofá estão duas caixas que presumo serem para mim.

— Primeiro eu! — exclama a Trish e rasga o papel de embrulho que tem imagens de flocos de neve. Sorri, radiante, ao ver o fato de treino. — Gosto tanto! Como é que souberam? — Aponta para o fato de treino cinzento que tem vestido.

— Não tenho muito jeito para comprar presentes — digo-lhe.

Dá uma risadinha. — Não digas isso, é lindo — assegura-me enquanto desembrulha o segundo. Trata-se do colar com a palavra «Mãe» gravada. A Trish dá um abraço apertado ao filho antes de retirar o colar da caixa. Também parece gostar do cachecol quentinho que ele lhe comprou.

Estou arrependida de não ter arranjado nenhum presente para o Hardin. Sabia que íamos reatar e acho que ele também o sabia. Felizmente, ele não me deu a entender que me ia oferecer alguma coisa

e ambos os embrulhos que tenho no colo têm a indicação de serem da Trish.

Segue-se o Hardin, que esboça um sorriso forçado ao ver as roupas que a mãe lhe comprou. Um dos presentes é uma camisa de mangas compridas vermelha; por mais que me esforce, só consigo imaginar o Hardin com roupa preta e branca.

— É a tua vez — diz-me.

Com um sorriso nervoso, retiro o laço brilhante do primeiro embrulho. É evidente que a Trish tem mais jeito para escolher roupa de mulher do que de homem; comprova-o o vestido amarelo-escuro que me comprou. É um vestido *baby-doll* discreto, muito ao meu gosto.

— Obrigada, é lindo — digo e abraço-a. Fico sensibilizada por ela se ter lembrado de mim. Mal me conhece, mas tem sido tão simpática e recetiva que tenho a sensação de a conhecer há imenso tempo.

A segunda caixa é muito mais pequena, mas tenho dificuldade em desembrulhá-la devido à quantidade de fita adesiva. Aplico-me. Dentro da caixa está uma pulseira — uma pulseira de pendentes, muito original. A Trish, tal como o filho, empenha-se a escolher os presentes. Pego na pulseira e rodo-a nos meus dedos para observar os pendentes. São apenas três, maiores do que a ponta do meu polegar, dois de um material que se assemelha a estanho e o terceiro branco e sólido... talvez porcelana? O pendente branco é um símbolo de infinito que termina numa espécie de coração. Igual à tatuagem do pulso do Hardin. Fito-o e em seguida olho para o seu pulso. Ele agita-se e eu volto a observar a pulseira. O segundo pendente é uma nota de música e o terceiro, ligeiramente maior do que os outros, tem a forma de um livro. Quando o rodo nos meus dedos, vejo umas palavras no verso. Leio:

«Seja do que for que as nossas almas são feitas, a dele e a minha são iguais.»[1]

Olho para o Hardin e contenho as lágrimas que ameaçam brotar. Não é um presente da Trish.

É do Hardin.

Frase de *O Monte dos Vendavais*, de Emily Brontë, Editorial Presença de 2009. (*NT*)

37

TESSA

O Hardin está corado. Fito-o em silêncio, durante um minuto, e ele esboça um sorriso nervoso.

Num ímpeto, salto-lhe para o colo. Com o entusiasmo e o desejo de estar perto deste rapaz rebelde e louco, quase que o faço cair da cadeira. Felizmente, ele tem força suficiente para nos segurar. Abraço-o, primeiro com toda a minha força, depois com menos, quando ele começa a tossir. — É tão... é linda — digo a soluçar. — Obrigada. Foste tão atencioso; é inacreditável. — Encosto a minha testa à dele e aninho-me no seu colo.

— Não é nada de especial... na verdade — afirma timidamente e com pouca emoção. Estranho a sua atitude... até a Trish dar uma tossidela, ao nosso lado.

Saio logo do colo dele. Por uns momentos, esqueci-me de que não estávamos sozinhos. — Desculpe! — digo e volto para o meu lugar no sofá.

Ela faz um sorriso compreensivo. — Não peças desculpa, querida.

O Hardin fica calado; sei que não quer falar na pulseira à frente da Trish e por isso decido mudar de assunto. A prenda dele foi pensada com um cuidado incrível. Não havia frase melhor para gravar no pendente.

«Seja do que for que as nossas almas são feitas, a dele e a minha são iguais» exprime rigorosamente o que sinto por ele. Somos tão diferentes e, no entanto, tão iguais, tal como Catherine e Heathcliff. Espero apenas que não partilhemos o mesmo destino. Gostava de acreditar que aprendemos com os erros deles e que não os vamos repetir.

Enfio a pulseira e abano o pulso lentamente, balançando os pendentes. É um presente ímpar. Pensava que nada suplantaria o *e-reader*, mas estava enganada. O Noah oferecia-me sempre o mesmo: perfumes e meias. Ano após ano. E eu retribuía com água-de-colónia e

meias. Era a «nossa cena» — a nossa cena rotineira e aborrecida.

Admiro a pulseira durante mais alguns momentos, até perceber que o Hardin e a Trish estão a olhar para mim. Levanto-me e começo a arrumar toda aquela barafunda causada pelo papel de embrulho.

Com uma risadinha, a Trish pergunta: — Bem, meus senhores, quais são os planos para o resto do dia?

— Acho que me está a apetecer dormir uma sesta — responde o Hardin e ela revira os olhos.

— A sesta? Tão cedo? E logo no Natal? — brinca ela.

— Já lhe disse imensas vezes que hoje não é dia de Natal — diz um pouco rispidamente, mas depois sorri.

— És horrível — resmunga a Trish, dando-lhe um safanão no braço.

— Tal mãe, tal filho.

Enquanto eles se provocam, perco-me nos meus pensamentos e recolho a pequena pilha de papel rasgado e amassado, deitando-a no lixo. Sinto-me ainda mais aborrecida por não ter nenhum presente para o Hardin. Se o centro comercial estivesse aberto hoje... Não tenho a mínima ideia do que poderia comprar, mas qualquer presente seria melhor do que nada. Volto a olhar para a pulseira e passo o dedo pelo pendente em forma de coração e infinito. Ainda é para mim inacreditável que ele tenha arranjado um pendente igual à tatuagem.

— Já está tudo arrumado?

A voz do Hardin e as cócegas que sinto na minha orelha apanham-me de surpresa. Dou um salto e depois viro-me e dou-lhe um safanão: — Assustaste-me.

— Desculpa, querida — diz entre risadinhas. O meu coração estremece com a palavra «querida». Não é nada habitual nele.

Sinto-o a sorrir junto ao meu pescoço e ele rodeia-me a cintura com o braço. — Queres vir dormir a sesta comigo?

Fito-o. — Não. Fico a fazer companhia à tua mãe. Mas — acrescento com um sorriso — vou aconchegar-te a roupa. — Não gosto de dormir a sesta, a não ser que esteja demasiado cansada para fazer o que quer que seja, e vai ser agradável ficar ao lado da mãe dele, a ler ou a fazer outra coisa.

O Hardin revira os olhos mas conduz-me ao quarto. Despe a *T-shirt* e ela cai no chão. Os meus olhos percorrem as familiares tatuagens da

sua pele e ele sorri. — Gostaste mesmo da pulseira? — pergunta, aproximando-se da cama. Lança as almofadas decorativas para o chão e eu apanho-as.

— És tão desorganizado! — queixo-me. Arrumo as almofadas no baú e a *T-shirt* em cima da cómoda, antes de ir buscar o *e-reader* e de me juntar a ele na cama. — Mas, para responder à tua pergunta, adorei a pulseira. Foste muito atencioso, Hardin. Porque é que não me disseste que o presente era teu?

Ele puxa-me para baixo e encosta a minha cabeça ao seu peito. — Porque sabia que estavas incomodada por não me teres comprado nada. — Dá uma gargalhada. — E que te ias sentir ainda pior depois de veres o meu maravilhoso presente.

— Uau, tão humilde — brinco.

— Além disso, quando a arranjei, nem sequer sabia se ias voltar a falar comigo — admite.

— Sabias que sim.

— Sinceramente, não sabia. Desta vez, estavas diferente.

— Diferente como? — Fito-o.

— Não sei... mas estavas. Não foi como das outras mil vezes em que me disseste que não querias mais nada comigo — diz com suavidade, ao mesmo tempo que, com o polegar, afasta uma madeixa de cabelo da minha testa.

Observo o seu peito a subir e a descer. — Bem, eu sabia... quero dizer, não queria admiti-lo, mas sabia que ia voltar. Como sempre.

— Não te vou dar mais nenhum motivo para me tornares a deixar.

— Espero bem que não — digo e beijo-lhe a palma da mão. — Eu também não.

Permaneço em silêncio; neste momento, não há mais nada a dizer. Ele está com sono e eu não quero prosseguir esta conversa. Passados poucos minutos, adormece e a sua respiração torna-se pesada. Com a alusão à Daisy fiquei com vontade de reler *O Grande Gatsby* e procuro-o na biblioteca do *e-reader.* Claro que o Hardin incluiu este romance. No momento em que me preparo para me levantar e ir para junto da Trish, ouço uma voz feminina, zangada.

— Com licença!

A minha mãe! Atiro o *e-reader* para os pés da cama e levanto-me.

Mas por que diabo é que ela está aqui?

— Ninguém lhe deu autorização para ir lá dentro! — ouço a Trish gritar.

A Trish. A minha mãe. O Hardin. Este apartamento. Oh, meu Deus. Isto não vai correr bem.

A porta do quarto escancara-se e surge a minha mãe com um aspeto sofisticado mas ameaçador, com um vestido vermelho e sapatos pretos de salto alto. Está com um penteado estilo colmeia e batom vermelho intenso, muito intenso.

— Como é que podes estar aqui? Depois de tudo o que se passou! — grita.

— Mãe... — começo a dizer e ela vira-se para a Trish.

— E quem *é você*? — pergunta, aproximando-se dela.

— Sou a mãe do Hardin — responde com firmeza.

O Hardin resmunga meio a dormir e abre os olhos. — Que merda é esta? — exclama ao avistar o diabo vestido de vermelho.

A minha mãe vira a cabeça na minha direção. — Vamos embora, Theresa.

— Não vou a lado nenhum. Porque é que está aqui? — pergunto e ela sopra, com as mãos nas ancas.

— Já te disse. És a minha única filha e não vou ficar placidamente a ver-te destruir a tua vida por causa desse... *imbecil*.

Exaltada com as suas palavras, respondo de imediato. — *Não* fale assim dele! — grito.

— Esse «imbecil» é o meu filho — diz a Trish, com cara de poucos amigos. Por muito simpática que seja, é uma mulher que defende o filho com unhas e dentes.

— Bem, o seu filho está a *destruir* e a *corromper* a minha filha — replica a minha mãe.

— Vocês as duas... desapareçam daqui — responde o Hardin, levantando-se.

A minha mãe abana a cabeça, com um sorriso aberto. — Theresa, pega nas tuas coisas, *já*.

Enfureço-me com as suas ordens. — Não fui clara ao dizer que «não vou a lado nenhum»? Dei-lhe a oportunidade de passar o Natal comigo, mas a mãe é demasiado inflexível para o permitir. — Sei que estou a ser

incorreta, mas é superior às minhas forças.

— Inflexível? Achas que basta comprares umas roupas provocantes e aprenderes a maquilhar-te para passares a saber mais da vida do que eu? — Os seus gritos estão mesclados de escárnio. Como se as minhas opções não fossem para ser levadas a sério. — Olha, estás bem enganada. Só porque ousaste fazer... esta *indecência*, isso não significa que te tenhas tornado uma mulher! Não passas de uma garota. Uma garota ingénua e influenciável. Agora, pega mas é nas tuas coisas, antes que eu o faça por ti.

— Não se atreva a tocar nas coisas dela — ordena o Hardin. — Ela não vai a lado nenhum. Vai ficar aqui comigo, esta é a casa dela.

A minha mãe fita-o, furiosa. — «Esta é a casa dela»? Onde é que era a casa dela quando teve de ir para a porcaria de um motel por causa do que tu lhe fizeste? Tu não serves para ela... e ela não vai ficar aqui contigo.

— Minha senhora, eles são adultos — interrompe a Trish. — A Tessa é adulta. Se ela quer ficar, não há nada...

As duas mulheres encaram-se, furiosas. É uma situação terrível. Tento falar, mas a minha mãe adianta-se.

— Como é que pode aceitar este comportamento pecaminoso? Ele devia ser preso pelo que lhe fez! — grita.

— É evidente que ela lhe perdoou. Tem de aceitar esse facto — diz a Trish calmamente. Com demasiada calma. Parece uma serpente a deslizar com suavidade, para dissimular um ataque iminente. Mas quando age é fatal. A minha mãe é a presa e, neste momento, espero que a picada da Trish seja venenosa.

— Perdoar-lhe? Ele roubou-lhe a inocência, num *jogo*, uma aposta com os amigos. E depois gabou-se disso enquanto ela brincava às casinhas!

O grito de admiração da Trish preenche o espaço, silenciando tudo por uns momentos. Olha para o filho, boquiaberta. — O que...

— Ah, não sabia? Parece... surpreendida... por ele ludibriar a sua própria mãe? Coitada, não admira que o defenda — diz a minha mãe, abanando a cabeça. — O seu filho fez uma aposta com os amigos, a dinheiro, em como conseguia tirar a virgindade à Tessa. Ele conservou a prova, ostentando-a por todo o *campus*.

Fico gelada. Mantenho os olhos fixos nas duas, temendo olhar para o Hardin. A sua respiração altera-se, demonstrando que está surpreendido por eu ter revelado os detalhes do seu embuste. Mas eu gostava de ter poupado a mãe dele, omitindo-lhe o terrível ato do filho. Era uma humilhação que a mim dizia respeito e só a mim cabia decidir com quem a partilhar.

— A prova? — A voz da Trish está trémula.

— Sim, a prova. O preservativo! Ah, e os lençóis que indicavam que a Tessa perdera a virgindade. Sabe-se lá o que fez com o dinheiro, mas andou a contar os pormenores íntimos a toda a gente. Agora, diga-me lá se eu não devo levar a minha filha comigo? — A minha mãe encara a Trish, erguendo as suas sobrancelhas perfeitamente moldadas.

Sinto que, subitamente, o ambiente e a energia no ar se transformaram. A Trish está agora do lado da minha mãe. Tento apoiar o Hardin a todo o custo, segurando-me à beira deste precipício que se desmorona, mas a expressão de repulsa que a Trish lança ao filho é reveladora. Uma expressão que percebo não ser inédita. É algo que ela revive, como uma memória que volta a emergir na sua expressão facial. Um olhar que revela que, mais uma vez, ela acredita em todos os defeitos que possam apontar ao seu filho.

— Como é que pudeste, Hardin? — grita. — Tive esperança de que tivesses mudado... Tive esperança de que não repetisses todos os danos que provocaste a raparigas... a mulheres. Esqueceste-te do que aconteceu da última vez?

38

TESSA

A situação piora a cada momento. Não há nada a fazer e a minha mãe segue a Trish até à sala e como que uiva: — Da última vez? Estás a ver, Theresa? É por isso mesmo que tens de te afastar dele. Ele já fez isto antes, eu sabia! O Príncipe Encantado volta a atacar!

Olho para o Hardin, deixando tombar os braços. *Mais não*. Não aguento mais desilusões.

— Não foi a mesma coisa, mãe — diz, por fim, o Hardin.

A Trish lança-lhe um olhar completamente descrente, limpando as lágrimas que brotam dos olhos. — Tudo indica que sim, Hardin. E, sinceramente, não acredito em ti. Amo-te, filho, mas não te posso ajudar. É tudo muito mau, muito mau.

A voz falha-me. Quero falar, preciso de falar, mas as palavras da Trish — «da última vez» — inundam a minha cabeça com uma lista sem fim de potenciais crueldades, roubando-me a voz.

— Eu disse que não foi a mesma coisa! — grita o Hardin, erguendo os braços.

A Trish fita-me, com dureza. — Tessa, devias ir com a tua mãe — afirma e sinto um nó na garganta.

— *O quê?* — exclama o Hardin.

— Tu não serves para ela, Hardin. Amo-te mais do que tudo, mas não posso permitir que voltes a repetir os teus erros. Era suposto que a vinda para a América te ajudasse...

— Theresa — diz a minha mãe. — Acho que já ouvimos o suficiente. — Agarra o meu braço. — Vamos.

O Hardin avança na sua direção e ela recua, segurando-me com mais força.

— Largue-a já — diz ele, entre dentes.

As suas unhas coloridas cravam-se na minha pele, enquanto tento processar os acontecimentos dos últimos dois minutos. Não estava à espera de que a minha mãe irrompesse pelo apartamento... e muito

menos que a Trish lançasse insinuações sobre um dos muitos segredos do Hardin.

Ele já fez isto? A quem? Será que ele a amava? E ela, amava-o? Ele afirmou que nunca tinha estado com uma mulher virgem, que nunca tinha amado nenhuma outra pessoa. *Estaria a mentir?* Não consigo perceber a resposta na sua expressão carrancuda.

— Já não tens o direito de te pronunciares sobre algo que lhe diga respeito — responde-lhe a minha mãe.

Mas, para surpresa de todos, mesmo minha, liberto o meu braço lentamente... e refugio-me atrás do Hardin. Ele fica boquiaberto, surpreendido com a minha atitude. A Trish e a minha mãe estão horrorizadas.

— Theresa! Não sejas estúpida. Anda para aqui! — ordena-me a minha mãe.

Em resposta, agarro no antebraço do Hardin e mantenho-me atrás dele. Não sei a razão, mas faço-o. Devia ir-me embora com a minha mãe ou forçar o Hardin a esclarecer-me as alusões da Trish. Mas, na verdade, apenas desejo que a minha mãe se vá embora. Preciso de uns minutos, horas... algum tempo... para compreender o que se está a passar. Perdoei ao Hardin. Decidi esquecer tudo e ficar com ele. Porque é que, no momento crucial, surge sempre um segredo a estragar tudo?

— Theresa. — A minha mãe avança na minha direção e o Hardin põe o braço para trás, em meu redor. Para me proteger dela.

— Afaste-se dela — avisa-a o Hardin.

A Trish dá um passo em frente. — Hardin. É a *filha* dela. Não tens o direito de interferir.

— Não tenho o *direito*? *Ela* é que não tem o direito de vir ao nosso apartamento, de invadir o nosso *quarto*, sem ser convidada! — grita ele e eu aperto-lhe o braço com mais força.

— Não é o quarto *dela*, nem o apartamento dela — afirma a minha mãe.

— É, sim! Atrás de quem é que ela se refugiou? A Tessa está a usar-me como um escudo para se proteger de si. — O Hardin aponta para ela.

— A Tessa está a ser parva e não percebe o que é melhor para ela...

Mas eu interrompo-a, encontrando finalmente uma réstia de voz. —

Pare de falar como se eu não estivesse presente! Estou aqui e sou adulta, mãe. Se decidir ficar, fico — anuncio.

Com um olhar compassivo, a Trish tenta convencer-me. — Tessa, querida. Acho que devias dar ouvidos à tua mãe.

A sua rejeição magoa-me profundamente e sinto-a como uma traição. Mas não estou a par do que ela sabe sobre o filho.

— Obrigada! — suspira a minha mãe. — Pelo menos, há alguém razoável na família.

A Trish lança-lhe um olhar de aviso. — Minha senhora, eu não concordo com o modo como trata a sua filha, por isso, não parta do princípio de que estamos no mesmo barco, porque não estamos.

A minha mãe encolhe os ombros. — Mesmo assim, ambas concordamos que tens de te vir embora, Tessa. Tens de deixar este apartamento para nunca mais voltar. Se for preciso, podes pedir transferência para outra universidade.

— Ela pode tomar as suas próprias... — começa a dizer o Hardin.

— Ele envenenou a tua mente, Theresa... olha para o que ele te fez. Achas que o conheces *mesmo*? — pergunta a minha mãe.

— Eu *conheço*-o, mãe — digo, entre dentes.

A minha mãe fita o Hardin. Este está com a respiração acelerada, o rosto vermelho de raiva e os nós dos dedos brancos por causa da força com que aperta as mãos. Com uma ousadia inexplicável, afirma impassível: — Olha, se gostas dela, por pouco que seja, deves dizer-lhe para se ir embora. Só lhe fizeste mal. Já não é a mesma rapariga que há três meses deixei na universidade e a culpa é toda tua. Não a viste a chorar durante dias a fio, por causa do que lhe fizeste. Se calhar, andavas a divertir-te com outra, enquanto ela chorava até adormecer de cansaço. Destruíste-a... Como é que vives com isso? Sabes bem que, mais cedo ou mais tarde, vais voltar a magoá-la. Por isso, se ainda tens um pingo de decência, diz-lhe... diz-lhe para se ir embora comigo.

Um silêncio gélido domina o ambiente.

A Trish permanece calada, com o olhar fixo na parede, perdida nos seus pensamentos, como que a recordar as ações do passado do Hardin. A minha mãe fita o Hardin, à espera de uma resposta. A respiração do Hardin está muito agitada, ele está prestes a explodir. E eu, eu tento decidir quem vai vencer a minha batalha interior: o coração

ou a razão?

— Não vou com a mãe — digo, por fim.

Em resposta à minha decisão — à minha decisão adulta, que eu sei que implica assumir as consequências e enfrentar grandes dificuldades enquanto tiver de escolher se quero ou não ficar com o homem que amo —, a minha mãe revira os olhos, sem me levar a sério.

Então, perco as estribeiras.

— A mãe não é bem-vinda aqui. Nunca mais cá volte! — grito com uma enorme crueza. — Quem é que a mãe pensa que é, para entrar por aqui dentro e ter a lata de falar com ele nesses modos! — Contorno o Hardin e encaro-a. — Não quero ter nada a ver consigo! Ninguém quer! É por isso que a mãe está sozinha ao fim de todos estes anos. A mãe é maldosa e presumida! Nunca vai ser feliz! — Respiro fundo e engulo, sentindo a minha garganta seca.

Ela olha para mim, com confiança e um certo desdém. — Estou sozinha por decisão própria. Não preciso de ter uma pessoa; não sou como tu.

— Como *eu*! Eu não preciso de ter ninguém! A mãe basicamente *forçou*-me a ficar com o Noah... nunca me deu oportunidade de escolher o que quer que fosse! Controlou-me sempre... e eu estou farta. Estou completamente *farta*! — As lágrimas brotam intensamente.

A minha mãe aperta os lábios, como se estivesse a meditar profundamente, mas a sua voz está cheia de sarcasmo. — É evidente que tens problemas de codependência. É por causa do teu pai?

Fito-a, com os olhos doridos, injetados de sangue e repletos de todo o mal que lhe desejo. Começo a falar devagar mas acelero, numa escalada cada vez mais frenética: — Odeio-a. Odeio-a mesmo. A mãe é a responsável por o pai se ter ido embora. Porque ele não a suportava! E eu não o culpo por isso... na verdade, quem me dera que ele me tivesse levado...

E então sinto a mão do Hardin a tapar-me a boca e os seus braços fortes a puxarem-me para junto dele.

39

HARDIN

Durante todo o tempo, apenas me preocupei com a hipótese de a mãe da Tessa decidir dar-lhe uma bofetada; para bem da mãe dela, esperei que isso não acontecesse. Mas nunca imaginei que a Tessa assumisse uma atitude ofensiva.

O seu rosto está vermelho e as lágrimas tombam na minha mão.

Porque é que a mãe dela estraga sempre tudo? Não a culpo por estar zangada, independentemente de a odiar. Eu magoei *mesmo* a Tessa. Mas não acho que a *tenha destruído*.

Ou destruí?

Não sei o que fazer. Olho para a minha mãe, procurando ajuda... mas ela responde-me com uma expressão de ódio. Não queria que ela soubesse o que eu fiz à Tess. Tinha a certeza de que isso a ia devastar, principalmente depois do que aconteceu antes.

Mas eu já não sou a mesma pessoa que era outrora. Tudo mudou.

Eu amo a Tessa.

Por entre todo o caos que provoquei, encontrei o amor.

A Tessa grita na minha mão e tenta afastar-me, mas não tem força suficiente para o fazer. Tenho de a manter afastada, para impedir uma de duas coisas: que a mãe dela lhe dê uma bofetada, o que me vai obrigar a intervir, ou que a Tessa diga o que não deve e se arrependa para sempre. — Acho que é melhor ir-se embora — afirmo.

A Tessa agita-se, tentando libertar-se e pontapeia-me as canelas. Perturba-me sempre vê-la zangada — especialmente desta forma —, mas sinto um certo regozijo por, desta vez, a sua raiva não ser contra mim.

Sê-lo-á em breve...

Sei que a mãe dela tem razão em relação a mim: *sou* péssimo para ela. Não sou o homem que a Tessa pensa que sou, mas amo-a demasiado para permitir que ela me volte a abandonar. Acabei de a recuperar e não vou perdê-la de novo. Só espero que ela me escute, que

ouça toda a história. Mesmo assim, não sei se valerá a pena. Sei o que vai acontecer; depois do que vai ouvir, não há nenhuma possibilidade de ficar comigo. *Que merda, porque é que a minha mãe tinha de abordar o assunto?*

Conduzo a Tessa até ao quarto. No caminho, ela roda-nos com tal violência que voltamos a ficar de frente para a mãe dela. Com um último olhar de ódio, tenta arremessar-se na sua direção, mas eu agarro-a com firmeza.

Levo-a para o quarto, solto-a e fecho rapidamente a porta, trancando-a.

Lança-me um olhar de ódio. — Porque é que fizeste aquilo? Tu...

— Porque estavas a dizer coisas de que te ias arrepender.

— Porque é que fizeste aquilo? — grita. — Porque é que me detiveste? Tenho tanta coisa para dizer àquela vaca, que nem... nem sei como...! — Empurra-me o peito com as mãos.

— Ei... ei... acalma-te — digo, tentando ter em conta que está a transferir a raiva que sente pela mãe para a minha pessoa; sei que está.

Seguro-lhe no rosto e acaricio-lhe as maçãs do rosto com os polegares, assegurando-me de que ela continua a olhar para mim, enquanto a sua respiração abranda. — Acalma-te, querida — repito.

O vermelho do seu rosto vai-se desvanecendo e acena devagar com a cabeça.

— Vou-me assegurar de que ela se vai embora, está bem? — digo, quase sussurrando.

Ela volta a acenar com a cabeça e senta-se em cima da cama. — Despacha-te — ordena quando eu saio do quarto.

A mãe da Tessa está sozinha na sala, a andar para a frente e para trás. Olha para mim incisivamente, como um felino a medir a presa. — Onde é que ela está? — pergunta.

— Ela não vai sair do quarto. A senhora vai-se embora e não vai voltar. Estou a falar a sério — digo entre dentes.

Ergue as sobrancelhas. — Estás a ameaçar-me?

— Entenda como quiser, mas afaste-se dela.

Esta mulher de unhas tão bem pintadas, tão bem arranjada e com um ar tão empertigado lança-me um olhar dissimulado e duro, que eu apenas vi em amigos do Jace. — A culpa é toda tua — diz, calmamente.

— Fizeste-lhe uma lavagem ao cérebro e ela já não está no seu perfeito juízo. Sei o que lhe estás a fazer. Conheço homens como tu. Percebi como eras problemático mal te pus os olhos em cima. Devia ter prevenido tudo isto e obrigado a Tessa a mudar de quarto. Mais nenhum homem a vai querer depois deste... depois de ti. Olha para ti. — Agita a mão no ar e dá meia-volta na direção da porta.

Sigo-a até à entrada da casa. — O objetivo é mesmo esse, não é? Que mais nenhum homem a queira, a não ser eu. Ela não ficará com mais nenhum homem, a não ser comigo — gabo-me. — Ela vai sempre preferir-me, em vez de a escolher a si ou qualquer outra pessoa.

Ela vira-se e aproxima-se de mim. — Tu és diabólico e não vou simplesmente desaparecer assim. Ela é minha filha e é boa de mais para ti.

Aceno depressa e repetidamente com a cabeça e depois olho para ela, afirmando categoricamente: — Vou assegurar-me de que me lembro disso quando me deitar com a sua filha hoje à noite.

Inspira fundo ao ouvir as minhas palavras e dá um pequeno gritinho de exclamação, levantando a mão para me bater. Agarro o seu pulso e baixo-o com suavidade. Nunca a agrediria, nem a nenhuma outra mulher, mas também não vou permitir que ela me agrida.

Sorrio-lhe, volto a entrar no meu apartamento e fecho-lhe a porta na cara.

40

HARDIN

Encosto a cabeça à porta por uns momentos e depois dou meia-volta e vejo a minha mãe em pé na sala, a olhar para mim com uma caneca de café nas mãos e os olhos completamente vermelhos.

— Onde é que estava? — pergunto.

— Na casa de banho — diz, com uma voz trémula.

— Como é que pôde dizer à Tessa para se ir embora? Para me deixar? — digo. Sabia que ia ficar desapontada, mas a sua atitude foi excessiva.

— Porque, Hardin... — ela suspira e ergue as mãos como se fosse óbvio —, não serves para ela. Sabes bem que não. Não quero vê-la a acabar como a Natalie ou como as outras. — Abana a cabeça.

— A mãe sabe o que é que me vai acontecer se ela me deixar? Acho que não percebeu... eu *não consigo* ficar sem ela. Sei que não a mereço e lamento o que fiz de cada vez que a encaro, mas posso ser bom para ela. Sei que posso ser. — Começo a andar para a frente e para trás, no meio da sala.

— Hardin... tens a certeza de que neste momento não estás apenas a entrar no teu próprio jogo?

— Não, mãe... — Baixo a cabeça e tento manter-me calmo. — Para mim, isto não é um jogo, desta vez não. Eu amo-a, amo-a profundamente. — Olho para a minha bondosa e amável mãe, que me aturou muito. — Não tenho palavras para explicar o quanto a amo porque nem eu próprio o compreendo. Nunca pensei que podia ou iria sentir isto. Tudo o que sei é que ela é a minha única hipótese de ser feliz. Se ela me deixar, não vou recuperar. Nunca, mãe. Ela é a única possibilidade que tenho de não ficar sozinho o resto da vida. Não sei o que fiz para a merecer, nada que eu saiba, mas ela ama-me. Sabe o que se sente ao ter-se alguém que nos ama, apesar de toda a porcaria que se possa ter feito? Ela é demasiado boa para mim e ama-me. Não faço a mínima ideia porquê.

Calo-me por uns instantes, enquanto a minha mãe limpa os olhos com as costas da mão. É difícil continuar, mas acrescento: — Ela está sempre ao meu lado, mãe. Ela perdoa-me, mesmo quando não devia. Diz sempre a coisa certa. Acalma-me, mas desafia-me... faz-me querer ser um homem melhor. Sei que não presto, sei-o bem. Fiz muita merda, mas a Tessa não me pode deixar. Não quero mais ficar sozinho e nunca voltarei a amar outra pessoa, ela é tudo para mim. Sei-o bem. É o meu pecado mortal, mãe, e eu sentir-me-ei feliz com a minha condenação.

Fico sem fôlego. A minha mãe tem a cara encharcada e está a olhar para trás de mim.

Viro-me e deparo-me com a Tessa com os braços descaídos, os olhos arregalados e o rosto igualmente encharcado.

A minha mãe assoa o nariz e diz com suavidade: — Vou sair por uns momentos enquanto... para vos dar algum espaço. — Vai até à porta, pega nos sapatos e no casaco e sai.

Sinto-me mal por deixá-la sair, sabendo que, na véspera de Natal, não há muitos sítios para onde ir, especialmente num dia de temporal como este, mas, neste momento, preciso de estar a sós com a Tessa. Mal a minha mãe fecha a porta, atravesso a sala na sua direção.

— O que disseste... agora mesmo... era a sério? — pergunta-me, a chorar.

— Sabes que sim — respondo.

Ergue o canto dos lábios e aproxima-se de mim, pousando a mão no meu peito. — Preciso de saber o que fizeste.

— Eu sei... mas promete-me que vais tentar perceber...

— Conta-me, Hardin.

— E que percebes que eu não sinto orgulho nos meus atos passados.

Ela assente com a cabeça e respira fundo, conduzindo-me ao sofá.

Não sei mesmo por onde começar.

41

TESSA

O Hardin está pálido. Esfrega as mãos nos joelhos. Passa os dedos pelo cabelo. Olha para o teto e de novo para baixo. No fundo, talvez deseje que estes gestos adiem eternamente a conversa.

Mas, por fim, começa a falar: — Em Inglaterra, tinha um grupo de amigos que não prestavam. Acho que eram do género do Jace... Fazíamos uma cena... um jogo. Escolhíamos uma rapariga para cada um e víamos quem era o primeiro a levar a sua rapariga para a cama.

Sinto o estômago às voltas.

— O vencedor tinha direito a, na semana seguinte, ficar com a miúda mais boa e havia dinheiro em jogo...

— Quantas semanas? — pergunto, arrependendo-me logo. Não quero saber, mas, ao mesmo tempo, tenho de saber.

— Passaram apenas cinco semanas até uma rapariga...

— Natalie — digo, ligando as pontas soltas.

O Hardin olha para a janela. — Pois... a Natalie foi a última.

— E o que é que lhe fizeste? — Tenho medo da resposta.

— Na terceira semana... o James pensou que o Martin estava a mentir e por isso veio com a ideia da prova...

Prova. Esta palavra vai atormentar-me para sempre. Os lençóis com sangue vêm-me à cabeça e sinto um aperto no peito.

— Não era a mesma prova... — Ele percebeu os meus pensamentos. — Fotografias...

Fico boquiaberta. — Fotografias?

— E um vídeo... — admite e esconde a cara nas mãos.

Vídeo? — Filmaste sexo com uma pessoa? Ela sabia? — pergunto. Mas sei a resposta antes mesmo de ele o negar com a cabeça. — Como é que foste capaz? Como é que foste capaz de fazer isso a alguém? — Começo a chorar.

Sinto-me ferida ao tomar consciência de que não conheço mesmo o Hardin e tenho de engolir toda a bílis que se produz na minha garganta.

Afasto-me instintivamente e reparo na expressão de dor que surge nos seus olhos.

— Não sei... Isso não me preocupava. Para mim, era divertido... Bom, não era propriamente divertido, mas não me preocupava. — A sua honestidade dilacera-me e pela primeira vez anseio pelos dias em que ele escondia estes factos de mim.

— Então, o que é que se passou com a Natalie? — A minha voz está rouca e enxugo as lágrimas.

— Quando o James viu o vídeo... também quis ir para a cama com ela. E como a Natalie recusou, ele mostrou o vídeo a toda a gente.

— Ah, meu Deus. Coitada. — Angustia-me o que eles lhe fizeram, o que o Hardin lhe fez.

— O vídeo divulgou-se tão depressa que, em menos de vinte e quatro horas, os pais dela descobriram. Era uma família influente na igreja local... por isso as novidades não foram muito bem recebidas. Expulsaram-na de casa e, quando a notícia se espalhou, perdeu a bolsa de estudo que recebera para no outono seguinte começar a estudar numa universidade privada.

— Destruíste-lhe a vida — murmuro.

O Hardin destruiu a vida desta rapariga, exatamente como antes ameaçou destruir a minha. Vou acabar como ela? Já sou como ela?

Fito-o. — Disseste-me que nunca tinhas ido para a cama com uma rapariga virgem.

— Ela não era virgem. Já tinha dormido com outro rapaz. Mas foi essa a razão por que a minha mãe me mandou para cá. Todos sabiam o que se tinha passado. Eu não aparecia no vídeo. Bom, eu estava a ter relações com ela, mas não estava visível; apenas se reconheciam algumas tatuagens. — Mostra-me um dos pulsos. — Sabe-se que sou eu por isto...

A minha cabeça rodopia. — Como é que ela reagiu?

— Disse que estava apaixonada por mim... e pediu para ficar em minha casa até encontrar outro sítio onde ficar.

— Deixaste?

Nega com a cabeça.

— Porquê?

— Porque não queria. Porque não gostava dela.

— Como é que podes falar nisto de uma forma tão fria? Não percebes o que lhe fizeste? Engataste-a, foste para a cama com ela e filmaste tudo, mostraste aos teus amigos e, na prática, a toda a escola e, por tua culpa, ela perdeu a bolsa de estudo e a família! E depois nem sequer tiveste compaixão para a ajudar quando ela *não tinha nenhum outro sítio para onde ir*? — grito e levanto-me. — Onde é que ela está *agora*? O que é que lhe aconteceu?

— Não sei. Nem me preocupei em tentar saber.

O mais assustador de tudo isto é a sua atitude descontraída e fria em relação ao assunto. Repugna-me. Vejo o padrão, as semelhanças entre mim e a Natalie. Foi também por causa dele que eu fui abandonada, ficando sem um sítio para onde ir. Por causa dele, eu e a minha mãe estamos de relações cortadas. Amei-o, enquanto ele me utilizava num jogo perverso.

O Hardin também se levanta mas mantém-se a uma certa distância.

— Oh, meu Deus... — O meu corpo todo treme. — Filmaste-me... não foi?

— Não! *Nem penses!* Nunca te faria isso! Tessa, juro-te por tudo que não o fiz.

Não devia, mas quero acreditar na sua versão, pelo menos isso. — Quantas mais? — pergunto.

— Quantas mais o quê?

— Filmaste?

— Só a Natalie... até vir para cá.

— Voltaste a fazê-lo! Depois do que fizeste à pobre rapariga, repetiste tudo? — berro-lhe.

— Uma vez... à irmã do Dan — responde.

— A irmã do Dan? Do teu amigo Dan? — Agora já percebo. — Era ao que o Jace se referia quando vocês andaram à luta! — Eu tinha esquecido a luta do Dan e do Hardin, mas o Jace aludiu a um anterior conflito entre os dois.

— Porque é que fizeste isso se ele era teu amigo? Mostraste a alguém?

— Não, não mostrei a ninguém. Apaguei o vídeo depois de enviar uma cópia ao Dan. Na verdade, nem sei porque é que o fiz. Desde que nos apresentou a irmã que ele não parava de me irritar, dizendo-me para

me afastar dela, e isso fez-me ter vontade de ir para a cama com ela só para o chatear. Ele é um verdadeiro idiota, Tessa.

— Como é que não percebes que esse teu comportamento é indecente? Como é que podes ser tão indecente? — grito.

— Eu sei que é! Eu sei, Tessa!

— Pensava que a minha aposta tinha sido a tua pior ação... Mas, meu Deus, isto ainda é pior.

A história da Natalie não me provoca tanto sofrimento como o que senti quando descobri a aposta do Hardin e do Zed, mas é pior por ser mais vil e revoltante e faz-me reconsiderar a certeza que tinha sobre conhecer verdadeiramente o Hardin. Sabia que ele não era perfeito — longe disso —, mas isto está a um nível muito desprezível.

— Isto aconteceu muito antes de te conhecer, Tessa; pertence ao meu passado. Por favor, deixa-o permanecer aí — suplica. — Já não sou a mesma pessoa, tu tornaste-me uma pessoa melhor.

— Hardin, tu nem sequer te preocupas com o que fizeste a estas raparigas! Nem sequer te sentes culpado, pois não?

— Sinto.

Inclino a cabeça e olho-o de soslaio. — Só porque agora *eu* sei. — Quando ele não argumenta, reitero. — Não te preocupas com elas, com ninguém!

— Tens razão! Não me preocupo; na verdade estou-me borrifando para toda a gente, exceto para ti! — responde-me.

— Isto é de mais, Hardin! Mesmo para mim... a aposta, o apartamento, as lutas, as mentiras, reatarmos, a minha mãe, a tua mãe, o Natal... É demasiado. Nem tenho tempo para respirar entre cada uma destas... destas *confusões*. Mal ultrapasso um problema, aparece logo outro. Sabe-se lá o que é que fizeste mais! — Começo a chorar. — Não te conheço de todo, pois não?

— Conheces, sim, Tessa! Conheces-me. Aquele não era eu, este é que sou eu. Agora é que sou eu. Eu amo-te! Faço tudo o que for preciso por ti, para que percebas que este sou eu, o homem que te ama mais do que a vida, o homem que dança nos casamentos e observa-te a dormir, o homem para quem o dia só começa depois de te beijar, o homem que prefere morrer a ficar sem ti. Este sou eu, é o que eu sou. Por favor, não deixes que isto destrua tudo. Por favor, querida.

Os seus olhos estão brilhantes e, embora esteja comovida com as suas palavras, isto ultrapassa tudo. Ele avança para mim e eu recuo. Preciso de ser capaz de pensar. Levanto a mão. — Preciso de tempo. Neste momento, isto é de mais.

Os seus ombros descaem e parece aliviado. — Está bem... está bem... pensa nisto durante algum tempo.

— Longe de ti — explico.

— Não.

— Sim, Hardin. Não consigo pensar com clareza perto de ti.

— Não, Tessa, não te vais embora — ordena.

— Não me vais dizer o que eu vou ou não fazer — replico.

Suspira e enrola o cabelo nos dedos, puxando-os com toda a força. — Está bem... está bem... Deixa-me ir embora, então. Ficas cá tu.

Quero argumentar, mas, na verdade, não me apetece ir-me embora. Já tive a minha dose de quartos de hotel e amanhã é Natal.

— Volto amanhã de manhã... a não ser que precises de mais tempo — diz. Calça os sapatos e procura a chave no chaveiro antes de se lembrar que a mãe levou o carro.

— Leva o meu — digo.

Ele acena com a cabeça e aproxima-se de mim. — Não faças isso — digo e levanto os braços. — E ainda estás de pijama.

Ele franze o sobrolho e baixa o olhar, mas vai para o quarto, regressando dois minutos depois, já vestido. Para à minha frente e olha-me nos olhos. — Por favor, lembra-te de que te amo, de que mudei — diz uma vez mais, antes de me deixar sozinha no apartamento.

42

TESSA

O que é que eu vou fazer?

Vou para o quarto e sento-me à beira da cama. Sinto-me agoniada com a situação. Eu sabia que o Hardin tinha tido um passado problemático e sabia que não ia gostar de muitas das coisas que ele fez, mas entre todos os segredos que a Trish podia eventualmente revelar, este nunca me passou pela cabeça. Ele abusou de uma rapariga de um modo horrível, deplorável, e não teve remorsos — mesmo agora tem poucos.

Tento inspirar e expirar lentamente enquanto as lágrimas me rolam pela cara. O pior de tudo é saber o nome dela. Sei que é vergonhoso, mas, se fosse uma qualquer rapariga anónima, podia quase fingir que ela não existia. Saber que se chama Natalie dá-me que pensar. Como é ela? Que curso estava a pensar tirar antes de o Hardin fazer com que perdesse a bolsa de estudo? Será que tem irmãos? Será que eles viram o vídeo? Se a Trish não tivesse puxado o assunto, será que eu viria a saber?

Quantas vezes tiveram relações? Será que o Hardin gostou?... Claro que sim. Tratava-se de sexo e o Hardin era bastante ativo. Com outras raparigas. Muitas outras raparigas. Será que depois do sexo ficou a dormir com ela? Porque é que sinto ciúmes da Natalie? Devia ter pena dela e não inveja por ter tocado no Hardin. Afasto estes pensamentos e volto a meditar sobre qual será a verdadeira personalidade do Hardin.

Devia ter-lhe dito para ficar, para falarmos sobre isto: vou-me sempre embora ou, neste caso particular, obrigo-o a partir. O problema é que a sua presença me impede de manter o autocontrolo necessário.

Gostava de saber o que aconteceu à Natalie depois de o Hardin lhe ter destruído a vida. Se agora é feliz e se tem uma boa vida. Iria sentir-me ligeiramente melhor. Quem me dera ter uma amiga com quem falar, alguém que me desse conselhos. Mas, mesmo se tivesse, não iria contar este segredo do Hardin. Não quero que ninguém saiba o que ele fez a

esta rapariga. Sei que é tolo querer protegê-lo, quando ele não o merece, mas não consigo evitá-lo. Não quero que ninguém tenha uma impressão ainda mais negativa sobre ele e, principalmente, não quero que a sua autoestima diminua ainda mais.

Recosto-me nas almofadas e olho para o teto. Acabei de ultrapassar um problema... bem, estava *a tentar* ultrapassar o facto de o Hardin me ter usado para vencer uma aposta... e agora isto? A Natalie e mais quatro outras raparigas, já que ele me disse que tudo se passou em cinco semanas. A irmã do Dan. Isto é recorrente nele, é o seu comportamento — será que vai ser capaz de o abandonar? O que é que me teria acontecido se ele não se tivesse apaixonado por mim?

Eu sei que ele me ama — que me ama verdadeiramente. Sei-o bem.

E eu amo-o muito apesar de todas as asneiras que ele faz e fez no passado. Vi que ele mudou, mesmo durante a última semana. Ele nunca tinha demonstrado o que sentia por mim do modo como hoje o fez. Quem me dera que à sua maravilhosa declaração não se tivesse seguido uma revelação tão repugnante.

Ele afirmou que eu sou a única oportunidade que ele tem para ser feliz. Sou a única hipótese que ele tem de não passar toda a sua vida sozinho. Uma declaração pesada. Uma declaração verdadeira. Nunca ninguém o amará como eu o amo. Não porque ele não mereça ser amado, mas porque nunca ninguém o conhecerá como eu o conheço. Conhecia. *Ainda conheço?* Não sei o que decidir, mas quero acreditar que o conheço, que conheço a sua verdadeira personalidade. Ele já não é a mesma pessoa que era há alguns meses.

Embora me tenha causado muito sofrimento, ele também se esforçou por provar que me merecia. Empenhou-se em tornar-se a pessoa que eu preciso que ele seja. Ele pode mudar; testemunhei as suas mudanças. Em parte, acho que é altura de eu assumir algumas das culpas — não pelo que ele fez à Natalie, mas por eu ser tão dura com ele, quando as mudanças levam o seu tempo e ninguém pode apagar o passado. O que ele fez foi errado, incrivelmente errado, mas por vezes esqueço-me que ele é aquele homem zangado e solitário que não aprendeu a amar. Ele gosta da mãe, à sua maneira, ainda que não seja exatamente como as pessoas costumam gostar dos seus pais.

Mas, por outro lado, também me sinto cansada. Cansada deste ciclo

com o Hardin. No início da nossa relação era um constante recuo e avanço e ele oscilava entre a crueldade, a simpatia e de novo a crueldade. Agora este ciclo degradou-se. Piorou bastante. Deixo-o e regresso, para de novo o abandonar. Não posso continuar nisto — *nós* não podemos continuar nisto. Não vou resistir à descoberta de novos segredos — neste momento, mal me consigo manter inteira. Não aguento mais segredos, mais desgostos amorosos, mais rompimentos. Planeei sempre muito bem a minha vida — até conhecer o Hardin, todos os detalhes da minha vida eram calculados, examinados. Ele virou a minha vida de pernas para o ar e, no geral, degradou-a. E, mesmo assim, com ele fui feliz como nunca antes fora.

Ou ficamos juntos e tentamos superar todos os seus atos desprezíveis ou então a nossa rutura tem de ser definitiva. Se decidir deixá-lo, tenho de me afastar, de me manter bem longe. Tenho de esquecer tudo o que vivi com ele ou então não serei capaz de prosseguir com a minha vida.

Subitamente, reparo que as lágrimas pararam, o que indica que já cheguei a um veredicto. A dor que sinto perante a hipótese de o deixar é muito maior do que o sofrimento que ele me causou.

Não sou capaz de o deixar. Sei que não sou.

Sei o quanto isto é patético, mas não me é possível viver sem ele. O que sinto com ele é único. Nunca encontrarei ninguém assim. Ele é tudo para mim, tal como eu sou tudo para ele. Não devia tê-lo mandado embora. Precisava de tempo para pensar e necessito de mais tempo, mas neste momento já o quero ao meu lado. *Será que o amor é sempre assim? É sempre tão intenso e, simultaneamente, tão doloroso?* Não tenho termo de comparação.

Ouço a porta a abrir e saio da cama, correndo para a sala. Mas fico desapontada ao deparar-me com a Trish e não com o Hardin.

A Trish pendura as chaves e descalça os sapatos cobertos de neve. Não sei o que lhe dizer, já que ela afirmou que eu me devia ir embora com a minha mãe.

— Onde está o Hardin? — pergunta ao entrar na cozinha.

— Foi-se embora... só esta noite — explico.

Volta-se para mim. — Ah.

— Tenho a certeza de que se lhe telefonar ele lhe diz onde está, se

não quiser ficar aqui... comigo.

— Tessa — diz, obviamente à procura das palavras certas, mas com uma expressão amistosa. — Desculpa-me pelo que eu disse. Não quero que penses que tenho sentimentos negativos em relação a ele. Não tenho. Estava só a tentar proteger-te do Hardin. Não quero que tu...

— Que eu acabe como a Natalie?

Noto que esta alusão a magoa. — Ele contou-te?

— Sim.

— Tudo? — Pressinto dúvida na sua voz.

— Sim... o vídeo, as fotografias, a bolsa de estudo. Tudo.

— E mesmo assim continuas com ele?

— Disse-lhe que precisava de tempo e de espaço, mas sim. Não me vou embora.

Ela anui e sentamo-nos à mesa, frente a frente.

Fita-me com os olhos muito abertos e eu percebo em que é que está a pensar. Por isso explico: — Sei que ele fez coisas horríveis, deploráveis, mas acredito que está a ser sincero quando afirma que mudou. Ele já não é a mesma pessoa.

A Trish põe uma mão em cima da outra. — Tessa, ele é meu filho, eu amo-o, mas mesmo assim tens de pensar nisto. Ele repetiu contigo um erro do passado. Sei que ele te ama, isso agora é claro para mim, mas tenho medo de que o mal já esteja feito.

Aprecio a sua honestidade. Mas afirmo-lhe: — Não está. Bom, o mal que me fez não é irreversível. Mas *eu* tenho de decidir como lidar com o passado dele. Se me limitar a atirar-lhe com o passado à cara, como é que ele o ultrapassa? Será que ele não merece ser amado? Se calhar pensa que eu sou ingénua e tola por continuar a perdoar-lhe, mas eu amo-o e não posso viver sem ele.

A Trish dá um pequeno estalo com a língua e abana a cabeça. — Tessa, não penso nada isso. Acho que a tua capacidade de perdoar revela grande maturidade e compaixão. O Hardin odeia-se, sempre se odiou, e eu pensava que este sentimento não se ia alterar, até tu apareceres. Fiquei mortificada quando a tua mãe me contou o que ele te fez e tenho pena de que isso tenha acontecido. Não sei em que é que errei com o Hardin. Tentei ser a melhor mãe que sabia, mas foi difícil, com um pai ausente. Fui forçada a trabalhar muitas horas e não lhe dei

toda a atenção que devia. Se o tivesse feito, talvez ele demonstrasse mais respeito pelas mulheres.

Sei que se não tivesse passado o dia inteiro a chorar o faria agora. O seu sentimento de culpa é tão intenso que me apetece reconfortá-la. — A Trish não é culpada por o Hardin ser como é. Acho que a sua maneira de ser é consequência dos sentimentos que tem em relação ao pai e do tipo de amigos que arranjou, mas eu estou a tentar solucionar estes dois problemas. Por favor, não se recrimine. Nada disto tem a ver consigo.

A Trish estende os braços e pega nas minhas mãos. — Ao longo dos meus trinta e cinco anos de vida, nunca conheci ninguém com tão bom coração como tu.

Arqueio as sobrancelhas. — Trinta e cinco?

— Ei, não me desmintas. Pareço, não pareço? — Sorri.

— Claro que sim. — Rio-me.

Há vinte minutos eu estava a chorar e à beira do colapso e agora estou a rir-me com a Trish. No momento em que decidi aceitar e ultrapassar o passado do Hardin, senti grande parte da tensão a desvanecer-se.

— Talvez lhe devesse ligar para o informar da minha decisão — digo.

A Trish inclina a cabeça e sorri com malícia. — Acho que ele precisa de uns momentos para ganhar noção.

Não me agrada a ideia de o torturar mais, mas é mesmo importante que ele reflita em tudo o que fez. — Imagino que sim...

— Acho que ele precisa de compreender que as más escolhas têm um preço. — Pisca o olho. — E que tal eu preparar um jantar para nós, e a *seguir* podes salvar o Hardin da sua desgraça?

Estou feliz por poder contar com o seu sentido de humor e os seus conselhos para me tirar desta triste confusão por causa do passado do Hardin. Estou disposta a deixar tudo para trás, ou pelo menos a tentar, mas ele precisa de tomar consciência de que o seu comportamento não foi correto e eu preciso de saber se há ainda mais demónios no seu passado à espera do momento ideal para me inquietarem.

— O que é que te apetece?

— Qualquer coisa serve. Posso ajudar — ofereço, mas ela abana a cabeça.

— Não, descansa um pouco. Tiveste um dia difícil, com a história do

Hardin... e da tua mãe.

Reviro os olhos. — Pois... ela é uma pessoa difícil.

Ela sorri e abre o frigorífico. — «Difícil»? Eu escolheria outra palavra se ela *não fosse* a tua mãe...

— É mais uma «C» — digo, não ousando pronunciar a palavra em que estou a pensar em frente à Trish.

— Ah, sim, uma «cabra». Eu digo por ti. — Ri-se e eu acompanho-a.

A Trish preparou *tacos* de galinha para o jantar e conversamos sobre o Natal, o tempo e outros temas leves, evitando o assunto que me ocupa verdadeiramente a cabeça: o Hardin.

Mas estou ansiosa para lhe telefonar, para lhe dizer para voltar para casa.

— Acha que ele já tem noção que chegue? — pergunto, sem admitir que estive a contar os minutos.

— Não, mas não sou eu que decido — diz a Trish.

— Já não aguento mais.

Saio da cozinha para ir telefonar ao Hardin. Ele atende, obviamente surpreendido. — Tessa?

— Hardin, ainda temos muito para discutir, mas eu gostava que viesses para cá, para podermos falar.

— Já? Sim, sim, claro! — apressa-se a dizer. — Não demoro muito.

— Está bem — respondo e desligo. Não tenho muito tempo para arrumar as ideias antes de ele chegar. Preciso de afirmar a minha posição e assegurar-me de que ele tem consciência dos seus erros mas que perceba que, mesmo assim, o amo.

Caminho para a frente e para trás, no chão frio, enquanto espero por ele. Ao fim do que me parece uma hora, a porta abre-se e ouço as suas botas a ressoarem na entrada.

Quando ele abre a porta do quarto, o meu coração estremece pela milésima vez.

Tem os olhos inchados e vermelhos. Não diz nada. Em vez disso, aproxima-se de mim e entrega-me... *Um papel?*

Fito-o e ele fecha a minha mão em volta do papel dobrado. — Lê, antes de decidires — diz com suavidade. Em seguida, dá-me um beijo na cara e vai para a sala.

43

TESSA

Desdobro o papel, com os olhos arregalados de surpresa. A folha está completamente preenchida, frente e verso, com rabiscos negros. É uma carta — uma carta do Hardin, escrita à mão.

Sinto um certo receio em a ler... mas sei que tenho de o fazer.

Tess,

Uma vez que não tenho o dom da palavra para relatar a minha vida interior, talvez tenha roubado algumas a Mr. Darcy, de quem tu tanto gostas. Escrevo-te sem a menor intenção de te causar sofrimento a ti ou de me rebaixar a mim, insistindo na expressão de desejos que, para a felicidade de ambos, não poderão ser esquecidos demasiado depressa; e o esforço que me custará escrever esta carta, assim como a ti lê-la, bem poderia ter sido poupado, não o tivesse assim exigido o meu bom nome. Deves, por isso, perdoar-me a liberdade com que requeiro a tua atenção. Sei que os teus sentimentos não me a concederão de boa vontade, mas é ao teu sentido de justiça que agora apelo.[2]

Sei que te fiz tantas sacanices e que não te mereço, mas peço-te — ou antes, suplico-te — para olhares para além das coisas que eu fiz. Perdoa-me por exigir sempre demasiado de ti. Se fosse possível voltar atrás, não repetiria os mesmos erros. Sei que estás zangada e desapontada comigo e isso destroça-me. Em vez de arranjar desculpas por ser como sou, vou falar-te de mim, daquele que tu nunca conheceste. Começo com a primeira asneira que me lembro de ter cometido — tenho a certeza de que há mais, mas prometo-te que, a partir de hoje, nunca mais te ocultarei nada propositadamente. Quando eu tinha uns nove anos, roubei a bicicleta do meu vizinho, furei-lhe o pneu e, em seguida, menti a esse respeito. No mesmo ano, atirei uma bola de basebol contra a janela da sala e menti sobre isso também. Já sabes a história da minha mãe com os soldados. O meu pai foi-se embora pouco tempo depois e eu fiquei contente por ele o ter feito.

Não tinha muitos amigos porque era um crápula. Estava sempre a meter-me com os rapazes da minha turma. Praticamente todos os dias. Era um idiota para a minha mãe — esse foi o último ano em que ainda lhe disse que a amava. O hábito de gozar e chatear toda a gente permaneceu até agora e por isso não me é possível particularizar todas as situações, mas quero que saibas que foram muitas. Por volta dos treze anos, eu e uns amigos entrámos numa loja que ficava no fundo da minha rua e roubámos imensas coisas. Não sei porque o fizemos, mas, quando um dos meus colegas foi apanhado, ameacei-o, obrigando-o a assumir toda a culpa. Aos treze anos fumei o meu primeiro cigarro. Soube-me pessimamente e tossi durante dez minutos. Não voltei a experimentar até começar a fumar erva, mas já chegarei a esse assunto.

Perdi a virgindade aos catorze anos, com a irmã mais velha do meu amigo Mark. Ela

tinha dezassete anos e era uma oferecida. Foi uma experiência estranha, mas gostei. Ela foi para a cama com todos os meus amigos e não apenas comigo. Só voltei a ir para a cama com alguém aos quinze anos, mas a partir daí nunca mais parei. Enrolava-me com uma qualquer, nas festas. Mentia sempre acerca da minha idade e as raparigas eram fáceis. Nenhuma delas estava interessada em mim e eu estava-me borrifando para elas. Foi também nesse ano que comecei a fumar erva e fazia-o frequentemente. Comecei a beber na mesma altura — eu e os meus amigos roubávamos bebidas brancas aos nossos pais ou onde fosse possível. Também passei a envolver-me em rixas. Por vezes apanhava uma sova, mas, a maior parte das vezes, era eu que ganhava. Enfurecia-me com facilidade e gostava de magoar os outros. Provocava rixas a toda a hora, só por diversão. A pior de todas passou-se com um rapaz chamado Tucker que era de uma família pobre. Usava roupas velhas e gastas e eu torturava-o com isso. Marcava-lhe a T-shirt *com uma caneta só para ver quantos dias ele a usava sem a lavar. Era um grande filho da mãe, eu sei.*

Um dia vi-o na rua e bati-lhe no ombro só para o chatear. Ele ficou furioso e disse que eu era um idiota e por isso dei-lhe uma sova. Parti-lhe o nariz e a mãe dele não tinha meios para o levar ao médico. A partir desse dia, continuei a fazer-lhe a vida negra. Uns meses depois, a mãe dele morreu e ele foi acolhido por uma família rica, o que foi uma sorte para ele. No dia em que fiz dezasseis anos, ele passou por mim ao volante de um carro de marca, último modelo. Isso irritou-me e ansiava voltar a encontrá-lo para lhe partir o nariz outra vez. Mas agora, ao pensar no assunto, fico feliz por ele.

Não há muito a contar dos meus dezasseis anos; passei-os a beber, a apanhar pedradas e a entrar em lutas. Na verdade, isso também se aplica aos meus dezassete anos. Também risquei uns carros e parti umas janelas. Conheci o James aos dezoito anos. Ele era fixe porque se estava borrifando para tudo, tal como eu. O nosso grupo metia-se todos os dias nos copos. Chegava todas as noites bêbedo a casa, vomitava no chão e a minha mãe tinha de limpar tudo. Era raro o dia em que não partia qualquer coisa... Eu e os meus amigos formávamos um pequeno gangue com o qual ninguém se metia. Era melhor não se meterem.

Os jogos começaram, aqueles sobre os quais te falei, e já sabes o que aconteceu com a Natalie. Esse foi o pior de todos os meus atos, juro. Sei que te sentes indignada por eu não me ter preocupado com o que lhe aconteceu. Não sei porque não me preocupei, mas é um facto. Há bocado, no caminho para o quarto vazio do hotel, pensei na Natalie. Continuo a não me sentir tão mal como devia, mas pensei: e se alguém te fizesse o mesmo? Quase que tive de parar o carro, porque me senti maldisposto só de te imaginar no lugar da Natalie. O que lhe fiz foi errado, muito errado. Uma das outras raparigas, a Melissa, também se envolveu comigo, mas não houve nenhum problema. Ela era horrível e gostava de chamar a atenção. Inventei que ela tinha problemas de higiene, aí em baixo... e como todos a chatearam com isso ela nunca mais me voltou a incomodar. Uma vez, fui preso por estar bêbedo num espaço público e a minha mãe ficou tão furiosa que me deixou passar a noite na esquadra da polícia. Depois, quando se soube a história da Natalie, ela chegou ao limite. Passei-me quando a minha mãe falou na hipótese de me mandar para a América. Não queria deixar a vida que levava, por mais lixada que fosse — por mais lixado que eu me sentisse. Mas quando dei uma sova a uma pessoa na presença de imensa gente, durante um festival, para a minha mãe foi o fim. Concorri à WCU e

entrei, claro.

Quando cheguei cá, detestei isto. Detestei tudo. Estava tão chateado por ter de estar perto do meu pai que ainda me revoltei mais, bebendo e passando grande parte do tempo em festas na república. A Steph foi a primeira pessoa do grupo que conheci. Enrolei-me com ela numa festa e ela apresentou-me ao resto dos amigos. Eu e o Nate demo-nos logo bem. Achei o Dan e o Jace uns imbecis, principalmente o Jace. Já sabes o que se passou com a irmã do Dan, por isso salto esse episódio. Desde essa altura, fui para a cama com algumas raparigas, mas muitas menos do que possas imaginar. Depois de começar a andar contigo, fui uma vez para a cama com a Molly e curti com ela, mas a única razão que me levou a fazer isso foi porque não conseguia deixar de pensar em ti. Não conseguia tirar-te da cabeça, Tess. Durante todo o tempo, não parava de imaginar que estava contigo. Tive esperanças de que isso ajudasse, mas não resultou. Sabia que não eras tu. Contigo teria sido melhor. Repetia para mim mesmo — se voltar a ver a Tessa, vou perceber que isto não passa de uma obsessão absurda. De pura luxúria. Mas, de cada vez que te via, queria mais e mais. Pensava em formas de te chatear só para te ouvir dizer o meu nome.

Queria saber em que estavas a pensar na aula, quando fixaste o olhar zangada no teu livro, queria poder alisar as rugas que se formaram entre as sobrancelhas, queria saber o que é que tu e o Landon sussurraram um ao outro, queria saber o que estavas a escrever naquela tua maldita agenda. Na verdade, no dia em que tu a deixaste cair e eu ta entreguei, estive quase para ta roubar. Talvez não te lembres, mas estavas com uma blusa roxa e aquela odiosa saia cinzenta que costumavas vestir quase todos os dias.

Depois, naquele dia no teu dormitório, quando estraguei os teus resumos e te encostei à parede e te beijei, já estava demasiado envolvido para me poder afastar. Estava constantemente a pensar em ti. Preenchias todos os meus pensamentos. No início, não percebia o que se estava a passar comigo — não sabia porque é que estava tão obcecado por ti. Foi na primeira noite que passámos juntos que eu soube, SOUBE que te amava. Soube que faria o que quer que fosse por ti. É evidente que agora parece conversa fiada, depois de tudo por que te fiz passar, mas é verdade. Juro-o.

Dei por mim a sonhar acordado — eu, a sonhar acordado — com a vida que poderia ter contigo. Imaginava-te sentada no sofá com uma caneta entre os dentes e um romance no colo, os teus pés sobre as minhas pernas. Não sei a razão, mas não conseguia apagar esta imagem da minha cabeça. Torturava-me querer-te deste modo e saber que nunca sentirias o mesmo. Ameaçava quem quer que tentasse sentar-se no lugar ao teu lado, ameacei o Landon para me assegurar de que aquele lugar ficava reservado para mim, para poder ficar mesmo ao teu lado. Repetia a mim próprio vezes sem conta que tinha este comportamento estranho para ganhar a aposta. Sabia que estava a mentir, mas não estava preparado para o admitir. Fazia palermices, coisas idiotas, que alimentavam a obsessão por ti. Sublinhava frases de romances que me lembravam de ti. Queres saber qual foi a primeira? Foi: «Desceu, evitando olhar muito para ela, como para o Sol, mas continuava a vê-la como o Sol, sem olhar.»[3]

Soube que te amava quando destaquei esta frase de Tolstói.

Quando te disse que te amava em frente a toda a gente, estava a ser sincero — mas, quando me rejeitaste, fui demasiado imbecil para o admitir. No dia em que me disseste

que me amavas foi a primeira vez que eu senti que havia esperança, esperança para mim, para nós. Não sei porque continuei a magoar-te e a tratar-te daquele modo. Não quero fazer-te perder tempo com desculpas porque não tenho nenhuma. Tenho estes instintos e hábitos negativos, mas estou a lutar contra eles por tua causa. Tudo o que sei é que tu me fazes feliz, Tess. Amas-me, embora não devesses, e eu preciso de ti. Sempre precisei de ti e sempre precisarei. Na semana passada, quando me deixaste, pensei que ia morrer, perdido como me sentia. Completamente perdido sem ti. Saí com uma rapariga. Não te ia dizer mas não posso arriscar voltar a perder-te. Na verdade, não foi nada de importante. Não se passou nada entre nós. Estive quase a beijá-la, mas decidi não avançar. Não a conseguia beijar, não conseguia beijar mais ninguém que não fosses tu. Era uma chata e nada comparada contigo. Ninguém se pode comparar a ti, nunca poderá.

Sei que se calhar é tarde de mais, especialmente agora que já sabes todas as coisas erradas que fiz. Resta-me rezar para que, depois de leres isto, me continues a amar como antes. Se isso não acontecer, tudo bem. Irei compreender. Sei que podes ser melhor do que eu. Não sou romântico, nunca te escreverei uma poesia ou cantarei uma canção.

Nem sequer sou simpático.

Não posso prometer que não vou voltar a magoar-te, mas posso jurar que te amarei até ao fim da minha vida. Sou uma pessoa horrível e não te mereço, mas tenho esperança de que me dês uma oportunidade para restaurar a tua confiança em mim. Tenho pena de todo o sofrimento que te causei e percebo se não me puderes perdoar.

Desculpa. Não pensava escrever uma carta tão longa. Acho que estraguei as coisas mais do que pensava.

Amo-te. Sempre.

Hardin.

Sento-me e fico a olhar para o papel, atordoada, e depois volto a lê-lo. Não sei do que estava à espera, mas certamente que não era disto. Como é que ele pode afirmar que não é romântico? A pulseira de pendentes que tenho no pulso e esta carta, bela, de certo modo perturbadora, mas essencialmente bela, revelam o contrário. Ele até recorreu ao primeiro parágrafo da carta que Darcy escreveu à Elizabeth.

Agora que ele me confessou os seus segredos, não posso deixar de o amar ainda mais. Ele fez imensas coisas que eu nunca faria, coisas horríveis que magoaram imensas pessoas — mas, para mim, o mais importante é que ele já não as vai repetir. Ele nem sempre agiu de modo correto, mas não posso ignorar todos os esforços que faz para me demonstrar que está a mudar, que está a tentar mudar. Que me ama. Odeio ter de admiti-lo, mas há uma certa poesia no facto de ele não se preocupar com mais ninguém com exceção de mim.

Fico a olhar para a carta mais uns minutos até que batem à porta do quarto. Dobro-a e guardo-a na última gaveta da cómoda. Não quero que

o Hardin insista em que eu a deite fora ou a rasgue, agora que já a li.

— Entra — digo e levanto-me para ir ter com ele.

Ele abre a porta, ainda a olhar para o chão. — Tu já...

— Já... — Estendo a mão e toco-lhe no queixo para que ele olhe para mim, do modo como costuma fazer.

Os seus olhos raiados de sangue estão muito abertos e tristes. — Foi uma estupidez... Eu sabia que não devia — começa.

— Não, não foi. Não foi nada uma estupidez. — Largo-lhe o queixo, mas ele mantém os seus olhos vermelhos fixos nos meus. — Hardin, estive tanto tempo à espera que me dissesses tudo o que escreveste na carta.

— Desculpa por ter demorado tanto tempo e por ter escrito... Assim foi mais fácil. Não tenho jeito para dizer coisas. — É lindo o contraste entre o vermelho dos olhos cansados e o verde da íris.

— Eu sei que não tens.

— Tu já... Achas que devemos falar sobre isto? Precisas de mais tempo, agora que sabes que eu sou um grande filho da mãe? — resmunga e volta a olhar para o chão.

— Não és nada. Tu foste... Fizeste muitas coisas... más, Hardin. — Ele anui com a cabeça; não aguento ver como a sua autoestima é tão baixa, mesmo depois desta história. — Mas isso não significa que sejas uma pessoa má. Fizeste coisas más, mas já não és uma pessoa má.

Ele ergue o olhar. — O quê?

Pego na sua cara com as minhas mãos. — Eu disse que não és uma pessoa má, Hardin.

— Achas mesmo? Leste o que eu escrevi?

— Sim, e o facto de o teres escrito prova que não és.

A expressão do seu rosto perfeito revela o seu estado de confusão. — Como é que podes dizer isso? Não percebo... quiseste que eu te desse espaço e leste toda aquela merda e ainda continuas a afirmar isso? Não percebo...

Afago as suas bochechas com os meus polegares. — Li e agora que sei tudo o que fizeste não mudei de ideias.

— Ah... — Os seus olhos ficam brilhantes de lágrimas.

A ideia de ele voltar a chorar, em particular à minha frente, causa-me sofrimento. É óbvio que ele não está a perceber o que eu lhe estou a

tentar dizer.

— Eu já tinha tomado uma decisão no momento em que te pedi para te ires embora. E depois de ler o que escreveste, quero mais do que nunca ficar. Amo-te, Hardin.

Trata-se de uma adaptação do excerto de uma carta que, em *Orgulho e Preconceito*, cap. XXXV, Mr. Darcy escreve a Elizabeth, Editorial Presença de 2015. (*NT*)

Trata-se de um excerto de *Anna Karénina*, de Lev Tolstói, parte I, capítulo 9, p. 43, na ed. da Editorial Presença de 2014. (*NT*)

44

TESSA

O Hardin pega nas minhas mãos e segura-as por uns momentos antes de me abraçar com um sentimento de medo que eu desapareça se ele me largar.

Ao dizer as palavras «quero ficar» percebo como tudo isto é libertador. Não tenho de continuar a ter medo de ser atormentada pelos segredos do passado do Hardin. Não tenho de continuar a esperar que alguém me lance uma bomba. Sei tudo. Finalmente, sei tudo o que ele me escondeu até aqui. Vem-me à cabeça a frase «Por vezes é melhor mantermo-nos na escuridão do que ser cegados pela luz». Mas acho que neste exato momento ela não se aplica a mim. As coisas que ele me fez incomodam-me, mas eu amo-o e optei por não deixar que o seu passado me continue a afetar.

O Hardin larga-me e senta-se na borda da cama. — Em que é que estás a pensar? Há alguma coisa que queiras saber? Quero ser honesto contigo. — Sento-me no meio das suas pernas. Ele traça desenhos com os dedos nas palmas das minhas mãos enquanto observa o meu rosto à procura de sinais do que estou a sentir.

— Não... Quem me dera saber o que aconteceu à Natalie... mas não tenho respostas.

— Já estou bem longe da pessoa que eu fui... Sabes isso, não sabes?

Já o afirmei, mas sei que ele precisa de voltar a ouvir. — Sei. Sei bem, querido.

Os seus olhos fitam-me quando pronuncio esta última palavra.

— «Querido»? — Arqueia as sobrancelhas.

— Não sei porque disse isso... — Fico vermelha. Tratei-o sempre por Hardin, por isso é um pouco estranho chamar-lhe «querido», tal como ele me chama a mim.

— Ah... mas eu gostei. — Sorri.

— Tive saudades do teu sorriso — afirmo e os seus dedos param de se mover.

— Também tive do teu. — Faz uma cara triste. — Não te faço sorrir o suficiente.

Gostava de dizer qualquer coisa que desvanecesse a sua expressão de tristeza, mas não lhe quero mentir. Ele tem de saber o que sinto. — Pois... tens de te esforçar mais — digo.

Os seus dedos voltam a mover-se, desenhando pequenos corações na palma das minhas mãos. — Não percebo a razão por que me amas.

— Não interessa a razão, apenas o facto de te amar.

— A carta era estúpida, não era?

— Não! Podes parar de te rebaixar? Era maravilhosa. Li-a três vezes seguidas. Gostei muito de ler as coisas que tu pensavas acerca de mim... acerca de nós.

Ergue o olhar com uma expressão entre o divertido e o sério. — Sabias que eu te amava.

— Sim... mas foi bom saber os pormenores, o facto de te lembrares da roupa que eu tinha vestido. Esse tipo de coisas. Nunca me dizes nada disso.

— Ah. — Mostra-se atrapalhado. Enerva-me um pouco o facto de o Hardin ser agora o elo vulnerável da nossa relação. Esse foi sempre o meu papel.

— Não fiques atrapalhado — digo.

Põe os braços à volta da minha cintura e puxa-me para o seu colo. — Não estou — mente.

Passo a mão pelo cabelo dele e ponho o outro braço em redor do seu ombro. — Estás, sim — provoco-o e ele ri-se, escondendo a cabeça junto do meu pescoço.

— Mas que consoada. Foi um dia bem complicado — queixa-se e eu tenho de concordar com ele.

— Complicado de mais. Ainda nem acredito que a minha mãe cá tenha vindo. Ela é inacreditável.

— Nem por isso — diz e eu recuo para olhar para ele.

— O quê?

— Na verdade, ela tem uma certa razão. Aceito que não age da maneira mais correta, mas não a censuro por não querer que tu fiques com uma pessoa como eu.

Cansada da conversa e de ele achar que a opinião da minha mãe não

é totalmente errada, olho para ele com cara de poucos amigos e saio do seu colo, sentando-me ao lado na cama.

— Tess, não olhes assim para mim. Só estou a dizer que, agora que meditei verdadeiramente em todas as merdas que fiz, não a censuro por se preocupar.

— Olha, ela não tem razão e acho que podíamos parar de falar nela — lamento-me. A turbulência emocional do dia (do ano, mais concretamente) faz-me sentir cansada e irritadiça. O ano está quase a acabar. Nem quero acreditar.

— Está bem, então queres falar sobre o quê? — pergunta.

— Não sei... qualquer coisa mais ligeira. — Sorrio, tentando estar menos irritadiça. — Tal como o quanto tu consegues ser romântico.

— Eu *não* sou romântico — diz na brincadeira.

— És, és mesmo. A carta não ficava atrás de um romance clássico — troço.

Faz uma careta. — Não era uma carta, eram umas observações. Umas observações que deviam caber num parágrafo, no máximo.

— Claro. Umas observações românticas.

— Olha, vê lá se te calas... — resmunga na brincadeira.

Enrolo uma mecha do seu cabelo no meu dedo e rio-me. — É neste momento que tu me chateias para eu dizer o teu nome?

Ele move-se depressa de mais para eu poder responder, agarrando-me pela cintura e empurrando-me de novo para a cama, pairando sobre mim, com as mãos nas minhas ancas. — Não. Descobri novas maneiras de fazer com que digas o meu nome — responde ofegante, ao meu ouvido.

Todo o meu corpo se incendeia com as poucas palavras que pronuncia. — Ah, sim? — sussurro.

Mas, de súbito, a imagem sem rosto da Natalie vem-me à cabeça, fazendo com que o meu estômago se contorça. — É melhor esperarmos até a tua mãe não estar no outro quarto — sugiro, em parte porque é evidente que preciso de tempo para conseguir retomar com facilidade a nossa relação, mas também porque já foi suficientemente incómodo fazer isto uma vez, durante o período da sua visita.

— Posso pô-la na rua, agora — brinca, mas deita-se ao meu lado.

— Eu posso pôr-te a ti na rua.

— Nunca mais me vou embora. Nem tu. — A segurança com que fala faz-me sorrir.

Ficamos deitados lado a lado, a olhar para o teto. — Então, está decidido, acabou-se isto de começar e acabar? — pergunto.

— Sim, está combinado. Acabaram-se os segredos, as fugas. Achas que consegues aguentar pelo menos uma semana sem me deixares?

Dou-lhe um safanão no ombro e rio-me. — Achas que consegues aguentar pelo menos uma semana sem me chateares?

— Pois, não é provável — responde. Sei que está a sorrir.

Viro-me e, tal como eu esperava, ele sorri abertamente. — De vez em quando também tens de ficar na minha residência universitária. Ainda fica longe daqui.

— Na residência? Não vais para uma residência. A tua casa é esta.

— Acabámos de reatar... achas mesmo que é uma boa ideia?

— Ficas a viver aqui. Não há discussão possível.

— Deves estar confundido, para me estares a falar desse modo — digo e depois ergo-me sobre o cotovelo para olhar para ele. Abano ligeiramente a cabeça e sorrio. — Na verdade, não quero nem pensar em viver numa residência. Era para ver a tua reação.

— Bom — diz, erguendo a cabeça para me observar. — Estou contente por ver que voltaste a ser uma chata.

— E eu estou contente por ver que voltaste a ser malcriado. Estava com medo de que, depois daquela carta romântica, tivesses perdido o teu encanto.

— Se me voltas a chamar romântico, possuo-te aqui mesmo, com mãe ou sem mãe.

Arregalo os olhos e ele dá uma gargalhada tão ruidosa como eu nunca tinha ouvido.

— Estava a brincar! Devias ter visto a tua cara! — exclama bem alto.

Desatamos os dois a rir.

Quando paramos, admite: — Acho que depois dos acontecimentos de hoje não nos devíamos estar a rir.

— Se calhar é por isso mesmo que *devemos* rir... Isto somos nós: zangamo-nos e depois recompomos tudo.

— A nossa relação é bem complicada. — Sorri.

— Pois... só um bocadinho. — Definitivamente, tem sido uma mon-

tanha-russa.

— Mas vai deixar de ser, está bem? Prometo.

— De acordo. — Inclino-me e dou-lhe um leve beijo nos lábios.

Mas, na verdade, não é suficiente. Volto a juntar os meus lábios aos dele e, desta vez, demoro-me. Entreabrimos os lábios e ele insinua a sua língua na minha boca. As minhas mãos agarram o seu cabelo e ele põe-me em cima dele, enquanto a sua língua acaricia a minha. Por muito que a nossa relação se tenha destruído, não é possível negar a nossa paixão avassaladora. Movo as ancas, roçando-me nele, e sinto o seu sorriso nos meus lábios.

— Acho que por agora chega — diz.

Aceno em concordância e mudo de posição, pousando a cabeça no seu peito, desfrutando do prazer do seu abraço. — Espero que o dia de amanhã corra bem — digo depois de uns minutos de silêncio.

Não responde. Ergo a cabeça. Os seus olhos estão fechados e os lábios entreabertos. Adormeceu. Devia estar estafado. E na verdade eu também estou.

Afasto-me e vejo as horas. Passa das onze. Dispo-lhe as calças com cuidado para não o acordar e depois aconchego-me a seu lado. Amanhã é Natal e só posso rezar para que o dia corra melhor do que o de hoje.

45

HARDIN

— Hardin. — A voz da Tessa é suave. Resmungo e retiro o meu braço debaixo do corpo dela.

Pego numa almofada e tapo a cara nela. — Ainda não me vou levantar.

— Já é tarde e temos de nos arranjar. — Tira-me a almofada e atira-a para o chão.

— Fica na cama comigo. Vamos cancelar. — Agarro-lhe no braço e ela põe-se de lado, moldando o seu corpo ao meu.

— Não podemos cancelar o *Natal*. — Fala a rir e junta os lábios ao meu pescoço. Encosto-me mais a ela, juntando as minhas ancas às dela e ela afasta-me na brincadeira. — Não, nem pensar. — Empurra-me o peito para me impedir que me ponha em cima dela.

Salta da cama, deixando-me sozinho. Passa-me pela cabeça ir atrás dela, não para fazer alguma coisa, apenas para estar ao seu lado. Mas a cama está quentinha e por isso decido ficar. Ainda me custa acreditar que ela ainda cá esteja. A sua capacidade de perdoar e de me aceitar como sou continua a surpreender-me.

Estar com ela no Natal também altera tudo. Nunca dei importância nenhuma a festividades como esta, mas ver a cara da Tessa a iluminar-se com a porcaria de uma árvore com ornamentos caríssimos torna tudo mais tolerável. Também não é mau que a minha mãe esteja cá. A Tessa parece adorá-la e a minha mãe está quase tão obcecada pela minha namorada como eu.

A minha namorada. A Tessa voltou a ser a minha namorada e eu estou a passar o Natal com ela — e com a minha família desestruturada. Que diferença em relação ao ano passado, quando passei o dia de Natal completamente bêbedo. Uns minutos depois, obrigo-me a sair da cama e vou até à cozinha. Café. Preciso de um café.

— Feliz Natal — diz a minha mãe quando entro na cozinha.

— Feliz Natal também para a mãe. — Passo por ela e vou ao

frigorífico.

— Fiz café — diz ela.

— Estou a ver. — Pego nos cereais que estão em cima do frigorífico e vou buscar a cafeteira.

— Hardin, desculpa o que eu disse ontem. Sei que ficaste aborrecido quando eu concordei com a mãe da Tessa, mas tens de ter em conta que eu já estava de pé atrás.

O facto é que eu percebo *mesmo* que ela estivesse de pé atrás, mas não tinha nada de dizer à Tessa para se ir embora. Depois de tudo por que eu e a Tessa passámos, precisamos de aliados. Parece que estamos os dois sozinhos, lutando contra todos, e eu preciso da minha mãe do nosso lado.

— Oh, mãe, é só que o lugar da Tessa é ao meu lado e não em nenhum outro. Apenas ao meu lado. — Pego num pano de cozinha para limpar o excesso de café que escorre da caneca. O líquido castanho mancha o pano branco e já consigo imaginar a voz da Tessa a ralhar comigo por ter usado o pano errado.

— Sei que sim, Hardin. Agora é evidente. Desculpa.

— Eu também peço desculpa, mãe. Por estar sempre a ser um estúpido. Não é intencional.

Parece surpreendida com as minhas palavras. Acho que não a censuro. Nunca peço desculpa, quer tenha razão, quer não. É a minha imagem de marca: ser um imbecil e não enfrentar as consequências.

— Deixa lá, não precisamos de pensar mais nisso. Vamos passar um Natal agradável, na encantadora casa do teu pai. — Sorri, com um evidente sarcasmo na voz.

— Sim, não vamos pensar mais nisso.

— Sim. É isso mesmo. Não quero que a confusão da noite de ontem nos estrague o dia de hoje. Agora percebo melhor toda a situação. Sei que a amas, Hardin, e vejo que estás a aprender a ser uma pessoa melhor. Ela está a ensinar-te e isso alegra-me. — A minha mãe leva as mãos ao peito e eu reviro os olhos. — É verdade, estou muito feliz por ti — afirma.

— Obrigado. — Desvio o olhar. — Gosto muito de si, mãe. — Sinto-me incomodado com esta minha confissão, mas a sua expressão faz com que tenha valido a pena.

Faz um pequeno ruído de admiração. — O que é que disseste? — As lágrimas brotam imediatamente dos seus olhos com estas palavras que nunca pronuncio. Não sei o que me deu para dizer isto, talvez por perceber que ela quer verdadeiramente o melhor para mim. Ou talvez por ela estar cá e ter contribuído para a Tessa decidir perdoar-me. Não sei, mas a sua expressão faz-me sentir arrependido de não lhe ter dito isto mais cedo. Ela passou por muitas coisas más e tentou com todas as suas forças ser a melhor mãe possível — merecia o prazer de ouvir o seu único filho dizer-lhe que gostava dela mais do que uma vez em treze anos.

Eu fui sempre uma pessoa tão insatisfeita — e ainda sou —, mas a culpa não é dela. A culpa nunca foi dela.

— Gosto muito da mãe — repito, um pouco atrapalhado.

Toma-me nos seus braços e abraça-me com força, com mais força do que eu geralmente permito.

— Oh, Hardin, eu também gosto muito de ti. Muito, meu filho.

46

TESSA

Decido esticar o cabelo, para experimentar um novo visual. Mas depois de me pentear, sinto-me estranha e enrolo-o como habitualmente. Estou a demorar tempo de mais e se calhar já está quase na hora de sairmos. Talvez esteja a demorar mais para protelar os acontecimentos, nervosa com a expectativa do dia de hoje.

Espero que o Hardin se porte corretamente, ou pelo menos tente.

Maquilho-me pouco, apenas um pouco de base, risco preto e rímel. Ia usar sombra para os olhos, mas borrei o risco três vezes, antes de finalmente me dar por maquilhada.

— Estás viva? — A voz do Hardin chama-me através da porta.

— Sim, estou quase pronta — respondo e escovo os dentes mais uma vez.

— Vou tomar um duche rápido, mas depois temos de ir se queres chegar a horas — diz o Hardin quando eu abro a porta.

— Está bem, está bem, vou vestir-me enquanto tomas duche.

Desaparece na casa de banho e eu vou ao armário buscar o vestido sem mangas verde-seco que comprei para o dia de hoje. O tecido é grosso e o decote alto. O laço em redor da cintura é muito maior do que parecia quando o experimentei a primeira vez, mas, de qualquer forma, levo um casaco de malha por cima. Pego na pulseira de pendentes em cima da cómoda e sinto borboletas no estômago ao ler e reler a inscrição perfeita.

Não consigo decidir que sapatos calçar; os de salto alto dão um aspeto demasiado produzido. Escolho umas sabrinas pretas e tiro o casaco de malha branco da cómoda, quando o Hardin abre a porta só com uma toalha em redor da cintura.

Oh. Não importa quantas vezes olhe para ele, ainda perco a respiração ao vislumbrá-lo. Observo o corpo meio nu do Hardin sem conseguir perceber como é que anteriormente não gostava das suas tatuagens.

— Porra! — diz ele enquanto os seus olhos me varrem de cima a baixo.

— O quê? O quê? — Olho para baixo para ver o que está errado.

— Estás com um ar... incrivelmente inocente.

— Espera, isso é bom ou é mau? É Natal, não quero estar provocante. — De súbito sinto-me insegura em relação ao que usar.

— Oh, estás bem. Muito bem. — Passa a língua pelo lábio superior e eu finalmente percebo e coro, olhando para o lado para não começarmos algo que não podemos acabar. Pelo menos, não agora. — Obrigada. O que vais vestir?

— O habitual.

Volto a olhar para ele. — Ah.

— Não vou aperaltar-me para ir a casa do meu pai.

— Eu sei... e se vestires a camisa que a tua mãe te ofereceu ontem? — sugiro, ainda que saiba que ele não a vai usar.

Dá uma gargalhada. — Nem pensar. — Tira as calças de ganga de um cabide do armário, não se mostrando incomodado quando o cabide cai no chão. Decido não dizer nada; em vez disso, afasto-me do armário quando a toalha do Hardin se solta.

— Vou para junto da tua mãe — guincho, tentando forçar-me a não olhar para o seu corpo.

— Como queiras. — Faz um sorriso safado e eu saio do quarto.

A Trish está na sala com um vestido vermelho e sapatos pretos de salto alto, com um visual muito diferente do que costuma ter com o seu habitual fato de treino.

— Está linda! — digo-lhe.

— Tens a certeza? Não é excessivo, a maquilhagem e tudo? — pergunta nervosamente. — Não que eu me importe, a sério; mas não quero apresentar-me mal ao meu ex-marido, passados todos estes anos.

— Confie em mim, mal é a *última* coisa que está — digo-lhe e ela sorri um pouco.

— Vocês as duas estão prontas? — pergunta o Hardin quando vem ter connosco à sala. Ainda tem o cabelo molhado, mas mesmo assim está lindo. Está todo vestido de preto, tendo calçado os *Converses* pretos que usou em Seattle e que eu adorei.

A Trish parece não reparar na indumentária preta, provavelmente

porque ainda está concentrada na sua própria aparência. Ao chegarmos ao elevador, o Hardin olha para ela como se fosse pela primeira vez e pergunta: — Porque é que está tão aperaltada?

Ela cora um pouco. — É um dia de festa, porque não haveria de estar?

— Está diferente.

Eu interrompo-o antes que ele diga algo que lhe arruíne o dia. — Está adorável, Hardin. Eu estou tão aperaltada como a tua mãe.

Fazemos o trajeto em silêncio e até a Trish permanece calada. Noto que está ansiosa, o que é natural. Eu também estaria incrivelmente nervosa. De facto, por razões diferentes, quanto mais perto chegamos da casa do Ken, mais o sinto. Só anseio por uma festa tranquila.

Quando chegamos e estacionamos, a Trish suspira fundo. — Esta é a *casa* dele?

— Pois. Eu disse-lhe que era grande — diz o Hardin e desliga o carro.

— Nunca pensei que fosse *assim* tão grande — murmura.

O Hardin sai e abre a porta à mãe, que está paralisada, em choque. Saio e, enquanto subimos os degraus que conduzem à enorme casa, reparo na expressão de apreensão do Hardin. Dou-lhe a mão para tentar acalmá-lo e ele olha para mim com um pequeno mas visível sorriso. O Hardin não toca à campainha — abre a porta e entra.

A Karen está em pé na sala com um sorriso radiante e hospitaleiro, tão contagioso que me faz sentir *um pouco* melhor. O Hardin entra ao lado da mãe e eu sigo atrás, com a minha mão ainda na dele.

— Obrigada a todos por terem vindo — diz a Karen, aproximando-se da Trish, já que é evidente que o Hardin não se preocupou com as apresentações. — Olá, Trish, eu sou a Karen — diz e estende a mão. — Que bom poder conhecê-la. Obrigada por ter vindo. — A Karen parece completamente calma, mas eu já a conheço suficientemente bem para saber que não é o que se passa.

— Olá, Karen, também gosto muito de a conhecer — diz a Trish e aperta-lhe a mão.

O Ken entra na sala, esfrega os olhos ao ver-nos, para e olha para a ex-mulher. Encosto-me ao Hardin, esperando que o Landon tenha avisado o Ken da nossa vinda.

— Ken, olá — diz a Trish, num tom de voz um pouco atrapalhado.

— Trish... uau... olá — balbucia ele.

A Trish parece satisfeita com a sua reação, acena com a cabeça e diz: — Estás... diferente.

Tentei imaginar como é que o Ken seria antes — olhos injetados de sangue por causa da bebida, testa suada, face pálida —, mas não consigo.

— Sim... tu também — diz ele.

Sinto-me atordoada com toda esta tensão, mas a Karen alivia o constrangimento quando chama, de súbito: — Landon! —, e ele aparece. A Karen fica claramente aliviada ao ver o seu menino querido e ele está vestido a rigor, com calças formais azuis, camisa branca e gravata preta.

— Estás linda — elogia-me e dá-me um abraço.

A mão do Hardin aperta a minha, mas eu consigo soltá-la e abraçar o Landon. — Também estás muito bem, Landon — digo.

O Hardin rodeia-me a cintura com o braço e puxa-me rapidamente para junto dele. O Landon revira os olhos e vira-se para a Trish. — Olá, minha senhora, eu sou o Landon, o filho da Karen. É ótimo poder finalmente conhecê-la.

— Oh, por favor, não me trates por minha senhora. — A Trish ri-se. — Mas é mesmo bom conhecer-te também. A Tessa falou-me muito de ti.

Ele sorri. — Só coisas boas, espero.

— Na sua maioria — provoca.

O charme do Landon parece ter desvanecido alguma da tensão da sala e a Karen anuncia: — Bem, chegaram todos mesmo a tempo. O ganso está pronto e vai ser servido dentro de poucos minutos!

O Ken conduz-nos à sala de jantar enquanto a Karen desaparece na cozinha. Não fico surpreendida por ver a mesa perfeitamente posta, com os melhores pratos, talheres brilhantes e bonitas argolas de madeira para guardanapos. Na mesa, estão travessas de comida elegantemente dispostas. O ganso está na travessa principal, rodeado de espessas fatias de laranja e com um ramo de frutos vermelhos por cima. Está decorado com muito requinte e tem um cheiro de me fazer água na boca. À minha frente encontra-se uma travessa com batatas assadas. O aroma a alho e alecrim inunda o ar e admiro o resto da mesa. No meio, está um enorme centro de mesa com flores e ornamentos que acompanham o tema da laranja e frutos vermelhos. A Karen é uma

anfitriã que nunca deixa de nos surpreender.

— Quem quer uma bebida? Tenho um vinho tinto delicioso na adega — diz ela. Fica corada ao aperceber-se do que acabou de dizer. O álcool é definitivamente um assunto sensível para este público.

A Trish sorri. — Na verdade, aceito.

A Karen desaparece e ficamos de tal modo silenciosos que, quando ela tira a rolha de cortiça na cozinha, o estrondo ecoa tão alto que parece que faz saltar as paredes à nossa volta. Quando ela regressa com a garrafa aberta, hesito em pedir um copo para acalmar o nervosismo que sinto no estômago, mas depois decido não beber. Sentamo-nos: o Ken à cabeceira, a Karen, o Landon e a Trish num dos lados da mesa e eu e o Hardin no outro. Depois de alguns «oohs» e «aahs» iniciais, ninguém diz uma palavra enquanto os nossos pratos são servidos.

Ao fim de algumas garfadas, o Landon estabelece contacto visual comigo e eu percebo que ele está a ponderar se deve ou não falar. Aceno-lhe para falar; não quero ser eu a quebrar o silêncio. Como um pouco de ganso e o Hardin põe a mão na minha perna.

O Landon limpa a boca ao guardanapo e vira-se para a Trish. — Então, senhora Daniels, o que está a achar da América até agora? É a primeira vez que cá vem?

Ela acena várias vezes com a cabeça. — Sim, é a primeira vez. Estou a gostar. Não queria cá viver, mas gosto. Pensas ficar em Washington quando terminares a universidade? — Olha para o Ken como se lhe estivesse a perguntar e não ao Landon.

— Ainda não tenho a certeza, a minha namorada vai-se mudar para Nova Iorque no próximo mês, por isso vai depender do que ela quiser fazer.

Por mim, espero que ele não vá viver para lá tão cedo.

— Bem, vou ficar satisfeita quando o Hardin terminar e voltar para casa — diz a Trish e eu largo o garfo, que cai no prato.

Os olhares concentram-se em mim e faço um sorriso de desculpa antes de apanhar o garfo.

— Vais voltar para Inglaterra depois de te formares? — pergunta o Landon ao Hardin.

— Sim, claro que vou — responde o Hardin asperamente.

— Ah — diz o Landon, olhando diretamente para mim. O Hardin e eu nunca falámos nos seus planos para depois da faculdade, mas nunca me passou pela cabeça que ele quisesse voltar para Inglaterra. Vamos ter de discutir isto mais tarde, em privado.

— E tu... o que achas da América, Ken? *Estás* a planear ficar cá para sempre? — pergunta-lhe a Trish.

— Sim, adoro isto aqui. Vou ficar de certeza — responde.

A Trish sorri e bebe um pouco de vinho. — Sempre odiaste a América.

— Sim... Eu *odiava* — retifica-a com um meio sorriso.

A Karen e o Hardin agitam-se nos seus lugares com desconforto e eu concentro-me a mastigar as batatas que tenho na boca.

— Alguém sugere um outro tema de conversa que não seja sobre a América? — O Hardin revira os olhos. Eu dou-lhe um pontapé gentilmente debaixo da mesa, mas ele finge não perceber.

A Karen intromete-se de imediato, perguntando-me: — Como foi a vossa viagem a Seattle, Tessa?

Na verdade, já lhe contei a viagem, mas sei que ela está só a tentar mudar o tema, por isso volto a falar na conferência e no meu trabalho. O assunto ocupa-nos toda a refeição, já que todos se empenham em fazer-me perguntas, num claro esforço para permanecermos neste caminho livre, sem tópicos de «ex-mulher *versus* ex-marido».

Quando todos acabamos de comer, ajudo a Karen a levar os pratos para a cozinha. Ela parece estar distraída, por isso não a obrigo a conversar enquanto arrumamos a cozinha.

— Quer outro copo de vinho, Trish? — pergunta a Karen depois de nos mudarmos todos para a sala. O Hardin, a Trish e eu sentamo-nos num dos sofás, o Landon senta-se numa cadeira e a Karen e o Ken sentam-se no sofá à nossa frente. Parece que formámos equipas, tendo o Landon como árbitro.

— Sim, por favor. É muito bom — responde a Trish e entrega o copo vazio à Karen para ela o encher.

— Obrigada, comprámo-lo este verão na Grécia; foi fantástico... — interrompe a frase a meio. Depois acrescenta: — Um sítio lindo —, antes de dar o copo à Trish.

A Trish sorri e ergue o copo, numa saudação. — Bem, o vinho é excelente.

A princípio não entendo o constrangimento, mas depois apercebo-me de que a Karen teve o Ken que a Trish nunca conheceu. Ela fez viagens à Grécia e à volta do mundo, tem uma casa enorme, carros novos e, mais importante do que tudo, um marido carinhoso e sóbrio. Só tenho de louvar a Trish pela sua força e capacidade de perdão. Ela está a fazer um enorme esforço para ser educada, tendo em conta as circunstâncias.

— Mais alguém quer? Tessa, queres um copo? — pergunta a Karen depois de encher um para o Landon. Olho para a Trish e o Hardin. — Só um, para festejares — sugere a Karen.

Não resisto e aceito: — Sim, por favor. — Vou precisar de um copo de vinho se o dia continuar a mostrar-se assim tão constrangedor.

No momento em que a Karen enche o copo, o Hardin acena com a cabeça várias vezes e em seguida declara: — Então e o pai? Quer um copo de vinho?

Todos se viram para ele de olhos arregalados e boquiabertos. Aperto-lhe a mão para tentar que se cale.

Mas ele continua com um sorriso maldoso. — O quê? Não quer? Vá lá, tenho a certeza de que quer. Eu sei bem que tem saudades.

47

TESSA

— Hardin! — A Trish avisa-o.

— O que é? Só estou a oferecer uma bebida ao homem. A ser sociável — diz ele.

Observo o Ken e percebo que se debate interiormente sobre morder ou não o isco do Hardin e provocar uma discussão séria.

— Para! — sussurro ao Hardin.

— Não sejas mal-educado — diz-lhe a Trish.

O Ken reage por fim. — Não faz mal — diz ele e bebe um pouco de água.

Observo em redor. A Karen está pálida. O Landon está a olhar para a enorme televisão que está na parede. A Trish bebe o seu vinho. O Ken parece preocupado e o filho fita-o.

Depois, o Hardin faz um sorriso gélido. — Sei que não faz *mal.*

— Estás zangado, por isso diz o que quiseres — responde o Ken. Não devia ter dito aquilo. Não devia reagir às emoções do Hardin deste modo tão trivial, como se fosse a opinião de um menino birrento que se tem de aturar por uns momentos.

— Zangado? Eu não estou zangado. Irritado e divertido, sim, mas zangado, não — diz o Hardin calmamente.

— Divertido com o quê? — pergunta o Ken. *Oh, Ken, por favor para de falar.*

— Divertido com o facto de o pai estar a agir como se não tivesse acontecido nada, como se não fosse uma enorme fraude. — Aponta para o Ken e para a Trish. — Vocês os dois estão a ser ridículos.

— Estás a passar do limite — diz o Ken. *Oh, meu Deus, Ken.*

— Estou? Desde quando é que o pai decide onde fica o limite? — desafia-o o Hardin.

— Desde que esta é a minha casa, Hardin. É por isso que posso decidir.

O Hardin levanta-se imediatamente. Agarro-lhe o braço para o

impedir, mas ele afasta-me com facilidade. Pouso depressa o copo de vinho na mesa e levanto-me. — Hardin, para! — peço-lhe e agarro-o de novo.

Estava tudo a correr bem. O ambiente estava tenso, mas estava tudo a correr bem. Porque é que o Hardin se lembrou de fazer um comentário mal-educado? Sei que os erros do pai o perturbam, mas o jantar de Natal não é o momento ideal para abordar o assunto. O Hardin e o Ken começaram a reconstruir a sua relação e se o Hardin continua com esta atitude vai piorar tudo.

O Ken levanta-se com ar autoritário e pergunta, numa pose professoral: — Pensava que já tínhamos ultrapassado isto. Não vieste ao casamento? — Estão a um metro de distância um do outro e sei que isto não vai acabar bem.

— Ultrapassar isto? Ainda não me deu nenhuma explicação! Está simplesmente a fingir que *não aconteceu nada*!

O Hardin está a gritar. A minha cabeça rodopia, quem me dera não ter alargado o convite do Landon ao Hardin e à Trish. Provoquei mais uma vez uma discussão familiar.

— Hardin, hoje não é o dia apropriado para falarmos nisso. Estávamos a divertir-nos e tinhas de começar a discutir comigo — diz o Ken.

O Hardin ergue as mãos e pergunta: — Quando *é* que é esse dia? Meu Deus, dá para acreditar neste tipo?

— Não no dia de Natal. Não vejo a tua mãe há anos e é este o momento em que decides remexer no assunto?

— O pai não a vê há anos porque se pôs a milhas, porra! Deixou-nos sem nada: sem dinheiro, sem carro, nada! — O Hardin grita e avança para o pai.

A cara do Ken está vermelha de raiva. E depois grita. — Sem dinheiro? Mandei dinheiro todos os meses! Muito dinheiro! E a tua mãe não aceitou o carro que eu lhe ofereci!

— Mentiroso! — O Hardin expele o ar intensamente. — Não mandou *merda* nenhuma. Por isso é que vivíamos numa casa má e a mãe teve de trabalhar cinquenta horas por semana!

— Hardin... o pai não está a mentir — interrompe a Trish.

O Hardin vira-se para a mãe. — O quê?

Isto é um desastre. Um desastre muito maior do que eu esperava.

— Hardin, o pai enviou dinheiro — explica. Pousa o copo e aproxima-se dele.

— Então onde é que está o dinheiro? — pergunta o Hardin, num claro tom de descrença.

— Serve para pagar as propinas.

Furioso, o Hardin aponta para o Ken. — A mãe disse que *ele* pagava as propinas — grita e sinto um aperto no coração.

— E paga... com o dinheiro que poupei ao longo dos anos. Dinheiro que o pai nos enviou.

— Que raio? — O Hardin esfrega a testa e eu movo-me para trás dele e pego-lhe na mão livre.

A Trish pousa as mãos no ombro do filho. — Não o guardei todo para as propinas. Também serviu para pagar as contas.

— Porque é que não me contou? Ele devia estar a pagar as propinas, não deviam ser pagas com o dinheiro que mandou para a nossa alimentação, para as despesas diárias da *casa*. — Vira-se para o pai. — Mesmo assim deixou-nos, tendo enviado dinheiro ou não! Foi-se embora e nem a merda de uma chamada fez no meu aniversário.

O excesso de saliva acumula-se nos cantos da boca do Ken e começa a pestanejar rapidamente. — O que é que eu devia ter feito, Hardin? Ficar? Eu era um bêbedo, um bêbedo inútil, e vocês os dois mereciam mais do que eu podia dar. Depois daquela noite... sabia que tinha de partir.

O corpo do Hardin fica rígido e começa a ficar ofegante. — *Não fale dessa noite!* Aconteceu tudo por *sua* culpa.

O Hardin larga a minha mão; a Trish está com um ar aborrecido, o Landon assustado, a Karen... bem, ela continua a chorar e percebo que tenho de ser eu a pôr cobro a isto.

— Eu sei que sim! Tu não sabes o quanto eu gostava de poder voltar atrás, filho... Aquela noite tem-me atormentado durante os últimos dez anos! — diz o Ken com voz abalada, claramente a tentar não chorar.

— Atormentou-*o*? *Eu assisti ao que aconteceu*, seu idiota! Eu estava lá a limpar a porcaria do sangue no chão enquanto o pai ainda continuava a embebedar-se. — O Hardin aperta os punhos.

A Karen lamuria-se e tapa a boca antes de sair da sala. Não a culpo.

Eu não me tinha apercebido de que também eu estava a chorar até sentir as lágrimas quentes no meu peito. Tinha a sensação de que algo ia acontecer hoje, mas nada como isto.

O Ken ergue as mãos. — Eu sei, Hardin! Eu sei! Não há nada que eu possa fazer para anular isso! Agora estou sóbrio! Não bebo há anos! Não podes odiar-me para sempre.

A Trish grita quando o Hardin se aproxima do pai. O Landon corre para tentar ajudar, mas é tarde de mais. O Hardin empurra o Ken contra o armário das loiças, o substituto daquele que o Hardin quebrara meses antes. O Ken agarra a *T-shirt* do Hardin e tenta afastá-lo quando o punho do Hardin lhe bate no maxilar.

Fico paralisada, como sempre, ao ver o Hardin atacar o próprio pai.

O Ken consegue esgueirar-se ao murro seguinte do filho e o Hardin bate com o punho no vidro da porta do armário. Com a visão do sangue, saio do meu torpor e agarro a *T-shirt* do Hardin. Ele dá-me um safanão, lançando-me contra a mesa. O copo de vinho entorna-se e mancha o meu casaco branco.

— Olha o que fizeste! — grita o Landon ao Hardin e corre para o meu lado.

A Trish está de pé à porta, lançando um olhar mortífero ao filho, e o Ken olha para o armário partido e depois para mim, enquanto o Hardin para o ataque e se volta para mim.

— Tessa, Tessa, estás bem? — pergunta.

Eu assinto em silêncio, caída no chão, observando um fio de sangue a escorrer-lhe dos nós dos dedos pelo braço abaixo. Não me magoei; o meu casaco de malha está estragado, mas é uma questão sem importância no meio de todo este caos.

— Sai daí — ordena o Hardin ao Landon e toma o lugar dele ao meu lado. — Estás bem? Pensei que fosses o Landon — diz e ajuda-me a levantar estendendo-me a mão, que também está aleijada, mas sem sangue.

— Estou bem — repito e retiro a mão mal me ponho em pé.

— Vamos embora — rosna e tenta pôr o braço à volta da minha cintura.

Afasto-me ainda mais dele. Olho para o Ken, que limpa o sangue da boca com a manga da camisa branca.

— Tessa, devias ficar aqui — sugere o Landon.

— Não comeces, Landon — avisa o Hardin, mas o Landon não parece intimidado. Mas devia.

— Hardin, para com isso — resmungo. Ele respira fundo, mas não discute, e eu respondo ao Landon. — Eu estou bem. — É com o Hardin que ele se devia preocupar.

— Vamos — ordena o Hardin, mas, ao chegarmos à porta, olha para trás para ter a certeza de que eu o acompanho.

— Desculpe... por isto tudo — digo ao Ken e sigo o Hardin.

Nas minhas costas, ouço-o responder suavemente. — A culpa não é tua, é minha.

A Trish está em silêncio. O Hardin está em silêncio. E eu estou gelada. Os bancos de pele gelam-me as pernas nuas e o meu casaco molhado não ajuda. Ligo o aquecimento no máximo e o Hardin olha para mim, mas eu mantenho os olhos focados na janela. Não sei se deva estar zangada com ele. Estragou a festa e atacou o pai em frente a toda a gente.

No entanto, tenho pena dele. Passou por tanto e o pai é a raiz de todos os seus problemas — os pesadelos, a raiva, a falta de respeito pelas mulheres. O Hardin nunca teve ninguém que o ensinasse a ser um homem.

O Hardin pousa a mão na minha perna e eu não a tiro. A minha cabeça está a latejar e é inacreditável como as coisas tomaram aquelas proporções tão repentinamente.

— Hardin, temos de falar sobre o que aconteceu — diz a Trish após uns minutos.

— Não, não temos — responde ele.

— Sim, temos. Passaste dos limites.

— Passei dos limites? Como pôde esquecer tudo o que ele fez?

— Hardin, eu não me esqueci de nada. Eu escolhi perdoar-lhe. Não posso guardar rancor contra ele. Mas a violência ultrapassa tudo. Mesmo que seja pouca, a raiva vai consumir-te; se não a expulsares, ela vai dominar a tua vida. Se a guardares, ela vai destruir-te. Eu não quero viver dessa forma. Quero ser feliz, Hardin, e perdoar ao teu pai facilita-me essa tarefa.

A sua força não deixa de me surpreender, assim como a teimosia do Hardin. Ele que se recusa a perdoar ao pai pelos erros do passado, é rápido a pedir o meu perdão a cada percalço. O Hardin também nunca se perdoa a si próprio. A ironia no seu melhor.

— Bom, eu quero perdoar-lhe. Pensei que conseguia, mas, depois do que aconteceu hoje, já não acredito.

— Hoje ele não te fez nada — repreende-o a Trish. — *Tu* provocaste-o com a bebida, sem razão.

O Hardin tira a mão da minha perna, deixando uma mancha de sangue no seu lugar. — Os danos que ele provocou não se esquecem facilmente, mãe.

— Não se trata disso. Pergunta-te a ti próprio o seguinte: o que é que ganhas em sentir tanta raiva contra ele? O quê, para além de ficares com as mãos ensanguentadas e uma vida solitária?

O Hardin não responde. Continua a olhar para o infinito.

— Exatamente — diz ela. E fica calada durante o resto da viagem.

Ao chegamos ao apartamento, vou direta para o quarto.

— Deves-lhe um pedido de desculpa, Hardin — ouço a Trish dizer-lhe, algures atrás de mim.

Tiro o meu casaco de malha destruído e deixo-o cair no chão. Descalço os sapatos e afasto o cabelo da cara, prendendo-o atrás das orelhas. Segundos depois, o Hardin abre a porta do quarto. Olha primeiro para o casaco manchado de vermelho e depois para a minha cara.

Fica parado, em pé, e pega nas minhas mãos, com os olhos a suplicarem. — Desculpa, Tess. Eu não queria empurrar-te.

— Não te devias ter comportado assim. Logo hoje.

— Eu sei... estás magoada? — pergunta, limpando as mãos feridas às calças pretas.

— Não. — Se ele me tivesse magoado fisicamente, teríamos problemas muito sérios.

— Desculpa. Eu estava furioso. Pensei que eras o Landon...

— Não gosto de te ver assim, tão zangado. — Os meus olhos enchem-se de lágrimas ao relembrar a mão do Hardin cheia de feridas.

— Eu sei, querida. — Dobra ligeiramente os joelhos para que os seus olhos fiquem ao nível dos meus. — Nunca te quis magoar. Sabes isso,

não sabes? — O seu polegar toca na minha cara e eu abano a cabeça devagar. Eu sei que ele nunca me magoaria, pelo menos fisicamente. Sempre o soube.

— Em primeiro lugar, porque é que fizeste um comentário sobre a bebida? As coisas estavam a correr bem — digo.

— Porque ele estava a agir como se nada se tivesse passado. Estava armado em idiota pretensioso e a minha mãe estava a alinhar. Alguém tinha de a defender. — A sua voz é suave, confusa, o oposto exato de há trinta minutos, quando estava a gritar na cara do pai.

Sinto, de novo, um aperto no coração; reagiu assim para defender a mãe. De uma maneira errada, mas o Hardin reage por instinto. Afasta o cabelo da testa, sujando-a com sangue.

— Tenta pôr-te no lugar dele — digo. — Ele vai carregar com a culpa para sempre e tu não facilitas. Não digo que não devas estar chateado, porque é uma reação natural, mas devias ser o primeiro a saber perdoar.

— Eu...

— E tens de parar com essa violência. Não podes andar por aí a bater nas pessoas de cada vez que te chateias. Não está certo e não gosto nada.

— Eu sei. — Baixa o olhar.

Suspiro e pego-lhe nas mãos. — Temos de tratar disso, os teus dedos ainda estão a sangrar. — Conduzo-o à casa de banho para limpar as feridas pela que parece ser a centésima vez desde que o conheço.

48

TESSA

O Hardin nem pestaneja quando lhe trato das feridas. Mergulho a toalha no lavatório cheio de água, na tentativa de diluir o sangue do tecido branco. Observa-me. Estou de pé entre as suas pernas e ele está sentado na borda da banheira. Ele levanta as mãos, uma vez mais.

— Temos de proteger o polegar — digo enquanto torço a toalha para escorrer o excesso de água.

— Não é grave — responde.

— Não, vê como o corte é profundo — repreendo-o. — A pele já é quase uma cicatriz e tu estás sempre a abri-la.

Permanece em silêncio a observar a minha cara. — O que é? — pergunto-lhe.

Escoo a água cor-de-rosa e espero pela resposta. — Nada — mente.

— Diz-me.

— É inacreditável que tu atures estas minhas merdas — confessa.

— Também acho. — Sorrio e vejo a sua expressão preocupada. — Ainda assim, vale a pena — acrescento seriamente. Ele sorri e eu acaricio-o e tapo a ferida do polegar com um penso.

O seu sorriso aumenta. — Claro que sim — diz e levanta-se. — Preciso de tomar um duche. — Despe a *T-shirt* antes de se inclinar para ligar o chuveiro.

— Então vou para o quarto — informo-o.

— O quê?... Porquê? Não tomas um duche comigo?

— A tua mãe está no quarto ao lado — explico-lhe baixinho.

— E então... é só um duche. Por favor?

Não consigo recusar, ele sabe-o. O sorriso malicioso que faz quando eu suspiro revela que o sabe bem.

— Desapertas-me o vestido? — peço-lhe, virando-me de costas.

Desvio o cabelo e os seus dedos encontram logo o fecho. Quando o tecido verde cai no chão, afirma: — Gosto desse vestido.

Despe as calças e os *boxers*, e eu tento não olhar para o seu corpo

nu enquanto desaperto o sutiã. Quando estou completamente nua, o Hardin entra no duche e dá-me a mão. Os seus olhos descem-me pelo corpo e param nas minhas coxas. Franze o sobrolho.

— O que é? — Tento cobrir-me com os braços.

— O sangue. Estás com sangue. — Aponta para uma leve mancha vermelha.

— Tudo bem. — Pego na esponja e esfrego a pele com ela.

Ele tira-me a esponja e cobre-a de sabão. — Deixa-me fazer isto. — Ajoelha-se e eu fico com pele de galinha ao vê-lo de joelhos. A esponja sobe e desce pelas minhas pernas e move-se em círculos. Este rapaz sabe mexer com as minhas hormonas. Aproxima a cara e tento não me contorcer quando os seus lábios tocam na minha anca esquerda. Mantém as mãos nas minhas pernas e faz o mesmo na anca direita. — Passa-me o chuveiro — diz, interrompendo os meus pensamentos devassos.

— O quê?

— Dá-me o chuveiro — repete.

Assinto, tiro o chuveiro do suporte e entrego-lho. Olha para mim com um brilho nos olhos e água a gotejar do nariz e aponta o chuveiro diretamente para a minha barriga.

— O que... o que é que estás a fazer? — exclamo quando ele baixa o chuveiro. A água quente bate na minha pele e eu observo expectante.

— É bom?

Aceno com a cabeça

— Se agora achas bom, vamos ver o que sentes se eu baixar, só um bocadinho mais... — O meu corpo incendeia-se enquanto o Hardin me tortura por prazer. Sobressalto-me com a água a bater no meu corpo e ele sorri com malícia.

É tão bom, bem melhor do que eu pensava. Agarro o seu cabelo e mordo o lábio para abafar os meus gemidos. A mãe dele está por perto, mas não consigo obrigá-lo a parar — é tão bom.

— Tessa... — O Hardin espera ordens.

— Continua assim... fica aí... — Ofego e ele dá uma risada, aproximando o chuveiro e aumentando a pressão. Sinto a língua macia do Hardin a percorrer-me debaixo de água e por pouco não me desequilibro. É demais, a sua língua a percorrer-me, a água a bater no

meu corpo, os meus joelhos a tremerem.

— Hardin... não... — Não sei bem o que tento dizer, mas agora a sua língua move-se mais depressa. Puxo-lhe o cabelo, com força. As minhas pernas tremem e o Hardin larga o chuveiro e segura-me com ambas as mãos.

Praguejo silenciosamente, esperando que o barulho do chuveiro abafe os meus gemidos. Sinto-o a sorrir junto a mim, antes de continuar a levar-me ao limite. Os meus olhos permanecem fechados enquanto deixo que o prazer tome conta do meu corpo.

O Hardin afasta a boca só o suficiente para dizer: — Vá lá, querida, vem-te para mim.

E eu obedeço.

Quando abro os olhos, o Hardin ainda está ajoelhado e tem a mão à volta da pila. Está dura e pesada. Ainda a recuperar o fôlego, deixo-me cair de joelhos. Ponho as mãos à volta dela e acaricio-a.

— Levanta-te — ordeno num sussurro. Baixa os olhos e assente, obedecendo. Levo-o à boca e lambo a ponta.

— Foda-se... — diz num suspiro e eu passo a língua à sua volta. Seguro-me às suas pernas para não escorregar no chão molhado e introduzo a sua pila mais profundamente. Os dedos do Hardin enterram-se nos meus cabelos molhados, segurando-me enquanto move as ancas, dando estocadas na minha boca. — Podia fazer isto durante horas e horas. — Aumenta o ritmo e a intensidade e eu gemo. As suas palavras obscenas incitam-me a chupar com mais força e ele profere novos palavrões. A maneira animalesca como ele está a possuir a minha boca é uma experiência nova. Domina-me completamente e eu estou a adorar. — Vou-me vir na tua boca, querida. — Puxa o meu cabelo com mais força e eu sinto os músculos das suas pernas a contraírem-se sob as minhas mãos, enquanto ele pronuncia o meu nome repetidamente, explodindo na minha garganta.

Arqueja durante uns momentos e em seguida ajuda-me a levantar e beija-me a testa. — Acho que já estamos limpos. — Sorri, lambendo os lábios.

— Eu também diria que sim — digo-lhe com a respiração ofegante e pego no champô.

Depois de estarmos mesmo limpos e prontos para sair, passo a mão

pelos seus abdominais, percorrendo a caveira do seu estômago.

A minha mão desce, mas os dedos do Hardin agarram-me o pulso para me impedir.

— Sei que é difícil resistir, mas a minha mãe está no quarto ao lado. Controle-se, minha menina — goza e eu dou-lhe um safanão no braço antes de sair do duche e apanhar a toalha.

— Isto vindo de alguém que acabou de... — Coro, incapaz de terminar a frase.

— Gostaste, não gostaste? — Ergue as sobrancelhas e eu reviro os olhos.

— Vai buscar as minhas roupas ao quarto — ordeno num tom autoritário.

— Sim, minha senhora. — Enrola a toalha à cintura e desaparece da enevoada casa de banho. Ponho uma toalha em volta do meu cabelo molhado e desembacio o espelho com a mão.

O nosso Natal foi frenético e perturbador. Devia ligar ao Landon, mas antes quero falar com o Hardin sobre essa ideia de «regresso-a-Inglaterra-depois-da-faculdade». Ele nunca se referiu a isso.

— Toma. — O Hardin entrega-me uma pilha de roupas e deixa-me sozinha na casa de banho para me vestir. Rio-me ao ver o meu sutiã e cuecas de renda vermelhos juntamente com umas calças de fato de treino e uma *T-shirt* preta limpa. Limpa, porque a que ele usou hoje está cheia de sangue.

49

TESSA

A nossa última noite com a mãe do Hardin consistiu, no essencial, em beber chá e ouvi-la contar histórias embaraçosas do Hardin em pequeno. Isso e mais umas dez advertências de que o próximo Natal vai ser festejado em Inglaterra. — Não há desculpa possível.

A ideia de celebrar o Natal com o Hardin dentro de um ano faz-me sentir borboletas no estômago. Pela primeira vez desde que nos conhecemos, consigo vislumbrar um futuro a seu lado. Não necessariamente um projeto com filhos ou casamento, mas sinto-me pela primeira vez suficientemente segura acerca dos seus sentimentos para poder ser possível prever o que se vai passar dentro de um ano.

Na manhã seguinte, acordo quando o Hardin regressa, depois de deixar a Trish no aeroporto, com uma hora de antecedência. Ouço-o deixar as suas roupas no chão e voltar de novo para a cama, apenas com os *boxers*. Abraça-me mais uma vez. Ainda estou um bocado irritada com ele, por causa da nossa recente conversa, mas os seus braços estão frios e senti a falta dele durante a sua ausência.

— Amanhã, vou voltar ao trabalho — digo ao fim de alguns minutos, sem saber se ele já adormeceu ou ainda não.

— Eu sei — responde.

— Estou entusiasmada por voltar para a Vance.

— Porquê?

— Porque gosto da Vance e estive fora uma semana. Tenho saudades do trabalho.

— Mas que aplicada — troça e sei que está a fazer uma careta, mesmo sem lhe conseguir ver a cara.

Instintivamente, também faço uma careta. — Desculpa por eu gostar do meu estágio e tu não gostares do teu trabalho.

— Eu gosto muito do meu trabalho e já ocupei as tuas funções. Só o larguei por uma coisa melhor — gaba-se.

— Preferes este porque trabalhas em casa?

— Sim, é a razão principal.

— Qual é a outra razão?

— Sentia que as pessoas pensavam que eu arranjara aquele emprego por conhecer o Vance.

Não é uma grande confissão, mas é uma resposta muito mais honesta do que eu esperava. Imaginara uma ou duas palavras sobre o trabalho ser cansativo ou chato.

— Achas mesmo que as pessoas pensavam isso? — Viro-me e o Hardin apoia-se no cotovelo, fitando-me.

— Não sei. Ninguém o disse, mas eu achava que pensavam isso. Especialmente depois de ele me contratar e de deixar de ser estagiário.

— Achas que ele se chateou por ires trabalhar para outra pessoa?

Ele faz um sorriso que brilha na penumbra do quarto. — Não, acho que não. Os empregados estavam sempre a queixar-se da minha suposta atitude.

— *Suposta* atitude? — brinco.

Pega na minha cara e inclina-se para me beijar a testa. — Sim, suposta. Sou uma pessoa encantadora. Impassível. — Sorri junto à minha pele. Dou um risinho e ele sorri ainda mais, pressionando a testa contra a minha. — O que é que queres fazer hoje? — pergunta.

— Não sei. Estava a pensar telefonar ao Landon e ir à loja.

Recua um pouco. — Para quê?

— Para conversar com ele e ver quando é que pode estar comigo. Gostava de lhe dar aqueles bilhetes.

— Os presentes ficaram em casa deles. De certeza que já os abriram.

— Não os imagino a abrirem sem estarmos presentes.

— Eu imagino.

— É por isso que afirmo o que disse.

Mas o Hardin fica sério ao falarmos da sua família. — Achas... Achas que devia pedir desculpa... bem, desculpa não... mas telefonar-lhe... ao meu pai?

Sei que tenho de avançar cuidadosamente quando se trata do Hardin e do Ken. — Acho que lhe devias ligar. Acho que devias assegurar-lhe que o que aconteceu ontem não deita por terra o início do relacionamento que começaram a criar.

— Pois... — suspira. — Depois de lhe bater, por uns momentos pensei

que ias ficar lá e obrigar-me a ir embora.

— Pensaste?

— Sim. Ainda bem que não o fizeste, mas foi o que eu pensei.

Em vez de responder, ergo a cabeça do colchão e dou-lhe um pequeno beijo no queixo. Tenho de admitir que teria feito isso se ele não me tivesse já clarificado acerca do seu passado. Isso mudou tudo. Mudou o modo como olho para o Hardin — não de uma forma mais negativa ou mais positiva, mas de uma forma mais compreensiva.

O Hardin desvia o olhar na direção da janela. — Acho que lhe vou ligar hoje.

— Será que podíamos ir a casa deles? Gostava mesmo de lhes dar os presentes.

Olha para mim pestanejando e diz: — Podíamos dizer-lhes para os abrirem enquanto estás ao telefone. É basicamente a mesma coisa, com a diferença de que não precisas de testemunhar os seus sorrisos falsos ao verem os teus presentes horríveis.

— Hardin! — berro.

Dá umas risadinhas e pousa a cabeça no meu peito. — Estou a gozar; os teus presentes são o máximo. O porta-chaves com a equipa errada é de arrasar. — Dá uma gargalhada.

— Volta para a cama. — Dou-lhe um safanão no seu cabelo despenteado.

— O que é que precisas da loja? — pergunta e deita-se.

Já não me lembrava de ter falado nisso. — Nada.

— Não, não, disseste que precisavas de ir à loja. O que era, tampas ou uma coisa assim?

— Tampas?

— Pois... para te «tampares».

O quê? — Não estou a perceber...

— Tampões.

Coro. Tenho a certeza de que corei de cima a baixo. — Ah... não.

— Nunca tens o período?

— Meu Deus, Hardin, para de falar nisso.

— O quê? Tens vergonha de falar comigo sobre a tua mens-tru-a-ção? — Levanta a cara para olhar para mim, com uma expressão completamente de gozo.

— Não tenho vergonha. Só não acho apropriado — defendo-me, profundamente envergonhada.

Sorri. — Já fizemos muitas coisas inapropriadas, Theresa.

— Não me chames Theresa. E para de falar nisso! — resmungo e tapo a cara com as mãos.

— Estás a deitar sangue, agora? — Sinto a sua mão a descer pela minha barriga.

— Não... — minto.

Até agora nunca tive de enfrentar este assunto porque estávamos sempre a acabar tudo e a reatar e nunca coincidiu estarmos bem nesse momento. Agora que a nossa relação é mais estável, sabia que isto ia acontecer... estava apenas a evitá-lo.

— Então, não te importas se eu... — A sua mão desliza para o topo das minhas cuecas.

— Hardin! — guincho e tiro-lhe a mão.

Dá uma risadinha. — Então admite-o. Diz: «Hardin, estou com o período.»

— Não, não digo. — Sei que a minha cara está completamente vermelha.

— Vá lá, é só um bocado de sangue.

— És nojento.

— A incrível sangrenta. — Sorri, mostrando-se orgulhoso da sua piada ridícula.

— És detestável.

— Tens de relaxar... aprender a fluir. — Ri-se ainda mais alto.

— Meu Deus! Está bem, se eu disser isso, paras com as graças acerca da menstruação?

— Não vou dizer graças durante um período.

O seu riso é contagioso e é maravilhoso estar deitada na cama a rir com o Hardin, apesar do assunto em questão. — Hardin, eu estou com o período. Começou antes mesmo de chegares a casa. Já estás satisfeito?

— Porque é que te sentes envergonhada com isso?

— Não sinto. Só acho que não é um assunto que uma mulher deva discutir.

— Não é um grande problema. Um pouco de sangue não me

incomoda. — Encosta-se a mim.

Torço o nariz. — Que reles.

— Já me chamaram nomes piores. — Sorri.

— Hoje estás de bom humor — observo.

— Também podias estar, se não estivesses nessa fase do mês.

Resmungo e tapo a cara com a almofada que está atrás de mim. — Podemos mudar de assunto, por favor? — digo por debaixo da almofada.

— Claro... claro... a menina das cuecas sangrentas está a passar-se. — Dá uma gargalhada.

Tiro a almofada da cara e bato-lhe na cabeça com ela antes de sair da cama. Ouço-o a rir e a abrir a cómoda, possivelmente para tirar uns calções. Ainda é cedo, são sete da manhã, mas já estou bem acordada. Preparo o café e uma tigela com cereais para mim. Não posso acreditar que o Natal já tenha passado; daqui a poucos dias, o ano termina.

— O que é que costumas fazer para celebrar o Ano Novo? — pergunto ao Hardin quando ele se senta à mesa com umas calças de fato de treino de algodão com um cordão na cintura.

— Costumo sair para festejar.

— Aonde?

— A festas privadas ou a uma discoteca. Ou a ambas. O ano passado fui aos dois sítios.

— Ah. — Estendo-lhe a tigela de cereais.

— O que é que te apetece fazer?

— Não sei bem. Acho que gostava de ir a qualquer lado — respondo.

Ergue as sobrancelhas. — Gostavas?

— Sim... Tu não?

— Estou-me verdadeiramente a borrifar para o que façamos, mas se tu queres sair para festejar, é isso que faremos. — Leva uma colherada de cereais à boca.

— Está bem... — digo, sem saber onde havemos de ir. Preparo mais uma tigela de cereais para mim. — Vais perguntar ao teu pai se hoje podemos passar por lá? — pergunto-lhe e sento-me ao seu lado.

— Não sei...

— Talvez eles pudessem passar por cá — sugiro.

O Hardin franze os olhos. — Acho que não.

— Porquê? Sentias-te mais confortável aqui, não era?

Fecha os olhos por um momento e volta a abri-los.

— É possível. Já lhes telefono.

Termino rapidamente o pequeno-almoço e levanto-me da mesa.

— Onde é que vais? — pergunta-me.

— Limpar a cozinha, é óbvio.

— Limpar o quê? Está tudo impecável.

— Não, não está, e quando recebemos visitas gosto que tudo esteja perfeitamente limpo e arrumado. — Passo a minha tigela por água e coloco-a na máquina de lavar. — Podes ajudar a limpar, sabes? Uma vez que és tu o principal responsável por esta sujidade toda — observo.

— Oh, não. Tu limpas tudo muito melhor do que eu. — Aponta para a caixa de cereais.

Reviro os olhos mas aceito. Não me importo de limpar porque, com sinceridade, gosto das coisas de uma certa maneira e a noção de limpeza do Hardin não é uma verdadeira limpeza. Limita-se a guardar as coisas onde quer que caibam.

— Ah, e não te esqueças de que tens de ir à loja comprar as tuas tampas. — Ri-se.

— Para de lhes chamar isso! — Atiro-lhe com uma toalha de cozinha à cabeça e ele ri-se ainda mais com a minha atrapalhação.

50

TESSA

Depois de o apartamento estar limpo e arrumado de acordo com os meus padrões, vou à loja comprar tampões e algumas outras coisas para o caso de o Ken, a Karen e o Landon virem a nossa casa. O Hardin tenta acompanhar-me, mas como eu sei que ele iria passar o tempo todo a troçar de mim e dos tampões, obrigo-o a ficar em casa.

Quando regresso, ele continua sentado no mesmo lugar do sofá. — Já telefonaste ao teu pai? — pergunto-lhe da cozinha.

— Não... estava à tua espera — responde e depois arrasta-se até à cozinha e senta-se à mesa, suspirando. — Vou ligar agora.

Sento-me à sua frente enquanto ele aproxima o telemóvel do ouvido.

— Hum... Olá — diz o Hardin para o telemóvel. Depois põe-no em alta voz e pousa-o em cima da mesa, entre os dois.

— Hardin? — responde o Ken num tom surpreendido.

— Sim... Hum, olhe, estive a pensar se não querem vir até cá...

— Ir até aí?

O Hardin olha para mim e percebo que a sua paciência já se está a esgotar. Estendo a mão por cima da mesa, pouso-a na dele e aceno com a cabeça para o encorajar.

— Pois... o pai, a Karen e o Landon. Podemos trocar os presentes, já que não o fizemos ontem. A mãe foi-se embora — diz.

— Queres mesmo que vamos? — pergunta o Ken ao filho.

— Acabei de propor isso, não foi? — responde o Hardin e eu aperto-lhe a mão. — Quero dizer... sim, quero — corrige e eu sorrio-lhe.

— Está bem, então vou falar com a Karen, mas sei que ela vai ficar muito contente. A que horas é que queres que cheguemos?

O Hardin olha para mim. Com um esgar, a minha boca indica «duas» e ele responde ao pai.

— Está bem... bom, até logo, às duas horas.

— A Tessa vai mandar uma mensagem ao Landon com a morada — diz o Hardin e desliga o telemóvel.

— Não foi assim tão difícil, pois não? — pergunto-lhe.

Ele revira os olhos. — Claro que não.

— O que é que devo vestir?

Ele aponta para as minhas calças de ganga e para a *T-shirt* da WCU. — Aquilo.

— Nem pensar. Este é o nosso Natal.

— Não, é o dia seguinte ao Natal, por isso deves vestir calças de ganga. — Ele sorri e puxa o *piercing* do lábio com os dedos.

— Não vou usar umas calças de ganga. — Rio-me e vou para o quarto para decidir o que usar.

Estou a segurar o meu vestido branco junto ao peito em frente ao espelho quando o Hardin entra no quarto. — Se calhar, vestires-te de branco não é a melhor ideia. — Sorri.

— Por amor de Deus, para com isso! — exclamo.

— Acho-te graça quando estás atrapalhada.

Tiro o meu vestido castanho do armário. Este vestido guarda imensas memórias; usei-o na minha primeira festa na república, a que fui com a Steph. Tenho saudades da Steph, apesar de toda a raiva que sinto... sentia em relação a ela. Senti-me traída por ela, mas, ao mesmo tempo, em muitos aspetos ela tinha razão quando disse que não era justo que eu perdoasse ao Hardin e não lhe perdoasse a ela.

— Em que é que essa tua cabeça está a pensar? — pergunta o Hardin.

— Em nada... Só estava a pensar na Steph.

— Sobre o quê?

— Não sei... acho que tenho saudades dela. Sentes falta dos teus amigos? — pergunto. Depois da carta, ele nunca mais voltou a mencionar nenhum deles.

— Não. — Encolhe os ombros. — Prefiro passar o meu tempo contigo.

Estou a gostar deste Hardin sincero, mas observo: — Também podias estar com eles.

— Talvez. Não sei; também não me interessa. Ainda queres estar com eles... depois de tudo o que se passou? — Olha para o chão.

— Não sei... mas estaria disposta a tentar, pelo menos para saber

como é que corria. Mas com a Molly não — resmungo.

Ele olha para mim com uma expressão maliciosa. — Mas vocês as duas são tão amigas...

— Uf, chega de falar nela. O que é que achas que eles vão fazer na passagem de ano? — pergunto. Não sei como será estar com todos eles, mas sinto falta de ter amigos, ou do que eu achava que eram amigos.

— O mais provável é fazerem uma festa. O Logan é obcecado com o Ano Novo... Tens a certeza de que queres ir sair com eles?

Sorrio. — Sim... Se correr tudo mal, ficamos em casa no próximo ano.

O Hardin arregala os olhos quando eu menciono o próximo ano, mas eu finjo que não percebo. Preciso que esta segunda tentativa de Natal corra em paz. Estou concentrada no dia de hoje.

— Tenho de preparar qualquer coisa para comermos. Devia ter dito três horas. É quase meio-dia e ainda nem estou arranjada. — Esfrego a minha cara sem maquilhagem com as mãos.

— Anda, vai-te arranjar. Eu faço qualquer coisa... — diz o Hardin e depois esboça um sorriso trocista. — Mas toma atenção para comeres *apenas* o que eu puser no teu prato.

— A fazeres piadas sobre envenenares o teu pai, que amor — gracejo. Ele encolhe os ombros e sai do quarto. Lavo a cara, maquilho-me ligeiramente e apanho o cabelo num rabo de cavalo, enrolando as pontas. Quando acabo de me arranjar e de me vestir, sinto um maravilhoso aroma a alho a vir da cozinha.

Quando me junto ao Hardin, vejo que ele já preparou umas travessas com fruta e vegetais e já pôs a mesa. Estou verdadeiramente impressionada com o que ele fez, embora tenha de conter o meu impulso para rearranjar algumas coisas. Estou tão contente por o Hardin ter aceitado convidar o pai para vir ao nosso apartamento e ainda mais aliviada por parecer estar de muito bom humor. Vejo as horas e concluo que as nossas visitas chegarão dentro de trinta minutos e por isso começo a limpar toda a porcaria que o Hardin fez ao cozinhar, para que a casa volte a estar impecável.

Abraço-o quando ele está de costas, virado para o fogão. — Obrigada por teres feito tudo isto.

Ele encolhe os ombros. — Não foi nada de especial.

— Estás bem? — pergunto e retiro os braços, virando-o para mim.

— Sim... estou bem.

— Tens a certeza de que não estás um bocado nervoso? — pergunto. Sei que está.

— Não... bom, só um bocadinho. É que é muito estranho ele vir cá a casa, percebes?

— Percebo. Estou mesmo muito orgulhosa de ti e por o teres convidado. — Encosto o meu rosto ao seu peito e ele põe as mãos na minha cintura.

— Estás?

— Claro que estou, queri... Hardin.

— O que era isso... o que é que ias dizer?

Escondo a cara. — Nada. — Não sei o que é que me deu para ter esta vontade repentina de lhe chamar nomes ternurentos, mas sinto-me envergonhada.

— Diz lá — pede com voz melosa e levanta o meu queixo, para me impedir de esconder a cara.

— Não sei a razão, mas quase que voltei a chamar-te «querido». — Mordo o lábio inferior e o sorriso dele aumenta.

— Vá lá, chama-me isso — diz.

— Vais gozar comigo. — Faço um sorriso envergonhado.

— Não, não vou. Eu trato-te por «querida» a toda a hora.

— Sim... mas é diferente quando o fazes.

— Diferente como?

— Não sei... é mais *sexy* quando o fazes... mais romântico. Não sei. — Coro.

— Hoje estás terrivelmente tímida. — Sorri e dá-me um beijo na testa. — Mas eu gosto. Por isso, vá lá, chama-me lá isso.

Abraço-o com força. — Está bem.

— Está bem o quê?

— Está bem... *querido*. — Profiro esta palavra com um sentimento de estranheza.

— Outra vez.

Dou um gritinho de surpresa quando ele me senta em cima da fria bancada da cozinha e se coloca entre as minhas pernas. — Está bem, querido! — repito.

As suas bochechas estão mais rosadas do que o habitual. — Gosto mesmo de ouvir isso. É... o que é que disseste? *Sexy* e romântico? — Sorri.

Uma súbita coragem faz-me voltar a falar. — É mesmo, querido? — Sorrio e mordo de novo o lábio.

— Sim... incrivelmente *sexy*. — Ele junta os lábios ao meu pescoço e eu estremeço quando as suas mãos sobem pelas minhas coxas. — Não penses que estes aqui me vão impedir. — Os seus dedos traçam círculos nos meus *collants* pretos.

— Eles talvez não, mas o... vai.

A campainha faz-me saltar e o Hardin sorri e pisca-me o olho. Ao dirigir-se à porta, olha para trás e diz: — Oh, querida... isso *também* não me vai impedir.

51

HARDIN

Quando abro a porta, reparo imediatamente na cara do meu pai. Tem uma nódoa negra bem visível na bochecha e um pequeno corte a meio do lábio inferior.

Cumprimento-os com um aceno de cabeça, sem saber o que dizer.

— A vossa casa é adorável. — A Karen sorri e ficam os três parados à porta, indecisos em relação ao que fazer.

A Tessa entra na sala e salva-nos. — Entrem. Podes pôr isso ao lado da árvore — diz ao Landon, apontando para o saco de presentes que ele tem na mão.

— Trouxemos os presentes que deixaram lá em casa — diz o meu pai.

O ambiente está tenso — não exatamente hostil, mas incómodo.

A Tessa sorri docemente. — Muito obrigada. — Ela é boa a fazer as pessoas sentirem-se bem-vindas. Pelo menos um de nós é.

O Landon é o primeiro a ir para a cozinha, seguido pela Karen e pelo Ken. Dou a mão à Tessa, procurando assim proteção para a minha ansiedade.

— Foi fácil chegarem cá? — A Tessa tenta começar uma conversa.

— Não foi muito mau, fui eu que guiei — responde o Landon.

A conversa vai fluindo, desvanecendo-se o incómodo e tornando-se mais tranquila, à medida que a refeição decorre. Entre cada prato, a Tessa aperta-me a mão debaixo da mesa.

— A comida estava excelente — elogia a Karen, olhando para a Tessa.

— Ah, não fui eu que fiz, foi o Hardin — explica a Tessa e pousa a mão na minha perna.

— A sério? Estava deliciosa, Hardin. — A Karen sorri.

Não me importaria que a Tessa tivesse ficado com os louros da refeição. Ter quatro pares de olhos a fitar-me faz-me ter vontade de vomitar. A Tessa aperta-me a perna, para que eu diga qualquer coisa.

Olho para a Karen. — Obrigado — digo e a Tessa aperta de novo, obrigando-me a fazer uma treta de um sorriso desajeitado à Karen.

Após uns momentos de silêncio, a Tessa põe-se de pé e levanta o seu prato da mesa. Dirige-se à cozinha e eu hesito entre segui-la ou não.

— A comida estava mesmo boa, filho. Estou impressionado — diz o meu pai, quebrando o silêncio.

— Pois, era só comida — balbucio. Baixo o olhar e corrijo-me: — Quero dizer, a Tessa é melhor cozinheira do que eu, mas obrigado.

Ele parece feliz com a minha resposta e leva o copo à boca. A Karen sorri de um modo desajeitado, fitando-me com os seus olhos estranhos e quase reconfortantes. Desvio o olhar. A Tessa reúne-se a nós antes de mais alguém ter hipótese de elogiar a refeição.

— Bom, abrimos os presentes? — pergunta o Landon.

— Sim — respondem em uníssono a Karen e a Tessa.

Mantenho-me o mais perto possível da Tessa quando passamos para a sala. O meu pai, a Karen e o Landon sentam-se no sofá. Sento-me na cadeira, dou a mão à Tessa e puxo-a docemente para o meu colo. Vejo-a a observar os nossos convidados e a Karen tenta disfarçar um sorriso. A Tessa desvia o olhar, atrapalhada, mas não sai do meu colo. Encosto-me um pouco mais e abraço-a estreitamente.

O Landon levanta-se e pega nos presentes. Distribui-os e eu concentro-me na Tessa e no modo como se entusiasma em situações como esta. Adoro ver como ela se anima com tudo e como faz com que toda a gente se sinta bem. Mesmo numa «segunda tentativa natalícia».

O Landon entrega-lhe uma pequena caixa com a indicação «De: Ken e Karen». Ela rasga o papel de embrulho e aparece uma pequena caixa azul com as palavras «Tiffany & Co.» gravadas a prateado no topo.

— O que é? — pergunto calmamente. Não percebo nada de joias, mas sei que é uma marca cara.

— Uma pulseira. — Ela tira e balança uma pulseira de prata à minha frente. É uma corrente com dois pendentes, um arco e um coração. Este objeto brilhante faz a pulseira que ela tem no pulso, o presente que lhe dei, parecer uma verdadeira merda.

— Claro que é — murmuro entre dentes.

A Tessa faz-me uma cara zangada e depois vira-se para eles. — É linda; muito obrigada aos dois — diz radiante.

— Ela já... — começo a queixar-me. Detesto que lhe tenham dado um presente melhor do que o meu. É evidente, ele tem dinheiro. Mas não lhe podiam ter oferecido outra coisa, o que quer que fosse?

Porém, a Tessa volta-se para mim, suplicando-me em silêncio que eu não faça mais nenhuma asneira. Suspiro derrotado e recosto-me na cadeira.

— O que é o teu? — A Tessa sorri, tentando animar-me. Encosta-se a mim, beijando-me a testa. Olha para a caixa pousada no braço da cadeira, incitando-me a abri-la. Desembrulho e tiro o seu conteúdo caro, para que ela o veja.

— Um relógio. — Mostro-lho e tento agradá-la o mais possível.

Para dizer a verdade, ainda estou muito irritado com a história da pulseira. Gostava que ela usasse a *minha* pulseira todos os dias — gostava que fosse o seu presente preferido.

52

HARDIN

A Karen fica radiante com o presente da Tessa. — Andava há tanto tempo a namorar este trem de panelas!

A Tessa acha que não vi que ela escreveu o meu nome nas etiquetas em forma de boneco de neve, mas vi. Só não me apeteceu riscá-lo.

— Que vergonha, apareço com este vale de compras e tu ofereces-me estes bilhetes fantásticos — diz o Landon à Tessa.

Agrada-me que ele tenha optado por um vale de compras para utilizar em livros para o *e-reader* que ofereci à Tessa. É um presente bastante impessoal e eu não gostaria que ele lhe desse algo mais íntimo. Mas quem vir o sorriso de felicidade da Tessa vai pensar que ela acabou de receber um exemplar da primeira edição de um romance da Jane Austen. Acho inacreditável que eles lhe tenham oferecido uma pulseira caríssima... só para ostentarem a sua riqueza. E se ela a preferir à minha?

— Obrigado pelos presentes, são espantosos — diz o meu pai e olha para mim com o porta-chaves na mão... o que a Tessa escolheu por engano.

Sinto-me um pouco culpado ao ver a cara contundida do meu pai, mas, ao mesmo tempo, acho uma certa graça à estranha coloração do seu rosto. Quero pedir desculpa pela minha reação tempestuosa — bom, não é bem «quero», mas mais «devo». Não seria bom voltarmos à estaca zero. Acho que até não tem sido mau conviver com ele. A Karen e a Tessa dão-se bem e acho que tenho obrigação de fomentar a ligação da Tessa a uma figura maternal, uma vez que fui eu o culpado pelo corte de relações entre ela e a mãe. Do ponto de vista pessoal, mesmo sabendo que está errado, é-me vantajoso que elas estejam zangadas, porque é menos uma pessoa a intrometer-se na nossa relação.

— Hardin? — diz a Tessa ao meu ouvido.

Ergo a cabeça e percebo que alguém estava a falar comigo.

— Queres ir ao jogo com o Landon? — pergunta-me ela.

— O quê? Não — respondo imediatamente.

— Obrigadinho, hã? — O Landon faz uma cara chateada.

— Quero dizer, acho que o Landon não ia querer a minha companhia — corrijo.

Afinal, não custa muito ser amável. Só me comporto assim por causa dela... Bom, para ser sincero, também por minha causa, já que as palavras da minha mãe — quando me avisou de que a fúria só me conduziria à mágoa e à solidão — me matraqueiam na cabeça.

— Se não te apetece, posso ir com a Tessa — diz-me o Landon.

Porque é que ele me está a tentar chatear, logo no dia em que estou a esforçar-me por ser simpático?

Ela sorri. — Boa ideia, aceito. Não percebo nada de hóquei, mas assisto ao jogo.

Ponho imediatamente o braço à volta da cintura da Tessa e puxo-a para junto de mim. — Eu vou — acedo.

O Landon faz um ar divertido e posso jurar, mesmo sem olhar para a Tessa, que ela também achou graça.

— Gosto muito da vossa decoração, Hardin — diz-me o meu pai.

— Alugámo-la já mobilada, mas obrigado na mesma — respondo, pouco à vontade. Estou mais acostumado a implicar com ele do que a tentar evitar discussões.

A Karen sorri-me. — Foi muito simpático da vossa parte convidarem-nos para cá vir.

A minha vida seria muito mais simples se ela fosse uma cabra odiosa, mas claro que ela é uma das pessoas mais simpáticas que alguma vez conheci. — Não... na verdade, depois do que aconteceu ontem, é o mínimo que posso fazer. — Infelizmente, tenho a voz trémula e atrapalhada.

— Tudo bem... são coisas que acontecem — conforta-me a Karen.

— Não é bem assim; acho que a violência não faz parte da tradição natalícia — respondo.

— Se calhar, passou a fazer. No próximo ano é a vez de a Tessa me dar um murro — graceja o Landon, numa tentativa desastrada de desanuviar o ambiente.

— Quem sabe se o faço. — A Tessa deita-lhe a língua de fora e eu esboço um sorriso.

— Não volta a acontecer — afirmo e olho para o meu pai.

O meu pai fita-me pensativamente. — A culpa também foi minha, filho. Devia saber que não podia correr bem, mas, agora que libertaste um pouco da tua raiva, espero que possamos voltar a tentar criar uma relação — diz-me.

A Tessa pousa as suas pequenas mãos em cima das minhas para me reconfortar e eu assinto com a cabeça. — Pois... tudo bem — digo timidamente. — Pois... — Mordo o interior da bochecha.

O Landon dá uma palmada no joelho e levanta-se. — Bem, temos de ir andando, mas depois confirma-me se queres mesmo ir ao jogo. Muito obrigado aos dois pelo convite.

A Tessa dá-lhes um abraço de despedida mas eu não a imito. Fui bastante amável, mas nem pensar em abraçar alguém. Com exceção da Tessa, claro, mas, depois da minha boa educação de hoje, espero ser presenteado com mais do que um abraço. Contemplo o vestido largo que encobre as suas maravilhosas curvas e contenho o impulso de a arrastar para o quarto. Lembro-me da primeira vez que a vi com este vestido horrível. Bom, na altura achei-o horrível, mas agora adoro-o. Ela saiu da residência com ar de quem ia vender Bíblias porta a porta. Quando entrou no carro, ficou zangada com o meu comentário trocista, mas eu não fazia a mínima ideia de que acabaria por me apaixonar por ela.

Aceno uma última vez aos nossos convidados e suspiro fundo. *Um jogo de hóquei com o Landon — onde é que me fui meter?*

— Correu tão bem. *Tu* foste muito simpático — elogia-me a Tessa e liberta-se rapidamente dos sapatos de salto alto, pontapeando-os antes de os arrumar ordenadamente ao lado da porta.

Encolho os ombros. — Acho que até correu bem.

— Correu mais do que bem. — A Tessa olha para mim com uma expressão radiante.

— Pois... — respondo num tom resmungão e ela dá umas risadinhas.

— Gosto muito de ti. Sabes isso, não sabes? — pergunta-me e vai para a sala para arrumar tudo. Troço da sua obsessão pelas limpezas, mas esta casa seria uma balbúrdia se eu vivesse aqui sozinho. — Então e o relógio? Gostaste? — pergunta.

— Não, é horrível e não uso relógios.

— Achei bonito.

— E a pulseira? — pergunto, com hesitação.

— É linda.

— Ah... — Desvio o olhar. — É requintada e cara — acrescento.

— Sim... Sinto-me mal por eles terem gasto tanto dinheiro quando eu não a vou usar. Tenho de aparecer com ela de vez em quando, quando estiver com eles.

— Porque é que não a vais usar?

— Porque tenho a minha pulseira favorita. — Abana o pulso, chocalhando os pendentes.

— Ah. Preferes a minha? — Não consigo disfarçar um sorriso idiota.

Fita-me com um ar ofendido. — Claro que sim, Hardin.

Tento manter a pouca dignidade que me resta, mas, num impulso, agarro-a por trás, pelas pernas, e levanto-a no ar. Ela grita e eu desato às gargalhadas. Não me lembro de rir assim alguma vez na vida.

53

TESSA

Na manhã seguinte, acordo cedo, tomo um duche e, ainda enrolada na toalha de banho, preparo imediatamente o elixir da vida: café. Enquanto o faço, percebo que a ideia de reencontrar a Kimberly me deixa nervosa. Não sei como vai reagir à minha reconciliação com o Hardin. Ela não costuma julgar os outros, mas se fosse ao contrário, se esta história se tivesse passado entre ela e o Christian, não sei qual seria a minha reação. Ela não está a par de todos os pormenores, mas sabe que são suficientemente maus para eu não lhos ter contado.

Vou à sala, espreitar pela enorme janela, levando comigo uma caneca fumegante. Infelizmente, continua a nevar com intensidade. Detesto guiar no meio deste temporal e vou ter de conduzir pela autoestrada até à Vance.

— Bom dia. — A voz do Hardin à porta da sala apanha-me de surpresa.

— Bom dia. — Sorrio e bebo mais um trago de café. — Não devias estar a dormir? — pergunto enquanto ele esfrega os olhos.

— Não devias estar vestida? — replica.

Sorrio e passo por ele em direção ao quarto para acabar de me arranjar, mas ele puxa-me a toalha e eu grito e corro. Ouço os seus passos atrás de mim e fecho a porta. Só Deus sabe o que aconteceria se o deixasse entrar. A minha pele incendeia-se com este pensamento, mas agora não tenho tempo para essas coisas.

— Muito bem, que madura — diz do outro lado da porta.

— Nunca disse que era madura — sorrio e escolho, no armário, uma saia preta comprida e uma blusa vermelha. Não é propriamente um conjunto que me valorize, mas é o primeiro dia depois das férias e está a nevar. Faço uma maquilhagem discreta em frente do armário e só me falta arranjar o cabelo. Quando abro a porta do quarto, não encontro o Hardin em parte nenhuma. Seco o cabelo e prendo-o num coque firme.

— Hardin? — Tiro o telemóvel da carteira para lhe ligar.

Não atende. Onde é que ele está? Procuro-o pela casa toda, com o coração aos saltos. Uns momentos depois, a porta da rua abre-se e ele entra, coberto de neve.

— Onde é que estavas? Já estava a ficar nervosa.

— Nervosa? Porquê? — pergunta.

— Sei lá. Tive medo de que te tivesses magoado ou assim... — Que ideia ridícula.

— Estive a tirar a neve do teu carro e a ligá-lo para aquecer e ficar pronto para arrancar quando desceres. — Tira o blusão e descalça as botas encharcadas, deixando uma poça de neve derretida no pavimento.

— Não paras de me surpreender! — Rio-me.

— Se começas com tretas, ainda te furo os pneus — responde.

Faço-lhe uma careta e rio-me da sua falsa ameaça. — Obrigada.

— Eu... posso levar-te à Vance? — Olha-me nos olhos.

Agora estou realmente surpreendida. Ontem perdeu-se em amabilidades, hoje aqueceu o meu carro e oferece-se para me levar ao emprego — já para não falar das gargalhadas de ontem, quando quase chorou a rir. Assenta-lhe mesmo bem este comportamento decente.

— ... ou não — acrescenta, quando eu demoro a responder.

— Gostava muito — digo e ele volta a calçar as botas.

Quando saímos do parque de estacionamento, o Hardin observa: — Ainda bem que o teu carro é uma porcaria, assim ninguém o roubou enquanto ficou ligado a aquecer.

— Não é porcaria nenhuma! — respondo, olhando para a pequena racha da janela do passageiro. — Olha, e que tal, quando as aulas recomeçarem na próxima semana, irmos juntos para o *campus*? Os nossos horários não diferem muito e nos dias em que eu for à Vance levo o meu carro e encontramo-nos em casa.

— OK... — concorda, olhando fixamente para a frente.

— O quê?

— Gostava que me tivesses dito que disciplinas ias escolher.

— Porquê?

— Não sei... podíamos ter escolhido algumas em conjunto, em vez de o fazeres com o Landon e continuarem como eternos e inseparáveis colegas de grupo.

— Já fizeste Literatura Francesa e Literatura Americana e acho que

não te interessas por Religiões do Mundo.

— Pois não — responde irritado.

Sei que esta conversa não nos leva a lado nenhum e fico aliviada ao vislumbrar o enorme *V* do edifício da Vance. Está a nevar menos, mas o Hardin deixa-me à entrada para eu não apanhar muito frio.

— Venho-te buscar às quatro — diz e eu aceno com a cabeça antes de me aproximar dele para lhe dar um beijo de despedida.

— Obrigada por me teres trazido — murmuro nos seus lábios, tocando-lhes uma vez mais.

— Mmm... — murmura e eu saio do carro.

Já cá fora, deparo-me com o Trevor, que se aproxima com o fato preto salpicado de flocos brancos de neve. O sorriso com que me saúda causa-me uma certa agitação interior.

— Olá, há muito tempo que...

— Tess! — chama-me o Hardin, fechando a porta do carro e vindo para perto de mim. O Trevor olha para o Hardin e o seu sorriso desvanece-se. — Esqueceste-te de uma coisa... — diz, estendendo-me uma caneta.

Uma caneta? Ergo as sobrancelhas.

Ele acena com a cabeça e põe o braço à volta da minha cintura, pressionando os seus lábios contra os meus. Se não estivéssemos num parque de estacionamento — e eu não percebesse que está apenas, de um modo doentio, a marcar o seu território —, derreter-me-ia com o modo impetuoso como a sua língua se introduz pelos meus lábios. Quando afasto a cara, reparo na sua expressão petulante. Estremeço e esfrego os braços. Devia ter trazido um blusão mais quente.

— Olá. Trenton, não é? — diz o Hardin com uma falsa sinceridade.

Claro que se engana de propósito. É tão malcriado.

— Hum... pois. Olá também — balbucia o Trevor e desaparece pela porta corrediça.

— O que é que foi isto? — pergunto zangada.

— O quê? — Faz um sorriso cínico.

— Que parvo!

— Afasta-te dele, Tess. Por favor — ordena-me, dando-me um beijo na testa para amenizar a brutalidade das suas palavras.

Reviro os olhos e entro no edifício, a bater com os pés como uma

criança.

— Como é que correu o Natal? — pergunta-me a Kimberly no momento em que vou buscar um café e um *donut*. Se calhar, era melhor não tomar um segundo café, mas estou chateada com a atitude boçal do Hardin e o aroma a grãos de café sempre me acalma.

— Correu...

Ah, sabes, voltei para o Hardin, fiquei a saber que ele filmou umas raparigas a terem relações com ele, sem elas saberem, destruiu a vida de uma delas, mas voltei a aceitá-lo. A minha mãe apareceu lá em casa, fez uma cena e deixámos de nos falar. A mãe do Hardin veio visitá-lo e tivemos de fingir que andávamos juntos, mesmo que isso não fosse verdade, o que fez com que voltássemos a estar juntos, e estava tudo tranquilo até a minha mãe contar à dele que ele me tirou a virgindade para ganhar uma aposta. Ah, e o Natal? Para comemorar a data, o Hardin partiu a cara ao pai e enfiou a mão no vidro de um armário. Olha, nada de especial...

— ... muito bem. E o teu? — digo, optando por uma versão resumida.

A Kimberly discorre sobre o fantástico Natal que passou com o Christian e o filho deste. A criança deu gritos de alegria ao ver a nova bicicleta que o «Pai Natal» lhe ofereceu. Chegou mesmo a tratar a Kimberly por «Mamã Kim», o que a enterneceu, mas também a incomodou. — É estranho, sabes — afirma —, ver-me como tutora de alguém. Não sou casada nem sou noiva do Christian, por isso não sei bem que lugar ocupo na relação com o Smith.

— Acho que o Smith e o Christian têm muita sorte por estares presente na vida deles, seja qual for o nome a dar à tua relação — asseguro.

— És muito sensata para a tua idade, menina Young. — Sorri.

Vejo as horas e vou imediatamente para o meu gabinete. À hora do almoço, não encontro a Kimberly na sua secretária. Desço no elevador, mas este detém-se no terceiro andar e, para minha grande aflição, o Trevor entra.

— Olá — digo baixinho.

Não sei porque me sinto tão atrapalhada. Nunca houve nada entre mim e o Trevor. Jantámos uma vez e foi muito agradável. Gostámos da companhia um do outro. Não passou disso.

— Como é que correram estes dias de descanso? — pergunta, com os olhos a brilharem com a luz fluorescente.

Que bom que era se deixassem de me fazer esta pergunta. — Muito bem. E os teus?

— Também. Houve uma enorme festa no centro de acolhimento onde colaboro e servimos refeições a mais de trezentas pessoas — gaba-se com orgulho.

— Uau, trezentas pessoas? Incrível. — Sorrio. A sua bondade faz com que a tensão entre nós se atenue.

— Foi mesmo extraordinário. Felizmente, no próximo ano vamos ter mais recursos e vamos poder oferecer quinhentas refeições. — À saída do elevador, pergunta-me: — Vais almoçar?

— Sim, vou a pé até à Firehouse, já que não vim no meu carro — digo, não mencionando o Hardin propositadamente.

— Posso-te dar boleia, se quiseres. Vou à Panera, mas posso passar primeiro pela Firehouse. Não devias ir a pé com este nevão — oferece, de modo educado.

— Olha, a Panera é boa ideia. Acompanho-te. — Sorrio e dirigimo-nos ao carro.

Fico logo mais quentinha, graças aos assentos térmicos do *BMW*. Quando chegamos ao restaurante, fazemos o pedido para o almoço e sentamo-nos numa pequena mesa do fundo, onde, por fim, começamos a conversar.

— Estou a pensar mudar-me para Seattle — diz-me o Trevor enquanto eu molho uma tosta na sopa de brócolos.

— A sério? Quando? — pergunto quase aos gritos para que ele me possa ouvir no meio da barulheira de tantas vozes.

— Em março. O Christian convidou-me para ir para lá trabalhar e promove-me a diretor financeiro da nova sucursal. Estou mesmo inclinado a aceitar.

— Que notícia fantástica. Parabéns, Trevor!

Ele limpa os cantos da boca com o guardanapo. — Obrigado. Gosto da ideia de chefiar o departamento financeiro e, mais do que tudo, de me mudar para Seattle.

Passamos o almoço a falar de Seattle e no final penso, com pena: *Porque é que o Hardin não sente o mesmo entusiasmo por Seattle?*

Quando chegamos à Vance, a neve parou, dando lugar a uma chuva gelada que nos obriga a correr até ao edifício. Entro no elevador a tiritar de frio e o Trevor oferece-me o casaco, mas não aceito.

— Então tu e o Hardin voltaram a andar? — Por fim, a pergunta que eu aguardava.

— Pois... estamos a tentar ultrapassar os problemas. — Mordo o lábio.

— Ah... e estás feliz, então? — Fita-me.

— Sim — respondo-lhe, encarando-o.

— Olha, fico contente por ti. — Passa a mão pelo cabelo preto e é evidente que não está a ser sincero, mas fico grata por não complicar o assunto. A sua bondade impede-o de o fazer.

Ao sairmos do elevador, a expressão da Kimberly surpreende-me. Fita o Trevor de um modo estranho e só compreendo o motivo quando sigo o seu olhar e me deparo com o Hardin encostado à parede.

54

HARDIN

— A sério? *A sério?* — pergunto, agitando dramaticamente as mãos no ar. A Tessa está boquiaberta, sem saber o que dizer. Olha para o filho da mãe do Trevor e depois para mim. *Que diabo*, *Tessa*. Estou desvairado de raiva e a decidir a forma de acabar com este rapaz.

— Obrigado pelo almoço, Tessa. Até logo — diz calmamente o Trevor, antes de se ir embora.

Olho para a Kimberly e ela abana a cabeça em sinal de desaprovação. Em seguida, pega numa pasta de cima da secretária e sai, deixando-nos a sós. A Tessa segue-a com o olhar, e eu quase rio.

Ela começa a justificar-se e entra no seu gabinete. — Fomos só almoçar, Hardin. Eu posso almoçar com quem me apetecer. Por isso, não comeces — avisa-me.

Mal entramos no gabinete, fecho a porta e tranco-a. — Sabes o que sinto em relação a ele. — Encosto-me à parede.

— Tens de te acalmar. Isto é o meu emprego.

— Estágio — corrijo-a.

— O quê? — Arregala os olhos.

— Não é verdadeiramente um emprego, é apenas um estágio — digo.

— Ah, vamos voltar ao mesmo?

— Não. Só estou a constatar um facto. — Sou um estúpido: outro facto.

— A sério? — provoca-me.

Cerro os dentes e fito a minha obstinada namorada.

— O que é que estás aqui a fazer? — pergunta-me e senta-se na cadeira atrás da secretária.

— Vim buscar-te para te levar a almoçar, para não teres de sair no meio deste temporal — respondo. — Mas parece que não perdes tempo a arranjar alternativas.

— Não foi nada de especial. Fomos almoçar e voltámos a seguir. Tens de controlar esses teus ciúmes.

— Não são ciúmes. — Claro que são. E medo. Mas não vou admiti-lo.

— Somos amigos, Hardin. Não penses mais nisso; anda cá.

— Não — implico.

— Por favor... — suplica-me e eu apercebo-me de que não consigo resistir ao seu chamamento. Inclina-se sobre a secretária e puxa-me para a sua frente. — É só a ti que eu quero, Hardin. Amo-te e não quero estar com mais ninguém, só contigo. — Fita-me tão intensamente que tenho de desviar o olhar. — É pena não simpatizares com ele, mas não vais decidir de quem eu posso ser amiga. — Sorri e eu tento manter-me sério, mas a raiva desvanece-se gradualmente. *Bolas, ela é boa nisto*.

— Não o suporto.

— Ele é inofensivo. A sério. Além disso, em março vai viver para Seattle.

Fico gelado, mas tento mostrar-me indiferente. — Ah, vai? — Claro que o filho da mãe do Trevor se vai mudar para Seattle: o sítio onde a Tessa quer viver. O sítio onde eu não quero viver e onde nunca viverei. Será que ela pôs a hipótese de ir com ele? *Não, nunca o faria. Pois não?*

Porra, não sei.

— Sim, e por isso vamos deixar de nos ver. Deixa-o em paz, por favor. — Aperta as minhas mãos.

Encaro-a. — Está bem, está bem. Não lhe vou bater. — Suspiro. *É inacreditável como aceito esquecer que ele a tentou beijar.*

— Obrigada. Amo-te tanto — diz-me, fitando-me com os seus olhos azul-acinzentados.

— Ainda estou furioso por ele te ter tentado seduzir. E por tu não me dares ouvidos.

— Eu sei, agora cala-te... — Passa a língua pelo lábio inferior. — Posso fazer com que te sintas bem? — pergunta-me com uma voz trémula.

O quê?

— Eu... quero provar-te que só te amo a ti. — Fica muito vermelha e agarra o meu cinto, ao mesmo tempo que se põe em bicos de pés para me beijar.

Sinto-me confuso, zangado... e completamente apanhado. A Tessa percorre o meu lábio inferior com a língua. Gemo de imediato e iço-a para cima da secretária. As suas mãos trémulas enredam-se de novo no

meu cinto, desta vez para o desapertar. Levanto-lhe a saia ridiculamente comprida até às coxas, grato por ela hoje não trazer *collants*.

— Desejo-te muito, querido — suspira no meu pescoço, enroscando as pernas à volta da minha cintura.

Gemo com as palavras que saem dos seus lábios carnudos e adoro o modo como repentinamente ela toma o controlo da situação, baixando-me as calças.

— Não estás? — pergunto, referindo-me ao período. — Estás, sim.

Ela cora e toma o meu membro na mão. Arquejo enquanto ela mo afaga lentamente, muito lentamente.

— Não brinques comigo — gemo e ela movimenta a mão mais rapidamente, enquanto me suga a pele do pescoço. Se esta é a sua forma de me compensar, vou pedir para que ela crie problemas com mais frequência. Desde que não seja envolver-se com outro tipo.

Puxo-a pelos cabelos, para que olhe para mim. — Quero comer-te.

Ela nega com a cabeça e sorri timidamente.

— Sim — insisto.

— Não podemos. — Olha para a porta.

— Já fizemos isto.

— Quero dizer... porque... tu sabes.

— Não há problema. — Encolho os ombros. Ao contrário do que as pessoas costumam pensar, não há nenhum problema.

— Isso é... normal?

— Sim, é — decreto perante os seus olhos muito abertos. Embora ela esteja a agir timidamente, as suas pupilas estão dilatadas de desejo. Continua a mover a mão lentamente e eu abro-lhe mais as pernas. Puxo o fio do tampão e deito-o para o lixo e depois retiro a sua mão para colocar o preservativo.

Ela debruça-se sobre a secretária, levantando a saia até ao rabo.

Apesar das circunstâncias, isto é a coisa mais excitante que eu já vi em toda a minha vida.

55

TESSA

A minha excitação aumenta quando o Hardin me levanta a saia até à cintura.

— Relaxa, Tess. Deixa-te ir, não vai ser diferente do costume — promete-me.

Tento disfarçar a atrapalhação quando ele entra dentro de mim; mas não me parece diferente. Bom, se mudou alguma coisa, foi para melhor. Mais ousado. Fazer algo contra as normas, desafiar um tabu, faz-me sentir mais excitada. Estremeço de excitação com a mão do Hardin a descer pela minha coluna. O seu humor mudou completamente. A sua expressão quando saí do elevador anunciava uma cena muito mais grave.

— Estás bem? — pergunta.

Respondo com um gemido.

Segura-me, com uma mão na minha anca e outra a agarrar-me os cabelos. — Que bom, que bom, querida. — A sua voz está firme quando se movimenta lentamente dentro de mim.

Muda a mão dos meus cabelos para o meu peito. Levanta-me a blusa, deixando o meu peito à vista. A sua mão encontra o meu mamilo e aperta-o suavemente antes de o afagar com os dedos. Gemo e entrego-me ao prazer que ele me dá.

— Oh, meu Deus — exclamo e depois calo-me. Devia estar preocupada por estar no meu gabinete. Mas só consigo pensar no Hardin e no prazer que ele me dá. Neste momento, as circunstâncias e o tabu do nosso ato são irrelevantes.

— É bom, não é, querida? Eu disse-te, não é diferente... bem, não é pior, pelo menos. — Geme e abraça-me. Quase que escorrego da borda da secretária quando ele muda de posição, encostando as minhas costas à madeira maciça da secretária. — Amo-te loucamente, sabes isso, não sabes? — sussurra ao meu ouvido.

Digo que sim com a cabeça, mas sei que ele quer mais.

— Diz-me — insiste.

— Sei que sim — asseguro-lhe. O meu corpo aperta-se quando ele se endireita para me massajar o clítoris. Levanto a cabeça, para contemplar a magia dos seus dedos no meu corpo, mas a sensação é demais.

— Anda, querida, vem-te. — O Hardin acelera os movimentos e levanta uma das minhas pernas.

Está com os olhos revirados. O meu orgasmo é tão preciso, tão intenso e tão esmagador que apenas vejo estrelas, enquanto aperto os seus braços tatuados. Cerro a boca, com força, para me impedir de gritar o seu nome quando me venho. O orgasmo do Hardin não é tão silencioso: deixa cair o corpo, enterrando a cabeça no meu pescoço, gritando o meu nome antes de pressionar a boca contra a minha pele para se silenciar.

Depois retira-se, beijando-me a orelha. Levanto-me, componho as roupas e penso que era melhor ir rapidamente à casa de banho. Meu Deus, isto é estranho. Não posso negar que gostei, mas é difícil ultrapassar preconceitos há muito enraizados.

— Estás pronta? — pergunta.

— Para quê? — digo, ofegante.

— Para ires para casa.

— Não posso ir para casa. São só duas horas. — Aponto para o relógio na parede.

— No caminho, ligas para a Vance a avisar que te foste embora. Vem comigo para casa — determina o Hardin e pega na minha carteira. — Se calhar era melhor «retamponares-te» antes de irmos. — Tira um tampão da minha carteira e bate com ele no meu nariz.

Dou-lhe um safanão no braço. — Para de dizer isso! — resmungo, voltando a guardá-lo na carteira, enquanto ele se ri.

Três dias depois, espero pacientemente pelo Hardin à porta da Vance. Olho para a rua, feliz por nos últimos dias ter deixado de nevar. Umas poças negras acumuladas nos declives do passeio são os únicos vestígios dos nevões dos dias anteriores.

Depois do episódio do Trevor, o Hardin insistiu em trazer-me todos os dias, o que me aborrece. Ainda estou admirada por ter conseguido acalmá-lo. Não sei o que faria se ele tivesse atacado o Trevor dentro da

Vance. A Kimberly teria sido forçada a chamar os seguranças e, com toda a certeza, o Hardin teria sido preso.

Ele ficou de chegar às quatro e meia e já são cinco e um quarto. Já saíram quase todos e várias pessoas ofereceram-me boleia até casa, incluindo o Trevor, embora me tenha falado a uma certa distância. Não quero ter uma relação tensa com o Trevor, gostava que nos mantivéssemos amigos, apesar das «determinações» do Hardin.

Por fim, o carro do Hardin entra no parque de estacionamento e eu saio para a rua, enfrentando o vento gélido. Hoje não está tanto frio e, como está sol, o tempo aqueceu um pouco, mas não o suficiente.

— Desculpa o atraso, adormeci — diz-me quando entro no carro aquecido.

— Não faz mal — respondo e olho pela janela.

Não quero discutir com o Hardin, já estou bastante nervosa com a expectativa da noite de hoje, de Ano Novo, e não preciso de mais complicações. Ainda não decidimos o que fazer, o que me deixa desorientada — quero saber todos os pormenores e planear a noite ao mínimo detalhe.

Não sei se devo responder às mensagens que a Steph me mandou há uns dias. Por um lado, gostava de a ver, de lhe mostrar, assim como a todos os outros, que, embora me tenham humilhado, eles não acabaram comigo e eu sou mais forte do que eles pensam. Mas, por outro lado, incomoda-me voltar a estar com os amigos do Hardin. Devem-me achar uma idiota por ter voltado a andar com ele.

Não sei que atitude assumir em público e sinceramente tenho medo de que a minha relação com o Hardin se altere caso deixemos o nosso cantinho. E se ele me ignorar durante todo o tempo? E se a Molly lá estiver? Fico furiosa só de pensar nisto.

— Onde é que queres ir? — pergunta-me.

Tinha-lhe dito que precisava de comprar roupa para hoje à noite e por isso respondo: — Acho que é boa ideia irmos ao centro comercial. Temos de decidir onde vamos para eu saber que roupa escolher.

— Queres mesmo passar a noite com toda a gente ou vamos sair só os dois? Por mim, continuo a preferir ficar em casa.

— Não quero ficar em casa, estamos sempre em casa. — Sorrio. Gosto de estar em casa com o Hardin, mas ele estava habituado a sair a

toda a hora e por vezes receio que, se o mantiver fechado, ele acabe por se fartar de mim.

O Hardin deixa-me à porta do centro comercial e eu entro rapidamente. Quando vem ter comigo, já tenho três vestidos nos braços.

— O que é isso? — O Hardin torce o nariz ao vestido amarelo-canário que está por cima. — Essa cor é horrível — diz.

— Para ti, tudo o que não seja preto é horrível.

Encolhe os ombros perante esta evidência e toca no vestido dourado que está por baixo. — Gosto deste — afirma.

— A sério? Estava hesitante em relação a esse. É um pouco chamativo.

Arqueia as sobrancelhas. — E o amarelo não é?

Ele tem razão. Volto a guardar o vestido amarelo no cabide e escolho um vestido branco sem alças. — E este, que tal?

— Devias ir prová-los — sugere com um sorriso atrevido.

— Seu depravado — troço.

— Sempre. — Segue-me até ao gabinete de provas, com um sorriso malicioso.

— Não vais entrar comigo — aviso-o e fecho a porta, deixando apenas um pequeno espaço para poder pôr a cabeça de fora.

Faz beicinho e senta-se num banco preto de pele que se encontra perto dos gabinetes de provas. — Quero ver todos — diz bem alto quando eu fecho completamente a porta.

— Está calado.

Ouço-o dar uma risadinha e tenho vontade de abrir a porta para ver a sua cara sorridente, mas não o faço. Experimento primeiro o vestido branco sem alças e esforço-me por correr o fecho das costas: apertado. Demasiado apertado e demasiado curto. Por fim, consigo fechá-lo e puxo o vestido para baixo antes de abrir a porta.

— Hardin? — chamo num sussurro.

— Uau — exclama ao aproximar-se e me ver com aquela amostra de vestido.

— É curto. — Fico corada.

— Claro, não vais levar esse — diz e os seus olhos percorrem-me de cima a baixo.

— Se me apetecer, levo — digo para lhe lembrar que sou eu que

decido.

Fita-me por uns momentos, antes de falar. — Olha... o que eu queria dizer é que não devias. É muito provocante para o teu gosto.

— Também acho — murmuro e olho-me de novo ao espelho.

O Hardin faz um sorriso malicioso e olha para o meu rabo. — Embora *seja* muito *sexy*...

— O próximo — digo e volto para o gabinete de provas.

O vestido dourado é muito macio, apesar de estar coberto de minúsculas lantejoulas douradas. Chega a meio das coxas e tem mangas a três quartos. É muito mais o meu género, embora um pouco provocante. As mangas dão-lhe um toque mais conservador, mas não costumo usar vestidos tão justos e curtos.

— Tess — chama-me impacientemente o Hardin, do lado de fora. Abro a porta e derreto-me com a sua reação.

— Meu Deus. — Engole em seco.

— Gostas? — Mordisco o lábio.

Sinto-me bem com este vestido, especialmente depois de o Hardin corar ligeiramente e mudar o peso de um pé para o outro.

— Muito.

É normal os casais irem juntos às compras, mas sinto um misto de estranheza e reconforto. Há uns dias ainda me sentia aterrorizada quando ele soube do meu jantar com o Trevor em Seattle.

— Vou comprar este — digo.

Escolho uns *collants* e uns sapatos intimidantes de salto muito alto e vamos para a caixa. O Hardin teima em pagar, mas eu recuso, e desta vez venço a batalha.

— Tens razão, devias mesmo comprar-*me* alguma coisa... para te redimires do presente de Natal que não me ofereceste — troça, ao sairmos do centro comercial.

Tento dar-lhe um safanão, mas ele agarra-me o pulso antes de eu o atingir. Dá-me um beijinho na palma da mão e entrelaça a sua mão na minha, conduzindo-me ao carro. *Andar de mãos dadas em público nunca foi uma coisa nossa*... Assim que penso isto, parece que ele toma consciência deste facto e larga a minha mão. Um passo de cada vez...

De regresso ao apartamento, depois de eu repetir pela oitava vez que

devemos ir ter com os amigos dele, começo a ficar nervosa com a eventualidade de tudo correr mal. Mas não podemos ficar escondidos do mundo para sempre. O comportamento do Hardin ao lado dos amigos vai revelar os seus verdadeiros sentimentos em relação a mim, em relação a nós.

No duche, rapo três vezes as pernas, mantendo-me debaixo de água quente até ela arrefecer. Quando saio, pergunto ao Hardin: — O que é que o Nate disse sobre hoje à noite? — Não sei bem que resposta desejo.

— Mandou uma mensagem a dizer para irmos ter a casa... à minha antiga casa. Às nove. Parece que vai haver uma festa de arromba.

Olho para o relógio: já são sete da noite. — OK. Vou-me arranjar.

Num ápice, maquilho-me, enrolo o cabelo em caracóis largos e apanho a franja para trás com ganchos, como habitualmente. Estou... bem...

Monótona. Monótona. Com a mesma aparência de sempre. Tenho de reaparecer mais bonita do que nunca. Assim, mostro-lhes que não acabaram comigo. Se a Molly for à festa, vai arranjar-se de modo a atrair a atenção de todos, incluindo a do Hardin. E, por mais que a odeie, tenho de reconhecer que ela *é* deslumbrante. Torturada com a imagem do cabelo cor-de-rosa da Molly, pego no lápis preto e delineio os olhos com um risco bem carregado. Felizmente, e pela primeira vez, o risco sai direito. Acrescento mais *blush*, antes de retirar o gancho do cabelo e o atirar para o caixote do lixo.

Arrependo-me imediatamente e tiro-o de lá. OK, talvez ainda não esteja preparada para o deitar fora, mas hoje não o levo. Baixo a cabeça e enfio os dedos pelos caracóis. Fico pasmada com a minha imagem ao espelho. Deparo-me com uma personagem que parece saída de uma discoteca, extravagante e... *sexy*. A última vez que usei tanta maquilhagem foi quando a Steph me fez uma «*makeover*» e o Hardin me insultou. Desta vez ainda estou melhor.

— São oito e meia, Tess! — avisa-me o Hardin da sala.

Olho-me ao espelho uma última vez e respiro fundo antes de ir rapidamente à casa de banho para me vestir sem o Hardin ver. E se ele achar que estou com mau aspeto? Da última vez, ele não se importou com o meu novo e renovado visual. Afasto estes receios e enfio o

vestido pela cabeça, corro o fecho e calço os meus novos sapatos de salto alto.

Talvez devesse levar uns *collants*? Não. Tenho de me acalmar e de me deixar de tantas hesitações.

— Tessa, temos mesmo... — A voz do Hardin torna-se mais audível à medida que se aproxima do quarto, mas depois interrompe a frase a meio.

— Achas que estou...

— Sim, completamente — diz, num rugido.

— Achas que é excessiva, toda esta maquilhagem?

— Não... está... fantástico, quero dizer... está bem — afirma.

Dá-me vontade de rir vê-lo, por uma vez, sem palavras. — Vamos... temos de ir já ou não saímos mais do apartamento — murmura.

A sua reação faz-me sentir completamente confiante. Talvez não devesse estar tão segura. Ele está lindo, como de costume, com uma *T-shirt* preta simples e umas calças de ganga pretas casuais. Os *Converses* pretos de que eu tanto passei a gostar completam o visual que eu reconheço ser o do Hardin.

56

TESSA

Fazemos a viagem de carro até à antiga república do Hardin ao som de canções dos Fray. Não trocamos uma palavra. Sinto-me muito ansiosa e tento afastar todas as memórias, tristes memórias no essencial, que me vêm à cabeça. Agora, eu e o Hardin temos uma relação, uma relação sólida, e ele vai comportar-se de modo diferente. *Ou será que não?*

Entramos na casa apinhada de gente com o Hardin sempre ao meu lado e dirigimo-nos à sala cheia de fumo. Passam-nos uns copos vermelhos para a mão, mas o Hardin recusa o seu e tira-me o meu da mão. Tento reaver o copo, mas ele acha uma má ideia.

— É melhor não bebermos hoje — diz.

— É melhor *tu* não beberes hoje.

— Tudo bem, então só um — avisa-me e volta a entregar-me o copo.

— Scott! — chama uma voz familiar. O Nate aparece vindo da cozinha e dá uma palmadinha no ombro do Hardin antes de me sorrir amistosamente. Já nem me lembrava de que ele é tão giro. Tento imaginá-lo sem tatuagens e *piercings*, mas é impossível. — Uau, Tessa, estás com um visual... diferente — afirma.

O Hardin revira os olhos e tira-me o copo da mão para beber um trago. Quero reavê-lo, mas não quero causar uma discussão. Uma bebida não lhe vai fazer mal. Guardo o telemóvel no bolso das calças do Hardin para poder agarrar no copo mais facilmente.

— Ena... ena... olha quem está aqui — diz uma voz feminina, ao mesmo tempo que um emaranhado de cabelo cor-de-rosa surge ao lado de um enorme rapaz gordo.

— Fantástico — resmunga o Hardin ao mesmo tempo que a cabra da Molly vem ter connosco.

— Há muito tempo que não te via, Hardin — diz com um sorriso sinistro.

— Pois. — Bebe mais um trago.

Olha para mim. — Oh, Tessa! Nem te vi — diz ela com um óbvio sarcasmo.

Ignoro-a e o Nate oferece-me uma nova bebida.

— Tiveste saudades minhas? — pergunta a Molly ao Hardin. Está mais vestida do que o habitual, o que significa que ainda está meio despida. Tem uma *T-shirt* preta rasgada à frente, imagino que propositadamente, e uns calções vermelhos incrivelmente curtos e com cortes de lado, pondo ainda mais a nu a sua pele pálida.

— Nem por isso — responde o Hardin, sem se dignar a olhar para ela. Bebo um trago para ocultar o meu sorriso trocista.

— Claro que tiveste — afirma ela.

— Põe-te a milhas — resmunga o Hardin.

Ela faz uma careta, como se fosse tudo a brincar. — Ena, parece que temos alguém chateado.

— Anda, Tessa. — O Hardin dá-me a mão e afasta-me dali. Vamos em direção à cozinha, deixando atrás de nós uma Molly chateada e um Nate às gargalhadas.

— Tessa! — exclama a Steph e levanta-se num salto de um dos sofás. — Porra, miúda! Estás tão *sexy*! Uau! — Depois acrescenta: — Essa roupa é muito o meu género!

— Obrigada. — Sorrio. É um bocado incómodo reencontrar a Steph, mas é preferível a estar com a Molly. Na verdade, tive saudades da Steph e espero que esta noite corra bem, para podermos encarar a possibilidade de refazermos a nossa amizade.

Dá-me um abraço. — Ainda bem que vieste.

— Vou ter com o Logan; fica aqui — ordena-me o Hardin antes de se afastar.

A Steph observa-o com humor. — Malcriado como sempre, estou a ver. — Dá uma gargalhada alta que se sobrepõe ao barulho rouco da música misturado com o das vozes das pessoas.

— Pois... há coisas que nunca mudam. — Sorrio e bebo de uma vez o resto da bebida. Contra a minha vontade, o travo a cereja relembra-me o beijo que dei ao Zed. A sua boca era fria e a língua doce. Parece que foi num outro mundo e uma outra Tessa que partilhou aquele beijo com ele.

A Steph parece ler os meus pensamentos e dá-me uma palmadinha no ombro. — Está ali o Zed, voltaste a vê-lo desde... sabes? — Aponta

com as suas unhas às riscas para um rapaz de cabelo preto.

— Não... não estive com ninguém. Só com o Hardin.

— O Zed sentiu-se pessimamente com tudo o que aconteceu. Cheguei a ter pena dele — diz.

— Podemos mudar de assunto, por favor? — peço e desvio o olhar ao ver que o Zed me está a observar.

— OK, que treta. Desculpa. Queres outra bebida? — pergunta.

Sorrio para atenuar a tensão. — Sim, quero. — Olho para o lugar onde o Zed estava, mas ele desapareceu. Volto a olhar para a Steph, que contempla o seu copo. Nenhuma de nós sabe o que dizer.

— Vamos procurar o Tristan — sugere.

— Mas o Hardin... — Começo a explicar que ele me pediu para ficar ali. Não foi bem um pedido, mas sim uma ordem, o que me chateia. Inclino o copo, para beber o que resta da minha bebida gelada. O meu rosto já está quente, por causa do álcool que ingeri. Sinto-me mais calma e vou buscar outro copo antes de acompanhar a Steph até à sala.

A casa está cheia de gente, mais do que o costume, e não encontro o Hardin em parte nenhuma. Uma mesa de jogo comprida, cheia de filas de copos vermelhos, ocupa metade da sala. Estudantes universitários embriagados atiram bolas de pingue-pongue para dentro dos copos e em seguida bebem o seu conteúdo. Nunca percebi a necessidade que têm de fazer joguinhos quando estão bêbedos, mas, pelo menos, este não implica beijar. O Tristan está sentado num sofá e reconheço o rapaz de cabelo vermelho que está ao seu lado. Já o tinha visto, há uns tempos, a fumar um charro com o Jace. O Zed está sentado num dos braços do sofá e diz qualquer coisa que faz com que o Tristan deixe cair a cabeça para trás às gargalhadas. Depois sorri ao ver a Steph aproximar-se. Simpatizei com o colega de quarto do Nate mal o conheci. É amável e parece gostar mesmo da Steph.

— Como é que vão as coisas entre vocês os dois? — pergunto antes de nos aproximarmos do grupo.

Volta-se para mim e afirma radiante: — Muito bem, na verdade. Acho que o amo!

— Achas? Nunca falaram nisso? — exclamo admirada.

— Não... Nem pensar. Só andamos há três meses!

— Ah... — Eu e o Hardin dissemos que nos amávamos antes mesmo

de começarmos a andar.

— Vocês são diferentes — diz imediatamente, confirmando as minhas suspeitas de que ela lê os meus pensamentos. — E vocês, como é que estão? — pergunta, desviando o olhar.

— Bem, estamos bem. — É bom poder dizê-lo, já que, por uma vez, nós *estamos* bem.

— Vocês são mesmo um par muito estranho.

Dou uma risadinha. — Pois somos.

— O que é bom. Imaginas o que seria se o Hardin encontrasse uma rapariga como ele? Nem a queria conhecer, de certeza. — Ri-se.

— Nem eu — digo, rindo-me também.

O Tristan acena à Steph e ela vai sentar-se ao seu colo. — A minha miúda! — Dá-lhe um beijo carinhoso na bochecha e depois olha para mim. — Estás boa, Tessa?

— Ótima. E tu, como tens passado? — pergunto. Até pareço uma política. *Acalma-te, Tessa.*

— Na boa. A cair de bêbedo, mas na boa. — Dá uma gargalhada.

— Onde é que está o Hardin? Não o vi — pergunta-me o rapaz de cabelo vermelho.

— Está... olha, não faço ideia — respondo e encolho os ombros.

— Deve andar por aí. Não o imagino a afastar-se muito de ti — diz a Steph, tentando reconfortar-me.

Na verdade, não estou preocupada com esta ausência do Hardin, porque o álcool me atenuou o nervosismo, mas gostava que ele voltasse e ficasse ao meu lado. Estes são os amigos dele e não os meus. Com exceção da Steph, que ainda estou a decidir. Mas, neste momento, ela é a pessoa que eu conheço melhor e não quero estar sozinha e atrapalhada.

Alguém embate em mim, desequilibrando-me; por sorte, o meu copo está vazio e, ao cair, apenas umas gotas salpicam o tapete já de si imundo.

— Merda, desculpa — balbucia uma rapariga bêbeda.

— Não há problema — respondo. O seu cabelo preto está tão brilhante que até me faz piscar os olhos. *Como é que é possível?* Devo estar mais embriagada do que pensava.

— Anda sentar-te ou ainda acabas espezinhada — troça a Steph e eu

rio-me e sento-me na borda de um sofá.

— Então, já soubeste do Jace? — pergunta o Tristan.

— Não, o que é que se passa? — A referência ao seu nome dá-me voltas ao estômago.

— Foi preso e saiu ontem da cadeia — explica.

— O quê? A sério? O que é que ele fez? — pergunto.

— Matou uma pessoa — responde o rapaz do cabelo vermelho.

— Oh, meu Deus! — exclamo e todos começam a rir. Estou a falar mais alto, agora que estou quase embriagada.

— Ele estava a gozar contigo. Mandaram-no parar e foi apanhado com erva. — O Tristan ri-se.

— És mesmo parvo, Ed — diz a Steph e dá-lhe um safanão no braço, mas não posso deixar de rir da minha ingenuidade.

— Devias ter visto a tua cara. — O Tristan dá outra gargalhada.

Passa uma meia hora e não há meio de o Hardin aparecer. Isso irrita-me, mas, quanto mais bebo, menos me importo. Em parte, porque tenho a Molly debaixo de olho e vejo que já arranjou um brinquedo louro para esta noite. As mãos dele enrolam-se nas suas pernas e estão a fazer uma figura ridícula, de tão bêbedos que estão. De qualquer modo, é melhor ele do que o Hardin.

— Quem quer jogar? O Kyle já não aguenta mais — diz um rapaz de óculos, apontando para o amigo bêbedo que está caído ao comprido no tapete.

Olho para a mesa onde se alinham os copos e percebo do que ele fala.

— Eu jogo! — grita o Tristan, empurrando cuidadosamente a Steph do seu colo.

— Eu também! — concorda ela.

— Já sabes que não tens jeito — goza o Tristan.

— Tenho, sim. Estás mas é irritado porque eu sou melhor do que tu. Mas faço equipa contigo, não precisas de ter medo. — Pestaneja na brincadeira e ele abana a cabeça.

— Tessa, devias vir jogar! — grita ela mais alto do que o som da música.

— Hum... não, estou bem aqui. — Nem sei de que jogo se trata, mas tenho a certeza de que sou uma péssima jogadora.

— Vá, anda lá! Vai ser giro. — Junta as mãos, como que a suplicar.

— O que é?

— «Cerveja-pongue», claro. — Encolhe os ombros teatralmente antes de desatar às gargalhadas alcoolizadas. — Nunca jogaste?

— Não, não gosto de cerveja.

— Podes jogar com um *cocktail* de vodca e licor de cereja. Prepararam litros e litros. Vou buscar ao frigorífico. — Volta-se para o Tristan. — Alinha os copos, rapaz.

Acho que devia recusar, mas, ao mesmo tempo, apetece-me passar uma noite divertida. Quero sentir-me despreocupada e deixar-me ir. «Cerveja-pongue» não deve ser assim tão mau. Não deve ser pior do que ficar sentada sozinha no sofá à espera de que o Hardin se digne a aparecer.

O Tristan começa a dispor os copos em triângulo, relembrando-me os pinos do *bowling*. — Também jogas? — pergunta-me.

— Acho que sim. Mas não sei como é — respondo.

— Quem quer fazer par com ela? — pergunta o Tristan.

Que vergonha, ninguém responde. Boa. Já sabia que isto era...

— Zed? — diz o Tristan, interrompendo os meus pensamentos.

— Hã... não sei... — responde o Zed sem olhar para mim. Tem-me evitado desde que eu cheguei.

— Só um jogo, puto.

O Zed olha rapidamente para mim, com os seus olhos cor de caramelo a cintilar, e depois vira-se para o Tristan e aceita. — OK, tudo bem, só um jogo. — Levanta-se e vem para o meu lado. Observamos, silenciosos, a Steph a encher os copos com as bebidas alcoólicas.

— Usam sempre os mesmos copos? — pergunto-lhe, tentando disfarçar o nojo que sinto ao pensar nas múltiplas bocas que beberam por eles.

— Não há problema. — Ri-se. — O álcool mata os micróbios!

Reparo, pelo canto do olho, que o Zed está a sorrir, mas, quando o encaro, ele desvia o olhar. Ups, vai ser um jogo sem fim à vista.

57

TESSA

— Temos de tentar acertar com a bola dentro de um dos copos dos adversários e, se conseguirmos, um dos jogadores da outra equipa tem de beber o seu conteúdo. Ganha a equipa que acertar primeiro em todos os copos dos adversários — explica o Tristan.

— Ganha o quê? — pergunto.

— Hum, nada. Apenas não te embebedas tão depressa porque bebes menos.

Estou para responder que um jogo em que o prémio é beber *menos* não está em consonância com o espírito da festa, quando a Steph grita: — Eu jogo primeiro! — A brincar, esfrega a pequena bola branca na *T-shirt* do Tristan, sopra-a e lança-a. A bola saltita em frente aos copos e entra num deles.

— Queres ser a primeira a beber? — pergunta o Zed.

— Claro. — Encolho os ombros e levanto o copo.

O Tristan lança a bola seguinte, mas falha. Saltita da mesa para o chão e o Zed apanha-a e mergulha-a no copo de água que está ao nosso lado. Então é para isso que o copo serve. Não é muito asseado, mas é uma festa universitária... o que é que eu estava à espera?

— Sim, e depois sou eu que não jogo nada — goza a Steph e o Tristan sorri-lhe.

— Tenta tu primeiro — ordena o Zed.

Acho que me saio bem nesta iniciação ao jogo da «cerveja» — bem, «vodca-licor de cereja-pongue» —, já que acerto nos quatro primeiros lances. Dói-me o maxilar de tanto sorrir e rir dos meus adversários e tenho o sangue a ferver devido ao álcool e ao prazer que sempre sinto quando sou bem-sucedida, até mesmo quando se trata de joguinhos como este.

— Já tinhas jogado este jogo antes! Tenho *a certeza*! — acusa-me a Steph com uma mão na anca.

— Não, são as minhas competências. — Rio-me.

— «Competências»?

— Não tenhas inveja das minhas espetaculares competências para jogar «cerveja-pongue» — afirmo e todos em nosso redor desatam às gargalhadas.

— Oh, meu Deus! Por favor, não repitas a palavra «competências»! — diz a Steph e eu agarro-me à barriga, enquanto tento parar de rir. Afinal, jogar foi uma excelente ideia. A quantidade enorme de álcool que ingeri torna tudo mais simples e sinto-me mais despreocupada. Jovem e despreocupada.

— Se acertares este, ganhamos — digo ao Zed para o encorajar. Quanto mais copos ele bebe, mais à vontade se mostra ao meu lado.

— Ah, vou conseguir — gaba-se com um sorriso. A pequena bola atravessa o ar e aterra diretamente no último copo do Tristan e da Steph.

Dou gritinhos e saltos de alegria, sem me importar de estar a fazer uma figura idiota. O Zed bate palmas e, num impulso, abraço-o entusiasmada. Ele desequilibra-se e dá uns passos atrás, mas põe os braços em redor da minha cintura antes de nos separarmos. É um abraço inofensivo — acabámos de ganhar e eu estou entusiasmada. Inofensivo. A Steph observa-nos de olhos arregalados e eu olho em redor, para ver se o Hardin está por ali.

Ele não está em lado nenhum, mas e se estivesse? Ele é que me deixou sozinha na festa. Não posso ligar-lhe nem mandar-lhe uma mensagem, porque o meu telemóvel está no seu bolso.

— Quero a desforra! — grita a Steph.

Fito o Zed de olhos bem abertos. — Queres jogar outra vez?

Ele olha em redor, antes de responder. — Sim... sim... outra vez. — Sorri.

Voltamos a ganhar e, na brincadeira, a Steph e o Tristan acusam-nos de fazermos batota.

— Estás bem? — pergunta-me o Zed quando nos afastamos da mesa.

Dois jogos de «cerveja-pongue» são suficientes para mim; acho que estou um pouco embriagada. Está bem, mais do que «um pouco», mas sinto-me ótima. O Tristan e a Steph vão à cozinha, desaparecendo de vista.

— Sim, estou bem. Mesmo bem. Estou a divertir-me imenso — digo-

lhe e ele ri-se. A forma como esconde a língua atrás dos dentes quando sorri é encantadora...

— Ainda bem! Agora desculpa mas vou apanhar ar — diz.

Ar. Adoraria respirar um ar que não estivesse empestado em fumo de cigarros e cheiro a suor. Está calor nesta casa, demasiado calor.

— Posso ir contigo? — pergunto.

— Hum... Não sei se é uma boa ideia — responde sem olhar para mim.

Dou meia-volta, para me ir embora, mas ele agarra-me suavemente o braço. — Podes vir. Só não quero criar problemas entre ti e o Hardin.

— O Hardin não está cá e eu posso ser amiga de quem quiser — digo asperamente. Acho graça à minha voz e rio-me do seu som estranho.

— Estás muito bêbeda, não estás? — pergunta e abre a porta.

— Um bopouco, um bocado... um pouco. — Rio-me.

O vento fresco de inverno é fantástico e refrescante. O Zed e eu atravessamos o pátio e acabamos sentados num muro de pedra partido, que costumava ser o meu refúgio favorito durante estas festas. Não está muita gente cá fora por causa do frio. Uma delas está a vomitar para os arbustos, a uns poucos metros de distância de nós.

— Adorável — resmungo.

O Zed ri-se mas não diz nada. Sinto o frio do muro nas pernas, mas tenho um blusão no carro do Hardin, para o caso de precisar. Não que eu tenha ideia de onde ele esteja. Vejo que o carro dele ainda está cá, mas ele anda desaparecido há... bem, há dois jogos de «cerveja-pongue».

Olho para o Zed, mas ele contempla o infinito. Porque é que isto é tão constrangedor? Começa a coçar a barriga. Levanta um pouco a *T-shirt*, mostrando um penso branco.

— O que é isso? — pergunto curiosa.

— Uma tatuagem. Acabei de a fazer antes de vir para aqui.

— Posso vê-la?

— Sim... — Despe o blusão, pousa-o ao seu lado e depois descola o adesivo do penso.

— Está escuro aqui — diz, iluminando a tatuagem com a luz do ecrã do telemóvel.

— Um mecanismo de um relógio? — pergunto-lhe.

Sem pensar, passo o dedo indicador pela tatuagem. Ele estremece mas não se afasta. A tatuagem é grande e estende-se por quase toda a barriga. O resto da sua pele está coberto por tatuagens pequenas e presumivelmente aleatórias. A nova tatuagem consiste num aglomerado de rodas dentadas que me parecem estar em movimento, mas se calhar é efeito da vodca.

O meu dedo ainda está a deslizar pela sua pele quente quando de repente me apercebo do que estou a fazer. — Desculpa — digo e tiro a mão.

— Não faz mal... mas, sim, é um tipo de mecanismo de relógio. Vês como a pele parece levantada, aqui? — Aponta para as extremidades da tatuagem e eu assinto com a cabeça.

Encolhe os ombros. — É como se tirássemos a pele e por baixo estivesse todo um sistema mecânico. Como se eu fosse um robô ou algo do género.

— Um robô de quem? — Não sei porque perguntei isto.

— Da sociedade, acho.

— Ah... — É tudo o que digo. A sua resposta é mais complexa do que eu estava à espera. — Isso até é fixe; estou a perceber. — Sorrio, a minha mente está a pairar devido ao álcool.

— Não sei se as pessoas vão perceber completamente o seu simbolismo. Tu és a única pessoa que até agora percebeu.

— Quantas tatuagens queres fazer mais? — pergunto-lhe.

— Não sei, já não tenho espaço nos braços; agora fiz na barriga e vou parar quando não houver mais espaço. — Ri-se.

— Eu devia fazer uma tatuagem — afirmo.

— Tu? — Ri-se com vontade.

— Sim! Porque não? — pergunto numa indignação fingida. Neste exato momento apetece-me mesmo fazer uma tatuagem. Não sei que figura escolher, mas parece divertido. Ousado e divertido.

— Acho que já bebeste de mais — goza, esfregando os dedos na fita adesiva para colar o penso à pele.

— Achas que eu não era capaz? — desafio.

— Não, não é isso. Eu só... Não sei. Não te consigo imaginar com uma tatuagem. O que é que ias escolher? — Tenta não se rir.

— Não sei... tipo um Sol? Ou uma cara sorridente?

— Uma cara sorridente? Isso é definitivamente a vodca a falar.

— Provavelmente. — Dou uma risadinha. E depois paro de rir e afirmo: — Pensava que estavas chateado comigo.

Deixa de sorrir e pergunta, em voz baixa, com uma expressão neutra: — Porque é que pensas isso?

— Porque estiveste a evitar-me até o Tristan insistir para jogares «cerveja-pongue».

Suspira fundo. — Ah... não te estava a evitar, Tessa. Só não quero causar problemas.

— Com quem? Com o Hardin? — pergunto-lhe apesar de já saber a resposta.

— Sim. Ele deixou bem claro que tenho de me afastar de ti e eu não quero voltar a andar à pancada com ele. Não quero criar mais problemas entre vocês ou contigo. Eu só... esquece.

— Ele está melhor, já controla melhor a raiva — digo-lhe, um pouco atrapalhada. Eu não sei se isso é mesmo verdade, mas pelo menos gostava de pensar que ele não vai matar o Trevor.

Fita-me, cheio de dúvidas. — Ah, *sim*?

— Sim, é verdade. Acho...

— Mas onde é que ele está? Fiquei admirado por ele te ter largado de vista.

— Não faço a *mínima* ideia — respondo e olho em redor, como se isso ajudasse. — Ele foi ter com o Logan e não o vejo desde esse momento.

O Zed abana a cabeça e coça a barriga. — Estranho.

— Sim, é estranho. — Rio-me; a vodca parece tornar tudo muito mais divertido.

— A Steph ficou mesmo feliz por teres vindo — diz ele enquanto leva um cigarro à boca. Com um toque de polegar, o isqueiro ganha vida e em instantes o cheiro a nicotina invade o espaço em meu redor e entra pelas minhas narinas.

— Imagino. Tive saudades dela, mas ainda estou chateada com tudo o que aconteceu. — O assunto não me parece tão incómodo como há pouco. Estou a divertir-me imenso, mesmo sem o Hardin ao meu lado. Ri e brinquei com a Steph e pela primeira vez senti que podia pôr tudo para trás das costas e prosseguir com a nossa amizade.

— Foste corajosa em vir — diz-me com um sorriso.

— Estupidez e coragem não são a mesma coisa — brinco.

— Estou a falar a sério. Depois de tudo... não te escondeste. Se calhar é o que eu teria feito.

— Escondi-me durante uns tempos, mas ele encontrou-me.

— Encontro-te sempre. — Assusto-me com a voz do Hardin e agarro-me ao blusão do Zed para não cair do muro de pedra.

58

HARDIN

É bem verdade. Eu encontro-a sempre. Em geral, encontro-a a fazer coisas que me deixam completamente lixado, tal como sair com os filhos da mãe do Trevor ou do Zed.

Custa-me a acreditar que encontrei a Tess e o Zed sentados num muro e que a apanhei a dizer que se escondeu de mim. Que grande *merda*. Atravesso o relvado gelado e ela agarra-se ao Zed para se equilibrar.

— Hardin — diz a Tessa, apanhada de surpresa.

— Sim, sou o Hardin — respondo.

O Zed afasta-se logo dela e eu tento manter-me calmo. Mas por que raio é que ela está cá fora sozinha com o Zed? Disse-lhe especificamente para ficar dentro de casa, na cozinha. Quando perguntei à Steph por onde é que a Tessa andava, ela limitou-se a responder «Zed». Procurei-a durante cinco minutos pela casa toda — principalmente pelos quartos — e, por fim, vim espreitar cá fora. E aqui estão eles. Juntos.

— Devias ter ficado na cozinha — digo, acrescentando «querida» para suavizar o meu tom de voz irritado.

— E tu devias ter voltado mais cedo... *querido*.

Suspiro e inspiro fundo antes de voltar a falar. Ando a combater a impulsividade. Mas ela não ajuda nada. — Vamos para dentro — digo e dou-lhe a mão.

Tenho de a manter afastada do Zed e, na verdade, também tenho de me manter afastado dele. Já lhe dei uma sova uma vez e há qualquer coisa dentro de mim que não se importava de o voltar a fazer.

— Vou fazer uma tatuagem, Hardin — diz-me a Tess quando a ajudo a descer do muro.

— O quê? — *Está bêbeda?*

— Sim... devias ver a nova tatuagem do Zed. É linda. — Sorri. — Mostra-lhe, Zed.

Mas por que porra é que a Tessa esteve a admirar as tatuagens do Zed e o que é que me escapou? Que mais é que eles estiveram a fazer? Que mais é que ele lhe mostrou? Tal como eu, também ele a deseja desde o primeiro dia em que a conheceu. A diferença é que o meu interesse era sexual e o dele era afetivo. Mas fui eu que venci, ela escolheu-me a mim.

— Eu não... — começa o Zed a dizer, visivelmente atrapalhado.

— Não, não. Anda, mostra lá, por favor — peço sarcasticamente.

O Zed expira o fumo e, para meu horror e irritação, levanta a *T-shirt*. Descola o penso e tenho de concordar que a tatuagem é mesmo muito fixe, mas não suporto a sua necessidade de a mostrar à minha Tessa.

A Tessa afirma radiante: — Não é fixe? Também quero uma. Acho que decidimos que vai ser uma cara risonha!

Não deve estar a falar a sério. Mordo o *piercing* do lábio para conter o riso. Olho para o Zed, que abana a cabeça e encolhe os ombros. Parte da minha irritação desvanece-se com o seu propósito absurdo de fazer uma tatuagem. — Estás bêbeda? — pergunto-lhe.

— Se calhar. — Dá umas risadinhas. *Fantástico*.

— Quantos copos bebeste? — pergunto. Eu bebi dois, mas é evidente que ela bebeu mais.

— Não sei... e tu? — troça ela e levanta-me a *T-shirt*. Estremeço com o contacto das suas mãos frias na minha pele quente; em seguida, a Tessa encosta a cara ao meu peito.

Estás a ver, Zed, ela é minha. Não é tua nem de mais ninguém, só minha.

Olho para o Zed e pergunto-lhe: — Quanto é que ela bebeu?

— Não sei quanto é que já tinha bebido antes, mas nós jogámos duas partidas de «cerveja-pongue»... com vodca e licor de cereja.

— Espera aí... «nós»? Vocês os dois estiveram a jogar «cerveja-pongue»? — pergunto entre dentes.

— Nã. «Vodca-licor de cereja-pongue»! — corrige ela com uma gargalhada e levanta a cabeça. — E ganhámos das duas vezes! Fui eu que acertei mais vezes. A Steph e o Tristan até jogaram bem, mas nós vencemo-los. Das duas vezes! — Levanta a mão como que a pedir ao Zed um «dá cá mais cinco», mas ele responde relutantemente, erguendo a mão mas sem tocar na dela.

Esta é a Tessa, sempre a melhor e a mais esperta em tudo o que faz e que agora se mostra tão orgulhosa da sua vitória ao «cerveja-pongue». Amo todas as suas facetas.

— Vodca pura? — pergunto ao Zed.

— Não, um *cocktail* com uma parte de vodca, mas ela bebeu muito.

— E trouxeste-a cá para fora, para o escuro, quando sabias que ela estava com os copos? — digo, levantando a voz.

A Tessa aproxima-se de mim e eu sinto o seu hálito a *cocktail* de vodca. — Hardin, por favor, acalma-te. Fui eu que lhe pedi pa-para vir cá para fora. Ele primeiro recusou porque sabia que ias reagir... *assssim*. — Faz uma expressão zangada e tenta retirar as mãos da minha barriga, mas eu volto a juntá-las à minha pele com ternura. Ponho os braços em redor da sua cintura, puxando-a mais para mim.

Acalma-te? Será que ela me mandou acalmar?

— E não te essssqueças de que, se não me tivesses deixado sozinha, podíamos ter sssido parceiros no jogo de «cerveja-pongue» — acrescenta, enrolando as palavras.

Sei que tem razão, mas está-me a irritar. Porque é que foi logo jogar com o Zed, entre tanta gente? Sei que ele ainda gosta dela. Nada comparado com os sentimentos que nutro por ela, mas o modo como ele a contempla revela bem que não lhe é indiferente.

— Tenho razão ou não? — pergunta-me ela.

— Está bem, Tessa — rosno, tentando calá-la.

— Vou para dentro — diz o Zed, atirando o cigarro para a relva antes de se ir embora.

A Tessa fica a vê-lo afastar-se e depois diz-me: — Estás tão rabugento, talvez fosse melhor voltares a desaparecer. — Tenta afastar-se de mim.

— Não vou a lado nenhum — respondo, fingindo não perceber a sua crítica acerca da minha ausência.

— Então para de ser rabugento... porque esta noite está a ser muito divertida.

Ergue o olhar, fitando-me. Os seus olhos, delineados a preto, brilham ainda mais do que o habitual.

— Estavas à espera de que eu ficasse feliz por te encontrar sozinha com aquele filho da mãe?

— Preferias que eu estivesse cá fora com outra pessoa? — Torna-se muito impaciente quando está bêbeda.

— Não, a questão não é essa — respondo.

— Não há questão nenhuma. Não fiz nada de mal, por isso para de me chatear ou então não quero estar ao pé de ti — ameaça.

— Tudo bem, vou parar de implicar. — Faço uma expressão zangada.

— E tiras também essa cara carrancuda — adverte e eu retiro os braços da sua cintura.

— Tudo bem, sem cara carrancuda. — Sorrio.

— Assim está bem. — Tenta conter um sorriso.

— Hoje estás muito mandona.

— A vodca torna-me corajosa.

Desce as mãos pela minha barriga. — Então, queres fazer uma tatuagem? — pergunto, tentando deter as suas mãos, mas sem sucesso.

— Sim, umas cinco, talvez. — Encolhe os ombros. — Não sei.

— Não vais fazer nenhuma tatuagem. — Rio-me, mas estou preocupado.

— Porque não? — Brinca com o cós dos meus *boxers*.

— Falamos nisso amanhã, quando estiveres sóbria. — Sei que, quando lhe passar a bebedeira, vai esquecer esta ideia. — Vamos para dentro.

Enfia a mão dentro dos *boxers* e põe-se em bicos de pés. Espero um beijo na cara, mas ela surpreende-me ao tocar com os lábios na minha orelha. Estremeço e suspiro quando ela me aperta suavemente na sua mão.

— Acho que devíamos ficar cá fora — murmura. *Porra*.

— A vodca tornou-te mesmo corajosa. — A minha voz está trémula, atraiçoando-me.

— Sim... e torna-me lou... — começa a dizer muito alto. Tapo-lhe a boca quando um pequeno grupo de raparigas bêbedas passa por nós.

— Temos de ir para dentro, está um frio de rachar e acho que não iam gostar que eu te comesse nos arbustos. — Sorrio com malícia e as suas pupilas dilatam.

— Mas eu ia gostar muito — responde quando lhe destapo a boca.

— Meu Deus, Tess, umas bebidas e ficas louca por sexo. — Rio-me, lembrando-me do episódio de Seattle e das palavras obscenas que ela

pronunciou. Tenho de a levar para dentro antes de ceder às suas propostas e de a arrastar para os arbustos.

Pisca-me o olho. — Vou contigo.

Desato a rir. — Vamos lá. — Pego-lhe no braço e arrasto-a pátio fora até entrarmos em casa.

Vê-la amuada e, em particular, vê-la fazer beicinho excita-me ainda mais. Apetece-me mordiscar-lhe o lábio inferior. Estou tão louco como ela e nem sequer estou bêbedo. Talvez um pouco pedrado, mas não bêbedo. Ainda bem que ela não me apanhou no andar de cima; não que eu tivesse fumado erva, mas estava no quarto onde os outros fumaram e eles divertiram-se a soprar o fumo para a minha cara.

Arrasto-a pelo meio da multidão até à cozinha, já que aqui há menos gente. A Tessa apoia os cotovelos na mesa e fita-me. Como é possível continuar tão bonita como no momento em que saímos do apartamento? Por esta altura, todas as outras raparigas estão com um ar horrível — depois da primeira bebida, a maquilhagem começa a borrar, o cabelo a emaranhar-se e ficam com um ar desleixado. Mas a Tessa não. Ao lado delas, a Tessa parece uma deusa. Ao lado de toda a gente.

— Apetece-me outra bebida, Hardin — diz. Recuso, abanando a cabeça, e ela deita-me a língua de fora, como uma criança. — Por favor? Estou tão contente, não sejas mauzinho.

— Está bem, só mais uma, mas para de falar como uma criança de dez anos — troço.

— Com certeza, excelentíssimo senhor. Apresento um pedido de desculpas pela minha linguagem imatura. Um delito que não voltarei a cometer...

— Ou como um velho — digo a rir. — Mas podes continuar a tratar-me por excelentíssimo senhor.

— Porra, bem, então, OK. Vou parar com a merda desta conversa de merda...

Não termina a frase porque desatamos às gargalhadas.

— Hoje estás completamente louca — digo-lhe.

Dá uma risadinha. — Eu sei, estou divertida.

Ainda bem que ela está divertida, mas continuo irritado por ter estado a divertir-se com o Zed e não comigo. Mas não vou dizer nada, para não lhe estragar a noite.

Endireita-se e bebe um trago da bebida. — Vamos procurar a Steph.

— Já fizeram as pazes? — pergunto enquanto a acompanho. Não sei o que pensar disso. Será boa ideia? Acho...

— Acho que sim. Ah, estão ali! — Aponta para o Tristan e para a Steph, que estão sentados num sofá.

Quando atravessamos a sala, uns rapazes sentados no chão viram-se para admirar a Tessa. Ela ignora os seus olhares de desejo, mas eu não. Advirto-os com um olhar e todos desviam a cara, exceto um rapaz louro, ligeiramente parecido com o Noah, que insiste em admirar a Tess quando passamos por ele. Apetece-me esmurrar-lhe a cara. Mas opto por dar a mão à minha namorada, pelo menos por agora.

A Tess olha para as nossas mãos, um pouco perplexa. Qual é a surpresa? Quero dizer... pois, não é muito o meu género andar de mãos dadas, mas faço-o em determinadas ocasiões, não é?

— Ah, cá estão eles! — exclama a Steph quando nos aproximamos.

A Molly está sentada no chão, ao lado de um rapaz que eu reconheço. Tenho a certeza de que é um aluno do terceiro ano, cujo pai tem propriedades em Vancôver. É um menino rico, filho de um dos contribuintes beneméritos da universidade. Formam um par ridículo, mas estando ela ocupada, sempre me deixa em paz. É uma rapariga muito irritante e a Tessa odeia-a.

— Estávamos lá fora — explico-lhe.

— Que tédio! — diz o Nate, mexendo a cerveja com o dedo.

Sento-me a um canto do sofá com a Tessa ao meu colo. Percebo que nos observam, mas estou a borrifar-me. É melhor que ninguém se atreva a fazer comentários. Passados uns instantes, deixamos de ser o centro das atenções e apenas a Steph continua a olhar para nós, acabando por sorrir. Não retribuo o sorriso, mas não faço cara feia, o que já é um progresso, não é?

— E que tal jogarmos ao «verdade ou consequência»? — sugere uma voz que eu demoro a reconhecer.

Mas o que é isto? Fito a Tessa, que continua sentada ao meu colo.

— Claro, como se tu quisesses jogar — troça a Molly, virando-se para a Tess.

— O que é que te deu? Detestas estes jogos — sussurro.

Faz um sorriso malicioso. — Não sei. Acho que hoje pode ser

divertido.

Observo-a a fitar a Molly e prefiro não tentar saber o que se está a passar na linda cabeça da Tessa.

59

HARDIN

No momento em que sussurro à Tessa — Não sei se será uma boa ideia —, ela volta-se para mim e põe o indicador nos meus lábios, para me silenciar.

A Molly ataca com um falso sorriso. — Qual é o problema, Hardin, estás com medo de uma pequena consequência... ou é a verdade que te assusta?

Que cabra. Vou para responder quando a Tessa se antecipa com um grunhido: — Tu é que devias estar com medo.

A Molly ergue uma sobrancelha. — A sério?

— Então... então... acalmem-se lá, vocês as duas — diz o Nate.

Agrada-me ver a Tessa a pôr a Molly no seu lugar, mas tenho medo da sua reação. A Tessa é muito mais frágil e sensível do que a Molly e esta pode dizer qualquer coisa que magoe a minha namorada.

— Quem começa? — pergunta o Tristan.

A Tessa levanta logo a mão. — Eu.

Oh, meu Deus, acho que isto vai ser desastroso.

— Acho que é melhor ser eu a primeira — intervém a Steph.

A Tessa suspira mas fica quieta e em silêncio, levando o copo à boca. Os seus lábios estão vermelhos, tingidos com o licor de cereja, e eu perco-me por uns momentos a imaginá-los à minha volta...

— Hardin, «verdade ou consequência»? — A Steph interrompe os meus pensamentos obscenos.

— Não estou a jogar — digo e tento regressar à fantasia anterior.

— Porquê? — pergunta.

Com o feitiço quebrado, fito-a e resmungo: — Primeiro, porque não quero. Segundo, porque já me fartei de jogar jogos idiotas.

— Isso é verdade — murmura a Molly.

— Não foi isso que ele quis dizer, cala-te lá — defende-me o Tristan.

Porque é que eu fui para a cama com a Molly? Ela é muito boa e a sua boca proporcionou-me grandes prazeres, mas é tão insuportável.

Fico agoniado só de pensar nela a tocar-me e faço um gesto para a Steph continuar com o jogo, para que eu possa pensar noutras coisas.

— OK, Nate. «Verdade ou consequência»? — pergunta.

— «Consequência» — responde ele.

— Hum... — A Steph aponta para uma rapariga alta com batom vermelho brilhante. — Ordeno que vás beijar aquela loura de camisa azul.

Ele olha e lamenta-se: — Posso beijar antes a amiga?

Olhamos para a rapariga que está ao lado da loura, com cabelo comprido encaracolado e pele mais escura. É muito mais gira do que a loura e, para bem do Nate, espero que a Steph permita a troca. Mas ela ri-se e ordena com firmeza: — Nã. A loura.

— És maldosa — resmunga ele e todos nos rimos enquanto ele vai ter com a rapariga.

Quando o Nate regressa com vestígios de batom vermelho à volta dos lábios, percebo a razão por que a Tessa despreza estes jogos. Têm como único objetivo obrigar uma pessoa a fazer coisas estúpidas. Nunca tinha pensado nisso, mas também nunca quis beijar apenas uma pessoa. Agora, só quero beijar a Tessa.

Quando o Nate obriga o Tristan a beber cerveja num copo que estava a ser usado como cinzeiro, abstraio-me. Enrolo uma madeixa de cabelo da Tessa nos dedos e rodo-a lentamente. Ela tapa a cara com as mãos ao ver o Tristan engasgar-se e a Steph dá gritinhos histéricos.

Após algumas «consequências» idiotas, chega a vez da Tessa. — «Consequência» — responde ao Ed, com coragem.

Fito-o para o avisar de que, se ele escolher uma «consequência» inapropriada, salto por cima da mesa e estrangulo-o. Ele é simpático e tranquilo e não imagino que se exceda, mas, pelo sim, pelo não, acho melhor avisá-lo. — Ordeno-te que bebas um *shot* — diz ele.

— Choninhas — insulta-o a Molly com uma voz esganiçada.

A Tessa ignora-a e bebe o *shot*. Já está muito bêbeda — se continua a beber, vai sentir-se mal.

— Molly, «verdade ou consequência»? — pergunta a Tessa com uma voz muito suave. O ambiente está tenso e a Steph fita-me à espera do que vai acontecer.

A Molly olha fixamente para a Tessa, surpreendida com a sua jogada

audaz. — «Verdade ou consequência»? — repete a Tess.

— «Verdade» — responde a Molly.

— É verdade... — começa a Tessa e inclina-se para a frente — que és uma puta?

Só se ouvem gritinhos de exclamação e risadinhas. Escondo a cara atrás das costas da Tessa para amortecer as minhas gargalhadas. Meu Deus, esta rapariga fica louca quando se embebeda.

— *Desculpa?* — replica a Molly, boquiaberta.

— Ouviste o que eu disse... é verdade que és uma puta?

— Não — responde a Molly, os olhos duas fendas estreitas.

O Nate não para de rir, a Steph está com um ar divertido mas preocupado e a Tessa está com ar de quem se prepara para se atirar à Molly.

— Há uma razão para o jogo se chamar «verdade» — instiga-a a Tessa. Dou-lhe um pequeno beliscão na perna e sussurro-lhe para parar com aquilo. Não quero que a Molly a magoe para eu não ser obrigado a magoar a Molly.

— É a minha vez — diz a Molly.

— Tessa, «verdade ou consequência»? — pergunta. Lá vamos nós.

— «Consequência». — A Tessa sorri sadicamente.

A Molly finge-se surpreendida e depois diz num tom de gozo: — Ordeno-te que beijes o Zed.

Olho bem de frente para a horrível cara da Molly. — Nem pensar, porra — respondo bem alto.

— E porque não? — A Molly faz um sorriso cínico. — É um território familiar... não é a primeira vez que o faz.

Endireito-me, estreitando a Tessa contra mim. — Isso não vai acontecer — rosno para aquela ordinária. Estou-me a borrifar para aquele jogo idiota, a Tessa não vai beijar ninguém.

O Zed olha para a parede e, quando a Molly o encara, percebe que ele não a apoia. — Tudo bem, então fica «verdade» — diz. — É verdade que tu és uma imbecil por teres voltado para o Hardin depois de ele *ter admitido* que te comeu para ganhar uma aposta? — pergunta com uma voz doce.

O corpo da Tessa fica tenso. — Não, não é verdade — responde num fio de voz.

A Molly levanta-se. — Não, não, isto é o jogo da «*verdade* ou consequência» e não o jogo das «fantasias imaturas» em que queremos acreditar. Trata-se da *verdade* e tu não passas de uma imbecil. Acreditas em tudo o que sai da boca dele. Nem te critico, porque sei as coisas fantásticas que aquela boca sabe fazer. Porra, aquela língua...

Antes de a poder deter, a Tessa salta do meu colo e atira-se à Molly. Embatem uma na outra e a Tessa empurra-a pelos ombros e abana-os até que as duas caem em cima do Ed. Por sorte, um rapaz que ali estava amortece a queda da Molly. Por azar, a Tessa larga os ombros da Molly e agarra-a pelos cabelos.

— És uma cabra! — grita a Tessa, mantendo-se agarrada aos cabelos brilhantes da Molly. Levanta-lhe a cabeça e bate com ela no chão. A Molly grita e pontapeia-a. Mas a Tessa está numa posição vantajosa porque está por cima e a outra não consegue controlar a situação. As unhas da Molly cravam-se nos braços da minha namorada, mas esta agarra-a pelos pulsos e retira-lhe as mãos, esbofeteando-a em seguida.

Que grande merda. Salto do sofá e separo-as, içando a Tessa pela cintura com um braço. Nunca jamais, em toda a minha vida, me passaria pela cabeça que um dia ia ver a Tessa à luta com alguém e muito menos com a Molly, que é uma fala-barato mas não é de brigas.

A Tessa debate-se nos meus braços durante uns momentos antes de se acalmar um pouco, e consigo arrastá-la para fora da sala. Componho-lhe o vestido, para me assegurar de que não está subido; só faltava agora também ter de bater em alguém. As poucas pessoas que se encontram na cozinha estão a comentar a luta que ocorreu na sala.

— Eu mato-a, Hardin! Juro! — grita, libertando-se de mim.

— Eu sei... eu sei que sim — digo, mas não a estou a levar a sério, mesmo depois de testemunhar a sua violência.

— Para com esse sorrisinho trocista — sopra, sem fôlego. Está com os olhos brilhantes e arregalados e com as bochechas vermelhas de raiva.

— Não estou a troçar. Estou admirado com o que aconteceu. — Mordo o lábio inferior.

— Odeio-a profundamente! *Quem é que ela pensa que é?* — grita e olha para todos os que estão na cozinha, sendo óbvio que pretende que a Molly a ouça na sala.

— OK, Ortiz... vou-te arranjar um copo de água — digo.

— Ortiz? — pergunta.

— É um lutador da UFC.

— UFC?

— Esquece. — Rio-me e encho um copo de água. Dou uma olhadela pela sala para me assegurar de que a Molly não está presente.

— Sinto a adrenalina a correr pelo corpo — diz-me a Tessa.

O melhor de uma luta é a subida da adrenalina. É viciante. — Já alguma vez tinhas andado à luta? — pergunto, embora já saiba a resposta.

— Não, claro que não.

— Então porque é que o fizeste agora? O que é que interessa o que a Molly pensa de nós?

— Não foi isso. Não foi isso que me pôs fora de mim.

— Então o que é que foi?

Devolve-me o copo de água vazio e eu volto a enchê-lo. — Foi ela dizer que... sobre tu e ela — admite, com a cara distorcida pela raiva.

— Ah.

— Pois. Devia ter-lhe dado um murro — sopra.

— Sim, mas acho que derrubá-la e bateres com a cabeça dela no chão já foi mais do que suficiente, Ortiz.

Ela sorri e dá umas risadinhas. — Nem acredito no que fiz. — Volta a dar umas risadinhas.

— Estás tão bêbeda. — Rio-me.

— Pois estou! — concorda em voz muito alta. — Suficientemente bêbeda para bater com a cabeça da Molly no chão — diz.

— Acho que todos gostaram do espetáculo — digo-lhe, pondo-lhe o braço à volta da cintura.

— Espero que ninguém se tenha chateado comigo por ter provocado esta cena. — Eis a minha Tessa. A cair de bêbeda mas mesmo assim a tentar agradar a toda a gente.

— Ninguém se chateou, querida. No máximo, estão-te agradecidos. Os putos da república pelam-se por tretas como esta — asseguro-lhe.

— Meu Deus, espero que tenhas razão — diz e parece momentaneamente horrorizada.

— Não te preocupes com isso. Queres ir procurar a Steph? —

pergunto para mudar de assunto.

— Ou podíamos ir fazer outra coisa... — propõe, enfiando os dedos no cós das minhas calças.

— Estás proibida de beber vodca quando eu não estiver presente — digo-lhe, meio a brincar, meio a sério.

— Claro... agora vamos lá para cima. — Estica-se e dá-me um beijo no queixo.

— És uma coisinha mandona, não és? — Sorrio.

— Não podes ser só tu o mandão. — Dá uma gargalhada e puxa-me para baixo pelo colarinho para ficar à altura dela. — Pelo menos, deixa-me fazer-te qualquer coisa boa — ronrona e mordisca-me a orelha.

— Acabaste de andar à luta, a tua primeira luta, e ainda és capaz de pensar nisso?

Abana a cabeça e depois sussurra-me devagar ao ouvido, fazendo com que as calças me apertem: — Tu sabes que queres, Hardin.

— Está bem... merda... está bem — desisto.

— Vês como foi fácil.

Agarro-lhe no pulso e conduzo-a até ao andar de cima.

— O teu antigo quarto já foi ocupado? — pergunta, no cimo das escadas.

— Sim, mas há imensos quartos livres — esclareço e abro a porta de um deles. As duas camas de solteiro estão cobertas por edredões pretos e há sapatos no armário. Não sei a quem pertence este quarto, mas neste momento é nosso.

Tranco a porta e aproximo-me da Tessa. — Abre-me o fecho — ordena-me.

— Estou a ver que não perdes tempo...

— Cala-te e abre o fecho — resmunga.

Abano a cabeça divertido e ela vira-se de costas e levanta o cabelo. Os meus lábios percorrem o seu pescoço enquanto abro o fecho. Fica com pele de galinha e eu percorro a sua coluna com o dedo indicador. Estremece ligeiramente e vira-se para mim, deixando escorregar as mangas do vestido, que cai a seus pés, revelando o sutiã e as cuecas de renda rosa-intenso de que eu tanto gosto. Ela sabe que eu gosto e demonstra-o com um sorriso.

— Não tires os sapatos — suplico.

Concorda sorridente e baixa o olhar. — Primeiro, vou-te fazer uma coisa. — Num movimento rápido, tenta despir-me as calças, irritando-se ao ver que elas não descem. Desabotoa a braguilha e puxa as calças para baixo. Recuo para a cama, mas ela detém-me.

— Não, ei. Sabe-se lá o que é que andaram a fazer nessa cama. — Faz uma expressão enjoada. — Chão — ordena.

— De certeza que o chão está muito mais sujo do que a cama — afirmo. — Espera, deixa-me pôr a *T-shirt* por baixo. — Dispo a *T-shirt*, estendo-a no chão e sento-me em cima dela. A Tessa senta-se no meu colo. Mordisca-me a pele do pescoço e movimenta as ancas contra o meu corpo.

— Tess... — Suspiro. — Se não paras, vou-me vir antes de ti.

Afasta os lábios do meu pescoço. — O que é que queres que te faça, Hardin? Queres comer-me ou queres que te faça um br...

Corto-lhe o discurso com um beijo. Não vou perder tempo com preliminares. Desejo-a, preciso dela, agora. Em poucos segundos, as suas cuecas estão caídas no chão e eu tiro um preservativo das calças. Tenho de insistir para que ela tome a pílula — estou farto do preservativo. Quero senti-la completamente.

— Hardin... despacha-te — suplica e estende-se apoiada nos cotovelos, com o seu cabelo comprido a cair no chão atrás dela.

Gatinho até ela, com os joelhos afasto-lhe as pernas e introduzo-me nela. Ela perde o equilíbrio e deixa cair o corpo no chão, agarrando-se aos meus braços para se levantar.

— Não, quero ser eu — diz, empurrando-me para o chão e sentando-se em cima de mim. Geme ao descer sobre mim, um gemido delicioso. As suas ancas movem-se lentamente, aos círculos, para cima e para baixo, torturando-me. Tapa a boca com a mão e fica com um olhar esgazeado. Crava as unhas na minha barriga, quase me fazendo vir. Levanto-lhe o rabo com o braço e mudo a posição. Já controlou o suficiente... não aguento isso.

— O que... — começa a dizer.

— Sou eu que comando... eu é que controlo. Não te esqueças disso, querida — grunho e possuo-a impetuosamente, movendo-me para dentro e para fora a um ritmo muito mais rápido do que o dela quando me torturou.

Ela assente fervorosamente e volta a tapar a boca.

— Quando... chegarmos a casa... como-te outra vez e não vais tapar a boca... — ameaço, erguendo-lhe a perna até ao meu ombro. — Todos te vão poder ouvir. Ouvir o que te estou a fazer, o que só eu te sei fazer.

Geme de novo e beijo-lhe a barriga da perna, quando ela fica mais rígida. Estou perto... muito perto e enterro a cabeça no seu pescoço enquanto me venho no preservativo. Descanso a cabeça no seu peito até normalizar a respiração.

— Foi... — suspira.

— Melhor do que atacar a Molly? — Rio-me.

— Não sei... talvez um pouco mais — goza e levanta-se para se vestir.

60

TESSA

O Hardin ajuda-me a correr o fecho do vestido e eu penteio o cabelo com os dedos enquanto ele abotoa as calças. — Que horas são? — pergunto quando ele se calça.

— Faltam dois minutos para a meia-noite — responde ao olhar para o despertador que se encontra em cima da pequena secretária.

— Ah... bom, temos de nos despachar e ir lá para baixo — digo-lhe. Ainda me sinto embriagada, mas agora estou mais tranquila, graças ao Hardin. Bêbeda ou não, acho inacreditável a cena que se passou com a Molly.

— Vamos lá. — Dá-me a mão e, quando chegamos ao andar de baixo, começam todos a contar em uníssono.

— Dez... nove... oito...

O Hardin revira os olhos.

— Sete... seis...

— Que estupidez — resmunga o Hardin.

— Cinco... quatro... três — conto. — Conta comigo — acrescento.

Esforça-se por não sorrir, mas é mais forte do que ele. — Dois... um... — Dou-lhe um piparote na cara.

— *Feliz Ano Novo!* — grita toda a gente, incluindo eu.

— Viva o Ano Novo — diz o Hardin numa voz monocórdica e eu rio-me quando ele junta os seus lábios aos meus. Receava que ele não me beijasse em frente a todos, mas os meus medos não se concretizaram. Desço as mãos até à sua cintura e ele detém-nas. Afasta-se com os seus olhos cor de esmeralda a brilhar. É lindo. — Ainda não estás esgotada? — troça e eu abano a cabeça.

— Não te convenças. Isto não são avanços. — Sorrio. — Tenho de ir fazer chichi.

— Queres que vá contigo?

— Não. Fica aqui — digo, dando-lhe um beijinho antes de ir à casa de banho. Devia ter-lhe dito para vir comigo. É muito mais complicado do

que quando estou sóbria. A noite de hoje tem sido muito divertida, mesmo com o episódio da Molly. Fiquei surpreendida com a atitude tranquila do Hardin, até mesmo em relação ao Zed, e ele tem estado de bom humor durante toda a noite. Lavo as mãos e atravesso o corredor para ir ter com o Hardin.

— Hardin! — chama uma voz feminina.

Olho e vejo um rosto familiar: a rapariga de cabelo preto que chocou comigo há umas horas. E ela aproxima-se do Hardin. Como sou curiosa, fico à espreita, a alguma distância.

— Tenho o teu telemóvel, deixaste-o no quarto do Logan. — Sorri e tira o telemóvel do Hardin da carteira.

O quê? Não é nada de grave, de certeza. Estiveram no quarto do Logan, o que significa que não devem ter estado sozinhos. Confio nele.

— Obrigado. — Ele guarda o telemóvel e ela afasta-se. Ainda bem. — Ei! — chama-a ele. — Queria-te pedir para não contares a ninguém que estivemos juntos no quarto do Logan, OK? — pede.

— Não sou do tipo «beijar e contar». — Sorri e vai-se embora.

O corredor começa a andar à volta. Sinto um aperto no peito e caminho rapidamente para as escadas. O Hardin repara em mim e fica pálido, ao perceber que foi apanhado.

61

HARDIN

Reparo num tom dourado a brilhar a poucos metros de distância. Vislumbro a Tessa atrás da Jamie, com os olhos muito abertos e o lábio inferior a tremer. Num instante, passa de animal paralisado pelos faróis de um carro a namorada furiosa e desce as escadas *a toda a velocidade*.

O quê? — Tessa! Espera! — grito. No estado de embriaguez em que está, parece que está a voar escadas abaixo. Porque é que ela está sempre a fugir de mim? — Tess! — grito outra vez, afastando as pessoas do meu caminho.

Por fim, quando a apanho, já à porta da rua, o seu comportamento choca-me. Aquele louro parvalhão que anteriormente a olhou com desejo assobia à sua passagem. Fico gelado, ao ver que ela para. E, com um enorme sorriso, agarra a *T-shirt* do rapaz.

Mas o que é que ela está a fazer? Será que vai...

Ela responde às minhas dúvidas: olha para mim e em seguida beija-o na boca. Fecho os olhos, tentando acreditar que tudo não passa de uma ilusão. Isto não está a acontecer. Ela não faria isto, a Tessa não, por mais chateada que estivesse.

Apanhado de surpresa com esta demonstração de afeto, o rapaz recompõe-se e abraça-a. Ela abre a boca e afunda os dedos no seu cabelo. Não percebo o que está a acontecer.

— *Hardin! Para!* — grita ela.

Para?! Reabro os olhos e descubro que estou em cima do louro e que este está com o lábio a sangrar. Será que lhe bati?

— Por favor, Hardin! — grita ela de novo.

Saio imediatamente de cima dele, antes de uma multidão nos rodear.

— Que merda é esta? — resmunga o tipo.

Apetece-me partir-lhe a cara, mas ando a tentar controlar os impulsos. Ela tinha logo que agir deste modo e deitar por terra todo o esforço que até aqui realizei. Avanço para a saída, sem me dar ao trabalho de ver se

ela me segue.

— Porque é que lhe bateste? — pergunta-me ela atrás de mim, no momento em que chego ao carro.

— Porque é que *achas*, Tessa? Se calhar porque te vi a curtir com ele! — grito. Já não me lembrava desta sensação, da adrenalina a subir e do familiar ardor nos nós dos dedos. Só lhe bati uma vez... Acho que pelo menos... já foi um progresso. Mas quero progredir ainda mais.

Ela começa a chorar. — O que é que te interessa? Beijaste aquela rapariga! Se calhar até foi mais do que beijos! Como é que foste capaz?

— Não! Para com esse choro, Tessa. Acabaste de beijar uma pessoa mesmo à minha frente! — Bato com as mãos no capô do carro.

— E tu fizeste pior! Ouvi-te pedir àquela rapariga para não contar o que se passou no quarto do Logan!

— Não sabes do que falas. Eu não beijei ninguém!

— Não é verdade! Ela disse que não era do tipo «beijar e contar»! — grita, agitando as mãos no ar como uma idiota.

Porra, ela é exasperante.

— É uma maneira de falar, Tessa. Só significava que não ia contar a nossa conversa a ninguém... ou que estivemos a fumar erva! — grito.

Ela dá um gritinho de surpresa. — Estiveste a fumar erva?

— Não, até nem estive, mas o que é que interessa? Acabaste de me trair! — Puxo os cabelos.

— Porque é que te foste embora de ao pé de mim para estar com ela e lhe disseste para guardar segredo? Não faz nenhum...

— Ela é a irmã do Dan! Pedi-lhe para guardar segredo porque fui pedir desculpa em privado pelo que lhe fiz. Ia contar-te amanhã, quando não estivesses tão beligerante! Estivemos todos juntos no quarto, eu, ela, o Logan e o Nate. Estiveram a fumar um charro e, quando iam a sair, eu pedi-lhe para ficar porque queria ter uma atitude correta com ela, por tua causa. — Os meus olhos fulminam-na de raiva quando afirmo: — Eu nunca te trairia; devias saber isso!

E, com isto, a Tessa acalma-se. Está sem palavras. Agiu mal e eu estou *furioso*.

— Bem... — começa ela a dizer.

— Bem *o quê*? Foste tu que agiste mal e não eu. Não deste oportunidade de me explicar. Em lugar disso, tiveste uma reação infantil.

Como uma criancinha impulsiva! — grito, voltando a bater no capô. Ela dá um salto, assustada com o barulho, mas é-me indiferente.

Eu devia voltar lá para dentro, procurar o gajo louro e acabar o trabalho. Bater no carro não me satisfaz tanto.

— Não sou nenhuma criança! Pensei que se tinha passado alguma coisa entre os dois! — grita, em lágrimas.

— Pois bem, não se passou! Depois de todo o esforço que fiz para que ficasses comigo, achas que te ia trair com uma miúda qualquer, numa festa... ou com quem quer que fosse?

— Não sabia o que pensar. — Levanta de novo os braços. Passo os dedos pelo cabelo, para me acalmar.

— Olha, é contigo. Não sei que mais fazer para te provar que te amo. — Ela beijou outra pessoa, beijou um gajo à minha frente. É mais doloroso do que quando me deixou; pelo menos, nessa altura, a culpa foi minha.

O seu hálito quente ganha forma ao contactar com o ar frio. — Olha, se não tivesses o costume de guardar segredos, eu não ia tirar conclusões erradas! — grita.

Fito-a. — És inacreditável. Nem sequer consigo olhar para ti. — A imagem dela a beijá-lo não me sai da cabeça.

— Desculpa por o ter beijado. — Suspira. — Também não foi assim tão grave.

— Deves estar a brincar, não estás? Por favor, diz-me que sim, porque, se fosse ao contrário, o mais provável era não voltares a dirigir-me a palavra! Mas como foi a princesa Tessa, não há problema! Não fez mal! — troço.

Cruza os braços, indignada com a injustiça. — Princesa Tessa? Por favor, Hardin...

— Por favor, não! Traíste-me mesmo à minha frente! Trouxe-te cá para que soubesses o quanto significas para mim. Queria que soubesses que não me interessa o que possam pensar de nós. Queria que passasses uma noite fantástica e tu vais e fazes isto!

— Hardin... Eu...

— Não! Para mim chega. — Pego nas chaves. — Comportas-te como se não tivesse acontecido nada de grave. Isto é muito complicado para mim. Ver outro homem a beijar-te... é... nem sei explicar como isto me

põe doente.

— Eu disse...

Passo-me. Sei que estou com um aspeto selvagem e assustador, mas não o consigo evitar. — Não me interrompas, por uma vez na vida! — grito. — Sabes que mais... tudo bem. Podes voltar para lá e pedir uma boleia ao teu novo namorado. — Dou meia-volta e abro a porta do carro. — Ele é muito parecido com o Noah e se calhar tens saudades dele.

— O quê? O que é que o Noah tem a ver com isto? E é evidente que eu não tenho um tipo de homem — rosna e gesticula na minha direção. — Embora talvez devesse ter.

— Porra para isto — exclamo e entro no carro, ponho-o a trabalhar e deixo-a na rua, ao frio. Quando paro num sinal *stop*, dou murros no volante, vezes sem conta.

Se ao fim de uma hora ela não me tiver telefonado, sei que se foi embora com outro.

62

TESSA

Dez minutos depois continuo parada no passeio. Tenho as pernas e os braços dormentes e estou a tiritar de frio. O Hardin vai voltar a qualquer momento, não é possível que me abandone na rua, sozinha. Embriagada e sozinha.

Decido telefonar-lhe, mas lembro-me de que ele ficou com o meu telemóvel. *Fantástico*.

Em que é que eu estava a pensar? Não estava a pensar, o problema é esse. A nossa relação estava a ir tão bem e eu nem tentei dar-lhe o benefício da dúvida. Em vez disso, beijei outro rapaz. A recordação faz-me ter vontade de vomitar no passeio.

Porque é que ele ainda não voltou?

Tenho de ir para dentro. Está demasiado frio na rua e preciso de outra bebida. O estado de dormência alcoólica está a começar a passar e eu não estou preparada para encarar a realidade. Entro e vou à cozinha para encher um copo. É por esta razão que eu não devia beber — a embriaguez retira-me a capacidade de discernimento. Precipitei-me a tirar conclusões negativas e foi um enorme erro.

— Tessa? — chama-me o Zed.

— Olá — digo num lamento e levanto a cabeça da bancada fria, virando-me para ele.

— Hum... o que é que estás a fazer? — Dá uma pequena gargalhada. — Estás bem?

— Sim... estou bem — minto.

— Onde é que está o Hardin?

— Foi-se embora.

— Foi-se embora? Sem ti?

— Pois. — Bebo um trago.

— Porquê?

— Porque eu sou uma idiota — respondo sinceramente.

— Duvido. — Ele sorri.

— Não, a sério, desta vez fui.

— Queres falar sobre isso?

— Não, não me apetece. — Suspiro.

— Está bem... bom, deixo-te sozinha — diz e começa a afastar-se. Mas depois dá meia-volta. — Não é suposto ser tão complicado, sabias?

— O quê? — pergunto-lhe e sigo-o, sentando-me numa mesa de jogo, na cozinha.

— O amor, as relações entre as pessoas, tudo isso. Não é preciso ser tão penoso.

— Não é preciso? Não é sempre assim? — Não tenho termo de comparação para além do Noah. Nós nunca tivemos conflitos, mas acho que não o amava. Não como amo o Hardin. Deito a bebida para o lava-loiça e pego num copo, que encho com água.

— Acho que não. Não conheço ninguém com conflitos como os vossos.

— É porque somos muito diferentes um do outro, é só isso.

— Pois, deve ser por isso. — Sorri.

Olho para o relógio e vejo que já passou uma hora desde que o Hardin me deixou aqui. Se calhar, não vai voltar. — Perdoavas a alguém que tivesse beijado outra pessoa? — pergunto por fim ao Zed.

— Acho que depende das circunstâncias.

— E se o tivesse feito mesmo à tua frente?

— Que raio, nem pensar. É imperdoável — responde, com uma expressão de repugnância.

— Ah.

O Zed inclina-se para mim, compreensivamente. — Ele fez isso?

— Não. — Fito-o de olhos muito abertos. — *Eu* é que fiz.

— *Tu?* — O Zed está claramente surpreendido.

— Sim... eu disse-te que sou uma idiota.

— Pois, custa-me dizê-lo, mas és mesmo.

— Pois — concordo.

— Como é que vais para casa? — pergunta.

— Bom, pensei que ele acabasse por me vir buscar, mas é óbvio que não vem. — Mordo o lábio.

— Posso levar-te, se quiseres — diz. Mas quando olho em redor, sem saber se devo aceitar, ele acrescenta: — Ou a Steph e o Tristan, que

devem estar lá em cima...

Encaro-o imediatamente. — Olha, será que me podes levar agora? — Não quero piorar a situação, mas começo a ficar sóbria, felizmente, e só quero ir para casa e tentar falar com o Hardin.

— Sim, vamos lá — diz o Zed e eu bebo o resto da água antes de acompanhá-lo até ao carro.

A dez minutos de distância do apartamento, começo a entrar em pânico, sem saber qual vai ser a reação do Hardin ao perceber que o Zed me levou a casa. Esforço-me por ficar mais sóbria, mas não consigo. Estou menos embriagada do que estava há uma hora, mas continuo bêbeda.

— Posso ligar-lhe do teu telemóvel? — pergunto ao Zed.

Tira uma mão do volante e procura o telemóvel no bolso. — Está aqui... merda, está sem carga — diz e pressiona o botão para ligar, obtendo apenas a informação «sem bateria».

— Obrigada na mesma. — Encolho os ombros. Talvez não fosse uma grande ideia ligar ao Hardin do telemóvel do Zed. Preferível a beijar um rapaz qualquer à sua frente, mas, mesmo assim, não seria uma boa ideia. — E se ele não estiver em casa? — digo.

O Zed olha para mim com uma expressão de dúvida. — Tens uma chave, não tens?

— Não trouxe a minha... achei que não era necessário.

— Ah... bem... ele está lá, de certeza — afirma o Zed, mas está um pouco nervoso.

Se o Hardin me encontrasse em casa do Zed, matava-me. Ao chegarmos, ele estaciona e olha em redor à procura do carro do Hardin. Está estacionado no lugar habitual, felizmente. Nem sei o que faria se ele não estivesse aqui.

O Zed insiste em levar-me lá acima. Por mais que pense que isto não vai acabar bem, duvido que seja capaz, neste meu estado intoxicado, de fazer sozinha o caminho até casa.

Maldito seja o Hardin por me ter deixado na festa. Maldita seja eu por ser uma idiota impulsiva. Maldito seja o Zed por ser tão amável e tão corajoso, quando não devia. Maldito seja o estado de Washington por ser tão incrivelmente frio.

No elevador, sinto a cabeça a começar a latejar, ao ritmo do meu coração. Tenho de decidir o que vou dizer ao Hardin. Ele deve estar muito zangado e eu tenho de arranjar uma maneira eficaz de nos conciliarmos, sem ter de recorrer a sexo. Não estou habituada a ser eu a pedir desculpa, já que é sempre ele que provoca os problemas. Não gosto de estar nesta posição. É horrível.

Atravessamos o corredor e tenho a sensação de estarmos a caminhar pela prancha. Só não sei qual de nós — eu ou o Zed — vai cair à água.

Bato à porta e o Zed permanece atrás de mim, a alguma distância, enquanto esperamos que a porta se abra. Foi uma ideia péssima, devia ter ficado na festa. Volto a bater, desta vez com mais força. E se ele não responde? E se ele saiu e levou o meu carro e nem sequer está cá? Não pensei nesta hipótese.

— Se ele não responder, posso ir para tua casa? — Tento conter as lágrimas.

Não me apetece ficar em casa do Zed e chatear ainda mais o Hardin, mas não me lembro de outra alternativa.

E se ele não me perdoar? Não posso viver sem ele. O Zed faz-me uma festinha nas costas para me tranquilizar. Não posso chorar, quando ele abrir a porta tenho de estar calma... se ele abrir.

— Claro que sim — responde o Zed, por fim.

— Hardin! Abre, por favor! — suplico baixinho e encosto a testa à porta. Não me quero pôr aos gritos e provocar uma cena às duas da manhã; os nossos vizinhos já devem estar fartos dos nossos gritos. — Acho que não vai responder. — Suspiro e encosto-me à parede, por uns momentos. Então, por fim, quando nos preparamos para ir embora, a porta abre-se.

— Boa... olhem quem decidiu aparecer — diz o Hardin, saindo para o corredor e olhando para nós. O seu tom de voz provoca-me arrepios. Noto que os seus olhos estão vermelhos e as bochechas coradas. — Zed! Amigo! Que bom que é ver-te! — exclama, arrastando as palavras. Está embriagado.

Fico em estado de choque. — Hardin... estiveste a beber?

Ele fita-me com um ar imponente mas com dificuldades de equilíbrio. — O que é que tens a ver com isso? Tens um *novo* namorado.

— Hardin...

Não sei o que responder. É óbvio que está embriagado. A última vez que o vi neste estado foi na noite em que o Landon me pediu para ir a casa do Ken. É uma situação constrangedora, tendo em conta a história de alcoolismo do pai e o receio da Trish de que o Hardin recomeçasse a beber.

— Obrigada por me teres trazido a casa, acho que agora é melhor ires-te embora — digo de modo educado ao Zed. O Hardin está demasiado bêbedo para estar perto dele.

— Nããããooooo... — exclama o Hardin. — Entra! Vamos beber um copo juntos! — Agarra no braço do Zed e puxa-o pelo corredor.

Sigo-os com protestos. — Não, não é boa ideia. Estás bêbedo.

— Tudo bem — diz-me o Zed, fazendo-me sinal para me afastar. É como se não estivesse consciente das consequências.

O Hardin cambaleia até à mesa de centro, pega numa garrafa que contém uma bebida alcoólica escura e despeja o líquido num copo. — Acalma-te, Tessa!

Só me apetece gritar-lhe por me falar nestes termos, mas estou sem palavras.

— Aqui está. Vou buscar outro para mim. E um também para ti, Tess — balbucia e vai à cozinha.

O Zed senta-se na cadeira e eu no sofá. — Não te vou deixar aqui sozinha com ele. Está muito bêbedo — sussurra. — Pensei que ele não bebia...

— E não bebe... assim. A culpa foi minha. — Escondo a cabeça entre as mãos. Detesto ser responsável pela embriaguez do Hardin. Queria poder ter uma conversa civilizada para lhe pedir desculpa por tudo o que aconteceu.

— Não é nada — assegura-me o Zed.

— Este é... para ti — diz o Hardin em voz muito alta, ao voltar à sala, entregando-me um copo meio cheio com uma bebida alcoólica.

— Não me apetece mais. Esta noite já bebi o suficiente. — Pego no copo e pouso-o em cima da mesa.

— Como queiras, mais fica. — Faz um sorriso malévolo, diferente do sorriso que eu aprendi a adorar. Começo a assustar-me. Sei que o Hardin nunca me agrediria, mas não gosto desta sua faceta. Preferia que ele gritasse ou que esmurrasse as paredes, em vez de estar a cair de

bêbedo numa pose tranquila. Demasiado tranquila.

O Zed ergue o copo e bebe um pouco.

— É como nos velhos tempos, não é? Lembras-te, antes de tu quereres comer a minha namorada — diz o Hardin e o Zed cospe a bebida para dentro do copo.

— Não se trata disso. Deixaste-a lá e eu limitei-me a trazê-la a casa — responde o Zed num tom ameaçador.

O Hardin levanta o copo no ar. — Não me estou a referir a esta noite, sabes bem. Embora não ache nenhuma graça ao facto de a teres trazido a casa. Ela é crescidinha, sabe desembaraçar-se sozinha.

— Ela não devia *precisar* de se desembaraçar — retruca o Zed.

O Hardin bate com o copo em cima da mesa e levanta-se num salto. — Não tens nada a ver com isso! Mas gostavas, não é?

Sinto-me como se estivesse no meio de um tiroteio e quisesse fugir mas o meu corpo não respondesse. Observo, horrorizada, Mr. Darcy a transformar-se em Tom Buchanan...

— Não — responde o Zed.

O Hardin senta-se ao meu lado, mas mantém os seus olhos vítreos focados no Zed. Olho para a garrafa, onde já falta pelo menos um quarto do conteúdo. Espero que o Hardin não tenha bebido tudo isto esta noite, na última hora e meia.

— Sim, gostavas. Não sou estúpido. Tu deseja-la. A Molly contou-me tudo o que andaste para aí a dizer.

— Não te ponhas com coisas, Hardin — rosna o Zed, o que ainda o irrita mais. — O teu grande problema é falares com a Molly.

— «Ah, a Tessa é linda, a Tessa é tão amorosa! A Tessa é boa de mais para o Hardin! A Tessa devia ficar comigo!» — troça o Hardin.

O quê?

O Zed evita olhar para mim. — Cala-te com essa merda, Hardin!

— Ouviste, querida? O Zed pensava que podia ficar contigo. — Ri-se.

— Para com isso — digo e levanto-me do sofá.

O Zed está com um ar humilhado. Não lhe devia ter pedido para me trazer a casa. Será que ele disse mesmo estas coisas acerca de mim? Sempre pensei que ele se comportava assim comigo por se sentir envergonhado com a história da aposta, mas agora já não tenho tanta certeza.

— Olha para ela, aposto que estavas a pensar nisso agora mesmo... não estavas? — goza o Hardin. O Zed fita-o e pousa o copo em cima da mesa. — Ela nunca será tua, puto, por isso desiste. Ela não será de mais ninguém. Eu sou o único que a vai comer. O único que vai saber como é bom possuí-la...

— Para com isso! O que é que se passa contigo?

— Nada. Só estou a explicar como é que as coisas são — responde o Hardin.

— Estás a ser cruel — digo-lhe. — E a desrespeitares-me! — Volto-me para o Zed. — Acho que é melhor ires-te embora. — O Zed observa-nos. — Eu fico bem — asseguro-lhe.

Não sei o que vai acontecer, mas sei que é pior se ele ficar.

— Por favor — peço.

Por fim, o Zed concorda. — Tudo bem. Vou-me embora. Ele tem de resolver esta merda. Têm os dois.

— Ouviste o que ela disse, põe-te na rua. Mas não fiques triste porque ela também não me quer a mim. — O Hardin bebe mais um pouco. — Ela prefere aqueles meninos todos pipis.

Estou cada vez mais angustiada e sei que a noite ainda não acabou. Talvez devesse estar com medo, mas não estou. Bem... um pouco, mas não arredo pé.

— Rua — repete o Hardin, de dedo esticado, e o Zed encaminha-se para a porta.

Depois de o Zed sair, o Hardin tranca a porta e encara-me. — Tiveste sorte por não lhe ter dado um arraial de porrada por te ter trazido a casa. Sabes isso, não sabes?

— Sim — concordo. Não me parece boa ideia discutir com ele.

— Porque é que vieste para cá?

— Porque vivo aqui.

— Não por muito tempo. — Enche o copo.

— O quê? — Fico sem fôlego. — Vais-me pôr na rua?

Já com o copo cheio, ele franze um sobrolho e diz: — Não, se calhar tu é que vais ter vontade de te ires embora.

— Não vou nada.

— Talvez o teu novo amante tenha espaço na casa dele. Vocês os dois formam um casal muito bonito. — O ódio com que fala comigo

relembra-me os primeiros tempos da nossa relação, o que me desagrada.

— Por favor, Hardin, para com isso. Nem sequer o conheço. E estou profundamente arrependida do que fiz.

— Digo o que me apetece, tal como tu fazes as merdas que te apetecem.

— Eu errei e estou *arrependida*, mas isso não te dá o direito de me tratares de um modo tão cruel e de beber assim. Eu estava muito bêbeda e pensei mesmo que se tinha passado alguma coisa entre ti e aquela rapariga, não sabia o que pensar. Desculpa, eu nunca te magoaria propositadamente — digo o mais depressa que consigo, e com toda a ênfase possível, mas ele não me está a ouvir.

— Ainda estás a falar? — resmunga.

Suspiro e mordo o interior da bochecha. *Não chores. Não chores*. — Vou para a cama e podemos falar quando estiveres menos bêbedo.

Não diz nada, nem sequer olha para mim. Descalço-me e vou para o quarto. No momento em que fecho a porta, ouço vidros a estilhaçarem-se. Corro para a sala e vejo a parede toda molhada e vidros espalhados pelo chão. Observo-o, impotente, a agarrar nos outros dois copos e a atirá-los à parede. Bebe mais um trago da garrafa e depois, com toda a sua força, lança-a contra a parede.

63

TESSA

Agarra no candeeiro que está em cima da mesa, arranca o fio da parede e atira-o ao chão. A seguir pega num vaso e estilhaça-o contra a tijoleira. Porque é que o seu primeiro instinto é partir tudo o que está à vista?

— Para com isso! — grito. — Hardin, estás a partir as nossas coisas todas! Por favor, para!

— A culpa é toda tua! Foste tu que causaste tudo isto! — responde aos gritos e agarra noutro vaso. Corro para a sala e arranco-lho das mãos antes de o conseguir partir.

— Eu sei que sim! Mas, por favor, fala comigo — peço-lhe. Não consigo conter mais as lágrimas. — Por favor, Hardin.

— Estragaste tudo, Tessa, completamente! — Dá um murro na parede.

Já estava à espera de que isto acontecesse e, francamente, só me surpreende que tenha demorado tanto tempo. Ainda bem que ele escolheu a parede de gesso. Magoava-se muito mais se desse murros na parede de tijolo.

— Deixa-me em paz, porra! Vai-te embora! — Põe-se a andar para a frente e para trás, antes de bater com as duas palmas das mãos na parede.

— Eu amo-te — digo de forma desajeitada. Tenho de tentar acalmá-lo, mas ele está tão bêbedo que estou aterrorizada.

— Pois, mas não parece! Primeiro, beijaste o outro gajo! A seguir trazes o Zed para a minha casa!

Sinto o coração aos saltos assim que ele menciona o nome do Zed. O Hardin humilhou-o. — Eu sei... *desculpa*. — Resisto à tentação de lhe dizer que está a ser um hipócrita. Eu sei bem que errei, um enorme erro; mas eu também lhe perdoei por me magoar repetidamente.

— Tu sabes como fico completamente louco, absolutamente louco, ao ver-te com outra pessoa, e vais e fazes-me esta merda! — As veias do

seu pescoço estão a ficar roxas, e começa a transformar-se num monstro.

— Eu já pedi desculpa, Hardin. — Falo o mais baixo e devagar possível. — Que mais posso dizer? Foi um ato irrefletido.

Puxa os próprios cabelos. — Pedir desculpa não apaga a imagem da minha cabeça. Não consigo pensar noutra coisa.

Aproximo-me e ponho-me mesmo à sua frente. Cheira intensamente a uísque. — Então olha para mim, olha para mim. — Seguro a sua cara entre as minhas mãos e olho-o fixamente.

— Tu beijaste-o, beijaste outra pessoa. — Fala, agora, mais baixo.

— Eu sei que sim, estou tão arrependida, Hardin. Agi sem pensar. Sabes como às vezes sou tão irracional.

— Isso não serve de desculpa.

— Eu sei, querido, eu sei — digo, esperando que estas palavras o acalmem.

— Magoa-me — diz, ainda com os olhos injetados mas já sem a mesma intensidade. — Eu sabia que não devia ter uma namorada, na verdade nunca quis ter, porque isto é o que acontece quando as pessoas estabelecem laços amorosos... ou casam. É por causa desta merda que eu preciso de ficar sozinho. Não quero continuar com isto. — Afasta-se de mim.

Sinto um aperto no coração ao ouvi-lo falar como uma criança, uma criança triste e solitária. À minha frente, apenas vejo a criança que se tentava esconder e alhear das constantes discussões familiares provocadas pelo alcoolismo do pai. — Hardin, desculpa-me, por favor. Não volta a acontecer, nunca mais faço isto.

— É indiferente, Tess, um de nós fará. É o que as pessoas fazem quando gostam umas das outras. Magoam-se mutuamente, depois separam-se ou divorciam-se. Não quero que isso aconteça connosco.

Aproximo-me. — Isso não vai acontecer connosco. Nós somos diferentes.

Abana ligeiramente a cabeça. — Acontece a toda a gente. Olha para os nossos pais.

— Os nossos pais limitaram-se a casar com as pessoas erradas. Olha a Karen e o teu pai. — Sinto-me aliviada por ele se ter acalmado.

— Um dia também se vão divorciar.

— Não, Hardin, acho que não.

— Eu acho que sim. O casamento é um conceito completamente absurdo: «Olha, acho que gosto de ti, vamos então viver um com o outro e assinar um papel no qual nos comprometemos a viver juntos para sempre, ainda que no fim acabemos por não ter nada em comum.» Como é que alguém faz isto de livre vontade? Como é que alguém quer ficar amarrado a outra pessoa para sempre?

Não estou mentalmente preparada para assimilar o que me acaba de dizer. Não vê nenhum futuro comigo? Só diz isto porque está bêbedo. *Não é?*

— Queres mesmo que me vá embora? É isso que queres, acabar tudo, agora? — pergunto, olhando-o nos olhos. Ele não responde. — Hardin?

— Não... merda... não, Tessa. Eu amo-te. Amo-te tanto, mas tu... o que tu fizeste foi horrível. Com um simples ato, transformaste os meus medos em realidade. — Os seus olhos humedecem e sinto um aperto no coração.

— Eu sei que sim, sinto-me muito mal por te ter magoado.

Olha em redor, com uma expressão que revela que foi graças ao seu esforço para me tentar mostrar o que vale que construímos toda esta relação. — Devias ficar com alguém como o Noah — diz-me.

— Não quero andar com outra pessoa, só contigo. — Enxugo os olhos.

— Acho que vais andar.

— Achas o quê? Que te vou trocar pelo Noah?

— Não necessariamente por ele, mas por alguém como ele.

— Nunca. Hardin, eu amo-te a ti e a mais ninguém. Adoro tudo em ti, por isso para com essa insegurança. — Magoa-me perceber o que ele sente.

— Podes dizer-me com toda a honestidade que não foi para chatear a tua mãe que começaste a nossa relação?

— O quê?! — exclamo, mas ele observa-me, à espera de resposta. — Não, claro que não. A minha mãe não tem nada a ver connosco. Eu apaixonei-me por ti porque... bom, porque não tive alternativa. Não consegui evitá-lo. Tentei que isso não acontecesse, com medo da reação da minha mãe, mas foi-me impossível. Sempre gostei de ti,

independentemente da minha vontade.

— Pois.

— O que é que posso fazer para que acredites nisto? — Depois de tudo o que passei, como é que pode insinuar que só estou com ele por rebeldia, para fazer frente à minha mãe?

— Deixando de beijar outros, talvez.

— Eu sei que és inseguro, mas devias saber que te amo. Lutei por ti desde o início, contra a minha mãe, o Noah, todos.

Irrita-se com o que acabo de dizer. — «Inseguro»? Não sou inseguro. Mas não vou andar por aí a fazer figura de parvo.

A sua alteração de humor também me irrita. — *Tu* estás chateado com a ideia de poderes «fazer figura de parvo»? — Sei que agi mal, mas o que ele me fez foi muito pior. Ele é que me fez fazer figura de parva e eu desculpei-o.

— Não comeces com esse tipo de merdas — rosna.

— Fizemos tantos progressos, sofremos tanto, Hardin. Não deixes que um erro acabe com tudo. — Nunca pensei que um dia seria eu a pedir desculpa.

— Foste *tu* que o fizeste e não eu.

— Deixa de ser tão duro comigo. Tu também me magoaste muito — respondo.

Enfurece-se de novo, afasta-se repentinamente de mim, gritando por cima do ombro: — Sabes que mais? Eu fiz muitas coisas, mas tu beijaste um tipo mesmo à minha frente!

— Ah, queres dizer como naquela noite em que a Molly se sentou ao teu colo e a beijaste à minha frente?

Volta-se imediatamente para mim. — *Não andávamos juntos nessa altura*.

— Tu talvez não andasses, mas eu pensava que sim.

— O que é que isso interessa, Tessa?

— Estás então a dizer que não vais ultrapassar o que aconteceu?

— Não sei o que é que estou a dizer, mas estou a começar a perder a paciência.

— Acho que te devias ir deitar — sugiro. Apesar de, por alguns breves instantes, ele ter demonstrado alguma compreensão, é óbvio que está determinado a ser cruel.

— Acho que não tens nada que me dizer o que fazer.

— Eu sei que estás zangado e magoado, mas não me podes falar nesses modos. Não é correto e não estou disposta a aceitá-lo. Bêbedo ou não.

— Não estou magoado. — Fita-me intensamente. Hardin e o seu orgulho.

— Acabaste de dizer que estavas.

— Não, não disse, não me digas o que é que eu disse.

— Está bem, está bem.

Levanto as mãos num sinal de impotência. Estou de rastos e não quero ativar a granada que é o Hardin. Vai ao chaveiro e tira o seu molho de chaves, tropeçando ao pegar nas botas. — O que é que estás a fazer? — Corro na sua direção.

— Vou-me embora, o que é que te parece?

— Não te vais nada embora. Estiveste a beber. Muito, mesmo. — Tento tirar-lhe as chaves, mas ele põe-nas no bolso.

— Quero lá saber, preciso de beber mais.

— Não precisas nada! Já bebeste o suficiente... e partiste a garrafa. — Tento chegar-lhe ao bolso, mas ele agarra-me pelo pulso, como costuma fazer.

Desta vez é diferente porque está muito zangado e estou a ficar preocupada. — Larga-me — peço-lhe.

— Se não me impedires de sair, eu largo-te. — Mas não me larga e eu tento parecer tranquila.

— Hardin... vais magoar-me.

Fita-me e larga-me de repente. Quando levanta a mão, eu estremeço e movo-me para trás, para me distanciar dele; mas afinal ele está só a passar a mão pelo cabelo.

Os seus olhos brilham de pânico. — Pensavas que te ia bater? — pergunta num sussurro e eu afasto-me mais.

— Eu... eu não sei, estás muito zangado e eu estou a ficar com medo. — Sei que ele não me ia magoar, mas esta é a maneira mais fácil de o chamar à realidade.

— Devias saber que eu jamais te magoarei. Por mais bêbedo que esteja, nunca te tocarei com um dedo. — Fita-me intensamente.

— Para alguém que detesta tanto o pai, é surpreendente que não

hesite em imitar o seu comportamento — atiro-lhe à cara.

— Vai-te lixar! Nós somos muito diferentes! — grita.

— És, não és? Estás bêbedo, abandonaste-me na festa e partiste metade dos objetos de decoração da sala, incluindo o meu candeeiro preferido! Estás a portar-te como ele... como ele costumava ser.

— Pois e tu estás a comportar-te como a tua mãe. Mimada e snobe. Uma verdadeira... — Faz um sorriso irónico e eu retenho a respiração.

— Quem és tu, na realidade? — pergunto e abano a cabeça. Afasto-me sem o querer ouvir mais e sei que, se continuar a discutir enquanto ele estiver assim, isto não vai acabar bem. Este nível de desrespeito é inadmissível.

— Tessa... Eu estou... — começa a dizer.

— Chega! — Viro-me e respondo com brusquidão antes de ir para o quarto. Posso suportar os seus comentários mal-educados e tolerar que me grite, porque, na verdade, eu também lhe respondo na mesma moeda, mas neste momento precisamos de uma certa distância para que os insultos não subam mais de tom.

— Eu não queria dizer o que disse — diz e vem atrás de mim.

Mal entro no quarto, tranco a porta. Encosto-me a ela e deixo-me deslizar ao longo da sua superfície lisa até ficar sentada no chão, com os joelhos encostados ao peito. Talvez isto não vá resultar. Ele é demasiado irascível e eu sou demasiado irracional. Exigimos o impossível um ao outro.

Não, não é verdade. Estamos bem um para o outro exatamente *porque* exigimos muito um do outro. Para além de todas as discussões e da tensão que existe entre nós, também há paixão. Uma paixão tão forte que quase me asfixia, impedindo-me de respirar. E ele é a minha luz, a minha fonte de salvação, independentemente de poder ser também a minha fonte de destruição.

O Hardin bate à porta levemente. — Tess, abre a porta.

— Vai dormir, por favor — grito.

— Merda, Tessa! Abre já a porta. Desculpa, *está bem*? — grita e começa a bater com força na porta.

Rezo para que ele não arrombe a porta e não entre no quarto. Faço um esforço para me levantar e encaminho-me o mais silenciosamente possível até ao armário. Remexo na gaveta de baixo e retiro o papel

branco que tanto me apazigua. Enquanto releio a sua carta, as batidas na porta vão diminuindo até se silenciarem. A minha angústia desvanece-se juntamente com a dor de cabeça. Nada existe para além da carta, estas palavras perfeitas do meu Hardin imperfeito.

Leio-a e releio-a até secar as lágrimas e tudo serenar lá fora. O meu coração e os meus olhos estão demasiado pesados. Tenho de me deitar.

Arrasto-me até à cama, levando a carta comigo, e deito-me, sem me despir. Por fim, adormeço e fico livre para sonhar com o Hardin que, num quarto de hotel, rabiscou estas palavras numa folha de papel.

Acordo a meio da noite, dobro a carta e volto a guardá-la na gaveta de baixo antes de abrir a porta do quarto. O Hardin está a dormir encolhido no chão da entrada. Acho preferível não o acordar. Deixo-o a dormir sozinho até que se restabeleça da intoxicação alcoólica e volto para a cama.

64

TESSA

Na manhã seguinte, encontro o corredor vazio e a sala completamente limpa. Não há um simples pedaço de vidro no chão. A sala cheira a limão e desapareceram os vestígios de uísque derramado pela parede.

Admira-me que o Hardin soubesse onde estava arrumado o material de limpeza.

— Hardin? — chamo com a voz rouca devido aos gritos que dei ontem à noite.

Não obtenho resposta, vou à cozinha e encontro um cartão em cima da mesa, onde está escrito, pela mão do Hardin: «Por favor, não te vás embora. Já volto.»

Sai-me um enorme peso de cima. Pego no *e-reader*, preparo uma caneca de café e espero pelo seu regresso.

Ao fim do que me parecem várias horas, o Hardin chega a casa. Deu tempo para tomar duche, limpar a cozinha, ler cinquenta páginas do *Moby Dick*... e eu nem sequer gosto muito do livro. Preenchi grande parte do tempo a imaginar qual vai ser o seu comportamento e o que tem para me dizer. O facto de ele ter pedido para eu não me ir embora é positivo. Não é? Espero mesmo que sim. Não sou capaz de recordar com nitidez todos os acontecimentos da noite de ontem, mas lembro-me das questões essenciais.

Fico paralisada quando o ouço abrir a porta de casa. Varre-se da minha mente tudo o que preparei para lhe dizer. Pouso o *e-reader* na mesa e sento-me no sofá.

Ele entra vestido com uma *sweatshirt* cinzenta e as calças de ganga pretas que são a sua imagem de marca. Só usa preto, ocasionalmente branco, por isso estranho vê-lo de cinzento, mas a *sweatshirt* até o rejuvenesce. Tem o cabelo despenteado e afastado da testa e umas olheiras negras em redor dos olhos. Traz um candeeiro na mão, diferente do que partiu ontem à noite, mas do mesmo género.

— Olá — diz e passa a língua pelo lábio inferior antes de pôr o *piercing* entre os dentes.

— Olá — balbucio em resposta.

— Dormiste... bem? — pergunta.

Levanto-me, enquanto ele se dirige à cozinha. — Bem... — minto.

— Ainda bem.

Avançamos ambos com pés de lã, com medo de dizer alguma coisa errada. Ele deixa-se ficar ao pé da bancada e eu perto do frigorífico.

— Eu, hum... comprei um candeeiro novo. — Aponta com a cabeça e pousa-o na bancada.

— É bonito. — Sinto-me muito ansiosa.

— Não havia igual ao que tínhamos, mas... — começa a dizer.

— Desculpa — exclamo, interrompendo-o.

— Eu também peço desculpa, Tessa.

— A noite de ontem não devia ter corrido assim — digo e baixo o olhar.

— Nem nada que se parecesse.

— Foi uma noite horrível. Devia-te ter deixado explicar antes de beijar outra pessoa. Fui muito estúpida e imatura.

— Pois foste. Mesmo antes das minhas explicações, devias ter confiado em mim e não ter tirado conclusões precipitadas. — Apoia os cotovelos à bancada atrás dele e eu roo as unhas, tentando não arrancar a pele em redor.

— Eu sei. Desculpa.

— Já repetiste isso mais de dez vezes, Tess.

— Vais ser capaz de me perdoar? Falaste em pôr-me na rua.

— Não estava a falar em pôr-te na rua. — Encolhe os ombros. — Apenas quis dizer que a nossa relação não funciona.

Tive esperança de que ele não se lembrasse do que disse na noite passada. Basicamente, afirmou que o casamento é coisa de idiotas e que devia ficar sozinho.

— O que é que estás a dizer?

— Isso mesmo.

— Isso mesmo *o quê*? Pensei... — Não sei o que dizer. Pensei que o candeeiro novo era uma maneira de pedir desculpa e que esta manhã ele tinha mudado de ideias.

— Pensaste o quê?

— Como querias falar no assunto quando voltasses para casa, pensei que não querias que eu me fosse embora.

— *Estamos* a falar no assunto.

Sinto um nó na garganta. — Então não queres ficar mais comigo?

— Não é o que estou a dizer. Anda cá — pede, abrindo os braços.

Aproximo-me dele em silêncio. Ele abre ainda mais os braços, impaciente, e quando já estou muito perto, puxa-me para ele e abraça-me. Pouso a cabeça no seu peito, sentindo ainda o frio do ar invernoso na sua *sweatshirt* de algodão macio. — Tive tantas saudades tuas — diz junto ao meu cabelo.

— Eu não fui a lado nenhum — respondo.

Estreita-me nos seus braços. — Foste, sim. Quando beijaste aquele tipo, perdi-te momentaneamente; foi o que bastou para mim. Não consegui aguentar, nem sequer por uns instantes.

— Não me perdeste, Hardin. Foi uma asneira minha.

— Por favor... — começa a dizer, mas corrige-se, passando para um registo mais firme. — Não voltes a fazer aquilo. Estou a falar a sério.

— Não volto — asseguro-o.

— Trouxeste o Zed cá a casa.

— Só porque tu me deixaste na festa e eu precisava de boleia — relembro-o. Não nos fitamos durante toda a nossa conversa e eu prefiro assim. Sinto menos medo sem os seus olhos verdes a penetrarem-me.

— Devias ter telefonado — diz.

Continuo sem o encarar. — Tinhas o meu telemóvel e eu fiquei à tua espera na rua. Pensei que ias voltar — digo.

Ele afasta um pouco a minha cara do seu peito para poder olhar para mim. Está com um ar muito cansado. Sei que também estou. — Posso ter reagido mal, mas não sabia o que fazer. — O seu olhar é tão intenso que baixo os olhos.

— Gostas dele? — pergunta com uma voz trémula, ao mesmo tempo que levanta o meu queixo para olhar para ele.

O quê? Não deve estar a falar a sério. — Hardin...

— Responde-me.

— Não nesse sentido.

— O que é que isso quer dizer? — Não percebo se o Hardin está

inseguro ou furioso. Talvez ambas as coisas.

— Gosto dele como amigo.

— Só como amigo? — O seu tom de voz é suplicante, pedindo-me para lhe garantir que o amo só a ele.

Seguro a sua cara nas minhas mãos. — Só como amigo... eu amo-te. Só te amo a ti e agora percebo a estupidez do meu ato, mas fi-lo por estar enfurecida e alcoolizada. E não por sentir algo por outra pessoa.

— Porque é que o escolheste a ele, entre todas as pessoas, para te trazer a casa?

— Foi a única pessoa que me ofereceu boleia. — Arrependo-me imediatamente da pergunta que lhe faço a seguir: — Porque é que és tão duro com ele?

— Duro com ele? — ridiculariza. — *Não* deves estar a falar a sério.

— Foste muito cruel ao humilhá-lo à minha frente.

O Hardin dá um passo para o lado e deixamos de estar frente a frente. Viro-me para o encarar e ele passa os dedos pelo cabelo despenteado. — Ele não devia ter cá vindo.

— Prometeste controlar o teu temperamento. — Tento não o pressionar. Não devo alimentar esta discussão porque quero compor a situação.

— E tenho controlado. Até tu me traíres e saíres da festa com o Zed. Ontem à noite podia ter-lhe dado uma sova e, porra, podia sair agora mesmo para o fazer — diz, voltando a levantar a voz.

— Sei que podias e estou contente por não o teres feito.

— Eu não, mas estou contente por tu estares.

— Não quero que voltes a beber. Transformas-te noutra pessoa quando o fazes. — Sinto que vou desatar a chorar e tento conter as lágrimas.

— Eu sei... — Vira-se de costas para mim. — Eu não queria chegar a este ponto. Mas estava tão furioso e... magoado... eu fiquei magoado. Só conseguia pensar em beber e por isso fui a uma loja de conveniência e comprei o uísque. Não pretendia beber tanto, mas as imagens de tu a beijares aquele gajo não me largavam e fui bebendo.

Passa-me pela cabeça ir reclamar com a velha da loja de conveniência, por ter vendido bebida ao Hardin, mas ele faz vinte e um anos exatamente daqui a um mês e os contratempos da noite de ontem

já não podem ser suprimidos.

— Tiveste medo de mim, percebi nos teus olhos — diz.

— Não, não tive. Sabia que não me ias agredir.

— Encolheste-te. Lembro-me disso. Não recordo a maior parte das coisas com nitidez, mas disso lembro-me claramente.

— Foi só porque me apanhaste de surpresa — digo-lhe. Sabia que ele não me ia bater, mas estava com um comportamento tão agressivo, e o álcool fomenta atos inconcebíveis, inexequíveis em estado sóbrio.

Ele aproxima-se e fica quase colado a mim. — Não quero que voltes... a ser *apanhada de surpresa*. Nunca mais bebo tanto, juro. — Toca-me no rosto e acaricia-mo com o dedo indicador.

Prefiro ficar calada. Esta conversa tem sido confusa e com avanços e recuos. Num momento, penso que ele me perdoou, mas no seguinte já não sei. Está aparentemente calmo, mais do que eu esperava, mas com a raiva à flor da pele.

— Não quero ser assim e definitivamente não quero ser como o meu pai. Não devia ter bebido tanto, mas tu também erraste.

— Eu... — começo a dizer, mas ele silencia-me e os seus olhos ficam vítreos.

— No entanto, eu fiz muita coisa errada... as merdas que te fiz davam para encher um livro inteiro e tu perdoaste-me sempre. Fiz coisas muito piores do que tu, por isso tenho a obrigação de me esforçar para ultrapassar este problema e perdoar-te. Não é justo que te exija aquilo que não consigo retribuir. Desculpa-me por tudo o que se passou ontem. Fui um grande idiota.

— Eu também. Sei como é doloroso imaginares-me com outros e não me devia ter vingado desse modo. Da próxima vez vou tentar não reagir de modo irrefletido. Desculpa.

— Da próxima vez? — Esboça um sorriso. As suas mudanças de humor são rápidas.

— Então está tudo bem connosco? — pergunto.

— Não depende só de mim.

Fito os seus olhos verdes. — Eu quero que tudo esteja bem.

— Eu também, querida, eu também.

Sinto um enorme alívio ao ouvir as suas palavras e encosto-me de novo ao seu peito. Ficou muito por dizer, propositadamente, mas, por

agora, já resolvemos o suficiente. Dá-me um beijo no alto da cabeça e o meu coração derrete-se. — Obrigada.

— Espero que o candeeiro resolva o assunto — diz com um certo humor na voz.

Embarco neste seu estado de espírito e respondo: — Se tivesses comprado um candeeiro igual...

Olha para mim, também divertido. — Fui eu que limpei a sala toda. — Sorri.

— Foste tu que a puseste naquele estado.

— Mesmo assim, sabes o que eu penso sobre as limpezas. — Estreita-me nos seus braços.

— Eu não ia limpar aquela desordem, ia deixar tudo no estado em que estava — digo-lhe.

— Tu? Por favor. Nem pensar.

— É verdade.

— Tive medo de não te encontrar cá quando regressei — diz o Hardin. O nosso olhar encontra-se.

— Eu não vou a lado nenhum — digo-lhe e rezo para que seja verdade.

Em resposta, junta os seus lábios aos meus.

65

TESSA

— Que maneira de começar o novo ano — diz o Hardin quando terminamos de nos beijar. Encosta a sua testa à minha.

O meu telemóvel vibra na mesa de cabeceira, quebrando o encantamento, e, antes de lhe pegar, o Hardin antecipa-se e atende. Levanto-me para lho tirar da mão, mas ele recua e abana a cabeça.

— Landon, a Tess liga-te mais tarde — diz ao telemóvel. Agarra-me pela cintura com a mão livre e puxa-me para ele, contra o seu peito. Uns segundos depois, diz: — Acho que está ocupada.

Leva-me com ele para o quarto. Passa os lábios pelo meu pescoço e eu estremeço. *Ah*.

— Para de ser melga, vocês os dois precisam de se tratar — diz o Hardin e desliga a chamada, pousando o telemóvel em cima da secretária.

— Tenho de falar com ele sobre as nossas aulas — digo; a minha voz atraiçoa-me quando ele lambe e suga a pele do meu pescoço.

— Relaxa, querida.

— Não posso... temos imensos trabalhos para fazer.

— Eu posso ajudar-te — diz lentamente, mais lentamente do que o habitual.

Agarra-me a anca com mais força e põe um braço à volta do meu peito, para me segurar. — Lembras-te daquela vez em que te masturbei em frente ao espelho para tu te veres a ter prazer? — pergunta.

— Sim. — Engulo em seco.

— Foi divertido, não foi? — ronrona.

O meu corpo fica em brasas ao som das suas palavras. Brasas, não — *chamas*.

— Posso ensinar-te a tocares-te da maneira como te toquei. — Chupa a minha pele com toda a força. Estou completamente incendiada. — Queres?

Sinto-me atraída por esta proposta obscena, mas é demasiado

humilhante admiti-lo.

— Quem cala consente — diz e larga a minha cintura, mas agarra na minha mão. Permaneço em silêncio, repetindo nervosamente as suas palavras na minha mente. É uma situação mais do que embaraçante e não sei o que pensar.

Ele leva-me para a cama e empurra-me suavemente para o colchão macio. Põe-se em cima de mim e abre-me as pernas. Ajudo-o a tirar-me as calças de fato de treino e ele dá-me um beijo entre as pernas antes de me tirar as cuecas.

— Não te mexas, Tess — ordena.

— Não sou capaz — gemo enquanto ele me mordisca. É de mais para mim. Ele dá uma risadinha e, se o meu cérebro estivesse realmente ligado ao resto do corpo, reclamaria.

— Queres fazer isto aqui ou queres ver? — pergunta-me, e sinto um formigueiro na barriga. A pressão entre as minhas pernas é cada vez maior e tento apertá-las para sentir algum alívio. — Não, querida. Ainda não — tortura-me. Abre ainda mais as minhas pernas e apoia-se em mim para as manter separadas.

— Aqui — respondo por fim, já quase esquecida da pergunta que ele me fez.

— Já estava à espera disso. — Faz um sorriso malicioso.

Ele é tão convencido, mas as suas palavras provocam-me sensações que eu nunca pensei serem possíveis. Nunca me canso dele, mesmo quando ele me tem presa à cama, com as pernas abertas.

— Já tinha pensado em ensinar-te isto, mas sou demasiado egoísta. Queria ser o único a provocar-te estas sensações. — Baixa a cabeça e passa a língua pela minha virilha.

As minhas pernas tentam esticar-se involuntariamente, mas ele não o permite. — Agora, como eu sei exatamente o que te dá prazer, não vai demorar muito.

— Porque é que queres fazer isso? — pergunto, guinchando quando ele me mordisca e lambe.

— O quê? — Olha para mim.

— Porque é que... — repito num tom de voz fraco e trémulo. — Porque é que me queres ensinar, se queres ser tu o único a fazer isso?

— Porque, mesmo assim, a ideia de te ver a fazer isto a ti própria, à

minha frente... é... *excitante* — diz quase sem fôlego.

Ah. Preciso de descomprimir o mais depressa possível; espero que não esteja a pensar torturar-me durante muito tempo.

— Além disso, quando estiveres com stresse, talvez possas recorrer a isto. — Sorri e eu fico completamente envergonhada.

Se não estivéssemos a fazer... isto... responderia à acusação dele de eu por vezes estar com stresse. Mas ele tem razão e, tal como disse anteriormente, neste momento estou ocupada.

— Olha... é aqui que começas. — Surpreende-me tocando-me com os seus dedos frios. Sibilo com este contacto. — Frio? — pergunta-me e eu assinto. — Desculpa. — Dá uma risadinha e, sem me avisar, enfia os dedos dentro de mim.

As minhas ancas elevam-se da cama num repente, e tapo a boca para me silenciar.

Sorri maliciosamente. — Estou só a aquecê-los.

Movimenta lentamente os dedos para dentro e para fora um certo número de vezes e eu sinto-me cada vez mais excitada. Depois retira-os, fazendo-me sentir vazia e desesperada. De repente, volta a introduzi-los e eu mordo o lábio inferior.

— Não faças isso, ou não conseguimos acabar a lição.

Não olho para ele. Em vez disso, passo a língua pelo lábio e mordo-o.

— Hoje estás muito impaciente. Não estás uma aluna aplicada — provoca.

Ele leva-me à loucura quando me provoca. Como é que consegue ser tão facilmente sedutor? É um talento só dele.

— Dá-me a tua mão, Tess — ordena.

Mas eu não me mexo. Apenas coro.

Ele agarra-me na mão e leva-a até ao cimo das minhas pernas.

— Não és obrigada a fazer, só fazes se quiseres, mas acho que vais gostar — diz suavemente.

— Eu quero.

Faz um sorriso cúmplice. — Tens a certeza?

— Sim, só estou... nervosa — admito. Nunca me senti tão à vontade com ninguém como com o Hardin e sei que ele não me vai fazer sentir mal, pelo menos com má intenção. Estou só a ser complicada, toda a gente faz isto. Não é verdade?

— Não estejas. Vais gostar. — Morde o lábio inferior e eu sorrio nervosamente. — E não te preocupes; se não te conseguires vir, eu ajudo-te. Não me custa nada.

— Hardin! — resmungo embaraçada e deixo cair a cabeça na almofada. Ouço-o a rir um pouco e diz: — É assim.

Separa-me os dedos. O meu coração começa a bater aceleradamente quando ele leva a minha mão até... *lá.* É uma sensação estranha. Inédita e estranha. Estou tão habituada a sentir as mãos do Hardin, os seus dedos ásperos e calejados, compridos e finos. Umas mãos que sabem exatamente o modo de me tocar, o modo de...

— Faz assim. — A voz do Hardin está repleta de luxúria e ele guia os meus dedos até ao meu ponto mais sensível. Tento não pensar no que estamos a fazer... *no que eu estou a fazer?* — O que é que sentes? — pergunta.

— Não... não sei — balbucio.

— Sabes, sim. Diz-me, Tess — ordena suavemente e retira a sua mão da minha. Lamurio-me e começo a afastar a minha mão. — Não, deixa-a aí, querida. — O seu tom de voz impele a minha mão a voltar ao sítio onde estava. — Continua.

Engulo em seco e fecho os olhos, tentando repetir o que o Hardin me estava a fazer. Prefiro quando ele o faz, mas está longe de ser mau. Recomeço a sentir-me estimulada e cerro os olhos, fingindo que são os dedos do Hardin que me estão a provocar todo o prazer que sinto.

— É tão excitante ver-te a tocar-te — diz o Hardin e eu gemo e continuo a repetir os movimentos que os seus dedos me ensinaram.

Abro ligeiramente os olhos e vejo o Hardin a acariciar-se por cima das calças. Ah, meu Deus. Como é que isto pode ser tão excitante? Pensei que isto só existia nos filmes pornográficos, não na vida real. Tudo com o Hardin é excitante, por mais bizarro que seja. Os seus olhos estão focados no meio das minhas pernas e os seus dentes estão cravados no seu lábio inferior, fazendo com que o *piercing* prateado se erga.

Percebo que ele me vai apanhar a observá-lo e volto a fechar os olhos, alheando-me da realidade. É um ato normal e natural, toda a gente o faz... só que nem toda a gente o faz à frente de outra pessoa; mas se estivessem com o Hardin, de certeza que o fariam.

— Dás-me sempre tanto prazer, sempre — diz-me ao ouvido,

mordiscando-me o lóbulo da orelha. Tem o hálito quente e cheira a menta e só me apetece gritar e derreter-me nos lençóis.

— Faz isso, também — digo num suspiro, mal reconhecendo a minha voz.

— O quê?

— O mesmo que eu... — explico, sem querer pronunciar a palavra exata.

— Queres isso? — Está surpreendido.

— Sim... *por favor*, Hardin. — Estou quase a vir-me e preciso disso, preciso de me concentrar em qualquer coisa que não seja eu, e, na verdade, vê-lo a acariciar-se fez-me ficar louca e quero que ele repita, isso e muito mais.

— Está bem — responde apenas. No que respeita a sexo, o Hardin é sempre muito seguro. Quem me dera ser assim.

Ouço o fecho das suas calças a correr e tento abrandar o movimento dos meus dedos para não me vir em pouco tempo.

— Abre os olhos, Tess — pede e eu obedeço.

Envolve o seu membro com uma mão e fico extasiada com esta imagem perfeita, enquanto o observo a fazer uma coisa que nunca pus a hipótese de vir a ver.

Baixa a cabeça e dá-me um beijo no pescoço antes de voltar a juntar a sua boca à minha orelha. — Gostas, não gostas? Gostas de me ver a dar-me prazer; és tão pervertida, Tess.

O meu olhar não se desvia da sua mão. Movimenta-a cada vez mais depressa, enquanto continua a falar comigo. — Não vou aguentar muito a observar-te, querida. Nem sabes como estou excitado. — Geme e eu gemo com ele.

Já não me sinto atrapalhada. Estou perto, muito perto, e quero que o Hardin também esteja. — É tão bom, Hardin... — Gemo, sem me importar por poder estar a fazer figura de estúpida ou parecer desesperada. É a verdade e ele faz com que me sinta à vontade para me sentir assim.

— Porra. Fala comigo — diz entre dentes.

— Quero que te venhas, Hardin, imagina a minha boca à tua volta... — As palavras obscenas soltam-se dos meus lábios e sinto um calor na minha barriga no momento em que ele se vem na minha pele em

chamas. Isso leva-me ao limite e eu venho-me, de olhos fechados e a repetir incessantemente o seu nome.

Quando abro os olhos, o Hardin está deitado ao meu lado, apoiado num cotovelo, e eu enterro imediatamente a minha cara no seu pescoço.

— Como é que foi? — pergunta, pondo os seus braços à volta da minha cintura e puxando-me para perto dele.

— Não sei... — minto.

— Não sejas tímida, sei que gostaste. E eu também. — Beija-me o cocuruto da cabeça e eu olho para ele.

— Gostei, mas gosto mais quando és tu a fazer — admito e ele sorri.

— Espero bem que sim — diz e eu levanto a cabeça para lhe dar um beijo na covinha da bochecha. — Há muitas coisas que te posso ensinar — acrescenta e, quando eu volto a corar, ele tranquiliza-me: — Um passo de cada vez.

Começo a imaginar o que será que o Hardin me poderá ensinar — se calhar, coisas de que eu nunca sequer ouvi falar, mas quero aprendê-las todas.

Ele quebra o silêncio. — Vamos tomar um duche, minha melhor aluna.

Baixo o olhar para ele. — Queres dizer a tua *única* aluna?

— Sim, claro. Embora eu também possa ensinar o Landon. Ele precisa tanto de umas aulas como tu — troça e sai da cama.

— Hardin! — exclamo e ele dá uma gargalhada, uma gargalhada a sério. É um som maravilhoso.

Na manhã de segunda-feira, quando o despertador toca, saio da cama e vou para a casa de banho tomar um duche. A água desperta-me e dá-me energia e começo a reviver o meu primeiro semestre na WCU. Não sabia o que me esperava, mas, ao mesmo tempo, sentia-me bem preparada. Tinha tudo planeado ao pormenor. Imaginava que arranjaria alguns amigos e que ocuparia o tempo livre com atividades extracurriculares. Possivelmente inscrever-me-ia no clube de literatura e em outras atividades do género. Passaria a maior parte do tempo a estudar na residência universitária ou na biblioteca, preparando assim o meu futuro.

Mal sabia que uns meses mais tarde estaria a viver num apartamento com o meu namorado, que não seria o Noah. Quando a minha mãe

estacionou no parque da WCU ou quando conheci o rapaz malcriado de cabelos encaracolados, não fazia a mínima ideia do que estava para acontecer. Se alguém me contasse, não iria acreditar, e agora é impossível imaginar-me sem este rapaz insolente. Volto a ter borboletas na barriga quando me lembro do que sentia quando o via no *campus*, quando o procurei na aula de Literatura, quando o apanhei a olhar para mim durante a palestra do professor, quando ele tentou ouvir as minhas conversas com o Landon. Parece que foi tudo há muito tempo.

Alheada nestes nostálgicos pensamentos, sou apanhada de surpresa quando a cortina do duche se abre e o Hardin surge em tronco nu, com o cabelo despenteado e a esfregar os olhos.

Sorri e pergunta com uma voz rouca e sonolenta: — Porque é que estás há tanto tempo no duche? A praticar as lições de ontem?

— Não! — exclamo, corando ao relembrar as cenas do dia anterior.

Pisca-me um olho. — Pois sim, querida.

— Não estava nada! Estava só a pensar — admito.

— A pensar em quê? — Senta-se na retrete e eu fecho a cortina.

— Em coisas que se passaram antes...

— Em quê? — pergunta, preocupado.

— No primeiro dia em que cá cheguei e como tu foste tão malcriado — provoco.

— Malcriado? Nem sequer falei contigo!

Dou uma gargalhada. — Por isso mesmo.

— Eras tão irritantezinha com aquela saia horrível e um namorado de mocassins. — Bate palmas de contentamento. — A cara da tua mãe quando nos viu é inesquecível.

Sinto um aperto no peito ao ouvir a referência à minha mãe. Tenho saudades dela, mas recuso-me a assumir as culpas dos seus erros. Quando ela for capaz de deixar de me criticar e de criticar o Hardin, volto a falar com ela, mas, se não o fizer, então não vale a pena perder o meu tempo.

— E tu irritaste-nos com a tua... atitude. — Não sei o que dizer, porque, quando o conheci, ele não falou comigo.

— Lembras-te da segunda vez que te vi? Estavas enrolada numa toalha com as roupas molhadas na mão.

— Sim, e tu disseste que não olhavas para mim — relembro-o.

— Menti. Olhei mesmo para ti.

— Parece que foi há tanto tempo, não parece?

— Pois é. É difícil acreditar que isso alguma vez aconteceu; acho que sempre estivemos juntos, percebes o que eu quero dizer?

Espreito pela cortina e sorrio. — Sim, claro. — É verdade e tão estranho pensar que o meu namorado era o Noah e não o Hardin. Não acho possível. Gosto muito do Noah, mas andámos a perder anos da nossa vida durante o tempo que namorámos. Fecho a água e afasto-o dos pensamentos.

— Podes... — começo a pedir, mas antes de terminar o Hardin passa-me uma toalha por cima da cortina. — Obrigada — digo enquanto a enrolo em volta do corpo.

O Hardin segue-me até ao quarto e eu visto-me rapidamente enquanto ele permanece estendido na cama de barriga para baixo, com o olhar fixo em mim. Seco o cabelo com a toalha e visto-me. O Hardin tenta a todo o custo distrair-me, apalpando-me enquanto me arranjo.

— Vou-te levar — diz e sai da cama para se vestir.

— Fizemos um acordo, lembras-te?

— Está calada, Tess. — Abana a cabeça na brincadeira e eu faço um sorriso falsamente desesperado antes de ir para a sala.

Decido esticar o cabelo, para variar. Depois de me maquilhar ligeiramente, pego na mala e olho mais uma vez para dentro para me certificar de que levo tudo o que preciso, antes de ir ter com o Hardin à porta. O Hardin leva o meu saco de ginástica com a roupa para a aula de ioga e eu levo a mala cheia de tudo o que eventualmente possa precisar.

— Vá lá — diz, quando chegamos à rua.

— O quê? — Volto-me para o encarar.

— Vá lá, deita cá para fora tudo o que te está a pôr tensa — diz com um suspiro.

Sorrio-lhe e conto-lhe os meus intricados planos para o dia, pela décima vez em vinte e quatro horas.

Ele finge que ouve com atenção e eu prometo-lhe e a mim própria que amanhã estarei muito mais tranquila.

66

TESSA

O Hardin estaciona o mais perto possível da cafetaria, mas o *campus* está cheio de gente, com o regresso das férias de Natal. Dá voltas e voltas pelos vários parques de estacionamento, rogando pragas, e eu tento não me rir da sua irritação. É muito engraçado.

— Dá-me a tua mala — diz o Hardin quando saímos do carro.

Entrego-lhe a mala, agradecendo com um sorriso o seu gesto amável. Está muito pesada, fácil de manejar mas pesada.

Sinto uma certa estranheza ao regressar ao *campus*; tanta coisa mudou e tanta coisa aconteceu desde a última vez que cá vim. O vento frio fustiga-me o corpo e o Hardin põe um gorro na cabeça e fecha completamente o blusão. Atravessamos rapidamente o parque de estacionamento e percorremos a rua. Devia ter trazido um blusão mais grosso, luvas e mesmo um chapéu. O Hardin tinha razão quando me disse para não vir de vestido, mas nem pensar em admiti-lo.

O Hardin está lindo, com o cabelo escondido debaixo do gorro e as bochechas e o nariz vermelhos devido ao frio. Só o Hardin poderia ficar ainda mais atraente nestas difíceis condições meteorológicas.

— Está ali. — Aponta para o Landon, quando entramos na cafetaria.

Acalmo-me com a familiaridade deste pequeno espaço e sorrio ao ver o meu grande amigo sentado numa mesinha à minha espera.

O Landon repara em nós, sorri e saúda-nos quando chegamos ao pé dele: — Olá.

— Olá — digo num guinchinho.

— Vou para a fila — murmura o Hardin e vai para o balcão.

Não esperava que ele ficasse ou me fosse buscar o café, mas fico feliz com isso. Este semestre não temos nenhuma cadeira em comum e fico com saudades dele, agora que me habituei a passar o dia todo na sua companhia.

— Preparada para o novo semestre? — pergunta o Landon quando me sento à sua frente. A cadeira range contra o chão de ladrilhos,

chamando a atenção das pessoas, e eu faço um sorriso de desculpa antes de olhar com atenção para o Landon.

Tem um novo penteado, com o cabelo puxado para trás da testa, e fica-lhe bastante bem. Olho em redor e começo a perceber que devia ter vindo de calças de ganga e uma *sweatshirt*. Sou a única pessoa vestida de modo formal, para além do Landon, que está com uma camisa azul-clara e calças bege.

— Sim e não — respondo e ele concorda.

— Eu também. Como é que vai tudo... — inclina-se na mesa para sussurrar —, sabes, entre vocês os dois?

Olho para o Hardin e vejo que está de costas para nós, mas a empregada está com uma cara zangada. Ela revira os olhos e ele entrega-lhe o cartão multibanco e imagino o que terá ele feito para a poder irritar tanto logo no início do dia.

— Vai tudo bem. E tu e a Dakota? Parece que já passou mais de uma semana desde a última vez que estivemos juntos.

— Bem, está a preparar tudo para se mudar para Nova Iorque.

— Fantástico. Adorava ir a Nova Iorque. — Nem consigo imaginar como será a cidade.

— Eu também. — Sorri. Apetece-me pedir-lhe para não ir, mas sei que não devo. — Ainda não decidi — diz, respondendo aos meus pensamentos. — Por um lado, quero estar perto dela; vivemos há tanto tempo longe um do outro. Mas, por outro, gosto imenso de estudar na WCU e não sei se me apetece separar-me da minha mãe e do Ken e ir viver para uma cidade enorme, onde não conheço ninguém, a não ser ela, claro.

Assinto com a cabeça e tento encorajá-lo a ir, apesar de, por mim, preferir que ele fique. — Deve ser fantástico viver lá. Podes ingressar na NYU e podem arranjar um apartamento para viverem os dois — digo.

— Pois, mas ainda não decidi.

— Não decidiste o quê? — interrompe o Hardin, pousando o meu café à minha frente mas permanecendo em pé. — Esquece. Tenho de ir, a minha aula começa dentro de cinco minutos e fica do outro lado do *campus* — diz e eu estremeço perante a hipótese de chegar atrasada no primeiro dia de aulas.

— Tudo bem. Encontramo-nos depois da aula de ioga. É a última aula

do dia — digo-lhe e ele surpreende-me ao inclinar-se e dar-me um beijinho na boca e outro na testa.

— Amo-te, cuidado com as posições de ioga — diz e parece-me que, se as suas bochechas ainda não estavam vermelhas do frio, passaram a estar; baixa o olhar quando se lembra que o Landon está sentado à nossa frente. Definitivamente, o Hardin não é dado a manifestações públicas de afeto.

— Vou ter. Também te amo — respondo e ele despede-se do Landon com um aceno de cabeça pouco à vontade e vai-se embora.

— Foi... estranho. — O Landon ergue as sobrancelhas e bebe um pouco do seu café.

— Pois foi. — Rio-me, pouso o queixo na mão e suspiro, feliz.

— Devíamos ir andando para a aula de Religiões — diz o Landon e eu pego na mala e acompanho-o.

Felizmente, a sala de aula fica perto. Estou entusiasmada com a disciplina de Religiões do Mundo. É um tema bastante interessante e estimulante e a presença do Landon ainda melhora tudo. Embora alguns alunos já estejam na sala, os lugares da primeira fila ainda não estão ocupados. Sentamo-nos à frente, nos lugares mais centrais, e tiramos os livros. É bom regressar à faculdade e ao estudo — este é o meu verdadeiro foco de interesse e é aqui que me sinto bem. Felizmente o Landon também sente o mesmo.

A pouco e pouco, a sala de aula vai-se enchendo de alunos, na sua grande maioria muito barulhentos. A pequenez da sala também não ajuda a amenizar o ruído.

Por fim, um homem alto e com um ar demasiado novo para ser professor entra na sala e inicia a aula. — Bom dia a todos. Como quase todos devem saber, sou o professor Soto, o docente da disciplina de Religiões do Mundo. Por vezes vão-se sentir aborrecidos e podem ter a certeza de que vão aprender uma enormidade de assuntos que, na realidade, nunca utilizarão na vida real; mas para que é que serve a universidade? — Sorri e todos se riem.

Bem, isto é diferente.

— Bom, então vamos começar. Esta disciplina não tem um programa específico. Não há uma linha condutora prévia, não é o meu estilo... Mas, durante este tempo, vão aprender tudo o que precisam de saber.

Setenta e cinco por cento da avaliação consiste na elaboração, ao longo das aulas, de um diário, que vão ter de trazer sempre convosco. Sei o que estão a pensar: o que é que um diário tem a ver com religião? Não há uma relação direta obrigatória... mas num certo sentido pode haver. O estudo e a compreensão das várias formas de espiritualidade obrigam a uma grande abertura da mente. Elaborar um diário vai ajudar-vos, e os temas dos trabalhos que vos vou pedir são por vezes incómodos ou controversos para algumas pessoas. Mas, de qualquer maneira, espero que no fim do semestre saiam daqui com uma mente mais aberta e, se calhar, com um pouco mais de conhecimentos — diz sorridente e despe o blusão.

Eu e o Landon entreolhamo-nos. — *Não há um programa?* — murmura o Landon.

— *Um diário?* — respondo baixinho.

O professor Soto senta-se à secretária que se encontra em frente aos alunos e tira uma garrafa de água da mala. — Podem ficar a falar uns com os outros durante o resto da aula ou podem ir-se embora e amanhã começamos a trabalhar a sério. Mas assinem a folha de presenças para eu saber quem é que faz gazeta desde o primeiro dia de aulas — declara com um sorriso brincalhão.

Depois de um enorme e animado alarido, os alunos vão saindo rapidamente da sala. O Landon encolhe-me os ombros e somos os últimos a sair e a assinar a folha de presenças.

— Olha, até que é bom. Vou aproveitar para ligar à Dakota — diz e arruma as suas coisas.

O dia vai passando rapidamente e estou ansiosa por voltar a ver o Hardin. Mandei-lhe algumas mensagens, mas ainda não obtive resposta. Fico com dores nos pés quando caminho até ao ginásio; não tinha percebido que tinha de andar tanto. Mal abro a porta do edifício, as minhas narinas são invadidas pelo cheiro a suor e apresso-me para o vestiário feminino, assinalado, na porta, com a imagem de uma mulher com um vestido. As paredes estão cobertas com pequenos cacifos vermelhos, com o metal a surgir por baixo da tinta lascada.

— Que cacifo devo usar? — pergunto a uma rapariga morena que está de fato de banho.

— Escolhe um ao acaso e fecha-o com o teu cadeado — responde.

— Ah... — Claro que não me lembrei de trazer um cadeado.

Ao ver a minha expressão, ela remexe na sua mala e entrega-me um pequeno cadeado. — Toma, tenho um a mais. O código está atrás; ainda não removi a etiqueta.

Agradeço-lhe e ela sai do vestiário. Visto umas calças de ioga pretas novas e uma *T-shirt* branca e saio, percorrendo o corredor em direção à sala de aula. Cruzo-me com um grupo de jogadores de *lacrosse* que me dirigem comentários pouco decentes que eu finjo não ouvir. Todos prosseguem o seu caminho, à exceção de um deles.

— Estás a pensar entrar para a nossa claque feminina para o ano que vem? — pergunta-me o rapaz, olhando-me de cima a baixo, com os seus olhos castanho-escuros, quase pretos.

— Eu? Não, estou só a ir para a aula de ioga — balbucio. Estamos sozinhos no corredor.

— Ah, que pena. Deves ficar o máximo de minissaia.

— Eu tenho namorado — declaro e tento afastar-me. Ele impede-me a passagem.

— Eu tenho namorada... qual é o problema? — Sorri e avança um passo, encostando-me à parede.

Não tem um aspeto ameaçador, mas há algo no seu sorriso convencido que me arrepia. — Tenho de ir para a aula — digo.

— Posso acompanhar-te... ou podes faltar à aula e levo-te a dar uma volta. — Põe o braço na parede, perto da minha cabeça, e eu tento voltar para trás, mas sem conseguir esgueirar-me.

— *Afasta-te dela, cabrão.* — A voz do Hardin estrondeia atrás de mim e o crápula vira a cabeça para olhar para ele.

O Hardin está com um aspeto extremamente intimidante, vestido com uns calções de básquete e uma *T-shirt* preta de alças que revela as tatuagens dos braços.

— Hã... desculpa, puto. Não sabia que ela tinha namorado — mente.

— Não ouviste o que eu disse? Disse-te para te pores a milhas. — O Hardin aproxima-se e o jogador de *lacrosse* afasta-se rapidamente, mas não a tempo de o Hardin o agarrar pela *T-shirt* e o empurrar contra a parede.

Não tento detê-lo.

— Se te volto a ver perto dela, esmago-te o crânio contra esta parede. Percebeste bem? — rosna.

— S-sim... — balbucia o tipo e escorrega pela parede abaixo.

— Graças a Deus — digo e ponho um braço à volta do pescoço do Hardin. — O que é que estás aqui a fazer? Pensava que não precisavas de mais aulas de Educação Física.

— Decidi inscrever-me numa. E ainda bem — suspira e dá-me a mão.

— Em qual? — pergunto. Não vejo o Hardin a tornar-se um desportista.

— Na tua.

Dou um gritinho de exclamação. — *Não...*

— Sim. Sim, inscrevi-me. — A sua raiva desvanece-se e ele sorri da minha expressão horrorizada.

67

TESSA

O Hardin faz questão de se manter ligeiramente atrás de mim e de repente sinto vontade de voltar ao décimo ano, quando escondia o corpo pondo um casaco à volta da cintura.

Diz em voz baixa: — Tens de comprar mais calças dessas.

Lembro-me da última vez que usei calças de ioga à frente do Hardin. Nem sequer eram tão justas como estas, mas mesmo assim ele fez vários comentários de mau gosto. Rio-me ligeiramente e agarro-lhe na mão para o puxar para o meu lado e evitar que caminhe atrás de mim.

— Não acredito que vás praticar ioga. — Por mais que me esforce para imaginar o Hardin numa posição de ioga, não sou capaz.

— Vou mesmo.

— Sabes o que é o ioga, não sabes? — pergunto-lhe quando entramos na sala.

— Sim, Tessa. Sei o que é e vou-me inscrever na aula contigo — resmunga.

— Porquê?

— Pouco importa a razão. Quero apenas passar mais tempo contigo.

— Ah. — A sua explicação não me convence, mas estou desejosa de o ver a tentar praticar ioga e também me agrada a ideia de passar este tempo extra com ele.

A professora está no meio da sala, sentada num colchão amarelo-vivo. Tem um ar muito simpático e acolhedor, com o cabelo castanho encaracolado preso no cimo da cabeça e uma *T-shirt* às flores.

— Onde é que estão os alunos? — pergunta o Hardin quando eu tiro um colchão roxo da prateleira da parede.

— Chegámos cedo. — Passo-lhe um azul e ele examina-o antes de o pôr debaixo do braço.

— Claro que sim. — Sorri de forma sarcástica e segue-me.

Preparo-me para colocar o colchão mesmo à frente da professora, mas o Hardin impede-me, agarrando-me no braço. — Nem pensar,

vamos lá para trás — diz e a professora esboça um leve sorriso.

— O quê? Ficar atrás, na aula de ioga? Não, fico sempre à frente.

— Faz o que eu digo. Vamos lá para trás — repete e tira-me o colchão das mãos e vai para o fundo da sala.

— Se estás com vontade de implicar, é melhor ires-te embora — digo-lhe em voz baixa.

— Não estou com vontade de implicar.

Quando nos sentamos nos nossos colchões, a professora acena e apresenta-se, dizendo chamar-se Marla. O Hardin jura-me a pés juntos que ela está pedrada, fazendo-me rir. Esta aula vai ser divertida.

Contudo, à medida que a sala se vai enchendo de raparigas em calças de ioga e *tops* minúsculos que lançam vários olhares ao Hardin, começo a ficar menos *zen*. Claro que ele é o único rapaz. Felizmente, não parece reparar que é o alvo das atenções femininas. Ou então já está muito habituado a isso — é a única explicação que encontro. Ele é sempre o alvo das atenções. Até as percebo, mas ele é o meu namorado e elas que vão olhar para outro lado. Sei que algumas delas apenas olham por causa das tatuagens e dos *piercings*; devem estar a perguntar-se o que é que ele faz numa aula de ioga.

— Olá a todos! Vamos começar! — chama a professora.

Apresenta-se aos alunos que entretanto chegaram e faz uma curta introdução para explicar como e por que razão decidiu ensinar ioga.

— Será que ela nunca mais se cala? — resmunga o Hardin ao fim de uns minutos.

— Ansioso por aprender posições? — Ergo as sobrancelhas.

— Quais? — pergunta.

— Vamos começar com alguns alongamentos — diz a Marla.

O Hardin senta-se no chão, permanecendo imóvel, enquanto todas as alunas imitam os movimentos da professora. Sinto que ele me está a observar.

— Devias estar a fazer alongamentos — resmungo e ele encolhe os ombros, mas não se mexe.

Então, numa voz cantante, a Marla dirige-se ao Hardin. — Tu aí atrás, junta-te a nós.

— Hum... sim, claro — murmura e descruza e estica as suas pernas compridas, tentando tocar na ponta dos pés.

Esforço-me por olhar para a frente e ignorar o Hardin, para não desatar a rir.

— Tens de tocar nas pontas dos pés — diz a rapariga loura que está ao lado do Hardin.

— Estou a tentar — responde com um sorriso demasiado doce.

Porque é que ele se deu ao trabalho de lhe responder — e porque é que estou com tantos ciúmes? Ela ri-se divertida e só me apetece esmagar-lhe a cabeça contra a parede. Estou sempre a insistir com o Hardin para controlar as suas fúrias, mas agora sou eu quem está a planear a morte desta gaja... e a referir-me a ela como uma gaja, mesmo sem a conhecer.

— Daqui não vejo bem, vou mais para a frente — digo ao Hardin.

Ele parece surpreendido e responde-me: — Porquê? Eu não estava...

— Tudo bem, só quero conseguir ver e ouvir o que se está a passar — explico e arrasto o colchão cerca de um metro, ficando exatamente à sua frente.

Sento-me e continuo a fazer os alongamentos com o resto da turma. Não olho para trás para ver a expressão do Hardin.

— Tess — chama num tom sibilante, mas eu não me viro. — Tessa.

— Vamos agora começar com a posição «cão invertido»; é muito simples e é uma posição básica — diz a Marla.

Dobro um pouco o corpo, assento as mãos no colchão e olho para o Hardin por baixo da minha barriga. Ele está parado, boquiaberto.

A Marla volta a reparar na inação do Hardin. — Tu aí! E que tal *juntares-te* ao grupo? — pergunta de forma brincalhona. Se ela voltar a perguntar, não ficarei surpreendida se o Hardin a insultar em frente de toda a turma. Fecho os olhos e movo as ancas para me dobrar completamente.

— Tessa — oiço-o dizer de novo. — The-reeee-sa.

— O que é, Hardin? Estou-me a tentar concentrar — digo, olhando para ele de novo.

Ele começa a tentar participar, mas o seu corpo esguio está dobrado desajeitadamente num ângulo estranho e não consigo conter o riso.

— Podias parar de rir! — resmunga e eu ainda me rio mais.

— Não tens jeito nenhum — troço.

— Estás-me a distrair — diz entre dentes.

— Estou? Como? — Adoro as poucas situações em que consigo estar em vantagem em relação ao Hardin.

— Tu sabes como, vadia — murmura. Eu sei que a rapariga ao lado dele nos está a ouvir, mas não me importo, espero que oiça.

— Bom, então muda o teu colchão para outro lado. — Levanto-me deliberadamente para me esticar e volto a baixar-me, pondo-me na posição pretendida.

— Muda tu... tu é que estás a gozar comigo.

— A provocar-te — corrijo-o.

— Muito bem, vamos mudar para meia flexão ou *ardha uttanasana* — diz a Marla.

Levanto-me de novo e a seguir dobro-me pela cintura, assentando as mãos nos joelhos e assegurando-me de que as minhas costas fazem um ângulo de noventa graus.

— Deves estar a brincar comigo — geme o Hardin ao ver o meu rabo espetado, quase em frente da sua cara. Viro-me e vejo que ele está a fazer tudo mal; tem as mãos nos joelhos mas as costas quase direitas.

— Muito bem! Agora avançamos para flexão completa ou *uttanasana* — diz a professora e eu inclino-me para baixo dobrando o corpo.

— Até parece que ela quer que eu te coma em frente de toda a gente — diz e eu levanto a cabeça para me assegurar de que ninguém ouviu.

— Shhh... — imploro-lhe e oiço-o rir.

— Afasta o teu colchão ou digo já tudo o que estou a pensar — ameaça e eu levanto-me rapidamente e volto a colocá-lo no sítio onde estava antes, ao lado dele.

— Já estava à espera — diz trocista.

— Dizes mais tarde — sussurro e ele inclina a cabeça para o lado.

— Podes ter a certeza — promete o Hardin e sinto borboletas no estômago.

Não participa no resto da aula e a loura acaba por mudar de lugar, talvez porque o Hardin não para de falar.

— Estamos a meditar — murmuro e fecho os olhos. A sala está em silêncio à exceção dos sussurros do Hardin.

— Isto é terrivelmente chato — protesta.

— Foste tu que te inscreveste na aula de ioga.

— Não sabia como era chato. Estou quase a adormecer.

— Para de reclamar.

— Não consigo. Estiveste a excitar-me e agora estou aqui numa sala cheia de pessoas, parado, de pernas cruzadas, a meditar e com um enorme tesão.

— Hardin! — digo, mais alto do que queria.

— Shhh... — Várias vozes tentam calar-me.

O Hardin ri-se e eu deito-lhe a língua de fora, recebendo um olhar reprovador da rapariga que está ao meu lado. Vou ser expulsa ou chumbar.

— Vamos desistir desta aula — diz quando a meditação acaba.

— Tu vais, eu não. Preciso de um crédito em Educação Física — digo-lhe.

— Um bom dia para todos! Voltamo-nos a ver ainda esta semana. *Namaste* — diz a Marla, despedindo-se de nós.

Enrolo o meu colchão, mas o Hardin nem se dá a esse trabalho; limita-se a empurrá-lo para dentro da prateleira.

68

TESSA

Quando regresso ao balneário, não encontro a rapariga que me emprestou o cadeado e por isso deixo-o a fechar o cacifo. Se amanhã ela não mo pedir de volta, continuo a usá-lo ou então pago-lho.

Pego nas minhas coisas e ao sair encontro o Hardin no corredor. Está encostado com um pé apoiado na parede atrás dele. — Demoraste tanto. Já estava quase a entrar pelo balneário — ameaça.

— E porque não entraste? Não serias o único lá dentro — minto e vejo as feições dele alterarem-se. Dou meia-volta e começo a afastar-me até que ele me agarra no braço e me faz rodopiar para o encarar.

— O que é que acabaste de dizer? — pergunta, com os olhos semicerrados de raiva.

— Estava a provocar-te — digo com um sorriso afetado. Ele sopra e larga-me o braço.

— Acho que por hoje já chega.

— Talvez. — Sorrio.

Ele abana a cabeça. — Gostas mesmo de me atormentar.

— A aula de ioga relaxou-me e limpou-me a aura. — Rio.

— A mim não — afirma quando saímos do edifício.

O primeiro dia do novo semestre correu bastante bem, até mesmo a aula de ioga, que acabou por ser divertida. Divertido não é o termo que prefiro para me referir à universidade, mas foi bom ter a companhia do Hardin. A disciplina de Religiões pode tornar-se problemática, por não haver uma estrutura de base, mas vou tentar deixar-me ir para não enlouquecer.

— Tenho um trabalho para fazer durante as próximas horas, mas vou terminar a tempo do jantar — diz-me o Hardin. Ultimamente, tem trabalhado imenso. — Aquele jogo de hóquei é amanhã, não é? — pergunta.

— Sim, tu sempre vais, não vais?

— Não sei...

— Preciso de saber porque, se tu não fores, vou eu com ele —

respondo.

O Landon devia preferir que eu o acompanhasse, mas eles precisam de estar juntos, para criarem laços. Sei que nunca serão verdadeiros amigos, mas seria preferível que se dessem melhor.

— Tudo bem, merda, eu vou... — Suspira e entramos no carro.

— Obrigada. — Sorrio e ele faz uma careta.

Ao fim de meia hora, paramos no nosso lugar habitual no parque de estacionamento do apartamento.

— Como correram as tuas aulas? — pergunto-lhe. — Todas horríveis menos a de ioga? — tento brincar.

— Sim, exceto a de ioga. A aula de ioga foi certamente... interessante. — Vira-se para me encarar.

— A sério? Interessante como? — Mordo o lábio inferior, fingindo estar a fazer uma pergunta inocente.

— Acho que teve a ver com a loura — responde ironicamente e eu fico tensa.

— Desculpa?

— Não viste aquela loura gira ao pé de mim? Andas mesmo distraída, querida. Devias ter reparado naquele rabo que as calças de ioga salientavam.

Franzo o sobrolho e abro a porta do carro.

— Onde é que vais? — pergunta.

— Para casa. Está imenso frio no carro.

— Uau... Tess, estás com ciúmes da rapariga da aula de ioga? — provoca.

— Não.

— Estás, sim — desafia-me e eu reviro os olhos enquanto saio do carro. Sou surpreendida pelas suas botas a bater no chão de cimento atrás de mim. Abro a pesada porta de vidro e entro. É só quando já estou à espera do elevador que reparo que me esqueci da mala no carro.

— És muito idiota. — Ri-se.

— O quê? — Olho para ele.

— Achas que me punha a olhar para uma loura qualquer quando te tenho a ti... quando posso olhar para ti? Particularmente com essas calças, não olho e literalmente não consigo olhar para mais ninguém.

Estava-me a referir a ti. — Dá uma longa passada na minha direção e eu recuo, encostando-me à parede fria da entrada.

Afirmo, amuada: — Eu bem a vi a tentar engatar-te. — Não gosto de sentir ciúmes; é uma sensação extremamente desagradável.

— És tão tonta. — Dá um passo em frente para se juntar a mim e depois entra comigo no elevador. Segurando-me no queixo, obriga-me a olhar para ele. — Como é que não percebes o que tu me fazes? — pergunta a curta distância da minha boca.

— Não sei — guincho quando a sua mão livre pega na minha e a leva até aos seus *boxers*.

— É isto que tu me fazes. — Movimenta as ancas para a frente, para que eu sinta toda a sua ereção.

— Oh. — Fico com a cabeça a andar à roda.

— Vais dizer muito mais do que um «oh»... — começa, mas é interrompido quando o elevador para no andar seguinte. — Devem estar a gozar comigo — reclama quando uma mulher com três crianças entra no elevador.

Tento afastar-me dele, mas ele abraça-me, impedindo-me de me movimentar. Uma das crianças começa a chorar e o Hardin sopra de irritação. Começo a imaginar a graça que teria ficarmos presos no elevador com aquela criança a chorar. Felizmente para o Hardin, a porta abre-se momentos depois e saímos para o corredor.

— Odeio crianças — queixa-se quando chegamos ao nosso apartamento. Abre a porta e sinto que o nosso apartamento está gelado.

— Desligaste o aquecedor? — pergunto-lhe quando entramos.

— Não, de manhã estava ligado. — Vai ver o termóstato e exclama obscenidades entre dentes. — Marca vinte e seis vírgula cinco graus, quando é óbvio que não estão. Vou chamar a manutenção.

Eu aceno e pego no cobertor que está nas costas do sofá, enrolando-o à minha volta antes de me sentar.

— Sim... isto não está a funcionar, está um frio de rachar aqui — diz o Hardin ao rececionista. — Trinta minutos? Não, não é possível... não quero saber, eu pago uma fortuna para viver aqui e não vou ficar a ver a minha namorada morrer congelada — diz e depois corrige: — Não se pode estar aqui com este gelo. — Olha para mim e eu desvio o olhar. — Muito bem, quinze minutos. Mais não — rosna para o telemóvel e atira-o

para o sofá. — Vão mandar alguém para arranjar isto — diz-me.

— Obrigada. — Sorrio-lhe e ele senta-se ao meu lado no sofá.

Desenrolo uma das pontas do cobertor e puxo-o para mais perto de mim. Quando ele se aproxima, sento-me ao seu colo e passo os dedos pelo seu cabelo, puxando-o levemente.

— O que é que estás a fazer? — As suas mãos estão pousadas nas minhas ancas.

— Disseste que temos quinze minutos. — Passo os meus lábios pelo seu queixo e ele estremece.

Sinto-o esboçar um sorriso. — Estás a atirar-te a mim, Tess?

— Hardin... — resmungo para ver se ele deixa de me provocar.

— Estou a brincar, agora despe-te — exige, mas as suas mãos tentam tirar-me a *T-shirt*, contradizendo a sua ordem.

69

HARDIN

Sinto a sua pele arrepiada quando os meus dedos percorrem os seus braços. Sei que está com frio, mas gostava de acreditar que sou eu que lhe provoco os arrepios. Agarro-lhe os braços com mais força quando ela se agita no meu colo, balanceando as ancas e roçando-se contra mim, do modo que eu desejo e pelo qual anseio. Nunca senti nada assim por alguém.

Sim, já comi imensas raparigas, mas foi apenas por tesão e orgulho pessoal e não para criar esta intimidade que existe entre mim e a Tess. Com ela, passa tudo pelas sensações físicas, pela forma como o meu toque lhe provoca pele de galinha, pela forma como se queixa de que a pele de galinha faz crescer os pelos mais depressa e como eu reviro os olhos a esta afirmação, ainda que a ache hilariante, pela forma como ela geme quando lhe mordisco o lábio e o estalido que se ouve quando o solto, e, mais importante de tudo, a forma como tudo o que fazemos é único e só a nós nos pertence. Nunca ninguém poderá ter uma ligação tão íntima com ela.

Move os pequenos dedos para desapertar o sutiã, enquanto eu sugo a sua pele acima do peito.

Tento detê-la. — Não temos muito tempo — relembro-a e ela faz beicinho, fazendo aumentar o meu desejo.

— Então despacha-te e despe-te — exige docemente. É muito bom perceber que, à medida que o tempo passa, ela se sente cada vez mais à vontade comigo.

— Sabes bem que não preciso que me repitam as coisas. — Seguro-lhe as ancas e sento-a no sofá.

Dispo os calções e os *boxers* e faço um gesto para que se deite. Tiro um preservativo da carteira que está em cima da mesa e ela despe as calças — as sedutoras calças de ioga. Ao longo dos meus vinte anos de vida, nunca vi nada tão *sexy*. Não percebo o que é que há nelas, talvez seja a forma como se ajustam às suas coxas, revelando as suas curvas

fantásticas, ou talvez porque salientam o seu rabo perfeito — seja como for, vão passar a ser a roupa que vou querer que ela use sempre que estiver em casa.

— Tens de te decidir por outro método contracetivo. Não quero continuar a usá-los — resmungo e ela concorda, enquanto me observa a colocar o preservativo.

Mas estou mesmo a falar a sério: vou relembrá-la todas as manhãs.

A Tessa surpreende-me ao puxar-me o braço para que eu me sente na almofada ao seu lado.

— O quê? — pergunto, tentando perceber o que ela está a fazer, mas quero que ela o exprima por palavras. Adoro a sua intrínseca inocência, mas sei que é muito mais depravada do que ela própria admite, um traço da sua personalidade que só eu conheço.

Olha para mim, mas como o tempo escasseia, decido não gozar com ela. Em vez disso, sento-me e puxo-a para mim, entranhando os meus dedos no seu cabelo e juntando as nossas bocas. Engulo os gemidos e gritos que se soltam dos seus lábios no momento em que se senta em cima de mim. Suspiramos e o seu olhar extasiado quase me faz vir.

— A próxima vez demoramos mais, querida, mas agora só temos uns minutos. Está bem? — Gemo na sua orelha quando ela meneia as ancas.

— Mmm... — geme.

Interpreto isto como um pedido para acelerar o ritmo. Abraço-a e estreito-a contra o meu peito e ergo as ancas enquanto ela movimenta as suas. É uma sensação indescritível. Perco o fôlego quando os nossos movimentos se tornam mais rápidos. Não temos muito mais tempo e, por uma vez, estou desesperado por acabar rapidamente.

— Fala comigo, Tess — peço, sabendo que, tal como já aconteceu antes, se eu me movimentar mais impetuosamente e lhe puxar os cabelos, ela vai perder a timidez e vai começar a falar.

— Está bem — diz, ofegante, e eu acelero os movimentos. — Hardin. — A sua voz está trémula e morde o lábio para se controlar, excitando-me ainda mais. A pressão começa a aumentar no meu estômago. — Hardin, sabe tão bem... — Começa a estar mais à vontade e eu digo obscenidades entre dentes. — Já te estás a lamuriar e eu ainda não disse nada — gaba-se. O seu tom presunçoso leva-me para lá dos meus

limites.

O seu corpo estremece e fica tenso e eu assisto ao seu clímax. É como se, de cada vez que se vem, ela fosse sempre — ou mesmo *mais* — fascinante. É por isso que não me canso dela, nunca me vou cansar.

Uma batida na porta faz-nos regressar deste estado pós-clímax, deste estado de sedação, e ela salta imediatamente de cima de mim. Apanha a *T-shirt* do chão e eu removo o preservativo usado e pego nas minhas roupas.

— É só um minuto — digo bem alto. A Tessa acende uma vela e começa a ordenar as almofadas decorativas no sofá. — Porquê a vela? — pergunto-lhe, enquanto me visto e me dirijo à porta.

— Cheira aqui a sexo — sussurra, apesar de o empregado que está lá fora não a conseguir ouvir.

Penteia-se freneticamente com os dedos; limito-me a encolher os ombros e a abanar a cabeça antes de abrir a porta. Deparo-me com um homem alto, muito mais alto do que eu, e barbudo. Tem cabelos compridos até aos ombros e aparenta cerca de cinquenta anos.

— O aquecimento avariou-se, não foi? — pergunta com uma voz rouca de grande fumador.

— Sim, senão como é que estariam seis graus neste apartamento? — respondo e vejo o seu olhar aterrar na minha Tessa.

Claro que ela está dobrada a procurar o carregador do telemóvel no cesto que se encontra debaixo da mesa. E claro que ela está a fazer isto vestida com as malditas calças de ioga. E claro que este homem gorduroso e barbudo está a olhar para o rabo dela. E claro que ela se vai levantar completamente alheada de tudo o que se está a passar.

— Olha, Tess, porque é que não vais para o quarto até que isto fique arranjado? — proponho. — Está mais quentinho no quarto.

— Não, não é preciso. Fico aqui contigo. — Encolhe os ombros e senta-se na cadeira.

Quase que perco as estribeiras quando ela levanta os braços para prender o cabelo atrás da cabeça; está praticamente a dar um espetáculo a este idiota, tenho de me controlar com todas as forças para não a arrastar para o quarto.

Devo tê-la fitado com uma expressão zangada, porque olha para mim e diz: — Está bem... — claramente confusa. Vai para o quarto, com os

livros de estudo debaixo dos braços.

— Repare lá a porcaria do aquecedor — exclamo irritado para o velho pervertido. Ele começa a trabalhar silenciosamente, e assim se mantém. Deve ser mais perspicaz do que eu pensava.

Ao fim de uns minutos, o telemóvel da Tessa vibra na ponta da mesa e eu vou para atender quando vejo a palavra «Kimberly» no ecrã. — Está?

— Hardin? — A voz da Kimberly é tão estridente, não percebo como o Christian a consegue aguentar. Deve ter sido o seu aspeto exterior que o atraiu. Provavelmente, conheceram-se numa discoteca, onde ele não a podia ouvir muito bem.

— Sim. Vou passar à Tess...

Abro a porta do quarto e encontro a Tessa deitada na cama de barriga para baixo, com uma caneta entre os dentes e os pés a balançar no ar.

— É a Kimberly ao telemóvel — explico, atirando-o para cima da cama, para perto dela.

Pega no telemóvel. — Olá, Kim! Está tudo bem? — Uns segundos depois, exclama: — Oh, não! Isso é terrível. — Ergo as sobrancelhas, mas ela não repara. — Oh... está bem... deixa-me só falar com o Hardin. Espera só um instante, mas tenho a certeza de que não há problema. — Afasta o telemóvel da orelha e tapa-o com a mão. — O Christian está com uma gastroenterite e a Kim tem de o levar ao hospital. Não é nada de grave, mas a *baby-sitter* não está disponível — sussurra.

— E então? — Encolho os ombros.

— Eles não têm ninguém para tomar conta do Smith.

— Eeeeeee estás a dizer-me isso porquê?

— Ela quer saber se nós podemos. — Morde o interior da bochecha.

Não é possível que ela esteja a pôr a hipótese de tomar conta daquela criança. — Podemos o quê?

A Tessa suspira. — Fazer *baby-sitting*, Hardin.

— Não. Nem pensar.

— E porque não? Ele é muito querido — diz em tom de lamento.

— Não, Tessa, isto não é um infantário. Não vai acontecer, diz à Kim para lhe dar paracetamol e uma canja e ir descansar.

— Hardin... ela é minha amiga e ele é o meu patrão, que está doente. Pensei que gostavas dele... — afirma e sinto o estômago às voltas.

Claro que gosto dele, ele apoiou-me e apoiou a minha mãe quando o meu pai andava a fazer merda, mas isso não significa que eu vá tomar conta do filho dele, quando já tenho a porcaria do jogo de hóquei com o Landon amanhã. — Já disse que não — digo-lhe, intransigível. A última coisa que preciso é de um miúdo irritante com bigodes de sumo a desarrumar o meu apartamento.

— Hardin, por favor? — pede. — Eles não têm mais ninguém. Por favoooor?

Eu sei que, independentemente do que eu disser, ela vai dizer que sim; só me perguntou por perguntar. Suspiro, vencido, e vejo um sorriso estampado na sua cara.

70

HARDIN

— Podias parar de resmungar? Estás a portar-te pior do que ele se vai portar, e ele só tem cinco anos — resmunga a Tessa e eu reviro os olhos.

— Estou só a dizer que tu é que és a responsável. É melhor que ele não mexa nas minhas coisas. Foste tu que concordaste e portanto o problema é teu — lembro-lhe no exato momento em que batem à porta, anunciando a sua chegada.

Sento-me no sofá e deixo a Tessa ir abrir a porta. Ela olha-me furiosa, mas põe imediatamente o seu melhor e mais caloroso sorriso para receber as visitas — as *suas* visitas.

A Kimberly começa logo a desbobinar em voz alta e aguda. — Agradeço-lhes tanto! Não imaginam como a vossa ajuda é providencial. Não sei o que faria se não estivessem disponíveis para tomar conta do Smith. O Christian está tão doente, não para de vomitar, e nós...

— Não te preocupes com isso — interrompe a Tess, certamente para não ouvir os detalhes desagradáveis do estado deplorável do Christian.

— Muito bem, ele ficou no carro, é melhor eu ir. O Smith é bastante independente, não incomoda e se precisar de alguma coisa diz. — Afasta-se para a esquerda para mostrar um pequeno rapaz de cabelo louro-escuro.

— Olá, Smith! Estás bom? — diz a Tessa numa voz estranha, que nunca lhe conheci. Deve estar a tentar falar «à bebé», mas a criança já tem cinco anos. Só a Tessa.

O rapaz não diz nada, limita-se a esboçar um ligeiro sorriso, passa pela Kimberly e entra na sala.

— Pois, ele não é muito falador — diz a Kimberly à Tess, ao reparar no seu ar entristecido.

Por mais graça que ache ao facto de ele não ter respondido à Tessa, não a quero ver triste e portanto é melhor que o fedelho se comece a portar bem e seja simpático com ela.

— Bom, agora é que me vou mesmo embora! — A Kim sorri e fecha a porta, depois de ter acenado uma última vez para o Smith.

A Tessa debruça-se ligeiramente sobre o Smith e pergunta-lhe: — Tens fome?

Ele responde que não com a cabeça.

— E sede?

A mesma resposta, só que desta vez ele senta-se no sofá à minha frente.

— Queres jogar um jogo?

— Tess, parece-me que ele só quer ficar aqui sentado — digo-lhe e vejo-a corar. Ponho-me a fazer *zapping*, à procura de um programa televisivo interessante, que me distraia enquanto a Tessa faz *baby-sitting*.

— Desculpa, Smith — diz ela. — Só quero ter a certeza de que estás bem.

Ele acena com a cabeça de forma automática e reparo que é muito parecido com o pai. A cor do cabelo é praticamente igual, os olhos têm a mesma tonalidade verde-azulada; suspeito que se sorrisse revelaria as mesmas covinhas do Christian.

Passamos alguns minutos num silêncio desconfortável, durante os quais a Tessa permanece de pé junto ao sofá, percebendo que todos os seus planos se goraram. Ela achava que ele ia cá chegar cheio de energia e pronto para brincar com ela. Em vez disso, não disse uma única palavra nem se mexeu do seu lugar no sofá. Tal como eu estava à espera, está vestido de forma imaculada, com uns ténis brancos que parecem nunca ter sido usados. Quando levanto o olhar do seu polo azul, vejo que me está a observar.

— O que é? — pergunto.

Ele desvia rapidamente o olhar.

— Hardin! — resmunga a Tessa.

— O que é? Só perguntei porque é que estava a olhar para mim. — Encolho os ombros e mudo a porcaria de canal em que tinha parado por acidente. A última coisa que me apetece ver são programas de e sobre o *jet set.*

— Sê simpático. — Olha-me com intensidade.

— Eu sou — digo e encolho os ombros para mostrar *que não*

aconteceu nada.

A Tessa faz uma expressão de impotência. — Bom, vou fazer o jantar. Smith, queres vir comigo ou queres ficar aqui sentado com o Hardin?

Sinto que ele me está a observar, mas decido não olhar. Espero que ele vá com a Tess. Ela é que é a *baby-sitter* e não eu. — Vai com ela — digo-lhe.

— Smith, podes ficar aqui, o Hardin vai ser simpático contigo — assegura-lhe ela.

Ele fica calado. Surpresa. A Tessa vai para a cozinha e eu aumento o volume da televisão para eliminar qualquer possibilidade de conversar com o miúdo, embora isso não seja nada provável. Estou quase tentado a ir ter com ela à cozinha e a deixá-lo sozinho na sala.

O tempo passa e a presença dele começa a incomodar-me. Que raio, não fala, não brinca, nem faz nada do que uma criança de cinco anos costuma fazer?

— Então, o que é que se passa contigo? Porque é que não falas? — pergunto por fim.

Ele encolhe os ombros.

— É má criação não responder às pessoas que falam connosco — informo-o.

— É ainda mais má criação perguntarem-me porque é que eu não falo — replica.

Tem um ligeiro sotaque inglês, não tão forte como o do pai, mas ainda notório. — Bom, pelo menos já fiquei a saber que sabes falar — digo, um tanto desconcertado com a sua resposta atrevida e sem saber exatamente o que lhe dizer.

— Porque é que queres tanto que eu fale? — pergunta, parecendo muito mais velho do que os seus cinco anos.

— Eu... eu não sei. Porque é que não gostas de falar?

— Não sei. — Encolhe os ombros.

— Está tudo bem aí? — pergunta a Tessa da cozinha. Por um instante, ainda penso responder que não, dizer que a criança está morta ou ferida, mas no momento em que penso isto, percebo que é uma ideia sem graça nenhuma.

— Está tudo bem! — grito. Espero que se despache depressa, porque já não tenho mais conversa.

— Porque é que tens essas coisas na cara? — pergunta-me o Smith, apontando para o meu *piercing* do lábio.

— Porque me apetece. Se calhar era melhor perguntar-te porque é que *tu* não tens? — digo para o pôr na berlinda, tentando esquecer-me de que ele não passa de uma criança.

— Doeu? — pergunta, contornando a questão.

— Não, nada.

— Parece doer. — Faz um ligeiro sorriso.

Não é assim tão mau, afinal, mas mesmo assim não gosto da ideia de estar a fazer *baby-sitting*.

— Estou mesmo a acabar — grita a Tessa.

— Está bem, estou agora a ensinar-lhe a fazer uma bomba caseira com uma lata de refrigerante — digo na brincadeira e ela espreita na nossa direção para verificar o que se está a passar.

— Ela é maluca — digo-lhe e ele ri, revelando as covinhas das bochechas.

— É bonita — diz baixinho com a cara apoiada nas mãos.

— É, não é? — Aceno afirmativamente com a cabeça. Olho para a Tess, com o cabelo preso no topo da cabeça, numa espécie de ninho, e ainda vestida com as calças de ioga e uma *T-shirt* lisa, e volto a acenar com a cabeça. É muito bonita, sem ter de se esforçar para isso.

Eu sei que ela nos consegue ouvir e apercebo-me fugazmente do seu sorriso quando ela se vira para terminar a sua tarefa na cozinha. Porque é que está a sorrir? O que é que tem de especial eu estar a falar com esta criança? Continua a ser irritante, tal como qualquer outro ser humano com metade do tamanho.

— Sim, muito bonita — concorda de novo.

— Tem calma, ó miúdo. Ela é minha — brinco.

Olha para mim com a boca em forma de «O». — É tua quê? Tua mulher?

— Não, porra, não — exclamo.

— Porra, não? — repete.

— Merda, não digas isso! — Estico-me sobre o sofá para lhe tapar a boca.

— Não digo «merda»? — pergunta, retirando a minha mão.

— Não, não digas «merda» nem «porra». — É por esta razão, entre

muitas outras, que eu não devo conviver com crianças.

— Eu sei que são palavrões — diz-me e eu aceno com a cabeça.

— Então não os digas — lembro-lhe.

— Quem é ela, se não é a tua mulher?

Bolas, mas que intrometido me saiu o raio do miúdo. — É a minha namorada. — Que má ideia a de me pôr a conversar com a criança.

Junta as mãos e olha para mim, parecendo um pequeno padre. — Queres casar com ela?

— Não, não quero casar com ela — respondo devagar mas de modo claro, para que ouça e perceba bem.

— Nunca?

— Nunca.

— E têm um bebé?

— Não, que ideia! Onde é que arranjas essas ideias? — Fico nervoso só de ouvir falar nisso.

— Porque é que... — começa a perguntar, mas eu interrompo-o.

— Para de fazer tantas perguntas — resmungo e ele acena com a cabeça antes de me tirar o comando e mudar o canal.

Como há já alguns minutos que a Tessa não vem ver o que estamos a fazer, vou à cozinha ver se está tudo pronto. — Tess... ainda demora muito? A criança não para de falar — protesto, tirando um pedaço de brócolos da travessa que ela está a preparar. Ela detesta que eu comece a comer antes de tempo, mas na minha sala está uma criança de cinco anos e por isso sinto que tenho o direito de comer este pedaço de brócolos.

— Sim, é só mais um minuto ou dois — responde sem olhar para mim. Fala num tom estranho, o que me leva a pensar que há algum problema.

— Estás bem? — pergunto quando ela se vira com os olhos brilhantes.

— Sim, estou bem. É das cebolas. — Encolhe os ombros e abre a torneira para lavar as mãos.

— Está tudo a correr bem... Ele também vai falar contigo. Agora já está mais à vontade — asseguro-lhe.

— Sim, eu sei. Não é isso... é das cebolas — diz de novo.

71

HARDIN

Este puto irritante continua calado e limita-se a assentir com a cabeça quando a Tessa lhe pergunta carinhosamente: — Gostas do frango, Smith?

— Está muito bom! — afirmo eu, numa grande euforia, para amenizar o choque de a criancinha ainda não se dignar a falar com ela.

Ela faz-me um sorriso agradecido mas não olha para mim. Permanecemos toda a refeição em silêncio.

A Tessa vai arrumar a cozinha e eu vou para a sala. Ouço uns passinhos a seguirem-me.

— Precisas de alguma coisa? — pergunto e deixo-me cair no sofá.

— Não. — Encolhe os ombros e começa a ver televisão com toda a atenção.

— Tudo bem, então... — Esta noite não está a dar nada de jeito.

— O meu pai vai morrer? — pergunta aquela vozinha de súbito.

Fito-o. — O quê?

— O meu pai... ele vai morrer? — pergunta o Smith, parecendo muito impressionado com o assunto.

— Não, só comeu qualquer coisa estragada que lhe fez mal.

— A minha mãe estava doente e agora está morta — diz, com um tremor na voz, revelando uma aflição que me faz perder o fôlego.

— Hum... pois. Mas isso foi diferente. — *'Tadinho*.

— Porquê?

Meu Deus, ele faz tantas perguntas. Tenho vontade de chamar a Tess, mas há qualquer coisa na cara apoquentada desta criança que me impede. Ele não se mostrou interessado em falar com ela, por isso não deve querer que eu a chame.

— O teu pai só está um bocadinho doente... e a tua mãe estava muito doente. O teu pai vai ficar bom.

— Estás a mentir? — Tal como acontecia comigo, ele exprime-se bem para a idade que tem.

Acho que isto acontece quando somos obrigados a crescer muito depressa. — Não, eu dizia-te se o teu pai fosse morrer — respondo, mesmo a sério.

— Dizias? — Os seus olhos estão a brilhar e eu fico aterrorizado com a hipótese de ele desatar a chorar. Não tenho a mínima ideia do que fazer se isso acontecer. Fugir. Fugia para a cozinha e escondia-me atrás da Tessa.

— Sim. Agora vamos falar de assuntos menos mórbidos.

— O que é mórbido?

— Uma coisa que dói e é lixada — explico.

— Uma palavra feia — repreende-me.

— Eu posso dizer, porque sou adulto.

— Mesmo assim é uma palavra feia.

— Disseste duas palavras feias há bocado. Podia fazer queixa ao teu pai — ameaço.

— E eu faço queixa de ti à tua namorada bonita — responde em troca e eu desato a rir.

— Está bem, está bem, ganhaste — digo, gesticulando para ele ficar quieto.

A Tessa aparece no corredor. — Smith, queres vir para junto de mim?

Smith olha para ela e depois para mim e pergunta: — Posso ficar com o Hardin?

— Acho... — começa ela a dizer mas eu interrompo-a.

— Boa. — Suspiro e entrego o comando da televisão ao miúdo.

72

TESSA

Observo o Smith a sentar-se no sofá e a aproximar-se ligeiramente do Hardin. O Hardin olha para ele com alguma cautela, mas não o impede de se aproximar nem faz nenhum comentário. É irónico que o Smith pareça gostar do Hardin, quando este odeia crianças. No entanto, o Smith parece um aristocrata rural saído de um romance da Jane Austen e talvez o Hardin não o inclua na categoria de criança.

Nunca, responde ao Smith quando este lhe pergunta se vai casar comigo.

Nunca. Ele nunca quererá ter um futuro comigo. Lá no fundo, eu sabia isto, mas mesmo assim magoa-me que ele o expresse, especialmente deste modo frio e seguro, como se a pergunta fosse comicamente absurda. Podia ter suavizado o golpe, mesmo que um pouco.

Claro que não me quero casar agora, nem nos próximos anos. Mas magoa-me muito que ele exclua esta hipótese tão categoricamente. Declara que quer ficar comigo para sempre e, no entanto, não se quer casar? Será que estamos condenados a ficar apenas «namorados» para sempre? E será que me agrada a ideia de não ter filhos? Será que o seu amor por mim é suficiente para compensar o facto de eu prescindir do futuro que planeei ter?

Sinceramente não sei e estou a meditar no assunto. Neste momento, não quero viver obcecada com o futuro, ainda só tenho dezanove anos. As coisas entre nós têm corrido bem e não quero deitar tudo a perder.

Depois de limpar a cozinha e de pôr a loiça na máquina de lavar, vou espreitar mais uma vez o Hardin e o Smith e em seguida vou para o quarto para preparar tudo para amanhã. O meu telemóvel toca no momento em que escolho uma saia preta comprida para vestir no dia seguinte. É a Kimberly.

— Olá, ele já está melhor? — pergunto depois de atender.

— Sim, prescreveram-lhe uns antibióticos e dentro de pouco tempo deve ter alta e voltamos para casa. Espero que não haja problema em

ser tão tarde — diz.

— Claro que não, fica à vontade.

— E o Smith, como é que se está a dar?

— Ele está bem, está ao pé do Hardin — respondo, ainda sem acreditar no que está a acontecer.

Ela ri-se abertamente. — *A sério?* Ao pé do Hardin?

— Sim, imagina lá. — Faço uma careta e vou para a sala.

— Bem, que surpresa, mas sempre dá para treinar, para quando tiverem Hardinzinhos a correr pela casa — brinca.

As suas palavras atingem-me o coração e mordo o lábio inferior. — Pois... deve ser. — Tenho de mudar rapidamente de assunto, antes que o nó que sinto na garganta aumente.

— Bem, felizmente, isto já não demora muito. O Smith deita-se sempre às dez, mas como já são dez da noite, manda-o deitar quando achares que deve ir dormir. Muito obrigada, outra vez — diz a Kimberly e desliga.

Vou rapidamente à cozinha para embrulhar o meu almoço para amanhã. Vou levar os restos de hoje à noite.

— Porquê? — ouço o Smith perguntar ao Hardin.

— Porque estão encurralados na ilha.

— Porquê?

— O avião onde viajavam despenhou-se.

— Como é que não morreram?

— É um programa de televisão.

— Um programa estúpido — diz o Smith e o Hardin ri-se.

— Pois, acho que tens razão. — O Hardin abana a cabeça, divertido, e o Smith dá risadinhas. Em alguns aspetos, são muito parecidos: as covinhas nas bochechas, o formato dos olhos e os sorrisos. Acho que, com exceção do cabelo louro e da cor dos olhos, em criança o Hardin devia assemelhar-se muito ao Smith.

— Não te importas que eu me vá deitar ou queres que fique a tomar conta dele? — pergunto ao Hardin.

Ele olha para mim e depois para o Smith. — Hum... está-se bem. Só estamos a ver uns programas idiotas na televisão — responde.

— Então está bem. Boa noite, Smith. Vemo-nos daqui a um bocado, quando a Kim te vier buscar — digo-lhe. Ele olha para o Hardin e em

seguida para mim e sorri.

— Boa noite — sussurra.

Viro-me para voltar para o quarto, mas o Hardin detém-me, agarrando-me no braço. — Então, e não há um boa noite para mim? — pergunta com uma expressão amuada.

— Ah... sim, claro. Desculpa. — Abraço-o e dou-lhe um beijo na cara. — Boa noite — digo e ele dá-me outro abraço.

— De certeza que está tudo bem? — pergunta-me, puxando-me pelos ombros para olhar para mim.

— Sim, só estou cansada e, de qualquer modo, é a tua companhia que ele quer. — Esboço um sorriso.

— Amo-te — diz-me e dá-me um beijo na testa.

— Também te amo — respondo e vou rapidamente para o quarto e fecho a porta atrás de mim.

73

TESSA

No dia seguinte, o tempo está bom, não neva e restam apenas alguns vestígios de neve derretida nas bordas dos passeios. Quando chego à Vance, a Kimberly já está sentada à secretária e sorri-me quando eu vou buscar os habituais *donut* e café.

— Nem te vi quando foste lá a casa ontem à noite. Adormeci — digo-lhe.

— Eu sei, o Smith também estava a dormir. Obrigada — diz no momento em que o seu telemóvel toca.

Sinto uma certa estranheza ao regressar ao meu gabinete, depois de ter passado o dia de ontem no *campus*. Por vezes, tenho a sensação de ter uma vida dupla: metade de mim é uma estudante universitária e a outra metade uma adulta. Vivo num apartamento com o meu namorado e tenho um estágio pago que, na prática, se assemelha a um emprego e não a um estágio. Gosto destas minhas duas facetas e, se tivesse de escolher, escolheria a faceta adulta, mas ao lado do Hardin.

Absorvo-me no trabalho e as horas voam. Depois de vários textos fracassados, deparo-me com um romance realmente cativante. Por isso, engulo num instante o almoço para poder continuar com a leitura. Espero que encontrem a cura para a doença da personagem principal; angustia-me a hipótese de ele poder morrer. O resto do dia passa muito depressa, comigo completamente alheada do mundo e embrenhada no romance, que acaba de um modo dramático.

Encharcada em lágrimas, saio da editora e vou para casa. O Hardin não me disse mais nada desde que o deixei rabugento na cama e não consigo esquecer as suas palavras de ontem à noite. Tenho de parar de cismar no assunto; por vezes, gostava de ser como as outras pessoas e de ser capaz de desligar a minha mente. Infelizmente, é-me impossível dominar esta necessidade de matutar nos problemas. Mas é assim que eu sou e neste momento só consigo pensar no facto de não haver futuro para a minha relação com o Hardin. Mas tenho de fazer qualquer coisa

para não ficar obcecada com isto. Ele é como é, nunca quererá casar ou ter filhos.

Talvez fosse boa ideia telefonar à Steph, depois de ir ao supermercado e fazer uma máquina de roupa, uma vez que hoje à noite o Hardin e o Landon vão ao jogo de hóquei... Meu Deus, espero que corra bem.

Quando chego ao apartamento, encontro o Hardin ainda na cama, a ler.

— Olá, giraça. Como é que correu o dia? — pergunta quando eu entro.

— Acho que correu bem.

— O que é que se passa? — O Hardin olha para mim.

— O romance que hoje li era tão triste... fantástico mas de partir o coração — digo, tentando não voltar a emocionar-me.

— Ah, devia ser bom, se te comoveu assim. — Sorri. — Ainda bem que não estava ao teu lado quando leste o *Adeus às Armas*.

Deixo-me abater na cama, ao seu lado. — Este era ainda mais dramático, muito mais.

Agarra-me pela blusa, puxando-me para encostar a minha cabeça ao seu ombro. — A minha namorada sensível. — Enquanto me acaricia passando os dedos pela minha coluna, a maneira como falou faz-me sentir um formigueiro na barriga. Ser tratada como «a minha namorada» põe-me mais feliz do que devia.

— Ao menos foste às aulas hoje? — pergunto-lhe.

— Não. Tomar conta daquela metade de gente esgotou-me.

— Estás a querer dizer «tomar conta» da televisão com ele?

— É o mesmo. Fiz mais do que tu.

— Então gostaste dele? — Não sei porque estou a fazer esta pergunta.

— Não... Bom, tendo em conta o facto de as crianças serem muito chatas, ele não é dos piores, mas, nos tempos mais próximos, não estou a pensar em marcar mais encontros lúdicos. — Sorri.

Suspiro mas não volto a referir-me ao Smith. — Estás pronto para o jogo de hoje?

— Não, já lhe disse que não vou.

— Hardin! Tens de ir — grito-lhe.

— Estou a brincar... ele deve estar quase a chegar. Ficas-me a dever

um favor por esta merda toda, Tess — lamenta-se o Hardin.

— Tu gostas de hóquei e o Landon é uma boa companhia.

— Não tão boa companhia como tu. — Dá-me um beijo na cara.

— Estás muito bem-disposto para alguém que age como se estivesse a caminho da sala de tortura.

— Se isto não correr bem, não quero ser eu a assumir o papel do torturado.

— É melhor seres simpático com o Landon hoje à noite — aviso-o.

Ergue o olhar, fazendo uma carinha de inocente, mas eu conheço-o bem. Batem à porta, mas o Hardin não se mexe. — É o teu amigo, podes abrir a porta — diz-me.

Lanço-lhe um olhar pouco satisfeito, mas vou à porta.

O Landon está com uma *T-shirt* da sua equipa de hóquei, calças de ganga e ténis. — Olá, Tessa! — saúda-me com o seu habitual sorriso amistoso e dá-me um abraço.

— Vamos despachar o assunto? — diz o Hardin antes de eu conseguir dizer qualquer coisa ao Landon.

— Bom, estou a ver que vai ser uma noite divertida — brinca o Landon e passa a mão pelo seu cabelo curto.

— Vai ser a noite mais divertida de toda a tua vida — responde o Hardin na brincadeira.

— Boa sorte — digo ao Landon, que dá uma risadinha.

— Oh, Tess, ele só está a fazer número, a fingir que não está entusiasmado com a perspetiva de passar umas horas comigo. — O Landon sorri e o Hardin faz uma careta.

— Bom, é demasiada testosterona para mim, vou mudar de roupa e dedicar-me a umas tarefas domésticas. Divirtam-se, os dois — digo, deixando os dois homens a sós com os seus joguinhos.

74

HARDIN

O Landon e eu furamos por entre a multidão e eu resmungo e pergunto: — Porque é que já está tanta gente?

Encara-me com um olhar de crítica. — Porque nos fizeste atrasar.

— O jogo só começa daqui a quinze minutos.

— Chego sempre com uma hora de antecedência — explica-me.

— Claro que chegas. Mesmo quando não estou com a Tessa, estou com a Tessa — queixo-me. O Landon e a Tessa são literalmente iguais no que toca à irritante necessidade de serem os primeiros e os melhores em tudo o que fazem.

— Devias-te sentir orgulhoso por andares com a Tessa — diz-me.

— Para de chatear para ver se conseguimos desfrutar do jogo — respondo de modo bruto, mas não consigo deixar de sorrir ao ver que o chateei. — Desculpa, Landon. Eu tenho orgulho por andar com ela. E agora, será que te podes descontrair? — Rio-me.

— OK, OK. Vamos para os nossos lugares — diz calmamente, conduzindo-me.

— Mas o que é isto! Viste aquilo? Como é que podem achar que foi válido?! — grita o Landon. Nunca o tinha visto assim tão enérgico. No entanto, mesmo zangado, continua a parecer uma menina. — Andem lá! — grita mais uma vez e eu estou com imensa vontade de rir.

Acho que a Tessa tinha razão: não é uma companhia assim tão horrível. Claro que não seria a minha primeira escolha, mas não é assim tão mau.

— Ah, se gritares muito, pode ser que eles vençam — afirmo.

Não faz caso do que eu digo e passa todo o jogo aos gritos e aos assobios. Alterno entre assistir ao jogo e mandar mensagens obscenas à Tessa e, antes de me dar conta, o Landon grita «Boa!» quando a sua equipa vence no último segundo da partida.

O público aglomera-se para sair do estádio e tentamos furar por entre

eles. — Cuidado — diz uma voz atrás de mim.

— Desculpe — pede o Landon.

— Bem me parecia — responde a voz e eu volto-me e deparo-me com um Landon todo nervoso e um parvalhão com uma *T-shirt* da equipa adversária. O Landon engole em seco mas não responde ao homem nem ao seu grupo de amigos, que continuam a meter-se com ele.

— Olha para ele, cheio de medo — diz outra voz que imagino pertencer a um amigo do parvalhão.

— Eu... eu... — balbucia o Landon.

Mas que merda é esta? — Ponham-se a milhas, desapareçam — rosno e eles viram-se para mim.

— Ah, sim? Ou então o quê? — Sinto o hálito a cerveja do mais alto deles.

— *Parto-te* a cara e envergonho-te em público. Vai-se tornar o momento crucial do jogo. É isso — aviso-o, estando mesmo predisposto a fazê-lo.

— Anda, Dennis, vamo-nos embora — diz o mais pequeno, o único que parece ter algum bom senso, e arrasta o amigo pela *T-shirt*, desaparecendo ambos no meio da multidão. Agarro o Landon pelo braço e puxo-o até à saída. A Tessa desfazia-me se eu permitisse que lhe batessem.

— Obrigado, foste simpático em defender-me — diz o Landon quando chegamos ao carro.

— Não tornes tudo mais difícil, está bem? — respondo com um sorrisinho, e ele abana a cabeça, mas ouço-o a rir consigo próprio.

— Queres que te leve já a casa? — pergunta após alguns minutos de um silêncio incómodo, enquanto esperamos pela nossa vez para sair daquele estacionamento superlotado.

— Sim, claro. — Volto a olhar para o telemóvel para ver se a Tessa me respondeu. Nada. — Sempre te vais embora? — pergunto ao Landon.

— Ainda não decidi, mas gostava muito de viver perto da Dakota — explica.

— Porque é que ela não se muda para cá?

— Porque aqui não há hipóteses de prosseguir com a sua carreira. Só em Nova Iorque. — O Landon deixa que um carro se meta à sua frente,

apesar de, desde que saímos do parque de estacionamento, ainda não termos avançado praticamente nada.

— Vais desistir da tua vida e mudar-te para lá por causa dela? — troço.

— Sim. Prefiro essa hipótese a viver longe dela. E a mudança até me agrada. Nova Iorque deve ser uma cidade fantástica para se viver. Nas relações não existe só uma pessoa, sabias? — afirma, olhando de soslaio para mim. *Sacana*.

— Isso é uma indireta?

— Não obrigatoriamente, mas, se te sentiste tocado, então pode ser. — Um grupo de bêbedos idiotas cambaleia à frente do carro, mas o Landon parece não se importar com o facto de eles estarem a bloquear o nosso caminho.

— Para com essas merdas — respondo. Não estou para aturar isto.

— Estás a dizer-me que não mudavas de cidade para ficar junto da Tessa?

— Sim, é isso mesmo. Não quero viver em Nova Iorque, por isso nunca iria viver para lá.

— Não me estou a referir a Nova Iorque, mas sim a Seattle. Ela quer ir viver para Seattle.

— Ela vai viver comigo para Inglaterra — digo-lhe. Aumento o volume do rádio, na esperança de pôr um ponto final à conversa.

— E se ela não for? Sabes que ela não quer, por isso porque é que a hás de forçar a ir?

— Não a estou a forçar a nada, Landon. Ela vem porque andamos um com o outro e ela não vai querer viver longe de mim, tão simples como isso. — Verifico outra vez o telemóvel, para me alhear da irritação que o meu querido «meio-irmão» me está a provocar.

— És um parvalhão.

Encolho os ombros. — Nunca afirmei o contrário.

Ligo à Tessa e fico à espera que atenda. Mas isso não acontece. *Fantástico, merda, fantástico*. Espero que, quando eu regressar, ela ainda lá esteja. Se o Landon não guiasse a passo de tartaruga, a esta hora já tínhamos chegado. Permaneço calado, a roer as peles à volta das unhas. Ao fim do que me pareceram umas três horas, o Landon para à frente do meu apartamento.

— A noite até não foi má, pois não? — pergunta-me quando saio do carro e eu dou uma risadinha.

— Pois não. Acho que tens razão — admito. Depois brinco: — Se contares a alguém o que te acabei de dizer, mato-te.

O Landon dá uma gargalhada e vai-se embora. Respiro fundo, contente por ele não ter apanhado um arraial de porrada daqueles tipos.

Quando entro em casa, a Tessa está a dormir profundamente no sofá. Sento-me e fico uns momentos a observá-la.

75

HARDIN

Depois de ficar a observar a Tessa a dormir durante um bocado, pego nela ao colo e levo-a para o nosso quarto. Ela segura-se aos meus braços e encosta a cabeça no meu peito. Pouso-a suavemente na nossa cama e tapo-a com os cobertores. Dou-lhe um beijinho na testa e, no momento em que me viro para me preparar para ir para a cama, ela diz qualquer coisa.

— Zed — murmura ela.

Será que ela...? Fito-a, tentando repetir na minha mente os últimos três segundos. Ela não disse...

— Zed. — Ela sorri e vira-se de barriga para baixo.

Mas que merda é esta?

Tenho vontade de a acordar para lhe exigir uma explicação para o facto de ter pronunciado o nome do Zed — duas vezes — enquanto dormia. Mas a minha faceta paranoica e irascível já sabe o que ela me responderia. A Tessa iria tranquilizar-me, dizendo que não há nada com que eu tenha de me preocupar, que são apenas amigos e que ela me ama. Por mais que a sua resposta até possa ser verdadeira, ela acabou de pronunciar o nome dele.

Ouvir o nome deste idiota a sair dos lábios dela, depois de ter aturado o Landon e as suas certezas em relação ao futuro, é a gota de água que faz transbordar o copo. Não tenho certezas de nada, não como ele as tem, e a Tessa também não está segura acerca de mim. Caso contrário, não estaria a sonhar com o Zed.

Pego num papel e numa caneta e rabisco uma nota, que lhe deixo em cima da cómoda. E saio de casa.

Guio na direção do bar que o Nate e os amigos frequentam. Não estou a pensar lá ir, pois eles podem lá estar, mas há um espaço muito próximo desse bar onde eu habitualmente ia beber uns copos. Como eu gosto do estado de Washington e destes palermas que nunca pedem a

identificação aos miúdos universitários.

A voz da Tessa, pedindo-me para não voltar a beber, ecoa na minha mente, mas não faço caso. Preciso de uma bebida. Em seguida, sou atacado pelas vozes do Zed e do Landon. Porque é que as pessoas à minha volta acham que eu me vou interessar pelas suas opiniões?

Não me vou mudar para Seattle — o Landon que se vá lixar com a porcaria dos seus conselhos. Lá porque ele quer acompanhar a namorada, isso não significa que eu o queira fazer. Já estou a ver o filme: faço as malinhas e mudo-me com ela para Seattle e dois meses depois ela cansa-se das minhas merdas e deixa-me. Seattle é o mundo dela, não é o meu, e ela pode descartar-me com a mesma facilidade como me levou.

Entro no bar, que não está muito cheio e com uma música de fundo pouco audível. Uma loura familiar está atrás do balcão e olha-me com surpresa e interesse.

— Há quanto tempo, Hardin. Sentiste a minha falta? — Faz um sorriso malicioso e passa a língua pelos lábios, tenho a certeza de que a recordar-se das noites que passámos juntos.

— Sim. Agora serve-me uma bebida — respondo.

76

TESSA

Quando acordo, o Hardin não está na cama. Parto do princípio de que está a beber café ou a tomar duche. Vejo as horas no telemóvel e obrigo-me a sair da cama. Apesar de ontem à noite ter acabado por ficar em casa, sinto-me bastante cansada e não me esforço muito com a minha aparência, vestindo apenas uma *T-shirt* da WCU e umas calças de ganga. Ainda ponho a hipótese de usar umas calças de ioga, para me meter com o Hardin quando o vir, mas não as encontro em lado nenhum. Conhecendo-o como conheço, o mais provável é que as tenha escondido, para que outros homens não me vejam com elas.

Volto a procurar na gaveta de cima da cómoda e, quando a fecho, cai um pedaço de papel ao chão.

«Fui tomar o pequeno-almoço com o meu pai», lê-se, escrito pela mão do Hardin. Sinto um misto de estranheza e felicidade. Espero, sinceramente, que o Hardin e o Ken consigam continuar a construir um relacionamento.

Quando acho que já passou o tempo suficiente para o pequeno-almoço ter acabado, tento ligar ao Hardin, mas ele não atende. Envio-lhe uma mensagem e saio para ir ter com o Landon ao café.

Ao chegar, o Landon está sentado numa mesa e aponta para as duas bebidas à sua frente. — Já pedi a tua — diz com um sorriso e entrega-me o copo de papel.

— Que simpático, obrigada. — O sabor agridoce do café desperta-me e dá-me energia para o resto do dia. Mas começo a ficar ansiosa por ainda não ter notícias do Hardin.

— Olha para nós, vestidos de estudantes universitários — brinca o Landon, apontando para as nossas camisolas, que são idênticas. Rio e bebo mais um trago deste abençoado café. — Olha, e então o Hardin? — O Landon sorri. — Esta manhã não te leva às aulas?

Encolho os ombros. — Não sei. Ele deixou-me uma nota a dizer que tinha saído cedo para ir tomar o pequeno-almoço com o pai.

O Landon para a meio de um gole e lança-me um olhar interrogativo. — A sério? — E, após um momento, acena e diz: — Acho que já aconteceram coisas mais estranhas.

A resposta dele deixa-me cheia de dúvidas. O Hardin foi mesmo tomar o pequeno-almoço com o pai. *Não foi?*

Eu e o Landon vamos a pé para as aulas. Continuo sem receber nenhuma resposta do Hardin às minhas numerosas mensagens, o que me angustia ainda mais.

Ocupamos os nossos lugares e o Landon olha para mim e pergunta: — Estás bem? — Quando vou para responder, vejo o professor Soto a entrar na sala.

— Bom dia a todos! Desculpem o atraso, deitei-me tarde ontem. — Sorri e sacode um casaco de cabedal dos ombros antes de o atirar para as costas da sua cadeira. — Espero que todos tenham tido tempo de comprar ou roubar um diário?

O Landon e eu entreolhamo-nos e tiramos os nossos diários. Olho em redor e percebo que são poucos os alunos que trouxeram um diário e, mais uma vez, fico espantada com a falta de consciência dos estudantes universitários.

Mas o professor Soto não se perturba com isso e ajeita a gravata distraidamente. — Se não o fizeram, usem uma folha de papel em branco, porque na parte inicial da aula vamos tratar do primeiro trabalho. Ainda não decidi quantos haverá, exatamente, mas, como eu disse, o diário contará para a maior parte da vossa nota, por isso terão de se esforçar, pelo menos, um bocadinho. — Sorri e senta-se, com os pés em cima da secretária. — Quero que discorram sobre as vossas ideias sobre a fé. O que é que significa para vocês? Não há respostas erradas e não importa qual a vossa religião. Podem escolher o caminho que quiserem: têm fé num poder superior? Sentem que a fé pode ter um efeito mentalmente benéfico? Talvez encarem a fé de uma perspetiva completamente diferente: ter fé em algo ou alguém altera o resultado de uma situação? Ter fé que o nosso amante infiel vai deixar de ser infiel pode fazer alguma diferença? Ter fé em Deus... ou em vários deuses... faz de vocês pessoas melhores do que as que não têm? Peguem no tópico da fé e trabalhem-no como quiserem... façam é alguma coisa — diz ele.

Sinto a cabeça num turbilhão. Eu costumava ir à igreja quando era pequena, mas tenho de admitir que a minha relação com Deus não tem sido sempre a mais forte. Sempre que encosto a caneta à primeira página do meu diário, o Hardin vem-me à cabeça. *Porque é que ele ainda não disse nada? Ele liga sempre. Deixou uma nota, portanto, sei que está bem — mas onde é que ele está agora? Quando é que me vai dar notícias?*

O pânico vai aumentando a cada mensagem sem resposta. Ele mudou tanto, melhorou o seu comportamento.

Fé. Terei tido demasiada fé no Hardin? Se mantiver esta fé, será que ele muda?

Sem perceber, o tempo passa e já vou na terceira página. A maior parte do que escrevi saiu diretamente de dentro de mim para o papel, deixando a minha mente e coração alheados do assunto. Escrever sobre a minha fé no Hardin ameniza o meu sofrimento. O professor Soto anuncia o fim da aula e o Landon conta-me o que escreveu no seu diário. Optou por falar da fé em si próprio e no seu futuro. Eu não hesitei em escrever sobre o Hardin. Não tenho bem a certeza do que sinto em relação a isso.

O resto do dia arrasta-se lastimosamente, uma vez que continuo sem notícias do Hardin. Até à uma da tarde, ligo-lhe mais três vezes e envio mais oito mensagens; mas sem resposta. Sinto-me mal — sobretudo por ter acabado de escrever sobre fé e sobre os meus sentimentos em relação a ele —, mas desejo antes de tudo que ele não tenha ido fazer nada que nos prejudique.

O meu segundo pensamento vai para a Molly. Tem piada como ela me aparece na cabeça quando há problemas. Bem, piada não é propriamente o termo, mas é recorrente. Ela é como uma aparição que me vem à cabeça, mesmo estando eu segura de que ele não me trairia.

77

HARDIN

— Queres outro café? — pergunta-me ela. — Ajuda a curar a ressaca.

— Não, eu sei livrar-me de uma ressaca, já tive muitas — rosno.

A Carly suspira. — Não sejas idiota, só estava a perguntar.

— Para de falar — massajo as têmporas. Que voz mais irritante!

— Encantador como sempre, estou a ver. — Ri e deixa-me sozinho na sua pequena cozinha.

Sou um parvalhão por estar aqui, mas não tinha outra opção. Tinha, sim, mas estou a tentar desculpabilizar-me pela minha reação exagerada. Fui duro com a Tessa e disse umas coisas lixadas e, agora, aqui estou eu, na cozinha da Carly, a beber a merda de um café a estas horas da tarde.

— Queres boleia até ao teu carro? — grita ela, da outra divisão.

— Obviamente — respondo e ela entra na cozinha só em sutiã.

— Tens sorte por te ter deixado vir para cá curtir a bebedeira. O meu namorado deve estar a chegar, temos de ir. — Enfia a *T-shirt* pela cabeça abaixo.

— Tens um namorado? Fixe. — Isto está a ficar cada vez melhor.

Bufa. — Sim. Tenho. Nem toda a gente sonha em ter uma lista interminável de amigos coloridos.

Apetece-me falar-lhe da Tessa, mas decido não o fazer, não tem nada a ver com isso.

— Primeiro, tenho de ir mijar — digo-lhe e vou à casa de banho.

Sinto a cabeça a latejar e estou furioso comigo mesmo por ter cá vindo. Devia estar em casa... bem, no *campus*. Ouço o telemóvel a vibrar na bancada e viro-me para trás.

— Não te atrevas a atender — digo-lhe e ela dá um passo atrás.

— Não ia! Então, puto, ontem não estavas assim tão bruto — observa, mas eu ignoro-a.

Acompanho a Carly até ao carro dela, com a cabeça a latejar a cada passo que dou. Não devia ter bebido tanto. Não devia sequer ter bebido.

Olho para a Carly, que abre a janela e acende um cigarro.

Ela não é nada o meu género nem nunca poderia ser. Não usa cinto de segurança. Maquilha-se nos semáforos. A Tessa é tão diferente dela, tão diferente de qualquer das raparigas com quem já estive.

Voltamos para o bar onde, na noite de ontem, apanhei uma enorme bebedeira. Durante o caminho, leio e releio incessantemente as mensagens da Tessa. Que horror — ela deve estar muito preocupada. Não estou com discernimento para pensar numa boa desculpa e, por isso, limito-me a enviar uma mensagem em que digo: «Adormeci no carro, depois de apanhar uma bebedeira com o Landon ontem à noite. Já volto.»

Isto não faz muito sentido e hesito por uns instantes. Mas o meu cérebro está demasiado atordoado e pressiono a tecla «enviar», ficando à espera da sua resposta. Nada. Bem, não lhe posso confessar que dormi na casa da Carly. Ela não me perdoaria, nem me quereria ver mais. Tenho a certeza. Sei que está a começar a fartar-se das minhas merdas. É bem evidente.

Mas não faço a mínima ideia de como resolver a situação.

A Carly trava bruscamente e pragueja, interrompendo os meus devaneios.

— Ah, merda, temos de escolher outro caminho, há um acidente ali à frente — diz, apontando para os carros a bloquear a estrada.

Ergo o olhar e vejo um homem de meia-idade, de pé, com as mãos nos bolsos, a falar com um polícia. Aponta para um carro branco, muito parecido... com o...

Entro em pânico.

— Para o carro — ordeno.

— O quê? Por favor, Hard...

— Eu disse *para a porcaria do carro*! — Num ímpeto, abro a porta mal o carro para e corro para o local onde se deu o acidente. — Onde está o outro condutor? — pergunto, furioso, ao polícia e olho em volta.

A parte da frente do carro branco está muito danificada e, então, reparo no cartão de estacionamento da WCU pendurado no retrovisor. *Merda*. Vejo uma ambulância estacionada ao lado do carro-patrulha. *Merda*.

Se lhe tiver acontecido alguma coisa... se ela não estiver bem...

— Onde está a rapariga? Alguém me *responda*, porra! — grito.

O polícia faz uma expressão agressiva, mas o outro condutor percebe a minha ansiedade e responde, suavemente: — Ali —, e aponta para a ambulância.

O meu coração para de bater.

Corro para lá, completamente em transe. A ambulância tem as portas abertas... e a Tessa está sentada à entrada, com um saco de gelo na cara.

Graças a Deus. Graças a Deus que não é nada.

Corro para ela, sem parar de falar. — O que é que aconteceu? Estás bem?

Ao ver-me, faz uma expressão de alívio. — Tive um acidente. — Tem um penso no olho e o lábio inchado e ferido num dos lados.

— Podes ir embora? — pergunto, bruscamente. — Ela pode ir embora? — pergunto à jovem paramédica que se encontra por perto.

A mulher anui e afasta-se rapidamente. Pego no saco de gelo da Tessa e afasto-o, revelando uma nódoa negra do tamanho de uma bola de golfe. Tem manchas na cara, provocadas pelas lágrimas, e os seus olhos estão inchados e vermelhos. A sua pele delicada, em redor do olho, começa a ganhar uma tonalidade mais escura.

— Merda. Estás bem? Ele é que teve a culpa? — Viro-me para ver onde é que aquele idiota está.

— Não, eu é que fui contra ele — diz ela, pegando a tremer no saco de gelo e encostando-o de novo à pele. Então, ergue a cabeça e pergunta com uma expressão pouco tranquila: — Onde é que estiveste?

— O quê? — pergunto, muito confuso, devido à ressaca e ao estado em que a encontrei.

Com uma enorme frieza, ela repete: — Perguntei: «Hardin, onde é que estiveste?»

Percebo a situação complicada em que estou metido. *Merda.*

No momento em que vou dar uma desculpa qualquer, a Carly aproxima-se e dá-me uma palmada no rabo.

— Bem, senhor sorumbático e imprevisível, será que me posso ir embora? Podes ir a pé até ao teu carro, não podes? Tenho mesmo de voltar para casa.

A Tessa fica de olhos arregalados.

— Quem és *tu*?

Merda. Merda. Merda. Isto não está a acontecer. Não pode.

A Carly sorri e acena para a Tessa.

— Sou a Carly, uma amiga do Hardin. Que chatice teres tido um acidente. — Depois olha para mim. — Posso ir?

— Adeus, Carly — respondo.

— Espera — diz a Tessa. — Ele passou a noite contigo, em tua casa?

Tento que a Tessa olhe para mim, mas ela continua a fitar a Carly, que responde:

— Sim, estava só a dar-lhe uma boleia até ao carro.

— O carro? Onde é que está? — pergunta, com a voz trémula.

— *Adeus*, Carly — digo de novo, tentando avisá-la com um olhar.

A Tessa levanta-se com dificuldade.

— Não, diz-me onde é que está o carro dele.

Agarro-lhe nos cotovelos, para a deter, mas ela afasta-me, gemendo de dor ao andar. — Não me toques — diz entre dentes.

— Carly, onde é que está o carro dele? — repete a Tessa.

A Carly levanta as mãos e olha ora para mim ora para a Tessa.

— No bar onde trabalho. Pronto, vou-me embora — diz e afasta-se.

— Tess... — suplico. *Meu Deus, porque é que eu sou tão idiota?*

— Afasta-te de mim — responde. A sua bochecha faz uma cova porque ela está a mordê-la, tentando conter as lágrimas. Agora que ela está aqui, a olhar para o infinito e a tentar mostrar-se esvaziada de emoções, sinto a falta dos dias de choro constante.

— Tessa, temos... — começo, mas falha-me a voz. Por uma vez, sou eu aquele que está com as emoções à flor da pele, mas não me importo. Ainda não recuperei do pânico que senti ao ver a frente do carro dela esmagada e, neste momento, tudo o que desejo é abraçá-la.

Continua sem olhar para mim. — Vai-te embora. Já. Ou digo ao polícia para te obrigar a ir.

— Estou-me a cagar para eles...

Os seus olhos faíscam de raiva. — Não. Estou farta de te ouvir! Não sei o que aconteceu na noite passada, mas desde manhã que sei, *percebi,* que estavas com outra pessoa. Só tentei não acreditar no óbvio.

— Podemos resolver isto — imploro. — Sempre o fizemos.

— Hardin! Não *vês* que acabei de sofrer um acidente? — grita e

começa a chorar, fazendo com que a paramédica se volte a aproximar. — Acho que não consegues perceber como a tua noção da realidade está tão distorcida. Escreves-me uma nota na noite passada a dizer que esta manhã foste ter com o teu pai; *depois* envias uma mensagem onde afirmas que adormeceste bêbedo no carro, depois de teres estado a beber com o Landon. Com o *Landon*! Deves-me achar muito estúpida para pensares que eu vou acreditar em tudo... até em versões contraditórias. — Olha-me fixamente. — Claro que tu próprio és um monte de contradições, por isso, sim, percebo que penses que a realidade à tua volta também seja.

Fico sem palavras, ao tomar consciência da minha enorme estupidez. Sou tão estúpido, mesmo muito estúpido. E não apenas por não conseguir manter alguma coerência nas histórias que conto.

A paramédica aproveita esse momento para pousar uma mão no ombro da Tessa e diz: — Está tudo bem por aqui? Temos de a levar para o hospital, só para descartarmos a hipótese de outras lesões.

A Tessa enxuga as lágrimas que lhe correm pelo rosto e responde, olhando para mim: — Sim, estou pronta. Estou pronta para me ir embora agora.

78

HARDIN

Abro a minha quarta cerveja e giro a cápsula na superfície de madeira brilhante da nossa mesa de café. Quando é que ela chega? Será que ela *vai* chegar?

Talvez lhe devesse mandar uma mensagem a dizer-lhe que *fui* para a cama com a Carly, só para acabar com o sofrimento de ambos.

Um toque bastante ruidoso na porta desperta-me das minhas divagações.

Cá vamos nós. Espero que ela esteja sozinha. Pego na cerveja, bebo mais um gole e vou abrir. As batidas passam, rapidamente, para marteladas e quando abro a porta deparo-me com o Landon. Antes de conseguir reagir, ele agarra-me pelo colarinho da *T-shirt* e atira-me contra a parede.

Que diabo? Ele é muito mais forte do que eu imaginava e estou espantado com o seu comportamento agressivo.

— Que merda foi essa? — grita. Nem sabia que ele era capaz de gritar tão alto.

— Sai de cima de mim, porra! — Empurro-o, mas ele não se move. Ele tem força, porra.

Larga-me e, por uns instantes, penso que me vai dar um murro, mas não o faz.

— Já soube que foste para a cama com outra rapariga e que por tua causa ela se estampou! — Aproxima-se da minha cara de novo.

— Sugiro que baixes a merda da voz — respondo.

— Não tenho medo de ti — diz ele entre dentes.

O álcool faz com que me sinta enfurecido, quando me devia sentir envergonhado. — Já te dei uma sova antes, lembras-te? — digo e volto a sentar-me no sofá.

O Landon segue-me. — Na altura, eu não estava tão irritado contigo como estou agora. — Ergue o queixo. — Não podes andar sempre a magoá-la!

Gesticulo, para contrariar as suas afirmações. — Nem sequer fui para a cama com aquela rapariga. Só dormi na casa dela, por isso, mete-te na tua vida de merda.

— Oh, uau! Claro que estás a beber! — Aponta para as latas de cerveja vazias na mesa e na que está na minha mão. — A Tessa está toda ferida e contundida por tua causa, e aqui estás tu, a embebedar-te. Tu não prestas! — grita.

— Não fui o culpado, porra, e eu tentei falar com ela!

— *Foste* o culpado, sim! Ela teve o acidente quando estava a ler a tua mensagem. Uma mensagem que ela percebeu logo que era mentira, para que saibas.

Fico sem fôlego. — De que é que estás a falar? — pergunto, a respirar com dificuldade.

— Ela estava tão preocupada por não saber de ti que pegou no telemóvel mal viu o teu nome.

Fui eu o culpado. Como é que não percebi logo? Fui eu o causador dos seus ferimentos. Eu magoei-a.

O Landon continua a olhar para mim. — Ela está farta de ti; sabes disso, não sabes?

Ergo o olhar para ele, subitamente cansado. — Sim, sei. — Pego na cerveja. — E tu podes-te ir embora, agora.

Mas ele tira-me a garrafa das mãos e vai até à cozinha.

— Estás mesmo a abusar, porra — aviso-o e ponho-me de pé num salto.

— Estás a ser um idiota e sabe-lo bem. Em vez de te preocupares com os ferimentos da Tessa, estás aqui a embebedar-te! — grita ele.

— Para de me gritar! Merda! — Puxo os cabelos pelas raízes. — Eu estou preocupado. Mas ela não vai acreditar em nada do que eu disser!

— E o que é que achas? Devias ter vindo para casa ou, para começar, nunca ter saído — diz e despeja a minha cerveja pelo cano abaixo. — Como é que podes estar tão indiferente? Ela ama-te tanto. — Vai até ao frigorífico e passa-me uma garrafa de água.

— Não estou indiferente. Mas estou farto de viver na angústia de que alguma coisa de mal aconteça. Discursaste e discursaste sobre a tua vida amorosa perfeita e sobre a necessidade de se fazer opções, blá-blá. E depois chego a casa e a Tess diz a porcaria do nome dele. — Inclino a

cabeça para trás e contemplo o teto durante uns momentos.

— O nome de quem? — pergunta ele.

— Do Zed. Ela disse o nome dele enquanto dormia. Preto no branco, como se ela quisesse que ele estivesse aqui, em vez de mim.

— A dormir? — pergunta e consigo ouvir o sarcasmo na sua voz.

— Sim. A dormir ou não, disse o nome dele em vez do meu.

Revira os olhos. — Não percebes o ridículo do que me estás a contar? A Tessa fala no Zed enquanto está a dormir e tu sais de casa e vais apanhar uma bebedeira? Que importância é que isso teve?

Rebento a garrafa de água com a força com que a aperto.

— Não te atrevas... — começo a dizer, mas, então, ouço chaves e o som da fechadura da entrada a rodar e a porta a abrir.

Viro-me e vejo-a a entrar. *A Tessa.*

... e o Zed. O Zed ao seu lado.

Levanto-me e aproximo-me deles, sem ver nada à frente. — Que merda é esta? — grito.

A Tessa dá um passo para trás, desequilibra-se e segura-se à parede atrás de si. — Hardin, para! — grita-me.

— Não! Porra para isto! Estou farto de te ver sempre que há merda! — digo e empurro o peito do Zed com as mãos.

— Para com isso! — grita a Tessa de novo. — Por favor — diz ela e olha para o Landon. — O que é que estás aqui a fazer? — pergunta-lhe.

— Eu... vim falar com ele.

Aceno sarcasticamente.

— *Por acaso*, veio tentar dar-me uma sova.

Os olhos da Tessa quase lhe saem das órbitas. — O quê?

— Eu depois conto-te — diz o Landon.

O Zed está sem fôlego, a olhar para ela. Como é que ela foi capaz de o trazer cá depois de tudo o que aconteceu? Foi logo a correr para ele, claro. O homem dos seus *sonhos*.

A Tessa vira-se para o Zed e pousa-lhe a mão no ombro. — Obrigada por me trazeres a casa, Zed. Agradeço muito, mas, se calhar, é melhor ires-te embora.

Ele olha para mim. — Tens a certeza? — pergunta.

— Sim, tenho. Muito obrigada. O Landon está aqui e esta noite vou dormir a casa dos pais dele.

O Zed acena em concordância — *como se ele tivesse algum peso na matéria!* —, vai-se embora e a Tessa fecha a porta.

Não consigo controlar a fúria quando a Tessa se vira para mim com uma expressão de desagrado na cara. — Vou buscar as minhas roupas. — Entra no quarto.

Eu sigo-a, claro.

— Porque é que lhe pediste boleia? — grito-lhe.

— Porque é que foste beber com aquela Carly? Ah, espera, provavelmente para te queixares de que a tua namorada é muito *carente* e *cheia de expectativas* — explode.

— Oh, deixa-me adivinhar quanto tempo é que demoraste para ir contar ao Zed que eu sou um tipo horrível — rosno-lhe.

— Não! Não lhe disse nada, por acaso. Mas tenho a certeza de que ele já sabe.

— Vais-me dar oportunidade para eu me explicar? — pergunto-lhe.

— Claro — comenta ela, tentando tirar a sua mala da prateleira de cima do armário. Tento ajudá-la. — Deixa — reage ela, obviamente sem paciência para as minhas tretas.

Afasto-me e deixo-a tirar a mala. — Não devia ter saído ontem à noite — digo-lhe.

— A *sério*? — responde, sarcasticamente.

— Sim, a sério. Não devia ter saído e não devia ter bebido tanto, mas não te traí. Não faria isso. Só dormi na casa dela porque estava demasiado bêbedo para conduzir, só isso — explico.

Ela cruza os braços numa pose típica de namorada furiosa. — Então porque é que me mentiste?

— Não sei... porque sabia que não ias acreditar em mim se te contasse.

— Bem, os traidores não costumam admitir os seus atos.

— Eu não te traí — digo-lhe. Ela suspira, obviamente não convencida.

— É mesmo difícil acreditar em ti quando passas o tempo todo a mentir descaradamente. Desta vez não é diferente.

— Eu sei. Desculpa por ter mentido antes, por tudo, mas eu nunca te trairia. — Levanto os braços.

Ela dobra uma blusa e arruma-a, com todo o cuidado, na mala.

— Como eu acabei de dizer, os traidores não costumam admitir os

seus atos. Se não tivesses nada a esconder, não terias mentido.

— Não aconteceu nada de mal, não fiz nada com ela — digo, defendendo-me, enquanto ela arruma mais uma peça de roupa.

— Então e se eu me tivesse embebedado e passado a noite em casa do Zed? O que é que tu fazias? — pergunta-me, e a ideia quase me faz perder as estribeiras.

— Porra, matava-o.

— Então não tem mal nenhum quando é contigo, mas comigo tem? — Ela põe a nu as minhas contradições. — Nada disto importa, sequer, deixaste bem claro que eu estou apenas de passagem na tua vida — diz. Sai do quarto e vai à casa de banho buscar os artigos de higiene. Ela vai mesmo com o Landon para casa do meu pai. Mas que merda. Ela não está de passagem na minha vida, como é que é capaz de pensar isso? Provavelmente, por causa do que eu lhe disse ontem à noite e por hoje ficar sem saber o que dizer.

— Sabes que não vou deixar que isso aconteça — digo-lhe quando ela fecha a mala.

— Bom, vou-me embora.

— Porquê? Sabes que vais voltar. — A raiva fala por mim.

— É exatamente por essa razão que me vou embora — diz com uma voz trémula ao agarrar na mala e sair do quarto sem olhar para trás.

Quando ouço a porta da rua a bater ao fechar, encosto-me à parede e deixo-me deslizar até ao chão.

79

TESSA

Nove dias. Passaram nove dias sem que o Hardin desse notícias. Não pensei que fosse possível passar um único dia sem falar com ele, quanto mais nove. Francamente, parece que já lá vão cem, embora cada hora doa microscopicamente menos do que a anterior. Não tem sido fácil, nem por sombras. O Ken ligou ao Sr. Vance a pedir para eu tirar o resto da semana de folga, o que, de qualquer maneira, só implicou faltar um dia.

Sei que fui eu que parti, que virei as costas, mas magoa-me que ele nem sequer tenha tentado contactar-me. Fui eu quem mais se envolveu na relação e esta era a sua hipótese de me mostrar o que realmente sente. Acho que, de certa forma, mo está a mostrar — mas o que ele sente é o oposto daquilo que eu desesperadamente desejo. Que necessito.

Sei que o Hardin me ama, sei mesmo. No entanto, também sei que, se ele me amasse tanto como eu pensava, por esta altura já teria feito questão de mo demonstrar. Ele disse que não ia desistir, mas desistiu. Abandonou a relação e abandonou-me a mim. O que mais me assusta é que, na primeira semana, eu me senti completamente perdida. Senti-me perdida sem o Hardin. Perdida sem os seus comentários espirituosos. Perdida sem as suas observações rudes. Perdida sem a sua solidez e convicção. Perdida sem o seu hábito de me desenhar círculos na mão enquanto a segura entre as dele, sem a maneira como me beija sem motivo e me sorri quando pensa que eu não estou a ver. Não me quero sentir perdida sem ele; quero ser forte. Quero que os meus dias e noites sejam iguais, esteja eu sozinha ou não. Começo a suspeitar que vou ficar sozinha para sempre, por mais dramática que a ideia pareça; não fui feliz com o Noah e agora a relação com o Hardin não funcionou. Neste aspeto, talvez me assemelhe à minha mãe. Talvez seja melhor ficar sozinha.

Não queria que acabasse assim, de uma forma tão abrupta. Queria

falar sobre tudo, queria que ele atendesse os meus telefonemas para podermos tentar algum entendimento. Eu só precisava de espaço, precisava de um tempo longe dele para lhe mostrar que não sou o seu capacho. O tiro saiu-me pela culatra, porque ele, obviamente, não gosta tanto de mim como eu pensava. Talvez este tenha sido sempre o seu plano: fazer com que eu acabasse tudo. Já conheci algumas raparigas que provocam a rutura quando querem abandonar os namorados.

No primeiro dia fiquei à espera de uma chamada, uma mensagem, ou, para ser sincera, o que esperava mesmo era que o Hardin entrasse pela porta dentro a gritar a plenos pulmões e a fazer uma cena, enquanto eu e a família dele ficávamos sentados na sala de jantar, em silêncio, sem sabermos o que dizer. Quando isso não aconteceu, senti-me completamente perdida. Não fiquei a chorar pelos cantos e a sentir pena de mim. Mas senti-me completamente perdida. Vivi cada segundo na expectativa de o Hardin voltar para suplicar o meu perdão. Nesse dia, quase que cedi. Estive quase para voltar para o apartamento. Estava pronta para lhe dizer que me borrifo para o casamento, que não me importo que ele me minta todos os dias e não me respeite, desde que nunca se vá embora. Felizmente, afastei esta ideia e mantive algum respeito por mim mesma.

O terceiro dia foi o pior. Ao terceiro dia comecei a tomar consciência do que realmente se estava a passar. Ao terceiro dia recomecei a falar, depois de permanecer três dias quase sem pronunciar uma palavra, limitando-me a murmurar um simples sim ou não ao Landon ou à Karen, em resposta às suas tentativas desajeitadas para conversarem comigo. Os únicos sons que soltei foram um soluçar estrangulado e uma explicação pouco convincente e na qual nem eu própria acreditava, entre lágrimas, sobre como a minha vida ia ser melhor, mais fácil, sem ele. Ao terceiro dia olhei-me finalmente ao espelho e deparei-me com a cara suja e contundida, os olhos tão inchados que quase não abriam. Ao terceiro dia prostrei-me finalmente no chão, suplicando a Deus que fizesse a dor desaparecer. Ninguém aguenta uma dor assim, expliquei-Lhe. Nem mesmo eu. Ao terceiro dia liguei-lhe, não me consegui controlar. Disse a mim mesma que, se ele atendesse, iríamos resolver tudo e chegar a um acordo, com numerosas desculpas e promessas de nunca mais nos deixarmos. Em vez disso, a chamada foi para a caixa de

mensagens ao fim de dois toques, o que prova que ele rejeitou a chamada.

Ao quarto dia fraquejei e voltei a ligar-lhe. Desta vez teve a delicadeza de deixar tocar até ir para a caixa de mensagens, em vez de pressionar logo a tecla «ignorar». Ao quarto dia percebi que gosto muito mais dele do que ele de mim. Passei todo o quarto dia na cama a reviver as poucas vezes em que ele disse o que sentia por mim. Comecei a perceber que a nossa relação e a ideia que eu tinha do que ele sentia por mim não passavam de uma ilusão. Comecei a perceber que, enquanto eu pensava que tudo podia correr bem e durar para sempre, ele nem sequer estava a pensar em mim.

Foi nesse dia que decidi juntar-me às fileiras dos adolescentes normais e pedi ao Landon para me ensinar a descarregar música para o telemóvel. Depois de começar, não consegui parar mais. Adicionei mais de cem canções, passei praticamente todas as horas do dia com fones nos ouvidos. A música ajuda muito. Ouvir a dor de outras pessoas lembra-me que não sou a única a sofrer nesta vida. Não sou a única que amou alguém que não a amou o suficiente para lutar por ela.

Ao quinto dia tomei finalmente um duche e tentei ir às aulas. Fui à aula de ioga, esperando ser capaz de lidar com as recordações que a aula me invocaria. Senti-me estranha a andar por entre uma multidão de estudantes universitários alegres. Esperei com todas as minhas forças não dar de caras com o Hardin no *campus*. A fase em que eu queria que ele me ligasse já passara. Consegui beber metade do meu café nessa manhã e o Landon disse-me que o meu rosto estava a ganhar cores. Felizmente, ninguém pareceu reparar em mim. O professor Soto mandou-nos escrever umas linhas sobre os nossos maiores medos em relação à vida e como eles se relacionam com a fé e com Deus. — Têm medo de morrer? — perguntou-nos. *Já não estarei morta?*, respondi, em silêncio.

O sexto dia foi uma terça-feira. Comecei a pronunciar frases, frases incompletas que, em geral, não se relacionavam com o assunto em questão. Mas ninguém teve a coragem de mo dizer. Voltei à Vance. Durante a primeira parte do dia, a Kimberly não foi capaz de me olhar nos olhos, mas por fim tentou conversar comigo, sem grande sucesso. Falou num jantar e eu registei mentalmente, para lhe voltar a falar no

assunto quando conseguisse ter algum discernimento. Passei o dia a olhar especada para a primeira página de um romance manuscrito que, por mais vezes que eu lesse e relesse, não consegui perceber. Nesse dia, já não comi apenas o arroz ou a banana com que me alimentara nos dias anteriores. A Karen preparou carne assada — só reparei porque me recordou a noite em que jantei em casa deles com o Hardin, logo no início da nossa relação. As imagens dessa noite, a imagem dele sentado ao meu lado, dando-me a mão por baixo da mesa, fizeram-me voltar ao estado trágico, fazendo-me passar a noite na casa de banho a vomitar a pouca comida que ingeri.

À medida que me arrastei pelo sétimo dia, comecei a imaginar o que podia acontecer se eu deixasse de sentir esta dor. E se eu, simplesmente, desaparecesse? A ideia aterrorizou-me — não pela ideia da morte, mas por a minha mente ser capaz de pensamentos tão negros. Essa ideia arrancou-me da espiral descendente e devolveu-me à coisa mais próxima da realidade com que consigo lidar. Mudei de blusa e jurei nunca mais voltar a meter os pés no quarto do Hardin, acontecesse o que acontecesse. Comecei a procurar apartamentos que tivesse possibilidade de pagar perto da Vance e aulas *online* na WCU. Gosto demasiado do espírito académico para me isolar em aulas *online* e por isso acabei por desistir desta ideia. Mas encontrei alguns apartamentos que quero ir ver.

Ao oitavo dia sorri, um breve sorriso, mas toda a gente reparou. Na manhã do oitavo dia, ao chegar à Vance, voltei aos meus *donut* e café. Mantive-o no estômago e até voltei atrás para repetir. Vi o Trevor, que me disse que eu estava linda, apesar das minhas roupas amarrotadas e olhar vazio. O oitavo dia foi o dia da mudança, em que só perdi metade do tempo a desejar que as coisas entre mim e o Hardin tivessem corrido de forma diferente. Ouvi o Ken e a Karen a falar do aniversário do Hardin que ia ocorrer dentro de uns dias e fiquei surpreendida por só sentir uma ligeira angústia ao ouvir o nome dele.

O nono dia é hoje.

— Vou lá para baixo! — diz o Landon do lado de fora do «meu» quarto.

Ninguém falou em eu ir-me embora ou para onde poderia ir se fosse. Estou grata por isso, mas, ao mesmo tempo, sei que a minha presença

poderá ser um fardo. O Landon continua a assegurar-me de que posso ficar o tempo que quiser e a Karen recorda-me, ao longo do dia, o quanto gosta da minha companhia. Mas, no fim de contas, eles são a família do Hardin. Quero avançar, decidir para onde devo ir e onde devo viver e já não tenho medo.

Não posso e recuso-me a passar mais um dia que seja a chorar por causa de um rapaz tatuado desonesto e que já não me ama.

Quando desço, encontro o Landon a comer um grande pedaço de um *bagel*; está com um pouco de creme de queijo nos cantos da boca, que apanha com a língua.

— Bom dia. — Sorri com a boca cheia e os olhos arregalados.

— Bom dia — repito e encho um copo de água.

Ele continua a olhar para mim enquanto bebo um trago.

— O que é? — pergunto-lhe, por fim.

— Tu... bem... estás com ótimo aspeto — diz ele.

— Obrigada. Decidi tomar um duche e regressar do reino dos mortos — brinco. Faz um pequeno sorriso como se estivesse inseguro quanto ao meu estado mental. — A sério, está tudo bem — asseguro-lhe, e ele trinca mais um pedaço do seu *bagel*, acabando com ele.

Decido também comer um *bagel* e, quando o ponho a torrar, finjo não perceber que o Landon me está a observar como se eu fosse um animal do jardim zoológico.

— Podemos ir quando quiseres — digo-lhe depois de acabar o pequeno-almoço.

— Tessa, estás deslumbrante hoje! — exclama a Karen ao entrar na cozinha.

— Obrigada. — Sorrio-lhe.

Hoje é o primeiro dia em que perdi mais tempo a arranjar-me, para estar apresentável. Nos últimos oito dias desleixei-me. Hoje sinto-me eu mesma. O meu novo eu. O meu eu «depois do Hardin». O nono dia é o meu dia.

— O vestido é lindo — elogia-me, de novo, a Karen.

O vestido amarelo que a Trish me deu no Natal fica-me bem e é muito casual. Não vou cometer o mesmo erro da última vez, indo de saltos altos para as aulas, por isso opto pelas minhas alpargatas. Apanhei metade do cabelo, prendendo-o atrás, deixando alguns caracóis soltos a

cair sobre a cara. Agrada-me a maquilhagem ligeira. Os meus olhos arderam um pouco quando os delineei com o lápis preto... maquilhar-me não estava, seguramente, na lista de prioridades durante a minha espiral descendente.

— Muito obrigada. — Sorrio de novo.

— Um ótimo dia para ti. — A Karen sorri, claramente surpreendida, mas muito satisfeita com o meu regresso ao mundo real.

Isto é o que deve ser ter uma mãe carinhosa, alguém que se despede de manhã, no momento em que vamos para as aulas, com palavras amáveis e encorajadoras. Alguém diferente da minha mãe.

A minha mãe... felizmente, tenho conseguido escapar a todas as suas chamadas. É a última pessoa com quem eu quero falar, mas, agora que já sou capaz de respirar sem sentir o coração a saltar-me do peito, tenho vontade de lhe ligar.

— Ah, Tessa, no domingo vens no nosso carro a casa do Christian? — pergunta a Karen assim que chego à porta.

— Domingo?

— Ao jantar que eles vão fazer para comemorar a mudança para Seattle — diz-me, como se eu já devesse saber. — A Kimberly disse que te falou nisso. Se não quiseres ir, eles vão compreender — assegura-me.

— Não, não. Eu quero ir. Vou convosco. — Sorrio. Estou preparada para isso. Já sou capaz de estar em público, num evento social, sem me ir abaixo. Ao fim de nove dias, os pensamentos angustiantes deixaram de me atormentar. Agradeço à Karen e acompanho o Landon até à rua.

O tempo está de acordo com a minha disposição, está sol e faz um certo calor, para um dia do final de janeiro.

— No domingo também vais? — pergunto-lhe, assim que entramos no carro.

— Não, vou-me embora hoje à noite, já te esqueceste? — responde.

— O quê?

Ele fita-me, franzindo o sobrolho. — Vou passar o fim de semana a Nova Iorque. A Dakota vai-se mudar para o apartamento dela. Disse-te há uns dias...

— Desculpa, devia ter-te dado mais atenção, em vez de pensar só em mim — declaro. É inacreditável que eu tenha andado tão focada em mim

e que nem sequer tenha reparado que ele me falou da mudança da Dakota para Nova Iorque.

— Não, tudo bem. De qualquer maneira, só falei nisso de passagem. Não queria chatear-te com isso quando estavas... bem, tu sabes...

— Uma *zombie*? — termino por ele.

— Sim, uma *zombie* muito assustadora — graceja, e eu sorrio pela quinta vez em nove dias. Sabe bem.

— Quando é que voltas?

— Segunda-feira de manhã. Vou faltar à aula de Religiões, mas volto logo a seguir...

— Uau, isso é excitante. Nova Iorque deve ser incrível. — Adorava fugir daqui por uns tempos.

— Preocupa-me ir-me embora e deixar-te cá — diz-me e eu sinto-me culpada.

— Não estejas! Já fazes muito por mim; está na altura de ser eu a fazer coisas por mim própria. Não quero que prescindas de nada por minha causa. Desculpa ter-te feito sentir assim — digo-lhe.

— A culpa não é tua, é dele — recorda-me e eu assinto com a cabeça.

Os fones voltam para os meus ouvidos e o Landon sorri.

Na aula de Religiões, o professor Soto decide discorrer sobre a dor. Por uns momentos, ainda acredito que ele escolheu este tema para me torturar, mas quando começo a escrever sobre como a dor pode aproximar ou afastar as pessoas da sua fé e de Deus, fico grata por esta tortura. O meu texto termina com várias reflexões sobre como a dor nos pode mudar e fortalecer e como não precisamos assim tanto da fé. Precisamos de nós mesmos. Precisamos de ser fortes e de não permitir que a dor nos arraste.

Decido voltar ao café antes da aula de ioga, para obter mais energia. No caminho para a aula, passo pelo edifício de estudos ambientais e penso no Zed. Pergunto-me se ele estará lá dentro agora. É possível que esteja, mas não faço ideia do seu horário.

Entro imediatamente, sem pensar mais no assunto. Tal como poderia ter imaginado, o imenso espaço está ocupado por árvores enormes. Fiel ao tema, o teto está repleto de claraboias, dando a ilusão de quase não

existir.

— Tessa?

Volto-me e aqui está o Zed, com uma bata e uns óculos de proteção espessos em cima da cabeça, que lhe puxam o cabelo para trás.

— Olá... — digo.

Ele sorri. — O que é que estás a fazer aqui? Mudaste de curso?

Adoro a forma como sorri, escondendo a língua atrás dos dentes, sempre adorei.

— Por acaso, estava à tua procura.

— Estavas? — Parece perplexo.

80

HARDIN

Nove dias.

Já passaram nove dias desde a última vez que falei com a Tessa. Não pensei que conseguisse passar um único dia sem falar com ela, muito menos a porra de nove dias. Sinto como se fossem mil, e cada hora que passa é mais penosa que a anterior.

Quando ela saiu de casa nessa noite, fartei-me de ficar à espera de ouvir os seus passos a regressar apressadamente e a sua voz a começar aos gritos comigo. Não aconteceu. Sentei-me no chão à espera. Nunca aconteceu. Ela nunca voltou.

Acabei com a cerveja que estava no frigorífico e lancei a prova contra a parede. Ao acordar de manhã, ela continuava ausente, e então arrumei as minhas merdas numa mala e apanhei um avião para sair da porcaria de Washington. Se ela decidisse voltar, teria sido nessa noite. Eu tinha de partir para encontrar o meu espaço. Fui para o aeroporto com hálito a álcool e nódoas na *T-shirt*. Não telefonei à minha mãe a avisar; ela está sempre em casa.

Se a Tessa me telefonar antes de eu apanhar o avião, volto para trás. Caso contrário, tanto pior, continuei a pensar. Ela teve a sua oportunidade de voltar para mim. Ela volta sempre, faça eu o que fizer, porque é que esta vez há de ser diferente? No fundo não fiz nada; menti-lhe, mas foi apenas uma pequena e estúpida mentira e ela reagiu desproporcionadamente.

Se alguém devia estar chateado, essa pessoa era eu. Ela trouxe o Zed a minha casa. Ainda por cima, porra, aparece o Landon armado em Incrível Hulk e empurra-me contra a parede. Mas que merda é esta?

É uma situação lixada, mas não sou o único culpado. Bom, se calhar até sou, mas terá de ser ela a voltar para mim, a rastejar, e não ao contrário. Amo-a, mas não vou ser eu a dar o primeiro passo.

O primeiro dia foi passado quase todo no avião, a dormir com a ressaca. Recebi vários olhares reprovadores, tanto do pessoal de bordo,

com o seu ar convencido, como dos idiotas em fato de negócios; mas nem me ralei. Eles são-me indiferentes. Apanhei um táxi para casa da minha mãe e quase esganei o condutor quando me cobrou uma soma altíssima por uma viagem de dezasseis quilómetros.

A minha mãe ficou surpreendida mas contente por me ver. Chorou durante alguns minutos, mas felizmente parou quando o Mike apareceu. Ela está a pensar mudar-se para casa dele e vender a sua. Por mim, tanto me faz. Não tenho o menor interesse por esta casa que me traz à memória episódios muito desagradáveis associados ao bêbedo do meu pai.

É bom poder pensar nestas coisas sem a influência da Tessa. Na sua presença não conseguiria ser malcriado com a minha mãe ou com o seu namorado sem me sentir culpado.

Graças a Deus, ela não está.

O segundo dia foi muito cansativo. Passei a tarde toda a ouvir a minha mãe falar dos seus planos para o verão e a evitar responder às suas perguntas sobre a razão por que vim para casa. Repeti-lhe vezes sem conta que só falaria no assunto se me apetecesse. Vim para cá para ter paz e não param de me chatear. Por volta das oito da noite, decidi ir até ao bar mais próximo. Nessa noite, uma morena gira com os olhos da mesma cor dos da Tessa sorriu-me e ofereceu-me uma bebida. Quanto mais os observei, mais claro ficou que não eram exatamente da cor dos da Tessa. Faltavam-lhes brilho e vida. À primeira vista, os olhos da Tessa parecem azuis; mas, quando olhamos mais atentamente, apercebemo-nos da sua tonalidade acinzentada, muito exótica. São uns olhos bonitos. *O que é que me deu para estar sentado num bar a pensar em globos oculares? Que merda.*

Notei a expressão de desapontamento da minha mãe quando me viu entrar pela porta às duas da manhã, completamente a cambalear. Mas fingi ignorar, murmurando uma desculpa fraca antes de me arrastar escadas acima.

Foi no terceiro dia que tudo começou. A Tessa começou a insinuar-se nos meus pensamentos de forma repentina, por tudo e por nada. Ao observar a minha mãe a lavar os pratos à mão, pensava na Tessa sempre a encher a máquina de lavar, assegurando-se de que não deixava um único prato sujo dentro do lava-loiça.

— Vamos à feira hoje. Queres vir? — perguntou-me.

— Não.

— Vem, por favor, Hardin, vieste visitar-me e pouco ou nada falaste comigo nem me fizeste companhia.

— Não, mãe. — Tento libertar-me.

— Eu sei porque é que vieste — diz-me em voz baixa.

Pouso violentamente a chávena na mesa e saio num repente da cozinha.

Eu sabia que ela iria perceber que eu tinha fugido, ou melhor, que me estava a esconder da realidade. Não sei que espécie de realidade existe sem a Tessa, mas ainda não estou preparado para meditar no assunto e não percebo porque é que ela me tem de chatear com o assunto. Se a Tessa não quer estar comigo, que vá à merda. Não preciso dela para nada — estou muito melhor sozinho, que é o que eu sempre planeara fazer.

Uns segundos depois, o meu telemóvel tocou, mas ignorei a chamada assim que vi o nome dela. Para que é que me está a telefonar? Certamente para afirmar que me detesta ou que quer tirar o nome dela do contrato de arrendamento.

Raios, Hardin, porque é que fizeste aquilo?, não parei de me perguntar. Não encontro uma resposta satisfatória.

O quarto dia começou da pior maneira possível.

«*Hardin, vai lá para cima!», implora-me ela. Não, isto não, outra vez não. Um dos homens está a esbofeteá-la e ela está a olhar para as escadas; os nossos olhares cruzam-se e eu grito. Tessa.*

— Hardin! Acorda, Hardin! Acorda, por favor! — grita a minha mãe, abanando-me para me acordar.

— Onde é que está a Tess? — Estou engasgado e encharcado em suor.

— Não está aqui, Hardin.

— Mas eles... — Demorei alguns instantes a aperceber-me de que fora só um pesadelo. O mesmo pesadelo que me tem atormentado ao longo da vida, só que desta vez a cara da minha mãe fora substituída pela da Tessa.

— Shhh... já passou. Estavas a sonhar. — A minha mãe chora e tenta abraçar-me, mas eu empurro-a para trás com suavidade.

— Sim, estou bem — asseguro-lhe e peço-lhe para me deixar.

Passei o resto da noite acordado inutilmente a tentar apagar as imagens da cabeça.

O quarto dia decorreu da mesma forma como começou. A minha mãe ignorou-me durante todo o dia e, embora inicialmente este tratamento me tenha agradado, acabou por me fazer sentir... sozinho. Comecei a sentir a falta da Tessa. Comecei a dar comigo a olhar para o lado para lhe falar, à espera de um qualquer comentário dela que me faria sorrir. Apeteceu-me ligar-lhe e hesitei mais de cem vezes em cima do botão verde, mas não consegui. Não lhe posso dar o que ela quer, e isso não vai ser suficiente para ela. É melhor assim. Passei a tarde a pesquisar quanto é que me vai custar trazer as minhas coisas definitivamente para Inglaterra. É aqui que eu vou acabar de qualquer forma, por isso mais vale ser já.

A minha relação com a Tessa nunca poderia dar certo. Sempre soube que um dia acabaria. Era impossível ficarmos juntos para sempre. Ela é boa de mais para mim e eu sei-o. Toda a gente o sabe. Aonde quer que fôssemos, as pessoas observavam-nos admiradas, perguntando-se o que é que uma rapariga bonita como ela fazia ao meu lado.

Fiquei a contemplar o telemóvel durante horas, enquanto emborcava metade de uma garrafa de uísque. Por fim, apaguei a luz e fui dormir. Pareceu-me ouvir o telemóvel vibrar em cima da mesa de cabeceira, mas estava demasiado bêbedo para me sentar e atender. O pesadelo voltou. Desta vez, a camisa de noite da Tessa estava alagada em sangue e ela gritou-me para me ir embora e a deixar no sofá.

No quinto dia, acordei com uma luz vermelha no telemóvel a indicar que, mais uma vez, não tinha atendido a sua chamada, só que desta vez não foi intencional. Foi no quinto dia que fiquei a admirar o seu nome no ecrã, antes de ver as suas fotografias, uma após outra. Quando é que eu lhe tirei tantas fotografias? Não me tinha apercebido de quantas lhe tinha tirado, apanhando-a desprevenida.

As suas fotografias trouxeram-me à memória o som da sua voz. Nunca gostei do sotaque americano — aborrece-me e irrita-me —, mas a voz da Tessa é perfeita. O seu sotaque é perfeito e não me importava de o ouvir todos os dias. Será que voltarei a ouvir a sua voz?

Esta é a minha favorita, pensei pelo menos umas dez vezes,

enquanto passava as fotografias. Por fim, deparo-me com uma fotografia dela deitada de barriga para baixo em cima da cama, de pernas cruzadas no ar, o cabelo caído, preso atrás da orelha. Tinha o queixo apoiado numa mão e os lábios entreabertos, enquanto devorava as palavras que surgiam no *e-reader*. Tirei-lhe a fotografia no momento em que ela me apanhou a espiá-la, no exato momento em que ela sorriu, em que um sorriso maravilhoso se estampou no seu rosto. Estava com uma expressão tão feliz a olhar para mim... *Será* que sempre olhou para mim desse modo?

Foi nesse dia, no quinto dia, que comecei a sentir um aperto no peito. Uma memória constante do que tinha feito e do que mais provavelmente tinha perdido. Devia-lhe ter telefonado nesse dia, quando estive a admirar as suas fotografias. Será que ela olhava para as minhas fotografias? Ela só tem uma fotografia minha e, de repente, fiquei com pena de não lhe ter permitido tirar mais. Foi no quinto dia que atirei o telemóvel contra a parede, desejando desfazê-lo, mas só se partiu o ecrã. Foi no quinto dia que desejei desesperadamente que ela me telefonasse. Se ela me ligasse, então tudo ficaria bem. Perdoávamo-nos mutuamente e eu voltava para casa. Se ela tomasse a iniciativa de me ligar, eu não me sentiria culpado por regressar à sua vida. Será que ela também estava a sentir o mesmo? Será que, também para ela, o sofrimento crescia a cada dia que passava? Também lhe seria mais difícil respirar a cada segundo que passava sem mim?

Nesse dia, comecei a perder o apetite. Não tinha fome. Tive saudades dos seus cozinhados, mesmo dos mais simples. Tive saudades de a ver comer. Tive saudades de tudo o que dizia respeito a esta rapariga irascível com olhar carinhoso. Foi no quinto dia que finalmente me desmoronei. Chorei desalmadamente e não me senti mal por isso. Chorei sem parar. Por mais que tentasse, ela não me saía do pensamento. Não me deixava em paz: continuava a aparecer, a repetir que me amava, a abraçar-me. E, quando percebi que não passava tudo de uma ilusão, chorei ainda mais.

Ao sexto dia acordei com os olhos inchados e injetados de sangue. Nem podia acreditar nos danos que a noite anterior me provocara. A dor que sinto no meu peito ainda está maior e mal consigo ver. Porque é que eu fui tão estúpido? Porque é que continuei a tratá-la tão mal? Ela foi a

primeira pessoa que realmente me conseguiu conhecer, o meu verdadeiro eu, e eu tratei-a tão mal. Atribuí-lhe todas as culpas quando eu é que fui o culpado. Sempre fui eu — mesmo quando não parecia que estava a fazer alguma coisa de mal, estava. Fui mal-educado com ela quando ela tentou falar comigo sobre os problemas. Gritei-lhe quando ela me chamou a atenção para os meus erros. E menti-lhe repetidamente. Ela sempre me perdoou tudo. Pude sempre contar com ela e talvez tenha sido por isso que a tratei daquele modo, porque sabia que podia. No sexto dia, esmaguei o telemóvel debaixo da bota. Passei metade do dia sem comer. A minha mãe preparou-me uma papa de aveia, mas, quando me obriguei a comê-la, quase que vomitei. Já não tomava banho desde o terceiro dia e estava um caco. Tentei memorizar as poucas coisas que a minha mãe me pediu para comprar no supermercado, mas não consegui ouvi-la. Só conseguia pensar na Tessa e na sua necessidade de ir às compras pelo menos cinco dias por semana.

Uma vez, a Tessa disse-me que lhe arruinei a vida. Agora, aqui sentado a tentar concentrar-me, a tentar controlar a respiração, sei que ela estava enganada. *Ela* é que arruinou a *minha* vida. Insinuou-se em mim e lixou-me. Passei anos a erguer aquelas muralhas — a minha vida inteira, na verdade — e ela veio e demoliu-as, deixando-me apenas com os escombros.

— Ouviste o que eu disse, Hardin? Fiz uma lista para o caso de não teres ouvido — disse-me, entregando-me uma folha de papel cheia de floreados.

— Sim — respondi num fio de voz.

— Apetece-te mesmo ir? — perguntou.

— Sim, estou bem. — Levantei-me e guardei a lista nas calças imundas.

— Ouvi-te a noite passada, Hardin, se quiseres...

— Não, mãe. Não, por favor. — Quase que me engasguei. A minha boca está tão seca e a garganta dorida.

— Está bem. — Vejo-lhe a tristeza nos olhos quando saio de casa para ir à loja ao fundo da rua.

A lista só consistia nalguns itens, mas não me consegui lembrar de nenhum deles sem recorrer ao maldito papel. Consegui reunir as poucas

coisas pedidas: pão, doce, café e fruta. O meu estômago vazio começou às voltas com a visão de toda a comida exposta na loja. Peguei numa maçã e forcei-me a comê-la. Sabia a papel e senti os pequenos pedaços a magoarem-me o estômago no momento em que paguei a conta à velha que estava na caixa.

Quando saí para a rua, tinha começado a nevar. A neve também me fez pensar na Tessa. Tudo me fez pensar nela. Estava com uma enorme e persistente dor de cabeça. Esfreguei as têmporas e atravessei a rua.

— Hardin? Hardin Scott? — chamou-me uma voz do outro lado da rua. Não. Não pode ser. — És tu? — perguntou novamente.

A Natalie.

Pensei que isto não estava a acontecer quando ela veio ter comigo com as mãos cheias de sacos de compras.

— Hã... olá — foi tudo o que pude dizer, com o pensamento frenético e as palmas das mãos a começarem a suar.

— Pensei que te tinhas ido embora...

Tinha os olhos brilhantes, não mortiços como estavam quando chorou e me implorou para a deixar ficar em minha casa porque não tinha outro sítio para ir.

— E mudei... Estou só de passagem — disse-lhe e ela pousou os sacos no passeio.

— Bem, que bom. — Sorriu.

Como pode sorrir depois de tudo o que lhe fiz?

— Ah... pois. E tu, estás boa? — obriguei-me a perguntar à rapariga a quem destruí a vida.

— Estou bem, mesmo bem — chilreou e pousou as mãos na barriga inchada.

Barriga inchada? Oh, meu Deus. Não, espera aí... não coincide no tempo. Que raio, por uns momentos ainda me assustei.

— Estás grávida? — perguntei, esperando que estivesse mesmo e não tomasse a pergunta como um insulto.

— Sim, estou de seis meses. E noiva! — Voltou a sorrir, estendendo a sua pequena mão para me mostrar o anel de ouro que tem no dedo.

— Ah.

— Sim, é engraçado como as coisas se compõem, não é? — Prendeu o cabelo castanho atrás da orelha e observou os meus olhos com

olheiras azuis das noites mal dormidas.

Falou-me com tanto carinho que me fez sentir ainda pior. Não consigo esquecer a cara dela quando nos apanhou a todos a ver o vídeo. Pôs-se aos gritos e fugiu. Não fui atrás dela, claro. Fiquei-me a rir, a rir por a ter humilhado e por a ter feito sofrer.

— Estou muito arrependido — digo num ímpeto. Foi estranho mas necessário. Estava à espera que ela me insultasse, me dissesse que eu sou um tipo asqueroso, ou mesmo me batesse.

Mas nunca esperei que ela me abraçasse e me dissesse que me perdoava.

— Como é que me consegues perdoar? O que eu fiz foi horrível. Destruí a tua vida — afirmei, com os olhos a arder.

— Não, não fizeste nada disso. Bem, no início sim, mas, de certo modo, tudo acabou bem — disse e eu quase vomitei em cima da sua *sweater* verde.

— O quê?

— Depois de tu... bem, sabes... Fiquei sem sítio para onde ir e acabei por encontrar uma igreja, uma nova igreja, já que a minha antiga me ostracizou, e foi aí que conheci o Elijah. — O seu rosto ilumina-se imediatamente ao mencionar o nome. — E agora aqui estamos, quase três anos depois, noiva e grávida. Acho que tudo acontece por uma razão. Parece um cliché, não é? — Deu umas risadinhas.

O som do seu riso lembrou-me de como ela era tão querida. Mas não dei nenhum valor a isso; a sua bondade facilitou o meu comportamento de predador.

— Talvez pareça, mas fico mesmo contente por teres encontrado alguém. Nos últimos tempos, tenho pensado muito em ti... sabes... no que te fiz, e senti-me muito mal com isso. Ainda bem que agora estás feliz, mas isso não desculpa o que te fiz. Foi só quando conheci a Tessa que eu... — interrompi o que ia dizer.

Esboça um pequeno sorriso. — A Tessa?

A dor quase me destroça. — É, hum... bem... é... — gaguejo.

— Quem é? A tua mulher? — As palavras de Natalie embatem-me no estômago enquanto os seus olhos procuram uma aliança no meu dedo.

— Não, ela foi... foi minha namorada.

— Ah. Então agora já namoras? — brinca; tenho a certeza de que

está a perceber o meu sofrimento.

— Não... bem, só com ela.

— Hum... E deixou de ser tua namorada?

— Sim. — Toco no *piercing* do lábio.

— Ah, que pena. Espero que tudo te corra tão bem como comigo — disse.

— Obrigado. Parabéns por estares noiva... e pelo bebé — respondi, um pouco atrapalhado.

— Obrigada! Estamos a pensar casar no verão.

— Já?

— Bom, namoramos há já dois anos. — Ri-se.

— Uau.

— Começámos a namorar pouco depois de nos conhecermos — explicou a Natalie.

Senti-me um idiota, mas proferi estas palavras: — Não são novos de mais?

Mas ela limitou-se a sorrir. — Tenho quase vinte e um anos e não há nenhuma razão para esperarmos. Tive a sorte de encontrar ainda muito nova a pessoa com a qual quero passar o resto da vida... porquê esperar mais tempo quando tenho à minha frente aquele que quer casar comigo? Sinto-me muito honrada por ele me pedir para eu ser a sua mulher; não há maior manifestação de amor. — Ao falar, consegui ouvir a Tessa a dizer estas mesmas palavras.

— Acho que tens razão — disse-lhe e ela sorriu.

— Ah, cá está ele! Tenho de ir. Frio e gravidez não combinam. — Riu-se antes de apanhar os sacos do passeio e cumprimentar um homem vestido com colete e calças bege. Ele faz um sorriso radiante ao ver a sua noiva grávida, tão brilhante que eu juraria que iluminaria o dia mais cinzento de Inglaterra.

O sétimo dia foi longo. Todos os dias foram longos. Continuei a pensar na Natalie e no seu perdão; veio na altura certa. Eu estava com um ar destroçado e ela percebeu-o; em contrapartida, ela estava feliz e apaixonada. E grávida. Afinal, não destruí a sua vida como pensava que tinha feito.

Graças a Deus.

Passei o dia inteiro na cama. Não tive nem sequer forças para abrir as

persianas. A minha mãe e o Mike estiveram o dia todo fora, por isso pude ficar sozinho a amaldiçoar a minha desgraça. Cada dia é pior do que o anterior. Passei o dia a pensar no que ela estaria nesse momento a fazer e com quem estaria. Estará a chorar? Sozinha? Foi-me procurar ao apartamento? Porque é que não me voltou a ligar?

Esta não é a dor que eu já li nos romances. Não está só dentro da minha cabeça e também não é física. É um sofrimento da alma que me dilacera interiormente e acho que não vou conseguir sobreviver. Ninguém conseguiria.

Deve ser este o sofrimento que a Tessa sente quando a magoo. É-me difícil imaginar o seu corpo frágil a resistir a esta dor, mas ela é obviamente mais forte do que parece. Tem de ser para me conseguir aguentar. A mãe dela disse-me uma vez que, se eu realmente gostava da Tessa, devia deixá-la em paz porque ia voltar a magoá-la.

Tinha razão. Nessa altura, eu devia tê-la deixado em paz. Devia tê-la deixado em paz desde aquele primeiro dia em que entrou no quarto da residência. Prometi a mim próprio que preferia morrer a voltar a magoá-la... e é o que está a acontecer. Isto é morrer, isto é pior do que morrer. Dói mais. Tem de ser pior do que morrer.

Passei o oitavo dia a beber, o dia inteiro a beber. Não conseguia parar. De cada vez que bebia um copo, rezava para que o seu rosto desaparecesse da minha mente, mas isso não aconteceu. Não podia acontecer.

Tens de mudar a tua vida, Hardin. Tens de mudar. Tenho de mudar. Tenho mesmo.

— Hardin... — A voz da Tessa provoca-me calafrios. — Querido... — diz ela.

Olho para ela e vejo-a sentada no sofá da minha mãe com um sorriso na cara e um livro no colo.

— Anda cá, por favor — pede quando a porta se abre e entra um grupo de homens. Não.

— Cá está ela — diz o homem baixo que atormenta os meus sonhos todas as noites.

— Hardin? — A Tessa começa a chorar.

— Afastem-se dela — aviso-os quando se aproximam dela. Parece que não me ouvem.

Arrancam-lhe a camisa de noite e a Tessa é atirada ao chão. Ela chama-me por entre soluços enquanto umas mãos enrugadas e sujas lhe percorrem as coxas.

— Por favor... Hardin, ajuda-me. — Espera que eu a salve, mas eu estou paralisado.

Estou imóvel e incapaz de a ajudar. Sou obrigado a vê-los espancarem-na e violarem-na até a abandonarem no chão silencioso e ensanguentado.

A minha mãe não me acordou, ninguém o fez. Tive de viver tudo isto e, quando despertei, a realidade revelou-se pior do que qualquer pesadelo.

Hoje é o nono dia.

— Já sabes que o Christian Vance se vai mudar para Seattle? — pergunta-me a minha mãe quando brinco com os cereais que estão na tigela.

— Sim.

— Fantástico, não é? Uma sucursal em Seattle.

— Acho que sim.

— Vão dar um jantar no próximo domingo. Ele estava a pensar que tu ias.

— Como é que a mãe sabe? — pergunto-lhe.

— Disse-me ele. Falo com ele de vez em quando. — Desvia o olhar e enche novamente a sua caneca de café.

— Porque é que falam?

— Porque nos apetece... agora come os cereais. — Repreende-me como se eu fosse uma criança, mas não tenho forças para lhe responder.

— Não quero ir — digo-lhe e forço-me a comer.

— Pode ser difícil voltares a vê-lo nos próximos tempos.

— E então? Mal o vejo agora.

Parece que me vai dizer mais qualquer coisa, mas não o faz.

— Tem uma aspirina? — pergunto e ela acena com a cabeça e vai buscar o comprimido.

Não quero ir a uma festa idiota para celebrar a mudança do Christian e da Kimberly para Seattle. Já não posso ouvir mais falar em Seattle e

sei que a Tessa vai estar presente. Imaginar que vou voltar a vê-la provoca-me uma imensa dor que quase me faz cair da cadeira. Tenho de me manter afastado dela, devo-lhe isso. Se puder ficar mais uns dias ou até semanas, podemos continuar com as nossas vidas. Ela vai encontrar alguém do género do noivo da Natalie, alguém muito melhor para ela do que eu.

— Acho que devias ir — repete a minha mãe quando engulo a aspirina, sabendo que não vai valer de nada.

— Não posso ir, mãe... mesmo que quisesse. Teria de partir no primeiro avião da manhã e não preparei nada.

— O que me estás a dizer é que ainda não te preparaste para enfrentar o que deixaste — afirma.

Não aguento mais. Escondo a cara nas mãos e permito que a dor se manifeste, que me inunde. Não lhe resisto, na esperança de que me mate.

— Hardin... — A voz da minha mãe é serena e reconfortante. Envolve-me num abraço e eu estremeço nos seus braços.

81

TESSA

O meu anterior estado de espírito volta a instalar-se no momento em que a Karen sai de casa para levar o Landon ao aeroporto. O sentimento de solidão regressa, mas tenho de o ignorar. Tenho mesmo. Estou ótima sozinha. Os insistentes ruídos do meu estômago lembrando-me de que estou cheia de fome acabam por me vencer e eu desço as escadas para ir à cozinha.

O Ken está encostado ao balcão da cozinha, a retirar o papel de alumínio de um queque com uma cobertura azul-clara. — Olá, Tessa. — Sorri e dá uma pequena dentada no queque. — Tira um.

A minha avó costumava dizer que os queques são o alimento da alma. Se há algo de que eu precise, é de alimentar a alma.

— Obrigada. — Sorrio e lambo a cobertura de um queque.

— Não me agradeças a mim, agradece à Karen.

— É o que vou fazer. — Este bolo é ótimo. Se calhar acho-o ótimo porque praticamente não comi nada nos últimos nove dias, ou talvez por os queques serem mesmo bons para a alma. Independentemente da razão, acabo com ele em menos de dois minutos.

Depois de me deleitar com esta guloseima, noto que a dor ainda se mantém firme, como o bater do coração. Mas deixou de me esmagar, de me puxar para o fundo.

O Ken surpreende-me ao afirmar: — Com o tempo, tudo fica mais simples e vais encontrar alguém capaz de amar outra pessoa para além de si próprio.

O meu estômago agita-se com esta súbita mudança de assunto. Não quero repisar o passado, quero seguir em frente.

— Tratei pessimamente a mãe do Hardin. Sei que sim. Desaparecia de casa dias a fio, mentia, bebia até não ver nada à frente. Se não fosse o Christian, não sei como a Trish e o Hardin teriam aguentado...

Ao ouvi-lo, recordo-me da raiva que senti por ele na altura em que percebi a origem dos pesadelos do Hardin. Lembro-me que tive vontade

de o esbofetear, por ter sido indiferente ao imenso sofrimento que causou ao filho; as suas palavras reavivam a minha raiva escondida. Fecho os punhos.

— Por mais que o deseje, não me é possível reparar o passado. Fui muito mau para ela e sabia-o. Tratei-a pessimamente e ela tinha consciência disso. Tal como toda a gente. Agora ela tem o Mike, que eu sei que a vai tratar como ela merece. E também há um Mike para ti, tenho a certeza — diz, contemplando-me paternalmente. — Espero que o meu filho, no dia em que crescer e deixar de lutar contra tudo e contra todos, tenha a sorte de encontrar a sua Karen.

Engulo em seco e desvio o olhar quando ele se refere ao Hardin com «a sua Karen». Não quero imaginar o Hardin com mais ninguém. Ainda é cedo. Mas desejo que um dia isso aconteça; não gostava que ele ficasse sozinho para o resto da vida. Só espero que ele encontre alguém que ame tanto como o Ken ama a Karen, para ter uma segunda oportunidade de amar alguém mais do que me amou a mim.

— Também espero — digo, por fim.

— Tenho pena que ele não te tenha procurado — diz o Ken, baixinho.

— Não faz mal... há uns dias que deixei de contar com isso.

— Mesmo assim — diz ele, suspirando. — Tenho de ir lá para cima, para o escritório. Tenho umas chamadas para fazer.

Fico contente por ele se ir embora antes de aprofundarmos a conversa. Não quero falar mais do Hardin.

Paro em frente ao prédio do Zed, onde ele me espera com um cigarro atrás da orelha.

— Fumas? — pergunto e torço o nariz.

Entra no pequeno carro com um ar atrapalhado. — Ah, sim. Bem, às vezes. E viste-me fumar naquela noite na república, lembras-te? — Tira o cigarro da orelha e sorri. — Encontrei este no meu quarto.

Dou uma pequena gargalhada. — Pois, depois do jogo de «cerveja-pongue» e de o Hardin nos insultar nessa noite, acho que nem reparei no cigarro. — Sorrio-lhe, mas então ocorre-me algo. — Mas, espera, para além de fumares, vais fumar um cigarro velho?

— Acho que sim. Não gostas de cigarros?

— Não, nada. Mas ei, se queres fumar, podes. Quer dizer, não no

meu carro, obviamente — digo.

Carrega num dos pequenos botões da porta. Abre metade do vidro e atira o cigarro pela janela.

— Então não vou fumar. — Sorri e volta a fechar a janela.

Embora eu odeie este vício, devo admitir que havia qualquer coisa no seu visual, com o cabelo espetado para cima, óculos escuros e blusão de cabedal, que dava estilo àquele cigarro.

82

HARDIN

— Toma — diz a minha mãe ao entrar no meu antigo quarto.

Entrega-me uma pequena chávena de porcelana num pires e eu endireito-me na cama. — O que é? — pergunto com a voz rouca.

— Leite quente com mel — diz quando eu bebo um trago. — Lembras-te de quando eras pequenino e eu costumava fazê-lo, quando estavas doente?

— Sim.

— Ela vai perdoar-te, Hardin — afirma e eu fecho os olhos.

Passei do choro convulsivo aos soluços e por fim a um estado de dormência. É só isso, um estado de dormência. — Acho que não...

— Vai, eu vi como ela olhava para ti. Já te perdoou coisas muito piores, lembras-te? — Afasta o cabelo despenteado da minha testa e eu não me esquivo, para variar.

— Eu sei. Mas desta vez não é o mesmo, mãe. Estraguei tudo o que construí com ela durante meses.

— Ela ama-te.

— Não consigo mais, não consigo. Não consigo ser quem ela quer que eu seja. Estrago sempre tudo. É assim que eu sou e sempre serei, o gajo que estraga tudo.

— Isso não é verdade e até sei que tu és exatamente o que ela quer.

A chávena treme, quase me caindo da mão. — Eu sei que está só a tentar ajudar, mas, por favor... mais não, mãe.

— E então? Vais deixá-la partir e seguir com a tua vida?

Pouso a chávena na mesa de cabeceira antes de responder. Suspiro. — Não, eu não conseguia seguir com a minha vida mesmo que quisesse, mas ela tem de o fazer. Tenho de a deixar partir para outra antes de provocar mais estragos.

Tenho de permitir que ela encontre a felicidade, tal como aconteceu com a Natalie. Que seja feliz... feliz, depois de tudo o que eu lhe fiz. Feliz, ao lado de alguém como o Elijah.

— Está bem, Hardin. Não sei que mais dizer para te convencer a ganhar coragem e a pedir desculpa — resmunga.

— Deixe-me sozinho. Por favor — imploro.

— Está bem. Mas só me vou embora porque tenho fé em ti e acredito que vais fazer a coisa certa e lutar por ela.

A pequena chávena e o pires são atirados contra a parede e estilhaçam-se em mil pedaços mal ela fecha a porta.

83

TESSA

Depois de almoçarmos num pequeno centro comercial incaracterístico, voltamos para casa do Zed. Ao passarmos pelo *campus*, ganho finalmente coragem para lhe fazer a pergunta que sempre quis fazer.

— Zed, o que é que achas que teria acontecido se tivesses ganho?

A pergunta apanha-o de surpresa, mas recupera depois de olhar para as mãos por uns instantes.

— Não sei. Tenho pensado muito nisso.

— Tens? — Os seus olhos cor de caramelo encontram-se com os meus.

— Claro que tenho.

— A que conclusão chegaste? — Prendo o cabelo atrás da orelha, à espera da sua resposta.

— Bom... sei que te tinha confessado tudo antes de deixar as coisas chegarem a esse ponto. Sempre te quis dizer. Tinha vontade de te contar sempre que vos via juntos. — Engole em seco. — Tens de saber isso.

— Eu sei — sussurro baixinho e ele continua.

— Gosto de pensar que me perdoavas, já que te ia confessar tudo antes de acontecer alguma coisa. E antes de avançarmos teríamos saído várias vezes juntos, com programas respeitáveis. Programas do tipo cinema ou assim, e ter-nos-íamos divertido. Terias sorrido e rido e eu não me ia aproveitar de ti. E gosto de pensar que acabarias por te apaixonar por mim, como te apaixonaste por ele, e, quando fosse a altura certa, teríamos... e eu não teria contado a ninguém. Nem um único pormenor. Que raio, nem voltaria a estar com eles porque quereria passar todo o tempo contigo, a fazer-te dar risadinhas como as que dás quando achas que uma coisa tem mesmo piada... é diferente do teu riso normal. É assim que eu consigo perceber quando estás mesmo a achar graça ou quando estás a fingir só para ser bem-educada. — Sorri e o meu coração começa aos saltos. — E ter-te-ia estimado e não te teria

mentido. Não troçaria de ti nas tuas costas nem te insultaria. Não me teria importado com a minha reputação e... e... acho que podíamos ter sido felizes. *Tu* podias ter sido feliz o tempo todo, não só às vezes. Gostava de acreditar...

Interrompo-o, agarrando-o pelo colarinho e juntando os meus lábios aos seus.

84

TESSA

O Zed toca-me na cara e sinto arrepios atrás do pescoço. Puxa-me pelo braço para junto dele. Ao passar para o outro lado, bato com o joelho no volante e amaldiçoo-me mentalmente por quase estragar o momento; mas ele parece não reparar e abraça-me, estreitando-me contra o peito. Ponho os braços em redor do seu pescoço e as nossas bocas movem-se em sintonia.

A boca dele é-me estranha; não é como a do Hardin. A sua língua não se mexe da mesma maneira, não contorna a minha, e ele não prende o meu lábio inferior entre os seus dentes.

Para com isso, Tessa. Tu precisas disto, tens de parar de pensar no Hardin. Sem dúvida que ele está na cama com uma rapariga qualquer, talvez até com a Molly. Oh, meu Deus, e se ele está com a Molly...

Tu podias ter sido feliz o tempo todo, não só às vezes, acabou o Zed de dizer.

Sei que ele tem razão — eu teria ficado muito melhor com ele. Mereço isto. Mereço ser feliz. Já sofri o suficiente e lidei com todas as tretas do Hardin, e ele nem sequer tentou conversar comigo sobre isso. Só uma pessoa fraca é que voltava a correr para alguém que a espezinhou repetidamente. Não posso ser assim tão fraca, tenho de ser forte e seguir em frente. Ou, pelo menos, tentar.

Sinto-me melhor agora do que me senti nos últimos nove dias. Nove dias não parece muito tempo, até passarmos a contar cada segundo de tormento, à espera de qualquer coisa que não acontece. Abraçada ao Zed, consigo finalmente respirar. Consigo ver uma luz ao fundo do túnel.

O Zed foi sempre tão amável comigo e mostrou-se sempre disponível. Quem me dera ter-me apaixonado por ele e não pelo Hardin.

— Meu Deus, Tessa... — geme o Zed e eu puxo-lhe o cabelo.

Beijo-o com mais intensidade.

— Espera... — diz ele na minha boca e eu afasto-me lentamente. — O que é isto? — Olha-me nos olhos.

— Eu... não sei... — Tenho a voz trémula e estou sem fôlego.

— Nem eu...

— Desculpa... estou muito frágil emocionalmente e tenho passado por muito e o que me disseste agora fez-me... não sei, não devia ter feito isto. — Desvio o olhar e saio do seu colo, voltando para o meu lugar.

— Não tens de pedir desculpa... mas não quero tirar conclusões erradas, percebes? Só quero saber o que é que isto significa para ti — diz-me.

O que é que isto significa *para mim?*

— Não sei o que responder, ainda não sei. Eu...

— Bem me parecia — diz um pouco irritado.

— Não sei mesmo...

— Está bem, eu percebo. Ainda o amas...

— Só passaram nove dias, Zed, é inevitável. — Continuo a conseguir fazer porcaria, cada uma maior do que a anterior.

— Eu sei, não estou a dizer que podes ou que vais parar de o amar. Só não quero ser o teu plano B. Comecei agora a sair com uma rapariga... não andei com ninguém desde que te conheci e finalmente conheci a Rebecca. Então, quando te levei a casa e vi a tua reação quando te falei nisso, comecei a pensar... sei que sou um idiota, mas comecei a pensar que não querias que eu arranjasse alguém ou uma coisa do género. — Desvio o olhar da sua cara tão gira e olho pela janela.

— Não és o meu plano B... apeteceu-me beijar-te; só não sei explicar a razão. Nos últimos nove dias, tudo deixou de fazer sentido, mas, no momento em que te beijei, esqueci o Hardin e foi um sentimento incrível. Senti que isto era possível. Que o conseguia esquecer, mas sei que não é justo usar-te desta maneira. Estou só confusa e irracional. Desculpa ter-te feito trair a tua namorada; não era essa a minha intenção. Eu só...

— Não estou à espera que ultrapasses tudo tão rapidamente. Sei como as garras dele estão profundamente cravadas em ti.

Não imagina quanto.

— Promete-me só uma coisa — diz o Zed e eu aceno com a cabeça. — Promete-me que vais, pelo menos, tentar permitir-te seres feliz. Ele nem sequer te ligou, nem uma única vez. Ele fez-te tanta merda e nem sequer tentou lutar por ti. No lugar dele, eu ia lutar por ti. Para começar,

nunca te teria largado. — Estende a mão e prende uma madeixa solta do meu cabelo atrás da orelha. — Tessa, não preciso de uma resposta já, só quero saber que vais tentar ser feliz. Sei que não estás disponível para ter uma relação comigo, mas talvez um dia estejas...

A minha cabeça está a mil à hora, o meu coração está a mil à hora e dorido ao mesmo tempo e custa-me a respirar. Quero dizer-lhe que *posso* tentar e que *vou* tentar ser feliz, mas estou sem palavras. Aquele pequeno sorriso que o Hardin esboça nas manhãs em que eu finalmente o consigo acordar, depois de se queixar do meu despertador, a sua voz rouca matinal quando pronuncia o meu nome, as suas tentativas para me forçar a ficar na cama com ele, que me fazem fugir do quarto aos guinchinhos, o facto de gostar do café simples, tal como eu, a intensidade com que o amo acima de qualquer outra coisa no mundo e o desejo de que ele possa mudar. Queria que ele fosse exatamente o mesmo, mas diferente — não faz nenhum sentido, nem para mim, nem para ninguém. Mas é assim.

Quem me dera não o amar tão intensamente. Quem me dera que ele não tivesse feito com que eu me apaixonasse por ele.

— Eu percebo. Tudo bem — afirma o Zed e esforça-se por sorrir, sem grande sucesso.

— Desculpa... — digo, com mais sinceridade do que ele possa imaginar.

Ele sai do carro e fecha a porta e eu volto a ficar sozinha.

— Merda! — grito e bato com as mãos no volante, lembrando-me mais uma vez do Hardin.

85

HARDIN

Acordo de novo alagado em suor. Já me tinha esquecido desta sensação desagradável de acordar assim quase todas as noites. Pensava que as noites de insónia eram uma coisa do passado, mas, agora, o passado voltou a atormentar-me.

Olho para o relógio: são seis da manhã. Preciso de dormir, de dormir a sério. Dormir ininterruptamente. Preciso dela, preciso da Tess. Se calhar, se fechar os olhos e fingir que ela está aqui comigo, talvez seja capaz de voltar a adormecer...

Fecho os olhos e tento imaginar-me deitado de costas com a cabeça dela encostada ao meu peito. Tento lembrar-me do cheiro a baunilha do seu cabelo, da sua respiração pesada a dormir. Por uns instantes, sinto-a, sinto a sua pele quente contra o meu peito nu... estou, oficialmente, a enlouquecer, que merda.

Que merda.

O dia de amanhã vai ser melhor, tem de ser. Tenho acreditado nisso ao longo dos últimos... dez dias. Se ao menos a pudesse ver mais uma vez, não seria tão mau. Só uma vez. Se visse o seu sorriso mais uma vez, conseguia aceitar melhor tê-la deixado partir. Será que ela vai à festa do Christian amanhã? É o mais provável...

Contemplo o teto e tento imaginar o que ela vai levar vestido. O vestido branco que sabe que eu tanto adoro? Leva o cabelo ondulado e preso atrás da orelha ou vai apanhá-lo atrás? Vai maquilhar-se, mesmo sem precisar?

Que raio.

Levanto-me da cama. Não sou capaz de voltar a dormir. No andar de baixo encontro o Mike sentado à mesa da cozinha, a ler o jornal.

— Bom dia, Hardin — saúda-me.

— Olá — resmungo e encho uma chávena de café.

— A tua mãe ainda está a dormir.

— Não me diga... — Reviro os olhos.

— A tua mãe está muito feliz por estares cá.

— Sim, de certeza. Tenho sido uma besta o tempo todo.

— Sim, isso é verdade. Mas ficou contente por te teres aberto com ela. Ela preocupou-se sempre tanto contigo... até ter conhecido a Tessa. Depois deixou de se preocupar tanto.

— Bem, acho que vai ter de voltar a preocupar-se. — Suspiro. Porque é que ele está a tentar ter a merda de uma conversa sincera comigo às seis da manhã?

— Queria dar-te uma novidade — diz e vira-se para mim.

— Sim...? — Observo-o.

— Hardin, amo a tua mãe e tenciono casar-me com ela...

Cuspo o café para a chávena. — *Casar* com ela? Está louco?

Ergue as sobrancelhas. — E porque é que a minha intenção de casar com ela há de ser uma loucura?

— Não sei... ela já casou uma vez... e o Mike é o nosso vizinho... o vizinho dela...

— Posso amá-la como ela sempre devia ter sido amada. Fico com pena se não estiveres de acordo, mas achei que te devia avisar de que, no momento certo, lhe vou pedir para viver comigo, oficialmente.

Não sei o que dizer a este homem, ao homem que sempre viveu na casa ao lado, ao homem que nunca vi zangado, nem uma vez. Ele ama-a, é mais do que evidente, mas, neste momento, é tudo muito estranho para eu poder compreender.

— Está bem, então...

— Está bem, então — repete, num eco, e depois olha para trás de mim.

A minha mãe entra na cozinha em roupão e com o cabelo despenteado.

— Que estás a fazer a pé, Hardin? Vais voltar para casa? — pergunta.

— Não, não conseguia dormir. E *esta* é a minha casa — respondo e bebo mais um trago de café. Esta é a minha casa.

— Hum... — responde ela, ensonada.

86

TESSA

Sinto-me como se me estivesse a afundar. As recordações que tenho com o Hardin puxam-me os pés, tentando arrastar-me para o fundo.

Baixo os vidros para tentar apanhar algum ar. O Zed é tão querido comigo, é compreensivo e amável. Ele passou por muita coisa por minha causa e eu sempre o deixei a um canto. Se eu não fosse uma idiota, podia tentar ter uma relação com ele. Mas sou incapaz de ter uma relação, neste momento ou nos tempos mais próximos. Talvez com o tempo o consiga. Não quero que o Zed acabe tudo com a Rebecca por minha causa, já que eu não tenho nenhuma resposta, nem um vislumbre de resposta, para lhe dar.

Regresso a casa do Landon, mais confusa do que nunca.

Se eu pudesse, ao menos, falar com o Hardin, vê-lo uma vez mais, podia pôr um ponto final na situação. Se ele me dissesse que não gosta de mim, se voltasse a ser cruel comigo, podia dar uma oportunidade ao Zed e uma oportunidade a mim mesma.

Num impulso, pego no telemóvel e carrego no número que tenho evitado desde o quarto dia. Se ele me ignorar, avanço com a minha vida. Se ele não atender esta chamada, é oficialmente o fim. Mas se ele me disser que está arrependido e que podemos ultrapassar isto... Não. Pouso o telemóvel de novo no assento. Cheguei demasiado longe para lhe voltar a ligar, para vacilar.

Mas tenho de saber.

A chamada vai diretamente para a caixa de mensagens. — Hardin... — As palavras saem-me dos lábios a um ritmo frenético. — Hardin... é a Tessa. Eu... bem, preciso de falar contigo. Estou no meu carro e estou tão confusa... — Começo a chorar. — Porque é que não me telefonaste? Deixaste-me ir embora e aqui estou eu, nesta figura patética e a chorar para a tua caixa de mensagens. Tenho de perceber o que nos aconteceu. Porque é que desta vez foi diferente? Porque é que não discutimos? Porque é que não lutaste por mim? Eu mereço ser feliz,

Hardin — soluço e desligo a chamada.

Porque é que fiz isto? Porque é que vacilei e lhe liguei? Sou uma idiota — se calhar, ele vai ouvir e rir-se. Se calhar vai partilhar a mensagem com a rapariga com quem anda a sair e vão-se desatar a rir à minha custa. Estaciono num parque deserto para me acalmar antes de ter outro acidente.

Olho para o telemóvel e respiro fundo, tentando parar de chorar. Passam vinte minutos e ele ainda não me ligou, nem sequer me mandou uma mensagem.

O que é que eu faço aqui, parada às dez da noite num parque de estacionamento, a chorar e a telefonar-lhe? Nos últimos nove dias lutei para me manter forte, mas cá estou eu, a desfalecer outra vez. Isto não pode acontecer. Arranco do parque de estacionamento e sigo para o apartamento do Zed. É evidente que o Hardin está demasiado ocupado para se incomodar comigo, e o Zed está aqui, honesto e sempre presente. Estaciono ao lado da carrinha dele e respiro fundo. Tenho de pensar em mim primeiro e naquilo que quero.

Quando corro escadas acima até à porta do Zed, sinto-me em paz comigo mesma.

Bato à porta e fico à espera, numa enorme agitação. E se cheguei tarde de mais e ele não abre a porta? É bem feita, suponho. Já devia saber que não era uma ideia brilhante beijá-lo no meio desta confusão.

A porta abre-se e fico sem fôlego. O Zed está apenas em calções de desporto pretos, com o seu peito tatuado exposto.

— Tessa? — Fica boquiaberto, claramente surpreendido.

— Eu... eu não sei o que tenho para te dar, mas quero tentar — digo-lhe.

Passa as mãos pelo cabelo negro e respira fundo. Vai rejeitar-me, sei que vai.

— Desculpa. Não devia ter vindo... — Não consigo lidar com outra rejeição.

Corro para as escadas e desço os degraus dois a dois até que uma mão me agarra no braço e o Zed me vira para ele.

Em silêncio, dá-me a mão e leva-me de volta, escadas acima, para o seu apartamento.

Sentamo-nos no sofá, cada um a seu canto, e o Zed está calmo,

silencioso e compreensivo. Ele é tão diferente do Hardin. Não me obriga a falar. Não me acusa quando eu não encontro uma explicação para as minhas ações. Traz-me um cobertor macio e uma almofada relativamente limpa e pousa-os no sofá, porque eu lhe digo que não me sinto à vontade para dormir na cama dele.

Acordo na manhã seguinte cheia de dores no pescoço. O sofá velho do Zed não é muito confortável, mas, dadas as circunstâncias, até dormi bem.

— Olá — diz ele quando entra na sala.

— Olá. — Sorrio.

— Dormiste bem? — pergunta-me e eu assinto com a cabeça.

O Zed foi incrível na noite passada. Nem pestanejou quando lhe pedi para dormir no sofá. Ouviu-me a falar do Hardin e de como tudo correu mal. Confessou-me que gosta muito da Rebecca mas que agora não sabe o que fazer porque nunca me esqueceu, mesmo depois de a conhecer. Senti-me mal por passar a primeira hora a chorar à sua frente, mas, com o correr da noite, as lágrimas transformaram-se em sorrisos e estes em gargalhadas. Fiquei com dores de barriga de tanto me rir ao relembrarmos episódios estúpidos das nossas infâncias. Por fim, decidimos ir para a cama.

Já são quase duas da tarde, nunca me levantei a esta hora, mas é o que acontece quando se fica acordado até às sete da manhã.

— Sim. E tu? — Ponho-me em pé e dobro o cobertor que ele me emprestou. Recordo-me vagamente de ele me tapar com ele, quando eu estava quase a adormecer.

— Também. — Sorri e senta-se no sofá. Está com o cabelo molhado e a sua pele a brilhar como se tivesse acabado de sair do duche.

— Onde é que o guardo? — pergunto-lhe, referindo-me ao cobertor.

— Onde quiseres; não precisavas de o dobrar. — Ri-se.

Relembro o armário do apartamento, onde o Hardin enfiava o que quer que fosse, deixando-me fora de mim.

— Tens alguma coisa para fazer hoje? — pergunto-lhe.

— Esta manhã já trabalhei, por isso não...

— Já?

— Sim, das nove ao meio-dia. — Sorri. — Na prática, estive a reparar

a carrinha.

Tinha-me esquecido de que o Zed trabalha como mecânico. Não sei muito acerca dele. Exceto que é bastante resistente, já que consegue ir trabalhar depois de dormir apenas duas horas.

— Estudante prodigioso de dia, mecânico à noite? — brinco e ele dá uma risadinha.

— Qualquer coisa no género. Quais são os teus planos?

— Não sei. Tenho de ir comprar roupa para levar ao jantar de amanhã, em casa do meu patrão. — Num primeiro impulso, penso pedir ao Zed para me acompanhar, mas não é uma boa ideia. Não podia fazer isso; ficavam todos incomodados, incluindo eu.

Eu e o Zed combinámos não forçar o nosso relacionamento. Vamos só passar o tempo juntos e deixar correr as coisas. Ele não me vai pressionar para esquecer o Hardin; sabemos ambos que ainda é cedo para eu ser capaz de andar com alguém. Ainda há muito a resolver — tal como encontrar um sítio para viver, para começar.

— Eu posso ir, se quiseres... Ou então podíamos ir ver um filme a seguir? — pergunta, atrapalhado.

— Sim, qualquer uma das hipóteses é boa. — Sorrio e olho para o telemóvel.

Nenhuma chamada. Nenhuma mensagem. Nenhuma mensagem de voz.

Decidimos encomendar uma piza e passamos a maior parte do dia juntos, até eu, por fim, me ir embora para casa do Landon, para tomar um duche. No caminho de regresso passo pelo centro comercial pouco antes de fechar e encontro um vestido vermelho fantástico, com um decote quadrado e que fica acima dos joelhos. Nem demasiado conservador, nem demasiado provocante.

Em casa do Landon está um bilhete em cima da bancada, ao lado de um prato de comida que a Karen guardou para mim. Ela e o Ken foram ao cinema e voltam cedo, diz.

Fico aliviada por poder estar sozinha, embora, quando eles estão presentes, eu nem repare, porque a casa é muito grande. Tomo um duche e visto o pijama antes de me deitar e me obrigar a pôr o sono em dia.

Os meus sonhos saltitam entre rapazes de olhos verdes e de olhos

dourados.

87

TESSA

Onze dias. Passaram onze dias desde a última vez que falei com o Hardin e não tem sido fácil.

Mas a companhia do Zed tem ajudado muito.

Esta noite vou jantar a casa do Christian e tenho passado o dia com medo de que a presença de tantos rostos familiares me relembre o Hardin e destrua as muralhas que tenho andado a construir. Uma pequena fenda é o suficiente para ficar desprotegida.

Por fim, quando chega a hora, respiro fundo e olho-me uma última vez ao espelho. Optei pelo penteado habitual, cabelo solto e ondulado, mas carreguei na maquilhagem. Enfio a pulseira do Hardin; sei que não a devia usar, mas sinto-me nua sem ela. Faz parte da minha identidade agora, a maneira como ele é... era. O vestido ainda é mais elegante do que me pareceu no momento em que o comprei. Felizmente, já recuperei os poucos quilos que perdi durante os dias em que quase não comi.

«Só quero que tudo volte ao que era. E só quero ver-te de volta à minha porta...», declara a canção no momento em que pego na pequena carteira. Ouço a música um pouco mais e depois tiro os fones e guardo-os na carteira.

Vou ter com a Karen e o Ken ao andar de baixo. Estão elegantíssimos. A Karen com um vestido comprido azul e branco e o Ken de fato e gravata.

— Que espanto! — elogio a Karen e ela cora.

— Obrigada, querida, também estás. — Sorri.

Ela é amorosa. Quando sair desta casa, vou ter pena de não os ver tão frequentemente.

— Achas que esta semana podemos trabalhar um pouco na estufa? — pergunta-me ela quando vamos para o carro, com os meus saltos altos a baterem ruidosamente no cimento do caminho de acesso à garagem.

— É uma boa ideia — respondo e sento-me num dos bancos traseiros do *Volvo*.

— Vai ser muito divertido. Há imenso tempo que não vamos a uma festa como esta. — A Karen pega na mão do Ken e pousa-a no colo dela enquanto ele faz marcha-atrás para sair da garagem.

Não sinto inveja desta manifestação de afeto, faz-me acreditar que as pessoas podem ser boas umas para as outras.

— O Landon chega hoje à noite de Nova Iorque. Vou buscá-lo às duas da manhã — diz a Karen, entusiasmada.

— Estou ansiosa por que ele regresse — digo. E digo-o sinceramente. Senti a falta do meu melhor amigo, das suas palavras sábias, do seu sorriso caloroso.

A casa do Christian Vance corresponde exatamente ao que eu imaginava. Tem um estilo muito moderno, quase transparente, parecendo estar presa à colina apenas por vigas e vidro. A decoração interior e todos os pormenores harmonizam-se com o estilo da casa. É fantástica e parece-me um museu, com tudo intocável e perfeitamente disposto.

A Kimberly recebe-nos à porta de casa.

— Muito obrigada por terem vindo — diz ela, abraçando-me.

— Obrigado pelo convite. — O Ken dá um aperto de mão ao Christian. — Parabéns pela casa nova.

Fico sem fôlego com a paisagem que se avista das janelas. Há uma razão para a casa ser praticamente toda de vidro: está construída ao lado de um grande lago. Um lago que parece ocupar todo o espaço exterior, uma paisagem deslumbrante à luz do sol-poente, cujos reflexos quase me cegam. O facto de a casa estar construída numa colina e de o jardim ser ligeiramente inclinado cria a ilusão de que está a flutuar em cima da água.

— Estão todos aqui. — A Kimberly conduz-nos até à sala de jantar, tão perfeita como o resto da casa.

Não é o meu estilo — prefiro uma decoração mais clássica —, mas a casa do Vance é, realmente, requintada. Parte do espaço está ocupado por duas mesas de refeição retangulares e compridas. Em cada lugar encontram-se flores multicolores e uma taça com uma vela a flutuar. Os

guardanapos estão dobrados em forma de flor e presos numa argola prateada. É espantoso. Tudo muito elegante e colorido, parece saído de uma revista. A Kimberly aplicou-se muito a preparar esta festa.

O Trevor está sentado à mesa, perto da janela, acompanhado por alguns colegas de trabalho, incluindo a Crystal, do *marketing*, e o seu noivo. O Smith está sentado duas cadeiras ao lado, debruçado sobre uma consola e completamente embrenhado num jogo.

— Estás linda. — O Trevor sorri-me e levanta-se para cumprimentar o Ken e a Karen.

— Obrigada. Estás bom? — pergunto.

O azul da sua gravata é exatamente igual à cor dos seus olhos, que estão brilhantes e radiantes. — Ótimo, pronto para a grande mudança!

— Imagino! — digo, mas estou realmente a pensar: *Se neste momento eu me pudesse mudar para Seattle...*

— Olá, Trevor. — O Ken aperta-lhe a mão e eu olho para baixo quando sinto um ligeiro puxão no meu vestido.

— Olá, Smith, estás bom? — pergunto ao pequeno rapaz de olhos verdes brilhantes.

— Estou. — Encolhe os ombros. Depois pergunta em voz baixa: — Onde é que está o teu Hardin?

Não sei o que responder, e as palavras do Smith ao referir-se ao «meu Hardin» agitam-me interiormente. A muralha de pedra já se começa a rachar e ainda só cheguei há dez minutos. — Ele, hum... ele não está cá agora.

— Mas vem?

— Não. Acho que não, querido.

— Ah.

É uma mentira sem sentido e ninguém que conhecesse o Hardin acreditaria nela. Mas acrescento: — Mas ele mandou-te um abraço — e revolvo-lhe o cabelo por uns instantes. Agora o Hardin faz com que eu minta a criancinhas. Perfeito.

O Smith faz um pequeno sorriso e volta a sentar-se. — Está bem. Gosto do teu Hardin.

Eu também, apetece-me dizer, *mas ele não é meu*.

Durante os quinze minutos seguintes, chegam mais umas vinte pessoas, e o Christian ligou o seu sistema de som de alta tecnologia.

Com o premir de um botão, uma suave melodia de piano espalha-se pela casa. Rapazes jovens com camisas brancas circulam pela sala com tabuleiros de aperitivos e eu tiro um que consiste numa pequena fatia de pão com tomate e um molho por cima.

— O escritório de Seattle é deslumbrante, deviam vê-lo — diz o Christian a um pequeno grupo de convivas onde eu me integrei. — Fica mesmo em cima da água; é duas vezes maior do que o nosso escritório daqui. Nem acredito que estou, finalmente, a expandir a empresa.

Finjo-me interessada na conversa, quando um empregado me entrega um copo de vinho branco. Bem, eu *estou* interessada — só que estou distraída. A referência ao Hardin e a ideia de Seattle fazem-me alhear da realidade. Através da parede de vidro, contemplo o lago e imagino eu e o Hardin a mudarmo-nos para um apartamento em Seattle, entusiasmados com uma nova cidade, um novo lugar e novas pessoas. Faríamos novos amigos e começaríamos uma nova vida em conjunto. O Hardin voltava a trabalhar para a Vance, gabando-se a toda a hora de que ganhava mais do que eu, e eu lutaria pelo direito a pagar a conta da televisão.

— Tessa?

A voz do Trevor afasta-me dos devaneios inúteis. — Desculpa... — balbucio, percebendo que estamos só os dois e ele está a começar ou a acabar uma história a que eu não prestei a mínima atenção.

— Como eu estava a dizer, o meu apartamento é muito central e próximo do edifício da Vance, devias ir ver as vistas. — Sorri. — O horizonte de Seattle é tão bonito, sobretudo à noite.

Sorrio e aceno. Acredito que sim. Acredito mesmo.

88

HARDIN

Merda, o que é que eu ando a fazer?

Ando para a frente e para trás, sem conseguir parar. Que decisão tão estúpida, a minha.

Pontapeio uma pedra no caminho de acesso à garagem. O que é que estou à espera que aconteça... que ela corra para os meus braços e perdoe a merda toda que eu lhe fiz? Que, de repente, acredite que eu não fui para a cama com a Carly?

Contemplo a fantástica casa do Vance. Se calhar, a Tessa nem vai lá estar e vão achar que eu sou um idiota, a aparecer sem ser convidado. Se calhar, de qualquer das formas, vão achar sempre que eu sou um imbecil. Devia-me ir embora. Além disso, a merda desta camisa faz-me comichão e eu odeio roupa formal. É só uma camisa preta, mas mesmo assim.

Vejo o carro do meu pai e avanço pelo caminho de acesso à garagem para espreitar para dentro. No assento de trás está aquela carteira hedionda que a Tessa leva a qualquer acontecimento festivo a que vai.

Então ela veio ao jantar. Fico com o estômago às voltas com a perspetiva de a ver, de estar próximo dela. *O que é que eu lhe digo?* Não sei. Tenho de explicar que, desde o dia em que fui para Inglaterra, a minha vida tem sido um inferno, que preciso muito dela, que preciso dela mais do que qualquer outra coisa. Tenho de lhe dizer que sou uma besta e nem posso acreditar que lixei a única coisa boa que tenho, ela. Ela é tudo para mim e sempre será.

Vou só entrar e convencê-la a vir-se embora comigo para podermos conversar — *estou nervoso, que merda, como estou nervoso*.

Vou vomitar. Não. Mas, se tivesse comida no estômago, vomitava de certeza. Sei que estou com um péssimo aspeto; será que ela também está? Não que isso fosse possível, mas será que lhe custou tanto como a mim?

Ao chegar à porta da entrada, dou meia-volta para me ir embora.

Odeio estar entre tantas pessoas e há, pelo menos, uns quinze carros à porta. Vão ficar todos a olhar para mim e eu vou fazer figura de parvo, que é exatamente o que sou.

Mas viro-me outra vez para a porta e toco rapidamente à campainha, para não me dar tempo de mudar de ideias.

Faço isto pela Tessa. Faço isto por ela, tento ter bem presente quando a Kim abre a porta com um sorriso de surpresa.

— Hardin? Não sabia que vinhas — diz. Percebo que se está a esforçar para ser educada, mas sinto uma raiva à flor da pele, provavelmente porque acha que vai ter de defender a Tessa.

— Pois... nem eu — respondo.

Então, uma nova emoção — pena. Expressa-a no olhar quando repara no meu aspeto, que, provavelmente, é muito pior do que eu imagino, já que vim direto do aeroporto para aqui.

— Bem... entra, está um gelo aí fora — convida e gesticula para eu entrar.

Fico perplexo ao ver a decoração da casa do Vance; parece uma obra de arte de um museu, onde ninguém vive. É fixe, mas prefiro um estilo mais clássico à arte contemporânea.

— Íamos começar a jantar — diz-me, enquanto a sigo até à sala de jantar com paredes de vidro.

E é então que a vejo.

O meu coração para e sinto um aperto no peito, tão esmagador que quase me sufoca. Um dos convidados conta-lhe uma história ou algo no género e ela sorri e afasta o cabelo da testa. O reflexo do Sol a pôr-se brilha na sua pele e eu estou paralisado.

Ouço-a rir e, pela primeira vez em dez dias, consigo respirar. Tive tantas saudades dela e ela está com um aspeto fenomenal — está sempre —, mas este vestido vermelho e o sol a bater-lhe na pele e o seu sorriso... porque é que ela está a sorrir e a rir?

Ela não devia estar a chorar, num profundo estado de infelicidade? Dá mais uma risadinha e eu finalmente identifico a pessoa com quem está a falar, a pessoa que a faz esquecer-se de mim.

O filho da mãe do Trevor. Odeio tanto aquele cabrão — estou capaz de ir até lá e atirá-lo por aquela janela de vidro e ninguém conseguiria deter-me. Porque é que ele anda sempre à volta dela? Vou matar este

filho da mãe.

Não. Tenho de me acalmar. Se o magoar, a Tessa nunca mais me vai querer ver.

Fecho os olhos por uns instantes tentando acalmar-me. Se eu me mostrar tranquilo, ela vai-me ouvir e vem comigo para casa, onde lhe vou implorar que me perdoe, e ela vai dizer-me que ainda me ama, e vamos fazer amor e vai ficar tudo bem.

Volto a observá-la; está a conversar com um ar animado. Gesticula com a mão que não segura o copo de vinho enquanto fala e sorri. O meu coração acelera ao reparar na sua pulseira. Ela continua a usá-la — ela continua a usá-la. É bom sinal; tem de ser.

A merda do Trevor contempla-a atentamente, com uma expressão de adoração que faz o meu sangue ferver. Está com ar de cachorrinho abandonado e ela está a cair na patranha.

Será que ela já partiu para outra? Com ele?

Isso iria destroçar-me... mas não a podia culpar, afinal. Não respondi às suas chamadas. Nem sequer me dei ao trabalho de comprar um telemóvel novo. Se calhar, ela pensa que me é indiferente, que também já parti para outra.

Ressurgem as imagens daquela rua silenciosa de Inglaterra, da enorme barriga da Natalie, do sorriso apaixonado do Elijah pela sua noiva. O Trevor está a olhar para a Tessa da mesma maneira.

O Trevor é o seu Elijah. Ele é a segunda oportunidade que ela merece ter.

Agora fez-se luz de uma forma chocante. Tenho de me ir embora. Tenho de sair daqui e deixá-la em paz.

Percebo, neste momento, porque é que naquele dia encontrei a Natalie. Era necessário que eu voltasse a ver a rapariga que magoei profundamente para não voltar a cometer o mesmo erro com a Tessa.

Tenho de me ir embora. Tenho de sair daqui antes que ela me veja.

Mas, assim que reconheço isto, ela olha em redor e o seu olhar encontra o meu. O seu sorriso desvanece-se e o copo de vinho escorrega-lhe da mão, estilhaçando-se no chão de madeira.

Todos se voltam para a Tessa, mas ela mantém-se focada em mim. Quebro o contacto visual e vejo o Trevor a olhar para ela, confuso mas preparado para a defender.

A Tessa pestaneja e olha para o chão. — Peço desculpa — diz freneticamente e curva-se para apanhar os pedaços de vidro partido.

— Oh, por favor, não faz mal! Vou buscar uma vassoura e papel de cozinha — avisa a Kimberly e afasta-se apressadamente.

Tenho de sair daqui. Dou meia-volta e preparo-me para fugir. E quase tropeço numa pessoa pequenina. Olho para baixo e vejo o Smith, que me fita inexpressivamente.

— Pensava que não vinhas — diz.

Abano a cabeça e dou-lhe umas palmadinhas na cabeça. — Pois... Vou-me agora embora.

— Porquê?

— Porque não devia estar aqui — digo-lhe e olho para trás. O Trevor tirou a pequena vassoura da mão da Kimberly e está a ajudar a Tessa a juntar os pedaços de vidro e a lançá-los para dentro de um pequeno saco. Deve haver algum simbolismo oculto nesta cena, em que o Trevor ajuda a Tessa a apanhar os estilhaços. Odeio metáforas.

— Também não estou a gostar nada disto — murmura o Smith e eu assinto com a cabeça. — Ficas? — pergunta ele inocentemente. E com esperança de que eu fique.

Olho para a Tessa e para o Smith. Esta criança já não me incomoda como dantes. Nem sequer tenho energia para me sentir incomodado.

Subitamente, uma mão pousa sobre o meu ombro. — Devias dar-lhe ouvidos — diz o Christian e aperta um pouco. — Pelo menos fica para jantar. A Kim esforçou-se muito esta noite — acrescenta, com um sorriso caloroso.

Olho para a namorada dele, com um vestido preto simples, que está a limpar com um papel os estragos que a Tessa provocou. E, claro, a Tessa está ao seu lado, a desfazer-se em excessivas desculpas.

— Está bem — acedo, acenando com a cabeça ao Christian.

Se sobreviver a este jantar, sobrevivo a tudo. Vou disfarçar a dor que sinto ao ver a Tessa tão feliz sem mim. Não parecia afetada até me ter visto, mas ao ver-me a tristeza tomou conta da sua cara.

Vou agir do mesmo modo, como se não me sentisse afetado com cada pestanejar dos seus olhos. Se ela achar que me é indiferente, fica livre para partir para outra e ser finalmente tratada como merece.

A Kimberly acaba de limpar tudo no momento em que um dos

empregados avisa, com o toque de um pequeno sino, que o jantar vai ser servido. — Bem, agora que o espetáculo acabou, está na hora de irmos comer! — diz ela, rindo e gesticulando com os braços, para indicar que as pessoas se devem dirigir às mesas.

Sigo o Christian e escolho um lugar ao acaso, sem tomar atenção ao lugar onde a Tessa e o seu «amigo» se vão sentar. Brinco um pouco com os talheres, até o meu pai e a Karen se aproximarem e me cumprimentarem. — Não esperava ver-te aqui, Hardin — diz o meu pai.

Suspiro enquanto a Karen se senta ao meu lado. — É o que toda a gente diz — afirmo. Obrigo-me a não procurar a Tessa com o olhar.

— Falaste com ela? — pergunta-me a Karen quase inaudivelmente.

— Não — respondo.

Fixo o olhar nos desenhos em espiral da toalha, enquanto espero que os empregados tragam a comida. Enormes travessas com frangos inteiros são trazidas para a mesa. As tigelas com os acompanhamentos são dispostas em fila, uma a uma, ao longo da mesa. Por fim, não resisto a erguer o olhar e a procurá-la. Olho para a esquerda, mas então, surpreendentemente, percebo que ela está sentada quase à minha frente... com o Trevor ao lado, claro.

Ela está distraída, a empurrar um pedaço de espargo com o garfo. Sei que ela não gosta, mas é demasiado educada para deixar comida no prato. Observo-a a fechar os olhos e levar o garfo com espargos à boca e quase sorrio ao ver o seu esforço para disfarçar o desagrado, ao mesmo tempo que bebe um trago de água para engolir com mais facilidade e em seguida limpa a boca ao guardanapo.

Apanha-me a olhar para ela e, imediatamente, desvio o olhar. Reparo na expressão de dor que os seus olhos azul-acinzentados revelam. Dor que eu provoquei. Dor que só deixará de a atormentar se eu me mantiver afastado e a deixar esquecer o assunto.

Todas as nossas palavras por dizer pairam no ar sobre nós... e ela volta a concentrar-se no prato.

Não volto a levantar os olhos durante esta sumptuosa refeição que eu mal provei. Nem mesmo quando ouço o Trevor a falar com a Tessa sobre Seattle. Pela primeira vez na minha vida, gostaria de ser outra pessoa qualquer. Daria tudo para ser o Trevor, para ser capaz de a fazer feliz e não a magoar.

Ao longo da refeição, a Tessa não se alonga em conversas e sei que fica agradecida quando a Karen começa a falar do Landon e da sua namorada de longa data que foi viver para Nova Iorque.

O som de um garfo contra um copo propaga-se pela sala e o Christian levanta-se e diz: — A vossa atenção, por favor... — Dá mais um toque, depois ri e acrescenta: — É melhor parar antes que o parta —, olhando para a Tessa com uma expressão cúmplice.

Ela cora e eu pressiono as minhas mãos contra as pernas para me manter na cadeira e não o atirar ao chão por a envergonhar. Sei que é na brincadeira, mas não acho simpático.

— Muito obrigado a todos por terem vindo, a vossa presença tem um enorme significado para mim. Estou muito orgulhoso do trabalho de todos os que aqui estão e sem vós não teria sido possível abrir uma sucursal em Seattle. Vocês são a melhor equipa que eu alguma vez podia ter. Quem sabe talvez para o ano estejamos a abrir uma nova sucursal em Los Angeles ou até mesmo em Nova Iorque, para que eu vos possa voltar a enlouquecer com o planeamento e concretização destes novos projetos. — Ele acena a cabeça com a sua própria piada, radiante de ambição.

— Não te precipites — diz a Kimberly ao seu lado e dá-lhe uma palmada no rabo.

— E tu, especialmente tu, Kimberly. Sem ti não seria nada. — O seu tom muda drasticamente, alterando também o ambiente da sala. Põe-se em frente dela e pega-lhe nas mãos. — Depois de a Rose morrer, perdi o interesse por tudo. Os dias passavam num turbilhão e nunca pensei que voltaria a ser feliz. Nunca pensei ser capaz de amar outra pessoa; a minha vida pessoal resumia-se ao Smith e a mim. Então, um dia, esta loura efervescente irrompe pelo meu gabinete, dez minutos atrasada para a entrevista e com uma horrível nódoa de café na blusa branca, e a partir daí tudo mudou. Fiquei cativado pelo seu ânimo e pela sua energia. — Vira-se para a Kimberly. — Deste-me vida quando já não havia nenhuma dentro de mim. Nunca ninguém poderia substituir a Rose, e tu sabia-lo. Mas não a tentaste substituir: enalteceste a sua memória e ajudaste-me a recuperar a minha vida. Só desejava ter-te conhecido mais cedo, para não ter sido infeliz durante tanto tempo. — Ele ri-se um pouco, para tentar amenizar a emotividade do momento,

mas fracassa. — Amo-te, Kimberly, mais do que tudo, e gostava de retribuir o que me deste ao longo de toda a vida. — Pousa um joelho no chão.

Será que estão a gozar comigo? De repente, toda a gente que eu conheço decidiu casar ou isto é alguma partida do universo que me estão a pregar?

— Isto não é uma festa para comemorar a abertura da nova sucursal, é uma festa de noivado. — Sorri para o alvo da sua afeição. — Bem, isto é, se disseres sim.

A Kimberly dá um guinchinho e começa a chorar. Desvio o olhar deles quando ela praticamente grita que sim.

Não consigo evitar olhar para a Tessa, que esconde a cara e enxuga as lágrimas. Sei que se está a esforçar para sorrir de alegria por este momento de felicidade da sua grande amiga, para fingir que chora lágrimas de felicidade. Mas, na verdade, sei bem que está a fingir. Está arrasada ao ver a sua amiga ouvir tudo o que ela, em tempos, desejou ouvir de mim.

89

TESSA

Sinto um aperto no peito ao ver o Christian tomar a Kimberly nos braços e levantá-la do chão num abraço ternurento. Fico mesmo muito contente por ela. Mas, ao mesmo tempo, é-me difícil confrontar-me com o facto de ela conseguir aquilo que eu também gostaria de ter. Nunca lhe roubaria um pouco que fosse da sua felicidade, mas afeta-me um pouco ver o Christian beijar ambas as faces da Kimberly e enfiar um deslumbrante anel de diamante no seu dedo.

Levanto-me do meu lugar, esperando passar despercebida. Consigo chegar à sala antes de as lágrimas começarem a correr copiosamente. Eu sabia que isto ia acontecer, eu sabia que ia quebrar. Se ele não estivesse presente, ser-me-ia mais fácil aguentar, mas é demasiado insólito, demasiado doloroso, vê-lo aqui.

Seguramente que ele veio cá apenas para me provocar. É a única explicação que encontro para o facto de não me dirigir a palavra. Não faz sentido: ele tem-me evitado nos últimos dez dias e agora aparece aqui, onde sabia que me ia encontrar. Eu não devia ter vindo. Se ao menos tivesse trazido o meu carro, podia ir-me embora agora mesmo. O Zed só chega daqui a...

O Zed.

O Zed vem buscar-me às oito. O relógio de parede indica sete e meia. Se o Hardin o encontra aqui, de certeza que o mata.

Ou talvez nem o faça, se calhar é-lhe indiferente.

Encontro uma casa de banho e fecho-me lá dentro. Demoro uns instantes a perceber que o interruptor da luz consiste num painel tátil na parede. Esta casa tem demasiada alta tecnologia para mim.

Senti-me completamente humilhada quando deixei cair o copo de vinho. O Hardin mostra-se tão desinteressado, como se a minha presença ou o incómodo que eu sinto por o encontrar aqui lhe fossem indiferentes. Será que a separação lhe custou? Terá passado os dias deitado na cama a chorar, como eu? É-me impossível saber e ele não

parece destroçado.

Respira, Tessa. Tens de respirar. Ignora a dor que te trespassa o peito.

Enxugo os olhos e observo-me ao espelho. Felizmente, a maquilhagem não borrou e o cabelo ainda se mantém perfeitamente ondulado. As minhas faces estão ligeiramente coradas, mas, de certa forma, melhoram o meu aspeto, dão-me um ar mais animado.

Quando abro a porta, deparo-me com o Trevor encostado à parede, com uma expressão de preocupação. — Estás bem? Saíste dali a correr. — Aproxima-se de mim.

— Sim... estava a precisar de apanhar ar — minto. Ainda por cima, uma mentira absurda; é ilógico correr para a casa de banho para apanhar ar.

Felizmente para mim, o Trevor é um cavalheiro e, ao contrário do Hardin, nunca me confrontaria com a minha mentira.

— Está bem, estão a servir a sobremesa, se ainda tiveres fome — diz e acompanha-me pelo corredor.

— Nem por isso, mas como qualquer coisa — respondo. Controlo a respiração e descubro que isso me acalma. Estou a pensar que atitude hei de tomar em relação ao iminente encontro Zed-Hardin, quando ouço a vozinha do Smith numa das divisões da casa por onde passamos.

— Como é que sabes? — pergunta com o seu habitual espírito analítico.

— Porque eu sei tudo — responde o Hardin.

O Hardin? Na companhia do Smith?

Paro e aceno para o Trevor. — Trevor, podes ir andando? Eu... hum... vou falar com o Smith.

Ele olha para mim com uma expressão de dúvida. — Tens a certeza?... Eu posso esperar — oferece.

— Não, eu fico bem. — Mando-o embora de um modo educado. Ele acena com a cabeça e continua. Deixando-me livre para o indigno ato de espionagem.

O Smith diz qualquer coisa que eu não consigo ouvir, mas o Hardin responde: — Sei mesmo, sei tudo. — A sua voz está completamente calma.

Encosto-me à parede perto da porta e o Smith pergunta: — Ela vai

morrer?

— Não, rapaz. Qual é a tua de estares sempre a achar que toda a gente vai morrer?

— Não sei — responde o rapazinho.

— Mas isso não é verdade, nem toda a gente morre.

— Quem é que morre?

— Nem toda a gente.

— Mas quem, Hardin? — pressiona o Smith.

— Algumas pessoas, as pessoas más, acho. E os velhos. E os doentes. Ah! E às vezes as pessoas que estão tristes.

— Como a tua amiga bonita?

O meu coração bate mais forte.

— Não! Ela não vai morrer. Ela não está triste — diz o Hardin e eu tapo a boca com a mão.

— Ah, está, está.

— Não, não é verdade. Ela está contente e não vai morrer. Nem a Kimberly.

— Como é que sabes?

— Já te disse que eu sei tudo. — O seu tom de voz alterou-se desde que me mencionaram.

Ouço uma pequena gargalhada desdenhosa do Smith. — Não sabes nada.

— Já estás bem agora? Ou vais chorar mais? — pergunta o Hardin.

— Não te metas comigo.

— Desculpa, mas já choraste tudo?

— Sim.

— Boa.

— Boa.

— Não gozes comigo. É má educação — diz o Hardin.

— Tu és malcriado.

— Tu também; tens a certeza de que só tens cinco anos? — pergunta o Hardin.

Sempre me apeteceu perguntar isto à criança. O Smith é tão maduro para a idade que tem, mas imagino que foi obrigado a isso, tendo em conta as coisas por que passou.

— Tenho mesmo. Queres brincar? — pergunta-lhe o Smith.

— Não, não quero.

— Porquê?

— Porque é que fazes tantas perguntas? Fazes-me lembrar...

— Tessa? — A voz da Kimberly apanha-me de surpresa e por pouco não grito. Ela sossega-me, pousando uma mão no meu ombro. — Desculpa! Viste o Smith? Ele desapareceu, e, para surpresa, o Hardin foi à procura dele. — Está com uma expressão intrigada mas comovida.

— Hum, não. — Afasto-me rapidamente para evitar a humilhação de ser apanhada pelo Hardin. Sei que ele ouviu a Kimberly a chamar-me.

Quando regresso à sala de jantar, vou ter com o Christian, que está a falar com um pequeno grupo de convidados, e despeço-me, agradecendo o convite e dando-lhe os parabéns pelo noivado. A Kimberly aparece momentos depois e dou-lhe um abraço de despedida, assim como à Karen e ao Ken.

São dez para as oito. O Hardin está ocupado com o Smith e é óbvio que não tem intenção de falar comigo, mas isso não me incomoda. É preferível assim. Não preciso que me peça desculpa e me assevere que tem sido muito infeliz sem mim. Não preciso que me abrace e me assevere que vamos ser capazes de resolver e ultrapassar os problemas que ele causou. Não preciso. De qualquer modo, ele não o fará, por isso não adianta nada precisar.

Não precisar torna tudo menos doloroso.

Desço o caminho de acesso à garagem. Estou gelada. Devia ter trazido um casaco — estamos no princípio de janeiro e começou agora mesmo a nevar. Não sei onde tinha a cabeça. Espero que o Zed não demore muito.

O vento gelado chicoteia impiedosamente o meu cabelo fazendo-o rodopiar e fazendo-me tiritar de frio. Protejo-me cruzando os braços, tentando manter-me quente.

— Tess? — Ergo o olhar e, por uns instantes, penso que a visão daquele rapaz vestido de preto, a caminhar pela neve ao meu encontro, é apenas fruto da minha imaginação.

— O que é que estás a fazer? — pergunta o Hardin, aproximando-se.

— Vou-me embora.

— Ah... — Esfrega a parte de trás do pescoço, como sempre faz. Mantenho-me calada. — Como é que estás? — pergunta e eu fico

perplexa.

— Como é que *estou*? — Volto-me e encaro-o.

Tento manter a calma enquanto ele olha para mim com uma expressão completamente imperturbável.

— Sim... quero dizer, estás... hã, estás bem?

Devo dizer-lhe a verdade ou mentir...? — E tu? — pergunto, a bater os dentes.

— Perguntei primeiro — responde ele.

Não foi assim que imaginei o nosso primeiro encontro. Não tenho bem a certeza do que estava à espera, mas não era isto, seguramente. Imaginei que ele me ia insultar e que a conversa ia resvalar para uma cena de gritaria. Nunca supus que íamos estar num caminho de acesso a uma garagem fustigado pela neve a perguntar um ao outro «como estamos». As lanternas penduradas nas árvores que ladeiam o caminho dão a impressão de que o Hardin está a brilhar como um anjo. Obviamente, uma ilusão.

— Estou ótima — minto.

Olha-me de cima a baixo, deixando-me o estômago às voltas e o coração a bater com toda a violência. — Estou a ver. — A voz dele supera a força do vento.

— E tu, como estás?

Quero que me diga que está destroçado. Mas não diz.

— Também. Ótimo.

Num ímpeto, pergunto:

— Porque é que não me ligaste? — Talvez isto lhe provoque alguma emoção.

— Eu... — Olha para mim e depois para as mãos, antes de as passar pelo cabelo coberto de neve. — Eu... andei ocupado. — A resposta dele é a bola de demolição que destrói o resto da minha muralha.

A fúria suplanta a dor devastadora que estava quase a tomar conta de mim.

— Estiveste «ocupado»?

— Sim... estive ocupado.

— Uau.

— Uau o quê?

— Estiveste ocupado? Sabes como têm sido os meus últimos onze

dias? Têm sido um inferno, nunca pensei ser capaz de suportar um sofrimento destes e por vezes achei que não o ia suportar. Fiquei à espera... à espera como uma imbecil! — grito.

— Também não sabes o que eu passei! Achas que sabes sempre tudo, mas não sabes nada de nada! — grita-me e eu avanço até ao fim do caminho de acesso.

Ele vai passar-se quando vir quem me vem buscar. E onde é que está o Zed? Já são oito e cinco.

— Diz-me, então! Diz-me o que era mais importante do que lutar por mim, Hardin. — Enxugo as lágrimas que rolam dos meus olhos e faço tudo por tudo para parar de chorar.

Estou cansada de estar sempre a chorar.

90

HARDIN

Ela começa a chorar e é-me difícil manter uma expressão imperturbável. Não sei o que aconteceria se eu lhe dissesse que os meus dias também foram um inferno, que nunca pensei ser capaz de suportar um sofrimento assim. Acho que ela correria para os meus braços para me confortar. Esteve a ouvir a minha conversa com o Smith, sei que esteve. Está triste, exatamente como o rapazinho irritante afirmou, mas eu sei como isto acaba. Se ela me perdoar, eu vou lixar tudo outra vez. Foi sempre assim e não sei como o impedir.

A única solução é dar-lhe a oportunidade de ficar com alguém mais indicado para ela. Acredito que, no fundo, ela quer alguém parecido com ela. Alguém sem tatuagens, sem *piercings*. Alguém sem uma infância traumática e problemas de temperamento. Neste momento, ela pensa que me ama, mas um dia, quando eu lhe fizer alguma coisa ainda mais horrível do que já fiz até agora, ela vai arrepender-se de me ter conhecido. Quanto mais a observo a chorar aqui à entrada, com a neve a cair à sua volta, mais certeza tenho de que não sirvo para ela.

Eu sou o Tom e ela é a Daisy. A adorável Daisy, que é corrompida pelo Tom e nunca mais volta a ser a mesma. Se, neste momento, no meio da neve, eu me ajoelhar e implorar o seu perdão, ela vai permanecer para toda a eternidade a horrível Daisy, vai perder toda a sua inocência e vai acabar por me odiar e por se odiar. Se, no primeiro momento de incerteza da Daisy, o Tom a tivesse deixado, ela teria encontrado o homem que lhe estava predestinado, o homem que a trataria da maneira que ela merecia.

— Não tens nada a ver com isso — digo e noto como estas palavras a abalam profundamente.

Ela devia estar lá dentro com o Trevor ou em casa com o Noah. Comigo não. Não sou nenhum Darcy e ela merece um. Não posso mudar por ela. Encontrarei uma maneira de viver sem ela, exatamente como ela tem de viver sem mim.

— Como é que és capaz de dizer isso? Depois de tudo por que passámos, descartas-me assim e nem sequer tens a decência de te justificares? — grita.

Uns faróis surgem no fim da rua escura, iluminando a sua silhueta e criando novas sombras pela terra.

Estou a fazer isto por ti!, apetece-me gritar. Mas não o faço. Limito-me a encolher os ombros.

Abre a boca e volta a fechá-la quando uma carrinha para à nossa frente.

Aquela carrinha...

— O que é que ele está a fazer aqui? — exclamo.

— Veio buscar-me. — Ela afirma-o com uma tal descontração que quase me deixo cair de joelhos.

— Porque é que... ele... que *merda* é esta? — Começo a andar para a frente e para trás. Estava a tentar que ela se afastasse de mim, que ela seguisse o seu caminho para poder encontrar alguém como ela, nunca o Zed. — Tu... tens andado a sair com este monte de merda? — pergunto, olhando-a fixamente. Tenho consciência de que estou completamente desvairado, mas não faço caso disso: passo pela Tessa e aproximo-me da carrinha. — Sai da porcaria do carro! — grito.

Para minha surpresa, o Zed sai cá para fora, deixando o motor a trabalhar. Ele é um verdadeiro idiota.

— Estás bem? — tem a lata de lhe perguntar.

Aproximo a minha cara da do Zed. — Eu sabia! Sabia que estavas à espera do teu momento para entrares em cena e te atirares a ela! Achavas que eu não ia descobrir?

Os dois entreolham-se. *Porra, esta merda está mesmo a acontecer*.

— Deixa-o em paz, Hardin! — insiste ela.

E eu passo-me.

Uma mão agarra no colarinho do casaco do Zed. A outra embate no seu maxilar. A Tessa dá um grito que se perde no vento e na minha fúria como um murmúrio.

O Zed cambaleia para trás, agarrado ao maxilar. Mas depois avança na minha direção. Como ele gosta de desafiar a morte!

— Achavas que eu não ia descobrir! Eu disse-te para te afastares dela, porra! — Tento voltar a bater-lhe de novo, mas desta vez ele

sustém o meu ataque e acerta-me em cheio no queixo.

A raiva mistura-se com a adrenalina. Há semanas que não lutava. Senti falta desta sensação, da energia a fluir pela corrente sanguínea, deixando-me eletrizado.

Atinjo-o nas costelas. Desta vez ele cai ao chão e eu salto logo para cima dele, acertando-lhe uma e outra vez. Não o menosprezo: ele conseguiu dar-me alguns murros. Mas não me consegue vencer.

— Eu estava lá para ela... e tu não — provoca-me.

— Para com isso! Para, Hardin! — A Tessa puxa-me o braço e, por reflexo, empurro-a para o chão.

A minha fúria desvanece-se imediatamente. Volto-me para ela e vejo-a a recuar a gatinhar e a levantar-se em seguida e a esticar os braços, como que para se proteger de mim. *Que merda é que acabei de fazer?*

— Não te aproximes dela, porra! — grita o Zed atrás de mim. Num instante, põe-se ao lado da Tessa e ela fita-o, sem se dar ao trabalho de olhar para mim.

— Tess... eu não queria fazer aquilo. Não sabia que eras tu, juro! Sabes como eu não vejo nada à frente quando estou furioso... desculpa. Eu...

Ela olha através de mim.

— Podemos ir embora, por favor? — pergunta calmamente e o meu coração anima-se... até perceber que ela está a falar com ele, com o Zed.

Como é que isto aconteceu?

— Sim, claro. — O Zed pousa o casaco sobre os ombros dela e abre a porta da carrinha, ajudando-a a entrar.

— Tessa... — chamo-a de novo, mas ela reage como se eu nem ali estivesse, com a cara enterrada nas mãos e o corpo sacudido pelo choro.

Estico o dedo para o Zed e ameaço-o: — Isto ainda não acabou.

Ele acena com a cabeça, contorna o carro até à porta do condutor e volta a olhar para mim.

— Por acaso, acho que acabou. — Sorri e entra na carrinha.

91

TESSA

— Lamento muito que ele te tenha empurrado daquela maneira — diz-me o Zed, enquanto eu lhe trato da bochecha com uma toalha quente. Tem um corte e não para de sangrar.

— Não, não é culpa tua. Lamento que continues a ser arrastado para isto. — Suspiro e volto a mergulhar a toalha no lavatório.

Ele ofereceu-se para me dar boleia até casa do Landon, em vez de irmos ao cinema, como tínhamos planeado, mas eu recusei. Tive medo que o Hardin aparecesse e fizesse uma cena.

Provavelmente, ele está lá agora mesmo, a destruir a casa do Ken e da Karen. Deus queira que não.

— Tudo bem. Eu sei como ele é, ainda bem que não te magoou. Bem, mais do que o que ele já te magoou — suspira.

— Vou pressionar, por isso é capaz de doer — aviso-o.

Ele fecha os olhos enquanto eu pressiono a toalha contra a sua pele. O corte é profundo — se calhar, vai ficar com uma cicatriz. Espero que não; a cara do Zed é demasiado perfeita para ficar com uma cicatriz e eu não quero, definitivamente, ser responsável por isso.

— Já está — digo e ele sorri, mesmo tendo a boca inchada. *Porque é que estou sempre a tratar de feridas?*

— Obrigado. — Sorri outra vez enquanto eu lavo a toalha manchada de sangue.

— Eu mando-te a conta — brinco.

— Tens mesmo a certeza de que estás bem? Caíste no chão com força.

— Sim, estou um bocado dorida, mas estou bem. — Os acontecimentos desta noite resvalaram drasticamente depois de o Hardin me seguir até à rua. Fiquei com a sensação de que não estava a sofrer muito com o facto de eu o ter deixado, mas sempre pensei que isso o ia afetar mais do que afetou. Disse-me que não me ligou porque andou ocupado. Sempre achei que ele não me amava tanto como eu a

ele, mas pensei que me amava o suficiente para se sentir afetado. Em vez disso, agiu como se nada tivesse acontecido, como se tudo não passasse de uma conversa de circunstância, entre meros amigos. Isto é, até ele dar de caras com o Zed e perder as estribeiras. Mas, em contrapartida, não se enfureceu ao ver o Trevor nem provocou uma cena à frente de toda a gente. O que é um pouco estranho.

Por mais destroçada que esteja, sei que o Hardin não me magoaria intencionalmente, mas esta é a segunda vez que uma coisa deste género acontece. Da primeira vez, não demorei a perdoar-lhe. Fora eu que o convencera a ir passar o Natal a casa do pai e ele não conseguiu lidar com a situação. Desta vez foi culpa dele — ele nem sequer devia ter aparecido.

— Tens fome? — pergunta-me o Zed quando saímos da casa de banho e vamos para a sala.

— Não, já comi na festa — digo ainda rouca de tanto chorar durante a viagem para o apartamento do Zed.

— Está bem, também não tenho muita coisa, mas posso mandar vir, se quiseres, por isso avisa se mudares de ideias.

— Obrigada. — O Zed é sempre incrivelmente terno comigo.

— O meu companheiro de quarto deve estar a chegar, mas não nos vai incomodar. Provavelmente, mal chegue, vai cair na cama a dormir.

— Desculpa por isto ter voltado a acontecer, Zed.

— Não peças desculpa. Ainda bem que eu apareci. O Hardin parecia bastante zangado quando eu cheguei.

— Já estávamos a discutir. — Reviro os olhos e sento-me no sofá, encolhendo-me com uma pontada de dor. — Imagina!

As nódoas negras e ferimentos resultantes do acidente de automóvel acabaram de sarar e agora vou ter uma nova nódoa negra, feita pelo Hardin. A parte de trás do meu vestido está suja e estragada e tenho os sapatos todos riscados. O Hardin destrói mesmo tudo em que toca.

— Precisas de roupa para dormir? — pergunta o Zed, passando-me o cobertor velho com que me tapei há algumas noites.

Acho embaraçoso usar as roupas do Zed. Só partilho isso com o Hardin e nunca usei roupa de mais ninguém.

— Acho que a Molly tem umas coisas aqui... no quarto do meu colega. Se calhar incomoda-te... — Esboça um meio sorriso. — Mas é de

certeza melhor do que dormires com esse vestido.

A Molly é muito mais magra do que eu, e quase me rio. — Eu não caibo nas roupas dela, mas obrigada por pensares que sim.

O Zed parece não perceber o significado da minha resposta; a sua incompreensão é adorável. — Bem, eu tenho algumas roupas que podes usar — oferece e eu anuo antes que comece a pensar demasiado. Posso usar as roupas de quem me apetecer, o Hardin não é meu dono. Nem gosta de mim o suficiente para tentar justificar-se.

O Zed desaparece para dentro do quarto e regressa, momentos depois, com as mãos cheias de roupas. — Trouxe umas coisas, não sei do que é que gostas. — O seu tom de voz faz-me pensar que ele, realmente, gostaria de chegar a esse patamar. O patamar em que se sabe do que é que o outro gosta. O patamar em que me encontro com o Hardin. *Encontrava*. Enfim.

Escolho uma *T-shirt* azul e umas calças de pijama com um padrão em xadrez.

— Não sou esquisita. — Agradeço-lhe com um sorriso e vou à casa de banho mudar de roupa.

Para meu horror, não se tratam de calças em xadrez mas de *boxers*. Uns *boxers* do Zed. Oh, meu Deus. Dispo o vestido e enfio a enorme *T-shirt* pela cabeça antes de decidir o que fazer com os *boxers*.

A *T-shirt* é mais curta do que as do Hardin; mal chega às minhas coxas e não cheira ao Hardin. Claro que não, não é do Hardin. Cheira a detergente para a roupa, misturado com um leve cheiro a tabaco. Um aroma que até é agradável, embora não suplante o aroma do rapaz de quem eu sinto falta.

Visto os *boxers* e observo o efeito. Não são muito curtos. De facto, até são largueirões, embora não tanto como os do Hardin. Tenho de correr para o sofá e tapar-me com o cobertor.

Sinto-me pouco à vontade por estar a usar os *boxers* do Zed, mas seria indelicado queixar-me, depois de tudo o que ele passou esta noite. A sua cara exibe as marcas da fúria do Hardin, uma advertência assinalada a sangue de que a nossa relação nunca resultaria. O Hardin só se preocupa consigo próprio e foi apenas o orgulho que o levou a enfurecer-se com o Zed. Ele não me quer, mas também não quer que eu tenha alguém.

Dobro o vestido e deixo-o no chão da casa de banho; no fim de contas, está sujo e estragado. Mesmo assim, vou pô-lo a limpar a seco, embora não tenha a certeza de que possa ser salvo. Ainda por cima adorava aquele vestido e até foi caro — e eu não posso desbaratar o meu dinheiro porque tenho de arrendar um apartamento.

Vou rapidamente para a sala, mas, quando lá chego, o Zed está de pé ao lado da televisão. Admira o meu corpo com os olhos arregalados. — Eu... hum, estava a pôr... estava a pôr, a escolher um filme... para ver. Ou para tu veres — gagueja e eu sento-me no sofá e tapo-me.

As suas palavras confusas e a sua expressão fazem-no parecer mais jovem e mais vulnerável do que o costume.

Ri nervosamente. — Desculpa, estava a tentar dizer que estava a ligar a televisão para poderes ver.

— Obrigada — digo com um sorriso, enquanto ele se senta na outra ponta do sofá. Pousa os cotovelos nos joelhos e olha em frente. — Se não quiseres continuar a estar comigo, eu compreendo — digo, para quebrar o silêncio.

Fita-me. — O quê? Não, nem pensar. — Os seus olhos entregam-se aos meus. — Não te preocupes comigo, eu aguento. Umas sovas não me vão fazer afastar de ti. Só se me pedires é que me afasto. Se quiseres, afasto-me. Caso contrário, continuo ao teu lado.

— Eu não quero. Que te afastes, quero dizer. Só não sei o que fazer com o Hardin. Não quero que ele te volte a bater — digo-lhe.

— Ele é um gajo muito violento. Sei o que me espera. Mas não te preocupes comigo. Só espero que, depois de hoje teres visto quem ele realmente é, te afastes dele.

Sinto uma enorme tristeza ao pensar nisto, mas respondo: — Vou-me mesmo afastar. E se ele nem sequer se preocupa com isso, porque é que eu me havia de preocupar?

— Pois é. E, de qualquer maneira, és demasiado boa para ele; sempre foste — assegura-me ele. Aproximo-me dele e ele levanta o cobertor e tapa-se também, antes de ligar a televisão. Gosto da simplicidade do nosso relacionamento; ele não diz coisas com o único intuito de me irritar, nem fere intencionalmente os meus sentimentos.

— Estás cansado? — pergunto-lhe, passado um bocado.

— Não, e tu?

— Um bocadinho.

— Dorme, então. Eu posso ir para o meu quarto.

— Não. Olha, podes ficar aqui até eu adormecer? — peço-lhe.

Ele olha para mim com uma expressão de felicidade. — Sim, claro que posso.

92

HARDIN

Bato com o punho na mala do carro e grito para libertar alguma raiva.

Como é que aquilo aconteceu? Como é que a deitei ao chão? Ele sabia o que o esperava quando saiu da carrinha e acabou por apanhar outra sova. Eu conheço a Tessa — vai ficar cheia de pena dele e vai achar que a culpa foi dela e que, por isso, o tem de compensar.

— Merda! — grito, ainda mais alto.

— Porque é que estás a gritar? — O Christian aparece no caminho coberto de neve.

Fito-o e reviro os olhos. — Nada. — A única pessoa que alguma vez amarei foi-se neste momento embora com a pessoa que eu mais odeio no mundo.

O Vance fita-me durante uns momentos com um olhar confuso. — Alguma coisa há de ser — graceja e bebe um trago da sua bebida.

— Não me está a apetecer ter uma conversa profunda — resmungo.

— Que coincidência, nem eu. Só estou a tentar perceber porque é que está um idiota a gritar no meu caminho de acesso à garagem — responde, com um sorriso.

Quase me rio. — Vai-te lixar.

— Concluo que ela não aceitou o teu pedido de desculpas?

— Quem disse que eu pedi desculpa ou que devia pedir?

— Porque tu és tu e, para além disso, és um homem... — Faz-me continência e acaba com o resto da bebida. — Temos sempre de ser os primeiros a pedir desculpa. É assim que é.

Suspiro fundo e digo: — Pois, mas ela não quer o meu pedido de desculpas.

— Todas as mulheres querem um pedido de desculpas.

Não consigo esquecer a imagem dela a tentar reconfortar o Zed. — A minha não... ela não.

— Está bem, está bem — diz o Christian, abanando as mãos. — Vais entrar?

— Não... não sei. — Abano a cabeça para tirar a neve e retiro a que está na minha testa.

— O Ken... o teu pai e a Karen estão a preparar-se para se irem embora.

— E que merda tenho eu a ver com isso? — respondo e ele ri-se.

— A tua linguagem surpreende-me sempre.

Faço um sorriso forçado. — Porquê? Digo tantos palavrões como tu.

— Exatamente. — Põe o braço em redor dos meus ombros. E, para meu espanto, deixo que me leve para dentro de casa.

93

TESSA

Não consigo dormir. Acordo de meia em meia hora para olhar para o telemóvel e ver se o Hardin me tentou ligar. Claro que não tentou. Olho de novo para o despertador. Como tenho aulas amanhã, o Zed vai levar-me a casa do Landon bem cedo, para ter tempo de me arranjar e chegar à escola a horas.

Ao fechar os olhos outra vez, regressam as imagens do meu sonho com o Hardin a implorar-me para voltar para casa. Ouvi-lo, mesmo que em sonho, ainda me atormenta. Depois de me virar e revirar no sofá, decido fazer o que devia ter feito no início da noite.

Abro a porta do quarto do Zed e ouço imediatamente o seu leve ressonar. Está de tronco nu e deitado de barriga para baixo com os braços dobrados debaixo da cabeça.

Debato-me comigo mesma, enquanto ele se agita no sono.

— Tessa? — Endireita-se. — Estás bem? — Parece agitado.

— Sim... desculpa por te acordar... estive a pensar que talvez pudesse dormir aqui? — pergunto timidamente.

Fita-me por uns momentos, antes de dizer: — Sim, claro. — Afasta-se para um lado, certificando-se de que há espaço suficiente para eu me deitar.

Tento ignorar o facto de não haver lençóis na cama. Afinal de contas, é um universitário; nem toda a gente é tão arrumadinha como eu. Puxa uma almofada de cima do colchão e eu deito-me ao seu lado, a uma distância de menos de trinta centímetros.

— Queres falar de alguma coisa? — pergunta ele.

Será que quero?, penso. Mas respondo: — Não, esta noite não. Não consigo arrumar toda esta confusão que está dentro da minha cabeça.

— Há alguma coisa que eu possa fazer? — A sua voz é tão suave na escuridão.

— Podes chegar-te mais para junto de mim? — peço e ele aceita.

Viro-me, nervosa, e encaro-o. Toca-me no rosto e acaricia-me com o

polegar. O seu toque é quente e meigo.

— Estou contente por estares aqui comigo e não com ele — sussurra o Zed.

— Eu também — respondo, sem saber se estou mesmo a ser sincera.

94

HARDIN

O Landon assumiu uma nova pose desde a noite em que me tentou bater. Fez uma cena no aeroporto quando me viu na sala de recolha de bagagens e percebeu que era eu que o vinha buscar em vez da mãe. A Karen aceitou que eu viesse buscar o filho, talvez porque não lhe apetecesse voltar a sair depois da festa do Vance ou talvez porque tenha tido pena de mim. Não tenho a certeza da razão, mas fiquei contente por ter aceitado.

O Landon, por seu lado, está completamente chateado, acusando-me de eu ser o maior idiota que ele alguma vez conheceu e, a princípio, recusando-se a entrar no carro comigo. Demorei quase vinte minutos a convencer o meu adorável meio-irmão de que era preferível aceitar a minha boleia a percorrer cinquenta quilómetros a pé, a meio da noite.

Ao fim de conduzir alguns quilómetros em silêncio, decido retomar a conversa no ponto em que a deixámos, no momento em que saímos do aeroporto. — Olha, Landon, preciso que me digas o que devo fazer. Estou dividido. Merda, dividido mesmo ao meio.

— Entre quê e quê? — pergunta.

— Entre ir-me embora e voltar para Inglaterra para garantir que a Tessa vai ter a vida que merece e ir até à porra da casa do Zed e matá-lo.

— Onde é que ela se encaixa na segunda hipótese?

Olho para ele e encolho os ombros. — Fazia-a vir comigo depois de o matar.

— O problema é esse. Achas sempre que consegues que ela faça o que tu queres e olha onde isso te levou.

— Não quis dizer isso. Só quis... — Sei que ele tem razão e nem sequer tento explicar-me melhor. — Mas ela está com o Zed; como é que é possível? Nem consigo manter a calma, só de pensar nisso — resmungo e esfrego as têmporas.

— Bem, se calhar é melhor ser eu a guiar?

O Landon é tão irritante.

— Hardin, ela esteve com ele na noite de sexta-feira e o sábado inteiro.

Fica tudo escuro à minha volta. — O quê? Então... ela acabou de... então ela anda com ele?

O Landon faz um desenho na janela. — Não sei se anda com ele... mas sei que, quando falei com ela no sábado, ela me disse que tinha rido pela primeira vez desde que a abandonaste.

Troço. — Ela nem sequer o *conhece.* — Nem acredito que isto está a acontecer.

— Não quero ser mau, mas tens de concordar que é irónico que tu aches que a Tessa quer ficar com alguém como ela, mas ela acaba por passar o tempo com alguém como tu — diz o Landon.

— Ele não é nada como eu — digo e tento concentrar-me na condução para não me desmoronar em frente do Landon. Permaneço em silêncio até chegar a casa do meu pai.

— Ao menos ela chorou? — pergunto, por fim, ao chegar ao acesso à garagem.

O Landon olha para mim, incrédulo.

— Sim, uma semana inteira. — Depois abana a cabeça. — Puto, nem fazes ideia do que lhe fizeste e nem sequer te importaste. Continuas a pensar só em ti.

— Como é que podes afirmar isso quando eu fiz isto por ela? Mantive-me afastado para ela poder continuar com a sua vida. Não a mereço, foste tu que me disseste isso, lembras-te?

— Lembro-me e ainda acredito nisso. Mas também acho que ela é que tem de decidir o que é que merece — diz ele, soprando e saindo do carro.

O Jace dá uma passa no charro e depois fica a observá-lo.

— Não tenho feito nada de especial, tenho andado por aqui. O Tristan já pouco aparece; para ele só há a Steph.

— Hum — murmuro. Bebo um trago de cerveja e olho em redor, para o apartamento dele. Nem sei porque é que cá vim, para começar, mas não sabia para onde ir. Tenho é a certeza de que esta noite não vou voltar para o apartamento. Não acredito que a Tessa está com o Zed;

que merda é esta?

E, por mais que eu insistisse, o Landon não aceitou ligar à Tessa inventando uma mentira para ela voltar para casa do meu pai. É um idiota.

Até que admiro a sua lealdade, mas não quando se põe entre mim e o que eu quero. O Landon disse que eu tenho de deixar a Tessa escolher se quer ficar comigo ou não, mas eu sei o que ela escolheria. Bem, pensava que sabia.

Esta de o Zed ter passado o fim de semana quase todo com ela apanhou-me de surpresa.

— O que é que se passa contigo? — pergunta-me o Jace, soprando o fumo do charro para a minha cara.

— Nada.

— Fiquei admirado por esta noite teres cá vindo, depois do que aconteceu da última vez — lembra-me ele.

— Sabes bem porque é que estou aqui.

— Sei? — provoca ele.

— A Tessa e o Zed. Sei que sabes disso.

— Tessa? A Tessa Young e o Zed Evans? — Sorri. — Não me digas.

Que sorriso irritante.

Fico em silêncio e ele encolhe os ombros. — Não sei nada acerca disso, a sério. — Dá mais uma passa e caem-lhe no colo pedacinhos de papel, mas ele nem parece reparar nisso.

— Nunca dizes a verdade. — Bebo mais um gole.

— Digo, sim. Então eles andam enrolados? — Ergue as sobrancelhas.

Quase me engasgo com a pergunta. — Porra, não vás por aí. Viste-os juntos? — Inspiro e expiro lentamente.

— Não, não sei nada deles. — O Jace pousa o charro no cinzeiro. — Pensava que ele andava a sair com uma miúda de um liceu.

Contemplo a pilha de roupa suja que está a um canto da sala. — Também eu.

— Então ela trocou-te pelo Zed?

— Não gozes comigo, não estou nessa.

— Tu é que me vieste com perguntas. Não te estou a gozar — troça o Jace.

— Ouvi dizer que eles estiveram juntos na sexta-feira e queria saber

quem é que lá esteve.

— Não sei. Mas eu não estive. Vocês os dois não vivem juntos ou uma merda assim? — Tira os óculos de aspirante a *hipster* e pousa-os em cima da mesa.

— Sim. Porque é que achas que estou tão passado com esta merda do Zed?

— Bom, sabes que ele anda sempre atrás do que tu...

— Eu *sei*. — Odeio o Jace, odeio mesmo. E o Zed. Porque é que a Tessa não escolheu o Trevor? Que merda, nunca pensei que um dia ia achar positiva a ideia de ela andar com o Trevor.

Controlo o impulso de partir a cara ao Jace. Isto não me leva a lado nenhum, nada disto — a bebida, a raiva, nada.

— Espero que não saibas mesmo nada disto, porque se descubro que me estás a mentir, mato-te. Sabes isso, não sabes? — ameaço, com sinceridade.

— Sim, meu, já conhecemos a tua paranoia por esta miúda. Para de ser tão anormal.

— Só te estou a avisar — digo-lhe e ele revira os olhos.

Porque é que me comecei a dar com ele mesmo? Ele é um nojento de merda, e eu devia ter terminado a nossa suposta amizade no momento em que lhe dei uma sova.

O Jace levanta-se e espreguiça-se devagar.

— Bem, puto, vou para a cama. São quatro da manhã. Podes ficar a dormir no sofá, se quiseres.

— Não, tudo bem — digo e vou-me embora.

São quatro da manhã e está frio lá fora, mas não vou conseguir dormir sabendo que ela está com o Zed. No apartamento dele. E se ele lhe está a tocar? E se passou este fim de semana inteiro a tocar-lhe?

Será que ela iria para a cama com ele para me provocar?

Não, conheço-a bem. Ela ainda cora sempre que lhe dispo as cuecas. Mas o Zed consegue ser muito convincente e pode tê-la embebedado. Sei que ela não aguenta muito — duas bebidas e começa a praguejar como um marinheiro e a tentar desapertar-me o cinto.

Porra, se ele a embebeda e lhe toca...

Faço inversão de marcha no meio do cruzamento esperando que a polícia não esteja por ali, sobretudo porque iriam reparar no meu hálito a

cerveja.

Que se lixe esta merda de ficar longe dela. Posso ter sido um crápula com ela e tê-la tratado muito mal — mas o Zed é muito pior do que eu. Amo-a mais do que ele ou qualquer outro homem alguma vez será capaz de a amar. Agora sei o que tinha. Sei a merda que tinha a perder — e, agora que a perdi, preciso de a recuperar. Ele não a pode ter, ninguém pode. Ninguém exceto eu.

Que raio. Porque é que não lhe pedi desculpa na festa? Devia ter feito isso. Devia ter-me ajoelhado à frente de toda a gente e implorado o seu perdão e agora podíamos estar juntos, na nossa cama. Em vez disso, discuti com ela e empurrei-a acidentalmente, possuído por uma fúria que me tirou o discernimento.

O Zed é um idiota de merda. Quem é que ele pensa que é para a ir buscar à festa, porra? Andamos a brincar?

A minha ira está a levar-me a melhor outra vez. Tenho de me acalmar antes de lá chegar. Se estiver calmo, é possível que ela fale comigo.

São quatro e meia da manhã quando chego à casa do Zed. Estaciono e tento acalmar-me durante alguns minutos. Em seguida, bato à porta e espero com grande impaciência.

Quando me preparo para começar a martelar a porta, ela abre-se e deparo-me com o Tyler, o colega de quarto do Zed, com quem falei algumas vezes quando eles deram umas festas nesta casa.

— Scott? Está tudo, puto? — balbucia ele.

— Onde está o Zed? — Passo por ele sem perder tempo.

Ele esfrega os olhos. — Puto, são cinco da manhã, sabes isso?

— Não, são só quatro e meia. Onde... — Mas depois reparo no cobertor dobrado no sofá. Perfeitamente dobrado: o testemunho da presença da Tessa. Demoro a tomar consciência de que o sofá está vazio.

Onde é que ela está, se não está no sofá?

Sobe-me a bílis à garganta e volto a perder o fôlego, pela centésima vez nesta noite. Avanço pelo apartamento, deixando um Tyler confuso pelo caminho.

Abro a porta do quarto do Zed. Está às escuras. Tiro o telemóvel do bolso e ligo a lanterna. O cabelo louro da Tessa está espalhado pela almofada e o Zed está de tronco nu.

Que porra é esta!?

Encontro o interruptor da luz e acendo-a; a Tessa agita-se e vira-se para o outro lado. A minha bota pontapeia a secretária com um enorme estrondo. Ela franze os olhos e depois entreabre-os para perceber a origem do estrondo.

Tento pensar no que dizer enquanto assimilo a cena que presencio. A Tess e o Zed na cama juntos.

— Hardin? — diz num fio de voz e franze a testa ao ficar mais desperta. Olha para o Zed antes de olhar para mim, claramente em choque. — O que... o que estás aqui a fazer? — pergunta freneticamente.

— Não, não. O que é que *tu* estás aqui a fazer? Na cama com ele? — Esforço-me para não gritar, cravando as unhas na palma da mão.

Se ela o comeu, está tudo definitivamente acabado.

— Como é que entraste aqui? — pergunta, com uma expressão de enorme tristeza.

— O Tyler abriu-me a porta. Estás na cama com ele? Como é que és capaz de estar na cama com ele?

O Zed vira-se de barriga para cima e esfrega os olhos, depois senta-se, endireita-se e olha para mim.

— O que é que estás a fazer no meu quarto? — exige saber.

Não, Hardin. Fica calmo. Tenho de me manter tranquilo ou alguém vai parar ao hospital. Esse alguém é o Zed, mas, para a recuperar, tenho de me manter muito calmo.

— Vim buscar-te, Tessa. Vamos — digo e estendo a mão, embora esteja do outro lado do quarto.

Franze a testa. — Desculpa?

Cá vem a infame atitude da Tessa...

— Não podes vir ao meu apartamento e dizer-lhe para se ir embora. — O Zed mexe-se para sair da cama e vejo que está com uns calções largos descaídos mostrando parte dos *boxers*.

Acho que não consigo manter a calma.

— Posso e estou a fazê-lo, Tessa... — Fico à espera que ela saia da cama, mas ela não se mexe.

— Não vou a lado nenhum contigo, Hardin — diz-me.

— Ouviste o que ela disse, puto. Ela não se vai embora contigo — diz

o Zed com desprezo.

— Não comeces. Estou a tentar, por tudo, não fazer nada de que me possa arrepender, por isso cala-te, porra — rosno eu.

Abre os braços, enfrentando-me.

— Isto é o meu apartamento e o meu quarto e, para além do mais, ela não quer ir contigo, por isso não vai. Se quiseres andar à pancada comigo, não hesites. Mas, se ela não quiser, não sou eu que a vou forçar a ir. — Acaba de falar e olha para ela com uma falsa expressão de preocupação.

Dou uma gargalhada perversa. — Mas o plano era esse, não era? Fazeres com que eu ficasse furioso ao ponto de te bater, para ela ter pena de ti e eu ser o monstro de quem todos têm medo, não é? Não caias neste logro, Tessa! — grito.

Não aguento ver que ela continua sentada na cama dele e, ainda pior, é-me insuportável não poder dar uma sova ao Zed, porque é exatamente isso que ele quer.

A Tessa suspira. — Vai-te embora.

— Tessa, ouve-me. Ele não é quem tu pensas, ele não é o inocentezinho que tu achas.

— O que é que te faz dizer isso? — desafia-me.

— Porque... bem, não sei... *ainda*. Mas sei que ele te está a usar com um objetivo. Ele só te quer comer, tu *sabes* isso — digo-lhe, esforçando-me para controlar as emoções.

— Não, não quer — diz ela num tom sereno, mas percebo que está a ficar zangada.

— Olha, vai-te embora... ela não quer ir contigo. Estás a fazer figura de parvo.

Quando as palavras saem do seu lábio rachado, começo a tremer. Estou quase a explodir de raiva.

— Eu avisei-te... para te *calares, porra*. Tessa, para de te armares em difícil e vem-te embora. Temos de falar.

— Estamos a meio da noite, e tu... — começa ela, mas eu interrompo-a.

— Por favor, Tessa.

A sua expressão muda ao ouvir as minhas palavras, mas não percebo a razão.

— Não, Hardin, não podes vir até aqui e exigir que eu vá contigo!

O Zed encolhe os ombros e, desprendidamente, diz:

— Não me faças chamar a polícia, Hardin.

Foi a gota de água. Dou um passo na sua direção, mas a Tessa salta da cama e interpõe-se.

— Não. Outra vez não — implora, os seus olhos focados nos meus.

— Então vem comigo. Não podes confiar nele — digo-lhe.

O Zed ri.

— E em *ti*, pode confiar? Estragaste tudo, admite. Ela merece melhor do que tu, podias dar-lhe a oportunidade de ser feliz...

— Dar-lhe a oportunidade de ser feliz? Contigo? Como se quisesses ter uma relação com ela? Sei que só lhe queres saltar para cima!

— Isso não é verdade! Eu gosto dela e posso ser melhor para ela do que tu alguma vez foste! — grita, e a Tessa empurra-me o peito com as palmas das mãos.

Eu sei que é estúpido, mas delicio-me com o seu toque, com a sensação das suas mãos no meu peito. Há tanto tempo que não sentia este toque.

— Parem os dois, por favor! Hardin, tens de te ir embora.

— Eu não vou, Tessa. És demasiado ingénua, ele quer lá saber de ti! — grito junto à cara dela. Ela nem pestaneja.

— E tu queres? Estiveste «demasiado ocupado» durante onze dias para te dignares a ligar-me! Ele apoiou-me quando tu desapareceste e se... — ela grita e continua a gritar frases que eu não entendo, mas então reparo nas suas roupas.

Ela está? Não está...

Dou um passo atrás para ter a certeza. — Essas... que roupa é essa? — gaguejo e começo a andar para a frente e para trás.

Ela olha para baixo como se se tivesse esquecido do que estava a usar.

— Estás com a merda das *roupas* dele?! — quase grito. A minha voz vacila e puxo os cabelos.

— Hardin... — Ela tenta falar.

— Claro que está — responde o Zed por ela.

Se ela está a usar as roupas dele... — Comeste-o? — rosno, com as lágrimas prestes a brotarem.

Os olhos dela abrem-se imenso. — Não! Claro que não!

— Diz-me a porra da verdade agora mesmo, Tessa! Tu comeste-o?

— Já te respondi! — responde aos gritos.

O Zed mantém-se afastado e observa com uma expressão de preocupação na sua cara contundida. Devia ter-lhe batido muito mais.

— Tocaste-lhe? Merda, meu Deus! Ele tocou-te? — Estou desvairado e não quero saber. Não consigo lidar com isto; não vou suportar que ele lhe tenha tocado. É-me impossível.

Viro-me para o Zed antes de um deles me responder.

— Porra, se lhe tocaste, borrifo-me para o facto de ela estar aqui ou não.

Ela volta a interpor-se entre nós com uma expressão de medo.

— Sai da minha casa *já* ou chamo a polícia — ameaça-me o Zed.

— A polícia? Achas que eu estou a...

— Eu vou. — A voz da Tessa é suave no meio do caos.

— O quê? — exclamamos eu e o Zed em uníssono.

— Eu vou contigo, Hardin, mas só porque sei que é a única maneira de te ires embora.

Sinto-me aliviado. Bem, apenas um pouco. Não quero saber dos seus motivos, só quero que venha.

O Zed volta-se para ela, quase suplicando. — Tessa, não tens de ir; posso chamar a polícia. Não tens de ir com ele. Ele faz-te sempre isto, a ti e a toda a gente, amedronta-te para te poder controlar.

— É verdade... — Ela suspira. — Mas estou exausta e são cinco da manhã; e temos mesmo uns assuntos a resolver, esta é a maneira mais fácil.

— Não tens de...

— Ela vem comigo — digo-lhe, e a Tessa, se pudesse, matava-me com o olhar.

— Zed, ligo-te amanhã. Desculpa por esta situação — diz-lhe ela suavemente, e, por fim, ele acena, assumindo a sua derrota. Merda, ele está a amuar e é bom que ela não caia na dele.

De facto, admira-me que ela concorde em vir comigo tão facilmente... mas ela conhece-me mesmo melhor do que ninguém e eu estava a falar a sério quando disse que não me ia embora se ela não viesse comigo.

— Não peças desculpa. Tem cuidado e, se precisares de alguma

coisa, não hesites nem por um instante em ligar-me — diz-lhe ele.

Deve ser horrível ser um pau-mandado e não poder fazer nada quando irrompo pelo seu apartamento a meio da noite e levo a Tessa comigo.

A Tessa sai do quarto em silêncio e vai à casa de banho.

— Não te voltes a aproximar dela. Já te avisei antes e acho que ainda não percebeste — digo, ao sair do quarto.

O Zed lança-me um olhar ameaçador e, se não fosse a Tessa a chamar-me da sala, tinha-lhe partido o pescoço.

— Se a fazes sofrer, juro que é a última vez que o fazes! — diz ele, suficientemente alto para ela ouvir, quando saímos para a rua coberta de neve.

95

HARDIN

De saltos altos e com a merda dos *boxers* dele. É uma combinação ridícula, mas presumo que ela não tenha outros sapatos, o que pode significar que não planeava passar lá a noite. Mas, ainda assim, passou e estou enojado por ela ter estado na cama dele. Não aguento vê-la neste traje. Esta é a primeira vez que não quero olhar para ela. Traz o vestido vermelho nos braços e sei que está enregelada.

Tentei dar-lhe o meu casaco, mas ela passou-se comigo e mandou-me calar e levá-la a casa do meu pai. Não me importa a raiva que ela sente por mim; aceito-a de braços abertos. Sinto-me tão reconfortado e tão feliz por ela ter acabado por vir comigo. Ela podia passar a viagem inteira a insultar-me que eu me deliciaria com cada palavra que saísse dos seus lábios carnudos.

Também estou zangado, furioso por ela ter ido a correr para o Zed. Furioso comigo por ter tentado afastá-la de mim. — Tenho tanto para te dizer — digo ao chegarmos à rua do meu pai.

Mas ela mantém a pose, com um olhar gelado. — Não quero saber. Tiveste a tua oportunidade de falar comigo nos últimos onze dias.

— Ouve só o que tenho para te dizer, está bem? — suplico.

— Porquê agora? — pergunta e olha pela janela.

— Porque... porque tenho saudades tuas — admito.

— Saudades? Estás é com ciúmes porque eu estava com o Zed. Não tiveste saudades até esta noite, quando ele me foi buscar. Ages por ciúme e não por amor.

— Não é verdade, não foi isso que me motivou. — Está bem, *tem* muito a ver com isto, mas, mesmo assim, tenho saudades dela.

— Estiveste a noite toda sem falar comigo e depois foste lá fora e explicaste-me que estiveste demasiado ocupado para me atender as chamadas. Não é um comportamento de uma pessoa que tem saudades de outra — sublinha ela.

— Estava a mentir. — Ergo as mãos.

— *Tu? A mentir?* Nem pensar. — Fecha os olhos e abana a cabeça lentamente.

Meu Deus, como ela hoje está agressiva. Respiro fundo para me assegurar de que não digo nada que piore a situação. — Para começar, não tenho telemóvel e fui para casa, para Inglaterra.

Ela vira-se rapidamente para mim. — Tu o quê?

— Voltei para Inglaterra para pensar mais calmamente no assunto. Não sabia o que fazer — explico.

A Tessa baixa o volume do rádio e cruza os braços em frente ao peito. — Não me respondeste às chamadas.

— Eu sei. Ignorei-as e estou tão arrependido. Queria ligar-te, mas não fui capaz, e depois embebedei-me e parti o telemóvel.

— E devo-me sentir melhor com isso?

— Não... só quero que sejas feliz, Tessa.

Ela não diz nada; olha pela janela outra vez e eu tento pegar-lhe na mão, mas ela afasta-a. — Não — diz.

— Tess...

— Não, Hardin! Não podes aparecer onze dias depois e simplesmente dar-me a mão. Estou farta de andarmos sempre na mesma coisa. Quando já consigo estar uma hora sem chorar, apareces tu e tentas arrastar-me outra vez para o fundo. Tens-me feito isto desde o dia em que te conheci e estou farta de ceder. Se quisesses saber de mim, tinhas-me explicado o que se estava a passar. — Percebo que está a tentar conter as lágrimas.

— Estou agora a fazê-lo — recordo-lhe e, quando entro no acesso à garagem da casa do meu pai, já estou muito aborrecido.

Ela tenta abrir a porta, mas eu tranco as fechaduras.

— Não deves estar a tentar fechar-me no carro contigo. Já basicamente me forçaste a sair da casa do Zed! Qual é o teu problema? — grita.

— Não estou a tentar trancar-te no carro. — Na verdade, estou. Mas ela é muito teimosa e não gosta de ouvir nada do que eu digo.

Ela carrega no botão para destravar e sai.

— Tessa! Que merda. Tessa, ouve-me só — grito para o vento.

— Continuas a dizer-me para te ouvir, mas ainda não disseste nada!

— Porque tu não paras de falar e não me dás oportunidade de o

fazer!

Acabamos sempre aos berros. Tenho de a deixar gritar comigo e aguentar, senão vou dizer algo de que me vou arrepender. Quero falar do Zed e do facto de ela estar vestida com a porra das roupas dele, mas tenho de me controlar.

— Desculpa, está bem, dá-me só dois minutos para falar sem me interromperes. Por favor?

Para minha admiração, ela concorda e cruza os braços à espera que eu fale.

Está a nevar intensamente e sei que ela está gelada, mas tenho de falar já com ela, antes que mude de ideias.

— Fui para Inglaterra depois de não teres voltado naquela noite. Estava tão passado contigo que nem conseguia pensar com lucidez. Estavas a ser difícil como o raio e eu só...

Ela vira-me as costas e começa a andar pelo caminho cheio de neve, em direção à casa. Raios partam a minha falta de jeito para pedir desculpa.

— Eu sei que a culpa não é tua. Menti-te e peço desculpa! — grito, esperando que ela se vire para mim.

E ela fá-lo. — Não foi só por teres mentido, Hardin. Há tanta coisa mais para além disso — diz a Tessa.

— Então diz-me, por favor.

— É por tu não me tratares como eu mereço ser tratada. Nunca estou em primeiro lugar. Gira tudo à tua volta. Os teus amigos, as tuas festas, o teu futuro. Não posso tomar decisões sobre nada e fizeste-me sentir uma parva quando disseste que essa minha ideia de casamento era uma loucura. Nem me ouviste... não é a questão do casamento, é o facto de nem sequer teres tomado em consideração o que eu quero para mim e para o meu futuro. E sim, um dia eu gostava de casar, não tão cedo, mas preciso de sentir alguma segurança. Por isso, para de agir como se esta relação fosse mais satisfatória para mim do que para ti. Não vamos esquecer que te embebedaste e passaste a noite fora toda com outra mulher. — Ela está sem fôlego quando acaba de falar e eu dou alguns passos na sua direção.

Ela tem razão e eu sei que tem. Só não sei o que fazer em relação a isso.

— Eu sei, pensei que, se fôssemos só os dois, tu... — gaguejo.

— Eu o *quê*, Hardin? — Está a bater os dentes com o frio e tem o nariz vermelho.

Mexo nas crostas secas dos meus nós dos dedos. Não sei como dizer o que sinto sem parecer o filho da mãe mais egoísta do mundo. — Era menos provável que tu me deixasses — admito... e aguardo a resposta horrorizada dela.

Não vem.

Em vez disso, ela começa a chorar. — Não sei que mais podia ter feito para te mostrar o quanto te amava, Hardin. Voltava sempre para ti de cada vez que me magoavas, fui viver contigo e perdoei todas as coisas impensáveis que me fizeste, desisti de ter uma relação com a minha mãe por tua causa e continuas tão inseguro. — Enxuga rapidamente as lágrimas.

— Não sou inseguro — digo-lhe.

— *Vês?* — grita. — É por isso que isto nunca daria resultado. Deixas sempre o teu *ego* atravessar-se no caminho.

— Não deixo nada o *ego* atravessar-se no caminho! — respondo. — Se mais nada, o meu *ego* está de rastos agora porque acabei de te encontrar na cama do Zed.

— Vais entrar por esse caminho?

— Podes crer que vou, estás a agir como uma... — Controlo-me quando ela estremece perante as palavras que sabe que vou dizer a seguir. Não a posso culpar por ele lhe ter dado a volta, ele é bom nessa estratégia, mas porra, magoa-me à mesma que ela tenha ficado com ele.

Ela abre os braços em desafio.

— Anda lá, Hardin, chama-me nomes.

Ela é a mulher mais exasperante que eu já conheci, mas porra, como eu a amo até quando é difícil. Fico calado, tentando controlar a fúria que sinto, e ela dá um estalido com a língua.

— Bem, isso é alguma melhoria, mas vou para dentro. Estou com frio e tenho de me levantar daqui a uma hora para me preparar para ir para a escola.

Caminha na direção da casa e eu acompanho-a, à espera que ela se lembre que deixou a carteira no carro do meu pai. Que está aqui, mas trancado.

Olha para a porta por uns instantes, e depois diz, acho que mais para si própria: — Vou ter de ligar ao Landon. Não tenho chaves.

— Podes vir para casa — sugiro.

— Sabes que não é boa ideia.

— E porque não? Precisamos de esclarecer isto tudo. — Puxo o cabelo. — Juntos — clarifico.

— Juntos? — repete a Tessa, meio a rir.

— Sim, juntos. Tive tantas saudades tuas. Estes dias sem ti foram um inferno... e espero que também tenhas tido saudades minhas.

— Devias ter tentado ligar-me. Já estou farta disto, está sempre a acontecer.

— Mas nós vamos ser capazes. És boa de mais para mim, e sei-o bem, porra. Mas por favor, Tessa, faço tudo o que for preciso. Não consigo viver mais um dia assim.

96

TESSA

As suas palavras trespassam-me o coração. Ele sabe bem como me atingir.

— É sempre a mesma coisa. Repetes sempre as mesmas coisas, uma e outra vez, mas fica sempre tudo na mesma — afirmo.

— Tens razão — admite, olhando-me fixamente nos olhos. — É verdade. Sim, admito que, nos primeiros dias, estava muito zangado e nem quis estar contigo porque estavas a reagir desproporcionadamente. Mas depois, quando me apercebi de que isto podia ser o fim, fiquei aterrorizado. Eu sei que não te tenho tratado decentemente, sou incapaz de amar alguém para além de mim, Tess. Estou a esforçar-me o mais que posso... *está bem*, não tanto quanto podia. Mas vou tentar esforçar-me mais daqui para a frente. Juro.

Fito-o. Quantas vezes já ouvi estas palavras!

— Sabes bem que já disseste isso muitas vezes.

— Eu sei, mas desta vez é a sério. Depois de ter encontrado a Natalie, eu...

A Natalie? Sinto um nó no estômago.

— *Encontraste-te* com ela?

Será que ela ainda o ama? Ou será que o odeia? Será que a vida dela ficou mesmo destruída para sempre?

— Sim, encontrei-a e falei com ela. Está grávida.

Oh, meu Deus.

— Não a via há *anos*, Tessa — diz ele, sarcasticamente, lendo-me os pensamentos. — Está noiva e feliz; disse-me que me perdoa e explicou-me que está radiante por se ir casar, porque não há maior honra, ou uma merda qualquer. Mas isso abriu-me mesmo os olhos. — Aproxima-se de mim.

Tenho as pernas e os braços dormentes do frio e estou furiosa com o Hardin, mais do que furiosa. Estou colérica e destroçada. Ele continua aos avanços e recuos e é esgotante. Agora está à minha frente a falar

em casamento e eu não sei o que pensar.

Nem devia ter vindo com ele. A minha decisão já estava tomada: ia esquecê-lo, por mais que isso me custasse.

— O que é que estás a dizer? — pergunto.

— Que agora percebo a sorte que tenho em ter-te, em ter-te ao meu lado, apesar da merda toda em que te envolvi.

— Bem, tens mesmo sorte. E devias ter-te apercebido disso mais cedo. Sempre te amei mais do que tu me amas a mim e...

— Isso *não é verdade*! Nunca ninguém amou alguém como eu te amo. Estes dias também foram um inferno para mim, Tessa. Tenho estado doente, literalmente, sem ti. Quase não comi e sei que estou com um aspeto de merda. Estava a fazer isto por ti, para que tu pudesses seguir com a tua vida — explica ele.

— Isso não faz sentido nenhum. — Afasto o cabelo húmido da cara.

— Faz, sim. Faz sentido. Achei que, se eu me afastasse, podias prosseguir com a tua vida e ser feliz sem mim, com o teu próprio Elijah.

— Quem é o Elijah? — *De que é que ele está a falar?*

— O quê? Ah, o noivo da Natalie. Olha, ela encontrou uma pessoa que a ama e que quer casar com ela; isso também te pode acontecer — diz-me.

— Mas esse alguém não és tu... pois não? — pergunto.

Ele não me responde. Está com uma expressão confusa e agitada e não para de puxar o cabelo. Uma tonalidade vermelho-alaranjada começa a raiar por detrás das grandes casas do quarteirão e eu tenho de entrar antes que toda a gente acorde e me veja a desfilar em frente deles de *boxers* e saltos altos.

— Bem me parecia. — Suspiro e não me permito verter mais lágrimas por sua causa, pelo menos até estar sozinha.

O Hardin permanece à minha frente com uma expressão completamente vazia enquanto eu procuro o número do Landon para lhe pedir para me abrir a porta. Já devia saber que o Hardin só ia lutar para me tirar do apartamento do Zed. Agora que tem a oportunidade ideal de me dizer tudo o que eu quero ouvir, está especado, em silêncio.

— Entra, está um frio de rachar — diz o Landon e fecha a porta atrás de mim.

Não quero atirar os meus problemas para cima do Landon agora. Ele chegou de Nova Iorque há poucas horas e eu não posso ser egoísta.

Agarra na manta que está pendurada nas costas de uma cadeira e coloca-a sobre os meus ombros. — Vamos lá para cima antes que eles acordem — sugere e eu aceno.

Tenho o corpo e a mente dormentes, por causa da neve e do Hardin. Ao seguir o Landon pelas escadas acima, olho de relance para o relógio; são seis menos dez. Dentro de dez minutos tenho de ir tomar duche. Vai ser um dia longo. O Landon abre a porta do quarto onde eu tenho dormido e acende a luz enquanto eu me vou sentar na borda da cama.

— Estás bem? Pareces enregelada — diz e eu aceno. Felizmente, ele não me faz perguntas em relação à roupa que trago vestida.

— E que tal a viagem a Nova Iorque? — pergunto, mas reparo no meu tom de voz monocórdico e desinteressado. *Estou* mesmo interessada na vida do meu melhor amigo, o problema é que já não me restam emoções para o poder demonstrar.

Olha para mim. — De certeza que queres falar disto agora? Podemos falar mais tarde, quando formos tomar café.

— De certeza — digo, com um sorriso forçado.

Já estou habituada a estas discussões com o Hardin; ainda sofro, mas eu sabia o que me esperava. É sempre o mesmo. É inacreditável que ele tenha ido para Inglaterra para se afastar de mim. Disse que precisava de pensar mais calmamente no assunto, mas eu é que o devia ter feito. Não devia ter ficado lá fora a falar tanto tempo com ele. Devia ter-lhe dito para me trazer e, mal chegássemos, devia ter entrado logo em casa em vez de ficar a dar-lhe ouvidos. O que ele me disse ainda me deixou mais confusa. Por uns instantes, pensei que ele ia afirmar que acredita e quer um futuro comigo, mas, no momento de o dizer, deixou-me partir outra vez.

Quando ele admitiu que me queria levar para Inglaterra para eu não o poder deixar, eu devia ter-me ido logo embora, mas conheço-o bem de mais. Para ele isto faz sentido porque ele não se acha digno de ser amado por alguém. Mas, na realidade, é uma proposta absurda — ele não pode contar que eu abandone tudo e me deixe encurralar por ele em Inglaterra. Não podemos ir para lá viver só porque ele tem medo de que, se não formos, eu o deixe.

Ele tem muitos problemas por resolver e eu também. Amo-o, mas tenho de me amar a mim em primeiro lugar.

— Foi muito bom, adorei. O apartamento da Dakota é mesmo fantástico e a companheira de quarto dela é muito simpática — começa o Landon. E só consigo pensar que deve ser tão bom ter uma relação descomplicada. Relembro os tempos em que eu e o Noah passávamos horas sem fim a ver filmes; nada era complicado. Mas talvez tenha sido por isso que não durou. Talvez seja por isso que amo tanto o Hardin: porque ele me desafia e porque a nossa paixão é tão forte que quase nos esmaga.

Quando ele me começa a contar alguns pormenores, apercebo-me do seu entusiasmo em relação a Nova Iorque.

— Então vais viver para lá? — pergunto.

— Sim, acho que vou. Nunca antes de o semestre acabar, mas quero mesmo estar perto dela. Tenho muitas saudades dela — diz-me.

— Eu sei que tens. Estou feliz por ti, estou mesmo.

— Que pena, tu e o Hardin...

— Não tenhas pena. Está tudo acabado. Estou farta. Se calhar podia ir para Nova Iorque contigo. — Sorrio e a sua cara ilumina-se com o sorriso caloroso que eu tanto adoro.

— Pois podias.

Eu digo sempre isto. Digo sempre que acabei com o Hardin e depois volto para ele; é um círculo vicioso. Então, neste momento, tomo uma decisão: — Vou falar com o Christian sobre Seattle.

— A sério?

— Tem de ser — digo-lhe e ele acena, concordando.

— Vou vestir-me enquanto tu tomas duche. Encontramo-nos lá em baixo, quando estiveres pronta.

— Tive tantas saudades tuas. — Ponho-me de pé e abraço-o com toda a força. As lágrimas rolam-me pela face e ele abraça-me ainda com mais força. — Desculpa, estou de rastos. Tenho estado desde que ele entrou na minha vida — lamento-me a chorar e afasto-me.

Ele franze as sobrancelhas mas não diz nada e sai do quarto. Agarro nas minhas roupas e sigo-o pelo corredor para ir à casa de banho.

— Tessa? — diz ele quando chega à porta do seu quarto.

— Sim?

O Landon olha para mim com grande compaixão.

— Só porque ele não te consegue amar da maneira que tu queres, isso não quer dizer que ele não te ame muito, da maneira que é capaz — diz.

O que é que isso quer dizer? Entro na casa de banho e abro o chuveiro a meditar nas suas palavras. O Hardin ama-me, eu sei que ama, mas continua a cometer erros atrás de erros. Eu continuo a cometer o erro de aceitar isso. Ama-me da maneira que é capaz? Isso chega? Quando estou a despir a *T-shirt* do Zed, alguém bate à porta.

— Espera um bocado, Landon, dá-me um segundo — aviso e puxo a *T-shirt* para baixo.

Mas quando abro a porta não é o Landon. É o Hardin, com o rosto em lágrimas e os olhos injetados de sangue.

— Hardin?

A mão dele segura-me pelo pescoço e puxa-me para si. A sua boca encosta-se à minha antes de eu conseguir resistir.

97

HARDIN

Sinto o sabor das minhas lágrimas e os seus lábios a hesitar quando encosto o corpo dela ao meu. Estreito-a a mim e beijo-a intensamente — é um beijo febril, repleto de emoção; uma sensação tão reconfortante que quase me faz perder os sentidos.

Sei que ela me vai repelir e por isso aproveito cada momento da sua língua, cada arfar quase inaudível que lhe sai dos lábios.

O sofrimento dos últimos onze dias quase se desvanece quando ela me abraça e, neste exato momento, acredito que, por mais que discutamos, encontraremos sempre um caminho de regresso. Sempre.

Depois de ela entrar em casa, permaneci uns momentos no carro até ganhar coragem para ir atrás dela. Deixei-a escapar demasiadas vezes e não posso correr o risco de este ser o último dia em que a vejo. Quebrei — chorei no momento em que ela entrou e o Landon fechou a porta. Percebi que tinha de ir atrás dela, tinha de lutar por ela antes que alguém ma roubasse.

Vou-lhe mostrar que posso ser quem ela quer que eu seja. Não em absoluto, mas posso demonstrar-lhe o quanto a amo e que não vou permitir que ela se volte a ir embora tão facilmente.

— Hardin... — diz e a sua mão empurra-me suavemente, interrompendo o nosso beijo.

— Não, Tessa — suplico-lhe. Não quero que acabe tão depressa.

— Hardin, não podes beijar-me e esperar que fique tudo bem. Desta vez, não — sussurra e eu deixo-me cair de joelhos.

— Não sei porque é que te deixei ir embora, mas estou arrependido. Perdoa-me, querida — digo-lhe, esperando que o reconhecimento da minha culpa me ajude. Abraço-lhe as pernas e ela acaricia-me a cabeça. — Eu sei que lixo sempre tudo e sei que não te posso tratar deste modo. Mas o amor que sinto por ti é tão grande que me submerge: fico muitas vezes sem saber o que fazer e falo por impulso, sem pensar que te vou magoar. Eu sei que te parto o coração, mas, por favor... por favor, deixa-

me consertá-lo. Prometo juntar os pedaços e nunca mais o voltar a destroçar. Desculpa, peço sempre desculpa, eu sei. Eu arranjo uma porcaria de um psiquiatra ou uma coisa do género. Não me importo, é só que... — Soluço junto às suas pernas.

Agarro os seus *boxers* pelo cós e puxo-os para baixo.

— O que é que... — Ela detém-me.

— Por favor, só te peço que os tires. Não aguento ver-te com eles, por favor... Eu não te toco, deixa-me só tirá-los — imploro e ela afasta as mãos, voltando a pousá-las na minha cabeça, enquanto eu puxo os *boxers* até baixo e ela os tira pelos pés.

Segura-me no queixo e levanta-me a cabeça. Os seus pequenos dedos acariciam-me a face e depois sobem para me enxugar as lágrimas. Está perplexa e observa-me cuidadosamente, como se me estivesse a estudar.

— Não te percebo — diz-me ela, continuando a passar o polegar pela minha face encharcada em lágrimas.

— Eu também não — concordo e ela franze as sobrancelhas.

Mantenho-me ajoelhado a seus pés, suplicando-lhe uma última oportunidade, embora saiba que já tive mais oportunidades do que as que mereço. A casa de banho enche-se de vapor e o cabelo dela pega-se à cara e a humidade condensa-se na sua pele.

Meu Deus, ela é linda.

— Não podemos continuar a acabar e a reatar a nossa relação, Hardin. Não é bom para nenhum de nós.

— Não vamos continuar assim; podemos resolver isto. Já passámos por situações piores e sei que te posso perder facilmente. Dei-te por garantida e sei disso. Só estou a pedir uma última oportunidade. — Seguro-lhe no rosto com as mãos.

— Não é assim tão simples — diz-me ela; o seu lábio inferior treme e eu ainda tento parar as lágrimas.

— Não é suposto ser simples.

— Também não é suposto ser assim tão difícil. — Ela começa a chorar comigo.

— É; é, sim. A nossa relação nunca vai ser simples. Somos assim. Mas também não vai ser sempre tão difícil. Só temos de aprender a dialogar sem acabarmos sempre a discutir. Se tivéssemos conversado

sobre o nosso futuro, não tínhamos chegado a esta enorme confusão.

— Eu tentei, mas tu não querias — recorda-me.

— Eu sei. — Suspiro. — E isso é algo que tenho de aprender. Sinto-me destroçado sem ti, Tessa. Não sou nada. Não consigo comer, dormir, nem sequer respirar. Tenho chorado dias a fio e tu sabes que eu não costumo chorar. Eu só... eu preciso de ti. — A minha voz está a vacilar e a quebrar e estou a fazer figura de idiota.

— Levanta-te. — Ajuda-me a erguer.

Ponho-me de pé e encaro-a. Estou com a respiração entrecortada, e o vapor de água que enche a casa de banho ainda dificulta mais.

Perscruta-me enquanto assimila a minha confissão. Se não fosse o facto de eu estar a chorar, ela não teria acreditado em mim. Percebo, pela sua expressão que eu bem conheço, que se está a debater interiormente.

— Não sei se consigo; estamos sempre nisto; é recorrente. Não sei se consigo predispor-me mais uma vez a isto. — Baixa o olhar. — Desculpa.

— Tessa, olha para mim — suplico e levanto-lhe a cabeça para que os nossos olhos se encontrem.

Mas ela desvia o olhar. — Não, Hardin. Tenho de tomar duche, vou chegar atrasada.

Enxugo-lhe a lágrima que rola pela sua face e aceno com a cabeça.

Sei que lhe infernizei a vida e ninguém no seu perfeito juízo me aceitaria de volta depois da aposta, das mentiras e da minha necessidade constante de lixar tudo. Contudo, ela é *única*; tem uma enorme capacidade de amar e investe tudo no seu amor por mim. Mesmo agora, quando me está a rejeitar, sei que ela me ama.

— Pensa só nisso, está bem? — peço-lhe.

Vou-lhe dar espaço para pensar no assunto, mas não vou desistir dela. Porra, como eu preciso dela!

— Por favor? — digo quando ela não responde.

— Está bem — sussurra finalmente.

— Vou mostrar-te... vou mostrar-te o quanto te amo e que isto pode dar certo. Peço apenas para não desistires de mim agora, está bem? — Levo a mão ao puxador da porta.

Ela morde o lábio inferior e eu largo o puxador e aproximo-me de

novo. Olha-me com prudência. Gostava de lhe beijar os lábios mais uma vez, de a abraçar, mas decido dar-lhe apenas um beijo na cara e afastar-me.

— Está bem — repete e eu saio.

Sair da casa de banho exige-me um enorme autocontrolo, sobretudo porque a vejo a despir a *T-shirt*, revelando a pele sedosa que eu já não via há tanto tempo que me parecem anos.

Fecho a porta e encosto-me à ombreira, cerrando os olhos para evitar voltar a chorar. *Porra*.

Pelo menos, ela disse que ia pensar no assunto. Mas parecia apreensiva, como se lhe fosse difícil aceitar voltar a andar comigo. Abro os olhos quando o Landon sai do seu quarto e passa por mim, no corredor, de polo branco e calças bege.

— Olá — diz-me, enquanto põe a mochila ao ombro.

— Olá.

— Ela está bem? — pergunta.

— Não, mas acho que vai ficar.

— Eu também. Ela é mais forte do que imagina.

— Eu sei que é. — Limpo os olhos à *T-shirt*. — Eu amo-a.

— Eu sei que sim — responde, para minha surpresa.

Encaro-o novamente. — Como é que lhe posso demonstrar isso? O que é que tu fazias? — pergunto-lhe.

Os seus olhos ficam tristes, mas recompõe-se e responde: — Só tens de lhe provar que, por ela, vais mudar; tens de a tratar como ela merece e de lhe dar o espaço de que ela precisa.

— Não é assim tão fácil dar-lhe espaço — digo-lhe. Nem acredito que estou outra vez a falar com o Landon sobre esta merda.

— Mas tens de dar, ou então vão passar o tempo a discutir. Porque é que não tentas demonstrar-lhe, sem a sufocar, que vais lutar por ela? É só isso que ela quer. Ela quer que tu te esforces.

— Demonstrar-lhe «sem a sufocar»? — Eu não a sufoco.

Está bem, talvez a sufoque, mas não consigo encontrar um meio-termo; ou a afasto ou a mantenho demasiado próxima. Não sei manter uma atitude de equilíbrio.

— Sim — diz ele, como se eu não estivesse a ser sarcástico.

Mas, como preciso da ajuda dele, controlo o mau humor. — Podes-

explicar-me o que é que queres dizer com isso? Com um exemplo...

— Bem, podias convidá-la para um programa a dois. Vocês alguma vez tiveram um programa a sério? — pergunta.

— Sim, claro que tivemos — respondo rapidamente.

Não tivemos?

O Landon arqueia as sobrancelhas. — Quando?

— Ah... bem, fomos... e houve aquela vez que... — Estou a ter uma branca. — OK, então, se calhar, não tivemos — concluo.

Com o Trevor ela teria tido programas a dois. E com o Zed, será que teve? Se teve, juro que...

— Pronto, então convida-a para saírem. Mas hoje não, porque ainda é muito cedo para os dois saírem.

— O que é que queres dizer com isso?

— Nada, só estou a dizer que precisam de algum espaço. Bem, *ela* precisa; caso contrário, ainda a vais afastar mais

— Quanto tempo é que devo esperar?

— Uns dias, pelo menos. Tenta agir como se estivessem no início do namoro ou como se estivesses a tentar que ela namore contigo. Basicamente, tenta fazer com que volte a apaixonar-se por ti.

— Estás a dizer que ela já não me ama? — comento asperamente.

O Landon revira os olhos. — Não. Credo, vê se paras com esse pessimismo.

— Não sou pessimista — respondo, defendendo-me. Nunca fui tão otimista como agora.

— Está bem...

— És um idiota — digo ao meu meio-irmão.

— Um idiota a quem continuas a pedir conselhos de amor — gaba-se ele com um sorriso irritante.

— Só porque és o meu único amigo que tem uma relação a sério e, por coincidência, conheces a Tessa melhor do que ninguém, exceto eu, claro.

Faz um sorriso aberto. — Chamaste-me teu amigo.

— O quê? Não, não chamei.

— Chamaste, sim — diz ele, claramente contente.

— Não queria dizer amigo-amigo, queria... não sei que raio queria dizer, mas «amigo» não era de certeza.

— Claro que não. — Ri e eu ouço a água a parar de correr do outro lado da porta.

Ele não é assim tão mau, acho eu, mas nunca lhe hei de confessar isso.

— Será que lhe devo pedir para a levar ao *campus* hoje? — Sigo-o pelas escadas.

Ele abana a cabeça. — Percebeste o que significa «não sufocante»?

— Gostava mais de ti de boca calada.

— Gostava mais de ti quando... bem, nunca gostei de ti — responde, mas vejo que está a brincar.

De facto, nunca pensei que ele gostasse de mim. Sempre achei que me odiava pelas coisas horríveis que fiz à Tessa. Mas aqui está ele, o meu único aliado neste caos que eu próprio criei.

Dou-lhe um pequeno safanão e ele ri-se, e estou também quase a rir-me quando vejo o meu pai ao fundo das escadas a olhar para nós como se fôssemos um número de circo.

— O que é que estás a fazer aqui? — pergunta e bebe um gole de café.

Encolho os ombros. — Trouxe-a a casa... bem, para aqui.

Isto é a casa dela agora? Espero que não.

— Ah? — diz o meu pai e olha para o Landon.

Talvez com demasiada veemência, acrescento: — Não há problema, pai. Posso trazê-la sempre que quiser. E que tal deixar essa atitude protetora e lembrar-se de qual de nós é o seu filho?

O Landon observa-me enquanto nós os três caminhamos até à cozinha. Sirvo-me de um café, consciente do olhar do Landon ainda pousado em mim.

O meu pai tira uma maçã do cesto da fruta e inicia um sermão paternal. — Hardin, nos últimos meses a Tessa tornou-se parte desta família e este é o único sítio que ela tem para onde ir quando tu... — Para de falar ao ver a Karen entrar na cozinha.

— Quando eu o quê? — pergunto.

— Quando fazes asneiras.

— Nem sabe o que aconteceu.

— Não tenho de saber a história toda; só sei que ela é a melhor coisa que já te aconteceu e vejo-te a cometer os mesmos erros que eu cometi

com a tua mãe.

Porra, ele está a falar a sério? — Eu não sou igual ao pai! Eu amo-a e faria tudo por ela! Ela é tudo para mim, o que não tem nada a ver com a relação que o pai teve com a minha mãe! — Pouso a caneca com força, entornando um pouco de café no balcão.

— Hardin... — A voz da Tessa está atrás de mim. *Raios*.

Inesperadamente, a Karen defende-me. — Ken, deixa o rapaz em paz. Ele está a esforçar-se o mais que pode.

O olhar do meu pai suaviza-se imediatamente quando fita a mulher. Depois olha de novo para mim. — Desculpa, Hardin, é que estou preocupado contigo. — Suspira e a Karen acaricia-lhe as costas.

— Não faz mal — digo e olho para a Tessa, de pé, vestida de calças de ganga e *sweatshirt* da WCU. Está com uma beleza inocente, com o cabelo molhado e solto e sem maquilhagem. Se a Tessa não tivesse aparecido na cozinha, ter-lhe-ia dito que ele é um parvalhão e que se devia meter na sua vida.

Agarro em papel de cozinha e limpo o café que caiu no dispendioso balcão de mármore.

— Estás pronta? — pergunta o Landon à Tessa e ela acena, ainda a olhar para mim.

Gostava mesmo de lhe dar boleia, mas devia ir para casa dormir ou tomar duche, deitar-me na cama e olhar para o teto, limpar... que diabo, qualquer coisa menos ficar aqui sentado a conversar com o meu pai.

O olhar dela afasta-se e vai-se embora. Quando ouço a porta da frente a fechar, respiro fundo.

Assim que me afasto do meu pai e da Karen, ouço-os falar de mim, obviamente.

98

TESSA

Eu sei o que devia ter feito: devia ter dito ao Hardin para se ir embora, mas não consegui. É tão raro ele mostrar os seus sentimentos, e quando se ajoelhou aos meus pés despedaçou-me ainda mais o coração já de si dilacerado. Eu disse-lhe que ia pensar na hipótese de tentarmos mais uma vez, mas não sei se vai resultar

Estou num enorme conflito interno, confusa e aborrecida comigo mesma por me ter entregado tão facilmente. Por outro lado, estou orgulhosa por ter posto um ponto final no assunto, antes de o deixar ir longe de mais. Por uma vez... preciso de pensar em mim e não apenas nele.

Já no carro do Landon, a caminho da faculdade, o telemóvel vibra ao meu colo e olho para o ecrã.

Uma mensagem do Zed. «Estás bem?»

Respiro fundo antes de responder. «Sim, estou bem. A ir para o *campus* com o Landon. Desculpa a noite de ontem, foi por minha culpa que ele lá foi.»

Enviada a mensagem, o Landon pergunta-me: — O que é que estás a pensar fazer?

— Não faço ideia. Vou falar com o Christian sobre Seattle — digo-lhe.

O Zed responde: «Não é nada. Não é culpa tua. Estou feliz por estares bem. O almoço de hoje continua de pé?»

Tinha-me esquecido de que combinámos encontrarmo-nos no edifício de estudos ambientais para irmos almoçar. Ele quer-me mostrar uma flor que brilha no escuro que ele ajudou a criar.

Quero manter este encontro, ele tem-me dado tanto apoio. Mas agora, depois de esta manhã beijar o Hardin, já não sei o que fazer. Na noite passada estava a dormir na cama do Zed e na manhã de hoje já estava a beijar o Hardin. *O que se está a passar comigo?* Eu não quero ser este género de rapariga; ainda sinto alguma culpa pelo que aconteceu com o Hardin quando ainda andava com o Noah. É verdade que o Hardin

avançou como uma bola demolidora. Não tive outra escolha senão deixar-me atrair por ele enquanto ele me destruía lentamente, para depois me reconstruir e destruir outra vez.

Mas o que aconteceu com o Zed foi completamente diferente. O Hardin não falava comigo há onze dias e eu não sabia a razão. Acabei por acreditar que ele já não queria nada comigo e o Zed estava presente e apoiou-me. Foi sempre simpático. Tentou acabar com a aposta do Hardin, mas este não deixou. O Hardin tinha necessidade de provar que me conseguia conquistar, não obstante os protestos do Zed para parar com esse jogo doentio.

Desde que os conheci que me apercebi de que existe uma tensão entre os dois. Não sei bem a razão. Parti do princípio de que era por causa da aposta — mas essa tensão já se sentia desde o primeiro momento que os conheci. O Hardin alega que o Zed só quer levar-me para a cama, mas é uma afirmação um pouco hipócrita. E o Zed nunca fez nada que me levasse a pensar isso. Beijei-o no seu apartamento antes de saber da aposta e ele não me incitou a fazer o que quer que fosse que eu não quisesse.

Detesto relembrar estes tempos. Eu era tão ingénua e eles os dois andaram a brincar comigo. Mas os olhos cor de caramelo do Zed só me revelam bondade, enquanto nos olhos verdes do Hardin apenas reconheço raiva.

«Sim. Por mim, ao meio-dia», respondo ao Zed.

99

TESSA

Não tenho a certeza de como me sinto hoje. Não estou contente nem triste. Estou extremamente confusa, já sinto falta do Hardin. Patético, eu sei. Não consigo evitar. Estive longe dele durante tanto tempo e quase o expulsei do meu ser, mas basta um beijo para ele se entranhar dentro de mim, apoderando-se de qualquer réstia de razão.

O Landon e eu estamos parados numa passadeira, à espera do verde para os peões, e eu estou feliz por ter vestido uma *sweatshirt*, porque não há meio de o tempo melhorar.

— Bem, parece que está na hora de fazer aquelas chamadas para a NYU — diz, enquanto tira uma lista de nomes.

— Ena! A NYU — exclamo. — Vai correr tudo bem lá. É fantástico.

— Muito obrigado. Estou um bocado nervoso, com medo de não ser aceite no segundo semestre, e não quero ficar parado à espera, sem fazer nada.

— Estás louco? Claro que te vão aceitar, em qualquer semestre! As tuas notas são ótimas. — Rio-me. — E tens um padrasto reitor.

— Devia-te ter pedido para lhes ligares por mim — graceja.

Combinamos encontrar-nos ao fim do dia no parque de estacionamento e separamo-nos.

Aproximo-me do enorme edifício de estudos ambientais e abro as pesadas portas duplas com um nó no estômago. O Zed está sentado num banco de cimento, em frente às árvores da entrada. Olhamos um para o outro e ele levanta-se para me cumprimentar com um enorme sorriso estampado no rosto. Está com umas calças de ganga e uma camisa branca de um tecido tão fino que se conseguem ver as tatuagens.

— Olá. — Sorri.

— Olá.

— Mandei vir uma piza que deve estar a chegar a qualquer minuto — diz-me e sentamo-nos no banco a falar do que fizemos hoje.

Quando a piza chega, o Zed leva-me para uma sala cheia de plantas que parece ser uma estufa. Está completamente repleta de filas e filas de flores que eu nunca vi. O Zed senta-se a uma mesa.

— Cheira tão bem — digo quando me sento à sua frente.

— O quê? As flores?

— Não, a piza. Bem, as flores também. — Rio.

Estou esfomeada; não cheguei a tomar o pequeno-almoço e estou acordada desde que o Hardin me foi buscar ao apartamento do Zed.

Ele tira uma fatia de piza e entrega-ma num guardanapo. Depois serve-se de uma e dobra-a, da forma como o meu pai costumava fazer. Dá uma enorme dentada e pergunta: — Como é que correu a noite... bem, a manhã...?

Começo a ter dificuldade em ouvi-lo, o aroma das flores relembra-me os tempos em que eu me refugiava na estufa da casa da minha infância para poder escapar aos gritos do meu pai bêbedo.

Desvio o olhar e engulo antes de responder. — De início foi um desastre, como sempre.

— De início? — Ele abana a cabeça e lambe os lábios.

— Sim, discutimos como sempre, mas depois as coisas melhoraram um pouco. — Não vou dizer ao Zed que o Hardin vacilou e se ajoelhou à minha frente; é um episódio demasiado íntimo, que apenas diz respeito a mim e ao Hardin.

— O que é que queres dizer?

— Ele pediu desculpa.

Ele faz-me um olhar que me desagrada. — E tu acreditaste?

— Não, disse-lhe que ainda não estava preparada para nada, que apenas ia pensar nisso. — Encolho os ombros.

— Mas não vais, pois não? — pergunta num tom de voz desapontado.

— Pois, eu não o vou aceitar sem mais, nem vou voltar a correr para o apartamento.

O Zed pousa a sua fatia de piza no guardanapo. — Nem devias perder um minuto do teu tempo com ele, Tessa. O que é que ele tem de fazer mais para tu te afastares? — Olha para mim como se eu lhe devesse uma resposta.

— Não é isso. Não o consigo afastar com essa facilidade. Disse-te que não vou namorar com ele nem nada disso, mas passámos por muito

juntos e a separação tem-lhe custado bastante.

O Zed revira os olhos. — Ah, beber e ficar pedrado com o Jace é a versão dele de passar mal? — diz-me e o meu estômago dá uma volta.

— Ele não saiu com o Jace. Esteve em Inglaterra. — *Ele esteve mesmo em Inglaterra, não esteve?*

— Ele esteve com o Jace na noite passada, mesmo antes de ter aparecido lá em casa.

— Foi? — O Jace era a última pessoa com quem eu achava que o Hardin se ia voltar a dar.

— É um bocado estranho que ele se encontre com alguém que teve um papel tão grande em tudo o que de mau aconteceu quando detesta que eu esteja ao pé de ti.

— Sim... Mas tu também participaste — lembro-lhe.

— Não no plano de te revelar tudo; eu não estive presente quando te envergonharam em frente a todos. O Jace e a Molly montaram tudo, e o Hardin sabe isso, por isso é que bateu no Jace. E tu sabes, eu sempre te quis contar; para mim, tu eras muito mais do que uma aposta. Mas para ele não. Ele demonstrou-o quando exibiu os lençóis.

Já estou enjoada e sem fome. — Não quero falar mais nisso.

O Zed acena com a cabeça, de modo compreensivo. — Tens razão. Desculpa ter falado no assunto. Só gostava que me desses metade das oportunidades que lhe dás. No lugar do Hardin, eu não me ia dar com o Jace, e ainda por cima o Jace tem sempre umas amigas disponíveis.

— Está bem — interrompo-o. Estou farta de ouvir falar no Jace e nas raparigas que passam pelo seu apartamento.

— Vamos mudar de assunto. Desculpa se te melindrei. A sério. É que eu não entendo. És tão boa para ele e dás-lhe tantas oportunidades. Mas não volto a falar nisto, a não ser que queiras. — Estende a mão e pousa-a sobre a minha.

— Tudo bem — digo-lhe. Mas não acredito que o Hardin tenha ido ter com o Jace depois de andar à pancada com ele. Era a última pessoa com quem eu achava que ele poderia ir ter.

O Zed levanta-se e encaminha-se para a porta. — Anda, quero-te mostrar uma coisa. — Levanto-me e sigo-o. — Espera aqui — diz-me quando chego ao meio da estufa.

As luzes desligam-se. Mas, em lugar de tudo ficar escuro, os meus

olhos são surpreendidos com luzes de néon verde, cor-de-rosa, laranja e vermelha. O brilho das flores varia, em cor e intensidade, de fila para fila.

— Uau... — digo baixinho.

— É giro, não é? — pergunta.

— Sim, muito. — Percorro o corredor entre as filas devagar, a apreciar a cena.

— Fazemos manipulações genéticas para brilharem assim. — De repente, ele está atrás de mim. — Vê isto. — Pega-me no braço e guia-me para tocar numa pétala de uma flor com um brilho cor-de-rosa. Esta flor não brilha tanto como as restantes... até que lhe toco e ela ganha vida. Retiro a mão, com a surpresa, e ouço-o rir atrás de mim.

— Como é que é possível? — pergunto-lhe, admirada.

Adoro flores, especialmente os lírios, e estas flores manipuladas artificialmente assemelham-se a eles — são as minhas favoritas.

— Com a ciência tudo é possível — diz-me com um sorriso no rosto iluminado pelas flores.

— És muito *nerd* — gozo e ele ri-se.

— Não estás em posição de me chamar *nerd* — troça em resposta e eu rio-me.

— É verdade. — E toco de novo na planta e vejo-a a brilhar mais uma vez. — Isto é incrível.

— Achei que ias gostar. Estamos a tentar fazer o mesmo com uma árvore; o problema é que as árvores demoram muito mais tempo a crescer do que as flores. Mas vivem muito mais; as flores são demasiado frágeis. Se não cuidares delas, elas murcham e morrem. — Fala num tom de voz suave; não posso deixar de me comparar a uma flor e fico com a sensação de que ele faz o mesmo.

— Se ao menos as árvores fossem tão bonitas como as flores — comento.

Ele põe-se à minha frente. — Poderiam ser, se alguém as fizesse assim. Da mesma forma como transformamos as flores normais nisto, também o podemos fazer a uma árvore. Com a atenção e o cuidado certos, poderiam brilhar como estas flores, mas sendo muito mais fortes. — Fico silenciosa e ele passa o seu polegar pela minha face. — Tu mereces esse tipo de atenção. Tu mereces estar com alguém que te faça brilhar e não que apague a tua luz.

E então o Zed inclina-se para me beijar.

Eu recuo um passo e embato numa das filas de flores; felizmente nenhuma delas cai e eu recomponho-me. — Desculpa. Não posso.

— Não podes *o quê*? — Levanta um pouco a voz. — Deixar-me ser aquele que te mostra o quanto tu podes ser feliz?

— Não... Eu não posso beijar-te, neste momento não. Não posso andar a saltitar entre vocês os dois. Ontem estive na tua cama, hoje de manhã beijei o Hardin e agora...

— Beijaste-o? — exclama boquiaberto, e eu fico contente por estar escuro à exceção do brilho das flores.

— Bem, ele beijou-me, mas eu correspondi antes de o afastar — explico-lhe. — Estou confusa e, até saber o que fazer, não posso andar a beijar toda a gente. Não está certo.

Ele não diz nada.

— Desculpa se te levei a pensar ou te fiz acreditar...

— Tudo bem — diz o Zed.

— Não, não está. Eu não te devia ter envolvido nisto até saber bem o que quero.

— A culpa não é tua. Eu é que continuo a aparecer. Eu não me importo de ser rejeitado, desde que te tenha perto de mim. Sei que podíamos ter uma relação muito boa e espero o tempo necessário até que tu o percebas — diz e afasta-se para acender a luz.

Como é que ele pode ser sempre tão compreensivo?

— Não te culpo se me odiares — digo-lhe quando ponho a mala ao ombro.

— Eu nunca te vou odiar — responde e eu sorrio.

— Obrigada por me teres mostrado isto. É incrível.

— Obrigado por teres vindo. Deixas-me levar-te à aula, pelo menos? — oferece com um sorriso.

Depois de mudar de roupa no balneário, vou buscar um tapete. Faltam cinco minutos para a aula de ioga começar. Uma morena alta está a ocupar o meu lugar à frente, o que me obriga a sentar atrás, perto da porta. Tinha decidido dizer ao Zed que nunca conseguirei sentir com ele o mesmo que sinto com o Hardin e que estava arrependida de o ter beijado e que apenas podíamos ser amigos, mas ele continuou a dizer

todas as coisas certas. Quando me disse que o Hardin esteve na casa do Jace na noite passada, apanhou-me completamente desprevenida.

Eu acho que sei sempre o que fazer, até o Zed começar a falar. A suavidade da sua voz e a simpatia do seu olhar emocionam-me e toldam-me os pensamentos.

Quando voltar para casa do Landon, tenho de ligar ao Hardin para lhe falar do almoço com o Zed e lhe perguntar porque é que ele foi ter com o Jace... Fico a pensar no que é que o Hardin poderá estar agora a fazer. Será que foi a todas as aulas de hoje?

A aula de ioga era mesmo aquilo que eu estava a precisar para pôr a cabeça no lugar. Quando a aula acaba, sinto-me muito melhor. Enrolo o tapete, saio da sala e, quando estou a chegar ao balneário, ouço de repente: — Tessa!

Viro-me e o Hardin corre para mim, a passar as mãos no cabelo. — Eu, hã... quero falar contigo sobre uma coisa...

Está estranho, como se estivesse... *nervoso*?

— Agora? Não me parece que seja o sítio ideal... — Não quero resolver os nossos problemas no meio do pavilhão desportivo.

— Não... Não é isso. — A sua voz está estridente. Está nervoso, isto não pode ser bom. Ele nunca está nervoso.

— Estive a pensar... Não sei... Esquece. — Ele cora e dá meia-volta. Suspiro e preparo-me para entrar no balneário.

— Queres *ir sair comigo*? — grita... está praticamente aos berros.

Viro-me sem conseguir disfarçar a minha surpresa. — O quê?

— Tipo um programa a dois... tu sabes, tipo, podia levar-te a sair? Só se quiseres, claro, mas pode ser divertido, talvez? Não tenho a certeza, a sério, mas eu queria... — A voz esmorece e eu decido poupá-lo àquela vergonha enquanto ele cora.

— Claro — respondo e ele olha para mim.

— A sério? — Os seus lábios esboçam um sorriso. Um sorriso nervoso.

— Sim. — Não sei como é que vai correr, mas ele nunca me convidou para um programa a dois, o mais perto disso foi levar-me ao riacho e a jantar fora. Mas isso foi tudo uma mentira, não foi um programa a sério. Foi a maneira de o Hardin conseguir saltar-me para cima.

— Está bem... Quando é que queres? Quero dizer, podíamos ir

agora? Ou amanhã ou na próxima semana?

Não me lembro de alguma vez o ter visto tão nervoso; é adorável e tento não me rir. — Amanhã? — sugiro.

— Sim, amanhã está bem. — Sorri e prende o lábio superior entre os dentes.

O ambiente entre nós fica constrangedor, mas no bom sentido.

— Está bem...

Começo a ficar nervosa, como costumava ficar nos primeiros tempos em que me dava com ele.

— Está bem — repete ele.

Dá meia-volta e afasta-se rapidamente, quase a tropeçar num tapete de *wrestling*. Entro no balneário a rir à gargalhada.

100

HARDIN

O Landon parece surpreendido e depois irritado. — O que é que estás aqui a fazer? — exclama quando eu irrompo pelo escritório do meu pai.

— Vim falar contigo.

— Sobre o quê? — pergunta e eu sento-me num grande cadeirão de pele atrás da horrorosa e caríssima mesa de mogno.

— A Tessa. Que outra coisa podia ser? — Reviro os olhos.

— Ela disse-me que tu já a convidaste para sair. Deste-lhe mesmo algum espaço...

— O que é que ela disse? — pergunto-lhe.

— Não te vou dizer o que ela me disse. — Coloca uma folha de papel no faxe.

— O que é que estás a fazer?

— A enviar por faxe os meus dados para a NYU. Vou para lá no próximo semestre.

No próximo semestre? *Que raio!* — Porquê tão depressa?

— Porque não quero perder mais tempo aqui quando podia estar com a Dakota.

— A Tessa sabe? — Sei que ela vai sofrer com isto. Ele é o único verdadeiro amigo dela. Acho que me desagrada que ele vá... de certa forma.

— Sim, claro que sabe, ela foi a primeira pessoa a quem contei.

— De qualquer maneira, preciso de alguma ajuda com as merdas do programa com a Tessa.

— Merdas do programa? — Sorri. — Que simpático!

— Vais ajudar-me ou não?

— Acho que sim. — Encolhe os ombros.

— Onde é que ela está, já agora? — pergunto-lhe. Passei pelo quarto onde ela tem dormido, mas a porta estava fechada e não quis bater. Bem, eu *quis* bater, mas estou a dar tudo por tudo para lhe dar espaço. Se o carro não estivesse à entrada da garagem, eu passava-me, mas

assim sei que ela está cá. Bem, espero que sim.

— Não sei, acho que ela foi ter com aquele gajo, o Zed — diz o Landon e o meu coração para. Levanto-me imediatamente. — Estava a brincar! Estava a brincar. Está na estufa com a minha mãe — diz o Landon, olhando para mim com um falso ar de desprezo.

Mas não me importo, fico aliviado e mais sossegado, porque os pensamentos paranoicos estavam a torturar-me. — Não teve graça nenhuma, és mesmo idiota — resmungo e ele ri-se. — Agora tens mesmo de me ajudar — digo-lhe.

O Landon dá-me alguns conselhos e, quando acha que já são suficientes, acompanha-me até à porta da rua. No caminho, pergunto-lhe: — Ela tem ido sozinha para a Vance?

— Sim, faltou uns dias quando esteve... bem, tu já sabes.

— Hum... — Baixo a voz quando passamos pelo quarto que a Tessa está a ocupar temporariamente. Não quero pensar no quanto a magoei, neste momento não. — Achas que ela está no quarto? — pergunto baixinho.

Encolhe os ombros. — Não sei, deve estar.

— Eu devia... — Rodo a maçaneta e a porta abre com um pequeno estalido. O Landon faz-me um olhar carrancudo, mas eu ignoro e espreito lá para dentro.

Ela está deitada na cama, com os seus papéis e livros espalhados à sua volta. Ainda está de calças e *sweatshirt*; devia estar mesmo cansada para adormecer enquanto estava a estudar.

— E que tal parares de ser um anormal? — sussurra-me o Landon ao ouvido.

Desligo a luz e fecho a porta. — Eu não estou a ser um anormal. Eu amo-a, está bem?

— Eu sei, mas acho que não percebeste o significado de lhe dar espaço.

— Não sou capaz. Estou tão habituado à sua companhia e estas últimas duas semanas sem ela foram um inferno. É-me difícil ficar longe dela.

Descemos as escadas em silêncio e eu espero não parecer muito desesperado. Mas trata-se do Landon e eu estou-me borrifando para o

que possa parecer.

Detesto ir para o apartamento agora que a Tessa não está lá. Ainda me passou pela cabeça ligar ao Logan e ir até à república, mas no fundo sei que isso é má ideia. Não quero provocar mais problemas e eles aparecem sempre. Mas simplesmente não quero voltar para aquele apartamento vazio.

Mesmo assim vou. Estou tão cansado. Parece que não durmo há séculos.

Deito-me na nossa cama a imaginar os braços dela em volta da minha cintura e a sua cabeça pousada no meu peito. Custa-me imaginar passar o resto da vida desta forma. Se não voltar a abraçá-la, se não voltar a sentir o calor do seu corpo junto ao meu... Tenho de fazer qualquer coisa. Tenho de fazer qualquer coisa diferente, algo que demonstre a mim e a ela que eu sou capaz.

Eu consigo mudar. Tenho de mudar e vou mudar.

101

TESSA

Já são seis da tarde e o Sol já se pôs há algum tempo quando vou tomar duche e secar o cabelo. Bato à porta do quarto do Landon, mas ninguém responde. Não vejo o carro dele, mas como ultimamente o tem estacionado dentro da garagem, pode ser que esteja em casa.

Não sei o que vestir porque não sei onde vamos. Espreito pela janela a todo o momento, ansiosa pela chegada do Hardin. Por fim, vislumbro a luz de uns faróis e o meu coração fica aos saltos.

Fico mais tranquila quando vejo o Hardin sair do carro vestido com a camisa preta que levou ao jantar do Christian. Será que ele também vem com umas calças mais formais? Oh, meu Deus, vem mesmo. E sapatos pretos brilhantes. Uau. O Hardin assim vestido? Estarei pouco produzida? O olhar que me lança afasta toda a minha insegurança.

Ele está mesmo a dar tudo por tudo. Está elegantíssimo e até arranjou o cabelo. Penteou-o para trás e provavelmente pôs gel, porque, ao contrário do habitual, não lhe cai para a testa.

Ele cora. — Hum... Olá?

— Olá. — Não consigo afastar o olhar dele. *Espera*... — Onde estão os teus *piercings*? — Os *piercings* da sobrancelha e do lábio desapareceram.

— Tirei-os. — Encolhe os ombros.

— Porquê?

— Não sei... Não estou muito melhor? — Olha-me nos olhos.

— Não! Adorava o teu anterior visual... agora também, mas devias voltar a pô-los.

— Não quero voltar a pô-los. — Abre-me a porta do carro.

— Hardin... Espero que não os tenhas tirado por mim, porque não era preciso. Eu amo-te de qualquer das maneiras. Por favor, volta a pô-los.

Os olhos dele brilham ao ouvir as minhas palavras e eu desvio o olhar antes de entrar no carro. Não importa o quanto eu esteja chateada, não quero que ele se sinta obrigado a mudar de aparência. De início, os

piercings desagradaram-me, mas acabei por gostar deles. São parte do Hardin.

— A questão não é essa. De qualquer maneira, já andava a pensar tirá-los por uns tempos. Uso-os há séculos e já me irritam um bocado. Além disso, quem é que me aceita num emprego a sério com essa merda na cara? — Põe o cinto de segurança e olha para mim.

— Claro que te contratavam; estamos no século XXI. Se gostas deles...

— Não são assim tão importantes. Eu até gosto de me ver sem eles, como se já não precisasse de me esconder... — Contemplo-o para me adaptar ao seu novo visual.

Está com um ar sofisticado. Está sempre. Mas até é bom não haver nada que nos distraia da sua beleza.

— Olha, acho que ficas bem de qualquer das maneiras, Hardin; não penses que eu quero que tenhas um determinado aspeto, porque não quero — digo-lhe.

Olha para mim com um sorriso tão tímido que esqueço todas as queixas que me preparava para lhe fazer.

— Onde é que me vais levar? — pergunto-lhe.

— A jantar, a um sítio agradável. — Está com uma voz trémula. O Hardin nervoso é o meu novo Hardin favorito.

— Eu conheço?

— Não sei... talvez?

Passamos o resto do caminho em silêncio. Cantarolo as músicas dos Fray, que o Hardin passou obviamente a adorar, e o Hardin conduz com o olhar fixo na estrada e a esfregar a perna a toda a hora. Um tique nervoso, claro.

O restaurante tem um ar sofisticado e deve ser muito caro. De certeza que qualquer dos carros parados à porta custa mais do que a casa da minha mãe.

— Queria abrir-te a porta do carro — diz-me quando eu a abro para sair.

— Posso voltar a fechá-la para tu voltares a abrir — ofereço.

— Assim não vale, Theresa. — Sorri com satisfação e eu sinto borboletas no estômago ao ouvi-lo tratar-me pelo meu nome verdadeiro.

Dantes ficava furiosa, mas intimamente adorava que ele me tratasse

por «Theresa» só para me irritar. Gosto que me chame assim, tanto como quando me trata por «Tess».

— Estou a ver que voltámos à «Theresa»? — Sorrio.

— Sim, voltámos — diz e dá-me o braço. Fica mais confiante a cada passo que nos aproximamos do restaurante.

102

HARDIN

— Conheces outro restaurante que aches que vás gostar? — pergunto quando voltamos para o carro. Reservei previamente uma mesa, mas o empregado do restaurante de luxo afirmou que o meu nome não estava na lista. Mantive a calma, com cuidado para não estragar a noite. Ele era um idiota. Aperto o volante.

Calma, preciso de me manter tranquilo. Olho para a Tessa e sorrio.

Ela morde o lábio e desvia o olhar.

Foi assustador? Foi mesmo assustador.

— Bem, isto foi constrangedor. — A minha voz está pouco firme e estranhamente aguda. — Há alguma coisa em particular que te apeteça, já que pelos vistos temos de mudar para o plano B? — pergunto-lhe, tentando lembrar-me de outro sítio bom para a levar. Um em que nos deixem mesmo entrar.

— Não, nem por isso. Qualquer sítio onde se coma. — Sorri.

Fico satisfeito com a sua fantástica reação. Foi muito humilhante não ser aceite no restaurante. — Está bem... McDonald's, então? — Brinco, só para a fazer rir.

— Se calhar vamo-nos sentir um bocado deslocados no McDonald's.

— Sim, um bocado — concordo.

Não tenho a mínima ideia para onde a levar, devia ter pensado antecipadamente num plano de recurso. Esta noite já está a entrar numa espiral descendente e ainda agora começou.

Paramos num semáforo e eu olho em volta. O parque de estacionamento ao nosso lado está cheio de gente. — O que é que se passa aqui? — pergunta a Tessa, tentando espreitar.

— Não sei, acho que há um rinque de patinagem no gelo ou uma merda do género...

— Patinagem no gelo? — Levanta a voz como costuma fazer quando se entusiasma.

Oh, não...

— Podemos ir? — pergunta.

Porra. — Patinar no gelo? — pergunto inocentemente como se não estivesse a perceber a pergunta.

Por favor, diz que não. Por favor, diz que não.

— Sim! — exclama.

— Eu... Eu não... — Nunca patinei no gelo, nem nunca o quis fazer, mas se é isso que ela quer, então não custa nada tentar... Talvez custe, mas mesmo assim vou tentar. — Claro que sim...

Vejo que fica surpreendida, nunca esperou que eu concordasse. Caramba, nem eu.

— Espera... O que é que vamos vestir? Só tenho este vestido e umas alpargatas. Devia ter vindo com umas calças de ganga velhas, ia ser tão divertido — diz, quase fazendo beicinho.

— Podemos ir a correr a uma loja para tu comprares roupa? Tenho alguma no porta-bagagens que posso usar — digo-lhe. Não acredito que me vou dar a este trabalho todo para ir patinar no gelo.

— Boa ideia. — Sorri. — O porta-bagagens cheio de roupas vem mesmo a calhar! Na verdade... Porque é que guardas roupas no porta-bagagens? Nunca me explicaste.

— É apenas um hábito. Quando passava a noite com raparigas... quero dizer, quando passava a noite toda fora de casa, de manhã precisava de mudar de roupa e nunca tinha nada; então comecei a guardar roupa no porta-bagagens. É muito conveniente — explico.

Aperta ligeiramente os lábios e eu sei que não devia ter falado noutras raparigas, mesmo que isto se passasse antes da nossa relação. Se ao menos ela soubesse como era antes, como eu as comia sem emoção. Não há comparação possível. Não lhes toquei da maneira como lhe toco, não admirei todos os recantos dos seus corpos, não me deliciava com a sua respiração ofegante nem tentava respirar em consonância, não queria desesperadamente que me dissessem que me amavam enquanto entrava e saía delas.

Nunca deixei que me tocassem enquanto dormíamos; se ficava a dormir com elas era porque estava demasiado bêbedo para me ir embora. Com a Tessa é tudo diferente e se ela o soubesse talvez deixasse de se incomodar com a referência às outras. No lugar dela, eu... Mas atormenta-me imaginar a Tessa na cama com outro e fico com

náuseas.

— Hardin? — diz com suavidade, trazendo-me de volta à realidade.

— Sim?

— Ouviste o que eu disse?

— Não... desculpa. O que é que disseste?

— Já passaste pela Target.

— Ah, merda, desculpa. Vou voltar para trás. — Faço inversão de marcha no primeiro parque de estacionamento por que passo. A Tessa tem uma obsessão incompreensível pela Target. É tipo a M&S lá em Londres, só que mais cara, e os funcionários são irritantes, vestidos com os seus estúpidos polos vermelhos e calças bege. Mas ela farta-se de repetir: «A Target tem muita qualidade e muita escolha.» Não o posso negar, mas este conceito dos «grandes armazéns» ainda é uma das coisas na América que me fazem sentir estrangeiro.

— Vou num instante comprar qualquer coisa — diz a Tessa quando estaciono o carro.

— Tens a certeza? Posso ir contigo. — Quero ir com ela, mas não posso impor a minha presença, esta noite não.

— Se quiseres...

— Quero — respondo antes de ela acabar de falar.

Ao fim de dez minutos, ela tem um cesto de compras cheio de porcarias. Acabou por escolher uma *sweatshirt* gigante e uma espécie de calças de licra — ela jura que não são de licra, que são *leggings*, mas porra, a mim parecem-me de licra. Tento deixar de a imaginar com elas vestidas, enquanto ela escolhe umas luvas, um cachecol e um gorro. Deve achar que vivemos na Antártida; mas, para dizer a verdade, *está* muito frio lá fora.

— Acho que também devias comprar umas luvas. O gelo é muito frio e quando caíres as tuas mãos vão congelar — diz.

— Não vou cair... mas está bem, vou comprar umas luvas, se insistes. — Sorrio e ela sorri também, atirando um par de luvas pretas para dentro do cesto.

— Queres um gorro? — pergunta.

— Não, tenho um no porta-bagagens.

— É verdade. — Tira o cachecol do cesto e pendura-o.

— Não levas o cachecol? — pergunto-lhe.

— Acho que não é preciso, isto chega. — Aponta para o cesto.

— Sim, também diria — provoco-a, mas ela ignora-me e vai à secção das meias. Vamos passar a noite toda nesta maldita loja.

Por fim, a Tessa declara: — Está tudo, acho.

Na caixa registadora, voltamos à antiga discussão sobre quem vai pagar a conta. Mas fui eu que a convidei para este programa, por isso nem pensar em deixá-la pagar. Perante este argumento, ela apenas revira os olhos algumas vezes, tira a carteira e paga ao empregado.

Estará com pouco dinheiro? Se estivesse, será que me dizia? Será que lhe devo perguntar? Porra, não paro de cismar nisto.

Chegamos ao parque e a Tessa está ansiosa para sair do carro, mas, primeiro, precisamos de mudar de roupa. Ela olha fixamente pela janela, enquanto eu me mudo. Em seguida, sugiro: — Talvez haja uma casa de banho para te mudares.

Mas ela encolhe os ombros. — Estava a pensar mudar-me aqui para não ter de levar o vestido.

— Não, há muitas pessoas por aqui. Ainda te veem nua. — Olho em redor e não vejo muita gente, mas mesmo assim...

— Hardin... *não há problema* — diz com um ar um pouco aborrecido.

Devia ter trazido a bola antistresse que ontem à noite vi em cima da secretária do meu pai. — Se insistes. — Sopro e ela tira as etiquetas das roupas.

— Podes ajudar-me a desapertar isto antes de saíres? — pergunta-me.

— Hum... sim — Aproximo-me dela e ela levanta o cabelo para eu conseguir chegar ao fecho. Já desapertei este vestido inúmeras vezes, mas esta é a primeira vez que não vou poder tocar-lhe quando ela o despir.

— Obrigada. Agora espera lá fora — ordena.

— O quê? Até parece que nunca te vi... — começo a dizer.

— Hardin...

— Tudo bem. Despacha-te. — Saio do carro e fecho a porta. Percebo que fui malcriado. Abro imediatamente a porta e inclino-me. — Se faz favor — acrescento e fecho-a novamente.

Ouço o seu riso dentro do carro.

Uns minutos depois, ela sai do carro e penteia o seu longo cabelo com as mãos antes de enfiar o gorro roxo na cabeça. Vem para o meu lado; está... linda. Ela está sempre linda e sensual, mas com esta enorme *sweatshirt*, o gorro e as luvas ainda está com um ar mais inocente do que costuma estar.

— Olha, esqueceste-te das tuas luvas — diz-me, entregando-mas.

— Bem visto. Sem elas não seria ninguém — troço e ela dá-me uma cotovelada. É tão querida.

Há tantas coisas que eu lhe quero dizer, mas não posso correr o risco de dizer o que não devo e estragar a noite.

— Olha, se querias usar uma *sweatshirt* assim tão larga, podias ter usado uma das minhas e não tinhas gasto vinte dólares — digo e ela dá-me a mão, mas larga-a logo a seguir.

— Desculpa — murmura e cora.

Quero voltar a dar-lhe a mão, mas sou interrompido por uma senhora baixinha que nos cumprimenta. — Qual é o tamanho dos patins? — pergunta a senhora com uma voz grave.

Olho para a Tessa e ela responde pelos dois. A mulher volta com dois pares de patins para o gelo e eu estremeço. Isto não vai acabar bem.

Acompanho a Tessa até a um banco próximo e tiro os sapatos. Ela já está calçada antes de eu calçar o primeiro. Espero que se canse depressa e se queira ir embora.

— Estás bem? — goza comigo quando eu acabo de calçar o segundo patim.

— Sim. Onde é que guardo os sapatos? — pergunto-lhe.

— Eu levo-os. — A senhora baixinha aparece do nada. Entregamos-lhe os nossos sapatos.

— Preparado? — pergunta a Tessa e eu levanto-me.

Agarro-me imediatamente à grade. *Como é que vou fazer isto, porra?*

A Tessa tenta disfarçar um sorriso. — Vai ser mais fácil quando entrares na pista de gelo.

Espero bem que sim.

Mas não se tornou mais fácil e, para grande divertimento da Tessa, caio três vezes em apenas cinco minutos. E tenho de admitir que, se não tivesse luvas, as minhas mãos estariam agora geladas.

Ela ri e dá-me a mão para me ajudar a levantar. — Lembras-te

quando há trinta minutos disseste que não ias cair?

— Quem és tu, uma profissional de patinagem no gelo? — pergunto-lhe enquanto me levanto. Neste momento, tudo o que mais detesto é patinar, mas ela está muito divertida.

— Não, já não patino há uns tempos, mas ia patinar muitas vezes com o meu amigo Josie.

— O Josie? Nunca me falaste em nenhum amigo de infância.

— Não tenho muitos. Cresci praticamente ao lado do Noah. O Josie foi-se embora antes de passar para o décimo segundo ano.

— Ah. — Não sei porque é que ela não tem muitos amigos. E então se ela é um bocado obsessivo-compulsiva, pudica e ofuscada por romances? Ela é fixe, por vezes demasiado fixe, para toda a gente. Exceto para mim, claro, comigo ela é muito dura, mas, na maioria das vezes, gosto muito dessa sua faceta.

Ao fim de trinta minutos, ainda não demos uma volta ao rinque, graças à minha perícia a movimentar os pés.

— Estou com fome — declara por fim e olha para um quiosque de refeições com iluminações brilhantes.

Sorrio. — Mas falta o número em que tu cais e me arrastas contigo e depois ficas numa pose perfeita em cima de mim, olhos nos olhos, como nos filmes.

— Isto não é como nos filmes — relembra-me ela e avança para a saída.

Gostava que ela me tivesse dado a mão a patinar; isto é, se eu conseguisse aguentar-me em pé. Todos os casais felizes à nossa volta parecem divertir-se à nossa custa, enquanto rodopiam à minha frente, de mãos dadas.

Mal saio do rinque, tiro os horrorosos patins e vou ter com a senhora para buscar os sapatos.

— Na verdade, tens futuro no desporto — provoca-me a Tess pela milésima vez, quando me junto a ela no quiosque, onde ela come uma trança e sacode o açúcar em pó que caiu na *sweatshirt* roxa.

— Ah, ah. — Reviro os olhos. Ainda tenho os tornozelos doridos. — Podia ter-te levado a jantar a outro lado. Uma trança não é exatamente um bom jantar... — digo e baixo o olhar.

— É ótima. Já não comia uma há muito tempo. — Come a dela e

metade da minha.

Apanho-a a olhar de novo para mim, observando-me com uma expressão pensativa. — Porque é que continuas a olhar para mim? — pergunto por fim e ela desvia o olhar.

— Desculpa... Não estou habituada a ver-te sem *piercings* — admite, fitando-me.

— Nada mudou. — Sem pensar, toco na boca.

— Eu sei... Mas é estranho. Já estava habituada aos *piercings*.

Será que os devia voltar a pôr? Não foi só por ela que os tirei, disse-lhe a verdade. Sinto que me escondia atrás deles, usando-os para afastar as pessoas. Os *piercings* intimidam as pessoas e fazem com que elas desconfiem de nós ou mesmo que não se aproximem, e acho que estou a ultrapassar essa fase. Não quero afastar as pessoas, especialmente a Tessa. Quero tê-la junto de mim.

Uso-os desde a adolescência, desde o dia em que forjei a assinatura da minha mãe e me embebedei para ganhar coragem para entrar na loja e os fazer. O idiota que me pôs os *piercings* cheirava a álcool. Não me arrependo de os ter usado, mas cansei-me deles.

Não sinto o mesmo em relação às tatuagens. Adoro-as e sempre as adorarei. Vou continuar a fazer tatuagens, expressando os pensamentos que não consigo verbalizar. Bem, não é esse o caso, visto que elas são umas coisas aleatórias sem qualquer significado profundo, mas são bonitas, que é o que interessa.

— Não quero que mudes — diz-me e eu encaro-a. — Não fisicamente. Só quero que me demonstres que consegues tratar-me melhor e que não me vais tentar controlar. Não quero que mudes a tua personalidade, mas apenas que lutes por mim sem te transformares na pessoa que achas que eu quero que sejas.

As suas palavras tocam-me intensamente no coração, ameaçando abri-lo. — Não estou a fazer isso — respondo.

Estou a tentar mudar por ela, mas não dessa maneira. Esta alteração fi-la por mim, e por ela.

— Tirá-los foi apenas um passo. Estou a tentar ser uma pessoa melhor e os *piercings* relembram-me os momentos maus. Uma fase que eu quero ultrapassar — digo-lhe.

— Ah — quase sussurra.

— Gostavas deles? — Sorrio.

— Sim, e muito — admite.

— Queres que os volte a usar? — proponho, mas ela abana a cabeça.

Estou muito menos nervoso do que estava há duas horas. Esta é a Tessa, a minha Tessa, e eu não tenho de me sentir nervoso.

— Só se quiseres.

— Posso pô-los quando nós... — Paro de falar.

— Quando nós o quê? — Inclina a cabeça.

— Não queres que eu termine o que ia dizer.

— Quero, sim! O que é que ias dizer?

— Tudo bem, tu é que sabes. Eu ia dizer que podia usá-los quando voltasse a ir para a cama contigo, já que eles te excitavam.

Fico com vontade de rir ao ver a sua expressão de horror e ela olha em volta para se certificar de que ninguém me ouviu. — Hardin! — resmunga, rindo e corando.

— Eu avisei-te... Além disso, como não fiz comentários obscenos durante toda a noite, acho que tenho direito a um.

— É verdade — concorda com um sorriso e bebe a sua limonada.

Apetece-me perguntar-lhe se, uma vez que não me repreendeu pelo que eu disse, isso significa que ela põe a hipótese de voltar a ir para a cama comigo; mas tenho a sensação de que este não é o momento ideal. Não é só porque quero senti-la outra vez, é porque tenho tantas saudades dela. Isto está a correr muito bem, ao contrário do habitual. Sei que grande parte deste sucesso resulta do facto de eu não me estar a comportar como um idiota. E, na verdade, não é assim tão difícil. Basta-me refletir antes de dizer merda.

— Amanhã fazes anos. O que é que decidiste fazer? — pergunta-me depois de um momento de silêncio.

Merda.

— Bem, hum... O Logan e o Nate estão a preparar uma espécie de festa. Não me apetecia, mas a Steph disse que eles se excederam e gastaram bastante dinheiro, por isso achei que pelo menos devia aparecer; a menos que queiras fazer qualquer coisa? — digo-lhe.

— Não, é na boa. Tenho a certeza de que a festa vai ser muito divertida.

— Queres ir? — E, como já sei a resposta, acrescento: — Ninguém

sabe o que se está a passar connosco; exceto o Zed, claro.

Preciso de não cismar no facto de o Zed saber a minha vida toda.

— Não, mas obrigada. — Sorri, mas os olhos desmentem o sorriso.

— Não sou obrigado a ir.

Se ela quiser passar o meu aniversário comigo, então o Logan e o Nate que se lixem.

— Não, a sério, tudo bem. E eu tenho coisas para fazer — diz e desvia o olhar.

103

TESSA

— Tens planos para o resto da noite? — pergunta o Hardin quando chega a casa do pai.

— Não, só tenho de estudar e dormir. Que noite fantástica. — Sorrio-lhe.

— Preciso de dormir. — Ele franze a testa, passando o indicador pelo volante.

— Tens dormido pouco? — É claro que sim. — Tu... tens tido... — começo a dizer.

— Sim, todas as noites — responde e sinto uma dor no coração.

— Lamento muito. — Isso desagrada-me muito. Odeio os pesadelos que o assombram. E odeio ser o único elixir, a única coisa que os afasta.

— Tudo bem, eu estou bem — diz, mas as olheiras contradizem-no.

Convidá-lo para entrar seria uma péssima ideia. Tenho de decidir o que fazer com a minha vida a partir daqui, não posso passar a noite com o Hardin. É bizarro que ele me deixe à porta da casa do pai dele; é por isso que tenho de arranjar um sítio para viver.

— E se subisses e viesses dormir um bocado? Ainda é cedo — ofereço, e a cabeça dele ergue-se.

— Não há problema para ti? — pergunta-me, e eu abano a cabeça antes de me deixar invadir por dúvidas.

— Claro que não... mas é só para dormir — relembro-o com um sorriso e ele assente.

— Eu sei, Tess.

— Não era isso que queria dizer... — tento-lhe explicar.

— Eu percebi — resmunga.

Tudo bem...

Instalou-se entre nós uma distância desconfortável mas necessária. Gostava de me poder aproximar e afastar a madeixa de cabelo rebelde que lhe caiu para a testa, mas isso seria excessivo. Preciso de manter esta distância, tanto como preciso do Hardin. Está tudo muito pouco

claro, e sei que convidá-lo para subir não vai ajudar a resolver esta confusão, mas gostava que ele conseguisse dormir.

Sorrio-lhe e ele olha para mim e abana a cabeça. — Olha, é melhor não. Tenho um trabalho para fazer... — começa a dizer.

— Não há problema, a sério — interrompo-o e abro a porta do carro para escapar a este embaraço.

Não devia ter feito esta proposta. Devia ser eu a afastar-me e aqui estou eu a ser rejeitada... novamente.

Quando chego à porta, lembro-me de que me esqueci do vestido e dos sapatos no carro do Hardin, mas quando me viro ele já se está a ir embora.

Retiro a maquilhagem para ir para a cama sem parar de pensar na noite de hoje. O Hardin foi tão... amável. O Hardin foi tão fixe. Apareceu bem vestido, não se envolveu numa luta e não insultou ninguém. É um grande progresso. Desato às gargalhadas que nem uma idiota ao lembrar-me das suas quedas no gelo; ficou furioso, mas foi tão divertido. Ele é tão alto e magro e as suas pernas balançavam nos patins. Foi definitivamente um dos momentos mais engraçados da minha vida.

Não sei o que sinto por o Hardin ter tirado os *piercings*, mas ele afirmou mais do que uma vez que queria mesmo tirá-los, por isso não foi por minha causa. Gostava de ouvir os comentários que os seus amigos vão fazer.

O meu humor alterou-se um pouco quando ele me falou da festa de aniversário. Não sei o que estava à espera que ele fizesse no dia de anos, mas seguramente não pus a hipótese da festa. Sou tão idiota, na verdade, ele vai fazer *vinte e um* anos.

Tenho um desejo enorme de passar o dia com ele, mas sempre que vou à república qualquer coisa corre mal, e eu não quero dar azo a que isso aconteça, especialmente quando estamos num período tão frágil como este. A última coisa de que preciso é de beber e piorar a situação. Gostava de lhe oferecer um presente, mas não tenho jeito nenhum para os escolher, embora vá pensar nisso. Bato à porta do quarto do Landon mas ele não responde; abro a porta e, como ele está a dormir, decido ir dormir.

Abro a porta do quarto e apanho um susto ao ver uma pessoa deitada

na minha cama. Largo a bolsa da higiene sobre a cómoda... e acalmo-me ao perceber que se trata do Hardin. Observo-o, ele cruza os pés de uma forma bizarra.

— Eu... eu, hum... desculpa por ter sido um idiota, eu queria subir. — O Hardin passa os dedos pelo cabelo despenteado.

— Eu perguntei-te — relembro-o e aproximo-me da cama.

Suspira. — Eu sei e desculpa. Posso ficar, por favor? Foi uma noite tão divertida e estou tão cansado...

Pondero por uns momentos. Eu queria que ele ficasse. Sinto falta do conforto de o ter na minha cama, mas ele disse que tinha coisas para fazer.

— E o trabalho que tinhas para fazer? — Ergo as sobrancelhas.

— Pode esperar — diz, com um olhar angustiado.

Sento-me ao seu lado na cama e pouso uma almofada no colo.

— Obrigado — responde e aproximo-me mais. Ele exerce um magnetismo sobre mim; não consigo manter-me longe dele.

Olho para ele e ele sorri por uns instantes e olha para baixo. O meu corpo age por si próprio e eu inclino-me e pego-lhe na mão. Está gelada e ele respira com intensidade.

Tive tantas saudades, quero-lhe dizer. *Quero estar perto de ti*, quero-lhe confessar.

Aperta-me a mão suavemente e eu pouso a cabeça no seu ombro. Põe um braço em redor das minhas costas e traz-me para junto dele.

— Gostei muito da nossa noite — digo-lhe.

— Eu também, querida, eu também.

Ser tratada por «querida» faz crescer o meu desejo de estar perto dele. Ergo o olhar e apanho-o a fitar a minha boca. Instintivamente, aproximo-me. Suprimo o espaço que nos separa e beijo-o; ele deixa cair o corpo para trás, apoiando-se nos cotovelos, e eu subo para o seu colo. A sua mão pressiona a base das minhas costas, estreitando o meu corpo ao dele.

— Tive saudades tuas — diz-me e move a sua língua com a minha. Sinto falta do frio dos *piercing*s, mas o meu corpo incendeia-se com o desejo que sinto por ele, tornando isso irrelevante.

— Também tive saudades — respondo. Enrolo os dedos no seu cabelo e beijo-o intensamente. A minha outra mão desliza por baixo da

sua camisa e acaricia os seus músculos duros, mas ele detém-me, endireitando-se, comigo ainda no seu colo.

Ele sorri, desgostoso. — Acho que devemos manter um comportamento decente. — Tem as faces coradas e a respiração pesada.

Quero protestar, afirmar o quanto preciso do seu toque, mas sei que ele tem razão. Suspiro e saio do seu colo, deitando-me no outro canto da cama.

— Desculpa, Tess. Eu não quis dizer... — balbucia.

— Não, tens razão. A sério, está tudo bem. Vamos dormir um bocado. — Sorrio, com o corpo ainda a recuperar do que aconteceu.

Ele deita-se ao meu lado, colocando uma almofada entre nós, para nos separar, fazendo-me relembrar os nossos primeiros tempos. Adormece rapidamente, uma respiração pesada mas tranquila que se impõe no espaço do quarto. Mas quando acordo a meio da noite, o Hardin já não está ao meu lado. No seu lugar, encontro uma nota.

«Obrigado mais uma vez, tive de ir trabalhar», escreveu ele.

Na manhã seguinte, mal acordo, mando uma mensagem ao Hardin para lhe desejar um feliz aniversário e visto-me enquanto espero uma resposta. Gostava que ele tivesse ficado, mas, à luz do dia, sinto-me aliviada por não ter de gerir o incómodo matinal após o primeiro programa a dois.

Suspiro, guardo o telemóvel na mala e desço as escadas para ir ter com o Landon e lhe dizer que vou faltar a metade das aulas de hoje para ir comprar um presente para o Hardin.

104

HARDIN

— Vai ser do caraças — diz-me o Nate enquanto sobe para o muro de pedra no fim do parque de estacionamento.

— Imagino — respondo. Sento-me ao lado do Nate para não ficar a levar com o fumo do cigarro do Logan.

— Vai ser mesmo, e é melhor tu não te cortares, porque temos isto planeado há meses — afirma o Logan.

As minhas pernas balouçam para a frente e para trás e por uns instantes ainda penso em empurrar o Logan do muro abaixo, pelos comentários de merda que fez quando eu apareci sem os *piercings*.

— Eu vou. Já te disse que ia.

— Vais trazê-la? — pergunta o Nate, obviamente a falar da Tess.

— Nã, ela tem que fazer.

— Tem que fazer? São os teus vinte e um anos, mano. Tiraste os *piercings* por causa dela, ela tem de vir — relembra o Logan.

— Sempre que ela vem, as coisas acabam mal. E porra, pela última vez, eu não os tirei por causa dela. — Reviro os olhos e observo as fendas do cimento.

— E que tal fazeres com que ela dê outra sova à Molly? Foi o máximo. — O Nate ri-se.

— Foi tão fixe; ela fica tão engraçada quando está bêbeda. E tem muita piada quando começa a dizer palavrões. É como ouvir a minha avó a dizer asneiras. — O Logan e o Nate desatam a rir.

— Vocês os dois querem parar de falar dela? Ela não vem.

— Tudo bem, acalma-te, está bem? — exclama o Nate com um sorriso.

Desagrada-me o facto de eles os dois terem preparado uma festa para mim, porque queria passar o meu aniversário com a Tessa. Eu não quero saber de aniversários, mas queria estar com ela. Eu sei que ela não tem nenhuma cena para fazer, só não quer estar com os meus amigos. E não a posso censurar.

— Passa-se alguma coisa entre ti e o Zed? — pergunta-me o Nate quando vamos para a aula.

— Sim, ele é um idiota e não se afasta da Tessa. Porquê?

— Estava só a perguntar porque vi a Tessa a ir para o edifício do ambiente, ou como é que aquele edifício se chama, e achei estranho... — diz-me o Nate.

— Quando é que isso foi?

— Tipo há dois dias. Na segunda-feira, acho.

— Estás... — Mas interrompo-me porque sei que ele está a falar a sério.

Que raio, Tessa, que parte de «afasta-te do Zed» é que tu não percebeste?

— Não te importas que ele venha, pois não? Porque nós já dissemos a toda a gente e não queremos retirar o convite a ninguém — diz o Nate; ele foi sempre o bonzinho do nosso grupo.

— É-me indiferente. Não é ele que a come, sou eu — digo-lhe e ele ri-se. Se ele soubesse o que na realidade está a acontecer...

O Nate e o Logan separam-se de mim em frente ao pavilhão desportivo e, tenho de admitir, estou ansioso por ver a Tessa. Como estará penteada? Será que vestiu aquelas calças de que eu gosto tanto?

Mas que raio? Ainda me surpreendo como dou por mim a pensar em tretas. Há uns meses teria partido os dentes a quem me dissesse que iria estar a sonhar com o penteado de uma rapariga. E aqui estou eu, à espera de que a Tessa tenha o cabelo apanhado, para eu lhe poder ver a cara.

Umas horas depois, nem posso acreditar que voltei à república. Parece que se passaram séculos desde que vivi aqui. Não tenho saudades nenhumas, mas, por outro lado, detesto viver sozinho naquele apartamento.

Este ano foi de doidos. É difícil acreditar que tenho vinte e um anos e no próximo ano acabo a universidade. Há pouco, a minha mãe chorava ao telemóvel por eu estar a crescer muito depressa e tive de desligar porque ela não conseguia parar. Mas até o fiz de um modo educado, com a desculpa de que o telemóvel estava com pouca bateria.

A casa está cheia e a rua repleta de carros. Quem são todas estas

pessoas que estão aqui para o meu aniversário? Eu sei que a festa não é totalmente para mim. É apenas um pretexto para darem uma grande festa, mas mesmo assim. Quando começo a pensar que gostava que a Tessa estivesse aqui comigo, avisto o horrível cabelo cor-de-rosa da Molly e fico feliz por ela não ter vindo.

— Ora aqui está o aniversariante. — Sorri e entra na casa à minha frente.

— Scott! — chama o Tristan da cozinha. Percebe-se que já bebeu muito.

— Onde é que está a Tessa? — pergunta a Steph.

Os meus amigos rodeiam-me e fitam-se enquanto eu tento pensar numa resposta. A última coisa que quero é que eles saibam que eu estou a tentar convencê-la a voltar para mim.

— Espera... mais importante ainda, onde raio é que estão os teus *piercings*? — A Steph segura-me no queixo e inclina-me a cabeça para me examinar como se eu fosse a porra de um rato de laboratório.

— Tira as mãos — rosno-lhe e afasto-me.

— Porra. Estás a ficar igual a eles — diz a Molly e aponta para um grupo de betinhos presumidos do outro lado da sala.

— Não estou nada. — Olho-a fixamente.

Ela cacareja e prossegue: — Estás, sim! Foi ela que te disse para os tirares, não foi?

— Não, não foi, tirei-os porque me apeteceu. Mete-te na tua vida — resmungo fora de mim e ela revira os olhos.

— Tudo bem. — Ela afasta-se, graças a Deus.

— Ignora-a. De qualquer maneira, a Tessa vem ou não? — pergunta-me a Steph e eu abano a cabeça. — Ah, tenho saudades dela! Gostava de sair mais vezes com ela. — Bebe do seu copo vermelho.

— Eu também — murmuro e encho um copo com água.

Para minha desgraça, a música e as vozes aumentam de volume à medida que a noite avança. Antes das oito da noite já está tudo bêbedo. Ainda não decidi se quero beber ou não. Estive muito tempo sem beber até ao dia, em casa do meu pai, em que destruí todas as loiças da Karen. Costumava passar estas festas sem beber... bem, a maioria das vezes. Mal me consigo lembrar dos primeiros dias de faculdade, copo atrás de copo, gaja atrás de gaja... as memórias diluem-se e ainda bem.

As coisas não faziam sentido antes de a Tessa aparecer.

Sento-me no sofá ao lado do Tristan e distraio-me a pensar na Tessa, enquanto os meus amigos participam em mais um estúpido jogo de bebidas.

105

TESSA

«Olá», diz a mensagem do Hardin.

As borboletas que sinto no estômago são mais do que muitas.

«Como está a correr a festa?», respondo e levo mais uma mão-cheia de pipocas à boca. Estive a olhar para o ecrã do *e-reader* durante duas horas e preciso de uma pausa.

«Uma chatice. Posso ir aí ter contigo?», responde ele.

Quase caio da cama. Depois de passar horas à procura de um presente decente para lhe oferecer, decidi que o meu «espaço» pode esperar até depois do seu aniversário. Não me importo que seja uma atitude carente ou patética. Se ele escolher passar o tempo comigo em lugar de o passar com os amigos, eu aceito. Tenho de ter em conta que ele se está a esforçar; é verdade que temos de discutir o facto de ele não querer assumir uma relação sólida comigo e de como isso irá afetar a minha carreira.

Mas podemos esperar até amanhã.

«Sim, quanto tempo demoras a chegar?», escrevo.

No armário, escolho uma camisa azul sem mangas que o Hardin uma vez me disse que me ficava bem. Tenho de usar umas calças, para não fazer figura de idiota, sentada no quarto com um vestidinho. Como é que ele estará vestido? E continuará com o penteado de ontem, com o cabelo puxado para trás? Chateou-se por estar na festa sem mim e quer-me ver? Ele está mesmo a mudar e amo-o muito por isso.

Porque é que estou tão excitada?

«Trinta minutos.»

Vou a correr para a casa de banho tirar os restos de pipocas dos dentes. Não o devia beijar, pois não? *São* os anos dele... um beijo não é assim tão mau e, para dizer a verdade, ele merece um beijo por todos os esforços que tem feito. Um beijo não vai deitar a perder todos os meus planos.

Retoco a maquilhagem, penteio-me e prendo o cabelo num rabo de

cavalo. Perco toda a capacidade de discernimento com tudo o que envolve o Hardin, mas amanhã repreendo-me. Eu sei que ele não se interessa muito por festejar os anos, mas eu quero que este seja diferente. Quero que ele perceba que o seu dia de anos é um dia importante.

Embrulho rapidamente o presente que lhe comprei. O papel de embrulho tem notas musicais e dará uma boa capa para um livro. Estou a começar a ficar nervosa, sem razão para isso.

«OK. Até já», respondo e desço ao andar de baixo depois de escrevinhar o seu nome na etiqueta do presente.

A Karen está a dançar ao som de uma conhecida música de Luther Vandross e desato a rir quando ela se vira com o rosto corado. — Desculpa, não sabia que estavas aqui — diz, claramente embaraçada.

— Adoro esta música. O meu pai ouvia-a muitas vezes — respondo e ela sorri.

— Então ele tem bom gosto.

— Tinha. — Sorrio ao relembrar a imagem decente do meu pai a dançar comigo à roda na cozinha... antes de anoitecer e de, pela primeira vez, pôr um olho negro à minha mãe.

— Então o que é que vão fazer à noite? O Landon está outra vez na biblioteca — diz-me, embora eu já soubesse.

— Queria pedir-lhe para me ajudar a fazer um bolo para o Hardin. São os anos dele e ele chega daqui a meia hora. — Sorrio.

— Chega? Claro que sim, podemos fazer um bolo de anos simples ou podemos fazer um com duas camadas. O que é que ele gosta mais, chocolate ou baunilha?

— Bolo de chocolate com cobertura de chocolate — respondo. Por mais que eu às vezes sinta que não o conheço, conheço-o melhor do que penso conhecer-me a mim própria.

— Está bem, tiras-me as formas? — pergunta e eu faço-o.

Trinta minutos depois, estou à espera que o bolo arrefeça para espalharmos a cobertura antes de o Hardin chegar. A Karen foi buscar umas velas velhas: só encontrou um 1 e um 3, mas eu sei que ele vai achar graça.

Atravesso a sala e olho pela janela para ver se ele já chegou, mas o carro ainda não está. Deve estar um bocado atrasado. Ainda só

passaram quarenta e cinco minutos.

— O Ken chega a casa dentro de uma hora, foi jantar com uns colegas. Como eu sou horrível, disse-lhe que estava com dores de estômago. Odeio aqueles jantares. — Ela ri-se e eu sorrio enquanto tento cobrir as extremidades do bolo.

— Não a censuro — digo-lhe e coloco os números no topo do bolo.

A Karen e eu rimo-nos das velas e eu esforço-me para escrever o nome do Hardin na cobertura, ao lado das velas.

— Está... lindo — mente ela.

Estremeço perante as minhas capacidades culinárias. — É a intenção que conta. Ou pelo menos é melhor que seja...

— Ele vai adorar — assegura-me a Karen antes de ir para o andar de cima para nos permitir alguma privacidade quando o Hardin chegar.

Já passou uma hora desde a sua mensagem e eu continuo sentada na cozinha, sozinha, à sua espera. Apetece-me ligar-lhe, mas, se ele ainda não chegou, ele é que me devia ligar.

Ele vai aparecer. A ideia foi dele. Ele vai aparecer.

106

HARDIN

Pela terceira vez, o Nate tenta passar-me o copo dele. — Vá lá, puto. Só uma bebida, são os teus vinte e um anos. É ilegal *não* beber!

E porque isso me vai facilitar sair daqui, acabo por ceder. — Está bem, um copo. Mas só um.

A sorrir, ele dá-me o copo e tira uma garrafa das mãos do Tristan.

— Está bem, então, ao menos toma uma bebida decente — diz.

Refilo antes de beber um gole do líquido escuro. — Pronto, já está. Agora podes-me deixar em paz — digo-lhe e ele acena com a cabeça.

Vou à cozinha buscar outro copo de água e o Zed, entre todas aquelas pessoas, interpela-me. — Toma — diz, dando-me o telemóvel. — Deixaste-o no sofá quando te levantaste.

Depois volta para a sala.

107

TESSA

Ao fim de duas horas, deixo o bolo na bancada e subo as escadas para tirar a maquilhagem e vestir o pijama. Isto é o que acontece todas as vezes que lhe dou uma oportunidade. A realidade estilhaça-se na minha cara.

Acreditei mesmo que ele vinha, fui tão idiota. Estive lá em baixo a fazer-lhe um bolo... Céus, sou uma idiota.

Ponho os fones e desato a chorar. A música invade-me os sentidos e estendo-me na cama, esforçando-me para não ser demasiado dura comigo. A sua atitude na noite de ontem foi tão diferente — na maior parte do tempo para melhor, mas tenho saudades dos seus comentários rudes e perversos que sempre fingi odiar mas que secretamente adoro.

Estou feliz por o Landon não me ter vindo cumprimentar quando o ouvi chegar. Ainda estava com alguma esperança e teria parecido ridícula, embora ele não mo fosse dizer, claro.

Apago a luz da mesa de cabeceira e depois baixo a música ligeiramente. Se isto se tivesse passado há um mês, eu teria entrado no carro e conduzido até àquela estúpida casa, para lhe perguntar porque é que me deixou à espera; mas o presente é o presente e eu não tenho mais forças para lutar contra ele. Já não tenho.

Acordei assustada, com o telemóvel a tocar aos meus ouvidos através dos fones.

É o Hardin. E já é quase meia-noite. *Não respondas, Tessa.*

Obrigo-me a ignorar a chamada e a desligar o telemóvel. Configuro o alarme do relógio que está em cima da mesa de cabeceira e fecho os olhos.

Claro que deve estar bêbedo, a ligar-me depois de me ter deixado à espera. Eu já devia saber.

108

HARDIN

A Tessa não responde às minhas chamadas, o que me está a chatear. Ainda restam quinze minutos do meu dia de anos, porque é que ela não atende?

Certo, provavelmente devia ter ligado mais cedo, mas ainda assim. Ela nem respondeu à mensagem que lhe enviei há horas. Pensava que tínhamos passado uns bons momentos ontem, ela ainda tentou avançar. Custou-me muito dizer que não, mas sei o que iria acontecer se fôssemos por esse caminho. Não me devo aproveitar dela agora, ainda que a deseje muito.

— Acho que me vou embora — digo ao Logan, obrigando-o a desembaraçar-se de uma morena por quem ele está obviamente interessado.

— Népia, não podes ir já, não antes... ah, cá estão elas — diz e aponta.

Viro-me para ver duas raparigas de gabardina a avançar na nossa direção. *Não pode ser.*

Toda a sala irrompe em aplausos e ovações.

— Não me interesso por *strippers* — digo-lhe.

— Ah, vá lá! Como é que sabes que elas são *strippers*? — Ri-se.

— Elas estão com uma porra de uma gabardina e de saltos altos! — Isto é tão estúpido.

— Anda lá, mano, a Tessa não se importa! — acrescenta o Logan.

— Não é por isso — rosno-lhe, ainda que seja. Não é a única razão, mas é a principal.

— É este o aniversariante? — pergunta uma das raparigas.

O seu batom vermelho brilhante já me está a fazer dores de cabeça. — Não, não, não. Não sou — minto e saio porta fora.

— Anda lá, Hardin! — chamam algumas vozes.

Nem pensar, não vou voltar para trás. A Tessa vai-se passar se souber que estive com *strippers*. Já a imagino aos gritos. Gostava que ela tivesse respondido quando eu liguei. Telefono-lhe mais uma vez, ao

mesmo tempo que o Nate me tenta ligar. Não vou voltar para a festa, nem pensar. Já tive a minha dose de festividades.

Aposto que ela está zangada comigo por não lhe ter ligado mais cedo, mas nunca sei quando devo ou não ligar. Não quero pressioná-la, mas também não quero dar-lhe demasiado espaço. É um equilíbrio difícil de alcançar e eu mal me tenho em pé.

Olho para o telemóvel uma última vez e vejo que o «Olá» que lhe mandei é a última mensagem enviada ou recebida. Parece que, para variar, só resto eu e este apartamento solitário.

Feliz aniversário de merda para mim.

109

TESSA

Acordo com um som de despertador estranho e demoro alguns segundos a perceber que na noite passada desliguei o telemóvel por causa do Hardin. Depois lembro-me de ter esperado na cozinha, com o entusiamo a esmorecer a cada minuto que passava, para no fim ele não chegar a aparecer.

Lavo a cara e preparo-me para a longa viagem até à Vance; a única coisa de que realmente sinto falta em relação ao apartamento é de ser perto de tudo. E do Hardin. E das estantes que cobrem as paredes. E da cozinha pequena mas perfeita. E do candeeiro. E do Hardin.

Desço as escadas e encontro a Karen sozinha na cozinha. Olho para o bolo com as velas com o número treze e as letras a dizer *Hardin*, que ao fim deste tempo se esborrataram, transformando-se nuns gatafunhos que parecem *Merda*.

Talvez seja.

— Ele acabou por não vir — digo-lhe sem a fitar.

— Sim... deduzi isso. — Faz-me um sorriso compassivo e limpa os óculos ao guardanapo.

Ela é uma perfeita dona de casa, está sempre a cozinhar e a limpar tudo, mas, mais do que isso, é tão simpática e ama o marido e toda a família, até mesmo o seu enteado mal-educado.

— Tudo bem. — Encolho os ombros e encho uma caneca com café.

— Sabes, querida, as coisas não têm de estar sempre bem.

— Eu sei, mas é mais fácil estar bem — respondo e ela acena.

— Não é suposto ser fácil — diz-me e dá-me vontade de rir ouvi-la usar as palavras que o Hardin usa contra mim. — Olha, estamos a pensar ir até à praia na próxima semana. Se quiseres vir, era ótimo. — Uma das coisas que adoro na mãe do Landon é que ela nunca me força a falar nos assuntos.

— À praia? Em fevereiro? — pergunto.

— Temos um barco e gostamos de velejar na época em que ainda

não está muito calor. Vamos observar baleias, é muito giro, devias vir.

— A sério? — Nunca andei de barco e a ideia assusta-me, mas observar baleias parece-me mesmo interessante. — Sim, está bem.

— Ótimo! Vais ver que vai ser divertido — assegura-me e vai para a sala.

Quando chego à Vance, ligo o telemóvel. Tenho de deixar de o desligar sempre que estou zangada. Posso simplesmente ignorar as chamadas do Hardin. Se acontecesse alguma coisa à minha mãe e ela não me conseguisse contactar, ia sentir-me pessimamente.

Quando saio do elevador vejo a Kimberly e o Christian, juntinhos, no corredor. Ele sussurra qualquer coisa ao ouvido dela, ela ri-se e ele prende-lhe o cabelo atrás da orelha, sorri abertamente quando a beija e ficam ambos a sorrir.

Vou imediatamente para o meu gabinete e decido telefonar à minha mãe, acho que já é altura, mas ela não atende. O manuscrito que começo a ler aborrece-me ao fim das primeiras cinco páginas. Dou uma olhadela nas últimas páginas, leio *Sim* e suspiro. Já estou farta da história do costume: uma rapariga conhece um rapaz, o rapaz ama-a, um problema aparece, resolvem o problema, casam, têm filhos, fim. Atiro as páginas para o lixo sem ler mais. Sinto-me mal por não lhe dar uma oportunidade, mas não me entusiasma.

Preciso de uma história realista, onde haja problemas reais, mais do que uma mera discussão e até um rompimento. Uma história verdadeira. As pessoas magoam-se e continuam a querer mais... incluindo eu, claro. Agora apercebo-me disso.

O Christian passa perto do meu gabinete e eu respiro fundo antes de me levantar e segui-lo. Aliso a saia e tento ensaiar o que lhe vou dizer sobre Seattle. Espero que o Hardin não tenha destruído as minhas hipóteses de transferência.

— Senhor Vance? — Bato ao de leve na porta.

— Tessa? Entra — diz, com um sorriso.

— Desculpe incomodá-lo, mas será que tem alguns minutos para falar num assunto? — pergunto e ele faz sinal para me sentar. — Estava a pensar em Seattle; há alguma possibilidade de eu ser transferida para lá? Se calhar já é tarde, mas gostaria mesmo de ir, e o Trevor falou-me nisso e eu fiquei a pensar que poderia ser uma grande oportunidade

para mim se...

O Christian levanta a mão e ri-se, interrompendo-me. — Queres mesmo ir? — pergunta-me com um sorriso. — Seattle é muito diferente disto aqui. — Os seus olhos verdes são meigos, mas fico com a sensação de que ele não está muito convencido.

— Sim, tenho a certeza. Gostava mesmo de ir... — Gostava. Gostava mesmo. Não gostava?

— E o Hardin? Ele também iria? — Alarga o nó da gravata, afrouxando o aperto em redor do pescoço.

Será que lhe devo dizer que o Hardin se recusa a ir? Que o seu papel na minha vida futura é muito incerto e que ele é teimoso e paranoico? Em vez disso, respondo: — Ainda estamos a discutir isso.

O olhar do Vance encontra o meu. — Eu adoraria levar-te connosco para Seattle. — Um momento depois, acrescenta: — E ao Hardin também. Ele pode vir e talvez consiga recuperar o seu antigo emprego — diz e ri-se. — Se conseguir manter-se calado.

— A sério?

— Sim, claro. Devias ter vindo falar mais cedo. — Brinca com a gravata durante mais uns momentos, antes de a tirar e de a pousar em cima da secretária.

— Muito obrigada! Agradeço imenso — digo com honestidade.

— Fazes alguma ideia de quando podes ir? A Kim, o Trevor e eu vamos daqui a duas semanas, mas podes juntar-te a nós quando tiveres tudo preparado. Sei que tens de pedir transferência de faculdade. Vou ajudar-te no que puder.

— Duas semanas devem chegar — respondo-lhe sem refletir.

— Ótimo, isso é ótimo. A Kim vai ficar radiante. — Sorri e vejo o seu olhar pousar na fotografia da Kimberly e do Smith em cima da mesa.

— Muito obrigada outra vez, isto é muito importante para mim — digo-lhe antes de sair do seu escritório. Seattle. Duas semanas. Vou mudar-me para Seattle dentro de duas semanas. Estou preparada.

Não estou?

Claro que estou, há anos que espero por este momento. Só nunca pensei que acontecesse tão cedo.

110

TESSA

Aguardo à porta do apartamento do Zed, esperando que ele não se demore muito. Preciso mesmo de falar com ele e ele disse que estava a chegar do trabalho. Parei para tomar um café para fazer tempo. Após alguns minutos, ele estaciona a carrinha, de onde se ouve música alta, e sai. Fica muito bem com aquelas calças de ganga pretas e *T-shirt* sem alças vermelha e, por momentos, esqueço-me do meu objetivo.

— Tessa! — saúda-me com um sorriso caloroso e convida-me a entrar. Depois de me preparar outro café e um refrigerante para ele, vamos para a sala.

— Zed, tenho de te contar uma coisa. Mas primeiro quero dizer-te outra — afirmo.

Põe as mãos atrás da cabeça e recosta-se no sofá. — É sobre a festa?

— Foste? — pergunto, suspendendo as minhas novidades. Sento-me na cadeira em frente ao sofá.

— Sim, passei por lá, mas fui-me embora quando as *strippers* apareceram. — Esfrega a parte de trás do pescoço. Fico sem fôlego.

— *Strippers*? — rosno, pousando a chávena de café na mesa antes que o entorne no meu colo.

— Sim, estava tudo bêbedo e ainda por cima chamaram umas *strippers*. Não é nada a minha cena, por isso vim-me embora. — Encolhe os ombros.

Estive a fazer um bolo para o Hardin e a planear passar o seu dia de anos com ele, enquanto ele estava a embebedar-se com *strippers*?

— Aconteceu mais alguma coisa na festa? — pergunto. Não consigo tirar as *strippers* da cabeça. Como é que o Hardin me trocou por uma coisa dessas?

— Nada de especial, foi simplesmente uma festa normal. Falaste com o Hardin? — pergunta-me de olhos postos na lata enquanto brinca com a anilha para a frente e para trás.

— Não, eu... — Eu não quero admitir que ele me deu uma tampa.

— O que é que ias dizer? — pergunta o Zed.

— Ele disse que ia ter comigo mas não apareceu.

— Isso é reles. — Abana a cabeça.

— Eu sei, mas sabes o que é o pior de tudo? Passámos uns momentos muito bons na nossa saída e eu pensei que ele estava decidido a pôr-me em primeiro lugar. — O Zed olha para mim compassivamente.

— E logo a seguir prefere ir a uma festa em vez de ir ter contigo — acrescenta ele.

— Sim... — Nem sei realmente o que dizer.

— Acho que revelou o tipo de pessoa que realmente é e que não vai mudar. Não achas? — *Será que ele tem razão?*

— Eu sei. Mas gostava que ele me tivesse falado nisso ou que me tivesse dito que não queria ir ter comigo, em vez de me deixar ficar horas à espera. — Brinco com os cantos da mesa, raspando e descascando a madeira.

— Acho que nem devias falar com ele sobre isso. Se ele te considerasse merecedora do seu tempo, teria aparecido e não te teria deixado à espera.

— Eu sei que tens razão, mas esse é o problema principal da nossa relação. Nós não falamos sobre os assuntos, tiramos sempre conclusões precipitadas que nos deixam aos gritos, até que um de nós se vai embora — digo. Eu sei que o Zed só me quer ajudar, mas gostava que o Hardin me explicasse porque é que prefere estar com *strippers* a estar comigo.

— Pensei que já não tinham uma relação...

— Temos... bem, não temos, mas... eu nem sequer sei como explicar. — Estou de rastos e a presença do Zed por vezes ainda me confunde mais.

— Tu é que sabes, eu só queria que não desperdiçasses o teu tempo com ele. — Suspira e levanta-se do sofá.

— Eu sei — sussurro e vejo se há alguma mensagem do Hardin no telemóvel. Nem uma.

— Estás com fome? — pergunta-me o Zed da cozinha e ouço a lata vazia do seu refrigerante a bater no lixo.

111

HARDIN

Este maldito apartamento está tão vazio.

Detesto estar aqui sem ela. Tenho saudades dos tempos em que ela pousava as pernas no meu colo enquanto estudava e eu a ia observando, fingindo estar a trabalhar. Tenho saudades de quando ela me irritava, dando-me toques no braço com a caneta, até que eu lha tirava da mão e a levantava acima da sua cabeça e depois ela mostrava-se muito chateada, mas eu sabia que era apenas para eu lhe dar atenção. Ela saltava para o meu colo para recuperar a caneta e acabava sempre tudo da mesma maneira, o que obviamente era uma maneira que me agradava.

— Porra — digo para mim próprio e afasto a pasta. Ainda não terminei nenhum dos trabalhos de hoje, ou de ontem, ou das últimas duas semanas, na verdade.

Ainda estou chateado por ela não ter falado comigo ontem à noite, mas estou desejoso de a ver. Tenho a certeza de que ela está em casa do meu pai e talvez seja melhor ir até lá para falar com ela. Se eu ligar, não sei se atende, e como isso me vai deixar ainda mais ansioso, é preferível passar por lá.

Eu sei que tenho de lhe dar espaço, mas, na verdade... que se lixe o espaço. Não aguento e eu espero que ela também não aguente.

São sete da tarde quando chego a casa do meu pai e o carro da Tessa não está cá.

Mas que raio...

Deve estar numa loja ou na biblioteca com o Landon ou numa merda do género. Vejo que estou enganado quando encontro o Landon sentado no sofá com um livro nas mãos. Ótimo.

— Onde é que ela está? — pergunto-lhe mal entro na sala.

Estou para me sentar ao lado dele mas decido ficar de pé. Seria muito estranho sentar-me a conversar.

— Não sei, ainda não a vi hoje — responde, mal desviando os olhos

dos estudos.

— Falaste com ela? — pergunto-lhe.

— Não.

— Porquê?

— Porque é que havia de ter falado? Nem toda a gente a persegue — responde com um sorriso.

— Vai-te lixar — atiro-lhe.

— Não sei mesmo onde é que ela está — diz-me o Landon.

— Bem, vou esperar aqui por ela... acho. — Vou para a cozinha e sento-me ao balcão. Só porque agora gosto um pouco mais dele, isso não significa que me vou sentar ao seu lado enquanto ele acaba o trabalho de casa.

À minha frente vejo um prato com um monte de chocolate e duas velas, onde se leem *treze*. Será que isto é um bolo de aniversário de alguém?

— De quem é que é este bolo de merda aqui? — grito. Não consigo perceber o nome, escrito em açúcar branco, se é que é um nome.

— É o *teu* bolo de merda — responde a Karen. Quando me viro, ela lança-me um sorriso sarcástico.

Nem sequer a vi chegar. — Meu? Mas diz «treze» anos.

— Eram as únicas velas que eu tinha e a Tessa divertiu-se muito a fazê-lo — diz-me ela. A sua voz denota uma certa irritação. Será que está chateada?

— A Tessa? Não percebo.

— Ela fez-te este bolo ontem à noite, enquanto estava à espera que tu chegasses — diz e depois concentra-se na galinha que está a trinchar.

— Eu não vim cá.

— Eu vi que não vieste, mas ela estava à tua espera. — Olho para o bolo horroroso e sinto-me um autêntico idiota. Porque é que ela me faria um bolo sem me dizer para cá vir? Nunca vou perceber esta rapariga. Quanto mais contemplo o bolo, mais encantador ele se torna. Tenho de admitir que não é uma beleza para os olhos, mas talvez o fosse ontem, antes de ficar uma noite inteira abandonado.

Imagino-a a rir-se sozinha quando pôs as velas com o número errado no topo do bolo de chocolate. Vejo-a a lamber a colher com a massa do bolo e a empinar o nariz enquanto escrevia o meu nome.

Ela fez-me este bolo e eu fui àquela festa. Porque é que eu fui tão idiota? — Onde é que ela está agora? — pergunto à Karen.

— Não faço ideia, não tenho a certeza se ela vem jantar.

— Posso ficar? Para jantar? — pergunto-lhe.

— Claro que podes, nem precisas de perguntar. — Ela vira-se com um sorriso.

O seu sorriso é a prova do seu caráter; ela deve pensar que eu sou um idiota, mas mesmo assim sorri e congratula-se por eu ficar para jantar.

Durante o jantar quase que dou comigo em louco. Estou inquieto, a olhar pela janela a toda a hora, com vontade de lhe ligar até ela responder. Completamente louco.

O meu pai está a falar com o Landon sobre a nova época de basebol e tudo o que desejo é que se calem.

Onde diabo é que ela está?

Pego no telemóvel para finalmente lhe enviar uma mensagem quando ouço a porta da frente a abrir-se. Levanto-me de imediato e toda a gente olha para mim.

— O que é? — resmungo e vou à sala.

Fico mais sossegado quando ela entra aos tropeções, carregada com livros e com o que parece ser um póster.

Mal me vê, os objetos começam a cair para o chão. Corro para a ajudar a apanhá-los.

— Obrigada. — Tira-me os livros das mãos e começa a subir as escadas.

— Onde é que vais? — pergunto-lhe.

— Guardar as minhas coisas... — Volta-se para responder, mas depois vira-me novamente as costas.

Numa situação normal, eu começava logo a discutir com ela, mas, por uma vez, quero saber o que lhe vai na cabeça sem começar logo a gritar. — Não vens jantar? — pergunto-lhe.

— Sim — responde simplesmente, sem se virar.

Mordo a língua e volto para a sala de jantar.

— Ela já desce — digo e posso jurar que a Karen está a sorrir, um sorriso que desaparece quando olho para ela.

Ao fim de uns minutos que me parecem horas, a Tessa senta-se à mesa, ao meu lado. Espero que isto seja um bom sinal.

Uns minutos mais tarde, apercebo-me de que não é um bom sinal, já que ela não me dirige nem uma vez a palavra e mal consegue comer a comida que tem no prato.

— Já tenho toda a papelada pronta para a NYU. Ainda nem consigo acreditar — diz o Landon e a sua mãe sorri com orgulho.

— Tu não vais ter a cunha da família — brinca o meu pai, mas só a Karen se ri.

A Tessa e o Landon — sendo ambos uns bajuladores bem-educados — sorriem e dão umas risadinhas que eu percebo serem forçadas.

O meu pai retoma o assunto desportivo e eu aproveito para falar com a Tessa. — Eu vi o bolo... eu não sabia... — começo a sussurrar.

— Não. Agora não, por favor. — Franze o sobrolho e aponta para as outras pessoas na sala.

— Depois do jantar? — pergunto e ela acena com a cabeça.

Enerva-me vê-la a debicar a comida; só me apetece enfiar-lhe uma garfada de batatas na boca. É por isto que temos problemas, porque eu sonho acordado com dar-lhe de comer à força. O meu pai toma conta da conversa, tentando envolver-nos num assunto de circunstância e lançando-nos umas piadas falhadas. Ignoro-o o melhor que posso enquanto acabo de jantar.

— Estava mesmo bom, querida — elogia o meu pai quando a Karen começa a levantar a mesa. Ele olha para a Tessa, depois volta a olhar para a mulher. — Quando terminares, que tal levar-vos, a ti e ao Landon, ao Dairy Queen? Não vou lá há um tempo...

A Karen acena com um falso entusiasmo e o Landon levanta-se para a ajudar.

— Podemos falar, por favor? — pergunta-me a Tessa inesperadamente quando se levanta.

— Sim, claro. — Acompanho-a pelas escadas acima até ao quarto em que ela tem dormido.

Quando ela fecha a porta ainda não percebi se se prepara para gritar ou para chorar.

— Eu vi o bolo... — decido falar primeiro.

— Viste? — Ela parece quase desinteressada e senta-se na borda da

cama.

— Sim... foi... simpático da tua parte.

— Sim...

— Desculpa ter ido àquela festa em vez de te dizer para passares esse tempo comigo.

Ela fecha os olhos por alguns segundos e respira fundo antes de os voltar a abrir. — Está bem — diz num tom inexpressivo.

A forma como está a olhar pela janela sem qualquer emoção no rosto provoca-me arrepios. É como se alguém lhe tivesse sugado a vida de dentro dela...

Alguém o fez.

Eu.

— Desculpa. Não sabia que querias estar comigo; disseste que tinhas que fazer.

— Como é que pudeste pensar isso? Eu esperei por ti enquanto os teus «trinta minutos» se transformavam em duas horas. — Continua sem emoção, o que me faz eriçar o cabelo na parte de trás do pescoço.

— De que é que estás a falar?

— Tu disseste que vinhas e não vieste. Tão simples quanto isso. — Preferia que ela estivesse aos gritos comigo.

— Eu não disse que vinha. Perguntei-te se querias ir à festa e depois ainda te mandei uma mensagem e a seguir liguei-te, mas tu não respondeste.

— Uau. Devias estar mesmo bêbedo — diz lentamente e eu ponho-me à sua frente.

Mesmo tendo eu razão, ela não olha para mim. Está a olhar para o infinito, o que é realmente inquietante. Estou habituado ao seu fogo, à sua teimosia, às suas lágrimas... mas não estou habituado a isto.

— O que é que queres dizer? Eu liguei-te...

— Sim, à meia-noite.

— Eu sei que não sou tão inteligente como tu, mas agora estou a ficar muito confuso — digo-lhe.

— O que é que te fez mudar de ideias? O que é que te fez não vir? — pergunta.

— Eu não sabia que era suposto vir. Eu mandei-te uma mensagem a dizer «Olá», mas tu nunca respondeste.

— Sim, respondi, e tu também. Disseste que não te estavas a divertir e perguntaste se podias vir cá.

— Não, não perguntei. — Será que a noite passada ela se embebedou?

— Sim, perguntaste. — Ela segura o telemóvel no ar e eu tiro-lho da mão.

«Uma chatice. Posso ir aí ter contigo?»

«Sim, quanto tempo demoras a chegar?»

«Trinta minutos.»

Mas que raio é isto?

— Eu não enviei nenhuma dessas mensagens, não fui eu. — Tento lembrar-me da noite passada. Ela não diz nada, apenas rói as unhas. — Tessa, se eu pensasse por um momento que tu estavas à minha espera, eu tinha vindo para cá.

— Estás mesmo a dizer-me que não me enviaste mensagens, quando eu acabei de te provar que enviaste? — Ela quase ri.

Eu preciso que ela grite comigo; pelo menos quando está a gritar eu sei que ela ainda se interessa por mim. — Não foi o que eu acabei de dizer? — resmungo.

Ela fica em silêncio. — Então quem é que enviou?

— Não sei... merda, eu não sei quem pode... o Zed! Foi ele que as enviou; foi o Zed. — Aquele idiota foi entregar-me o telemóvel dizendo que eu o deixara no sofá; deve ter enviado as mensagens à Tessa, a fingir que era eu, para ela ficar à minha espera.

— O Zed? Vais mesmo tentar culpar o Zed por isto?

— Sim! É exatamente o que estou a fazer. Ele sentou-se no sofá mesmo ao meu lado e mais tarde entregou-me o telemóvel. Tessa, eu sei que foi ele — digo-lhe.

Os olhos dela brilham confusos e, por um momento, percebo que acredita em mim; mas depois abana a cabeça. — Não sei... — Parece estar a falar consigo mesma.

— Eu não te ia dizer que estava a chegar e depois não aparecia, Tess. Tenho-me esforçado tanto para te mostrar que consigo mudar. Não te iria deixar à espera assim, já não. De qualquer maneira, aquela festa foi uma chatice e eu senti-me triste sem ti...

— Ah, *sentiste*? — Ela ergue a voz e levanta-se da cama.

Aqui vamos nós.

— Sentiste-te triste ao pé das *strippers*? — grita.

Porra. — Sim! Fui-me embora mal elas chegaram! Espera... como é que tu sabes a história das *strippers*?

— Isso *importa*? — desafia-me.

— Sim! Importa; foi ele, não foi? Foi o Zed! Ele está a encher-te a cabeça com esta treta toda para te virar contra mim! — grito-lhe em resposta. Eu sabia que ele estava a tramar alguma coisa. Mas não imaginava que ia descer tão baixo. Mandou-lhe mensagens do meu telemóvel e depois apagou-as. É assim tão estúpido para voltar a tentar lixar a minha relação? Vou encontrar esse merdas...

— Não está nada! — grita.

Oh, que raio. — Está bem, então, vamos ligar ao teu adorado Zed e perguntar-lhe. — Tiro-lhe outra vez o telemóvel da mão e procuro o nome dele... na lista de favoritos. Que diabo, só me apetece atirar o telemóvel contra a parede.

— Não lhe ligues — rosna-me, mas eu ignoro-a.

O Zed não atende. Claro.

— Que mais é que ele te disse? — Estou furioso.

— Nada — responde.

— És uma péssima mentirosa, Tessa. Que mais é que ele te disse?

Ela olha para mim de braços cruzados e eu espero pela sua resposta.

— Hã? — pressiono-a.

— Que foste ter com o Jace na noite em que eu estive na casa dele. — A raiva que sinto ameaça levar a melhor.

— Queres saber quem é que se dá com o Jace, Tess? A porcaria do Zed, é isso mesmo. Eles dão-se muito um com o outro. Fui a casa dele para lhe perguntar o que é que se passava entre vocês os dois, já que tu de repente decidiste ir viver com o Zed.

— Viver com ele? Eu não fui viver com ninguém! Fiquei lá umas vezes porque gosto da companhia dele e porque ele é sempre muito simpático comigo! Ao contrário de ti! — Avança na minha direção.

Queria que ela gritasse comigo e agora ela não para, mas é preferível a vê-la ali sentada, indiferente.

— Ele não é tão bom como tu pensas, Tessa! Como é que não podes ver isso? Ele vem-te com aquelas tretas todas para te apanhar. Ele quer-

te comer e é tudo. Não te aches o máximo e penses que ele... — Paro de falar. Eu queria falar-lhe no Zed mas não queria dizer estas últimas coisas. — A última parte não disse com intenção — afirmo, tentando enfurecê-la em lugar de a entristecer.

— Claro que não. — Revira os olhos.

Esta discussão sobre o Zed é inacreditável. Que treta do caraças; eu disse-lhe para se afastar dele, mas teimosa como ela é não liga peva ao que lhe digo.

Pelo menos ela disse que não foi viver com ele, que só lá ficou aquelas vezes... *vezes?*

— Quantas vezes é que ficaste na casa dele? — pergunto-lhe, com esperança de ter ouvido mal.

— Tu já sabes isso. — Está a ficar cada vez mais chateada e eu também.

— Podemos só tentar falar disto calmamente, porque eu estou quase a perder as estribeiras e isso não vai ser bom para ninguém. — Aperto os dedos com toda a força para realçar o que acabo de dizer.

— Eu tentei e tu...

— Podes só calar-te por dois segundos e ouvir-me? — grito e passo os dedos pelo cabelo.

E surpreendentemente, ao contrário do que eu esperava, ela senta-se na cama e cala-se.

Na realidade, não sei bem o que dizer ou como começar, porque não estava à espera que ela se predispusesse a ouvir-me.

Aproximo-me e ponho-me à sua frente; ela olha para mim com uma cara inexpressiva e eu começo a andar para a frente e para trás antes de começar a falar.

— Obrigado — suspiro, de alívio e frustração. — Está bem... então isto está tudo lixado e virado ao contrário. Tu pensaste que eu te tinha dito que vinha e que depois te dei uma tampa; já devias saber que eu não faria isso.

— Devia? — interrompe-me.

Não sei como é que ainda espero que saiba isso, quando já fiz tanta merda. — Tens razão... mas tem calma — digo-lhe e ela revira os olhos. — A festa foi uma porcaria e eu nem teria ido se tu não quisesses que eu

fosse. Nem sequer bebi. Bem, na verdade, bebi um copo, mas foi só isso. Não falei com nenhuma rapariga, mal falei com a Molly e juro-te que também não estive com as *strippers*. Por que raio é que eu havia de querer alguma coisa com uma *stripper* quando te tenho a ti?

O seu olhar suaviza-se ligeiramente e ela já não olha para mim como se me quisesse cortar a cabeça. Já é um começo.

— Não que eu te tenha... mas estou a tentar voltar a ter-te. Não quero mais ninguém. Mais importante do que tudo, não quero que queiras mais ninguém também. De qualquer maneira, não sei porque é que haverias de ir ter com o Zed. Eu sei que ele é bom para ti, blá-blá-blá... mas é um merdas.

— Ele não fez nada que me faça pensar isso, Hardin — insiste ela.

— Enviou-te mensagens do meu telemóvel a fingir que era eu e falou-te de propósito nas *strippers*...

— Tu não sabes se foi ele que me enviou as mensagens e ainda bem que eu soube das *strippers*.

— Eu ter-te-ia dito se tu tivesses atendido quando eu te liguei. Não faço a mínima ideia do que é que se está a passar. Eu não sabia que me tinhas feito um bolo ou que estavas à minha espera. Já é difícil fazer-te perceber o meu esforço, mas ele ainda tinha de se meter outra vez entre nós e encher-te a cabeça de tretas.

Ela permanece em silêncio.

— Então o que é que fazemos a partir daqui, Tess? Preciso de saber, porque já não aguento mais esta merda de andarmos sempre em avanços e recuos e não consigo dar-te espaço por muito mais tempo. — Ajoelho-me à sua frente e os seus olhos encontram os meus enquanto espero uma resposta.

112

TESSA

Nesta altura do campeonato não sei o que fazer ou dizer ao Hardin.

Por um lado, acredito que ele não me está a mentir em relação às mensagens, mas não penso que tenha sido o Zed a fazer isso. Acabei de falar com ele sobre o Hardin e ele foi tão simpático e compreensivo.

Mas isto é o Hardin.

A sua voz está baixa e lenta, mas pressiona: — Podes dar-me uma resposta?

— Não sei, também estou farta desta nossa indecisão. É tão cansativo e não aguento mais, não aguento mesmo — digo-lhe.

— Mas eu não fiz nada; nós estávamos bem até ontem, e não sou culpado de nada disto. Eu sei que costumo ser, mas não desta vez. Desculpa por não ter passado o meu aniversário contigo. Eu sei que devia, desculpa — diz o Hardin.

Senta-se à minha frente sobre os joelhos e pousa a palma das mãos nas coxas; mas não implora, está na expectativa.

Se ele está a dizer a verdade sobre as mensagens, e eu acredito que está, então tudo não passa de um mal-entendido.

— Ainda assim, quando é que isto vai parar? Para mim, já chega. Passámos uma noite fantástica, mas depois nem sequer pudeste ficar até de manhã. — Chateou-me que ele se tivesse ido embora assim, mas na altura nem sequer percebi.

— Eu não fiquei porque... pelos conselhos que o Landon me deu, quando lhos *pedi*, tenho de tentar dar-te espaço. Não tenho grande jeito para isso, obviamente, mas pensei que, se te desse um pouco de espaço, tu ias ter tempo para pensar nisto e ia ser mais fácil para ti — diz-me.

— Não é mais fácil para mim, mas também não sou só eu que conto. Tu também contas — afirmo.

— O quê? — pergunta-me.

— Não existo só eu. Quero dizer, isto também deve ser cansativo para

ti.

— E para quem é que eu interesso? Eu só quero estar bem e quero que percebas que eu me estou mesmo a esforçar.

— Para mim.

— Para ti o quê? Acreditas que eu me estou a esforçar para ti? — pergunta-me.

— Sim, e para mim interessas — digo-lhe.

— Então o que é que estamos a fazer, Tessa? Estamos bem agora? Ou pelo menos a caminho de estar bem? — Levanta a mão e toca-me no rosto.

Olha para mim em busca de aprovação e eu não o detenho.

— Porque é que somos os dois tão loucos? — sussurro ao mesmo tempo que o seu polegar acaricia o meu lábio inferior.

— Eu não sou. Mas tu és de certeza. — Sorri.

— Tu és mais louco do que eu — digo-lhe e ele vai-se aproximando.

Estou irritada com ele por me ter gritado e por me ter feito esperar por ele na noite passada, ainda que supostamente não tenha sido culpa dele; estou chateada por nós não estarmos a conseguir estar juntos, mas mais do que tudo sinto falta dele. Sinto falta da proximidade que existia entre nós. Sinto falta do modo como olha para mim.

Tenho de reconhecer os meus defeitos e o papel que tive nesta confusão. Eu sei que sou teimosa, e também não ajuda que eu espere o pior dele quando sei que se está a esforçar. Não estou preparada para ter uma relação com ele, mas não tenho razão para me chatear com ele por causa da noite de ontem. É o que eu espero, pelo menos.

Não sei o que pensar, mas não quero pensar agora.

— Não — sussurra, os seus lábios estão a meros centímetros dos meus.

— Sim.

— Cala-te. — Beija-me com todo o cuidado, mal me tocando. Cobre as minhas faces com as palmas das mãos. A sua língua acaricia-me o lábio inferior e eu fico sem fôlego. Entreabro a boca para respirar melhor, mas não parece haver ar nenhum à volta; não há nada, apenas ele. Puxo-o pela *T-shirt* para o levantar, mas ele não se move e continua a beijar-me lentamente. O seu ritmo torturante está a deixar-me louca e eu deslizo da cama e reúno-me a ele no chão.

Os seus braços envolvem a minha cintura e os meus o seu pescoço. Tento empurrá-lo ligeiramente para tentar subir para cima dele, mas, mais uma vez, ele não se mexe.

— O que é que se passa? — pergunto.

— Nada, só não quero ir longe de mais.

— Porquê? — digo, deixando os nossos lábios a tocarem-se.

— Porque temos muito que falar; não podemos saltar para a cama sem resolver nada.

O quê? — Mas nós não estamos na cama, estamos no chão. — Pareço desesperada.

— Tessa... — Ele afasta-me outra vez.

Desisto. Levanto-me e volto a sentar-me na cama e ele olha para mim com os olhos muito abertos.

— Eu só estou a tentar agir da maneira correta, está bem? Eu quero-te comer, acredita que quero. Meu Deus, eu quero. Mas...

— Está bem. Para de falar nisso — peço.

Eu sei que se calhar não foi a melhor ideia, mas eu não tinha necessariamente pensado em irmos para a cama. Só quero estar mais perto dele.

— Tess.

— Para, está bem? Eu percebo.

— Não, não percebes, é óbvio — diz-me frustrado e levanta-se.

— Isto não tem solução, pois não? Vai ser sempre assim. Com avanços e recuos, momentos melhores, momentos piores. Tu queres-me, mas quando eu te quero, tudo o que fazes é afastar-me — digo-lhe, decidida a não chorar.

— Não... isso não é verdade.

— Mas parece. O que é que queres de mim? Desejas que eu acredite que te estás a esforçar para mudar, mas depois o que é que acontece?

— O que é que queres dizer com isso?

— O que é que acontece depois?

— Não sei... nós ainda nem sequer chegámos a esse patamar. Eu quero continuar a convidar-te para sair e fazer-te rir em vez de chorar. Quero que me voltes a amar. — Os seus olhos brilham e ele pestaneja rapidamente.

— Eu amo-te, sempre — asseguro-lhe. — Mas é preciso mais do que

isso, Hardin. O amor não conquista tudo, como os romances nos fazem crer. Há sempre tantos problemas que superam o amor que sinto por ti.

— Eu sei. É tudo muito complicado, mas não o vai ser para sempre. Não nos damos bem nem sequer por um dia, gritamos, discutimos e amuamos como crianças de cinco anos, magoamo-nos por despeito e dizemos o que não devemos. Complicamos as coisas que não precisam de ser complicadas, mas podemos encontrar uma solução.

Não sei o que nos espera. Estou satisfeita por eu e o Hardin estarmos a discutir tudo o que aconteceu de uma forma civilizada, mas não posso ignorar o facto de que ele não apoiará a minha transferência para Seattle.

Ia contar-lhe, mas tenho medo de que ele vá falar com o Christian, e, na verdade, se o Hardin e eu vamos continuar a tentar reconstruir a nossa relação, ou o que quer que seja que temos, isso ainda vai fazer com que tudo piore.

Se formos verdadeiramente capazes de tornar isto possível, duas horas de distância não vão significar nada. Eu fui educada para não deixar um homem ditar o meu futuro, por mais intenso que seja o meu amor por ele.

Sei exatamente o que vai acontecer: ele vai ficar furioso e vai sair daqui a correr para ir ter com o Christian ou o Zed. Mais provavelmente com o Zed.

— Se eu fingir que as últimas vinte e quatro horas não aconteceram, prometes-me uma coisa? — pergunto-lhe.

— Tudo — responde-me rapidamente.

— Não lhe faças mal.

— Ao Zed? — pergunta-me, com raiva na voz.

— Sim, o Zed — esclareço.

— Não, nem pensar. Não posso prometer.

— Disseste... — começo a dizer

— Não, nem sequer comeces com isso. Ele está a causar um monte de chatices entre nós, e eu não vou ficar sentado e permitir que isso aconteça. Porra, não. — Ele anda para trás e para a frente.

— Tu não tens nenhuma prova de que ele tenha feito o que disseste, Hardin, e lutar com ele não vai resolver nada. Deixa-me só falar com ele e...

— Não, Tessa! Já te disse que não te quero ver perto dele. E não te vou dizer outra vez — rosna.

— Não decides com quem é que eu posso falar, Hardin.

— De que mais provas precisas? Não foi suficiente ele ter enviado mensagens do meu telemóvel?

— Não foi ele. Ele não faria isso.

Pelo menos, acho que não faria. Porque é que havia de fazer?

Vou-lhe perguntar, mas não o vejo a fazer-me isso.

— Tu és mesmo a pessoa mais ingénua que eu alguma vez conheci, o que me deixa completamente enfurecido.

— Podemos parar de discutir, por favor? — Sento-me na cama e seguro a cabeça com as mãos.

— Concorda em ficar longe dele.

— Concorda em não lutar com ele, outra vez — respondo.

— Ficas longe dele se eu não lutar com ele?

Não quero ceder, mas também não quero que o Hardin lute com ele. Isto está a dar-me dores de cabeça. — Sim.

— Quando digo ficares longe dele, refiro-me a nenhum contacto com ele. Mensagens, apareceres no edifício de ciências, nada — diz-me.

— Como é que sabes que lá fui? — pergunto-lhe. Será que me viu?

O meu coração começa a acelerar com a ideia do Hardin a observar-nos na estufa cheia de flores luminosas.

— O Nate disse-me que te viu.

— Ah.

— Há mais alguma coisa que tenhas para me dizer em relação ao Zed? Porque quando esta conversa acabar, nunca mais quero ouvir falar nele — diz o Hardin.

— Não — minto.

— Tens a certeza? — pergunta-me de novo.

Não lhe quero contar, mas tenho de contar. Não posso exigir que ele seja honesto comigo quando não retribuo na mesma moeda.

Fecho os olhos. — Eu beijei-o — sussurro, esperando que ele não me tenha ouvido. Mas quando ele derruba os livros da secretária, percebo que ouviu.

113

TESSA

Sentada na cama, observo o Hardin, mas ele não está a olhar para mim. Sinto que ele mal se apercebe da minha existência. Está a olhar fixamente para os livros que atirou para o chão e cerra os punhos junto ao corpo.

Para o trazer de volta para mim, de onde quer que ele esteja, repito.

— Beijei-o, Hardin.

Em vez de olhar para mim, bate com os punhos na testa com frustração, e tento encontrar forma de me explicar.

— Eu... tu... porquê? — balbucia ele.

— Pensava que me tinhas esquecido... que já não me querias, e ele estava lá e... — A minha explicação não é justa, sei-o bem. Mas não sei o que dizer. Os meus pés não se movem para me aproximar dele, recusando as ordens da minha mente, e eu mantenho-me na cama.

— Para de dizer essa merda! Para de dizer que ele estava lá para ti, porra. Juro por Deus que se ouço essa merda outra vez...

— Está bem! Desculpa, desculpa, Hardin. Estava tão magoada e confusa e ele disse-me tudo o que eu desesperadamente precisava que tu me dissesses e...

— O que é que ele te disse?

Não quero repetir nada do que o Zed me disse, ao Hardin não.

— Hardin... — Seguro-me à almofada como uma âncora.

— *Já* — exige ele.

— Ele só me explicou como teria sido se fosse ele a ganhar a aposta, se *nós* tivéssemos começado a andar um com o outro.

— E como é que foi?

— O quê?

— Como é que foi ouvir essa treta? É isso que tu queres? Queres ficar com ele e não comigo? — Está a ferver de raiva e percebo que está a tentar conter-se, mas está quase a explodir.

— Não, não é isso que eu quero. — Saio da cama e dou um passo

cauteloso na sua direção.

— Não. Não te aproximes de mim. — As palavras dele trespassam-me, deixando-me presa ao lugar. — O que é que fizeste mais com ele? Comeste-o? Chupaste-o?

Estou tão grata por a casa estar vazia e eles não poderem ouvir as acusações ignóbeis do Hardin.

— Oh, meu Deus! Não! Sabes bem que não! Não sei em que estava a pensar quando o beijei. Foi uma estupidez e estava tão mal por me teres abandonado.

— Abandonado? Foste tu que me deixaste, porra, e agora descubro que te andavas a pavonear pelo *campus* como uma puta de merda! — grita ele.

Apetece-me chorar, mas não sou eu que estou em causa, é ele e a enorme dor e raiva que deve estar a sentir. — Não o disse nesse sentido. Não me insultes. — Aperto as costas da cadeira da secretária.

O Hardin vira-me as costas, deixando-me sozinha com o meu sentimento de culpa. Não imagino como me sentiria se ele se tivesse comportado assim durante a pior fase da minha vida. No entanto, quando eu o fiz não pensei no que ele ia sentir; parti do princípio de que ele estava a fazer o mesmo.

Não quero continuar a pressioná-lo. Conheço os seus estados de espírito e sei que ele perde o controlo quando se enfurece e que se tem esforçado muito para dominar os seus impulsos.

— Queres que te deixe um bocado sozinho? — pergunto debilmente.

— Sim.

Não era a resposta que eu queria, mas cumpro o que ele me pede e saio do quarto. Ele nem se vira para olhar para mim.

Fico sem saber o que fazer e encosto-me à parede, no corredor. Numa perspetiva um pouco doentia, preferia que ele gritasse comigo e me enfrentasse, exigindo uma explicação para os meus atos, em vez de ficar a olhar pela janela e de me pedir para sair do quarto.

Talvez seja isso o que está errado connosco: ansiamos ambos pelo drama dos desentendimentos. Não acredito que isto esteja a acontecer; avançámos muito desde o início do nosso relacionamento, mesmo que as discussões se tenham sobreposto aos momentos de tranquilidade. A maior parte dos romances que li levou-me a acreditar que os conflitos

aparecem e desaparecem num piscar de olhos, que um simples pedido de desculpas resolve qualquer problema, que tudo fica esclarecido numa questão de minutos. Os romances mentem. Talvez seja por isso que estou

tão apaixonada por *O Monte dos Vendavais* e *Orgulho e Preconceito*; ambos, cada um à sua maneira, são incrivelmente românticos, mas revelam a verdade por detrás do amor cego e das promessas de amor para sempre.

A verdade é esta. Este é um mundo onde toda a gente comete erros, até mesmo aquela rapariga incrivelmente ingénua que é vítima da insensibilidade e mau feitio de um rapaz. Neste mundo, ninguém é verdadeiramente inocente, ninguém. As pessoas que acreditam que são perfeitas são as piores de todas.

Assusto-me com um estrondo que ouço vir do quarto onde o Hardin está. Levo a mão à boca ao ouvir outro e outro. Está a destruir o quarto. Eu já sabia que ele o faria. Devia tentar impedi-lo de destruir ainda mais a propriedade do pai, mas, na verdade, tenho medo. Não tenho medo que ele me magoe fisicamente — tenho medo das palavras que ele vai dizer enquanto estiver neste estado. Mas não posso ter medo, eu aguento.

— Porra! — grita quando eu entro no quarto. Estou contente por o Ken ter levado a Karen e o Landon a comer uma sobremesa fora de casa, mas por outro lado até gostava que alguém estivesse aqui para me ajudar a controlá-lo.

Na mão do Hardin está um pedaço de madeira, que eu percebo ser a perna de uma cadeira quando vejo a cadeira derrubada aos pés do Hardin. Atira o pedaço de madeira escura para o lado e os seus olhos verdes brilham de raiva ao verem-me.

— Que parte de *deixa-me em paz* não percebeste, Tessa?

Respiro fundo e não me deixo atingir pelas suas palavras enraivecidas.

— Não te vou deixar sozinho. — Não soo tão firme como eu pretendia.

— Vais, se sabes o que é melhor para ti — ameaça.

Dou alguns passos em frente para o encarar e paro a menos de trinta centímetros de distância. Ele tenta recuar, mas a parede impede-o.

— Não me vais magoar — enfrento-o.

— Não sabes se vou, não será a primeira vez.

— Nunca o farias intencionalmente. Sei que não serias capaz de viver contigo próprio se o fizesses.

— Não sabes nada! — grita ele.

— Fala comigo — digo calmamente. Sinto um nó na garganta e vejo-o fechar os olhos e voltar a abri-los.

— Não tenho nada para te dizer, não quero nada contigo — responde num tom de voz forçado.

— Queres, sim.

— Não, Tessa, não quero. Não quero merda nenhuma contigo. Ele que fique contigo.

— Não o quero a ele. — Tento não me sentir trespassada pelas suas palavras.

— Claro que queres.

— Não, só te quero a ti.

— Tretas! — Bate com a mão aberta contra a parede. Assusta-me, mas fico quieta. — Sai, Tess.

— Não, Hardin.

— Não tens nada melhor para fazer? Vai procurar o Zed. Vai para a cama com ele, quero lá saber... vou fazer o mesmo, acredita que sim, Tessa. Vou sair daqui e comer todas as raparigas que me aparecerem à frente.

Encho-me de lágrimas, mas é-lhe indiferente. — Estás a dizer estas coisas porque estás furioso, não estás a dizer a verdade.

Ele perscruta o quarto em busca de alguma coisa, qualquer coisa, que reste por partir. Não deixou escapar quase nada. Felizmente grande parte do que ele destruiu eram coisas minhas. O póster que trouxe para casa para o trabalho de biologia do Landon... a minha mala cheia de livros foi despejada e os meus romances estão espalhados pelo tapete. Algumas das minhas roupas foram retiradas da cómoda e a cadeira, claro, foi deitada ao chão e partida.

— Não te quero ver... vai-te embora — diz ele rispidamente, mas mais suave do que antes.

— Desculpa por o ter beijado, Hardin. Eu sei que isso te magoa e peço perdão pelo que aconteceu. — Encaro-o.

Ele observa-me em silêncio. Dou um pequeno salto quando o seu polegar limpa as lágrimas que correm pela minha face.

— Não tenhas medo — sussurra.

— Não tenho — respondo numa voz igualmente baixa.

— Não sei se consigo ultrapassar isto. — Respira fundo.

Os meus joelhos quase vacilam perante essa ideia. Acho que, desde que assumimos o nosso amor um pelo outro, nunca houve um momento em que eu tivesse colocado a hipótese de o Hardin acabar com tudo por causa de uma infidelidade minha. O beijo com o desconhecido no Ano Novo não significou nada ao pé disto; ele ficou lixado e eu sabia que me ia confrontar com isso, mas no fundo eu tinha a certeza de que ele ia esquecer rapidamente o assunto. No entanto, desta vez, foi com o Zed, com quem ele mantém uma relação tensa por minha causa; já entraram em conflito várias vezes e eu sei que basta eu falar no Zed para o Hardin ficar fora de si.

Neste momento acho que não é uma boa ideia pensar em voltar a ter um relacionamento sério com o Hardin, mas os nossos problemas passaram

de uma incerteza quanto ao futuro para este estado. Lágrimas indesejadas correm dos meus olhos infiéis e a sua expressão de preocupação adensa-se.

— Não chores — pede, os seus dedos pousados nas minhas faces.

— Desculpa — soluço; uma lágrima solitária cai-me para os lábios e eu apanho-a com a língua. — Ainda me amas? — tenho de perguntar.

Eu sei que me ama, mas estou desesperada e ansiosa por o ouvir confirmar.

— Claro que te amo e vou-te amar sempre — conforta-me numa voz suave.

Di-lo de um modo estranhamente belo, na verdade: com uma respiração pesada e ruidosa, mas num tom de voz tranquilo e brando, como ondas furiosas a rebentarem sem som contra a costa.

— Quando é que vais saber o que queres fazer? — pergunto-lhe com medo da resposta.

Ele suspira, encosta a testa à minha e a sua respiração começa a normalizar-se.

— Não sei; acho que não consigo ficar sem ti.

— Eu também não — sussurro. — Ficar sem ti.

— Parece que não conseguimos resolver as nossas merdas, não é?

— É mesmo. — Quase sorrio perante este diálogo sereno depois da cena violenta de há apenas alguns minutos. — Podemos tentar? — proponho e tento encostar-me a ele, receando, intranquila, que ele mo impeça.

— Anda cá. — Os seus dedos apertam-me e puxa-me para junto do seu peito.

A sensação é divina, como voltar a casa após uma longa ausência, e o seu cheiro, que sinto quando enterro a cara na sua *T-shirt*, acalma o meu coração.

— Não te vais aproximar dele outra vez — diz ele.

— Eu sei — concordo sem pensar.

— Isto não quer dizer que tenha esquecido, estou só com saudades tuas.

— Eu sei — repito, aninhando-me mais nele. Ouço o firme e rápido bater do seu coração.

— Não podes andar por aí a beijar pessoas de cada vez que ficas zangada. É lixado e eu não aceito. Tu passavas-te se eu fizesse isso.

Levanto a cabeça do peito do Hardin para olhar para a sua cara hostil. Largo a *T-shirt* e toco nos seus caracóis macios.

Está com uma expressão severa, mas entreabre os lábios, deixando-me perceber que não me vai impedir que eu me aproxime. Se ele não fosse tão alto seria mais fácil. O Hardin suspira com o beijo; abraça-me com força, desce as mãos até às minhas ancas e volta a subi-las.

As minhas lágrimas misturam-se com a sua respiração pesada, numa combinação fatal de amor e luxúria. Amo-o mil vezes mais do que o desejo, mas os dois sentimentos misturam-se e intensificam-se quando ele afasta a boca e percorre-me a face e o pescoço com os lábios. Flete os joelhos e eu quase vacilo quando ele me mordisca no sítio onde a minha clavícula surgiria se eu estivesse tão magra como devia.

Começo a recuar até à cama e puxo-o pela *T-shirt* quando ele tenta protestar. Cede com um suspiro e um beijo firme no meu pescoço; chegamos ao pé da cama e detemo-nos a olhar um para o outro.

Não quero que nenhum de nós fale e estrague este momento e, por isso, dispo a blusa pela cabeça. A sua respiração volta a acelerar, já não

de raiva, mas de desejo.

Deixo cair a blusa e começo a despi-lo. Ele tira a *T-shirt* enquanto os meus dedos nervosos mas rápidos se desenvencilham do seu cinto e lhe puxam as calças pelas pernas abaixo; ele começa a ficar impaciente e ajuda a que elas desçam mais depressa.

Subimos para a cama, os seus dedos sem nunca parar de acariciar a minha pele nua. Os seus lábios encontram os meus quando muda de posição, a sua língua abrindo caminho lentamente enquanto paira sobre mim apoiado nos braços.

Sinto-o a ficar duro só com o beijo e ergo ligeiramente as ancas para me roçar nas suas. Ele geme e despe os *boxers* com uma mão até aos joelhos. A minha mão pega imediatamente no seu membro, e ele sibila-me ao ouvido. Afago-o lentamente para cima e para baixo. Inclino-me e passo a língua pela ponta da sua pila, desejando ouvir os seus gemidos. Ergo a cabeça para o encarar e envolvo-o de novo com a mão.

— Amo-te — reafirmo, enquanto ele geme no meu pescoço.

Ele puxa-me o sutiã, revelando o meu peito.

— Amo-te — diz-me ele por fim. — Tens a certeza de que queres fazer isto? Com tudo o que se está a passar e agora que não estamos ... — pergunta, e eu assinto com a cabeça.

— Por favor — suplico.

A boca dele desce ao meu peito e as suas mãos movem-se para desapertar o sutiã e o remover completamente. Sinto os seus dedos frios na minha pele quente, mas a língua dele é fogosa e carente, quando acaricia o meu mamilo e o mordisca ao de leve.

Agarro-lhe o cabelo e ele geme enquanto a sua boca procura o meu outro mamilo.

114

HARDIN

Basta vê-la a despir-se que fico pronto para me enterrar dentro dela. Sei que os nossos problemas não ficaram todos resolvidos, mas eu preciso disto, porra, *nós* precisamos disto.

Dispo as calças e deito-me de novo na cama para me juntar a ela, a esta rapariga exasperante que roubou todo o meu corpo, toda a minha alma, que eu não quero mais recuperar. Nem quero saber o que ela faz com eles. Pertencem-lhe. Eu pertenço-lhe.

Fico duro só de olhar para o seu corpo nu. Afasto a boca das suas lindas mamas apenas durante o tempo suficiente para tirar um preservativo da cómoda. Ela deita-se de costas com as pernas bem abertas.

— Quero ver-te — digo-lhe.

Ela inclina ligeiramente a cabeça para o lado, confusa, e eu seguro-a gentilmente pelos braços e puxo-a para cima de mim. O corpo dela sabe tão bem em cima do meu; ela foi feita à minha medida.

As coxas da Tessa afastam-se um pouco mais e ela mexe as ancas, roçando a sua humidade em mim. Porra, já estou ansioso e pronto, mas isto, a maneira como ela paira sobre o meu membro com um movimento provocador das ancas, está a deixar-me doido.

Insinuo a mão entre os nossos corpos e fricciono o seu clítoris com o polegar. Ela arqueja e põe as mãos no meu pescoço.

Ela desce sobre mim, e, quando entro nela, ambos suspiramos. Porra, tive saudades disto. Tive saudades de *nós.*

— É tão bom estar dentro de ti — elogio-a e vejo o seu olhar esgazeado de prazer. Contemplo-a quando as suas ancas se movimentam em círculos lentos. Ela é linda e sensual, extraordinária. Nunca vi nada nem ninguém como ela. O seu peito enche-se e esvazia-se enquanto as suas ancas se movem. Adoro vê-la a montar-me.

Ela está a ficar cada vez melhor nisto de ficar por cima. Lembro-me da primeira vez que ela tentou. Não foi má, mas esteve sempre muito

nervosa. Agora assume completamente o controlo e, porra, não podia ser melhor. Está a ficar cada vez mais à vontade com o seu corpo e isso faz-me feliz. É uma rapariga muito *sexy* e devia desfrutá-lo.

Ergo as ancas e movimento-me com ela. Ela geme e os seus olhos dilatam-se.

— É bom, não é, querida? Porra, és fantástica — encorajo-a.

Puxo-a gentilmente pelo braço para a trazer para junto de mim. Por mais que a queira observar a dominar o meu corpo, desejo muito beijá-la. Juntamos as bocas e adoro senti-la a arfar com o meu beijo.

— Diz-me como é — peço na sua boca e agarro-lhe o rabo, empurrando-me para mais fundo dentro dela.

— Bom... tão bom, Hardin — diz. Suporta o seu peso apoiando as mãos no meu peito.

— Mexe-te mais depressa, querida. — Agarro uma das suas mamas. Aperto e ela adora.

— Mmm... — aprova.

Segundos mais tarde, ela estremece e para. O seu olhar encontra o meu.

— Que foi? — Tento endireitar-me sem sair de dentro dela.

— Nada... senti só... mais fundo ou assim. Consigo sentir-te muito mais fundo. — Ela cora, a voz suave e surpreendida.

— Bom ou mau? — Levanto a mão para lhe prender o cabelo atrás da orelha.

— Ah, é bom — diz enquanto revira os olhos.

Já comi esta rapariga tantas vezes e ela continua basicamente sem saber nada de sexo, exceto sexo oral. Nisso é ótima.

Movo as ancas dela de novo, tentando encontrar aquele sítio, o sítio que a vai fazer gritar o meu nome em poucos segundos. Adoro vê-la a menear as ancas; têm uma forma mais do que perfeita. As suas unhas cravam-se no meu peito nu e percebo que encontrei o sítio. Ela tapa a boca com a mão e morde a palma para se silenciar quando eu ergo as ancas de encontro a ela, para entrar e sair dela mais depressa.

— Vou fazer-te vir assim — murmuro.

Ela é demasiado perfeita. Os seus olhos fecham-se com força e os seus movimentos tornam-se mais lentos.

— Vais-te vir agora, não vais? Vais-te vir para mim, querida?

— Hardin... — Ela geme o meu nome, e é a resposta perfeita.

— Merda. — Não consigo evitar praguejar quando as costas dela arqueiam e os seus olhos azul-acinzentados se fecham outra vez. As unhas da sua mão livre cravam-se no meu peito e sinto-a a contrair-se à minha volta. Porra, ela sabe tão bem. Mudo o ritmo e mexo-me mais devagar, mas certifico-me de que a atinjo o mais fundo que consigo com cada avanço das minhas ancas.

Sei o quanto ela gosta de me ouvir falar enquanto a como, e ela grita para a mão quando eu deixo escapar um — Ah, porra! — e encho o preservativo.

— Hardin... — geme ela, e encosta a cabeça ao meu peito, sem fôlego.

— Querida — digo e ela ergue o olhar para mim com um sorriso sonolento.

Sincronizo a respiração com a dela e passo os dedos por aqueles cabelos louros desalinhados que se espalham pelo meu peito. Continuo furioso com ela, e com o Zed, mas amo-a e estou a tentar provar-lhe que estou a mudar por ela. Não posso negar que a nossa comunicação está mil vezes melhor do que antes.

Ela vai ficar lixada comigo, mais uma vez, por causa do Zed, mas ele tem de saber que ela é minha e que, se lhe volta a tocar, é um homem morto.

115

TESSA

Descanso em cima do peito do Hardin para recuperar o fôlego. Os nossos peitos nus movem-se lentamente para cima e para baixo, na nossa felicidade pós-orgasmo. Não foi tão estranho como eu pensava que ia ser. Tinha umas saudades desesperadas desta nossa intimidade; sei que fazer amor com ele tão cedo, antes de resolvermos os problemas, pode não ter sido a melhor ideia, mas agora, enquanto os seus dedos sobem e descem pela minha coluna, parece mesmo que foi.

Não paro de rever a imagem do seu corpo debaixo do meu, quando ele erguia as ancas do colchão para me preencher completamente. Dormimos juntos muitas vezes, mas esta vai ficar como uma das melhores. Foi tão intensa, sincera e cheia de vontade, ou melhor, desejo, um pelo outro.

Ainda há poucos momentos o Hardin estava numa fúria completamente descontrolada, mas, quando ergo o olhar para ele, os seus olhos estão fechados e os lábios ligeiramente curvados para cima.

— Sei que estás a olhar para mim e tenho de ir mijar — diz finalmente, e desato a rir-me. — Upa, upa. — Levanta o meu corpo pelas ancas e pousa-me ao seu lado.

Passa as mãos pelo cabelo e afasta a franja da testa enquanto apanha as roupas do chão e desaparece do quarto em tronco nu, deixando-me sozinha para eu me vestir. Vislumbro a sua *T-shirt* usada no chão e, como de costume, dobro-me para pegar nela. Mas volto a largá-la. Não quero apressar as coisas ou deixá-lo zangado, por enquanto é melhor vestir a minha própria roupa.

Como já são quase oito da noite, visto umas calças de fato de treino largas e uma *T-shirt* lisa. Os escombros da explosão do Hardin espalham-se pelo chão e decido pôr alguma ordem no quarto; começo a arrumar as roupas nas gavetas. O Hardin entra no quarto quando estou a fechar a minha mala cheia de romances.

— O que é que estás a fazer? — pergunta. Traz um copo de água e

um queque numa das suas grandes mãos.

— Só a pôr um pouco de ordem nisto — digo, baixinho.

Não sei bem como agir, porque tenho medo de voltarmos a discutir.

— Está bem... — diz, pousando o bolo e o copo na cómoda antes de se aproximar de mim. — Eu ajudo — oferece e apanha a cadeira partida do chão. Em silêncio, esforçamo-nos para devolver o quarto ao seu estado normal. O Hardin apanha a mala e leva-a para o armário, quase tropeçando numa almofada decorativa da cama.

Não sei se devo ser a primeira a falar e não tenho a certeza do que dizer; sei que ele ainda está zangado, mas continua a olhar para mim, por isso não deve estar demasiado furioso.

Regressa com um saco pequeno e uma caixa de tamanho médio na mão.

— O que é isto?

Oh, não.

— Nada — ponho-me rapidamente em pé para lhe tirar os embrulhos da mão.

— São para mim? — pergunta com uma expressão curiosa.

116

HARDIN

— Não — mente ela e põe-se em bicos de pés para tentar tirar a caixa da minha mão esquerda. Levanto-a mais alto.

— A etiqueta tem o meu nome — aponto e ela baixa os olhos.

Porque é que está tão envergonhada?

— Eu só... bem, comprei-te umas coisas antes, mas agora parecem tão patetas; não tens de os abrir.

— Mas eu quero — digo-lhe e sento-me na borda da cama. Não devia mesmo ter partido aquela cadeira horrorosa.

Ela suspira e mantém-se no outro lado do quarto enquanto eu arranco a fita-cola do papel de embrulho. Fico um pouco irritado com a quantidade de fita-cola que ela usou nesta caixa, mas admito que estou um pouco...

... *entusiasmado*.

Não exatamente entusiasmado, mas feliz. Não me lembro da última vez que alguém me deu um presente de aniversário; nem mesmo a minha mãe. Desde muito pequeno que desdenhei os dias de anos, e reagia de um modo tão insolente aos presentes que a minha mãe me oferecia que ela desistiu de mos comprar ainda antes de eu fazer dezasseis anos.

O meu pai mandava todos os anos um cartão merdoso com um cheque lá dentro, mas eu divertia-me a queimar aquela porcaria. Até mijei em cima daquele que chegou no meu décimo sétimo aniversário. Por fim, consigo abrir a caixa e vejo que há várias coisas lá dentro.

Em cima, está uma cópia em segunda mão de *Orgulho e Preconceito*, e, quando lhe pego, a Tessa corre até mim e tira-ma da mão.

— Esse é estúpido... não ligues a esse — diz, mas claro que essa é a última coisa que eu vou fazer.

— Porquê? Devolve-o — exijo, estendendo a mão.

Levanto-me e ela parece lembrar-se de que é óbvio que não vai ganhar esta batalha e por isso devolve-me o livro. Percorro as páginas e

reparo que estão cheias de traços amarelo-vivo.

— Lembras-te de falares em sublinhares Tolstói? — pergunta-me com o rosto muito vermelho.

— Sim?

— Bem... eu também fiz isso — admite, e entreolhamo-nos.

— A sério? — exclamo e abro numa página que está quase repleta de sublinhados.

— Sim. Mas sobretudo neste livro; não tens de o ler outra vez nem nada. Não tenho mesmo jeito... para escolher presentes.

Mas não é verdade. Adoro a ideia de ver quais as frases no seu romance favorito que a fazem pensar em mim. Este é o melhor presente que alguém me podia ter dado. São estas coisas simples — como o facto de estarmos os dois a ler Jane Austen, quando nenhum de nós estava ciente disso — que me incutem esperança e me fazem acreditar que vamos conseguir resolver os problemas.

— É evidente que tens — digo-lhe e volto a sentar-me na cama.

Guardo o romance debaixo da perna para impedir que ela mo volte a roubar. Dou uma risadinha quando vejo o segundo presente.

— Para que é isto? — pergunto com um sorriso, pegando numa pasta de cabedal.

— A tua pasta, aquela coisa que tu usas, está completamente cheia e toda desorganizada. Vês, esta tem separadores para cada dia da semana, ou assuntos, podes decidir como quiseres. — Sorri.

Acho graça a este presente porque já reparei que ela se contorce quando eu enfio papéis na minha velha pasta. Nunca permiti que ma organizasse, apesar das suas múltiplas tentativas, e sei que isso a deixa doida. Não quero que ela veja o que está lá dentro.

— Obrigado. — Rio-me.

— Esse não era bem um presente. Comprei-o há uns tempos e estava só à espera do momento para deitar fora a tua pasta velha, mas nunca tive oportunidade — admite, rindo.

— Isso é porque eu a mantive longe de ti. Já sabia o que andavas a preparar — brinco. Falta abrir o saco mais pequeno e, mais uma vez, rio-me da escolha dela.

Kickboxing é a primeira palavra que leio no pequeno bilhete.

— É uma semana de *kickboxing* no ginásio perto do nosso... do teu

apartamento — Ela sorri, claramente orgulhosa do seu presente espirituoso.

— E porque é que achaste que eu estaria interessado em *kickboxing*?

— Tu sabes bem porquê.

Claro que me ofereceu isto para eu poder libertar alguma da minha fúria.

— Nunca pratiquei.

— Pode ser divertido — diz ela.

— Não tão divertido como dar uma sova em alguém sem usar proteções — respondo, e ela franze as sobrancelhas. — Estava a brincar — digo e pego no CD que ainda está dentro da caixa. Tenho vontade de troçar dela por me comprar um CD quando eu podia facilmente descarregar o álbum. Mas vou deliciar-me a ouvi-la trautear as músicas; presumo que é o segundo dos Fray.

Tenho a certeza de que ela já sabe de cor todas as palavras de todas as músicas e vai adorar explicar-me o significado delas quando as ouvirmos no carro.

117

TESSA

— Ficas comigo esta noite? — pede o Hardin, observando-me. Aceno avidamente.

E, agora que ele está a despir a *T-shirt*, agarro-a com ansiedade e encosto-a ao meu peito. Ele observa-me a mudar de roupa, mas mantém-se silencioso. O nosso relacionamento é tão confuso — é sempre —, mas agora ainda está mais. Por enquanto, não tenho a certeza de quem tem vantagem. Há bocado, estava zangada com ele por me deixar à espera no seu dia de anos, mas acredito que a culpa não foi dele e por isso voltei ao ponto em que estava há uns dias, quando ele foi tão amável e me levou a patinar no gelo.

Ele estava tão furioso comigo por causa do Zed, mas agora os seus sorrisos e humor sarcástico fazem-me quase esquecer o seu anterior estado de espírito. Será que as saudades que tinha de mim suplantaram a raiva e está contente por eu já não estar zangada com ele? Não estou a perceber o raciocínio, mas sei que é melhor não lhe fazer perguntas. Quem me dera ter uma oportunidade para falar sobre Seattle. Como será que ele vai reagir? Nem lhe quero dizer, mas sei que tenho de o fazer. Será que vai ficar feliz por mim? Não me parece; de facto, sei como vai reagir.

— Anda cá. — Está deitado em cima da cama e chama-me para junto do seu peito. Toca no comando da televisão que está na parede e faz *zapping*, canal após canal, antes de parar numa espécie de documentário histórico.

— Como é que foi voltares a ver a tua mãe? — pergunto-lhe uns minutos mais tarde.

Ele não responde e, quando olho para ele, vejo que adormeceu profundamente.

Quando volto a acordar, sinto que está muito calor, mesmo muito. O Hardin está deitado em cima de mim, com quase todo o seu peso a

pressionar-me contra o colchão. Estou deitada de costas e o Hardin de barriga para baixo, com a cabeça pousada no meu peito; tem um dos braços à volta da minha cintura e o outro esticado ao seu lado. Já tinha saudades de dormir assim e até mesmo de acordar a suar, com o corpo do Hardin em cima do meu. Olho para o relógio e vejo que são sete e vinte — o despertador está programado para tocar dentro de dez minutos. Não quero acordar o Hardin, ele parece tão sereno; um sorriso suave aflora aos seus lábios adormecidos. Normalmente ele está com as sobrancelhas franzidas, mesmo enquanto dorme.

Tento mover-me sem o acordar e afasto o braço dele da minha cintura.

— Mmm... — queixa-se, enquanto o seu olhar se agita e o seu corpo se mexe, apertando-me com mais força.

Olho para o teto e pondero se devo ou não empurrá-lo para o outro lado.

— Que horas são? — pergunta com uma voz ensonada.

— Quase sete e meia — respondo baixinho.

— Raios. Podemos baldar-nos hoje?

— Eu não, mas *tu* podes. — Sorrio e afago-lhe o cabelo, massajando suavemente o seu couro cabeludo

— Podíamos ir tomar o pequeno-almoço? — Fita-me.

— A tua proposta é aliciante, mas não posso. — No entanto, é o que me apetece. Ele desliza o corpo um pouco para baixo e pousa o queixo no meu peito. — Dormiste bem? — pergunto-lhe.

— Sim, muito. Não dormia assim desde... — Não acaba a frase.

Subitamente, sinto-me tão feliz e sorrio abertamente.

— Fico contente por teres conseguido dormir.

— Posso dizer-te uma coisa? — Ainda não parece bem acordado; os seus olhos estão vidrados e a sua voz está muito rouca.

— Claro. — Volto a afagar-lhe a cabeça.

— Quando estava em Inglaterra, em casa da minha mãe, tive um sonho... bem, um pesadelo.

Oh, não. O meu coração estremece. Sabia que os pesadelos tinham voltado, mas ainda me magoa ouvi-lo confirmá-lo.

— Que chatice os sonhos terem voltado.

— Não, não se limitaram a voltar, Tess. Pioraram. — Sinto o corpo

dele a tremer, mas a sua cara não revela emoções.

— Pioraram?

Como é que podiam piorar?

— Eras tu, eles estavam... a fazê-lo a ti — diz e fico gelada.

— Ah. — O meu tom de voz é fraco, patético.

— Sim. Foi... foi uma merda. Foi muito pior do que os anteriores pesadelos porque já estou habituado aos pesadelos com a minha mãe.

Assinto com a cabeça e acaricio o seu braço nu.

— Nem tentei dormir depois disso. Mantive-me propositadamente acordado, com medo de voltar a ter esse pesadelo. A ideia de alguém te fazer mal deixa-me doido.

— Que chatice. — Está com um olhar sombrio e eu estou lavada em lágrimas.

— Não tenhas pena de mim. — Levanta a mão e enxuga-me as lágrimas antes de caírem.

— Não tenho. Deixa-me transtornada porque não quero que sofras. Não sinto pena de ti. — É verdade, eu não sinto piedade por ele. Sinto-me terrivelmente mal por este homem despedaçado que tem pesadelos com a mãe a ser violada e abusada, e a ideia de a minha cara substituir a da Trish perturba-me. Não quero esses pensamentos a torturarem a sua mente já de si angustiada.

— Sabes que eu nunca deixaria que alguém te magoasse, não sabes? — Os olhos dele encontram os meus.

— Sim, eu sei, Hardin.

— Mesmo agora, mesmo que nunca regressemos ao que éramos antes. Eu matava quem ousasse tentar, sabes? — O seu tom é assertivo mas suave.

— Eu sei — asseguro-lhe com um pequeno sorriso.

Não quero parecer alarmada com as suas ameaças súbitas, porque sei que ele as diz afetuosamente.

— Foi bom dormir. — Ele aligeira um pouco o ambiente e eu aceno em concordância.

— Onde é que queres ir tomar o pequeno-almoço? — pergunto-lhe.

— Disseste que não, que...

— Mudei de ideias. Tenho fome.

Depois de ele me falar nos seus pesadelos, quero passar a manhã

com ele; talvez continue a falar abertamente. Costumo ter de lhe tirar as informações a ferros, mas agora ele confessou isto de livre vontade, o que foi um passo importante.

— A história patética convenceu-te facilmente? — Ergue as sobrancelhas.

— Não digas isso. — Faço uma careta.

— Porquê? — Endireita-se e sai da cama.

— Porque não é verdade. Não foi *o que* me contaste que me fez mudar de ideias, foi o facto de *teres* partilhado isso comigo. E não digas que és patético. Isso não é, definitivamente, verdade. — Ponho os pés no chão, enquanto ele enfia as calças. — *Har*din... — digo quando ele não responde.

— *Tes*sa... — goza-me ele, numa voz esganiçada.

— Estou a falar a sério, não devias pensar isso de ti.

— Eu sei — diz rapidamente, terminando abruptamente a conversa.

Eu sei que o Hardin está longe de ser perfeito e tem defeitos, mas toda a gente os tem, especialmente eu. Gostava que ele se conseguisse ver para além dos seus defeitos; talvez isso o ajudasse a resolver os seus problemas em relação ao futuro.

— Então, tenho-te o dia todo ou só para o pequeno-almoço? — Dobra-se para enfiar o pé no sapato.

— Gosto desses sapatos, já estava para te dizer. — Aponto para os ténis pretos que ele está a calçar.

— Ah... obrigado... — Aperta os atacadores e volta a endireitar-se. Para alguém com um *ego* tão grande, é-lhe difícil aceitar elogios. — Ainda não me respondeste.

— Só o pequeno-almoço. Não posso faltar às aulas todas. — Dispo a *T-shirt* dele e visto a minha.

— Está bem.

— Preciso só de me pentear e lavar os dentes — digo depois de acabar de me vestir. Quando estou a lavar os dentes, o Hardin bate à porta. — Entra — balbucio por entre a pasta de dentes que tenho na boca.

— Há muito tempo que não fazemos isto — diz-me.

— Sexo na casa de banho? — pergunto. *Porque é que eu disse isto?*

— Nãããão... ia dizer «lavar os dentes juntos». — Ri-se e abre uma

das embalagens de escovas de dentes que estão no armário. — No entanto, se sexo na casa de banho é algo que queiras... — brinca o Hardin, e eu reviro os olhos.

— Não sei porque é que disse aquilo, foi a primeira coisa que me veio à cabeça. — Tenho de me rir da minha estupidez e das minhas respostas precipitadas.

— Bem, isso é bom de ouvir. — Põe a escova debaixo da torneira e não diz mais nada. Depois de ambos escovarmos os dentes e de eu apanhar o cabelo num rabo de cavalo, descemos. A Karen e o Landon estão na cozinha a conversar, com tigelas de papas de aveia à sua frente.

O Landon faz-me um sorriso caloroso; não se mostra muito surpreendido ao ver-me a mim e ao Hardin juntos. Nem a Karen. Até acho que ela parece... contente? Não consigo perceber, porque ela leva a caneca de café à boca para esconder o sorriso.

— Eu levo a Tessa ao *campus* hoje — diz o Hardin ao Landon.

— Está bem.

— Pronta? — O Hardin volta-se para mim e eu aceno.

— Vejo-te na aula de Religiões — digo ao Landon antes de o Hardin me arrastar, literalmente, para fora da cozinha. — Qual é a pressa? — pergunto-lhe quando chegamos ao exterior.

Ao descermos o caminho de acesso à garagem, tira-me o saco do ombro.

— Nenhuma, mas eu conheço-vos aos dois; se começam a falar, nunca mais saímos dali, e, se metermos a Karen ao barulho, morro de fome antes de se calarem. — Abre-me a porta do carro e dá a volta para ele próprio entrar.

— É verdade — sorrio.

Debatemo-nos entre o IHOP ou o Denny’s durante, pelo menos, vinte minutos antes de nos decidirmos pelo IHOP. O Hardin afirma que as melhores rabanadas são as do IHOP, mas só acredito depois de as comer.

Quando entramos, uma mulher baixa com um lenço azul em volta do pescoço avisa-nos: — Vai demorar dez a quinze minutos a haver uma mesa vaga.

— Está bem — respondo, ao mesmo tempo que o Hardin responde:

— Porquê?

— Estamos cheios e não há mesas disponíveis de momento — explica gentilmente. O Hardin revira os olhos e eu afasto-o dela e vamo-nos sentar no banco da entrada.

— É bom ver que estás de volta — brinco.

— O que é que isso quer dizer?

— Estou só a dizer que continuas com o teu péssimo feitio.

— Quando é que o perdi?

— Não sei, quando saímos no nosso programa a dois e um bocadinho ontem à noite.

— Destruí o quarto e insultei-te — recorda-me.

— Eu sei, estou a tentar dizer uma piada.

— Bem, tenta uma melhor para a próxima — diz, mas vejo um esboço de um sorriso a aparecer.

Quando, finalmente, conseguimos um lugar, fazemos o nosso pedido a um jovem com uma barba excessivamente comprida para alguém que trabalha como empregado de mesa. Depois de ele se afastar, o Hardin queixa-se e jura que, se encontrar um pelo na comida, se vai passar.

— Era só para mostrar que mantenho o mau feitio — recorda-me e eu rio.

Adoro o seu esforço para ser mais simpático, mas também gosto da sua atitude um pouco implacável e de não se importar com o que as pessoas pensam dele. Gostava que algumas dessas suas qualidades passassem para mim. Ele continua a enumerar uma lista de outras coisas que não lhe agradam neste restaurante até a nossa comida chegar.

— Porque é que não podes faltar o dia todo? — pergunta o Hardin enquanto enfia uma garfada de rabanada na boca.

— Porque... — começo a dizer. Oh, sabes, porque vou pedir transferência para outro *campus* e não quero complicar as coisas, perdendo pontos de participação antes de me transferir a meio do semestre. — Não quero perder as minhas melhores notas — digo-lhe.

— Estás na universidade, ninguém vai às aulas — responde, pela centésima vez desde que o conheci.

— As aulas de ioga continuam a não te motivar? — Rio-me.

— Nada mesmo.

Acabamos o pequeno-almoço e mantemos este estado de espírito agradável enquanto o Hardin conduz em direção ao *campus*. O telemóvel dele vibra na consola mas ele ignora-o. Quero atender por ele, mas estamos a dar-nos tão bem. À terceira vez que toca, finalmente pergunto: — Não vais atender?

— Não, vai para a caixa de mensagens. Deve ser a minha mãe. — Levanta o telemóvel para me mostrar o ecrã.

— Vês, deixou uma mensagem de voz. Podes ouvi-la? — pede.

A curiosidade toma conta de mim e tiro-lhe o telemóvel das mãos.

— Alta voz — ordena.

«Tem sete novas mensagens», anuncia a voz eletrónica quando ele estaciona o carro.

Geme. — É por isto que nunca as abro.

Pressiono a tecla para ouvir a primeira delas. — *Hardin?... Hardin, é a Tessa... Eu...* — Tento carregar no botão para terminar mas o Hardin tira-me o telemóvel da mão.

Oh, meu Deus.

— *Bem, eu preciso de falar contigo. Estou no meu carro e estou tão confusa...* — A minha voz é histérica e só quero saltar do carro.

— Por favor, desliga — suplico-lhe, mas ele passa o telemóvel para a outra mão, onde eu não chego.

— O que é isto? — pergunta, olhando para o telemóvel.

— *Porque é que não me telefonaste? Deixaste-me ir embora e aqui estou eu, nesta figura patética e a chorar para a tua caixa de mensagens. Tenho de perceber o que nos aconteceu. Porque é que desta vez foi diferente? Porque é que não discutimos? Porque é que não lutaste por mim? Eu mereço ser feliz, Hardin.* — A minha voz idiota enche o carro, aprisionando-me lá dentro.

Fico em silêncio a olhar para as minhas mãos pousadas no colo. Isto é humilhante; quase me tinha esquecido daquela mensagem e desejava que ele não a tivesse ouvido, sobretudo agora.

— Quando é que deixaste esta mensagem?

— Quando estavas fora.

Ele respira profundamente e termina a chamada. — Estavas confusa com o quê? — pergunta.

— Não acho que queiras falar sobre isso. — Mordo o lábio.

— Quero, sim. — O Hardin desaperta o cinto de segurança e vira-se para mim.

Fito-o e ganho coragem para lhe dizer: — Essa mensagem horrível é da noite... da noite em que o beijei.

— Ah. — Ele vira a cara para o lado.

O pequeno-almoço correu tão bem e acabou por ser estragado pela estúpida mensagem que enviei no meio de um maremoto emocional. Não devia ser responsabilizada por isto.

— Antes ou depois de o teres beijado?

— Depois.

— Quantas vezes é que o beijaste?

— Uma.

— Onde?

— No meu carro — guincho.

— E depois? O que é que fizeste depois de deixares esta mensagem? — Ergue o telemóvel entre nós.

— Voltei para o apartamento dele. — Assim que as palavras deixam a minha boca, o Hardin pousa a cabeça no volante. — Eu... — começo a dizer.

Ele levanta um dedo para me silenciar. — O que é que aconteceu no apartamento dele? — Fecha os olhos.

— Nada! Chorei e vimos televisão.

— Estás a mentir.

— Não, não estou. Dormi no sofá. A única vez que dormi no quarto dele foi na noite em que apareceste lá. Não fiz nada com ele, exceto beijá-lo, e há alguns dias, quando me encontrei com ele para almoçar, ele tentou beijar-me e eu afastei-me.

— Ele tentou beijar-te *outra vez*?

Merda. — Sim, mas ele compreende os meus sentimentos por ti. Eu sei que foi tudo uma trapalhada e lamento ter passado uns momentos com ele. Não tenho um bom motivo ou desculpa, mas lamento.

— Lembras-te do que me prometeste, não te lembras? Que te vais manter afastada dele? — Levanta a cabeça do volante, respirando de uma forma controlada, demasiadamente controlada.

— Sim, lembro-me. — Não gosto da ideia de me dizerem de quem é que posso ser amiga, mas não posso dizer que, se os papéis se

invertessem, o que ultimamente aconteceu muitas vezes, não esperaria o mesmo da parte dele.

— Agora que sei os pormenores, não quero voltar a falar nisso, está bem? A sério... tipo, nem sequer quero ouvir-te pronunciar a merda do nome dele. — Está a tentar manter-se calmo.

— Está bem — concordo e estendo a mão para pegar na dele. Também não quero falar mais disso; não há mais nada a dizer sobre o assunto e voltar ao mesmo só vai complicar ainda mais a nossa relação já de si danificada. De certo modo, sinto-me aliviada por, desta vez, ser eu a causadora deste problema, porque a última coisa de que o Hardin precisa é de ter mais um motivo para se desprezar.

— É melhor irmos para as aulas — diz por fim.

O meu coração parte-se com a frieza com que fala comigo, mas não digo nada quando ele retira a mão de entre as minhas. O Hardin acompanha-me ao edifício de filosofia e eu olho em volta a ver se descubro o Landon, mas não o vejo. Já deve ter entrado.

— Obrigada pelo pequeno-almoço — digo e tiro-lhe o saco da mão.

— De nada. — Encolhe os ombros e eu tento sorrir antes de me virar e me afastar.

Aperta-me o braço e, ainda antes de a sua boca se encostar à minha, ele reclama-me como só ele sabe fazer.

— Vejo-te depois das aulas. Amo-te. — Respira fundo e retira-se, deixando-me ofegante e a sorrir ao entrar no edifício.

118

HARDIN

Ouço aquela mensagem pela quinta vez, enquanto ando pelo passeio do *campus*. Ela parece tão infeliz e transtornada. De uma forma perversa, agrada-me perceber a angústia e a tristeza sincera que a sua voz revela ao chorar ao meu ouvido. Queria saber se ela se sentiu infeliz sem mim como eu me senti sem ela, e aqui tenho a prova. Sei que perdoei depressa de mais o beijo que deu àquele idiota, mas que mais podia fazer? Não consigo estar sem ela e já fizemos cenas bem lixadas — não foi só ela.

De qualquer maneira, a culpa é toda dele; ele sabia que, se nos separássemos, ela ia ficar muito vulnerável. Eu sei que ele sabia isso: ele viu-a a chorar e vai beijá-la uma semana depois de ela me ter deixado? Que filho da mãe é que faz isso?

Ele aproveitou-se dela, da minha Tessa, e eu não vou tolerar isso, porra. Ele pensa que é tão fixe e que se safa sempre de todas as merdas que faz, mas não é assim.

— Onde é que está o Zed Evans? — pergunto a uma rapariga baixa e loura sentada ao pé de uma árvore perto do edifício de estudos ambientais.

Porra, afinal porque é que há uma árvore gigantesca no meio deste edifício estúpido?

— Na sala das plantas, número duzentos e dezoito — informa-me com uma voz trémula.

Chego, por fim, à sala com o número «218» na porta e abro-a antes de pensar na promessa que fiz à Tessa. De qualquer maneira, não estava a pensar deixá-lo em paz, e perceber como ela estava perturbada na noite em que esteve com ele piorou ainda mais as coisas.

A sala está cheia de filas de plantas. Quem é que gostaria de ganhar a vida a mexer nesta treta o dia inteiro?

— O que é que estás a fazer aqui? — ouço-o antes de o conseguir

ver.

Ele está de pé, ao lado de uma caixa grande ou coisa do género; move-se e eu dou um passo na sua direção.

— Não te faças de estúpido, porra, sabes exatamente porque é que eu estou aqui.

Ele sorri.

— Não, lamento, não sei. O estudo da botânica não requer poderes paranormais.

Ele goza-me com a merda daqueles óculos de proteção na cabeça. — Tens mesmo a lata de te comportares como um filho da mãe presunçoso?

— Quanto a quê?

— À Tessa.

— Não, não me estou a comportar como um filho da mãe. Tu é que a tratas mal, portanto não fiques lixado quando ela foge para mim por causa disso.

— Porra, és assim tão estúpido para te meteres com o que é meu?

Ele afasta-se e caminha pela passagem ao lado da minha. — Ela não é tua. Não és dono dela — desafia-me.

Estico-me por cima das caixas de plantas para o agarrar pelo pescoço... e esmago a cara dele contra a barreira de metal que nos separa. Ouço um estalar nítido, por isso já sei o que aconteceu. Ele levanta a cabeça e grita: — Partiste-me o nariz, porra! — Luta para escapar ao meu aperto, e tenho de admitir que toda esta quantidade de sangue a cair-lhe pela cara *é* um pouco alarmante.

— Avisei-te vezes sem conta, ao longo destes meses, porra, para te afastares da Tessa e tu o que é que fizeste? Beijaste-a, puseste-a a dormir na porra da tua cama. — Avanço na sua direção.

A mão dele está a tapar o nariz partido e o sangue escorre-lhe pela cara abaixo. — E eu já te disse que me estou a cagar para o que tu me dizes, porra — rosna, aproximando-se de mim. — Acabaste de me partir a merda do nariz! — grita de novo.

Porra, a Tessa vai matar-me.

Devia ir-me já embora. Ele merece levar outra sova, mas ela vai ficar furiosa.

— Fizeste-me coisas piores, continuas a meter-te com a minha

namorada! — grito-lhe.

— Ela não é a tua namorada e eu ainda nem sequer comecei a meter-me com ela.

— Estás mesmo a ameaçar-me agora?

— Não sei, estou?

Dou outro passo na sua direção e ele surpreende-me com um soco. O punho dele embate no meu maxilar e eu cambaleio para trás, contra uma caixa de madeira com plantas. Espatifam-se no chão e, enquanto recupero, ele ataca-me outra vez com fúria, mas desta vez consigo detê-lo e desviar-me para o lado.

— Pensavas que eu era um totó, não pensavas? — Faz um sorriso demente e ensanguentado e continua a andar na minha direção. — Pensavas mesmo que eras um mauzão, não era? — Ri-se, parando para cuspir sangue para o chão de tijoleira branca.

Agarro a sua bata e empurro-o contra outra fila de plantas; as plantas e os nossos corpos tombam para o chão. Subo para cima dele, certificando-me de que não o deixo controlar. Pelo canto do olho, vejo-o levantar o braço, mas, antes de perceber o que está a acontecer, ele já despedaçou um dos pequenos vasos na minha cabeça.

Estremeço e pestanejo rapidamente para recuperar a visão. Sou mais forte do que ele, mas parece que ele é melhor lutador do que eu imaginava.

Mas nem pensar que o vou deixar vencer.

— Também já a comi — troça enquanto o seguro pelos cabelos e lhe bato com a cabeça no chão. Por esta altura, já não quero saber se o mato ou não.

— Não, não comeste! — grito.

— Sim, comi, ela era... boa e ap-apertada, também. — A voz dele está estrangulada e intermitente, a cuspir o seu veneno com as minhas mãos ainda na cara dele.

O meu punho atira-lhe a cabeça para o lado e ele grita de dor, e, por uns breves momentos, ponho a hipótese de lhe agarrar o nariz partido entre os dedos para lhe causar ainda mais dor. Os pés dele pontapeiam freneticamente por baixo de mim para me tentar tirar de cima dele. Imagens do Zed a tocar na Tessa incitam-me, inflamando-me de um modo como nunca me senti.

As mãos dele agarram-me nos braços, tentando retirar o meu corpo de cima do dele. — Nunca mais lhe vais voltar a tocar, porra — digo e levo uma mão à garganta dele. — Se achas que ma vais roubar, estás enganado.

Aperto-lhe o pescoço com toda a força. A sua cara ensanguentada fica vermelha e ele tenta falar, mas só consegue arquejar.

— Que raio é que se está a passar aqui? — grita uma voz masculina atrás de mim.

Quando viro a cabeça para ver a quem pertence a voz, o Zed tenta pôr as mãos à volta do meu pescoço. Porra, não vai acontecer. Mais um murro na cara é tudo o que é preciso para os braços dele se prostrarem no chão ao longo do seu corpo.

Uma mão fecha-se sobre o meu braço e eu afasto-a.

— Chamem a segurança do *campus*! — diz a voz, e eu apresso-me a sair de cima do Zed.

Porra.

— Não, não chamem — digo e endireito-me, cambaleante.

— O que é que se está a passar aqui? Sai daqui! Espera na outra sala! — grita o homem de meia-idade, mas eu não me movo. Presumo que seja um professor. *Porra*.

— Ele entrou aqui e atacou-me — diz o Zed e começa a chorar. Ele começa, literalmente, a *chorar*.

Levanta-se com a mão a cobrir o nariz inchado e torcido. A cara dele está ensanguentada, a bata manchada de vermelho e o seu sorriso presunçoso evaporou-se.

Com um ar autoritário, o homem aponta para mim e ordena:

— Vira-te para a parede até chegar a polícia! Estou a falar a sério, não te mexas nem um centímetro!

Porra, a polícia do *campus* está a chegar. Estou fodido. O que é que me deu para vir aqui? Prometi manter-me afastado dele se ela também o fizesse.

Agora que quebrei mais uma das minhas promessas, será que ela vai quebrar as dela?

119

TESSA

Quando a caneta se encosta ao papel, tenho a intenção de escrever sobre a minha avó e como ela dedicou toda a sua vida ao cristianismo, mas é o nome do Hardin que aparece em tinta preta.

— Miss Young? — diz baixinho a voz do professor Soto, embora suficientemente alto para que todos na primeira fila o ouçam.

— Sim? — Levanto a cabeça e reparo imediatamente no Ken. *Porque é que o Ken está aqui?*

— Tessa, preciso que venhas comigo — diz, e a loura irritante atrás de mim faz um «ooohhh» como se estivéssemos no sexto ano. O mais provável é ela nem sequer saber que ele é o reitor da universidade.

— O que é que se passa? — pergunta o Landon ao Ken quando eu me levanto e começo a arrumar as coisas.

— Falamos lá fora. — A voz do Ken está trémula.

— Também vou — diz o Landon e levanta-se.

O professor Soto olha para o Ken. — Concorda com isto?

— Sim, é meu filho — diz, e o professor arregala os olhos.

— Ah, desculpe. Não sabia; e ela é sua filha? — pergunta.

— Não — diz o Ken laconicamente. Parece estar em pânico, o que me está a começar a assustar.

— O Hardin... — começo a perguntar, mas o Ken conduz-me até lá fora com o Landon atrás de mim.

— O Hardin foi preso — diz-nos o Ken assim que chegamos lá fora.

Não consigo respirar. — Ele *o quê*?

— Foi preso por lutar e vandalizar a propriedade do *campus*.

— Oh, meu Deus — é a única coisa que me ocorre dizer.

— Quando? Como? — pergunta o Landon.

— Há uns vinte minutos. Estou a fazer os possíveis por manter o assunto na jurisdição do *campus*, mas ele não está a facilitar as coisas. — O Ken atravessa a rua a um passo muito rápido, obrigando-me quase a correr para o acompanhar.

Não consigo pensar com lucidez: *O Hardin preso? Oh, meu Deus. Como é que ele pôde ser preso? Com quem é que lutou?*

Mas já sei a resposta a essa pergunta.

Porque é que ele não manteve a calma por uma vez? Ele estará bem? Vai para a cadeia? Mesmo para a cadeia? O Zed estará bem?

O Ken destranca as portas do carro e entramos os três.

— Onde é que vamos? — pergunta o Landon.

— Para a segurança do *campus*.

— Ele está bem? — pergunto.

— Tem um corte na face e outro na orelha, pelo que ouvi dizer.

— «Ouviu»? Ainda não o viu? — pergunta o Landon ao padrasto.

— Não, não vi. Está a fazer uma cena, por isso achei melhor ir primeiro buscar a Tessa. — Gesticula na minha direção.

— Sim, foi boa ideia — concorda o Landon e eu mantenho-me calada.

Um corte na face e outro na orelha? Espero que não esteja com dores. Oh, meu Deus, isto é tudo de doidos. Eu devia ter concordado em passar o dia com ele. Se o tivesse feito, ele hoje não tinha vindo ao *campus*.

O Ken voa por várias ruas secundárias e, ao fim de cinco minutos, estacionamos em frente ao pequeno edifício de tijolo que alberga a segurança do *campus*. Há um sinal de «proibido estacionar» mesmo no lugar onde ele estaciona, mas suponho que arrumar onde lhe apetece é um dos privilégios de ser reitor.

Apressamo-nos a entrar no edifício e eu começo imediatamente à procura de qualquer sinal do Hardin.

Mas ouço-o antes de o ver...

— Estou-me a cagar, não passas de um anormal com um crachá falso! Não passas, praticamente, de um segurança de um centro comercial, minha besta!

Sigo a sua voz e viro para o corredor à procura dele... Oiço o Ken e o Landon atrás de mim, mas só me interessa chegar ao Hardin.

Chego a um sítio onde estão várias pessoas reunidas... e vejo o Hardin dentro de uma pequena cela a andar para a frente e para trás. *Merda.* Está com os braços atrás das costas, algemados.

— Vão-se foder! Vocês todos! — grita.

— Hardin! — A voz do Ken ressoa atrás de mim.

A cabeça do meu menino furioso vira-se na minha direção, e ele abre muito os olhos. Tem um corte na face, logo abaixo da maçã do rosto, e um na orelha, que vai até à parte de trás da cabeça. O seu cabelo transformou-se num emaranhado de sangue.

— Estou a tentar refrear o problema e tu não estás a ajudar! — vocifera o Ken para o filho.

— Eles enjaularam-me aqui como o raio de um animal. Isto é uma treta. Ligue a quem tiver de ligar e mande abrir esta merda! — grita o Hardin, tentando libertar as mãos das algemas.

— Para com isso — digo e ponho uma expressão desaprovadora.

Muda imediatamente de atitude. Acalma-se um pouco, mas não deixa de estar furioso.

— Tessa, não devias estar aqui. Mas que brilhante ideia foi essa de a trazer cá? — sibila o Hardin ao Ken e ao Landon.

— Hardin, para já com isso. O teu pai está a tentar ajudar-te. Precisas de te acalmar — digo por entre as barras. Isto não parece real, vê-lo dentro de uma cela, algemado. Isto não pode ser real. Mas, por outro lado, isto é o que acontece no mundo real. É-se preso quando se ataca alguém, no *campus* ou em qualquer outro sítio.

Quando me fita, imagino que percebe a minha dor. Quero acreditar que é por isso que ele cede por fim; acena suavemente e diz: — Está bem.

— Obrigado, Tessa — diz o Ken. Depois avisa o filho: — Dá-me uns minutos para ver o que posso fazer. Mas tens de parar de gritar. Estás a piorar tudo e já estás metido num grande sarilho.

O Landon olha para mim e depois para o Hardin antes de acompanhar o Ken de volta pelo corredor estreito. Já estou a odiar este lugar; é tudo demasiado branco e preto, demasiado pequeno, e cheira a lixívia.

Os seguranças do *campus* sentados atrás da secretária estão, por enquanto, concentrados nos seus assuntos ou, pelo menos, começaram a fingir que estão desde que o reitor da escola apareceu para resolver o problema do filho.

— Que aconteceu? — pergunto ao Hardin.

— Fui detido pela segurança do *campus* — diz.

— Estás bem? — pergunto-lhe, querendo desesperadamente

alcancá-lo e limpar-lhe a cara.

— Eu? Sim, estou ótimo. Não é tão mau como parece — responde, e ao examiná-lo com mais cuidado vejo que tem razão. Afinal, os cortes não são muito profundos. Tem arranhões vermelhos nos braços que, misturados com a tinta preta das tatuagens, criam uma imagem bastante assustadora.

— Estás chateada comigo? — A voz dele é suave, a cento e oitenta graus do que estava há momentos, quando gritava com os seguranças.

— Não sei — respondo com honestidade.

Claro que estou zangada com ele, porque sei com quem andou à luta... bem, não é difícil de adivinhar. Mas também estou preocupada e quero saber o que se passou.

— Não me consegui conter — diz, como se isso justificasse as suas ações.

— Já te tinha avisado que não queria ir visitar-te a uma cela de prisão, lembras-te? — Franzo as sobrancelhas, olhando para a cela.

— Isto não conta, não é uma cela a sério.

— A mim parece-me real. — Dou umas pancadinhas nas barras de metal para sustentar a minha afirmação.

— Não é uma prisão verdadeira; é só uma cela a fingir, onde detêm as pessoas até decidirem chamar a polícia a sério — diz, suficientemente alto para os dois agentes interromperem os seus assuntos.

— Para com isso. Isto não é uma brincadeira, Hardin. Podes estar metido em grandes sarilhos.

Ao ouvir isso, ele revira os olhos.

É o problema do Hardin: ainda não percebeu bem que as suas ações têm consequências.

120

TESSA

— Quem é que começou? — pergunto, fazendo os possíveis por não tirar conclusões precipitadas, como normalmente faço.

O Hardin tenta encontrar os meus olhos, mas eu desvio o olhar.

— Fui procurá-lo depois de te ter levado às aulas — diz.

— Prometeste-me que o deixavas sozinho.

— Eu sei.

— Então porque é que não cumpriste?

— Ele andava a abusar... começou a provocar-me, a dizer que te tinha comido. — Olha para mim em completo desespero. — Não me mentiste sobre isso, pois não? — pergunta, e eu quase que me descontrolo.

— Não vou voltar a responder a essa pergunta. Já te disse que não aconteceu nada entre nós e aqui estás tu, numa porcaria de uma cela, a perguntar uma coisa dessas — digo com frustração.

Ele revira os olhos e senta-se num pequeno banco de metal. Está mesmo a irritar-me.

— Porque é que o foste procurar? Quero saber.

— Porque ele precisava de uma lição, Tessa. Ele precisa de saber que não se pode voltar a aproximar de ti. Estou farto da merda dos jogos dele e de ele julgar que tem alguma hipótese contigo, porra. Fiz isto por ti!

Cruzo os braços sobre o peito. — O que é que ias sentir se tivesse sido eu a ir procurá-lo hoje, depois de prometer que não ia? Pensava que estávamos a esforçar-nos para a nossa relação resultar e, afinal, mentiste-me descaradamente. Sabias que não ias cumprir a tua parte do acordo, não sabias?

— Sim, sabia, está bem? Agora não interessa, o que está feito, está feito — declara, como uma criança zangada.

— Interessa-me a mim, Hardin. Metes-te sempre em sarilhos desnecessários.

— Foram muito necessários, Tess.

— Onde está o Zed? Também está na cadeia?

— Isto não é uma cadeia.

— Hardin...

— Não sei onde ele está e estou-me a cagar, e tu também. Não te vais aproximar dele.

— Para de ser assim! Para de me dizer o que eu posso ou não posso fazer. Estás a deixar-me mesmo lixada.

— Estás a praguejar para mim? — diz com um sorriso divertido.

Porque é que ele pensa que isto tem piada? Tem tudo menos piada. Começo a afastar-me dele e o sorriso desaparece-lhe dos lábios.

— Tessa, volta — diz, fazendo-me virar.

— Vou procurar o teu pai para ver o que se está a passar.

— Diz-lhe para se despachar.

Rosno-lhe, literalmente, enquanto me afasto. Ele pensa que, só por o pai ser reitor, se vai safar disto facilmente e, na verdade, espero mesmo que se safe. Mas, ainda assim, continua a ser desesperante o modo leviano como ele encara a situação.

— Porra, estás a olhar para onde? — ouço-o dizer a um polícia, e massajo as têmporas.

Encontro o Ken e o Landon ao lado de um homem mais velho de cabelo grisalho e bigode. Usa uma gravata e calças pretas e o modo como se comporta dá-me a sensação de que é alguém importante. O Landon vê-me no corredor e vem ter comigo.

— Quem é aquele? — pergunto-lhe, baixinho.

— É o reitor.

— Queres dizer o vice-reitor, não é?

O Landon parece preocupado. — Sim.

— O que é que se está a passar? O que é que estão a dizer? — Tento ouvir a conversa dos dois homens, mas não consigo perceber nada.

— Não... bem, a situação não é das melhores. Há muitos estragos no laboratório onde o Zed estava, estou a falar de milhares de dólares de prejuízos. Para além disso, o Zed tem o nariz partido e um traumatismo. Foi para o hospital.

O meu sangue começa a ferver. O Hardin não deu apenas uns safanões ao Zed. Feriu-o gravemente!

— E o Hardin também atirou um professor ao chão. Há uma rapariga

da turma do Zed que já deixou um depoimento dizendo que o Hardin foi lá propositadamente à procura do Zed. Isto está complicado. O Ken está a fazer os possíveis para que o Hardin não vá para a cadeia, mas não sei se vai conseguir. — O Landon suspira, passando os dedos pelo cabelo. — A única coisa que o pode manter longe das grades é se o Zed decidir não apresentar queixa. Mesmo assim, não sei o que vai acontecer.

Tenho a cabeça a andar à roda.

— Expulsão — ouço o homem de cabelo grisalho dizer, e o Ken esfrega o queixo com a mão.

Expulsão? O Hardin não pode ser expulso da escola! Oh, meu Deus, que confusão.

— Ele é meu filho — diz o Ken baixinho, e eu aproximo-me um pouco.

— Eu sei que é, mas agredir um professor e danificar a propriedade da escola não é algo que possamos, simplesmente, deixar passar em branco — diz o homem.

Raios partam o Hardin e o seu feitio.

— Isto é um desastre — digo ao Landon, e ele anui taciturnamente.

Só me apetece atirar-me para o chão a chorar, ou, ainda melhor, marchar até à cela do Hardin e esmurrá-lo. Nenhuma dessas coisas vai ajudar.

— Talvez pudesses falar com o Zed para não apresentar queixa? — sugere o Landon.

— O Hardin passa-se se eu me aproximar dele. — Mas eu nem sequer lhe devia dar ouvidos, já que ele não me dá a mim.

— Eu sei — responde o Landon —, mas não sei que mais sugerir nesta altura.

— Acho que tens razão. — Olho para o Ken, depois para o corredor, para o sítio onde o Hardin está.

Antes de tudo, estou preocupada com o Hardin, mas também me sinto mal pelo que ele fez ao Zed, que espero que fique bem. Talvez, se eu falar com ele, ele decida não apresentar queixa, o que eliminava, pelo menos, um problema.

— Onde é que ele está? Sabes? — pergunto ao Landon.

— Acho que os ouvi falar no Grandview Hospital.

— OK. Eu vou lá procurá-lo.

— Precisas de boleia até ao teu carro?

— Merda. Não trouxe o meu carro.

O Landon enfia a mão no bolso e entrega-me as chaves do dele. — Toma. Mas tem cuidado.

Sorrio para o meu melhor amigo. — Obrigada.

Não faço ideia do que faria sem ele, mas, como ele está para se ir embora, acho que vou ter de descobrir. A ideia entristece-me, mas afasto-a; não é o momento de pensar na partida do Landon.

— Eu vou falar com o Hardin e dizer-lhe o que se está a passar.

— Obrigada outra vez. — Abraço o Landon.

Assim que chego à porta, a voz do Hardin ressoa pelo corredor.

— Tessa! Não te atrevas a ir procurá-lo, porra! — grita. Ignoro-o e abro as portas duplas.

— Estou a falar a sério, Tessa! Volta para aqui!

O ar frio da rua abafa a sua voz sonora. Como é que ele se atreve a dizer-me o que fazer naqueles modos? Quem é que ele pensa que é? Criou uma enorme trapalhada porque não consegue controlar o seu mau feitio e os ciúmes. Estou a tentar ajudar a resolver esta confusão. Tem sorte em eu não lhe ter dado um estalo por quebrar a sua promessa. Meu Deus, ele é tão frustrante.

Quando chego ao Grandview, a senhora no posto de enfermagem não me quer dar nenhuma informação sobre o Zed. Não confirma se ele deu entrada no hospital.

— Ele é o meu namorado e preciso mesmo de o ver — digo à jovem loura.

Ela faz um balão com a pastilha elástica e rebenta-o, rodando uma mecha de cabelo entre os dedos.

— Ele é o seu namorado? O miúdo das tatuagens? — Ri-se, obviamente sem acreditar em mim.

— Sim. É. — Falo num tom cortante, quase ameaçador, e fico surpreendida com a minha capacidade de intimidação.

Deve resultar, porque ela encolhe os ombros e diz: — Desça o corredor e vire à direita. Primeira porta à esquerda —, antes de se afastar.

Bem, não foi muito difícil. Eu devia ser assertiva mais frequentemente.

Cumpro as suas indicações e aproximo-me da primeira porta à esquerda. Está fechada, por isso bato levemente antes de entrar. Espero que ela me tenha indicado o quarto certo.

O Zed está sentado na beira da cama do hospital. Está em tronco nu, apenas com umas calças de ganga e umas meias. A cara dele!

— Oh, meu Deus! — Não evito deixar escapar a exclamação quando me confronto com o seu aspeto.

Tem o nariz partido; já sabia isso, mas está com mau aspeto. Está muito inchado e os seus olhos estão negros. Tem o peito coberto de pensos e cortes que apenas deixam à mostra o conjunto de estrelas tatuado logo abaixo das clavículas.

— Estás bem? — Aproximo-me da sua cama. Espero que ele não esteja zangado comigo por ter vindo até ao hospital; afinal, foi por minha culpa que tudo isto aconteceu.

— Nem por isso — diz o Zed timidamente. Solta um longo suspiro e despenteia o cabelo antes de abrir os olhos. Dá um toque na cama e eu aproximo-me para me sentar ao pé dele.

— Lamento muito por isto. Conta-me o que aconteceu.

Os olhos cor de caramelo do Zed encontram-se com os meus e ele acena.

— Eu estava no laboratório. Não no que te mostrei, mas no laboratório de histologia vegetal, e ele entrou e começou a dizer-me para me afastar de ti.

— E depois?

— Eu disse-lhe que ele não era teu dono e ele atirou a minha cabeça contra uma barra de metal.

Estremeço e olho para o seu nariz.

— Disseste-lhe que dormiste comigo? — pergunto, sem ter a certeza se acredito nisto ou não.

— Sim. Disse. Lamento muito por ter dito isso, mas tens de perceber que ele estava a atacar-me e eu sabia que essa era a única maneira de o afetar. Sinto-me uma besta por o ter dito. Lamento muito, Tessa.

— Ele prometeu-me que ficava longe ti se eu também ficasse — digo-lhe.

— Bem, parece que ele quebrou mais uma promessa, não é? — diz mordazmente.

Mantenho-me silenciosa por um minuto e tento organizar as ideias. Estou zangada com o Zed por ter dito ao Hardin que dormimos juntos, mas fico contente que ele o tenha admitido e pedido desculpa. Não sei com qual destes rapazes me deva zangar mais. É difícil zangar-me com o Zed enquanto ele está aqui cheio de ferimentos causados indiretamente por mim e, apesar disso, ele continua a ser tão bondoso comigo.

— Lamento que isto continue a acontecer por minha causa — digo-lhe.

— A culpa não é tua. É minha e dele. Ele vê-te como uma espécie de propriedade e isso deixa-me fora de mim. Sabes o que ele me disse? Disse que eu já devia saber que não me devia «meter com o que é dele». É assim que ele fala de ti quando não estás por perto, Tessa. — A voz dele é suave e calma, completamente diferente da do Hardin.

Também não gosto dessa mania do Hardin de achar que é meu dono, mas incomoda-me que outra pessoa o critique por isso. O Hardin não sabe lidar com as suas emoções e nunca teve nenhum outro relacionamento.

— É só para marcar o território.

— Não acredito que o estejas a defender neste momento.

— Não estou, não é isso que estou a fazer. Não sei o que pensar. Ele está na cadeia... bem, numa cela de detenção do *campus*, e tu estás no hospital. Isto é demasiado para mim. Eu sei que não me devia estar a queixar, mas estou tão farta deste drama a toda a hora. De cada vez que parece que consigo respirar, acontece outra coisa qualquer. Estou a sentir-me asfixiada.

— *Ele* está a asfixiar-te — corrige-me o Zed.

Não é só o Hardin que me está a asfixiar. É tudo: esta faculdade, os supostos amigos que me traíram, o Hardin, o Landon a deixar-me, a minha mãe, o Zed...

— Mas fui eu que provoquei isto tudo.

O Zed diz, não sem alguma irritação: — Para de te culpar pelos erros do Hardin. Ele faz esta merda porque não se interessa por ninguém a não ser por ele mesmo. Se ele gostasse de ti, tinha-se mantido longe de mim, como prometeu. Não te tinha deixado pendurada no teu aniversário... Eu podia continuar a enumerar as queixas durante horas e

horas.

— Mandaste-me mensagens do telefone dele?

— O quê? — Ele pressiona a palma da mão contra a cama para se chegar mais a mim. — Porra — sibila com a dor.

— Precisas de alguma coisa? Posso chamar um enfermeiro? — ofereço, momentaneamente distraída.

— Não, estou quase a sair daqui. Eles devem estar a acabar a papelada para me dar alta. Mas o que é que estavas a dizer sobre eu te mandar mensagens? — pergunta.

— O Hardin pensa que foste tu quem me mandou mensagens no seu aniversário, a fingir que eras ele, para eu pensar que ele ia ter comigo, sem ele saber que devia aparecer.

— Está a mentir. Eu nunca faria isso. Para quê?

— Não sei, ele acha que estás a tentar fazer com que eu o odeie, ou uma coisa do género.

O olhar do Zed é demasiado intenso, tenho de desviar o olhar.

— Ele está a fazer um bom serviço sozinho, não está?

— Não, não está — contrario. Independentemente da raiva que sinto pelo Hardin e da confusão que as afirmações do Zed me provocam, quero defendê-lo.

— Ele só diz isso para pensares que sou uma espécie de vilão, quando não sou. Estive sempre disponível para te apoiar, ao contrário dele. Ele nem conseguiu cumprir a promessa simples que te fez. Ele atacou-me, e a um professor! Não parava de dizer que me ia matar e eu acreditei mesmo nisso. Se o professor Sutton não tivesse entrado, matava-me mesmo. Ele já sabe que me vence, já o fez várias vezes. — O Zed estremece e põe-se de pé. Tira a *T-shirt* verde da cadeira e levanta os braços para a vestir. — Merda. — Deixa-a cair ao chão.

Apresso-me a ajudá-lo.

— Levanta o mais que puderes — digo e ele estica os braços para a frente para que seja mais fácil vesti-lo.

— Obrigado. — Tenta sorrir outra vez.

— O que é que dói mais? — pergunto, observando outra vez a sua cara inchada.

— A rejeição — responde timidamente.

Ui. Olho para as mãos e começo a beliscar os dedos.

— O meu nariz — escolhe então, para amenizar o momento. — Pôr um osso partido no lugar.

— Vais apresentar queixa contra ele? — faço finalmente a pergunta que me trouxe aqui.

— Sim.

— Por favor, não. — Olho-o nos olhos.

— Tessa, não podes fazer isto. Não é justo.

— Eu sei. Desculpa, mas se apresentares queixa ele vai para a cadeia, cadeia a sério. — A ideia põe-me novamente em pânico.

— Ele partiu-me o nariz e eu tenho um traumatismo; se ele me tivesse batido outra vez com a cabeça contra o chão, matava-me.

— Não estou a dizer que esteja correto, mas estou a implorar-te. Por favor, Zed. De qualquer maneira, nós vamo-nos embora. Vou transferir-me para Seattle e o Hardin também se vai embora.

O Zed olha para mim com preocupação. — Ele vai contigo?

— Não... bem, sim. Não vais ter de te preocupar mais com ele. Se não apresentares queixa, não vais ter de voltar a ouvir falar dele.

O Zed olha para mim por entre o inchaço dos olhos durante alguns segundos.

— Está bem. — Suspira. — Não apresento queixa, mas, por favor, promete-me que pensas bem nisto. Nisto tudo; pensa como a tua vida seria muito mais fácil sem ele, Tessa. Ele atacou-me sem motivo nenhum e aqui estás tu, a limpar a porcaria dele, como sempre — diz, completamente irritado.

Mas não o culpo. Estou a aproveitar-me dos sentimentos que nutre por mim para o persuadir a não apresentar queixa contra o Hardin.

— Vou pensar, obrigada, a sério — digo-lhe e ele anui.

— Quem me dera ter-me apaixonado por alguém que também me pudesse amar — diz, tão baixinho que mal o ouço.

Amar? O Zed ama-me? Eu sei que ele sente qualquer coisa por mim... mas ele ama-me? É culpa minha o Hardin ter lutado com ele — fazendo com que ele acabasse no hospital. Mas ele ama-me? Ele tem uma namorada e eu ando sempre aos avanços e recuos com o Hardin. Olho para ele e rezo para que sejam os analgésicos a falar.

121

HARDIN

— Vejo-te em casa, Tessa — diz o Landon quando a Tessa e eu saímos do carro do meu pai e vamos para o meu.

Olho para trás e sussurro um belo «vai-te lixar».

— Deixa-o em paz — avisa-me ela e desaparece dentro do carro.

Entro, ligo o aquecimento e encaro-a com um olhar de gratidão. — Obrigado por vires para casa comigo, mesmo que seja só por esta noite.

A Tessa limita-se a acenar com a cabeça e encosta a cara à janela.

— Estás bem? Desculpa pelo dia de hoje, eu... — começo.

Ela suspira, interrompendo-me: — Estou só cansada.

Duas horas mais tarde, a Tessa está a dormir profundamente na cama, a abraçar a minha almofada e com os joelhos encolhidos até ao peito. Ela é deslumbrante, mesmo quando está exausta. Ainda é muito cedo para eu ir dormir, por isso vou até ao armário e pego na cópia do *Orgulho e Preconceito* que ela me deu. O livro está cheio de sublinhados; deito-me outra vez ao lado dela e começo a ler as passagens marcadas. Uma delas chama-me a atenção:

«Há poucas pessoas que eu realmente amo e menos ainda de quem eu penso bem. Quanto mais conheço do mundo, mais fico desiludido com ele; e cada dia confirma a minha crença na inconsistência de qualquer caráter humano e na pouca veracidade que pode existir na aparência de mérito ou perceção.»

Esta é, certamente, dos nossos primeiros dias. Consigo imaginá-la agora, irritada e frustrada, sentada na cama minúscula daquele dormitório, com um marcador e um romance nas mãos.

Olho para ela e rio-me um pouco à sua custa. Folheando as páginas, encontro um padrão; ela desprezava-me. Eu já o sabia, mas é estranho recordá-lo.

«Uma infeliz alternativa se apresenta perante ti, Elizabeth. A partir deste dia, deves ser uma desconhecida para um dos teus pais. A tua mãe não te voltará a ver se não te casares com o Sr. Collins e eu não te

voltarei a ver se o fizeres.»

A mãe dela e o Noah.

«As pessoas coléricas nem sempre são sensatas.»

Grande verdade.

«Não tenho o prazer de te compreender.»

Eu nem me compreendia a mim mesmo e, na verdade, ainda não me compreendo.

«Perdoaria facilmente o seu orgulho se ele não tivesse despedaçado o meu.»

Ela fez isto no dia em que eu disse que a amava e depois retirei o que disse. Sei que sim.

«Devo aprender a contentar-me por ser mais feliz do que mereço.»

Mais fácil dizer do que fazer, Tess.

«Gostar de dançar foi dar um passo seguro para me apaixonar.»

O casamento. Sei que sim. Lembro-me de como ela olhava radiante para mim e fingia não ter dores quando eu lhe pisava completamente os sapatos.

«Todos sabemos que ele é uma espécie de homem orgulhoso e desagradável; mas isso não teria importância se gostasses verdadeiramente dele.»

Isto ainda se aplica. O Landon diria uma treta como esta à Tessa, provavelmente já o fez.

«Até este momento, nunca me tinha conhecido a mim mesmo.»

Não tenho a certeza de a qual de nós isto se aplica melhor.

«— Existe, creio, em cada personalidade, uma tendência para um qualquer mal, um defeito natural, o qual nem a melhor educação consegue superar.

— E o teu defeito é uma propensão para odiar toda a gente.

— E o teu — respondeu ele, com um sorriso — é, de livre vontade, não os compreenderes.»

Cada frase é mais verdadeira do que a anterior e eu volto à primeira parte do familiar romance.

«Ela é tolerável, mas não tão bonita que me tente, e eu, de momento, não tenho disposição para atribuir relevância a jovens que são desrespeitadas por outros homens.»

Disse em tempos à Tessa que ela não era o meu género — porra, que

idiota que eu fui. Quer dizer, basta olhar para ela: ela é o género de toda a gente, ainda que as pessoas possam ser demasiado estúpidas para não se aperceberem logo disso. Viro as páginas e vejo incontáveis linhas sublinhadas que se relacionam connosco e que exprimem os seus sentimentos por mim. Este é o melhor presente que alguma vez vou receber, disso não tenho dúvida.

«Enfeitiçaste-me, corpo e alma.»

Uma das minhas passagens favoritas, usei-a quando nos mudámos para esta casa. Ela torceu o nariz à forma idiota como me socorri da frase, riu-se de mim e atirou-me um bocado de brócolos. Ela está sempre a atirar-me merdas.

«Mas as próprias pessoas alteram-se tanto que há algo de novo a observar nelas para sempre.»

Mudei para melhor, por ela, desde que a conheci. Não sou perfeito, porra, nem de longe, mas um dia poderei ser.

«Quão pouco de felicidade permanente poderia pertencer a um casal que apenas se juntou porque as suas paixões eram mais fortes do que as suas virtudes.»

Não gosto nada desta. Sei muito bem o que lhe estava a passar pela cabeça quando a sublinhou. Adiante...

«A imaginação de uma senhora é muito célere; salta de admiração para amor, de amor para matrimónio num momento.»

Pelo menos não é só a cabeça da Tessa que cisma com estas tretas.

«Apenas o amor mais profundo me persuadirá a contrair matrimónio.»

Ela deixou de parte o resto da frase, a parte que diz «e é por isso que acabarei uma velha solteira».

Só o amor mais profundo me vai persuadir a contrair matrimónio. Hum... não tenho a certeza se isso é suficiente para mim. Não é possível haver um amor mais profundo do que o que eu sinto por esta rapariga, mas isso não muda a minha opinião quanto ao casamento. As pessoas já não se casam pelos motivos certos, se é que alguma vez o fizeram. No passado era por posição social ou dinheiro, e agora é só para nos assegurarmos de que não acabamos sozinhos e infelizes — duas coisas que, de qualquer maneira, quase todas as pessoas casadas sentem.

Pouso o livro na mesa de cabeceira antes de desligar a luz e deitar a cabeça no colchão. Quero a minha almofada de volta, mas ela está a

agarrá-la com demasiada força e não quero ser desagradável com ela.

— Por favor, para de ser tão teimosa e vem para Inglaterra comigo. Não consigo ficar sem ti — sussurro-lhe enquanto dorme, passando o meu polegar pela pele quente da sua face.

Estou ansioso por voltar a dormir outra vez, dormir a sério, com ela ao meu lado.

122

TESSA

Quando acordo, o Hardin está estendido na cama, um braço a tapar-lhe a cara e o outro pendurado do colchão. A sua *T-shirt* está alagada em suor e eu sinto-me nojenta. Dou-lhe um beijo rápido na cara e vou logo para a casa de banho.

Quando regresso do duche, o Hardin está acordado, como se estivesse à minha espera. Apoia-se sobre o cotovelo. — Tenho medo de ser expulso — diz. A sua voz assusta-me, mas esta confissão assusta-me ainda mais.

Sento-me ao seu lado na cama e ele nem sequer tenta arrancar-me a toalha do corpo. — Tens?

— Sim. Sei que é estúpido... — começa ele a dizer.

— Não, não é estúpido. Qualquer um teria medo, eu sei que teria. Não faz mal ter medo.

— O que é que vou fazer se não puder voltar para a WCU?

— Vais para outra universidade.

— Quero voltar para casa — diz e sinto uma dor no coração.

— Por favor, não — digo, baixinho.

— Tenho de ir, Tess. Não tenho dinheiro para pagar a universidade se o meu pai não for o reitor.

— Podíamos arranjar maneira.

— Não, este problema não é teu.

— É, sim. Se fores para Inglaterra, nunca mais nos voltamos a ver.

— Tens de vir, Tessa. Sei que não queres, mas tens de vir. Não posso estar longe de ti outra vez. Por favor, vem. — As suas palavras estão tão cheias de emoção que eu não consigo encontrar as minhas.

— Hardin, não é assim tão fácil.

— É, sim. É fácil... podias arranjar um emprego a fazer exatamente o que fazes agora e, se calhar, ganhar ainda mais dinheiro e ir para uma universidade ainda melhor.

— Hardin... — Volto a fixar o olhar na sua pele nua.

Ele suspira.

— Não precisas de decidir agora.

Quase que lhe digo que vou fazer as malas e vou com ele para Inglaterra, mas não posso.

Por enquanto, mantenho-me cobarde e adio por mais um dia as novidades sobre Seattle. Deito-me de lado e ele envolve-me nos seus braços.

Por uma vez, ele conseguiu fazer com que eu voltasse a enfiar-me na cama com ele de manhã. Confortá-lo é uma prioridade maior do que a minha rotina.

— O dono, o Drew, tem um ar de parvalhão, mas é muito fixe — informa-me o Hardin à medida que nos aproximamos do pequeno edifício de tijolo.

Ele abre-me a porta para entrarmos e uma campainha soa por cima da minha cabeça. A Steph e o Tristan já cá estão. A Steph está sentada numa cadeira de couro e o Tristan está a folhear o que parece ser... um livro de tatuagens?

— Demoraste! — A Steph estica a perna quando o Hardin e eu passamos e ele agarra a bota dela antes que ela me atinja.

— Já estás a começar a ser irritante, estou a ver... — Ele revira os olhos e tenta levar-me consigo para junto do Tristan, mas eu afasto a mão da dele e fico ao lado da Steph.

— Ela fica bem comigo — diz, e o Hardin faz uma careta mas não responde.

O Hardin vai para perto do Tristan, a uns seis metros de distância, pega num livro preto semelhante ao que o amigo tem nas mãos e folheia as páginas.

— Nunca te vi por aqui. — O tipo olha para mim enquanto limpa a barriga da Steph com uma toalha.

— Nunca cá estive — respondo.

— Eu sou o Drew. Sou o dono.

— Olá. Eu sou a Tessa.

— Vais querer fazer alguma coisa hoje? — Sorri.

— Não, não vai — responde o Hardin por mim, pondo o braço à volta da minha cintura.

— Ela está contigo, Scott?

— Está. — O Hardin puxa-me para mais perto dele. Está, obviamente, a fazer isto para dar espetáculo. Ele disse que o Drew tem ar de parvalhão, mas não estou nada de acordo. Parece bastante simpático.

— Fixe. Fixe. Já era altura de arranjares uma namorada. — O Drew ri. O Hardin relaxa um pouco mas mantém o braço à minha volta. — Então porque é que não fazes qualquer coisa, *hombre*?

Um zumbido enche o espaço e eu olho para baixo, para a barriga da Steph, e assisto com admiração à pistola de tatuar a deslizar lentamente pela sua pele. O Drew limpa o excesso de tinta com uma toalha e continua.

— Por acaso até sou capaz — diz o Hardin.

Os nossos olhares encontram-se.

— A sério? Que queres fazer? — pergunto-lhe.

— Ainda não sei, qualquer coisa nas costas. — As costas do Hardin são praticamente a única parte do seu corpo que ainda não tem tatuagens.

— A sério?

— Sim. — Ele pousa o queixo em cima do meu cabelo.

— Falando de trabalho, onde é que estão os teus *piercings*? — pergunta o Drew, mergulhando a pistola num pequeno copo de plástico cheio de tinta preta.

— Já não os uso. — O Hardin encolhe os ombros.

— Se ele estragar a sua obra porque tu não paras de falar, vais pagar o trabalho todo. — A Steph olha para o Hardin e eu rio-me.

— Eu não pago essa merda — dizem o Hardin e o Drew em uníssono.

O Tristan junta-se finalmente a nós e arrasta uma cadeira para se sentar ao lado da Steph; dá-lhe a mão. Olho para o pequeno e recente bando de pássaros desenhado na pele da Steph. Por acaso, é uma tatuagem muito bonita. O Drew dá-lhe um espelho para ela ver melhor.

— Adoro! — Ela sorri, devolvendo o espelho ao Drew antes de se endireitar.

— O que é que vais fazer, Hardin? — pergunto-lhe baixinho.

— O teu nome. — Sorri.

Perplexa, afasto-me dele com o queixo caído até ao chão.

— Não gostavas? — pergunta.

— Não! Credo, não, isso... não sei, isso é de doidos — murmuro.

— Doidos? Nem por isso, é só para te demonstrar que estou comprometido contigo e não preciso de um anel nem de uma proposta de casamento para me manter assim.

A sua voz é tão nítida que já não tenho a certeza de ele estar a brincar. Como é que passámos de brincadeira para compromisso e casamento em menos de três minutos? Connosco é sempre assim, por isso acho que já é tempo de me habituar.

— Pronto, Hardin?

— Claro. — O Hardin afasta-se de mim e tira a *T-shirt*.

— Uma citação? — O Drew exprime exatamente os meus pensamentos.

— Quero-a só na parte de cima das costas; é «De hoje em diante, nunca mais me quero separar de ti». Faz para aí com uma altura de dois centímetros e meio, faz na tua caligrafia fixe — instrui o Hardin e vira as costas para o Drew.

De hoje em diante, nunca mais me quero separar de ti...

— Hardin, podemos falar sobre isto um segundo, por favor? — peço-lhe.

Podia jurar que ele sabe dos meus planos de ir para Seattle e está a fazer esta tatuagem para me provocar. A citação que ele escolheu é perfeita, mas cruelmente irónica, tendo em conta que tenho adiado falar-lhe da minha mudança para Seattle.

— Não, Tess, quero fazê-la — diz, não me dando importância.

— Hardin, acho mesmo...

— Não é nada de especial, Tessa, não é a minha primeira tatuagem — brinca ele.

— Eu só...

— Se não te calas, vou tatuar o teu nome e o número de segurança social pelas minhas costas todas — ameaça ele dando uma risada, mas fico com a sensação de que ele era mesmo capaz disso só para me mostrar que tem coragem de o fazer.

Fico calada para tentar pensar no que dizer. Devia era confessar já tudo, antes de a pistola tocar na sua pele clara. Se eu esperar...

O zumbido agora familiar da pistola começa a ouvir-se, e tinta negra espalha-se pelas costas do Hardin.

— Agora anda cá e dá-me a mão. — Ele sorri, estendendo a sua mão para mim.

123

HARDIN

A Tessa agarra timidamente na minha mão e eu puxo-a para mais perto de mim.

— Para de te mexer — avisa o Drew.

— A culpa foi minha.

— Dói? — pergunta ela suavemente.

A inocência dos seus olhos ainda me surpreende. A noite passada ela estava a suplicar-me para lhe perdoar e vinte horas depois está a falar comigo como falaria com uma criança ferida.

— Sim, porra, mesmo muito — minto.

— A sério? — Faz uma expressão de preocupação.

Adoro a sensação provocada pela agulha a transferir a tinta para a minha pele; já não é doloroso, é relaxante.

— Não, querida, não dói — asseguro-lhe, e o Drew, sendo a besta que é, faz ruídos de vómito atrás de mim.

A Tessa ri-se e eu levanto o dedo médio no ar. Não tinha intenção de lhe chamar «querida» agora, em frente ao Drew, mas também me estou a cagar para o que ele pensa. E sei muito bem que ele está completamente caidinho pela rapariga com quem há poucos meses teve um filho e por isso não tem nada que me criticar.

— Ainda não acredito que estás a fazer isto — diz ela enquanto o Drew espalha um creme na tatuagem nova.

— Já fiz — observo, e ela olha preocupada para o ecrã do telemóvel.

Espero que a Tess não faça um drama por causa desta tatuagem; não é assim tão grave. Tenho imensas tatuagens. Esta é para ela e espero que esteja entusiasmada com isso. Eu estou.

— Onde é que estão a Steph e o Tristan? — Olho pelas janelas da loja tentando vislumbrar o cabelo brilhante da Steph.

— Podemos ir aqui ao lado procurá-los? — sugere a Tessa, depois de eu pagar ao Drew e prometer voltar para ele me tatuar as costas todas.

Quase lhe parto os dentes quando sugere fazer uma manga à Tessa

ou um *piercing* no umbigo.

— Acho que eu ficava fixe com o nariz furado. — Ela sorri e vamos embora.

Rio-me da ideia e ponho o braço à volta da cintura dela no momento em que um homem com barba passa por nós a cambalear. Está com umas calças e uns sapatos imundos, e a *sweatshirt* grossa tem uma enorme mancha provocada por um líquido derramado. Pelo cheiro, presumo que seja vodca.

A Tessa para ao meu lado e o homem faz o mesmo. Puxo-a gentilmente para trás de mim. Se este sem-abrigo bêbedo pensa que se vai aproximar mais dela, eu vou...

O que ela diz a seguir é com tanta suavidade que sai como um murmúrio, e eu observo, confuso, a sua cara a empalidecer.

— Pai?

AGRADECIMENTOS

Cá estamos nós de novo, já com o segundo livro terminado. Dois já escritos e dois ainda por escrever. Vou tentar que estes agradecimentos sejam diferentes dos do primeiro livro, que acabaram por se transformar numa confusão em tom lamechas. (Não é garantido, mas vale a pena tentar.)

Começo por agradecer ao meu marido, pelo apoio constante que me tem dado ao longo das longas horas que eu vou passando a escrever e no Twitter.

A seguir vêm os Afternators (acho que nos decidimos por este nome para denominar os fãs desta série de livros — ah!). Vocês significam muito para mim, e eu não acredito na sorte que tenho por me apoiarem. (Lá vêm as lágrimas.) Cada *tweet* vosso, cada comentário, cada *selfie* ocasional que me mandam, cada segredo que partilham comigo contribuiu para criar a família que agora somos. Criei com todos os que cá estão desde o princípio (os dias do Wattpad) uma relação impossível de explicar. Somos nós que nos lembramos do que sentimos quando o Harry e a Tessa se beijaram pela primeira vez. Sabemos a ansiedade que sentíamos enquanto esperávamos pelas notícias — lembram-se de comentar coisas como «OMH HARTYSH SHJD», e todos sabemos exatamente o que isto quer dizer. Nunca consegui agradecer-lhes suficientemente e espero que o Hardin tenha o mesmo lugar no vosso coração que o Harry.

Devo tanto ao Wattpad. Não consigo imaginar o que seria agora a minha vida se não tivesse encontrado esta plataforma. Ashleigh Gardner, estás sempre disponível para todas as minhas perguntas e para me dar conselhos sobre a vida. Tornaste-te uma amiga e sinto grande alegria por te ter por perto. Candice Faktor, dás-me sempre apoio e procuras sempre ver o contexto subjacente a *After*, devo-te muito por isso. Nazia Khan, tornas a minha vida cada dia mais fácil, tenho sorte em te ter como amiga. O Wattpad foi a minha primeira casa e será sempre o meu lugar favorito para escrever.

Adam Wilson, o editor mais fabuloso e divertido do mundo, que também considero um amigo. Sei que te ponho a cabeça em água com as

minhas referências ao mundo dos fãs, as minhas referências ao *Crepúsculo* e com todas as outras coisas com que te chateio. Tiveste o trabalho à tua medida quando aceitaste o *After* (e a mim), e tornaste-o uma experiência fácil e agradável. (Ainda que me tenhas mandado trabalho durante um dos concertos dos 1D *lol.*) Muito obrigada por tudo. Faltam dois!

Gallery Books, muito obrigada por terem apostado em mim e na minha história. Transformaram o meu sonho em realidade! Kristin Dwyer, és o meu anjo da guarda e ajudas-me a manter a sanidade mental! Um enorme agradecimento aos revisores e à equipa de produção a trabalhar nesta série: Steve Breslin e a sua equipa, são perfeitos para o vosso trabalho, são fabulosos!

One Direction, posso ter vinte e cinco anos e ser casada, mas não há limite de idade para amar. Há já três anos que sinto um profundo afeto por vocês os cinco, vocês que fizeram tanto por mim, já para não falar no facto de terem servido de inspiração para esta série. Muito obrigada por me terem mostrado que vale a pena mantermo-nos fiéis àquilo que somos.